



35 ANOS DE UNEB: **CONSTRUINDO UMA UNIVERSIDADE** **INCLUSIVA E POPULAR**

Data: 16 a 18 de outubro de 2018

Local: UNEB - Campus I

www.sge.uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**ANAIS DO III ENCONTRO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA
E EXTENSÃO DA UNEB**

35 Anos de UNEB: construindo uma universidade inclusiva e popular

Salvador, 16 a 18 de outubro de 2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Encontro integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNEB (3. : 2018: Salvador, BA)

Anais [da] / III Encontro integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNEB: 35 Anos de UNEB construindo uma universidade inclusiva e popular, Salvador de 16 a 18 de outubro de 2018. - Salvador: PPG: UNEB, 2018.

372p.

ISSN: 2594-7648

1. Ensino superior – Pesquisa – Brasil - Congressos. 2. Pesquisa – Bahia - Congressos. I. Universidade do Estado da Bahia - Congressos.

CDD: 378.0072



REITORIA

JOSÉ BITES DE CARVALHO

VICE-REITORIA

MARCELO DUARTE DANTAS DE ÁVILA

CHEFIA DE GABINETE (CHEGAB)

HILDA SILVA FERREIRA

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

DAYSE LAGO DE MIRANDA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)

TÂNIA MARIA HETKOWSKI

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX)

ADRIANA DOS SANTOS MARMORI LIMA

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO (PROAD)

DANIEL GÓES

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO (PROPLAN)

LÍDIA BOAVENTURA PIMENTA

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS (PGDP)

LILIAN ENCARNÇÃO CONCEIÇÃO

PRÓ-REITORIA DE AÇÕES AFIRMATIVA (PROAF)

AMÉLIA TEREZA SANTA ROSA MARAUX

PRÓ-REITORIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (PRAES)

ELIVÂNIA REIS DE ANDRADE ALVES

PRÓ-REITORIA DE INFRAESTRUTURA (PROINFRA)

FAUSTO FERREIRA COSTA GUIMARÃES

SECRETARIA ESPECIAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – SERINT

MARCIUS DE ALMEIDA GOMES

UNIDADE DE DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL (UDO)

BENJAMIN RAMOS FILHO

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (UNEAD)

JADER CRISTIANO MAGALHÃES DE ALBUQUERQUE

DOUTORADO MULTINSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO
DO CONHECIMENTO – DMMDC

SUELY ALDIR MESSEDER

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX)
PRÓ-REITORIA DE AÇÕES AFIRMATIVA (PROAF)
SECRETARIA ESPECIAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (SERINT)

ANAIS DO III ENCONTRO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNEB

35 Anos de UNEB: construindo uma universidade inclusiva e popular



III Colóquio de Qualificação da Graduação (PROGRAD)
X Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – X SPPI (PPG)
XXII Jornada de Iniciação Científica – XXII JIC (PPG)
Extensão Universitária: desafios para a aproximação com a sociedade baiana (PROEX)
I Encontro Afirmativa: práticas de estudantes cotistas em pesquisa e extensão (PROAF)
II Encontro dos Estudantes Intercambistas da UNEB e III Encontro de Estudantes
Estrangeiros (SERINT)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. CEP: 41.150-000 - BA – Salvador, Bahia
<https://portal.uneb.br>



COMISSÃO ORGANIZADORA

Presidente do Grupo de Trabalho

Kellen Lima Gomes (PPG)

Comissão do Grupo de Trabalho

Ana Vitória da Paixão Silva (PPG)

Filadelfo Meireles de Amorim (PROEX)

Gerusa Cruz Sobreira (PROEX)

Juliana Cardoso de Araújo (PROAF)

Lídia Barreto da Silva (PROGRAD)

Maiana Rosari Lima Alcântara (PROEX)

Matheus de Moraes (PROAF)

Rosimeire Silva dos Santos de Lima (PROGRAD)

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva (SERINT)

Suely Aldir Messeder (DMMDC)

Equipe Técnica

Adriana dos Santos Marmorini Lima

Ana Lúcia de Jesus Paranhos

Ana Vitória da Paixão Silva

Dahyse de Oliveira e Oliveira

Filadelfo Meireles de Amorim

Gerusa Cruz Sobreira

Juliana Cardoso de Araújo

Lídia Barreto da Silva

Maiana Rosari Lima Alcântara

Márcia Santos Cerqueira

Matheus de Moraes

Natalícia Lima Barbosa

Rita de Cássia Chagas Carvalho

Rosimeire Silva dos Santos de Lima
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
Suely Aldir Messeder
Thaís Deiró Urpia Lasse Oliveira

Digitação

Todos os textos, resultados e informações apresentadas nesta edição são de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).

Editoração

Maiana Rosari Lima Alcântara
Manuela de Oliveira Gomes

Arte Gráfica

Núcleo de Design – ASCOM UNEB
Maiana Rosari Lima Alcântara
Manuela de Oliveira Gomes

Apresentação

A Universidade do Estado da Bahia estará sediando o III Encontro Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNEB– III ENINEPE, no período de 16 a 18 de outubro, com o tema: “35 anos de UNEB: construindo uma Universidade inclusiva e popular”. A temática foi escolhida como objetivo de aproximar ainda mais a comunidade acadêmica das comemorações em torno dos 35 anos da nossa instituição, ampliando o diálogo em torno da construção de uma Universidade inclusiva e popular de forma participativa e dinâmica, além de ser uma oportunidade para interações setoriais, formação de recursos humanos, socialização de pesquisas e manifestações artísticas e culturais.

O Encontro Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNEB (ENINEPE) é um evento anual que visa à aproximação entre os pesquisadores, Núcleos de Pesquisa e Extensão (NUPE), Grupos de pesquisa, docentes, discentes dos cursos de graduação e Pós-Graduação, intercambistas e alunos estrangeiros, técnicos e analistas universitários, alunos e professores da Educação Básica e demais membros da comunidade, permitindo a integração entre as Pró-Reitorias de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG), a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD), a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF), a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAES) e a Secretaria de Relações Internacionais (SERINT).

O evento é uma oportunidade para socialização de atividades e projetos de pesquisa desenvolvidos por estudantes, professores e técnicos da UNEB e da Educação Básica para interações científicas e manifestações artísticas e culturais.

SUMÁRIO

III COLÓQUIO DE QUALIFICAÇÃO DA GRADUAÇÃO PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

MARTON, GIACOIA JUNIOR, SANTOS E AS VARIAÇÕES DO FEMININO NO TRATO DOS COMENTADORES DE NIETZSCHE.....	15
A BRINQUEDOTECA UNIVERSITARIA PAULO FREIRE.....	17
A FORMAÇÃO PELO BRINCAR: A CAMPANHA BRINCA COMIGO! NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	19
EDUCAÇÃO DO CAMPO E NEUROEDUCAÇÃO: AS (IM) POSSIBILIDADES DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	21
AÇÕES EDUCACIONAIS NUM CONTEXTO EXTENSIONISTA COM PESSOAS DA TERCEIRA IDADE.....	23
DAS EXPERIÊNCIAS DO QUOTIDIANO AO SABER-FAZER: REFLEXÕES DOS PROCESSOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EM CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA.....	25
EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXÕES SOBRE O CONTEÚDO ESCOLAR E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO COM A REALIDADE SOCIAL DO CAMPO.....	27
ESTADO DA ARTE DAS DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS DA PPGEDUC SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE EM PEDAGOGIA: UM RECORTE TEMPORAL DE 2015 A 2018.....	29
EDUCAÇÃO DO CAMPO: IMPLICAÇÕES FORMATIVAS ENTRE O EDUCADOR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO DO SISAL.....	31
PERFIL FÍSICO E QUALIDADE DE VIDA DE ESTUDANTES NA DISCIPLINA DE CINESIOTERAPIA E MECANOTERAPIA DA UNEB.....	33
OPORTUNIDADES DE ROTA TURÍSTICA PARA A FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM, BAHIA.....	35

X SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – X SPPI

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)

A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE TRANSITORIA NA CONTEMPORANEIDADE A LUZ DA ECOLOGIA HUMANA.....	38
TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS E O COTIDIANO ESCOLAR: POTENCIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO.....	44

ÓLEO ESSENCIAL NO MANEJO DA PODRIDÃO MOLE EM COUVE-MANTEIGA.....	47
O CORPO QUE SINGRA E SANGRA NA POÉTICA DE LÍVIA NATÁLIA.....	51
FORMAÇÃO CONTINUADA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JUAZEIRO-BAHIA E A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.....	54
LEITURA NA ESCOLA: CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DO TEXTO.	57
O ECOSISTEMA COMUNICATIVO DA COMUNIDADE DO RODEADOURO EM JUAZEIRO – BA.....	61
ENXERGANDO OS CONTEXTOS ESCOLARES DE JOVENS DEFICIENTES VISUAIS NO SEMIÁRIDO URBANO JUAZEIRENSE.....	68
ASPECTOS BIOQUÍMICOS DA MANGUEIRA CV. TOMMY ATKINS EM RESPOSTA A FORMAS DE APLICAÇÃO DE PACLOBUTRAZOL.....	74
VISUALIDADES DA VIOLENCIA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DA BENETTON.....	79
ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DE SOBREVIVÊNCIA NAS FAZENDAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA DURANTE A SECA DE NOVENTINHA E O PÓS ABOLIÇÃO (1880-1910).....	84
PROGRAMA CULTURA VIVA: IMPACTOS SOCIOCULTURAIS EM COMUNIDADES DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO.....	90

XXII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – XXII JIC PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)

O ESTADO DA ARTE E ESTADO DO CONHECIMENTO: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA PESQUISA.....	96
PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE SALA DE AULA VOLTADA PARA APRENDIZAGEM CRIATIVA E INOVADORA.....	100
MODOS DE LER E ESCREVER: A FANFICTION <i>AFTER</i> NA PLATAFORMA WATTPAD.....	104
A IMPORTÂNCIA DO ACESSO AOS DADOS COMPLETOS DA PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DE COMO OS REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS ESTÃO SENDO UTILIZADOS PELOS SEUS PESQUISADORES BRASILEIROS.....	107
TRADIÇÃO ORAL DAS MARISQUEIRAS IDOSAS NO LITORAL DO MUNICÍPIO DE CONDE – BAHIA: CONTOS, CASOS E CANTOS.....	110
A INCORPORAÇÃO DA GAMIFICAÇÃO, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A VIRTUALIZAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DIDÁTICO-TECNOLÓGICAS.....	114

O CINEMA COMO CONTADOR DE HISTÓRIA NO EPISÓDIO DO MASSACRE EM RUANDA EM 1994.....	118
---	-----

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS PARA A APROXIMAÇÃO COM A SOCIEDADE BAIANA

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX)

UNEB E UFRB: PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA CONSOLIDAÇÃO DA CANTINA SOLIDÁRIA.....	124
O PROTAGONISMO JUVENIL NO PROJETO UNIVERSIDADE PARA TODOS ATRAVÉS DO GIRO DE NOTÍCIAS.....	128
PINTURAS REPRESENTATIVAS DA SEGMENTAÇÃO BRONCOPULMONAR E HEPÁTICA PARA ESTUDO DE ANATOMIA HUMANA.....	132
TECENDO A REDE DO BRINCAR: MAPEAMENTO DAS BRINQUEDOTECAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA.....	136
CONSTRUINDO A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO MEDIANTE A FORMAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES.....	141
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM HOSPITAIS E AMBIENTES NÃO FORMAIS: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS.....	145
ANÁLISE DAS PRÁTICAS E COMPETÊNCIAS DA DIRETORIA PEDAGÓGICA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SALVADOR: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO AMORIM.	150
VIVÊNCIAS COM O COLETIVO ARTE E CULTURA – CULTARTE.....	154
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA SALA DE ESPERA - CONHECENDO AS PNEUMOPATIAS CRÔNICAS E PROPONDO MUDANÇAS NO ESTILO DE VIDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	158
VIVÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO ESTAÇÃO ARTE MOVIMENTO.	161
LUZ, CÂMERA, EXTENSÃO: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO SOBRE DIVERSIDADE.....	165
MODELO ANATÔMICO DOS DOZE NERVOS ESQUERDOS CRANIANOS PARA ESTUDO DE ANATOMIA HUMANA.....	171
AS DIVERSAS FORMAS DE ATUAR DO PEDAGOGO EM ESPAÇO NÃO FORMAL – SCFV IGRAPIÚNA BA O CAMPO E SUAS POSSIBILIDADES.....	176
EDUCOMUNICANDO: YOGA NAS ESCOLAS.....	183
CORPOÉTICA: YOGA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO.....	190
ACADEMUS: PROGRAMA TELEVISIVO DE DIVULGAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	193

IMPACTO DE UM CURSO DE CAPACITAÇÃO EM BOAS PRÁTICAS DE MANIPULAÇÃO PARA MANIPULADORES DE CANTINAS UNIVERSITÁRIAS.....	197
APLICABILIDADE DO CINEMA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CINE CLUBE ADM.....	200
AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR.....	204
FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA – UMA EXPERIÊNCIA COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CAMPUS II.....	207
O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA DE REDUÇÃO DE TROTES DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA 192.....	211
LESBIANIDADES EM MOVIMENTO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA LÉSBICA NA BAHIA. UM PROJETO EM ANDAMENTO NA UNEB, CAMPUS XIV - CONCEIÇÃO DO COITÉ.....	214
CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO PÚBLICO COM A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ACADÊMICA.....	219
PROJETO CORO OYÁ IGBALÉ: PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA UNEB – RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	222

I ENCONTRO AFIRMATIVA: PRÁTICAS DE ESTUDANTES COTISTAS EM PESQUISA E EXTENSÃO

PRÓ-REITORIA DE AÇÕES AFIRMATIVA (PROAF)

O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA BAHIA: AVANÇOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	227
MORTE POR AGRESSÕES EM JOVENS NEGROS DE 15 A 49 ANOS EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA.....	231
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE ORALITURA NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE MARAÚ-BA.....	235
MÚLTIPLAS LINGUAGENS NOS PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO BRASILEIRO: “O DIABO COXO”, DE LUÍS GAMA E ÂNGELO AGOSTINI... ..	237
ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: A REALIDADE DA POLÍTICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES COTISTAS NA UNEB.....	240
CURSO DE EXTENSÃO: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA E LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O TEMA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRA	245

POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UNEB E A PERMANÊNCIA SIMBÓLICA E MATERIAL DOS ESTUDANTES COTISTAS.....	248
ENTRE PALAVRAS, ATOS E OMISSÕES: EMPODERAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CAMPUS X.....	256
DIÁRIO DE UMA FAVELADA: DA LEITORA DA VIDA A VIDA DE LEITORA.....	262
LOMBALGIA E CAPACIDADES FUNCIONAIS EM MARISQUEIRAS.....	267
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: REFLEXÕES A PARTIR DOS GRUPOS DE EXPERIÊNCIAS E DE PRÁTICAS CURRICULARES	270
OS OLHARES SOBRE AS IMAGENS E TEMAS DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II ADOTADOS EM EUNÁPOLIS, 2017.....	276
RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL E PRECONCEITO NA INFÂNCIA: O QUE DIZ A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA?.....	281
LITERATURA INFANTOJUVENIL: OLHARES SOBRE O PROTAGONISMO DE MENINAS NEGRAS.....	285
ARQUIVO DA SOCIEDADE CRUZ SANTA DO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ.....	290
EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE QUILOMBOLA.....	295
MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES DE INTERESSE BIOECONÔMICO DO LITORAL NORTE DA BAHIA, BRASIL.....	299
QUEBRANDO PAREDES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EMPÍRICA DE EXTENSÃO.	302
ARQUIVO DA SOCIEDADE CRUZ SANTA DO AXÉ OPÔ AFONJÁ.....	307
MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES DE INTERESSE SOCIOECONÔMICO DO LITORAL NORTE DA BAHIA, BRASIL (CLASSE BIOECONÔMICAS).....	312
“RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL E PRECONCEITO NA INFÂNCIA: NARRATIVAS DE SOFRIMENTO E SUPERAÇÃO INFANTO-JUVENIL”	317

II ENCONTRO DOS ESTUDANTES INTERCAMBISTAS DA UNEB E III ENCONTRO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS

SECRETARIA ESPECIAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (SERINT)

PRÁTICA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM EM CUBA E NO BRASIL: RELATO DE UMA ESTUDANTE INTERCAMBISTA.....	322
O RELATO OBSERVACIONAL DE UM ESTUDANTE DE FARMÁCIA ATRAVÉS DE UMA VISITA TÉCNICA AO SISTEMA DE SAÚDE CUBANO.	324

UNIVERSIDADE DE COIMBRA: VERDADES E MITOS.....	327
INTERCÂMBIO INTERCULTURAL: DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA EM UMA COOPERATIVA SOCIAL DE ACOLHIMENTO A REFUGIADOS DE PAÍSES ENTRE ÁFRICA E ÁSIA, NO NORDESTE ITÁLIA.	330
RELATO DE EXPERIÊNCIA NÁ ÁREA DE EDUCAÇÃO: INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE DO MINHO – UMINHO (BRAGA/PORTUGAL).....	333
RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DE INTERCÂMBIO: UNEB DCHT XXI E UNIVERSIDADE DE LUSOFONA.....	336
O DEVER DE DECLARAÇÃO DOS ANTECEDENTES CRIMINAIS DURANTE A QUALIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL, COMO UMA LIMITAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA LEGISLAÇÃO LUSO-BRASILEIRA.....	338
PROGRAMA DE MOBILIDADE E INTERCÂMBIO ACADÊMICO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS ENTRE A UNIVERSIDADE DE LUSÓFONA (LISBOA) E A UNEB (BRASIL).....	341
EXPERIÊNCIAS DO INTERCÂMBIO BAHIA-LISBOA.....	344
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DISCENTE DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE O PAPEL DO FONOAUDIÓLOGO NO SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA DE CUBA.....	346
INTERCAMBIO EM CUBA: O OLHAR DE UMA ESTUDANTE DE FISIOTERAPIA.....	349
RELATÓRIO DE INTERCÂMBIO: PARCERIA ENTRE A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA E A UNIVERSIDADE LUSÓFONA.....	352
SONHOS DE CRIANÇAS, UM LEVANTAMENTO COMPORTAMENTAL: INTERCÂMBIO REALIZADO EM UMA COOPERATIVA DE REFORÇO ESCOLAR NA ITÁLIA.....	353
INTERCÂMBIO UNEB/SERINT E UNIVERSIDADE DE HAVANA/CUBA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	356
INTERCÂMBIO EM CUBA: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA.....	360
MOBILIDADE ESTUDANTIL: A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	363
UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA INTERCAMBISTA EM CUBA: EXISTE SAÚDE INTEGRAL QUANDO O DIREITO À ALIMENTAÇÃO SOBERANA É NEGADO?.....	366
REFLEXÕES INTERCAMBISTAS: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM LISBOA.....	370



PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
III COLÓQUIO DE QUALIFICAÇÃO DA GRADUAÇÃO



MARTON, GIACOIA JUNIOR, SANTOS E AS VARIAÇÕES DO FEMININO NO TRATO DOS COMENTADORES DE NIETZSCHE.

Autor: Alexandre Bartilotti Machado

*Universidade do Estado da Bahia
alexandrebmachado@yahoo.com*

Palavras-Chave: Nietzsche; gênero; Marton; Giacoia; Santos.

Introdução

Conforme o contexto histórico dos pesquisadores, o foco das pesquisas em qualquer área muda: isso também ocorreu com os nietzschianos no que tange às questões de gênero: adotando duas perspectivas de leitura – de um lado, Nietzsche em relação às mulheres e ao feminismo e, do outro, as mulheres e o feminismo em relação a Nietzsche – diversos autores produziram interessantes obras acerca de tais problematizações. Aqui, nos atentaremos a três publicadas em solo brasileiro: Leituras feministas de Nietzsche (2002), de Laura Ferreira dos Santos, Nietzsche e o feminino (2002), de Oswaldo Giacoia Junior e Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher (2010), de Scarlett Marton.

Metodologia

O estudo constituiu-se a partir da pesquisa bibliográfica orientada a partir de uma leitura crítica. Procurou-se aqui resumir a forma como cada obra se constrói, bem como apontar a perspectiva de cada um dos trabalhos, buscando compor considerações em torno das possíveis relações entre os textos, estudando primeiramente os textos de Giacoia e Marton e, posteriormente, o de Santos devidos às suas perspectivas, buscando, enfim, expor um panorama crítico de Nietzsche em relação ao gênero feminino.

Resultados e Discussões

As palavras já não são o que foram no passado. Essa desconfiança contemporânea em relação às palavras, comum aos

historiadores analíticos e mais comum ainda à totalidade das ciências humanas na Pós-Modernidade, nos traz um importante alerta: já não é mais possível produzir discursos históricos e historiográficos sem a devida crítica ao processo de escrita e de interpretação. É nesse ínterim que nascem e se desenvolvem os estudos de gênero. Os estudos de gênero, hoje sabemos, vão além de apenas relatar, conforme as historiografias tradicionais, a participação de mulheres em eventos históricos, chegando, mesmo a propor uma revisão do paradigma teórico-metodológico vigente. Analisando-se as três perspectivas apresentadas, veremos como em Giacoia e em Marton há um olhar direcionado às mulheres a partir do pensamento nietzschiano que culmina, nos dois casos, numa tentativa de interpretação das considerações de Nietzsche acerca do feminino; no caso de Santos, o oposto ocorre, é o feminismo quem irá propor considerações em torno do trabalho do alemão: no caso dos dois primeiros autores, é possível perceber que a temática do feminino se liga ao projeto de desconstrução da metafísica para a construção de uma nova cultura alemã e europeia; no caso da última autora, percebe-se como a própria misoginia, cara aos oitocentos, se funde ao pensamento de Nietzsche, que, embora possa não ser considerado machista, ainda assim percebe na superioridade política do poder masculino e na rejeição das ideias feministas – criando uma cultura em que os papéis de gênero sejam diametralmente opostos – um sintoma saudável de desenvolvimento social. Para Nietzsche, enfim, cabe à mulher, por ela



mesma, através da conscientização acerca de si e de seu potencial social, se esconder e conservar dentro de si o mistério do feminino para o bom equilíbrio da sociedade.

<https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/sexuality_and_the_body/bibliography/joan_scott_gender_1986.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

Conclusões

Concepção mestra do Pós-Estruturalismo, a crítica da linguagem, sobretudo no Curso de Linguística Geral (1916), de Saussure e em A Ordem do Discurso (1971), de Foucault, a partir da renovação da linguística no primeiro e da denúncia da carga ideológica própria aos discursos no segundo, modifica-se a percepção sobre a escrita e as formas de se entender os textos escritos, atentando-nos às evidentes construções sociais do processo discursivo. Dessa maneira, percebemos como, hoje, podemos desconstruir significados a partir da crítica ao significante. Contudo, na contemporaneidade, além disso, há outros processos em curso, como a criação de novas palavras para o esclarecimento de determinadas questões. Assim se deu a criação do termo “gênero” enquanto categoria de análise própria à História.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Márcia Barreiros.

Agradeço também às minhas amigas, Gabriela Vieira e Tatiana Lyra.

Referências

GIACOIA JUNIOR, O. Nietzsche e o feminino. *Natureza Humana*, n. 4, v. 1, p. 9-31, jan./jun. 2002.

MARTON, S. Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 161-179, jan./jun. 2010.

SANTOS, L. F. Leituras feministas de Nietzsche, n. 2, p. 11-41. 2002. Disponível em: <<http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/30/31>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dez. 1986. Disponível em:



A BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA PAULO FREIRE

Autores: Daniela Souza Capistrano e Jociane Cajado da Silva.

*Universidade do Estado da Bahia
capistranication@gmail.com
brinquedoteca.dedc1@gmail.com*

Palavras-Chave: Brinquedoteca universitária; cultura lúdica; espaço formativo; brincar.

Introdução

A Brinquedoteca Universitária Paulo Freire é um espaço formativo, de interações lúdicas e de pesquisa para e com as crianças, discentes e docentes, potencializador da articulação existente entre Ensino, Pesquisa e Extensão, na sua relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Seu principal objetivo é desenvolver atividades teórico-práticas destinadas a difundir a cultura lúdica por meio da exploração de brinquedos e brincadeiras tradicionais e contemporâneas, estimulando a elaboração de projetos inovadores que ampliem o acesso à cultura, a arte, a imaginação, a curiosidade, a inventividade, a autonomia e autoria das crianças da comunidade interna e externa. Ao longo desses anos a Brinquedoteca vem formando professores através de atividades como cursos, oficinas, palestras, grupos de estudo e pesquisa, atuação como monitores, participação em eventos e projetos especiais – como a UNEBrinque, o Circuitos Formativos, a Campanha Brinca Comigo! – e outras ações desenvolvidas.

A Brinquedoteca Universitária Paulo Freire prioriza o brincar livre e espontâneo, entendido como a brincadeira escolhida e realizada pela criança, entre elas, sem que seja necessária a intervenção de um adulto (LOPES, 2015), onde as crianças utilizam-se de conhecimentos que adquiriram no mundo a sua volta, para criar funções sociais e simbólicas através da imaginação e da fantasia (BROUGÈRE, 2001). Nesse espaço desenvolvemos atividades artísticas, digitais e culturais, gincanas, festivais, teatro, feiras de troca de brinquedos, livros e gibis, sessões de vídeos, campanhas educativas e de saúde, exposições de arte, contação de história, cursos e palestras para estudantes, pais e

profissionais sobre literatura, infância e ludicidade entre tantas outras atividades relacionadas ao público infantil.

Metodologia

O espaço da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire é organizado em cantinhos com o intuito de facilitar a visualização e acesso aos brinquedos. Dessa forma optou-se pela distribuição dos espaços em cantinhos da leitura, do faz-de-conta, da imaginação e teatrinho, dos jogos, com brinquedos diversos, das invenções ou arte em sucata.

O acervo foi montado durante o projeto de implantação da Brinquedoteca e conta com cerca de 560 (quinhentos e sessenta) itens, entre brinquedos, jogos, fantasias, fantoches, livros, gibis, CD's, DVD's, material de arte, instrumentos musicais, baús, livros técnicos e demais materiais. Contamos com uma área reservada à construção de brinquedos com material reciclável, onde também realizamos a manutenção dos brinquedos que precisam de reparos. Nesse espaço também oferecemos oficinas com o intuito de proporcionar aos participantes uma experiência de construir, a partir de materiais que seriam descartados, jogos, brinquedos, elementos cênicos para contação de histórias, fantasias, cenários, etc, que estimulam a diversão/descobertas, a investigação/ inventividade, a curiosidade/ criatividade e a autonomia/ autoria.

São atendidos em média 300 (trezentos) estudantes através dos serviços de empréstimo, tendo como materiais mais procurados os livros infantis, fantoches e os jogos educativos contendo letras e sílabas.

A Brinquedoteca Universitária Paulo Freire também tem auxiliado outras brinquedotecas universitárias a estruturar o seu funcionamento, contribuindo com suas experiências e vivências, metodologia de



catalogação, funcionamento, documentos para orientação, etc, para que outras unidades sejam implantadas nos diversos Campi da UNEB.

Conclusões

O quantitativo de crianças atendidas, a movimentação no acervo da brinquedoteca para o empréstimo de materiais, a procura pela monitoria voluntária e a adesão da comunidade acadêmica as ações realizadas pela Brinquedoteca Universitária Paulo Freire demonstram a relevância desse espaço para os estudantes em formação.

O engajamento nas ações demonstra que Brinquedoteca Universitária Paulo Freire tem colaborado para estimular, consolidar e ampliar saberes inovadores que trabalham e discutem, em algum momento, as questões da infância e do brincar. Essas ações também contribuem para o fortalecimento do tripé universitário, caracterizando a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Dessa maneira é perceptível a contribuição desse laboratório para oportunizar novas experiências lúdicas e culturais, se constituindo, através das atividades que oferece, em um espaço de difusão do brincar livre, da cultura lúdica e da aproximação da comunidade acadêmica com ações extensionistas que são desenvolvidas ao longo do ano.

Referências

- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. Trad. Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- GIMENES, Beatriz Piccolo & TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. Brinquedoteca – Manual em educação e saúde. 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- LOPES, M. C. Design de Ludicidade: Uma entrevista com Conceição Lopes. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IX, n. 15, p.137-156. Vitória da Conquista, 2015.



A FORMAÇÃO PELO BRINCAR: A CAMPANHA BRINCA COMIGO! NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Autores: Daniela Souza Capistrano e Jociane Cajado da Silva.

*Universidade do Estado da Bahia
capistranication@gmail.com
brinquedoteca.dedc1@gmail.com*

Palavras-Chave: brinquedoteca universitária; espaço formativo; brincar; cultura lúdica.

Introdução

Este trabalho apresenta a Campanha Brinca Comigo! realizada desde o ano de 2013 pela Brinquedoteca Universitária Paulo Freire como uma de suas ações voltadas a formação lúdica continuada de professores. A campanha tem o objetivo de comemorar o dia internacional do brincar (28/05) através de uma programação de atividades voltadas a propiciar um processo de vivência e difusão da cultura lúdica, para que esta se constitua no cotidiano da formação de educadores e estudantes de pedagogia e demais áreas do Departamento de Educação I da UNEB. A Campanha atende professores, estudantes, técnicos, educadores e crianças das escolas do entorno da universidade, além da comunidade, destacando a relevância do trabalho de articulação dos processos de ensino, pesquisa e extensão no espaço de formação da graduação e da pós-graduação em prol da defesa do brincar, reconhecendo o seu potencial não só no desenvolvimento da infância, mas para o desenvolvimento social do individuo a longo prazo.

Metodologia

A Campanha Brinca Comigo! compreende uma série de atividades voltadas ao brincar tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. As atividades realizadas durante a campanha são mediadas pelo coordenador, pelos técnicos, os bolsistas e os monitores voluntários dos cursos de graduação e pós-graduação que compõem a Brinquedoteca Universitária Paulo Freire, que pensam e planejam as atividades e

constroem conjuntamente a proposta que será aplicada durante a ação. São realizadas oficinas, minicursos, palestras, mesas redondas, práticas, atividades culturais, além da exposição de brinquedos.

Ao fim de todas essas atividades inicia-se o processo de avaliação, que acontece duas etapas. A primeira é realizada encaminhando a todos os inscritos um questionário, via Google Forms, para que os participantes opinem e avaliem a participação no evento. A segunda parte acontece em uma roda de conversa, onde os monitores, técnicos e coordenadores avaliam o resultado dos questionários e discutem suas impressões durante as atividades realizadas. Essa etapa é importante para avaliar se os objetivos da campanha foram alcançados e pensar reformulações para as próximas ações de maneira a se aproximar, o máximo possível, daquilo que pleiteiam os participantes. Durante a roda de conversa monitores também avaliam a interação estabelecida durante as práticas, observando os objetivos da Campanha, avaliando a sua participação e as contribuições que esta deu para sua formação.

Conclusões

O engajamento durante a campanha demonstra a preocupação da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire em construir vínculos tanto com a comunidade interna da universidade – através das oficinas e das formações –, quanto da comunidade externa – através das visitas. Observa-se assim a contribuição dessa campanha na manutenção de um contato mais saudável com o público



externo – principalmente com a comunidade de entorno, ONGs e escolas –, os quais o relacionamento com a Universidade sofre constante desgaste.

Além de recuperar o espírito do brincar e acionar boas lembranças da infância, os brinquedos e jogos distribuídos por todo o Departamento auxiliam os futuros professores e demais estudantes da graduação a construir um aprendizado significativo sobre a importância do brincar, o contato com o lúdico, a diversão e o lazer, estimulando, consolidando e ampliando saberes inovadores sobre a infância e o brincar.

Referências

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. Trad. Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FORTUNA, T. R. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, I. S. (Org.). Escola e sala de aula: mitos e ritos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FROEBEL, Friedrich. Letters to a Mother on the Philosophy of Froebel. Harris, W.T. (ed.) New York/London. D. Appleton and Company. 1912.

FROEBEL, Friedrich. A Educação do homem, tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GIMENES, Beatriz Piccolo & TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. Brinquedoteca – Manual em educação e saúde. 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, M. C. Design de Ludicidade: Uma entrevista com Conceição Lopes. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IX, n. 15, p.137-156. Vitória da Conquista, 2015.



EDUCAÇÃO DO CAMPO E NEUROEDUCAÇÃO: AS (IM) POSSIBILIDADES DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autores: Jamile Nascimento Santos, Elizangela Brito de Jesus e Ana Alícia de Santana Stopilha

Universidade do Estado da Bahia
milly.limeira@hotmail.com
lizza_britto@hotmail.com
stopilha@hotmail.com

Palavras-Chave: EJA; Educação do Campo; Neuroeducação.

Introdução

No contexto educacional as discussões em torno da Educação do Campo são consideradas, ao mesmo tempo, antiga e atual. Antiga, por perdurar em toda a história da educação as indagações relacionados as políticas públicas; e atual, por ser a educação do campo tema de reflexões sobre a qualidade do ensino, apresentando uma ampliação no universo cultural, científico e tecnológico que atendem as exigências de uma nova sociedade que se configura nos tempos atuais.

Sendo assim, o presente texto procurou dissertar a respeito de um olhar atento às necessidades dos alunos que moram no Campo e estão na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de um projeto de pesquisa apresentando elementos fundamentais para promover uma reflexão/discussão em torno do desenvolver dessa longa e complexa caminhada, que busque entre outras questões, a valorização do sujeito do Campo. Fundamentado a partir dos escritos de CONDENSE E GUERRA (2011), RELVAS (2016), Arroyo (2004), CALDART (2002, 2004 entre outros.

Metodologia

O desenvolvimento prático desta pesquisa tem como referenciais metodológicos, a abordagem qualitativa de educação, priorizando o estudo de caso e seguindo com observações e entrevista semi-estruturada.

O presente trabalho tem como enfoque a Educação do Campo e a Neuroeducação voltada para a Educação de Jovens e Adultos, ao longo desse estudo pretende-se discutir

sobre a viabilização das práticas de diálogo e de ação efetiva dos educadores e dos jovens-adultos, sobre as suas circunstâncias pessoais e valorização das identidades, a partir de ações educativas, que promovam metodologias de ensino mais flexíveis que priorizem à diversidade de linguagem, à riqueza cultural, às múltiplas possibilidades e complexidades, dentre outros aspectos que devem ser asseguradas na prática pedagógica específica da EJA.

Resultados e Discussões

A salas da Educação de Jovens e Adultos em sua maioria é composta por alunos que passaram pela infância e adolescência sem ter a oportunidade de acesso e/ou permanência a educação por questões culturais, sociais e principalmente econômicas, questões que bem descrevem os alunos do campo, e a partir da vida adulta encontraram uma nova oportunidade de estudar. A EJA é um modalidade de educação amparada por lei, que garante ao aluno tanto do campo como da zona urbana o ingresso, permanência e qualidade à educação. Mas no tocante a isto, as políticas voltadas para a Educação no Campo, que deve amparar esses jovens e adultos, ainda não são eficazes.

Pesquisas apontam que a décadas a educação do campo vem sofrendo mudanças, apesar dessas mudanças ainda prevalece a ideia marxista em que defende a coletividade, porém enfatiza a necessidade de um proletariado para com a força do trabalho manter a grande burguesia. Nesses termos, Rios (2012) evidencia que a “educação da classe trabalhadora camponesa no contexto da luta de classe está inserida num projeto de



disputas” em que deve fortalecer a luta contra a exploração do capital do campo. A partir deste patamar, é possível traçar resumidamente as funções da educação no campo no contexto atual: formar mão de obra barata mantendo o aluno do campo no campo, impossibilitando que os mesmos busquem uma formação que de fato leve a mudança que eles desejam.

Neste sentido, os jovens e adultos camponeses não encontram em sala de aula a valorização e respeito ao sujeito, tendo em vista a sua condição social. Corroborando com esta perspectiva a neuroeducação elucida a importância de educar tendo como base o que o aluno traz consigo, ou seja, deixando ele dentro da sua realidade de vida, fazendo dela ponte para criar e consolidar novos conhecimentos. Para isso, é necessário ter uma intencionalidade ao ensinar, as atividades devem ser elaboradas com finalidades didáticas que contemple o indivíduo e o momento que ele está vivendo, como por exemplo, respeitar a época da colheita, as chuvas, cultura, o tempo e o espaço para que seja possível fazer uso de estratégias de ensino adequada possibilitando a construção do conhecimento.

Desta forma, as escolas têm a obrigação de adequar o seu processo de ensino /aprendizagem, com base na vida e na cultura do seu aluno, criando assim, oportunidade para consolidação do aprendizado.

Conclusões

A realização deste texto nos propôs experimentar algo novo, deixando-nos conscientes do nosso ofício como educadoras e qual papel desempenhar diante das pessoas e da sociedade que buscam cada vez mais o conhecimento, revelando desta forma que “os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentir sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente.

Contudo, finalizamos este texto, com a convicção de que ele está em processo de construção, devendo ser sempre ampliado e questionado, não se esquecendo do principal objetivo: A educação é simplesmente uma questão de oportunidades, e a melhoria, ou não desta, afeta unicamente o homem.

Agradecimentos

Agradecer primeiramente a Deus, nossos familiares, e aos nossos professores orientadores que sempre esteve a disposição para transmitir mais conhecimento. São eles: Priscila Amorim, Mille Caroline Rodrigues, Paulo José Gonçalves, professores da UNEB CAMPUS XV.

Referências

RIOS, Roseane Oliveira. O projeto educacional de fundação Odebrecht: um estudo sobre fundamentos/Roseane Oliveira Rios. – São Paulo, 2016. 120f.: il.30cm.



AÇÕES EDUCACIONAIS NUM CONTEXTO EXTENSIONISTA COM PESSOAS DA TERCEIRA IDADE

Autor: Jefferson Correia da Conceição

*Universidade do Estado da Bahia
jeffersoncorreia2@gmail.com*

Palavras-Chave: Terceira Idade; aprendizagem; Artes Visuais; Geometria.

Introdução

Este trabalho evidencia atividades desenvolvidas mediante o projeto de extensão Geometria e Artes Visuais, na UNEB-CAMPUS II-DCET, na cidade de Alagoinhas-BA, como uma possibilidade de aprendizagem que tem como referência a perspectiva de articulação das componentes curriculares mencionadas, dentre outras. O projeto didático objetiva promover atividades de ordem teórica, prática e metodológica considerando o contexto perceptivo de cada um dos estudantes da Universidade Aberta a Terceira Idade – UATI, regularmente matriculados, sem desconsiderar aspectos ligados a formação geral, questões sociais e culturais, que são percebidos durante a efetivação das atividades pedagógicas. Buscam-se evidenciar alguns resultados e reflexões, fruto das experiências pedagógicas que ocorrem com o envolvimento da Matemática/Geometria com as Artes Visuais, além de ressaltar os benefícios tangíveis – motivação, alegria, disposição, reminiscências, que são declarados pelos envolvidos, por intermédio das ações citadas.

Metodologia

As atividades são realizadas semanalmente, as terças-feiras, das 13h30 as 16h00, numa sala de aula, nas dependências do Campus II, por intermédio de oficinas de expressão plástica – ateliês artísticos com as Artes Visuais, discussões conceituais, rodas de conversas com o grupo, com o intuito de perceber o entendimento dos envolvidos no que diz respeito não somente ao conhecimento matemático/geométrico e

artístico, mas também no que tange aos aspectos comportamentais, sociais, éticos, valores e virtudes, de tal modo que sejam considerados como conceitos significativos para vida como um todo e, desencadeadores para as ações propostas pelo projeto de extensão, valorizando-se sempre para efetivação das ações pedagógicas, metodologias ativas, dinâmicas e prazerosas. Para isso, busca-se sistematicamente atualização das revisões bibliográficas da temática em foco, para ampliar o conhecimento que se tem sobre o assunto e facilitar o desenvolvimento das ações.

Resultados e Discussões

Por vezes, a aprendizagem matemática é muito confundida com medo, dificuldade, sem atrativos, sem cor e sem vida. Todavia, pode-se constatar mediante algumas ações pedagógicas realizadas por meio do projeto em andamento, justamente o contrário: beleza, cor, movimento, criatividade, arte e muito envolvimento, pois o público envolvido – licenciandos em Matemática e pessoas da Terceira Idade participam de forma ativa na elaboração do próprio conhecimento. É possível, de forma lúdica e por meio de algumas expressões artísticas, discutir e exemplificar alguns conceitos matemáticos presentes na geometria – ponto, retas, linhas, planos, ângulos, simetria, formas regulares e irregulares, dentre outras, por intermédio de uma prática pedagógica amparada pela ludicidade e pelas Artes Visuais, uma vez que, as atividades se tornam interessantes, prazerosas e criativas. Com base no trabalho efetivado é possível constatar alguns resultados favoráveis, tais



como: a participação ativa, o envolvimento, a disposição dos envolvidos para aprender, as articulações conceituais manifestadas, dentre outros, bem como, a necessidade permanente de aumentar as discussões teóricas em torno da questão, partindo-se da premissa de atualização do currículo escolar formal e não-formal e da efetivação de práticas pedagógicas que visem o aprimoramento constante do trabalho docente adequado á realidade e necessidades, inclusive da Escola Básica, aonde poderão atuar os licenciandos envolvidos com o Projeto. Cabe ressaltar também, as manifestações de alegria, contentamento, satisfação e aprendizagem, quando os estudantes redimensionam conceitos trabalhados e visualizados nas oficinas, conforme se percebem durante o desenvolvimento das ações.

Conclusões

Por meio das experiências vivenciadas nas oficinas de expressão plástica, podemos perceber o significado e a importância da aprendizagem matemática – geométrica através das Artes Visuais num contexto lúdico e, por conseguinte, da criatividade no cotidiano dos envolvidos, o que nos permite perceber dados qualitativos para reflexões e previsões para encontros posteriores. Pode-se concluir que Arte e Matemática são áreas distintas e com objetivos de ensino e aprendizagem específicos, ambas caminham em percursos próprios, mas em determinados momentos podem se complementar. Nesse sentido, precisa-se ter clareza dos objetivos a serem alcançados nas duas áreas, planejar o trabalho, escolher bons recursos, deixar espaço para escuta dos estudantes e elaborar as possíveis situações de problematização. Cabe ressaltar, que este é um tema de extrema relevância para o processo de ensino/aprendizagem da matemática/geometria articuladas com as Artes Visuais, dentre outras.

Agradecimentos

A todos os estudantes da UATI regularmente matriculados, aos estudantes – licenciandos em Matemática – bolsistas e voluntários, que tem participado como monitores ao longo da existência do projeto de extensão.

Referências

- CIFUENTES, José C. Uma via estética de acesso ao conhecimento matemático. Boletim GEPEM, Rio de Janeiro, n.46, p.55-72, 2005.
- CONTADOR, Paulo Roberto Martins. A Matemática na arte e na vida. 2. ed. rev. São Paulo: Livraria da Física, 2011.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Educação Matemática: da teoria à prática. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 2013.
- ZALESKI FILHO, Dirceu. Matemática e Arte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.



DAS EXPERIÊNCIAS DO QUOTIDIANO AO SABER-FAZER: REFLEXÕES DOS PROCESSOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EM CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA

Autores: Moisés dos Santos Viana

Universidade do Estado da Bahia
tutmosh@gmail.com

Palavras-Chave: Experiência; Estágio Supervisionado; Comunicação.

Introdução

Esta reflexão nasce com o propósito de descrever e compreender as relações educativas da formação dos sujeitos sociais em Comunicação, a partir da experiência do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Comunicação Social Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, de Conceição do Coité, no Nordeste da Bahia. Após 10 anos de instalação, tem-se a possibilidade de refletir as questões referentes à formação dos sujeitos sociais no contexto da interiorização do ensino superior, levando em conta a reformulação da Matriz Curricular em 2014 com o objetivo de direcionar a formação profissional dos discentes, tendo a questão do trabalho-emprego-renda e a realização de atributos das categorias ações que encerram esta formação. Assim, partindo do pensamento de Dewey (1967; 1976; 2010), afirmamos que a experiência é uma forma pela qual nós adquirimos o conhecimento gradativo e cumulativo, por isso forma um continuum no processo de aprendizado.

Metodologia

Os Estágios aconteceram entre 2017 e 2018. Em Conceição do Coité-Ba e estão divididos em 03 perspectivas de trabalho: 1) mapeamento dos espaços de estágio, a partir da experiência e contato com o profissional no mercado de trabalho. 02) a criatividade, ou seja, o desenvolvimento da experiência como processo criativo, pragmática com a criação do projeto de estágio individual. 03)

os aspectos plásticos do estágio que se expressam de uma forma prática no desenvolvimento de ações de escritas e registros no caderno de campo, relato de experiências e produto comunicacional aplicado dos discentes de Estágio Supervisionado.

Resultados e Discussões

A experiência dos cadernos de campo foi feita de forma a apresentar uma técnica que desse conta de elementos pessoais dos discentes com expectativa de pôr em evidência o momento, como uma ferramenta acadêmica positiva. Os registros trouxeram informações relevantes sobre as dificuldades do cotidiano. Observou-se que a realização do Estágio é de suma importância para desenvolvimento de competências como escrita e leitura crítica da realidade. A experiência dos cadernos de campo foi feita de forma a desenvolver muitas habilidades profissionais, de constatar elementos intersubjetivos a partir do olhar do estagiário. Os discentes tiveram um desenvolvimento destacável pela possibilidade de registro constante: a) informações relevantes sobre as dificuldades do cotidiano dos discentes; a) alguns problemas de gramática e escrita; b) restrita relação entre teoria e prática; c) dificuldades de resolução de problemas; d) registros bem lacônicos e sem problematização das atividades realizadas; e) os registros parecem abordar elementos que se parecem forçados; f) ficou claro a proatividade dos discentes,



sua visão de mundo, pois as atividades desnudam o campo de Estágio de comunicação, sua ação e desenvolvimento profissional. A proposta do relato de experiência como síntese e trabalho final do Estágio Supervisionado II, acompanhado de um produto, tem o caráter de flexibilizar as relações de ensino-aprendizado, apresentando algo mais próximo e de um estilo menos artificial para os discentes. Como escrita tem o objetivo de comunicar o que foi relatado nos cadernos de uma forma mais reflexiva, sistemática e após a vivência da experiência de estágio, execução dos projetos e desenvolvimento de um saber-fazer próximo da realidade de mercado e da prática do ensino de comunicação.

Conclusões

O conhecimento adquirido e feito para as questões que aparecem. A relação da criatividade e a forma de agir dentro do campo da comunicação passam por uma série de atributos: tratamento das informações, gestão do tempo, a escolha da música, da trilha sonora, a fotografia que se usa, a hora da fala de uma entrevista, por exemplo, a tonalidade do texto e uso de termos e palavras específicas para cada linguagem. Pensemos o Estágio Supervisionado como um processo dentro dessa relação que envolve um saber-fazer. Daí, quando falamos em conhecer, insere-se diversas dimensões que se pressupõem conhecimentos já estabelecido por experiências sucessivas. Desta forma, o Estágio não é um subemprego ou qualquer atividade difusa, mas é um processo do aprender legitimamente construído que só existirá a partir de uma formação engajada na realidade social e prática dos discentes.

Agradecimentos

Aos agentes do Estágio, discentes, supervisores, Colegiado de Comunicação Social Rádio e TV, ao DEDC, Campus 14 e Grupo pesquisa FEL.

Referências

- DEWEY, John. Vida e educação. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- _____. Experiência e educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- _____. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA NEB. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Plano de Estágio Supervisionado Comunicação Social– Rádio e TV – Bacharelado. Conceição do Coité: UNEB, 2014 (Documento não publicado).
- VIANA, Moisés dos Santos. Relatórios de Estágio Supervisionado II 2016.1 e 2017.1. Colegiado de Comunicação Social – Rádio TV - UNEB Campus XIV. Conceição do Coite-BA.
- ZABALZA, Miguel A. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2014



EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXÕES SOBRE O CONTEÚDO ESCOLAR E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO COM A REALIDADE SOCIAL DO CAMPO

Autores: Nirele Queiroz Santiago da Mota e Maria Jucilene Lima Ferreira

*Universidade do Estado da Bahia
nirele_santiago@outlook.com.br
juci.ferreira@bol.com.br*

Palavras-Chave: Educação do Campo; Seleção de Conteúdo; Contextualização.

Introdução

A educação ofertada para o campo e os debates sobre ela vem tomando proporções significativas no espaço educacional brasileiro. Os movimentos sociais e sindicais do campo têm efetivamente pautado em suas agendas de luta um projeto de educação que considere a especificidade do contexto socioeconômico do campo e a identidade cultural do povo camponês. Desta forma, nos orientamos com a seguinte questão: como a escola o campo seleciona os conteúdos curriculares e quais as relações que estabelece com a realidade social do campo? Como objetivo geral: compreender como se dá as relações entre o conteúdo escolar e a realidade social do campo, onde a escola está inserida, visando o estudo das perspectivas da Educação do Campo. Os objetivos específicos são: identificar os conteúdos trabalhados na escola do campo e as relações que se estabelecem entre estes e a realidade social camponesa; analisar a portaria nº 356/2016 que estabelece a contextualização dos conteúdos escolares, observando as orientações acerca da relação entre conteúdo e realidade social; elencar atividades que a escola realiza articulando-se com a cultura local; verificar os objetivos do projeto CAT, observando a articulação entre os conteúdos e a realidade social onde a escola se insere. O referencial teórico foi: Arroyo, Caldart, Munarin, Molina, Sacristan e Zabala.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa optamos por uma pesquisa qualitativa, contando como método de investigação a realização de grupo focal com docentes e discentes, entrevista semiestruturada com a coordenadora e análises documentais utilizando documentos oficiais do município de Barrocas.

Resultados e Discussões

Durante a realização dos grupos focais e da entrevista com a coordenadora, indagamos sobre as formas de seleção de conteúdo na escola, abordando as seguintes discussões: a) como se dá a seleção de conteúdos; b) O projeto CAT; c) atividades realizadas na escola; d) o uso do livro didático e e) contextualização dos conteúdos com a realidade do campo. Dentre as investigações, fica evidente que no município de Barrocas a seleção de conteúdos das escolas do campo é realizado anualmente construindo o plano de curso do professor na jornada pedagógica do município, para esta proposta toma como elemento balizador a BNCC e a seleção municipal realizada há alguns anos. Em entrevista com a coordenadora foi enfatizado que nem todo conteúdo está explícito no plano, ou nos temas definidos para a unidade, visto que ao decorrer das realizações das aulas. Desta forma, também é destacado o projeto CAT como principal mobilizador para a seleção dos conteúdos, bem como a formação e a prática dos docentes do campo.



Conclusões

Nesse processo investigativo, destacamos que os conteúdos trabalhados na escola buscam a contextualização dos conteúdos a partir do desenvolvimento do projeto CAT, propiciando estudos sobre a comunidade local. No entanto, constatou-se alguns limites para essa contextualização, na medida em que a realidade social dos educandos e da comunidade no entorno da escola não se constitui com única referência na seleção dos conteúdos, ou seja, a contextualização é parcial, mediada pela BNCC e preposições do livro didático. Ainda podemos constatar que o município de Barrocas avança na proposição da educação contextualizada, bem como, da escola de campo integral, quando promulga a Lei 356/2016. Nesta evidencia-se a necessidade de uma educação específica que valoriza a cultura e particularidades dos educandos e regulamenta a incorporação de reais necessidades dos alunos, habitantes das áreas rurais, permitindo adequações das propostas pedagógicas e curriculares ao contexto sociocultural do lugar, onde os educandos vivem.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que nos possibilitou a conclusão desta pesquisa, bem como as seguintes pessoas: A professora Maria Jucilene Lima que despôs-se a ser orientadora. Aos colaboradores, pois sem eles seria impossível a realização da pesquisa.

Referências

ARROYO, Miguel G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S. MOLINA, Mônica C. (Orgs.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
BARROCAS. Lei municipal nº 356/2016. Barrocas, 2016.
CALDART, Roseli Salette. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

MUNARIM, Antônio. Movimento nacional de educação do campo: Uma trajetória em construção. UFSC. GT-03: Movimentos Sociais e Educacionais.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. IN: Caldart, Roseli Salette ET ALL (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SACRISTÁN, José Gemeno (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre. Penso, 2013.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre. ArtMed, 1998.X



ESTADO DA ARTE DAS DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS DA PPGEDUC SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE EM PEDAGOGIA: UM RECORTE TEMPORAL DE 2015 A 2018

Autores: Raiane Cordeiro de Araújo, Ivonete Barreto de Amorim e Selma Barros Daltro de Castro.

Universidade do Estado da Bahia
ivoneteeducadora@hotmail.com
raianeliind@hotmail.com
selmabarros@gmail.com

Palavras-chave: Formação de professores; Pedagogia; Formação continuada.

Introdução

O presente estudo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso e buscou discutir aspectos referentes à formação docente principalmente devido ao lugar de destaque ocupado na produção científica na Universidade do Estado da Bahia. Por conta desse cenário, o trabalho apresenta a seguinte questão de pesquisa: como as dissertações oriundas do PPGEduc, no período de 2015-2018 apresentam as investigações sobre processos de formação de docentes em Pedagogia? O objetivo geral foi: analisar as dissertações apresentadas no Programa Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEduc/UNEB, acerca das produções relacionadas a processos de formação de docentes em Pedagogia, nos últimos três anos. Sendo os objetivos específicos: mapear, caracterizando as dissertações educacionais em formação de professores dos anos de 2015-2018; apresentar as concepções sobre formação de professores, pedagogia e demandas formativas que emergem das produções analisadas. Os teóricos que subsidiaram essa investigação foram: Ferreira (2002), Freire (1996), Gatti (2011), Nóvoa (2009), dentre outras.

Metodologia

A metodologia desse estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, denominada de Estado da Arte, que tem como interesse “[...] conhecer o já construído

e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” (FERREIRA, 2002, p. 259). Esta pesquisa implicou-se com a busca e análise dos textos já escritos sobre formação de professores em Pedagogia. Foi tomado como fonte o acervo digital do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/UNEB).

Resultados e Discussões

Através do breve histórico apresentado nessa pesquisa, foi possível constatar que o Curso de Pedagogia passou por inúmeras e diferentes transformações no decorrer dos anos. A análise das dissertações deixou explícita a influência do Curso de Pedagogia em relação a construção profissional, além de pontos positivos e negativos do curso em questão, descrevendo-o como muito importante e com bases teóricas consistentes, mas ainda com algumas lacunas. A finalidade deste estudo foi analisar as dissertações apresentadas no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, acerca das produções relacionadas a processos de formação de docentes em Pedagogia, no período de 2015-2018. E, ao findar o trabalho de análise e interpretação dos achados da pesquisa, pudemos responder à questão proposta. O que deixou evidente a existência de 85 trabalhos sobre formação de professores. No entanto, de todos esses trabalhos, apenas 3 apresentaram as palavras-



chave: Formação de professores e Pedagogia em sua estrutura de resumo ou no corpo do trabalho, envolvendo também aspectos de práticas docentes, sendo esse um dos critérios de seleção das pesquisas, ficando claro o alcance do primeiro objetivo que foi mapear, caracterizando as dissertações educacionais em formação de professores dos anos de 2015-2018.

Conclusões

Através das dissertações analisadas constatamos aspectos sobre os procedimentos metodológicos utilizados pelas dissertações; as concepções e percepções que emergiram das dissertações acerca do curso de Pedagogia, bem como, as necessidades da formação apontadas pelos sujeitos das dissertações. A pesquisa proporcionou compreender também a complexidade que envolve a formação inicial, as questões que são relacionadas à experiência pessoal e profissional, os aspectos acerca do ensino, pesquisa e extensão universitária, o professor na qualidade de sujeito ativo responsável por seu processo formativo e de suas ações e atividades contextualizadas com o ambiente escolar e as questões relacionadas à importância do planejamento escolar, evidenciando, assim, o alcance do segundo objetivo específico que foi apresentar as concepções sobre formação de professores, pedagogia e demandas formativas que emergem das produções analisadas.

Agradecimentos

Gratidão a Deus, por toda proteção e por ser o condutor de cada passo dado em minha vida. A minha mãe e irmã, por todo apoio ao longo desses anos. As minhas companheiras de faculdade por tanto companheirismos. E as minhas orientadoras, porque foram dois presentes que recebi em minha vida, obrigada por todos os conselhos e ajuda ao longo da minha caminhada acadêmica.

Referências

ALMEIDA, Valcineide Santos de. Formação continuada de professores no cotidiano

escolar: reinvenções e aprendizagem. 2016. 156 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “ESTADO DA ARTE”. Educação e Sociedade, n° 79, agosto, 2002.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores e profissionalização: contribuições dos estudos publicados na Rbep entre 1998 e 2011. Brasília: Estudos RBEP, v.93, maio/ago, 2012. p. 423-442.

NÓVOA, Antônio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: Professores Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009. p. 24-45.

SILVA, Enoilma Simões Paixão correia. Formação continuada de professores da educação básica: implicações para a prática pedagógica docente. 2016. 260 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Rebecca Machado Oliveira da. A experiência e os seus sentidos existenciais na formação docente. 2017. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017



EDUCAÇÃO DO CAMPO: IMPLICAÇÕES FORMATIVAS ENTRE O EDUCADOR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO DO SISAL

Autores: Sara Araújo Lopes e Selma Barros Daltro de Castro

Universidade do Estado da Bahia
saradany564@gmail.com
selmadaltro@gmail.com

Palavras-Chave: Educação do Campo; Formação do Professor; Prática Pedagógica; Escola Família Agrícola.

Introdução

A presente pesquisa é resultado de Trabalho de Conclusão de Curso e buscou discutir aspectos referentes à formação e atuação de educadores em uma Escola Família Agrícola. Teve como questão de pesquisa: quais as implicações formativas que se estabelecem entre atuação do professor e a proposta pedagógica de uma Escola Família Agrícola – EFA do Território do Sisal? O objetivo geral, foi problematizar o trabalho pedagógico de uma EFA do Território do Sisal, observando as características da perspectiva formativa da escola e os desafios que se apresentam à atuação dos docentes, buscando. Os objetivos específicos foram apresentar a proposta pedagógica da EFA; identificar a concepção dos professores sobre a Educação do Campo e a relação desta com a sua prática pedagógica e conhecer os desafios encontradas pelos professores atuantes em uma EFA no Território do Sisal na modalidade de Educação do Campo.

Metodologia

A metodologia foi de cunho qualitativo, utilizando como instrumento de busca de informações para análise a entrevista semiestruturada, realizada com os professores urbanos do locus em questão. Foram realizadas visitas de campo para realização das entrevistas, as quais foram gravadas e transcritas, utilizando nomes fictícios para os entrevistados.

Resultados e Discussões

A modalidade de Educação do Campo requer do professor uma formação que o embase para sua prática, que traga implicação direta com as especificidades do campo e dos sujeitos do campo, seja esta intrínseca ou construída. Metade dos professores entrevistados afirmam que “ser do campo” para atuar na Educação do Campo não tem tanta significância, pois um bom professor saberia contextualizar seu ensino e desenvolver com excelência sua prática pedagógica independente da sua origem; já outra metade acredita que o seu local de origem influenciaria, sim, em sua prática, tendo em vista que os mesmos, se fossem oriundos do campo, estariam mais imbricados com as questões locais e perspectivas de luta.

Enquanto desafios, João diz que os alunos “[...] às vezes não entende bem qual é o objetivo do projeto que é conseguir permanecer no campo com a qualidade de vida melhor que tempos passados, né? [...]”, onde ele frizou sobre a concorrência que encontram frente à tecnologia e o mercado de trabalho da cidade, que faz com que os alunos não sintam desejo de permanência no campo; da dificuldade na utilização dos termos em sala de aula, pois por ter experiência de trabalhar com agricultores, tende a utilizar termos técnicos com os alunos. Os professores da EFA pesquisada têm licenciatura e/ou cursos que lhes garantem autonomia para atuação na modalidade em questão, juntamente com a prática pedagógica e a convivência diária com a realidade dos alunos, conseguem contextualizar seu ensino às especificidades desses sujeitos do campo, atrelando seu ensino ao que preconiza a proposta



pedagógica da escola, que é um ensino voltado à realidade do campo e singularidades locais, com eixos temáticos e metodologias próprias de avaliação e interdisciplinaridade.

Conclusões

O estudo constatou que a maioria dos professores entrevistados tem cursos de formação inicial ou continuada na área da Educação do Campo e compreendem a proposta da EFA e da modalidade em questão. Uma parte dos docentes afirma ser relevante a questão de ser oriundo do campo e atuar na Educação do Campo, a outra parte, não, pois frisa que a experiência na Educação do Campo lhes proporciona um embasamento prático para atuação; No que se referem aos desafios, afirmam ter encontrado alguns no início de suas práticas, O fato de serem urbanos não tornaram suas práticas menos relevantes, pois todos compreendem e afirmam atuar de acordo com a proposta pedagógica da EFA.

Agradecimentos

Gratidão à UNEB, pela formação e oportunidade de publicização do trabalho. À minha família, pelo apoio e incentivo. Às minhas amigas/colegas, pelo companheirismo e apreço. Aos participantes da pesquisa, pela colaboração. À minha orientadora, Selma Daltro, por tamanha generosidade, apoio e paciência, por todo incentivo no que tange à minha carreira formativa e crescimento profissional.

Referências

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves. Org. Educação do Campo: Desafios para a formação de professores. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2011.
ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) do campo. Cad. CEDES. v..27, n.72, Campinas May/Aug. 2007.
BEGNAMI, João Batista. Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e alternância: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores. Belo Horizonte-MG, 2003. Tese

de mestrado – Universidade Nova de Lisboa, Belo Horizonte-MG, 2003.

MACHADO, Carmem Lucia Bezerra; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares; PALUDO, Conceição. Teoria e prática da educação do campo: análises de experiências. Brasília: MDA, 2008.

NOSELLA, Paolo. A formação pelo trabalho. In: org. BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. Pedagogia da Alternância é sustentabilidade. Orizona: UNEFAB, 2013.

RIBEIRO, Marlene. Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.



PERFIL FÍSICO E QUALIDADE DE VIDA DE ESTUDANTES NA DISCIPLINA DE CINESIOTERAPIA E MECANOTERAPIA DA UNEB

Autores: Sérgio Luis Figueredo de Jesus e Lorena Barreto Arruda Guedes

Universidade do Estado da Bahia
sergioslfj@gmail.com
lguedes@uneb.br

Palavras-Chave: Qualidade de vida; atividade física; consciência corporal; estudantes; Fisioterapia

Introdução

Este trabalho foi elaborado durante a disciplina de Cinesioterapia e Mecanoterapia, ofertada no 4º semestre do curso de fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Refere-se à aplicação de instrumentos para avaliação da qualidade de vida, nível de atividade física, percepção da imagem corporal e flexibilidade nos estudantes matriculados na disciplina com o objetivo de melhorar a consciência corporal e autoconhecimento dos seus limites físicos. Essa experiência irá promover a conscientização sobre a importância da prática de exercícios físicos para melhora da qualidade de vida nos acadêmicos.

Metodologia

No início do semestre 2017.2 a professora e o monitor avaliaram os 19 estudantes matriculados na disciplina Cinesioterapia e Mecanoterapia, sendo 17 mulheres e 2 homens, onde os mesmos foram orientados sobre a aplicação dos instrumentos e o objetivo da experiência.

Foi utilizado o questionário SF-36 para avaliação da qualidade de vida. O mesmo, foi traduzido e validado para a língua portuguesa em 1997, sendo constituído por 36 itens divididos em 8 domínios: capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental. Este questionário apresenta um escore final de 0 a 100, no qual o 0 corresponde ao pior estado geral de saúde e 100 ao melhor estado de saúde¹.

Para avaliar o nível de atividade física foi utilizado o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ), em sua versão curta, proposta pela Organização Mundial da Saúde em 1998. O instrumento constitui-se de perguntas referentes à duração, frequência e intensidade da prática de atividade física do entrevistado².

O teste de sentar e alcançar foi o instrumento utilizado para avaliar flexibilidade. Para a realização do teste utiliza-se o Banco de Wells, o participante senta-se com as pernas juntas, os joelhos estendidos e as plantas dos pés colocadas contra a borda da caixa. O participante tenta alcançar lentamente a frente o mais distante possível ao longo do topo do banco, conservando as duas mãos paralelas, não podendo flexionar os joelhos, deverá manter esta posição momentaneamente³.

Para verificação da imagem corporal foi utilizada uma escala de silhuetas proposta por Stunkard, Sorenson e Schlusinger no ano de 1983. A escala apresenta nove perfis corporais em sequência, onde o número um representa um indivíduo raquítico e o nove um obeso. O conjunto de imagens corporais foi apresentado aos estudantes e realizada a seguinte pergunta: Qual é o perfil corporal que melhor representa a sua aparência física atual?⁴.

São reservados 30 minutos em cada aula semanal para prática de atividades corporais que consistem de exercícios de alongamentos, estabilização, propriocepção e treino de equilíbrio com o intuito de



estimular a prática regular de exercícios físicos.

Os instrumentos utilizados para avaliação dos acadêmicos no início do semestre serão reavaliados ao término do mesmo para mensurar o quanto a proposta da disciplina impactou nos aspectos avaliados.

Resultados e Discussões

Espera-se encontrar como resultado a melhora no nível de atividade física, consciência corporal, flexibilidade e qualidade de vida dos estudantes que participarem regularmente das atividades semanais propostas pela disciplina.

Atualmente muitas pesquisas trazem acadêmicos como público alvo de estudos relacionados à qualidade de vida, qualidade do sono, nível de atividade física, saúde mental, dentre outros aspectos que possuem clara influência no cotidiano dos indivíduos presentes neste grupo⁵. A importância da prática de exercícios físicos regulares vem sendo evidenciada em diversos estudos como recurso de prevenção e manutenção, não somente da saúde física, mas também dos aspectos biopsicossociais⁶.

É relevante o número de profissionais de saúde que se identificam com um perfil sedentário, além de ser consolidado na literatura que a prática carente de exercícios está presente quando os mesmos ainda estão na posição de discentes e justificam o baixo nível de atividade física devido às demandas acadêmicas⁷.

Conclusões

A experiência promovida pela disciplina é fundamental para formação dos acadêmicos de fisioterapia, tendo em vista a importância da consciência corporal e a prática regular de exercícios físicos para esta profissão.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os estudantes da disciplina de Cinesioterapia e Mecanoterapia que colaboraram com a construção desse trabalho, a professora Lorena Arruda pela oportunidade e experiência e em especial a

parceira Caroline Santos pelo apoio e contribuição no trabalho.

Referências

- CICONELLI, R. M. Tradução para o português e validação do questionário de avaliação de qualidade de vida "Medical outcomes study 36-item short form health survey (SF-36)". São Paulo (SP): Universidade Federal de São Paulo, 1997.
- MATSUDO, S. et al. Questionário Internacional De Atividade Física (Ipaq): Estudo De Validade E Reprodutibilidade No Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 6, n. 2, p. 5-18, 2012.
- HEYWARD, V.H. Avaliação física e prescrição de exercícios: técnicas avançadas. 4ª Edição. São Paulo. Artmed. 2004.
- RECH, Cassiano Ricardo; DA SILVEIRA ARAÚJO, Eliane Denise; VANAT, Joyce Do Rocio. Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 2, p. 285-292, 2010.
- BACCHI, C. A. et al. Avaliação da qualidade de vida, da dor nas costas, da funcionalidade e de alterações da coluna vertebral de estudantes de fisioterapia. *Motriz rev. educ. fís.(Impr.)*, v. 19, n. 2, p. 243-251, 2013.
- SILVA, G. S. F. et al. Avaliação do nível de atividade física de estudantes de graduação das áreas saúde/biológica. 2007.
- MENDES-NETTO, R. S. et al. Nível de atividade física e qualidade de vida de estudantes universitários da área de saúde. *Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde)*, v. 10, n. 34, 2013.



OPORTUNIDADES DE ROTA TURÍSTICA PARA A FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM, BAHIA.

Autores: Telma Regina Dias de Souza, Raiane Sampaio, Tadeu Bello dos Santos e Maria de Fátima Araújo Frazão.

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-chave: Umbu; Feira Regional do Umbu; rota turística; Senhor do Bonfim.

Introdução

O umbu tem importância significativa para o semiárido baiano sendo considerado um símbolo de resistência cultural pelos agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais dessa região; o termo é de origem tupi e provém de im'bu que significa “árvores que dá de beber” em alusão à água contida nas túberas. No município de Senhor do Bonfim, na Bahia, ocorre produção de umbu e seus derivados que são comercializados em feiras. Neste contexto, a questão que norteia essa pesquisa é: A visita à produção e à comercialização do umbu pelos agricultores na Feira Regional do Umbu podem se tornar atrativo para a criação de uma rota turística em Senhor do Bonfim? O objetivo da pesquisa é analisar as potencialidades da Feira Regional do Umbu como recurso turístico para a implantação de uma rota turística em Senhor do Bonfim.

Metodologia

A metodologia da pesquisa é um estudo de caso delimitado a Feira Regional do Umbu de Senhor do Bonfim com a realização de entrevistas e de aplicação de questionários com uma amostra intencional dos sujeitos: dois gestores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim e de seis produtores dos distritos de Umburanas e de Cazumba visando diagnosticar as potencialidades para implantação da rota turística no município de Senhor do Bonfim.

Resultados e Discussões

A Feira Regional do Umbu ocorre desde 2009 por iniciativa do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim em parceria com produtores de umbu e seus derivados, sendo comercializadas geleias, doces, sucos, sorvetes, bolos, umbuzada, licor dentre outros e a apresentação de sanfoneiros da região, mostra de artesanatos e de produtos regionais. Buscamos identificar os elementos históricos e geográficos do município de Senhor do Bonfim, a demanda e a oferta turísticas e as vocações da região visto que o turismo compreende um leque de atividades e serviços relativos a deslocamento, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, cultura, visitas, lazer e entretenimento” (Andrade, 2001). A cidade dispõe de dez hotéis e onze ousadas, vinte e cinco restaurantes, cinquenta lanchonetes, seis agências bancárias, linha regular de ônibus para Salvador e cidades vizinhas, hospital regional e clínicas médicas, batalhão de polícia e corpo de bombeiros, mais de mil estabelecimentos comerciais, serviço de telefonia móvel, entre outras estruturas necessárias à demanda de uma rota turística. Neste sentido, uma rota turística pode reforçar a identidade e a regionalidade do município pela utilização de “um itinerário com base em um contexto histórico e/ou temático, pode contemplar vários roteiros e perpassar diversas regiões turísticas” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007, p.78), neste caso delimitado às especificidades da produção e comercialização do umbu em Senhor do Bonfim na Feira Regional do Umbu. Vale ressaltar que nas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, demonstraram o interesse desses atores



envolvidos nas atividades de produção e comercialização em realizar roteiros turísticos com a ênfase na Feira e a existência de parcerias já firmadas com associações e cooperativas da região com este propósito. Foi possível perceber nas falas dos entrevistados a intenção de sensibilizar a sociedade bonfinense para o potencial dos atrativos turísticos da região. Diante desse contexto, é viável elaborar um projeto da Rota Turística a ser definida em parceria com os produtores da agricultura familiar que cultivam o umbu e fabricam seus derivados, como doces, geleias, suco, umbuzadas, sorvetes, polpas nos distritos, além de incluir os proprietários de engenhos, fazenda e roças que comercializam seus produtos nas feiras do Município de Senhor do Bonfim, de modo a gerar trabalho e renda, repercutindo na economia da região.

Conclusões

Demonstram-se as possibilidades de implantação da rota turística no município de Senhor do Bonfim ressaltando o significado do umbu e seus derivados, bem como a necessidade do envolvimento da sociedade bonfinense e do poder público, empresários, entidades sociais, com a participação destes em todo processo de elaboração do projeto de modo a sensibilizar para a tomada de consciência acerca do patrimônio ambiental, cultural, artístico e paisagístico da região e de pertencimento à localidade.

Agradecimentos

Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Senhor do Bonfim, Grupo Produtivo Solidário de Mulheres em Ação em Umburanas e Grupo Produtivo União com a Natureza em Cazumba.

Referências

ALMEIDA, Joaquim Anécio. Turismo Rural ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2000.
ANDRADE, José Vicente de. Turismo Fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2011.

BRASIL, MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível: <www.mma.gov.br>. Acesso em: 16 mar. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Introdução à Regionalização do Turismo. – Brasília, 2007.

DIAS, Reinaldo. Introdução ao turismo. São Paulo: Atlas, 2005.

DUQUE, José Guimarães. BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. O Nordeste e as lavouras xerófilas. 4.ed Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004

FARIAS, Sara Oliveira. História Regional e Local II. Salvador: EDUNEB, 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do Turismo. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MACHADO, Paulo. Elementos Históricos, geográficos, Econômicos e Culturais de Senhor do Bonfim. Disponível em: <<https://blogpaulomachado.wordpress.com/2010/09/05/elementos-historicos-geograficos-economicos-e-culturais-sebrae/>>. Acesso em: 15 de Maio 2016.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. A agricultura camponesa no Brasil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
X SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – X SPPI



A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE TRANSITORIA NA CONTEMPORANEIDADE A LUZ DA ECOLOGIA HUMANA

Alexandre Junior de Souza Menezes¹
Ricardo Jose Rocha Amorim²

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB - e-mail: alexandrejuniorism@hotmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB - e-mail: amorim.ricardo@gmail.com²*

Palavras-Chave: Juventude; República estudantil; Gestão socioambiental; Formação Técnica; Jovens do Campo.

Introdução

Permanecer ou voltar para o campo não significa necessariamente uma derrota ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha motivada pelo desejo de manter um padrão de vida possibilitado pelo fato de morar com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que, até recentemente, só eram disponíveis nas cidades. (Carneiro, 2007, p. 60)

O acesso aos bens materiais e simbólicos mencionados pela autora leva a construção de novas perspectivas para se pensar a prática formativa do sujeito jovem. O conhecimento adquirido o provoca a repensar suas intervenções no meio ambiente e quais as consequências destas para a sua vida. Além disso, outra questão que emerge está ligada à constatação do envelhecimento da população e de maneira particular para o campo. Há um declínio da população jovem, o que requer desta maneira uma formação que garanta a harmonização entre a sociedade e o meio ambiente.

É nesse sentido que a ecologia humana ganha espaço no debate, uma vez que estabelecer este diálogo entre sociedade e meio ambiente de maneira harmoniosa torna-se aspecto fundante na

contemporaneidade. A escolha do tema para esta pesquisa se dá exatamente pela necessidade de ampliar o olhar para as discussões que circundam a área ambiental, de maneira particular ao que diz respeito às práticas ambientais sustentáveis e que considere uma relação harmoniosa entre a natureza e a sociedade (o ser humano).

Vincular a proposta à investigação dos processos formativos de jovens que estão intimamente ligados às temáticas ambientais se fortalece por considerar o potencial agregador e criativo que este público tem, todavia, ainda pouco explorado e que se desde cedo for trabalhado, neste caso na sua formação básica, teremos reversões significativas nas práticas ambientais, um diálogo direto com a ecologia humana.

Deste modo, é pertinente considerar que nas últimas décadas os avanços tecnológicos, o aumento de indivíduos no planeta e o crescente número de indústrias têm provocado grandes consequências no meio ambiente, gerando essas ações antrópicas que têm se tornado práticas constantes. Nunca se discutiu tanto sobre as questões ambientais como nos últimos tempos, ocorrência das mudanças climáticas no mundo, sendo o homem o principal fator para esses acontecimentos. Sendo assim, há a necessidade de se pensar em formas de estacionar esse desequilíbrio vigente e trabalhar a mudança de hábitos. Tais aspectos vinculam-se diretamente às questões da ecologia humana no que diz respeito a relação do homem com o meio

ambiente incluindo os fatores sociais, econômicos e psicológicos (Begossi, 1993).

As relações estabelecidas pelas pessoas com a natureza e a transcendência aos conceitos da ecologia tornam primordiais para se construir novas perspectivas quanto a forma de entender o comportamento humano sob as influências de variáveis ambientais e vice-versa (Machado, 1984; Park, 1936). Desta forma, pensar a formação de jovens para o cuidado com as questões ambientais em sua prática pessoal e profissional a partir da experiência formativa vivenciada no curso técnico em agropecuária e/ou gestão ambiental torna-se pertinente para a ampliação e consolidação dos conceitos de Ecologia Humana.

Assim, justifica-se esta pesquisa junto ao público jovem que opta por uma formação ligada ao trato direto com o meio ambiente ou das questões que dele derivam, por perceber que em muitos dos casos o pouco conhecimento ou ainda informações equivocadas quanto aos cuidados ambientais em detrimento ao uso desenfreado dos recursos naturais pelo humano estão presentes no cotidiano das sociedades contemporâneas. Ao se deparar com práticas diversas que dialogam com as ações ambientais e seus impactos sociais, se faz necessário também construir um diálogo direto com as significações e o equilíbrio entre o humano e a sociedade. Tal equilíbrio requer conhecimentos específicos e/ou amplamente divulgados e esclarecidos.

Parte-se do princípio da necessidade consolidação de um processo contínuo de formação para que possa pensar no avanço nas questões que vinculam o humano a natureza. Então, se a formação técnica e/ou profissional conseguir vislumbrar tais aspectos é possível que tenhamos profissionais que incluirão em sua prática cotidiano um olhar holístico para a sua atuação, tal premissa deva considerar “o pressuposto de partida

que privilegia a análise das mútuas dependências, experimentadas nos ecossistemas, entre os seus ocupantes e os recursos disponíveis” (Pires & Craveiro, 2011, p. 4).

A inserção do debate das questões ambientais no Plano Nacional de Educação – PNE e a sua implementação nas ações curriculares da Educação Básica, como necessidade eminente e todas as questões dele geradas fortalecem a inquietação sobre a temática. A formação dos jovens na modalidade profissional, especialmente na área de agrárias, na região, tem uma característica específica: a relação direta com as demandas do agronegócio. Compreender então tais processos formativos possibilita a construção de um novo cenário formativo para as futuras gerações e vincula diretamente o debate para a relação humano e sociedade e sua relação de interdependência.

Assim, a pesquisa tem por tema de interesse A formação de jovens técnicos em agropecuária e gestão ambiental e sua relação com o contexto do semiárido. O interesse por esta temática localiza-se na observância do envolvimento de jovens que vivem em comunidades do campo, em fase de escolarização, dispendo da agricultura familiar, inseridos nos movimentos sociais e nas novas perspectivas de geração de renda em áreas rurais, numa busca da continuidade de sua formação. Em muitos dos casos, esses jovens concluem os estudos em escolas localizadas em áreas urbanas ou em distritos e/ou aglomerados com perspectivas urbanocêntricas. Consequentemente toda a formação se dá com um currículo voltado para aspectos que dão ênfase nas atividades não agrícolas.

Todavia, alguns jovens que estão envolvidos em ações comunitárias, ligadas a atividades de organizações não governamentais e à associação de trabalhadores rurais têm a possibilidade de conclusão do ensino médio na modalidade



profissionalizante, porém, para tanto necessitam sair de sua comunidade e se deslocar para o centro urbano da cidade Juazeiro-BA. Isso graças ao intermédio de uma das ações realizadas pelo IRPAA, a república de estudantes, localizada na área rural de Juazeiro – BA.

Estes jovens recebem apoio do IRPAA em termos de hospedagem e formação na perspectiva da Convivência com o Semiárido - CSA, além de manter o vínculo com as atividades agrícolas que faziam parte do seu cotidiano nas comunidades de origem. Ao mesmo tempo estudam no Centro Territorial de Educação Profissional do Vale do São Francisco – CETEP/Juazeiro/BA na educação formal para conclusão do ensino médio na modalidade profissionalizante (Cursos técnicos em Agropecuária e Gestão Ambiental). A república acolhe ainda egressos do curso técnico profissionalizante nas áreas acima mencionadas e que estão no curso superior de Engenharia Agrônoma ofertado pela UNEB. Destaque-se que atualmente estes jovens começam a adentrar em outros cursos de áreas distintas em universidades da região.

Este estudo trouxe contribuições significativas para o espaço acadêmico, de maneira particular para fortalecimento das discussões acerca da Ecologia Humana e da Gestão Socioambiental como áreas do conhecimento, além de possibilitar o avanço do conhecimento quanto aos processos formativos de jovens e benefícios a comunidade externa ao meio acadêmico, uma vez que diretamente poderá iniciar uma ruptura nas práticas pessoais e profissionais destes sujeitos.

Assim o objetivo deste estudo é compreender a relação ambiente, sociedade e sujeito presente no processo formativo dos jovens estudantes em agropecuária e /ou gestão ambiental e sua vinculação com sua prática pessoal e profissional.

Metodologia

Na Pesquisa Qualitativa, que tem como objeto o desvelamento de um fenômeno social e encara como principal desafio a construção de um conjunto de saberes implicados na vivência pedagógica/social de educadores do campo. Como perspectiva de um Estudo de Caso, uma vez que possibilitará uma análise mais aprofundada do objeto de estudo em tela.

Como instrumentos de pesquisa foi utilizada a observação do cotidiano dos jovens, uma vez que a observação “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (Lakatos & Marconi, 2003, p. 190). Além de criar e aplicar o diário do cotidiano de experiência de formação de jovens afim de aflorar elementos subjetivos dos jovens a serem explorados com as entrevistas narrativas, entrevistas por profundidade e memoriais, uma vez que se pretende adentrar ao objeto de estudo de forma adensada e ampliada. O trabalho com narrativas é crescente nas pesquisas em áreas sociais e humanas, considerando que estão presentes nas mais variadas experiências e espaços da sociedade.

O cenário da pesquisa foi na república de estudantes do IRPAA. Tendo em vista que, este espaço, desde o ano de 1994, recebe jovens estudantes originários do campo para fazerem o curso profissionalizante técnico em Agropecuária e, mais recentemente, o curso técnico em Meio Ambiente no Centro Territorial de Educação Profissional do Vale do São Francisco – CETEP SF, sendo a República o espaço de apoio e convivência durante o período de estudo. O ingresso desses jovens à República do IRPAA tem critérios: ser jovem do campo onde não há escolas técnicas profissionalizantes mais próximas; ser de famílias com poucas condições financeiras para mantê-los fora da propriedade familiar, indicados (as) por entidades e/ou organizações locais que também desenvolvam uma ação

efetiva junto à comunidade [...]. (Oliveira, 2014, p. 28)

Sendo os sujeitos da pesquisa os jovens estudantes que estão no início da formação e aqueles que estão concluindo e/ou já tenham concluindo e estejam na fase de estágio ou atuação profissional, tendo em vista atender aos objetivos propostos para esta pesquisa.

A análise dos dados ocorrerá mediante a sistematização e categorização das informações, sendo utilizado método de análise de conteúdo, além da produção de dados numéricos que auxiliam na confrontação dos resultados por meio de gráficos e tabelas originários da aplicação de questionários.

A partir do debate da análise de conteúdo em Bardin (1977), o percurso do trabalho com os dados desta pesquisa pode ser compreendido da seguinte forma: pré-análise: consiste na organização dos dados coletados. Exploração do material: essa fase diz respeito à transformação dos dados em levantamento de questões e pré-análise do objeto de estudo, também pela seleção da qualidade do conteúdo coletado e coordenação das atividades de estudo e escrita; Construção de Categorias: após a exploração do material, será realizada a classificação dos elementos levantados durante a leitura e seleção dos recortes para a categorização dos dados; Tratamento dos Resultados: versa na operacionalização lógica das categorias através da interpretação e discussão dos coletados.

Resultados e Discussões

A criação do diário e sua aplicação, nos possibilitou acessar conteúdos e elementos subjetivos, sem comprometer ou constranger os colaboradores da pesquisa, tendo acesso a tais núcleos de sentido, que, provavelmente, utilizando outras ferramentas, não teríamos extraído com precisão, além disso, a ferramenta por si só, rendeu narrativas suficientes e completas para o estudo.

Os outros elementos (memoriais, entrevista narrativas e por profundidade)

metodológicos, que complementaram a coleta de informações, puderam aflorar informações para a construção da pesquisa. Assim os núcleos de sentidos identificados em comum, com maior repetição nas narrativas dos jovens que vivem na república do IRPAA e os que já concluíram o ciclo de formação técnica e já estão no mercado de trabalho foram.

Assim os núcleos sentidos identificados foram e uma breve descrição da sua centralidade foram:

- *A construção Identitária*: onde os jovens relatam que os processos de formações (formal e não formal), possibilitaram a compreensão e reorganização dos seus entendimentos e conceitos a cerca da identidade, além do empoderamento de gênero;

- *Movimentos Sociais*: as narrativas evidenciam o papel dos movimentos sociais para o processo de construção identitária e profissional do sujeito, além da contribuição para o engrandecimento e desenvolvimento do senso crítico e subjetivo de cada um;

- *Formação Contraditória*: nos trechos e escritas dos jovens, os mesmos evidenciam a angustia de uma formação deslocada, onde muitos conceitos, teorias e práticas, não convêm a realidade vividas pelos jovens tanto na república como nas comunidades;

- *Perspectivas Futuras*: muitos dos jovens que já saíram e ate mesmo os que ainda estão vivendo na república, é notória a preocupação com o futuro, principalmente relacionado ao mercado de trabalho e outras formações;

- *Convivência e Desafios com o Espaço e Meio Ambiente*: nesta categoria, o que nos chamou a atenção, foram os posicionamentos diversos dos jovens com relação ao meio ambiente, onde a maior evidencia da fala dos ex e atuais residentes da república é a preocupação com a convivência com o semiárido, que é uma questão ecológica e ambiental. Onde, os mesmos apontam as mudanças de hábitos e



comportamento, após os processos formativos.

- *Cultura, Tradição e Religião*: Estes três elementos, foram fortes nas falas dos jovens, onde as religiões (protestante, católicos, candomblé e espírita), estavam presentes nos coletivos dos residentes da república. Além disto, foi notado que a fé, é uma das bases e orientações para todos os sujeitos, que valorizam e buscam deixar evidente nas narrativas.

- *Novos Hábitos, Culturas e Tecnologia*: As narrativas possibilitou notar a descoberta de novos mundos, principalmente ligado as tecnologias, evidenciado nas falas: “antes eu não tinha muito acesso a internet”, “internet é tudo para um estudante”, entre outras falas, no qual o paradigmas tecnológico é forte na cultura juvenil e passar ser realidade no contexto do jovens do campo, onde todos utilizam das tecnologias para estudar e se comunicarem.

Conclusões

Considerando toda a discussão construída, até então, a realização do estudo junto ao público jovem que opta por uma formação ligada ao trato direto com o meio ambiente ou das questões que dele derivam por perceber que, em muitos dos casos, o pouco conhecimento ou ainda informações equivocadas quanto aos cuidados ambientais em detrimento ao uso desenfreado dos recursos naturais pelo humano estão presentes no cotidiano das sociedades contemporâneas. o diário permite e dar visibilidade a questões subjetivas, que muitas vezes, passam despercebido ou não é dada a devida importância.

Podemos notar que há um protagonismo juvenil do campo, onde os mesmos são militantes das causas sociais e de um semiárido (meio ambiente) justo, conservado e para todos, onde nas suas narrativas, podemos perceber a preocupação com o futuro do ecossistema e o interesse de lutar por melhorias para ele.

Além da desaprovação das bases capitalista da formação formal (CETEP), que não convém com a realidade dos mesmos.

Agradecimentos

Agradecemos ao PPG EcoH e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES¹ pelo apoio e incentivo a realização desta pesquisa.

Referências

Bardin, L. 1997. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

Begossi, A. 1993. **Ecologia Humana: Um enfoque das relações Homem-Ambiente**. INTERCIENCIA 18(1):. p. 121-132. Disponível em: <<http://www.interciencia.org.ve>>. Acesso em 23 de março de 2016.

Carneiro, MJ. 2007. **Juventude e novas mentalidades no cenário rural**. In: _____; CASTRO, Elisa G. de (comps). *Juventude do campo em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Lakatos, EM; Marconi, MA. (2003). **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas.

Machado, PA. 1984. **Ecologia Humana**. Brasília: Cnpq, Ed. Cortez / Ed. Autores Associados.

Oliveira, AD. 2014. **Jovens no Semiárido Baiano: Experiências de Vida e Formação no Campo/ Adelson Dias de Oliveira**. Salvador. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado da Bahia - Faculdade de Educação. PPG em Educação e Contemporaneidade.

Park, RE. 1936. **Human Ecology**. American Journal of Sociology Vol.42, No. 1 Jul. pp. 1-15.

Pires, IM; Craveiro, JL. 2011. **Ética e prática da Ecologia Humana: Questões introdutórias sobre ecologia e a emergência dos riscos ambientais**. Coleção Ecologia Humana 1. Lisboa.



TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS E O COTIDIANO ESCOLAR: POTENCIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO

Andréa Bispo dos Santos ¹
Mary Valda Souza Sales ²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: andrea.mestradouneb@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: maryssales@gmail.com²

Palavras Chave: Tecnologias Digitais Móveis; Aprendizagem Significativa; Táticas dos Praticantes; Cotidiano Escolar.

Introdução

O presente artigo é oriundo de uma pesquisa em andamento que visa analisar o potencial das tecnologias digitais móveis no cotidiano de estudantes do Ensino Médio em seu processo de aprendizagem. Os dispositivos móveis estão presentes nas escolas, muitos deles portados pelos próprios estudantes, independente do Projeto Político Pedagógico da escola, problemática que afeta os processos de ensino e de aprendizagem na contemporaneidade. Serão relatadas táticas de aprendizagem significativas, praticadas pelos estudantes em seu cotidiano, que expressem a extrapolação das estratégias institucionais. A pesquisa parte do problema: **Em que medida as tecnologias digitais móveis contribuem para a elaboração de táticas pelos sujeitos com vistas à construção da aprendizagem em seu cotidiano?** Como metodologia, conta com a bricolagem como estratégia de construção de um método de pesquisa.

Os objetivos específicos estão assim elencados: a) descrever quais dispositivos móveis os sujeitos portam em seu cotidiano; b) compreender as táticas que os sujeitos utilizam em seu cotidiano para aprender e c) demonstrar as táticas criadas pelos estudantes em seu cotidiano por meio dos usos de tecnologias digitais móveis para aprender.

Metodologia

A pesquisa está pautada no suporte epistemológico da Fenomenologia. “A consciência é então o meio intencional do aparecer e da aparência do que está sendo sentido: o próprio fenômeno” GALEFFI (2009, p.34). A fenomenologia refere-se aqui a condição de ver os acontecimentos em ato, ou seja, que se dão de uma forma instituinte no cotidiano dos estudantes. O artigo aponta que a pesquisa originária tem como caminho para construção do método a bricolagem, para dar sentido à fenomenologia enquanto chão epistemológico, uma vez que a bricolagem permite uma construção do método, considerando os acontecimentos do dia-a-dia no campo e cumprem com a exigência do rigor científico, já que prevê também o uso de instrumentos de pesquisa a saber: questionário para levantamento inicial sobre dispositivos móveis, seus usos e significações, diário de campo para os registros do cotidiano, grupos focais e entrevistas semiestruturadas, caso ainda seja necessária uma complementação aos dados produzidos nos grupos focais. A respeito do grupo focal, encontra-se em FLICK, (2009, p. 182): “(...)as discussões em grupo correspondem à maneira pela qual as opiniões são produzidas, manifestadas e trocadas na vida cotidiana”. Os grupos focais são instrumentos que permitem um diálogo aberto sobre temáticas voltadas à tecnologia e educação, possibilitando que os sujeitos possam emitir sua opinião, questionarem as ideias disparadoras e assim os dados são

produzidos a partir do debate, já que considera a coletividade como um constructo.

Resultados e Discussões

A pesquisa se encontra em andamento e está sendo realizada no universo de 411 estudantes dos cursos de Tecnologia da Informação e Eletrotécnica, do Ensino Médio, Modalidade Integrada, no Instituto Federal de Educação de Camaçari. O entendimento até então sobre tecnologias digitais móveis e aprendizagem é que estas podem exercer um papel potencializador para os sujeitos que aprendem, em diversas áreas, em seu cotidiano. Essa visão refere-se a ideia de que a aprendizagem se dá na escola como também para além de seus muros, na vida dos estudantes. E que estes usam seus dispositivos para aprender vários conteúdos, não somente aqueles ligados às propositivas da escola. Os dispositivos mais usados são os *smartphones* e *tablets*, além de *pendrives* e *notebooks*. São utilizados pelos estudantes diversos aplicativos, e o youtube, por conta das vídeo aulas são uma tática frequente entre os eles, que dizem facilitar a construção da aprendizagem de uma forma diferente daquela ensinada em sala de aula física. As contribuições de Michel de Certeau (1994) que ele denomina de “invenções do cotidiano” e “artes do fazer”, tem sido ponto de interesse de pesquisadores; acredita-se que, justamente por esta forma de ser e estar no mundo contemporâneo o homem acaba criando táticas de como viver, independente das estratégias institucionais. Por portarem seus dispositivos móveis, acredita-se que os estudantes têm criado caminhos autônomos e instituintes para a construção de sua aprendizagem significativa, valorizando os processos abertos, criativos e coletivos, quando usam aplicativos e produzem novos conhecimentos que são compartilhados. A pesquisa em andamento não se constitui como uma propositiva de modificação das questões instituídas legalmente para as escolas, em seus currículos e Projetos Político Pedagógicos, mas trata de fazer uma escuta atenta e ativa sobre o que tem sido a

escola após a presença constante de dispositivos móveis, e, ainda, de propriedade dos estudantes, que estão em uma boa parte do seu tempo conectados em rede. De que forma os estudantes compreendem esse fenômeno? Como eles compreendem? O que relatam? Quais são as luzes e as sombras? A escola só se sustentará como organismo vivente e enquanto uma tecnologia que ainda é, se conseguir questionar seus processos, como sendo “um dispositivo (...) destinado a produzir algo”. Sibilía (2012, p.13). Um importante argumento é considerar que as táticas escolhidas pelos sujeitos para melhor aprender ou resolver situações do seu cotidiano da vida escolar e fora dela não está ligado ao fato de que os(as) professores(as) tenham perdido seu valor, ou sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, esse lugar de docência pode estar em um processo de resignificação. Leva-se, portanto, em conta um protagonismo estudantil aliado a uma visão inovadora de Educação que possa contribuir para o desenvolvimento de uma prática docente que inclua novas vivências e novas experiências. Na atualidade os dispositivos móveis possibilitam um alto poder comunicacional e conversacional entre as pessoas. Os estudantes, sujeitos desta pesquisa são além de usuários, produtores de conteúdo, onde as tecnologias móveis são não só um meio, mas representam uma potencialidade criativa que ativa o dinamismo presente nos diversos fazeres de seu cotidiano. A Educação na contemporaneidade, revestida de seus modelos tradicionais, tem sido permeada por táticas transgressoras e com isso, paradigmas disruptivos estão sendo criados em função do desenvolvimento tecnológico. As Tecnologias digitais móveis tem sido um meio para tal, e, um meio pressionador, que gera tensionamentos sobre o quanto afeta positiva ou negativamente os processos de ensino e de aprendizagem escolares.

Toda atualização pedagógica requer uma revisão crítica do seu fazer, que é expresso por uma determinada corrente



ideológica. Promover reflexões e mudanças na Educação, portanto não é uma tarefa simplista. Quando se apresenta em uma perspectiva transgressora, a Educação revela que o vivido aponta o olhar para o que está por vir. A pesquisa começa a revelar que já existem ares de que as tecnologias digitais móveis podem contribuir em potência e em virtualidade nos processos educacionais, em especial, naqueles que consideram a autonomia dos sujeitos.

Conclusões

Os estudantes portam vários dispositivos móveis como aparelhos celulares (*smartphones*), *pendrives* e *notebooks*. Em primeira instância, estes dispositivos são localizados como meios para a realização das tarefas escolares. Mas, eles carregam uma amplitude por todos os recursos que oferecem, E, os estudantes, ao fazerem uso dessas possibilidades parecem extrapolar o espaço físico e interno da escola. Saem das estratégias escolares, tomam diversos rumos pelas redes de conexões e seguem para diferentes pontos de chegada, conseqüentemente, diferentes construções de aprendizagem. Acredita-se que a presença das tecnologias digitais móveis na escola tem instaurado um fenômeno de aprendizagem e impactado os processos educacionais na contemporaneidade. Nota-se também que os estudantes, além de considerarem as tecnologias digitais móveis como uma possibilidade de aprender melhor, enxergam algumas sombras e sentem-se em determinadas situações, temerosos com tantas inovações, a todo tempo.

Agradecimentos

À Mary Valda Souza Sales, minha orientadora, à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), ao Grupo de Pesquisa em Formação, Tecnologias, Educação a distância e currículo, à Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) e ao Instituto Federal de Educação (IFBA), *Campus* de Camaçari.

Referências

- CERTEAU: Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GALEFFI, Dante Augusto, O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p 13-65.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012
- YIN, Robert. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.



ÓLEO ESSENCIAL NO MANEJO DA PODRIDÃO MOLE EM COUVE-MANTEIGA

Caio de Possidio Estrela Lustosa¹

Ana Rosa Peixoto²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: caio_pelustosa@hotmail.com¹

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: anarpeixoto@gmail.com²

Palavras-Chave: Óleo essencial; alecrim de canteiro; controle; podridão mole e *Pectobacterium aroidearum*.

Introdução

Pertencente à família *Brassicaceae*, a couve-manteiga se encontra entre as folhosas mais produzidas e consumidas no Brasil, tendo uma elevada qualidade nutricional, esse destaque deve-se à associação com a procura por alimentos mais saudáveis (NOVO et al., 2010).

As doenças causadas por bactérias do gênero *Pectobacterium*, denominadas podridão mole, podem iniciar tanto por aberturas naturais como por ferimentos mecânicos, onde nessas aberturas a bactéria penetra, iniciando assim o progresso da doença (Mello, 2008), sendo mais intensificado nas condições ideais, como em alta temperatura e umidade, provocando a desintegração dos tecidos das plantas, devido a ação das enzimas pectinolíticas que agem na lamela média (Pavan & Kurozawa, 2005).

A ineficácia ou inexistência de produtos que possam fazer o controle químico e que seja eficiente contra as *Pectobacterium*, beneficia a utilização de produtos não registrados, provocando a resistência desses patógenos (Mello, 2011). Dessa forma, vale salientar que essas bactérias têm a capacidade de sobreviver em restos de culturas, em solos e disseminadas por sementes (Michereff et al., 2005).

Os métodos e buscas para controlar a podridão mole são profundos, devido a diversidade que existe nas espécies do gênero de *Pectobacterium*, por possuir ampla gama de hospedeiros e existir uma distribuição dessa bactéria em diversas áreas extensivas pelo mundo (LEE et al., 2014).

Algumas plantas têm sido utilizadas como fonte de pesquisa em razão de suas características antimicrobianas, devido aos compostos que são encontrados na composição dos óleos extraídos das mesmas. Os componentes encontrados são conhecidos por suas substâncias ativas, como compostos fenólicos que estão presentes no óleo essencial (Ribeiro et al., 2012).

O *Rosmarinus officinalis* L., ou alecrim de canteiro como vulgarmente é conhecido, é uma planta da família *Lamiaceae*. É utilizado mundialmente como tempero de alimentos e possui várias indicações farmacêuticas (CARVALHO JUNIOR, 2004), e as pesquisas continuam avançando para investigar quais os componentes majoritários são capazes de inibir o crescimento de patógenos em plantas (Castro & Lima, 2011).

Alguns estudos mostram que existe uma boa relação na concentração dos óleos com a atividade bacteriana, diminuindo linearmente a severidade da doença, à medida que a concentração do óleo essencial vai aumentando, por conter compostos monoterpenos e sesquiterpenos (SILVA-SANTOS et al, 2006). Assim, é avaliado o óleo, onde será analisada a ação dos componentes bactericidas sozinhos ou sincronizados (Ohno et al., 2003).

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho foi avaliar os efeitos do óleo essencial de alecrim de canteiro no controle da podridão mole, causada por *Pectobacterium aroidearum* em couve-manteiga.



Metodologia

O trabalho foi realizado no Laboratório de Fitopatologia e em casa de vegetação do Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro-BA.

As concentrações do óleo essencial foram 0,25%; 0,5%; 0,75% e 1,0% (v/v). Dessa forma, foram misturados ao meio de cultura 125 µL, 250 µL, 375 µL e 500 µL do óleo de alecrim de canteiro, para cada 50 ml de meio.

A suspensão bacteriana de *P. aroidearum* foi ajustada com o auxílio do fotocolorímetro (Analyser 500, Brasil) para $A_{530} = 0,36$ (1×10^9 UFC mL⁻¹). Em seguida, foi usada 100 µL da suspensão bacteriana, diluída em ADE até alcançar 10^{-6} UFC mL⁻¹ e espalhada sobre o meio de cultura. Posteriormente, as placas foram encubadas em BOD a uma temperatura de 28 °C por 48 horas (Biochemical Oxygen Demand).

Foi realizado o teste de fitotoxidez nas plantas de couve manteiga, com a presença do óleo em suas folhas. Fez-se uso do mesmo óleo e as mesmas concentrações do teste *in vitro*, utilizando 50 ml de ADE para a diluição e em seguida pulverização, a mesma foi realizada, até que a folha completasse o molhamento total da superfície.

As plantas foram inoculadas na região do pecíolo, pelo método da picada, onde foi utilizada uma suspensão bacteriana ajustada em fotocolorímetro a $A_{530} = 0,36$ (1×10^9 UFC mL⁻¹), adaptando-se do método de Ren *et al.* (2001), cada planta sendo inoculada em quatro folhas diferentes, por seringas hipodérmicas e injetando a suspensão contendo a bactéria no mesófilo foliar. Posteriormente, as plantas foram colocadas em câmara úmida por doze horas, com sacos plásticos envolvidos às mesmas, umedecidos e permanecendo em condições controladas de umidade e temperatura (T de 30,6°C ±2 e UR de 72% ±2).

A severidade da doença foi estimada com o auxílio de escala descritiva de 1 a 9, adaptada de Ren *et al.* (2001), onde: 1= sem

lesão no ponto de inoculação, 2= lesões menores que 5 mm, 3= lesões entre 5 e 10 mm, 4= lesões maiores que 10 mm, porém não atingindo as folhas, 5= lesão alcançando o limbo foliar e o caule principal, 6= caule infectado, porém sem atingir as folhas não inoculadas, 7= caule e folhas não inoculadas infectadas, 8= planta inteira próxima à morte e 9= planta morta.

Os testes *in vitro* foram compostos apenas por 4 concentrações (0,25; 0,5; 0,75 e 1%), onde cada concentração tinha 5 repetições + testemunha com a presença da bactéria livre de qualquer concentração de óleo e contendo 5 repetições. O teste *in vivo* foi composto por cinco repetições, com cada repetição formada por quatro folhas em Delineamento Inteiramente Casualizado. Cada experimento foi repetido duas vezes. As médias obtidas foram comparadas pelo teste de Scott-Knott ($P \leq 0,05$) e os dados do experimento foram analisados com o programa estatístico Sisvar versão 5.6.

Resultados e Discussões

No ensaio *in vitro* do laboratório, onde foram testadas as quatro concentrações do óleo de alecrim de canteiro, todas demonstraram capacidade de inibir completamente o crescimento das colônias da bactéria. A presença do óleo independe da concentração, mostrando eficiência tanto na concentração mais alta (1%) como na mais baixa (0,25%).

A literatura aponta que uma das formas de avaliar a fitotoxidez em plantas é através da avaliação visual, onde ocorre queimadura nas folhas ou manchas causadas por algum componente que foi pulverizado nas folhas. Em nenhuma concentração do alecrim foi identificado qualquer anormalidade nas folhas de couve.

No experimento com folhas inoculadas em solução bacteriana, mostrou-se resultados satisfatórios e simétricos (Tabela 1), à medida que aumentava a concentração, menos sintomas eram identificados nas folhas. As concentrações normalmente variam de 0,1% até 1%, pois a partir desse ponto a fitotoxidez é mais expressiva (Guerra *et al.*, 2014).

Tabela 1. Resultados do parâmetro de severidade

Tratamentos	Médias	Resultados do teste
0%	3,85	a
0,25%	2,25	ab
0,5%	2,20	ab
0,75%	1,95	ab
1%	1,35	c

Mesmo não sendo citada atividade inibitória do OE de alecrim sobre *P. aroidearum*, alguns autores provaram que existe um potencial antibacteriano sobre *Pectobacterium carotovorum* subsp. *carotovorum*. O óleo essencial de alecrim a 4% apresentou elevada inibição sobre seis isolados de Pcc (Costa et al., 2008).

Os componentes que são encontrados nos Óleos essenciais são citotóxicos, por esse motivo provoca atividade antimicrobiana, alterando a atividade enzimática, sendo capaz de induzir também a resistência da planta, produzindo energia celular e sintetizando componentes que são responsáveis pela estrutura vegetal ou até mesmo destruindo diretamente a bactéria por sua parede celular, chegando até o material genético (Bakkali et al, 2008), e, assim, à medida que aumentava a concentração desses compostos mais afetava a atividade bacteriana (Figura 1).

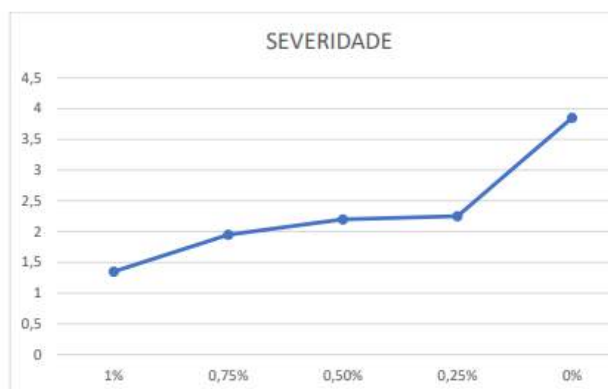


Figura 1. Severidade reduzida à medida que a concentração do óleo aumenta

seus mecanismos de ação está relacionado normalmente por seus componentes majoritários ou pelo menos a combinação de dois ou mais desses (Bakkali et al., 2008). As peroxidases e as quitinases são as principais responsáveis por defender as plantas contra os patógenos pela ação indireta, mesmo que os óleos também possam agir diretamente, desestruturando a bactéria de forma direta, impedindo assim que a mesma complete sua infecção na planta (Pereira et al., 2008). Os mecanismos que são ativados a partir do momento que o óleo entra em contato com a superfície da planta, estão relacionadas com a síntese de lignina e fitoalexinas (Resende *et al.*, 2002).

Conclusões

O controle *in vitro* mostrou que, em qualquer concentração, o óleo de alecrim de canteiro é capaz de inibir o crescimento da *Pectobacterium aroidearum*, formando assim uma solução promissora para esterilizar de placas de petri em laboratório de pesquisa de fitopatógenos.

O óleo é uma opção esperançosa para o desenvolvimento de possíveis estudos mais aprofundados, onde a produção de produtos fitossanitários controle a podridão-mole livre de agroquímicos e diminua a quantidade de bactérias resistentes.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, ao Programa de Pós-graduação em nível de Mestrado em Agronomia: Horticultura Irrigada – PPGHI e a minha orientadora Ana Rosa Peixoto.

Referências

BAKKALI, F.; AVERBECK, S.; AVERBECK, D.; IDAOMAR, M. **Biological effects of essential oils – A review.** Food and Chemical Toxicology, Richmond, v.46, p.446-475, 2008.

CARVALHO JUNIOR, R. N. **Obtenção de extrato de alecrim (*Rosmarinus officinalis*) por extração supercrítica: determinação do rendimento global, de parâmetros físicos e de equilíbrio e outras variáveis processo.** 2004. Tese (Doutorado em



Engenharia de Alimentos) – Faculdade de Engenharia de Alimentos. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CASTRO, R. D.; LIMA, E. O. **Atividade antifúngica dos óleos essenciais de sassafrás (*Ocotea odorifera* Vell.) e alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) sobre o gênero *Candida***. Rev Bras Pl Med, v. 13, n. 2, p. 203-8, 2011

COSTA, C. M. G. R; SANTOS, M. S.; BARROS, H. M. M.; AGRA, P. F. M.; FARIAS, M. A. A. **Óleo essencial de citronela no controle da bactéria fitopatogênica *Erwinia carotovora***. Tecnologia & Ciência Agropecuária, João Pessoa, v.2, n.2, p.11-14, 2008.

GUERRA, M.L.; GUERRA, Y.L.; SOUZA, E.B.; MARIANO, R.L. R. **Essential plant oils in reducing the intensity of soft rot in Chinese cabbage**. Revista Ciência Agronômica, Fortaleza, v.45, n.4, 2014.

Lee, D.H., Kim, J., Lim, J., Han, S., & Heu, S. (2014). **Genetic diversity of *Pectobacterium carotovorum* subsp. brasiliensis** isolated in Korea. Plant Pathology Journal, 30(2), 117-124.

MELLO M.R.F.; SILVEIRA, E.B.; VIANA, I.O.; GUERRA, M.L.; MARIANO, R.L.R. **Uso de antibióticos e leveduras para controle da podridão-mole em couve-chinesa**. Horticultura Brasileira, v. 29, p. 78-83, 2011.

MELLO, S.C.M. ***Pectobacterium carotovorum*: taxonomia, identificação, sintomatologia, epidemiologia e controle**. Ed: MELLO, S. C. M.; CARVALHO FILHO, R. C. Brasília. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2008.

MICHEREFF, S.J. ANDRADE, D. E. G. T.; PERUCH, L. A. M.; MENEZES, M. **Ecologia e manejo de patógenos radiculares em solos tropicais** / eds. Sami J. Michereff, Domingos E. G. T. Andrade,

Maria Menezes. – Recife : UFRPE, Imprensa Universitária, 2005.

NOVO, M.C.S.S.; PRELA-PANTANO, A.; TRANI, P.E.; BLAT, S.F. **Desenvolvimento e produção de genótipos de couve manteiga**. Horticultura Brasileira, Brasília, v.28 n.3 p.321-325. 2010.

OHNO, T.; *et al.* **Antimicrobial Activity of Essential Oils against *Helicobacter pylori***. Helicobacter. v.8, p.207-215, 2003.

PAVAN, M. A.; KUROZAWA, C. **Doenças da Alfafa**. In: KIMATI, H. et al. Manual de fitopatologia: doenças das plantas cultivadas. 4. ed. São Paulo: Agronômica Ceres. cap. 31, p. 285-291, 2005.

PEREIRA, R.B.; ALVES, E.; RIBEIRO JR, P.M.; RESENDE, M.L.V.; LUCAS, G.C.; FERREIRA, J.B. **Extrato de casca de café, óleo essencial de tomilho e acibenzolar-S-metil no manejo da cercosporiose-do-cafeeiro**. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 43, n.10, p. 1287-1296, 2008.

RESENDE, M.L.V.; *et al.* **Induction of resistance in cocoa against *Crinipellis pernicioso* e *Verticillium dahliae* by acibenzolar-S-methyl (ASM)**. Plant Pathology, v.51, p. 621-628, 2002.

RIBEIRO, Daniele Silva et al. **Avaliação do óleo essencial de alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) como modulador da resistência bacteriana**. 2012.

SILVA-SANTOS, A.; ANTUNES, A. M. S.; BIZZO, H. R.; D'AVILA, L. A.; Rev. Bras. Pl. Med., v. 8, p. 14, 2006.



O CORPO QUE SINGRA E SANGRA NA POÉTICA DE LÍVIA NATÁLIA

Davi Nunes dos Reis¹
Thiago Martins Caldas Prado²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: ungareia@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: minotico@yahoo.com.br²

Palavras-Chave: Lívia Natália; Necropoder; Corpo negro; Necropoética.

Introdução

Esse artigo toma como objeto de estudo o trabalho poético da poetisa baiana Lívia Natália, elege como corpora os livros *Água Negra* (2011), *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Águas negras e outras Águas* (2016) e *Sobejos do Mar* (2017), visto que essas obras possibilitam traçar um mapa sensível como um lastro de uma dor coletiva que transcreve o corpo negro inerme no que o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) – expandido o conceito de biopoder de Foucault (2005) – denomina de necropoder. O biopoder e o necropoder se concatenam conceitualmente. O primeiro é o cálculo e a manutenção que o poder faz da vida, do seu controle biológico através dos mecanismos disciplinares e reguladores, a gestão organizada – o deixar viver. Já o necropoder são formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte, isto é, a morte como estratégia de exercício de poder sobre populações inteiras e territórios vistos como inimigos. A tese a ser desenvolvida e defendida é a de que há uma *poesis* desenvolvida por Lívia Natália nessas obras, onde o corpo negro aparece cartografado dentro de uma poética da morte, que pretendo analisar e desenvolver ao longo da escrita do artigo.

A ideia a ser defendida e explorada é a de que essa escrita de Lívia Natália, através de seus versos potentes, projeta e demonstra que o corpo preto singra, navega, compõe a paisagem das comunidades negras em estado de emergência ao mesmo tempo em que

sangra através do metal quente da bala. A escrita de Lívia Natália será concebida, nessa investigação, como *necropoética*, pois expressa o corpo sitiado, preso à exceção soberana do Estado brasileiro, um corpo corroído constantemente pela injúria premente às instituições de poder, pois é destituído de status político, um corpo localizado onde o estado é sempre de exceção, a periferia. Um corpo que pode ser interdito mesmo antes de nascer. Um corpo cuja bala, um cão com mandíbulas ensanguentadas, fareja todo momento. Um corpo policiado, do extermínio. Um corpo, como conceitua Agamben (2002), apesar de estar falando do contexto europeu, mas desloca-se aqui: *matável e insacrificável*. É por esse viés que gostaria de sugerir o conceito de *necropoética*, uma poética da morte esgarçado nos versos, ou os versos como expressão estrutural do necropoder. Lívia Natália nasceu em Salvador-Ba (1979), publicou *Água Negra*, seu livro de estreia, premiado pelo Concurso Literário do Banco Capital em 2011.

Hoje já tem mais cinco livros publicados e ensina Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia, onde se intitulou Doutora em Estudos Literários. Nos quatros livros escolhidos como *corpora* da pesquisa se encontram poemas cujo corpo negro é transfigurado em uma *poesis* da morte. A poetisa busca, com essa operação, de certa forma humanizar e denunciar a morte que se abate sobre uma parte da população que tem faixa etária determinada, cor definida, vida e morte estatizada,

calculada, planejada pelo poder, alocada nos campos de morte, no caso do Brasil, as periferias, a sarjeta das ruas das grandes capitais, os quilombos, os assentamentos rurais, as ocupações nos centros urbanos e tanto outros espaços de subordinação no qual as máquinas de guerra experienciam seu poderio letal.

Metodologia

Utiliza-se como referencial teórico-metodológico o conceito de necropoder de Achille Mbembe (2018), para analisar como a morte é representada na composição poética de Lívia Natália, visto que a morte se apresenta nas várias estâncias e desde o nascimento os corpos negros, representados nos poemas, travam uma verdadeira batalha para irem se esquivando desse espectro que está sempre os circundando.

Resultados e Discussões

A historicidade do corpo negro foi construída através da violência, violação e contrição da sua ancestralidade africana. Desde o tráfico transatlântico até o racismo de estado atual o corpo negro está submetido a uma atmosfera de incerteza, a políticas sádicas de dominação e terror.

Assim, a busca do homem e da mulher negra por uma ontologia, por se tornar sujeito, recai, ou se ver confrontada por toda uma estrutura que o nega como ser. A lírica da morte, nesse sentido, é uma dimensão que Lívia Natália alcança para humanizar os corpos negros e também para denunciar, através de sua *poesis*, o *fazer morrer* do Estado brasileiro, que se abate principalmente sobre os corpos negros(as). Nesse sentido, a investigação compartilhada alinha elementos da poética da morte construída pela poetisa e busca sustenta signos que explodem nos versos para rasurarem e se insurgirem ao poder e construir outras grafias diante de um estado de interdição biológica dos corpos negros(as).

Conclusões

A *necropoética* explicita os corpos negros, dissidentes, como no caso de Lívia Natália, precisam lidar com a finitude iminente de suas vidas e dos seus semelhantes para erigir uma poética que precisa flertar com o horrível, a morte, para substancializá-la de humanidade, diversificando os caminhos com a escrita em sua relação com o tempo sempre de emergência, para se insubordinar com letalidade premente dos seus corpos. Visto isso, a ideia contida nessa investigação e que acaba, também, por revelar a importância da mesma, justificando-a é a de que pensar essa construção poética de Lívia Natália como rasura, que investe na dimensão *necropoética* para desconstruir estereótipos sobre nossos corpos e existências e esgaçar o horror que estamos submetidos no estado da necropolítica. Uma literatura que se apresenta como o lugar do contradiscurso, comprometida e fundamental para a construção de uma outra sociedade, na qual o respeito à diferença seja real, e não edificador de letalidades.

Agradecimentos

Agradeço a FAPESB pelo financiamento para o desenvolvimento das pesquisas que venho realizando. Ao PPGEL pela infraestrutura e conhecimento apreendido nas aulas e debates no mestrado. Ao meu orientador professor Thiago Martins Caldas Prado e a professora Márcia Rios pelo carinho e o auxílio na busca e desenvolvimento da minha pesquisa.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Mascaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.



FOUCAULT, Michel. (2005) “Aula de 17 de março de 1976” In: Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins, p. 285-315.

FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura.** Salvador: Ogums Toque negros, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. Raça e Classe,** Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NATÁLIA, Livia. **Água Negra.** Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

NATÁLIA, Livia. **Correntezas e outros estudos marinhos.** Salvador: Editora Ogums Toques Negros, 2015.

NATÁLIA, Livia. **Água Negra e outras Águas.** EPP Publicações e Publicidade, 2016.

NATÁLIA, Livia. **Sobejos.** Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017.

QUILOMBO, Grada. **A Máscara.** São Paulo. Trad. Jéssica Oliveira de Jesus. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 16, p. 171-180, 2016.

RANCIÉRE, J.A. **A partilha do sensível.** Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. Rio de Janeiro, 2009.



FORMAÇÃO CONTINUADA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JUAZEIRO-BAHIA E A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Elenice Pereira dos Santos¹
Josenilton Nunes Vieira²

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: nyce_pereira@hotmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia- UNEB – e-mail: vieirajn47@gmail.com²*

Palavras-Chave: Formação Continuada; Educação Contextualizada; Convivência; Currículo.

Introdução

O presente estudo traz como proposição enveredar pelos processos investigativos que analisam e estudam a formação continuada numa perspectiva relacional voltada para a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro na Rede Municipal de Ensino de Juazeiro-Bahia, considerando a natureza de significados construídos para a formação humana dos (as) estudantes, possibilitados a partir de uma educação que preza pela cultura, saber, pertencimento e pelas tradições de um povo que tem em suas vivências valores que exalam aspectos da convivência com o ambiente especialmente no condizente a dimensões culturais e sociais que o aproxima do contexto em que está inserido problematizando e tornando-as conhecidas nas suas relações, tendo a escola como referência de lugar para abordagem das discussões e os professores (as) como mediadores (as) do conhecimento.

A pesquisa traz como objetivo geral compreender as implicações da Formação Continuada dos professores do Sistema Municipal de Ensino de Juazeiro – Bahia para o processo de implantação da proposta da Educação Contextualizada para a Convivência com este território Semiárido.

O objetivo central da pesquisa se desdobra em três objetivos específico sendo o primeiro, Desvelar as bases epistêmicas e conceituais que fundamentam as políticas de formação de professores no contexto das reformas educacionais vivenciadas no Brasil;

o segundo, Identificar os principais elementos potencializadores na relação entre a Formação Continuada de professores e a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro no Sistema Municipal de Ensino de Juazeiro-Bahia; e o terceiro Demonstrar as potencialidades da implantação de uma proposta de Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido nos espaços rural e urbano, a partir das políticas de formação continuada vivenciadas em Juazeiro – Bahia.

Metodologia

Trata-se de um estudo analítico de abordagem quali-quantitativa com viés fenomenológico onde será utilizado como instrumento de coleta de dados informativos para a pesquisa entrevistas semiestruturadas. Assim, ancora-se nos fundamentos norteadores do método fenomenológico firmados nos estudos postulados por Schutz (1979).

A análise dar-se-á na Escola de Formação de Educadores – Parlim – EFEJ, como também na Secretaria de Educação junto aos formadores e professores da Rede Municipal de Ensino de Juazeiro – Bahia. Tem como proposição e perspectiva norteadora desvelar o tratamento dado às formações oferecidas aos educadores (as) nos preceitos da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, com o intuito de contribuir e perceber a relação entre os elementos propostos como

objeto de estudo preocupando-se com os aspectos relacionados à realidade.

Resultados e Discussões

A formação continuada como polo de apoio à capacitação profissional contribui para construção da identidade docente oportunizando a interação e troca entre os parceiros presentes no ato cotidiano do exercício profissional, ou seja, professor-professor, professor-aluno, aluno-professor exercendo uma função social essencial para a vida nos espaços intra e extraescolar. A este respeito Freire (1996, p.12) explicita que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado”.

Assume uma perspectiva de educação emancipatória, transcendente que visa à formação e reflexão crítica do cidadão capaz de romper com os estigmas da descontextualização presentes no currículo e suas interferências nas práticas pedagógicas. Os resultados esperados pela pesquisa serão dados sistematizados a respeito das formações para contribuir com a Secretaria de Educação do município e comunidade em geral com elementos norteadores para o processo formativo dos educadores através da formação continuada para a implantação da proposta da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro.

O Sistema Municipal de Ensino de Juazeiro – Bahia dispõe de instrumentos que são utilizados a fim de subsidiar a prática pedagógica dos professores no âmbito escolar com o intuito de assegurar a efetiva aprendizagem dos estudantes. Dentre os instrumentos que dão suporte a prática docente se encontram as formações, a Proposta Curricular do município, material didático e sequências didáticas fornecidas nas formações. A Proposta Curricular do município de Juazeiro-Bahia traz em sua estrutura descritores de aprendizagem cujo propósito está em revelar determinadas competências e habilidades a fim de propiciar a aquisição da escrita, da leitura, e do cálculo no processo de desenvolvimento cognitivo e assim possibilitar a apropriação do sistema

alfabético baseado na inserção e valorização da cultura letrada como também das práticas sociais de oralidade. Neste sentido, os planos de aulas e atividades propostas pelos professores aos estudantes baseiam-se em descritores tendo como suporte para a aprendizagem os gêneros textuais e jogos educativos visando alcançar metas que são estipuladas com a finalidade de serem atingidas ao final de cada ciclo da alfabetização.

O município tem trabalhado com projetos educacionais aliados a programas nacionais de educação de perspectiva universalizante pautado na lógica homogeneizante de base construtivista que visam atingir os altos índices de alfabetização medidos pelos indicadores de avaliação externa. Uma vez aplicadas às avaliações é realizado o diagnóstico a fim de detectar o nível de aprendizagem em que se encontram os estudantes tomando como referência uma escala de níveis de Língua Portuguesa e de Matemática. Concluída a análise diagnóstica os dados são lançados no sistema através do preenchimento de uma planilha para aferir o nível em que cada aluno se encontra.

Desenvolve iniciativas em parceria com o Instituto Ayrton Sena e com a Editora Aprender com foco na alfabetização com o intuito de melhorar os índices de alfabetização da Rede Municipal de Ensino de Juazeiro-Bahia, ações que foram intensificadas no ano de 2017 e 2018 com investimento nas formações para os professores alfabetizadores e materiais didáticos de apoio pedagógico, sendo assim, uma política pública implantada com o objetivo de atingir as metas estabelecidas no Plano Municipal de Educação.

Conclusões

Uma educação de perspectivas mobilizadoras cujas iniciativas ensejam a arte de construir pontes não comporta cercos petrificantes que paralisam e dicotomizam a vida em sociedade negligenciando a capacidade do ser. Comporta um conhecimento pertinente que dá sentido e



significado a existência nos enlaces construídos na experiência vivida através de um movimento unificador onde o compartilhamento e diálogo são tecidos em conjunto. Assim, no entrelaçamento de uns com os outros o formar e formar-se alcança a dimensão paradigmática de respeito à diversidade cujos propósitos impulsionam para o desconhecido. Questionar se torna ação de impulsão mobilizadora e base para o ecoar das vozes que não se calam diante das imposições que esfacelam e oprimem. O caminho do significado é trilhado por seres pensantes capazes intervir no mundo. O conhecimento é ferramenta de ação social e o ensinar uma experiência que promove a consciência do inacabamento criando possibilidades numa perspectiva progressista.

A pesquisa se propõe a compreender as implicações da formação continuada para a implementação da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido onde os colaboradores são autores do processo no movimento permanente de busca. O processo é o caminho que se

pretende conhecer, compreender e interpretar a fim de alcançar os objetivos propostos através de problematização da realidade.

Os dados concernentes à elaboração da pesquisa se encontram em construção visto que o procedimento metodológico encontra-se em andamento com a realização das entrevistas e observações tornando possível apresentar somente informações parciais colhidas nas primeiras investidas a campo.

Agência de Fomento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

Referências

SHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 34a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



LEITURA NA ESCOLA: CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DO TEXTO

Elisângela de Almeida Carlos¹
Gredson dos Santos²

Universidade Estadual da Bahia – UNEB – e-mail: elieli5carlos@yahoo.com.br¹
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – e-mail: gredsons@bol.com.br²

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Gêneros textuais; Leitura; Descritores.

Introdução

Uma das muitas dificuldades enfrentadas pelos professores de língua materna da rede pública de ensino é a defasagem de grande parte dos alunos no que concerne à leitura. São notórias as deficiências da maioria dos alunos dos anos finais do ensino fundamental II em relação à leitura, compreensão e interpretação de textos. Isso por diversos fatores: por não ter sido trabalhada com eficácia nas séries anteriores; por privilegiar apenas o ensino gramatical da língua, prática essa tão comum ainda na grande maioria das escolas; ou, ainda, por questões de cunho cultural referente aos hábitos de leitura dos envolvidos na prática escolar. Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo é trabalhar com o uso de descritores específicos de leitura da Matriz de Referência de Língua Portuguesa (SAEB-MEC) para que os alunos adquiram competências e habilidades necessárias à ampliação dos níveis de leitura e letramento, levando em consideração os gêneros textuais: crônica, notícia e tirinha. Desta forma, o trabalho apresenta uma Proposta de Intervenção Pedagógica – na perspectiva de contribuir no desenvolvimento de algumas habilidades leitoras – que traz em seu cerne a leitura como prática social e uma necessidade escolar.

Metodologia

Levando em consideração que os estudantes ainda encontram dificuldades para dominar as habilidades básicas de letramento, optou-se por uma investigação de abordagem qualitativa, associada à pesquisa-ação, pois

além de descrever e analisar os dados coletados na turma do 9º ano do Ensino Fundamental II busca intervir diretamente nas dificuldades encontradas em sala de aula em relação à leitura, produção e compreensão textual. Sendo assim, trabalhar as atividades de leitura e escrita em sala de aula focada nos gêneros textuais é uma forma de possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência oral e escrita, pois ele estará partindo de situações comunicativas que estão próximas de sua realidade diária.

Desta forma, elaborou-se uma proposta de intervenção, que se insere no âmbito da Linguística Aplicada, de caráter participativo, com análise de dados a partir de uma atividade diagnóstica de leitura, elaborada, levando em consideração os descritores (D1, D3, D4 e D6) de leitura da matriz de referência de Língua Portuguesa, com objetivo de propor contribuições para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos do 9º ano de uma escola pública no município de Nova Ibiá-Ba.

Resultados e Discussões

Nesta pesquisa, tivemos como participante uma turma do 9º ano, do turno Vespertino do Colégio Municipal Ismênia Moura de Carvalho. Composta por 26 alunos, sendo nove do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Os alunos apresentam a faixa etária entre 13 a 16 anos, alguns alunos encontram-se com baixo nível de desempenho em leitura, interpretação e compreensão de textos exigidos para a série em questão. A pesquisa encontra-se em andamento, por este motivo, os resultados aqui apresentados são parciais.

Os alunos são provenientes de famílias com poucos recursos financeiros, o que também reflete no dia a dia da escola. De modo geral, os alunos são dispersos, sendo necessário chamar atenção constantemente, bem como, estimulá-los durante a realização das atividades propostas em sala de aula. É notório o interesse da turma pelo ambiente virtual. A maioria acessa com frequência as redes sociais para postar fotos, mensagens e entrar em contato com amigos, os acessos acontecem em casa de amigos, lan house e pelo celular.

Através das atividades realizadas, percebeu-se as dificuldades apresentadas pela turma em, interpretar os mais variados gêneros textuais, fazer inferências e dialogar com o texto em questão. A leitura é uma prática importante para a construção do conhecimento e exercício da cidadania. Com as mudanças no mundo moderno e o avanço tecnológico, a escola deixou de ser o único local de fonte de conhecimento, é notório que os adolescentes desinteressaram-se pela leitura, a qual é trabalhada na escola. Na produção escrita, os alunos apresentaram vocabulário restrito, erros na sintaxe, dificuldades na estruturação e pontuação de frases e organização dos parágrafos.

A análise dos resultados da avaliação diagnóstica de Língua portuguesa evidencia que, de maneira geral, os alunos apresentam dificuldades no tópico I – **Procedimentos de leitura**. A seguir, apresentaremos os dados referentes aos itens analisados e o percentual de erros e acertos, para melhor visualização do aproveitamento do aluno, nas atividades propostas.

Tabela 01 - Desempenho Geral da Turma

Número de questões da avaliação	Número de alunos que realizaram a avaliação	Percentual de acertos	Percentual de erros
10	26	48%	52%

Fonte: A autora

Analisando o aproveitamento dos alunos em relação à leitura, percebe-se que a turma obteve um baixo índice de acertos na

avaliação, foram computados cerca de 125 questões corretas, que equivale a um percentual de 48% de acertos. A avaliação apresenta sete textos que fazem parte do domínio jornalístico. Esses resultados demonstram que os alunos precisam melhorar, no tocante às habilidades de leitura aqui analisadas. Fica evidente que, falta aos discentes maior domínio discursivo na leitura, de forma que possam atender as necessidades sociais. Percebe-se que mesmo apresentando textos curtos e que trazem temáticas que pertencem ao cotidiano dos alunos, os dados obtidos revelam que os alunos não dominam habilidades e competências básicas exigidas para o 9º ano do Ensino Fundamental II.

Após a aplicação e análise da atividade diagnóstica foi elaborada uma proposta de intervenção, com a carga horária de 20 horas aulas. Tendo em vista, os dados qualitativos e quantitativos, foi possível traçar caminhos e metas para auxiliar o desenvolvimento de competências e habilidades referentes à leitura. A proposta de intervenção foi organizada em dez oficinas, a fim de contribuir para o aperfeiçoamento da competência leitora, com base nos seguintes descritores: D1 – Localizar informações explícita em um texto, D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão, D4 – Inferir uma informação implícita em um texto e D6 – Identificar o tema de um texto, contidos na Matriz de Referência de língua portuguesa do nono ano, do Ensino Fundamental II.

Após a aplicação das oficinas, foram realizadas atividades avaliativas, a fim de verificar se houve avanços no que tange as habilidades trabalhadas. Sendo assim, podemos afirmar que, apesar das dificuldades de leitura que os estudantes ainda possuem, de modo geral, houve uma minimização daquelas apresentadas por eles no diagnóstico. Comprovamos tal afirmação através da análise dos nossos resultados, conforme será demonstrado.

**Tabela 02 – Desempenho Geral da Turma Pós-
oficinas**

Número de questões da avaliação	Número de alunos que realizaram a avaliação	Percentual de acertos	Percentual de erros
12	26	68%	32%

Fonte: A autora

Podemos constatar que a maioria dos alunos que participaram do processo, apresentou progresso notável. Na sondagem inicial, tivemos um aproveitamento de 48%, já na sondagem final a turma acertou 312 questões, ou seja, o equivalente a 68% de acertos na prova.

Os resultados das demais habilidades não foram apresentados, porque estão em processo de análise.

Conclusões

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, mas foi possível perceber que o ensino da leitura e compreensão de textos, nas aulas de Língua Portuguesa, ainda apresenta-se como desafio no contexto da Educação Brasileira, uma vez que a maioria dos nossos alunos apresenta dificuldade no processo da leitura.

Sendo assim, o nosso trabalho oportunizou diferentes leituras aos alunos e assim, despertou, o gosto, o aprendizado e a formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes. É imprescindível a criação de diferentes oportunidades para levar os estudantes a ler. Tarefa não muito fácil, mas foi possível explorar esse universo e torná-lo atrativo na escola, com o uso dos diversos gêneros textuais.

Acredita-se que trabalhar com o gênero textual é provocar reflexão sobre o uso da língua, proporcionando um processo de interação, pois através dos inúmeros gêneros que podem ser trabalhados em sala de aula, é possível abordar os aspectos formais e informais da língua, sabendo quando e como usá-los.

Escolhemos ensinar o uso de estratégias de leitura para que os discentes pudessem ampliar o desenvolvimento das

habilidades leitoras e conseqüentemente se constituírem sujeitos críticos e autônomos. Partimos da concepção de leitura como prática social e do estudo da língua sob a ótica do interacionismo.

Percebe-se então que a variedade de leituras enriqueceu o cotidiano escolar e aprimorou o desempenho individual de cada aluno. Assim, houve importante reflexão sobre como o ato da leitura é primordial para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Sobre o desenvolvimento da nossa sequência didática, observamos que os alunos apresentaram uma reação positiva ao uso de estratégias de leitura. Ao analisarmos cada participação dos estudantes, vimos que todos apresentaram um progresso considerável na realização das atividades de compreensão leitora.

Percebemos que eles participaram de forma ativa, e que a aprendizagem da língua materna pode ser mais agradável quando os conteúdos são trabalhados a partir de uma leitura prazerosa.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. et alli. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/**



- Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. **oprimido**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação; **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências**. Livro Introdutório – Documento Básico – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Brasília: MEC/inep/dacc, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão**. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1998.
- COUTINHO, Afranio . **A Literatura no Brasil**.4ed. São Paulo: Global, 1997.
- DELMANTO, Dileta. **A leitura em sala de aula**. Construir Notícias, Recife, n.45, mar./abril.2009.
- FREIRE, Paulo . **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do**
- _____. **A importância do ato de ler**. In_ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.
- GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985.
- INEP. **Características do Saeb**. Disponível em: www.portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados. Acesso 01 de março de 2018.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre. Artmed, 2002.
- Kleiman, Ângela B. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas SP: Pontes, 1999.



O ECOSISTEMA COMUNICATIVO DA COMUNIDADE DO RODEADOURO EM JUAZEIRO - BA

Isabela Esteves Gomes¹
Juracy Marques²

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB - e-mail: isabelaesteves@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia - UNEB - e-mail: juracymarquespshy@gmail.com²*

Palavras-Chave: Educação; Educomunicação; Ecosistema Comunicativo; Saberes Populares; Estudos Culturais.

Introdução

O pensamento único é produto dos ideais capitalistas que, há muito deixou de ser apenas um sistema econômico, para constituir-se numa ideologia, num modus operandi, numa filosofia. Além disso, esse fenômeno também rompe os limites geográficos e invade globalmente a realidade dos países. Passando a influenciar sua política, cultura e educação.

No caso das instituições formais de ensino, onde a “cognoscibilidade do planeta constitui um dado essencial à operação das empresas e à produção do sistema histórico atual” (SANTOS, 2000, p.16), ao defendem valores morais deste sistema hegemônico, submetem a sociedade a agir conforme dogmas preconceituosos e egoístas, onde mais vale o quanto, do que o como, os porquês ou os vários nomes e conceitos possíveis.

O investimento nesta direção afasta a escola da vida, da educação, aquela significativa, encontrada no cotidiano, na vivência e na convivência entre os seres e seu ambiente natural. Lugar onde o meio ambiente e as pessoas não estão em lados opostos, são extensões um do outro, estão unidos, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2017, p. 95).

É por crer na educação como princípio vital humano e não como fórmula que este trabalho se configura. O cenário então é um mundo, este é o melhor adjetivo para caracterizar a dimensão do ambiente de pesquisa, um mundo, pela diversidade de práticas, de culturas e de relações, não como coisa, mas como vida. E delimitado para o

exercício acadêmico, elege-se o Sertão do São Francisco, como cenário, moradia e fonte de vida e de saber, onde a natureza e as pessoas são um corpo só e estruturam um meio social vivo, assim sendo, o saber é delineado a partir das relações entre as pessoas, com a natureza, individualmente, com outros grupos e com o mundo. Essas plurirrelações constroem conhecimentos conectados com a vida e de acordo com suas práticas cotidianas que, mediadas pela linguagem, formatam redes de interação, nestas, além de comunicar os elementos que a constituem, funcionam como fontes de informações, pois nelas estão contidos os signos e os significados do mundo para aquele grupo. O produto elaborado destas interações dá o sentido para o contexto.

A investigação do sujeito enquanto ser social, integrante de coletivos, nos quais reconfigura quem é, a sua essência, a partir destes contatos e das suas mediações pessoais e sociais. Como um ser mutável que é, este estudo considera identidade social e cultural como algo permanentemente construído e reconstruído.

Enveredar na dimensão simbólica do ser é revelar sua produção de saberes, sua visão de mundo e sua condição mosaica, contrapondo a verdade única e contra essa crença na unicidade do ser e da vida, está proposto a investigação de uma realidade social, a fim de contribuir para a discussão sobre a “diversidade epistêmica do mundo” (SANTOS, 2008), onde percebe-se que os conhecimentos são “contextuais e parciais” e produz, segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), uma “ecologia de saberes”.



A presente pesquisa investiga a/na realidade da comunidade Rodeadouro, localizada na cidade de Juazeiro – BA, inserida politicamente no Território de Identidade Sertão do São Francisco. Envoltas num processo complexo de comunicações e mediações, “conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.55) que articuladas entre si, as práticas de saberes e a estrutura comunicativa do grupo, produzem seu ecossistema comunicativo.

Para compreender como isso ocorre na prática social e documentar esta reflexão no contexto acadêmico, foi delineada a problemática deste estudo, na compreensão de que se os grupos sociais possuem uma lógica diferenciada de saber, nascida de uma relação com o território e de uma cultura sustentada na coletividade, elementos da dimensão simbólica, então estruturam sua visão de mundo inspirados nesses elementos e seu ecossistema comunicativo é caracterizado a partir deles.

Prevalece nesta problemática a curiosidade epistêmica de investigar este conceito teorizado, na vida prática cotidiana da comunidade do Rodeadouro, localizada no Sertão do São Francisco, este estudo deseja pensá-lo, investigá-lo e compreendê-lo com seus próprios procedimentos de aprendizados. Pretende-se ir à realidade para aprender com ela e a partir dela.

Desencadeando processos filosóficos em torno do que se entende por educação, não como algo escolarizado apenas, tendo os limites pelos interesses capitalistas envolvidos, mas a educação cotidiana como sendo todas as experiências de ensino-aprendizagem contínuas que se estabelecem ao longo da vida “todas as práticas de relação entre seres humanos e entre eles e a natureza” (SANTOS, 2008, p.157).

Muitos são os povos habitantes desta região do Território do São Francisco, como categoria assumida para este trabalho considera todos eles como comunidades populares e elege-se a realidade quilombola como lócus e sujeitos da pesquisa. Tal

escolha, justifica-se por inúmeras razões, seja pelo equívoco no registro da nossa história brasileira pretérita, na qual o etnocentrismo branco prevaleceu na tentativa de apagar as lembranças da escravização dos africanos em território brasileiro, seja pela tentativa política de reparação deste erro histórico, prevendo leis (art. 68 da CF) que reconhecem as injustiças do passado e tentam recuperar no presente as perdas materiais e simbólicas sofridas ou pelas características definidoras de sua personalidade comunitária, as quais são importantes para a investigação das práticas sociais singulares.

Para tanto, delineia-se a questão norteadora do estudo sobre como os saberes cotidianos, as mediações comunicativas e o sentido do território, articulados entre si, configuram o ecossistema comunicativo da comunidade do Rodeadouro?

Com base nesta orientação inicial e geral, aprofunda-se na investigação, cujo objetivo geral é caracterizar o ecossistema comunicativo da comunidade do Rodeadouro.

O primeiro passo segue na direção de identificar o sentido de pertencimento dos membros da comunidade ao Território de Identidade Sertão do São Francisco, não como uma “paisagem esterilizada pela homogeneidade imposta por modelos globais que violam histórias, saberes, desafios e sonhos locais” (SILVA, 2010, p.2) e sim como espaço de construção e reconstrução de vida, significados, sentidos, contemplando a dimensão simbólica que há na relação com o território, não apenas como algo físico e visível, mas da ordem do sentir para seus habitantes, “o entorno vivido é um lugar de troca, matriz de um processo intelectual” (SANTOS, 2006, p. 223).

Em seguida, faz-se o mapeamento, sob os olhos da educomunicação, das práticas cotidianas vivenciadas pelos membros da comunidade.

Aqui, vale um rápido, porém necessário esclarecimento sobre o termo educomunicação, que, unido aos estudos culturais e o território de identidade compõe



o tripé paradigmático como suporte teórico desta pesquisa. Embora seu conceito tenha se popularizado pela aplicação de técnicas no ambiente escolar, a educomunicação nasce da união dos estudos em torno da educação popular de Paulo Freire, onde defende que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46) e da comunicação educativa defendida pelo teórico Mário Kaplún (2002).

Oferecendo conceitos e reflexões na intersecção das suas áreas originárias para compreensão da realidade pesquisada e sua aplicação neste estudo visa compreendê-la como uma união de saberes e comunicações num tal processo orgânico que um não existe sem o outro. São os elementos definidores da prática social coletiva, materializadas nas diversas atividades religiosas, culturais e/ou festivas dos seus integrantes, onde compartilham as lógicas sociais entre si e com outros grupos inter-relacionados.

Portanto, faz-se necessário o suporte teórico dos estudos culturais, sobretudo daqueles latino-americanos que enfatizaram seus estudos na compreensão do contexto cultural a partir do conceito da mediação, defendido principalmente por Néstor García Canclini (1983, 1990) e Jesús Martín-Barbero (2014, 2015).

Então, está proposto um mergulho nas práticas culturais da comunidade do Rodeadouro, localizada no município de Juazeiro ao norte do estado da Bahia, registradas nas suas ações coletivas de natureza religiosa ou festiva, formada pelas noções educativas e comunicativas dos seus membros para o desenvolvimento da dissertação sobre a caracterização do ecossistema comunicativo desta comunidade.

Metodologia

Assim como sua fonte inspiradora e mais conhecida, o ecossistema ambiental, o ecossistema comunicativo também possui elementos que o compõe, sua dinâmica e suas

relações, tudo isso interligado faz gerar um equilíbrio no sistema social. No caso específico do ecossistema comunicativo, esse equilíbrio é responsável pela formação humana em sociedade, na construção de identidades e saberes.

Sabendo que cada realidade é única, a metodologia foi construída de forma contextual e em respeito aos saberes da comunidade do Rodeadouro, por isso, inspirada nos métodos participativos de abordagem traz sua concepção para o delineamento das ações investigativas, pela crença nesta prática como “um potencial de crescimento da consciência crítica, da capacidade de tomar decisões e de adquirir poder” (BORDENAVE, 1994, p. 30).

Inicialmente, no levantamento da história da comunidade e em respeito às primeiras produções científicas sobre o Rodeadouro, é necessário a revisão bibliográfica apresentando todo o arcabouço teórico já realizado por pesquisadores da região.

Para em seguida, investigar o sentido do território para a comunidade, com a realização da travessia, a qual consiste numa “caminhada linear, que percorre um espaço geográfico com várias áreas de uso e recursos diferentes” (VERDEJO, 2006, p.30).

Na direção do segundo objetivo do trabalho, será realizado o calendário de atividades (VERDEJO, 2006, p.32), onde ao relatar as datas comemorativas, religiosas e culturais próprias da comunidade, reúnem-se suas atividades cotidianas na busca por trazer o máximo de detalhes: sobre quem realiza, quando, como e porque ocorre, quem participa como convidados e como estes convites são feitos.

Após estas três atividades articuladas na fase intitulada diagnóstica, pois entende-se a reunião de muitos dados gerais sobre a comunidade, aprofunda-se no procedimento investigativo e chega-se à segunda fase com a realização das entrevistas narrativas, pois neste tipo de recurso “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia

de acontecimentos que constroem a vida individual e social (BAUER e GASKELL, 2012, p. 91). As pessoas participantes desta fase serão identificadas durante a etapa anterior e sob a indicação da comunidade das suas lideranças. Assim, será possível compreender os primeiros dados obtidos, além de relacionar os elementos sobre o território e suas atividades, buscando descrever o “movimento social” da comunicação (conceito de Martín-Barbero, 2015) dentro da realidade.

As entrevistas acontecerão em lugares selecionados pelas entrevistadas e pelos entrevistados, a partir das relações que cada uma e cada um estabelece com o seu espaço.

Importante destacar que todas as fases serão gravadas em vídeo e registradas em fotografias, documentando toda a experiência investigativa e ao final, transcritas em texto. No caso das entrevistas, serão transformadas em resumos que serão lidos para as pessoas participantes para serem aprovados ou revisados por estas.

Por fim, os registros dos dados da pesquisa serão feitos de forma descritiva, de livre inspiração etnográfica, associando o texto produzido pelas observações participantes com as imagens e as falas registradas durante o trabalho de campo, já que as “descrições dos fenômenos sociais é um requisito essencial da pesquisa qualitativa, como primeiro passo para alcançar na explicação e compreensão da totalidade do fenômeno em seu contexto, dinamismo e relações” (TRIVIÑOS, 2009, p. 155).

Tabela 1 – Resumo da metodologia em etapas de pesquisa.

	Etapa	Atividade
1.	Diagnóstica	Revisão bibliográfica
		Travessia
		Calendário de atividades
2.	Desenvolvimento	Entrevistas narrativas
3.	Documentação dos resultados	Texto descritivo com inspiração etnográfica

Fonte: autora

Resultados e Discussões

Nos primeiros dias do mês de março de 2018, entrei em contato telefônico com D. Ovídea, cujo objetivo era marcar um encontro para conhecer a comunidade e apresentar a proposta de pesquisa. A recepção desta senhora foi tão assertiva que ao me falar da realização dali há poucos dias da festa do padroeiro do Rodeadouro, me convidou para participar.

A festa em homenagem a São José acontece no dia 19 de março, inicia às 5h com a alvorada de fogos, em seguida a comunidade se reúne nas casas vizinhas de D. Ovídea e de D. Ana, ambas residências têm comunicação entre si, de livre trânsito para quem quiser entrar ou sair e contribuir com a preparação do jantar coletivo.

Outra parte do grupo divide-se entre a decoração da praça e a arrumação da Igreja. Os custos com ingredientes para o jantar comunitário, decoração da praça e dos andores de Nossa Senhora Aparecida e de São José, bem como para compra dos fogos de artifício são adquiridos com os donativos da igreja, recolhidos durante o novenário em homenagem ao padroeiro e complementados pelas doações da Prefeitura de Juazeiro.

A procissão para São José começa por volta das 17h e segue em cortejo pelas ruas do Rodeadouro. As imagens de Nossa Senhora Aparecida e de São José saem da Igreja e para ela retornam, a duração é de aproximadamente 2h30 acompanhada de muitas canções religiosas populares.

O grupo que segue em procissão é composto pela comunidade organizadora, como também da vizinhança local e de grupos católicos de outras regiões. Ao retornar, uma missa acontece, encerrando as comemorações e o jantar comunitário é servido.

Dentre as primeiras impressões, o fato de existirem duas igrejas, uma ao lado da outra, chamou minha atenção. Uma maior e de construção mais recente, mantém as cores azuis iguais com a antiga, recebe as missas e

as visitas, enquanto a mais velha, permanece fechada.

Para compreender a razão disso, questioneei a D. Ovídea, que, resumidamente me contou sobre a vontade de realizar a demolição da igreja menor e mais antiga, datada dos anos 60, dando espaço para uma “praça mais bonita”, já que outra maior e mais nova foi construída. Todavia, o projeto encontrou resistência dos anciãos da comunidade, impedindo tal ação com a justificativa de manutenção da memória e encontrou ecos de defesa em alguns estudiosos da região que, consultados sobre a ideia original, concordaram com os resistentes e aconselharam não destruí-la.

É possível a identificação de um conflito enfrentado pela comunidade, onde um grupo deseja ‘modernizar’ o espaço sem considerar sua memória patrimonial, enquanto outro defende a permanência em respeito à história local. Este fato merece aprofundamento e estará presente nas etapas de pesquisa, pois fornece elementos interpretativos acerca das noções de território que existem na comunidade e da repercussão disso no ecossistema comunicativo dela, no exercício interpretativo de perceber as intenções de “recuperar memórias e tecer novos laços de pertença ao território” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 21).

Por ora, a igreja como símbolo material religioso “os significados só podem ser ‘armazenados’ através de símbolos” (GEERTZ, 2008, p. 93), tanto para o grupo que defende a demolição da antiga construção, quanto aquele que resiste, lutando pela sua manutenção, movem suas justificativas por sentidos religiosos: de devoção, modernidade/melhoria ou memória. Todas elas revestidas na crença sobre o benefício comunitário. Considerada como lugar sagrado pelos devotos, mobiliza sentimentos e ações de compromisso social, ora para mantê-la originalmente rememorando rituais de iniciação religiosa.

Ou como fonte de prosperidade comunitária, já que sendo capaz de reunir fundos necessários para ampliar o espaço

religioso dentro da comunidade, além da possibilidade de abrigar mais adeptos, afirma seu crescimento populacional e compromisso à fidelidade católica, demonstra também a ampliação de fiéis com o decorrer do tempo. Bem como comunga com a tradição de manter imponência, tornando-a objeto de admiração e respeito, “o poder desse símbolo, analisado ou não, repousa claramente em sua abrangência, em sua produtividade ao ordenar a experiência” (GEERTZ, 2008, p. 94), portanto, o tamanho da construção, nesse caso pode ter a ver com imposição da fé católica dentro da comunidade.

O mais importante deste resultado preliminar é a evidência materializada pela coexistência das duas igrejas lado a lado que, simbolicamente exprime o processo de mediação vivido pela comunidade sobre suas “novas maneiras de estar juntos” pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 21) e num exercício de abstração, a mera construção civil cuja intenção é a prática da fé, amplia seu significado social e adquire um status sacrossanto.

Ainda sobre esta experiência com a festa para o padroeiro, vale enfatizar nesta fase inicial da pesquisa, a descrição dos cânticos durante a procissão e toda a ritualística envolvida. Se, atentamente observados, são capazes de transmitir valores, mitos e disseminar comportamentos morais, tidos religiosamente como adequados.

Durante todo o cortejo, muitas canções conhecidas foram evocadas e compuseram a atmosfera de fé, união e oração entre os participantes. Numa pesquisa rápida, após o acesso aos registros em vídeo realizados no dia, foi possível a identificação dos seus títulos, portanto, foram cantadas, dentre muitas outras composições os Benditos de São José e dos Romeiros da Terra, como também a Ladainha dos Empobrecidos, compuseram o repertório.

“Dai chuva com abundância, Meu Jesus de Nazaré” (trecho do Bendito a São José) e “Quem se une ao companheiro vence todo

cativeiro, é feliz e tem a paz” (trecho do Bendito dos Romeiros na Terra). Os trechos em destaque representam alguns pedidos registrados nas letras e a orientação ao comportamento social. Ambos trechos são cantados diversas vezes ao longo de toda a música e sua execução fez-se apenas pelas vozes das mulheres que lideraram a procissão e vez por outra, convidavam pessoas das comunidades visitantes para dividirem a função.

Por não possuírem acompanhamentos instrumentais, as vozes seguiam num ritmo cadenciado, falavam das letras ao mesmo tempo em que pronunciavam as palavras, estendendo a duração de cada sílaba, função oposta à oratória, produzindo assim, um movimento rítmico. Sob este rico recurso vocálico fazia-se dispensável a presença de instrumentos, as vozes amparadas apenas pelo amplificador instalado num carro de som, bastavam para compor uma performance religiosa.

Suas letras apresentam estruturas semelhantes, compostas por mensagens de preces e sobretudo, fazendo o recurso da repetição em muitos trechos. Tais procedimentos oferecem acesso instantâneo aos conteúdos morais destas músicas, portanto, no ato reflexivo de compreender os simbolismos envolvidos nesta prática religiosa, a música, tal qual a igreja, analisada anteriormente, é fenômeno simbólico, repleta de significados compartilhados localmente.

Nesta pesquisa, compreende a performance religiosa da comunidade, ao mesmo tempo como um ato educativo, por compartilhar aprendizados sociais, transmitidos pelas músicas e também é comunicativo, pelo fato de reproduzirem simbolicamente uma visão de mundo.

Conclusões

Proceder uma discussão sobre a correlação entre educação, território e cultura merece uma atenção redobrada, uma postura investigativa prudente e muito cuidado na construção do texto.

Ainda na fase embrionária, visto a etapa de qualificação do trabalho, o exercício principal foi proceder leituras sobre a delimitação teórica, a aproximação com a comunidade, o registro dos primeiros dados, bem como o diálogo de tudo isso com a metodologia.

Percebeu-se a necessidade de uma construção metodológica própria, apoiando-se na junção de técnicas das pesquisas participativas como a travessia e o calendário de atividades na fase diagnóstica, enriquecidas com a observação participante, para só enfim, partir para as entrevistas narrativas como forma de aprofundar os dados.

Enquanto a opção para a análise dos dados se deu através da postura descritiva de livre inspiração etnográfica. O trabalho descreverá, ao seu final, todas as etapas da pesquisa, registrando as falas dos membros da comunidade do Rodeadouro, representando a realidade com fotografias e com o acréscimo das observações da pesquisadora.

Tudo isso, devolverá ao Programa uma discussão sobre os saberes populares e como a educação é um recurso para o “ser mais” humano, conceito freireano (2017) que trata como sendo uma condição vital. Não confundir a expressão “ser mais” com “ter mais” do ideal capitalista. Freire (2017) nos ensina que “a educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo” (p. 102).

Estar sendo no cotidiano, no exercício coletivo, na ação, reação, reflexão, na escrita da sua história, pois “não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homem-mundo” (FREIRE, 2017, p. 103). Relações estas que revelam a configuração de um ecossistema comunicativo, cujos elementos formadores são pessoas, mundo, saberes e comunicação. Todos esses elos ecossistêmicos produzem a cultura de um grupo, ou seja, a forma de ver e interpretar o mundo.



Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**; tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002;

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidade**, México: Ediorial Grijaldo, 1990.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semi-Árido Brasileiro**. In: Seminário Nacional sobre Educação contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido. Campina Grande, Embrapa/INSA, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo. Secretaria da Agricultura Familiar – MDA**. Ascar – Emater – RS: Brasília, 2006.



ENXERGANDO OS CONTEXTOS ESCOLARES DE JOVENS DEFICIENTES VISUAIS NO SEMIÁRIDO URBANO JUAZEIRENSE

Isaías Alves Rodrigues dos Anjos¹
Josemar da Silva Martins²

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: isaias.prof8@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: jmartins@uneb.br²*

Palavras-Chave: Deficiência; Educação Inclusiva; Educação Contextualizada.

Introdução

O nascer da pesquisa tem como marco inicial os caminhos acadêmicos, em especial os dois últimos anos da graduação, entre 2014 e 2015, em que tive a oportunidade de aproximação com outros contextos de formação, há exemplo do Centro de Reabilitação Visual - CRV de Petrolina/PE.

Esse contexto de formação alternativo foi um dos campos de aprendizagem do Estágio Supervisionado do curso de Licenciaturas em Ciências Sociais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Juazeiro/BA, que proporcionou a construção de um olhar sobre o que é a deficiência visual e o quão diverso são os contextos das pessoas com deficiência.

No cotidiano social é comum nos depararmos com um cego e direcionarmos nossos olhares para aquilo que lhe falta, a visão, e com a ciência não foi diferente, muito menos comigo. Em meio a essa fragilidade de observação a deficiência visual pode ser compreendida basicamente de duas maneiras, na forma mais reducionista da perspectiva médica: a cegueira (perca total da visão) e a baixa visão (perca parcial da visão) (SÁ, 2007). No entanto, é ao menos curioso que, segundo Brian Street (2010) direcionar o olhar apenas para aquilo que está faltando, baseando-se no seu próprio referencial, é uma predisposição para respostas negativa, e que se encaixa facilmente em uma série de estereótipos criados no meio social e naturalizado cotidianamente por nós.

Compreendendo que, principalmente, o professor cientista social tem por obrigação perceber a sociedade, os sujeitos e suas relações na mais ampla diversidade, torna-se imprescindível fazer da curiosidade investigativa uma constante na nossa formação. Por esse dever docente é que a presente pesquisa se expõe ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB como uma proposta de continuidade. Dentro do PPGESA o projeto ganha novos direcionamentos epistemológicos, trazendo para o diálogo investigativo o objetivo geral de compreender como os contextos escolares do semiárido urbano Juazeirense vem se apropriando das políticas de inclusão. A pesquisa buscando então, compreender os contextos escolares dos jovens deficientes visuais em escolas estaduais de ensino médio, estudar os parâmetros oficiais das políticas de inclusão direcionadas aos deficientes visuais, analisar como a educação contextualizada para convivência com semiárido pode contribuir com as políticas de inclusão e refletir sobre a condição desses jovens no Semiárido urbano Juazeirense, aprofundando os conceitos de jovem, família, inclusão e escola.

Metodologia

A pesquisa se define pelo modelo qualitativo e perceber que o estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2012) e as Histórias de vida (MINAYO, 1993) melhor fundamentam o alcance dos objetivos propostos.

Nesse sentido, o olhar etnográfico perpassa por todo o processo de investigação, utilizando a observação participante que é um instrumento nato da investigação etnográfica, que Angrosino (2009) define como um ato de perceber as atividades e inter-relações das pessoas do cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador, e exige registro objetivo e uma busca de padrões que são identificados nas vivências da cultura cotidiana do grupo participante da pesquisa.

Outro instrumento utilizado é a entrevista semiestruturada, tendo em vista que a flexibilidade proporcionada por esse instrumento permite que tanto o pesquisador quanto o pesquisado tenham liberdade durante a entrevista.

Os dados resultantes das observações estão sendo registrados no caderno de campo e as entrevistas seguem um roteiro orientador com base nos objetivos. Utilizou-se também como forma de registro as funções do celular smartphone para gravar o áudio das entrevistas e fotografar o que viesse a ser necessário.

O cenário geral da pesquisa tem como recorte Colégios Estaduais da cidade de Juazeiro/BA, esse campo empírico foi definido a partir da realização de uma cartografia, mapeamento humano, no qual se identificou os colégios que mantêm jovens deficientes visuais matriculados regularmente no ensino médio, esses dados preliminares foram recolhidos junto ao Núcleo Territorial de Educação de Juazeiro (NTE 10) no início do ano de 2017 e atualizados em 2018. Dessa cartografia, foi definida a mostra de sujeitos e escolas, considerando três colégios estaduais com total de quatro jovens. É importante ressaltar que esses números correspondem ao total de alunos com deficiência visual que estão matriculados no ano letivo de 2018 e que os gestores fizeram solicitação, junto ao NTE 10, de profissionais especializados nessa área.

Com o campo empírico e os sujeitos definidos, iniciou-se então à aproximação exploratória juntamente com os estudos de caso do tipo etnográfico desses ambientes, do

cotidiano escolar e dos jovens participantes da pesquisa.

A primeira aproximação visou compreender os contextos de vida e estudo dos jovens deficientes visuais nos três colégios estaduais, a partir do estudo de campo, descrição e caracterização de cada uma das escolas. O segundo momento teve como objetivo a percepção dos parâmetros oficiais das políticas de inclusão direcionadas aos deficientes visuais e sua realidade aplicada na rotina de cada jovem investigado. Já o terceiro é uma análise teórica e prática de compreender como a educação contextualizada para convivência com o semiárido pode contribuir com as políticas de inclusão no contexto atual desses jovens dentro do que chamamos de semiárido urbano. E por último estão sendo feitas reflexões mais densas sobre as condições desses sujeitos frente aos contextos da pesquisa, para isso as histórias de vida faz o papel de resgatar suas memórias mais significativas para essa compreensão.

Os dados estão sendo avaliados e guiados pela análise interpretativa dos conteúdos. Nesse aspecto, tanto as descrições etnográficas do caderno de campo, quanto às falas dos sujeitos nas entrevistas estão sendo analisados, aliando a sensibilidade e o rigor para que os resultados traduzam as realidades, conforme elas se manifestaram no percurso da pesquisa. Subsidiando a análise dos dados a pesquisa busca referência em Bardin (1977) para enunciar o dito e não dito que podem ser enxergados no cruzamento da teoria e da realidade prática desse processo investigativo.

Resultados e Discussões

Diante do presente contexto territorial da pesquisa é importante perceber que o Semiárido Brasileiro (SAB) se configura muito pelas suas condições climáticas (seus índices pluviométricos, de aridez, risco de seca etc.), no entanto, "O SAB é um território de grande diversidade de paisagens, de povos e suas manifestações simbólico-culturais e

místicas, definindo-o por contextos peculiares, que lhe criam múltiplos semiáridos." (SCHISTER ; CARVALHO, p.20, 2013). É a partir dessa pluralidade que se faz necessária a compreensão desse semiárido Juazeirense, revelando as singularidades em que o campo da pesquisa se insere.

Dentro dos novos paradigmas teóricos, a visão do semiárido enquanto terras secas, improdutivas e de povos sofridos, já vem sendo superada, onde não mais se combate a seca e suas consequências, pois o paradigma da convivência melhor se aplica a esses "múltiplos semiáridos". Diante disso, a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), juntamente com os movimentos sociais e diversas outras instituições, a exemplo das universidades, desenvolveram novas propostas de repensar a educação e as políticas públicas para esses territórios.

Cabe-nos aqui entrelaçar as discussões desenvolvidas pela "Educação Contextualizada" (MARTINS, 2011) - onde os sujeitos são protagonistas - através da "Convivência com o Semiárido" (CARVALHO, 2012) - base de uma educação não formal - que melhor se consolida na proposta de uma "Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido" (MARTINS, 2006), percebendo que Juazeiro vem sendo, nas últimas décadas, um polo chave dessa percepção, onde muitos teóricos dessa linha estão ligados ao Programa de Pós-graduação Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA que já é fruto da militância de um projeto de pensar a educação por um viés diferenciado.

No entanto, a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB) tem se apegado muito as discussões relacionadas às questões climáticas e territoriais do campo, deixando de lado uma compreensão mais objetiva sobre os semiáridos urbanos que adentram nas reflexões sobre as categorias campo, cidade, urbano e rural (NUNES ; PINTO, [2009?]). Por isso a pesquisa busca

desvendar esse Semiárido urbano Juazeirense para melhor delinear se há uma influência dessas especificidades territoriais diante da educação dos jovens deficientes visuais e se a ECSAB vem contemplando a inserção desses diferentes corpos e sujeitos nos seus pensares teóricos e práticos.

Nesse sentido, é cada vez mais urgente entender a diversidade de sujeitos e corpos que fazem parte do nosso meio social, para que possamos nos dar conta de uma série de coisas que invisibilizamos ou apenas fingimos que não existe. É mais ou menos o que fazemos com a deficiência. Os mais sensíveis de nós sabe que ele existe, mas quando pensamos nessa existência é sempre algo distante ou muito específico ao universo pessoal. Esse distanciamento, criado pela falsa impressão de uma quase inexistência, é reflexo das estruturas sociais que oprimem essas pessoas, como evidenciado pelo modelo social (DINIZ, 2012). Não que seja nossa culpa, pelo menos não diretamente, essa não percepção, mais é o fato de que realmente o fluxo de deficientes no nosso dia não reflete a realidade, não que elas não queiram estar lá, passeando pelas ruas, frequentando as escolas ou indo ao shopping, mas que um conjunto de fatores coexistem para determinar o tipo de pessoa que deve frequentar cada espaço, trancafiando esses corpos diferentes em lugares específicos e longe do alcance de uma sociedade perfeita, como acontecia nas primeiras instituições para deficientes.

Segundo os dados do censo 2010, materializado também na Cartilha do censo 2010 - Pessoas com deficiência (2012), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Brasil contava, naquela época, com mais de 45,6 milhões (23,9%) de pessoas que declaravam ter algum tipo de deficiência, tendo o Nordeste mais de 14,1 milhões (7,4%), a segunda região com maior índice de deficientes, ficando atrás apenas da região Sudeste (9,7%). No que se refere à deficiência visual, o Brasil tinha 528 mil cegos, 129 mil só no Nordeste e 35 mil na



Bahia, e 6 milhões com grande dificuldade de enxergar, apontando o Nordeste com 2 milhões e a Bahia com 476 mil, sem contar os mais de 29 milhões de brasileiros que alegam ter alguma dificuldade.

Nesse contexto, os dados apontados pelo IBGE indicavam uma população estimada para Juazeiro de aproximadamente 221.773 pessoas no ano de 2017, onde dados de 2010 revelam um quantitativo de 255 cegos, 6.917 com grande dificuldade de enxergar e 32.772 com alguma dificuldade. Mesmo sabendo que esses dados não revelam o real quantitativo atual, os números já indicavam uma expressividade de sujeito que demandavam um mapeamento mais objetivo, tendo como foco as escolas municipais e estaduais, já que a presente pesquisa direciona seu olhar para a educação.

Essa realidade expressa um quantitativo relevante de pessoas que necessitam ser visibilizadas em todas as instancias sociais. Ligado a isso as políticas de inclusão, enquanto teoria, tem buscado regulamentar uma série de direitos e deveres dos deficientes, a exemplo da Constituição Federal de 1988 (art. 205 e 208), as leis nº 7.853/89, nº 9.394/96 (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional), nº 13.146/15 (Lei Brasileira de Inclusão - LBI), nº 13.005 (Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE) e tantas outras.

Nesse processo investigativo é importante estar atento ao que os teóricos chamam de cultura escolar, ou seja, "[...] corresponde a tudo que envolve diretamente ao espaço escolar, seu cotidiano, são práticas e processos que constituem as marcas institucionais, seus rituais e seus registros." (RODRIGUES; VIEIRA, p.107, 2016). Mesmo que a pesquisa esteja voltada pra os jovens, a escola se configura como uma ponte de ligação entre o pesquisador e o pesquisado, nunca se afastando das discussões levantadas, pois sua cultura influência diretamente a vida e a rotina desses sujeitos.

Esses sujeitos, em que categorizamos como jovens deficientes visuais fazem parte

de duas categorias distintas, mais não menos estereotipadas e complexas. Se a deficiência visual foi definida, na visão médica e generalista, como cego e baixa visão, a juventude em questão se baseia de duas visões. A primeira é o que move as fontes de dados estatísticos e alimenta as pesquisas, que define juventude por uma faixa etária específica de idade (15 a 24 anos, segundo o IBGE). E a segunda "[...] propõe-se dialogar com a ideia de jovem como sujeito social, agente de transformação e possuidor de características específicas em meio à sociedade, marcada pelas mudanças tecnológicas, ambientais e políticas." (OLIVEIRA, p.113, 2016).

Contudo, diante de categorias tão estigmatizadas é que a pesquisa delineia caminho para revelar os principais questionamentos apontados por esses jovens que buscam o seu lugar em meio a essa sociedade excludente. E que para isso é essencial compreender a diversidade de contextos que os cercam por toda sua trajetória de vida.

Conclusões

O contexto da própria pesquisa não garante conclusões, até porque a mesma ainda se encontra em andamento, mas propõe indagações que necessitam ser colocadas e evidenciadas para que se produza um conhecimento que dialogue com uma realidade de invisibilidade. Assim, apresentar um quantitativo pequeno de participante é expor a real situação em que se encontram os jovens com deficiência visual, onde a educação a nível médio para esses sujeitos se encontram fragilizadas por uma série de fatores que não conseguem dar conta das políticas de inclusão, muito menos das especificidades pedagógicas das pessoas com deficiência.

Em meio a isso a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB) vem se apresentando, mesmo que de forma bem discreta, como um potencial meio de



discussão para pensar novos rumos para a educação dessa diversidade de sujeitos.

Agradecimentos

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa e incentivo a pesquisa, ao orientador Prof^o Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh), a Universidade do Estado da Bahia e aos gestores dos colégios estaduais que possibilitaram a aproximação junto aos sujeitos da pesquisa.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar** / Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. - 18^a ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Série Prática Pedagógica).

ANGROSINO, M.; FLICK U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Presidência da República; Casa Civil. **Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Brasília: Congresso Nacional, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm>. Acessado em: 03 de mar. de 2018.

_____. Presidência da República; Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm>. Acessado em: 03 de mar. de 2018.

_____. Presidência da República; Casa Civil. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acessado em: 03 de mar. de 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Políticos-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** / Secretaria de Educação Especial. - Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010. 72p.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**/Luzineide Dourado Carvalho. Judiaí, Paco Editorial: 2012.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** / Débora Diniz, -- São Paulo: Brasiliense, 2012. -- (Coleção Primeiros Passos; 324).

Cartilha do Censo 2010 – **Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. In: Educação para a Convivência com o Semi-Árido Árido: Reflexões Teórico-Práticas. 2a Edição Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

_____, **Educação contextualizada: da teoria à prática**. In: Educação Contextualizada: fundamentos e práticas. Edmerson dos Santos Reis e Luzineide Dourado Carvalho (orgs) - Juazeiro - BA. UNEB/ UNEB/Departamento de Ciências Humanas - Campus III/UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA. 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2^a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.



NUNES, Carla Cristiane; PINTO, Vicente Paulo dos Santos. **Campo, cidade, urbano e rural:** categorias e representações. [2009?]. Disponível em : <[http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalho s%20Completo/Carla%20Cristiane%20Nunes.pdf](http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalho%20Completo/Carla%20Cristiane%20Nunes.pdf)>. Acesso em: 02 de mar. de 2018.

OLIVEIRA, Adelson Dias de. **Reflexo da subjetividade nas identidades de jovens do campo na contemporaneidade.** In: Múltiplos Olhares Sobre a Educação no Semiárido Brasileiro. - Juazeiro: Selo Editorial Resab, 2016. 213p. il.

RODRIGUES, José Roberto Gomes; VIEIRA, Josenilton Nunes. **Profissionalização docente e cultura escolar:** reflexões a partir do campo do ensino de história da educação. In: O paradigma cultural: interfaces e conexões / organização Edmerson dos Santos Reis, Josemar Martins Pinzoh. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2016. 220 p.

SÁ, Elizabet Dias de. **Deficiência Visual /** Elizabet Dias de Sá, Izilda Maria de Campos, Myriam Beatriz Campolina Silva. - São Paulo : MEC/SEESP, 2007.

SCHISTEK, Harald; CARVALHO, Luzineide Dourado. **A formação histórico-geográfica do semiárido brasileiro.** In: REIS, Edmerson dos Santos. Educação e convivência com o Semiárido Brasileiro: Reflexões por dentro da UNEB/Edmerson dos Santos Reis, Maria Luciana da Silva Nóbrega e Luzineide Dourado Carvalho (Orgs.). 2ª edição, - Juazeiro - Bahia: UNEB/Departamento de Ciências Humanas - Campus III/UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA/Selo Editorial RESAB, 2013. 176p. il.

STREET, Brian V.. **Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas.** In: Cultura escrita e letramento / Marildes Marinho, Gilcinei Teodoro Carvalho, organizadores. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.



ASPECTOS BIOQUÍMICOS DA MANGUEIRA CV. TOMMY ATKINS EM RESPOSTA A FORMAS DE APLICAÇÃO DE PACLOBUTRAZOL

Kalline Mendes Ferreira¹
Alessandro Carlos Mesquita²
Welson Lima Simões³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB - e-mail: kmf.agronomia@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB - e-mail: alessandro.mesq@yahoo.com.br²
Embrapa Semiárido, Petrolina-PE - e-mail: welson.simoes@embrapa.br³

Palavras-chave: *Mangifera indica* L.; PBZ; Carboidratos; Indução floral.

Introdução

A manga é uma das frutas in natura de maior importância econômica no Brasil, com base no valor das exportações. Embora seja cultivada em todo o território brasileiro, o cultivo da mangueira concentra-se principalmente no Nordeste, que em 2017 foi responsável por 67,0% da produção nacional. Deste total, a participação do Estado da Bahia e de Pernambuco foi com 28,6 e 24,5 %, respectivamente (AGRIANUAL, 2018).

A possibilidade de produção durante todo o ano é o diferencial de maior interesse na exploração da mangueira nas condições semiáridas, sendo isso possível, devido a manipulação da época de produção, por meio de práticas como podas, manejo da irrigação e uso de reguladores vegetais (RAMIREZ; DAVENPORT, 2010), sendo o paclobutrazol (PBZ) o mais utilizado nessa cultura. O PBZ inibe a biossíntese de giberelinas, reduz o crescimento vegetativo e promove o florescimento (UPRETI et al., 2013).

Respostas diferentes à aplicação do PBZ são obtidas na cultura da mangueira, em função do clima, nutrição e idade das plantas (ALBURQUERQUE et al., 2002). A dose e a forma de aplicação também influenciam a resposta das plantas ao PBZ (MOUCO et al., 2010).

Conforme Million et al. (1999), a aplicação dos reguladores vegetais pode ser realizada por meio do sistema de irrigação, podendo esta ser uma forma de reduzir custo com o produto e a mão de obra na produção

comercial. Simões et al., (2017), relataram que a aplicação de PBZ via sistema de irrigação tem sido testado por alguns produtores na região do Submédio do São Francisco, porém, sem nenhuma validação técnica.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi avaliar o melhor método de aplicação do paclobutrazol e o efeito de doses de paclobutrazol aplicadas via irrigação sobre as variáveis bioquímicas da mangueira.

Metodologia

O experimento foi conduzido no período de fevereiro a agosto de 2018, em um pomar de mangueiras da cultivar Tommy Atkins, na Fazenda Special Fruit, no município de Petrolina-PE. Foram usadas plantas de mangueira da cultivar Tommy Atkins, com oito anos de idade, em um espaçamento de 3 x 10 m. A irrigação da área foi realizada por microaspersores instalados juntos ao colo da planta. A fonte de PBZ utilizada para auxiliar a indução floral foi o Cultar, produto comercial da Syngenta, com 25% de ingrediente ativo (i.a.).

O delineamento experimental utilizado foi em blocos casualizados, em esquema fatorial 5x2 +1, sendo o primeiro cinco doses de paclobutrazol aplicado via sistema de irrigação (0,5; 1,0; 1,5; 2,0; 2,5 g i.a.m⁻¹ linear de copa), sendo o segundo duas fase de coleta (vegetativa e floração) e um tratamento adicional, com a aplicação uma dose na forma convencional (2,0 g.i.a.m⁻¹

linear de copa aplicado manualmente a lanço), com quatro repetições. As parcelas foram constituídas por quatro plantas sendo consideradas as duas plantas centrais como úteis.

Para determinação das análises bioquímicas no tecido foliar, utilizou-se material seco em estufa (folhas), a 60 °C, até atingir o peso constante, em seguida foram trituradas em moinho, e macerada com uma solução tampão e centrifugada para obtenção do extrato. Este extrato foi usado para determinar os açúcares solúveis totais, pelo método de antrona (Yemm & Willis, 1954) e os açúcares redutores, quantificados usando a metodologia descrita por Miller (1959).

Os dados foram submetidos à análise de variância para comparar os métodos e doses de aplicação de PBZ. Os valores médios na dose de 2,0 g i.a.m⁻¹ linear de copa via sistema de irrigação e forma convencional de aplicação foram comparados nas fases vegetativas da planta (vegetativa e floração) submetidos ao teste de Tukey (5%), e as doses aplicadas via sistema de irrigação foram comparadas com as fases vegetativas da planta (vegetativa e floração) submetidas à regressão quando significativos (5%). As análises foram feitas com o auxílio do programa SISVAR® 5.6.

Resultados e Discussões

Pela análise de variância dos fatores estudados, observou-se interação significativa entre as formas de aplicação do PBZ e as fases fenológicas da cultura avaliadas, para a característica açúcares solúveis totais, sendo que utilizando o método convencional (Tabela 1), não houve diferença significativa entre as fases fenológicas, porém, no método não convencional ocorreu maior teor de AST na fase vegetativa. No comparativo entre as formas de aplicação, observou-se que na fase vegetativa, não ocorreu diferença significativa entre os métodos. Já na floração, há maior teor de AST quando utilizado o sistema convencional. Souza et al. (2016), avaliando os teores de AST e AR em função de diferentes formas de aplicação do PBZ e

fases fenológicas em mangueira cultivar Palmer, observaram que as formas de aplicação não apresentaram efeito significativo sob essas características.

Tabela 1. Açúcares solúveis totais (AST) e açúcares redutores (AR) no tecido foliar de mangueira (cultivar Tommy Atkins), em função das formas de aplicação de paclobutrazol e fases fenológicas, no Submédio do Vale do São Francisco. Petrolina/PE, 2018.

	AST (mg.g ⁻¹)		AR (mg.g ⁻¹)
	Convencional	Não convencional	
Vegetativa	6,04 aA	5,57 aA	3,24 a
Floração	5,36 aA	3,58 bB	1,72 b
CV%	8,90		11,44

Médias seguidas de mesma letra minúscula, em cada coluna, não diferem entre si pelo teste de Tukey, a 5% de probabilidade. Médias seguidas de mesma letra maiúscula, em cada linha, não diferem entre si pelo teste de Tukey, a 5% de probabilidade.

Os teores de açúcares redutores foram afetados de modo isolado pelas fases fenológicas da cultura, em que os maiores teores de AR foram observados durante a fase vegetativa. Durante a floração ocorreu uma redução de 47% nos teores de açúcares redutores.

De acordo com Davenport (2007), os teores de carboidratos nas folhas estão envolvidos no desenvolvimento da panícula e na intensidade da indução do florescimento, portanto, a redução tanto dos açúcares solúveis totais quanto dos açúcares redutores durante a fase de floração, pode ter ocorrido em função da demanda energética para formação das inflorescências. Trabalhando com mangueiras ‘Ataulfo’, De Los Santos-Villalobos et al. (2013), observaram que os teores de carboidratos decresceram com o tempo, sugerindo que foram consumidos para originar panículas e para promover o seu desenvolvimento.

Para as variáveis analisadas não foram observadas interações (p<0,05) entre as fases fenológicas e as doses aplicadas via sistema de irrigação, demonstrando que, independentemente da fase, as doses do PBZ proporcionaram o mesmo efeito nas plantas.

Em relação as fases fenológicas (Tabela pode-se verificar que os teores carboidratos foram mais afetados na fase floração.

Tabela 2. Açúcares solúveis totais (AST açúcares redutores (AR) no tecido foliar mangueira (cultivar Tommy Atkins), função das fases fenológicas da cultura, Submédio do Vale do São Francis Petrolina/PE, 2018. **Erro! Vínculo r válido.** Médias seguidas de mesma letra em c coluna, não diferem entre si pelo teste de Tukey, a de probabilidade.

Nessa fase, os teores de açúcares solúveis totais e açúcares redutores tiveram uma redução de 52% e 35% respectivamente. Isso pode ter ocorrido em função da demanda energética para formação das inflorescências. Esses resultados corroboram com o descrito por Bolding et al. (2003), os quais informam que o consumo de carboidratos, normalmente, ocorre por ocasião das brotações e emissão de flores no cultivo da mangueira.

Avaliando os teores de açúcares solúveis totais em função das doses de paclobutrazol aplicadas via sistema de irrigação (Figura 1A), verificou-se que o aumento da dosagem de PBZ, promoveu um acréscimo significativo nos teores de AST.

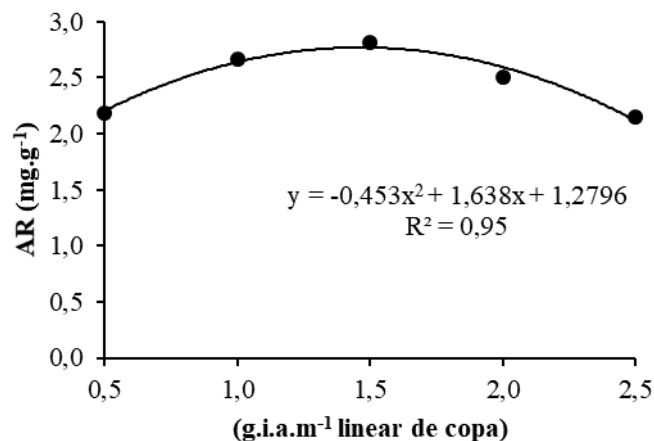
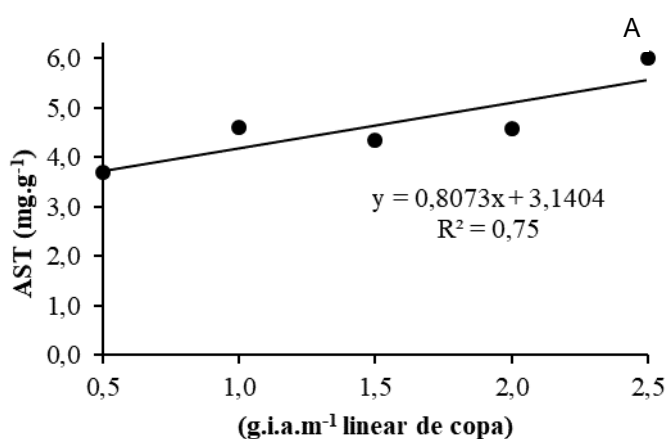


Figura 1. Açúcares solúveis totais – AST (A) e açúcares redutores – AR (B) no tecido foliar de mangueira (cultivar Tommy Atkins), em função das doses de paclobutrazol aplicadas via sistema de irrigação, na região do Submédio do Vale do São Francisco. Petrolina/PE, 2018.

O maior teor de açúcares solúveis totais (6,0 mg.g⁻¹) foi verificado na aplicação da maior dose de paclobutrazol (2,5 g.i.a.m⁻¹ linear de copa), enquanto que o menor teor (3,69 mg.g⁻¹) foi observado com a aplicação da menor dose (0,5 g.i.a.m⁻¹ linear de copa). Esse aumento no teor de açúcares solúveis totais pode ser efeito do declínio do conteúdo de giberelinas pelo paclobutrazol, conforme relatado por Upreti et al. (2014). Segundo esses mesmos autores, as giberelinas promovem a quebra de carboidratos para o sustentar o crescimento vegetativo e como o paclobutrazol atua como um inibidor da biossíntese de giberelinas, conseqüentemente os níveis de giberelinas inibidos contribuíram para o aumento dos níveis de carboidratos. Saxena et al., (2014), em estudo com mangueira “Amparali”, também observaram incremento nos teores de açúcares totais em resposta ao tratamento com PBZ, corroborando com os resultados do presente trabalho.

Quando avaliada a influência das doses nos teores de açúcares redutores, observou-se que houve um aumento com o acréscimo das doses de PBZ até a dose máxima de 1,8 g i.a.m⁻¹ linear de copa, equivalente a 2,76 mg.g⁻¹. Esses resultados mostraram que a aplicação de paclobutrazol

influenciou significativamente no balanço de carboidratos das folhas. Semelhantemente, Lima (2018) analisando os efeitos bioquímicos de doses de paclobutrazol na indução floral da mangueira ‘Ubá’, também observaram um acréscimo nos teores de açúcares redutores até a dose 1,5 g.i.a.m⁻¹ linear de copa, com os dados ajustando-se ao modelo quadrático.

Esses resultados discordam do encontrado por Souza et al., (2016), que observaram uma redução linear nos teores de açúcares redutores em resposta a aplicação de PBZ via sistema de irrigação, onde o menor teor (1,31 mg.g⁻¹), foi encontrado com a aplicação de 1,9 g.i.a.m⁻¹ linear de copa.

Conclusões

A aplicação do paclobutrazol via sistema de irrigação mostrou-se mais eficiente que a aplicação convencional, promovendo redução nos teores de carboidratos no tecido foliar da fase vegetativa para a fase reprodutiva, que provavelmente implicará em uma redução no crescimento vegetativo e melhor qualidade e quantidade de inflorescências.

O paclobutrazol aplicado via sistema de irrigação promoveu o aumento nos teores de AST do tecido foliar.

A dose de 1,8 g i.a. PBZ m⁻¹ (90% da utilizada na aplicação convencional) via sistema de irrigação proporcionou o maior teor de AR no tecido foliar da mangueira ‘Tommy Atkins’.

Agradecimentos

À Capes pela bolsa de mestrado, a UNEB e a Embrapa pelo apoio ao desenvolvimento e condução do experimento.

Referências

AGRIANUAL 2018: **Anuário da Agricultura Brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2018. p. 322.

ALBUQUERQUE, J. A. S.; MEDINA, V. D.; MOUCO, M. A. do C. Indução floral. In: GENU, P. J. C.; PINTO, C. A. Q. (Ed.). **A cultura da mangueira**. Brasília, DF:

Embrapa Informação Tecnológica, 2002. cap. 13, p. 259-276.

BOLDING, H. et al. **Seasonal concentration of nonstructural carbohydrates of five Actinidia species in fruit, leaf and fine root tissue**. *Annals of Botany*, v. 85, n. 4, p. 469-476, 2003.

DAVENPORT, T. L. **Reproductive physiology of mango**. *Brazilian Journal of Plant Physiology*, v. 19, n. 4, p. 363376, 2007.

DE LOS SANTOS-VILLALOBOS, S.; FOLTER, S.; DELANO-FRIER, J.; GÓMEZ-LIM, M.; GUZMÁN-ORTIZ, D. **Growth Promotion and Flowering Induction in Mango (*Mangifera indica* L. cv ‘Ataulfo’) Trees by Burkholderia and Rhizobium Inoculation: Morphometric, Biochemical, and Molecular Events**. *Journal of Plant Growth Regulation*, New York, v.32, p.615627, 2013.

LIMA, J.T. **Efeitos fisiológicos e bioquímicos da mangueira ‘Ubá’ em resposta ao manejo de desponte e aplicação de paclobutrazol**. 2018. 60. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia, UFES, Espírito Santo. Brasil

MILLER, E. L. **Use of dinitrosalicylic and reagent determination of sugar**. *Analytical Chemistry*, v. 31, n. 3, p. 426-428, 1959.

MILLION, J. B.; BARRET, J. E.; NELL, T. A.; CLARK, D.G. **Inhibition grow thof flowering crops with Ancymidol and Paclobutrazol in subirrigation water**. *HortScience*, Alexandria, v. 34, p. 1103-1105, 1999.

MOUCO, M. A. do C.; ONO, E. O. O.; RODRIGUES, J. D. **Mango flower induction in the Brazilian Northeast Semi-arid with gibberellin synthesis inhibitors**. *Acta Horticulturae*, Leuven, n. 884, p. 591-596, 2010.



- RAMÍREZ, F.; DAVENPORT, T. L. Mango (*Mangifera indica* L.) flowering physiology. **Scientia Horticulturae**, Amsterdam, v. 126, p. 65-72, 2010.
- SAXENA, P.; SINGH, V.K.; PATHAK, N. **Antioxidative enzymes and biochemical changes in paclobutrazol induced flowering in mango (*M. indica*) cultivars.** Journal of Environmental Biology, v. 35, n.6, p.1061-1066, 2014
- SIMÕES, W. L.; SOUZA, M. A. de; MOUCO, M. A. do C.; LIMA, M. A. C. de; CALGARO, M. **Paclobutrazol aplicado via sistema de irrigação na indução floral da mangueira Keitt.** In: INOVAGRI INTERNATIONAL MEETING, 4.; CONGRESSO NACIONAL DE IRRIGAÇÃO E DRENAGEM, 26.; SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SALINIDADE, 3., 2017, Fortaleza. Anais... Fortaleza: INOVAGRI: ABID: UFC, 2017.
- SOUZA, M. A. de et al. **Physiological and biochemical characterization of mango tree with paclobutrazol application via irrigation**1. *Pesqui. Agropecu.* Trop., Goiânia, v. 46, n. 4, p. 442-449, Dec. 2016
- UPRETI, K. K., SHIVU PRASAD, S. R., REDDY, Y. T. N. and RAJESWARA, A. N. 2014. **Paclobitrazol induced changes in carbohydrates and some associated enzymes during floral initiation in mango (*Mangifera indica* L.) cv. Totapuri.** Indian J. Plant Physiol. 19: 317-323.
- UPRETI, K. K.; REDDY, Y.T.N.; PRASAD, S.R. S; BINDU, G.V.; JAYARAM, H.L.; RAJAN, S. **Hormonal changes in response to paclobutrazol induced early flowering in mango cv. „Totapuri“.** Scientia Horticulturae, vol. 150, 414–418, 2013.
- YEMM, E. W.; WILLIS, A. J. **The estimation of carbohydrates in plant extracts by anthrone.** The Biochemical Journal, v. 57, n. 3, p. 508-514, 1954.



VISUALIDADES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DA BENETTON

Laila Sampaio Lima¹
Antenor Rita Gomes²

Universidade do Estado da Bahia- UNEB - e-mail: lailima@uneb.br¹
Universidade do Estado da Bahia- UNEB - e-mail: argomes@uneb.br²

Palavras-Chave: Indústria Cultural; Cultura Visual; Violência; Gênero.

Introdução

A violência de gênero é sem dúvida, na contemporaneidade, uma das mazelas sociais que a humanidade ainda não conseguiu ao menos diminuir seus índices. Pelo contrário. Em tempos de discussões a respeito de gênero, a colocação da mulher na sociedade a partir do redimensionamento de sua identidade de gênero e valores de cidadania tornam-se recorrentes a medida em que, a cada dia mais crimes hediondos aumentam as estatísticas. Apesar da luta constante e da mobilização da sociedade civil ainda encontramos uma realidade muito aquém da ideal, onde mulheres perdem diariamente não só auto estima, como também a própria vida.

Neste artigo, veremos como as visualidades da violência doméstica, através dos meios de comunicação de massa, chamam atenção para uma reflexão sobre esse problema milenar. Veremos também os conceitos de Indústria Cultural onde traçaremos um paralelo com a Cultura Visual, (Silva, 2017) além da função exercida pela fotografia da campanha publicitária da *United Colors of Benetton* no engajamento tanto comercial na venda de seu marca, como na promoção do discurso do combate à violência contra a mulher.

Metodologia

Duas fotografias da campanha publicitária da marca Benetton, sobre esse tema, serão analisadas neste artigo, no sentido de contribuir não apenas para uma reflexão crítica da temática, mas do poder que as fotografias através das mídias tem de alcançar a massa, trabalhando ideologias tão

representativas e importantes para a sociedade. Nesse sentido, além da revisão da literatura na área da Indústria Cultural e da Cultura Visual, esse artigo utiliza-se metodologicamente de uma hermenêutica visual ancorada na produção de sentidos através da imagem.

Resultados e Discussões

A partir da década de 30 do século XX, uma nova concepção de estrutura familiar começa a ser desenhada. As referências paternalistas redimensionam-se de modo que essa figura perde a vértice de referência. A família, que é uma importante estrutura social, passa a ganhar novos contornos, pois novas estruturas sociais e culturais começam a ser desenhadas. A sociedade que antes estava ancorada em um símbolo unilateral familiar começa a modificar-se e a autoridade paterna perde força no sentido de que não mais determina formação de valores, ideologias ou formas de vida e de existência. A Cultura passa a partir desse momento a justificar o *modus vivendi* dessa sociedade de massa. Uma cultura que será consumida e ganha um contorno mercadológico, sendo analisada a partir de quem a produz e de quem a consome. Dentro dessa perspectiva analítica de uma produção de cultura surge então o termo “Indústria Cultural”. Esse conceito configura-se na contemporaneidade a partir das ideias de Tehodor Adorno e Max Horkheimer.

Segundo Adorno e Horkheimer (2006), a produção cultural transformou-se em um forte setor econômico. A cultura passa agora a ser um objeto mercadológico que atende ao capital e sua produção advém

de grupos que produzem e disseminam essas “mercadorias culturais” para serem consumidas. A cultura passa a desempenhar um papel econômico decisivo. Esses artefatos estão diariamente expostos nos meios de comunicação (televisão, internet, rádio etc) ao alcance de todos, onde discursos voltados ao consumo e as necessidades de possuir esses produtos são disponibilizados nas famílias, escolas, universidades, locais de trabalho etc. E, na maioria das vezes, nossa falta de discernimento não consegue perceber, pois somos expostos a um processo de “encantamento” diante das imagens desses produtos em suas propagandas, nos impedindo por consequência, o esclarecimento. Quanto mais encantados estamos diante das imagens, menos reflexão temos sobre elas.

É dentro desse aspecto que a Indústria Cultural se aproxima da Cultura Visual. A Cultura Visual é um conceito novo e neste artigo, partimos da ideia de Silva (2012) quando define ser um processo de produção, distribuição e circulação de conjuntos imagéticos e mensagens visuais “que expressam as forma estéticas de comunicação da imagem nos âmbitos de sociabilidade dos espaços privados e públicos” (Silva 2012, pág 117). Complementamos também com a perspectiva conceitual de Nicholas Mirzoeff (2003). Para esse último, a Cultura Visual é fruto das formas de visualidades da vida moderna, onde estas se mostram como mecanismo para compreender o processo cotidiano da contemporaneidade. O autor ainda acrescenta que esse movimento explorará dualidades, ambivalências, discursos e “lugares de resistência do ponto de vista do consumidor.” Imagens reproduzidas nos meios que configuram novas formas de visualidade e de representar a atualidade. Estão imbricadas de significados, ideologias e valores que explícitos ou não corroboram na formação do pensamento.

Partindo da ideia de Cultura Visual defendida por Mirzoeff (2003) e Silva (2012) e entendendo que as visualidades são uma

representação do mundo contemporâneo através de dispositivos tecnológicos, pode-se então fazer uma correlação de que essas imagens, estão, segundo Adorno, submetidas à uma lógica de produção e a seus detentores com intencionalidades na manutenção das relações de poder. Assim, inferimos que esses artefatos estão ligados aos processos de produção da Indústria Cultural. Pode-se concluir que são escolhidas dentro de uma lógica do que se queira mostrar, envolvidas em um esquema estético intencional e direcionado.

Fotografia e Publicidade: a violência doméstica na fotografia da Benetton

A fotografia é uma imagem técnica. É uma imagem produzida e pensada tecnicamente por quem a produz, pelo fotógrafo. Existe uma instrumentalidade na composição desse artefato visual, onde são levados em conta diversos fatores para se chegar a um resultado final, uma imagem final. Esse caráter técnico e objetivo faz com que nós observadores as olhe como “se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos”(FLUSSER, 2002)

Porém, essa aparente objetividade da fotografia é ilusória, pois, na verdade ela se configura como um artefato carregado de símbolos. Os caminhos percorridos pelo fotógrafo vão cristalizar nas imagens conceitos e códigos. Estes revelarão saberes. Aquilo que SILVA (2016) chamará de “pronunciamento visual”. Essas fotografias tem um dizer de algo ou alguma coisa. Conhecimento de mundo, valores éticos e ideologias podem influenciar na captura desse pronunciamento, decifrados por nós, observadores.

A marca de roupas *United Colors Of Benetton* surge pouco depois da II Guerra Mundial, na Itália. Após uma curta experiência como vendedor de uma loja de roupas, Luciano Benetton, aos 23 anos, inova o *hall* têxtil italiano propondo um pequeno negócio que iria revolucionar o mercado da moda durante a segunda metade do século

XX. Toscani, filho de fotógrafo, conhece Luciano Benetton no ano de 1983. Inauguram um novo conceito de publicidade através das fotografias. A maneira como a Benetton divulga os seus produtos é diferenciada. Suas imagens lançam uma proposta em que podemos enxergar não apenas os modelos das roupas e suas cores, mas também ideologias, valores e identidades. As fotografias das campanhas publicitárias da Benetton chamam atenção para temas polêmicos, o que gerou diversos processos jurídicos contra Luciano Benetton, que, em diversas entrevistas, relatou que sua empresa está na contramão do capitalismo por não querer usar os moldes considerados falidos do marketing.

Temas delicados e contemporâneos que geram repercussão e uma nova forma de comunicação visual. O racismo, a intolerância religiosa, a fome, a violência doméstica, a opção sexual, conflitos entre nações, AIDS e as guerras são alguns exemplos de temas que a Benetton promove em suas campanhas. Por ser uma marca internacional com mais de sete mil lojas espalhadas em todo o mundo, essas fotografias alcançam diversas nações, das mais diferentes culturas e realidades sociais.

O pronunciamento visual da marca ganha um engajamento social e político. Aparentemente, usando roupas Benetton declaramos também que estamos engajados nessas ideias. Vestir Benetton significa vestir-se ideologicamente. A etiqueta passa a representar personalidade e posição social em uma proposta de marketing pela fotografia no mínimo, inovadora.. Analisaremos agora duas fotografias de campanhas publicitárias da Benetton que abordam a temática da violência contra a mulher.



Foto 1. Disponível em <
<http://devaneiosdesoraia.blogspot.com.br/2007/05/o-social-da-benetton.html>
Acesso: 26/07/2017.

A primeira (Foto 1), apresenta duas modelos usando roupas da Benetton. O que chama atenção em um primeiro momento não são exatamente as suas vestes. Mas sim, seus rostos, que deveriam, por se tratarem de modelos do mundo da moda, estarem muito bem maquiados para compor a foto de publicidade da Benetton. O primeiro rosto chama atenção ao vermos o olho direito da modelo com um hematoma inchado, como se tivesse sido agredido violentamente. A expressão facial dela nos passa a ideia de cansaço. Não um cansaço físico por ter um dia a dia envolvido com atividades domésticas e profissionais. Essa expressão facial cansada simboliza também o cansaço de milhões de mulheres que pedem um basta às agressões que sofrem muitas vezes silenciosamente todos os dias. As tranças nos cabelos podem indicar valores étnicos e culturais, o que resgata e valoriza a identidade de várias mulheres em todo o mundo.

A segunda modelo, na mesma fotografia, apresenta uma cicatriz na testa do lado esquerdo. Possivelmente proveniente de algum objeto cortante, ou seja, de mais um caso de agressão. Sua expressão facial indica um pedido de socorro, de ajuda. Contrariando as campanhas anteriores onde a frase padrão “United Collors of Benetton” era exposta, esta campanha traz “Cores da Violência Doméstica” acompanhada da frase de rodapé “Divulgando o interesse público ao lado das

cores unidas da Benetton”. Interesse público por se tratar de um tema que interessa a todos, em todas as instancias sociais, ou seja, a Benetton se une ao público para divulgar e de certa forma protestar contra esse problema.

Outra análise que podemos fazer sobre essa fotografia é a exposição direta e imediata dos rostos violentados. Essas modelos olham diretamente para as lentes da câmera de Olivieri, o que nos conota a ideia de coragem em se expor. É mais uma simbologia que esta fotografia traz, que, representa a coragem que as mulheres precisam ter em reconhecer e identificar quando são agredidas, assim como denunciarem seus agressores. Coragem também em falar sobre o assunto. Quanto mais discutimos e ouvimos umas as outras mais segurança e força ganhamos em dizer não a qualquer tipo de violência doméstica.



Foto 2 . Disponível em: <
<http://diariodeumaespeciedevida.blogs.sapo.pt/fim-da-violencia-domestica-40854>> Acesso em 26/07/2017

A segunda fotografia é do ano de 2014. Uma mulher ao centro da imagem vestida de vermelho é “apedrejada” por quatro homens com pétalas de rosas brancas e vermelhas. Uma imagem muito simbólica, desconcertante e forte. Esta campanha foi criada em apoio a UN Women, órgão das Nações Unidas que promove a igualdade de gênero e proteção às mulheres, por ocasião do dia Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) contra a violência doméstica, 25 de novembro.

Podemos identificar nessa fotografia elementos intertextuais. Primeiro a desconstrução da frase popular “Em mulher não se bate nem com uma flor”. Na fotografia, a modelo está sendo agredida por pétalas de rosas vermelhas e brancas. Rosas vermelhas na sabedoria popular significam “amor”, as brancas, “paz”. Mulheres precisam ser “agredidas” com amor e paz em seus lares. Outro elemento intertextual que podemos inferir é com a história Bíblica da mulher adúltera que fora levada até Jesus Cristo para que se cumprisse a Lei de Moisés, onde a condenação era ser apedrejada até a morte. Vários homens levantaram pedras para atirar contra a mulher até que foram paralisados com a frase de Cristo: “ Quem não tem pecado, atire a primeira pedra.” (João, 8, 1-11). A adúltera teve sua vida salva em uma época de extrema retaliação ao gênero feminino, onde suas vozes eram silenciadas e suas personas não reconhecidas. Quando não, apenas para reprodução familiar e atendimento total ao marido, que a tinha como posse.

Mais uma vez a fotografia da Benetton mostra a modelo “enfrentando” as lentes da câmera do fotógrafo. Porém, nesta imagem o semblante da modelo é o inverso do outro exemplo mencionado. Ela se encontra centralizada para dar uma ideia de foco da temática pronunciada e seu rosto transmite beleza, segurança e serenidade, alguns substantivos que concretizam e envolvem os ideais de luta das mulheres.

Conclusões

As visualidades da violência doméstica estão expostas a nossa disposição. Se fizermos uma busca pelos meios de comunicação, encontraremos diversos exemplos que retomam essa temática de diversas formas. E as fotografias publicitárias da Benetton apresentam uma forma peculiar. Ao mesmo tempo em que utiliza-se da reprodutibilidade técnica das imagens pelos meios de comunicação para venda da etiqueta, promovem o debate, a



conscientização e reflexão sobre a violência doméstica.

Essa forma singular de marketing rendeu a Benetton um título de empresa multinacional engajada socialmente e politicamente. E, se analisarmos que a imagem de uma empresa é fundamental para a sua saúde financeira, concluiremos que a Benetton acerta em propor esse status de engajamento. Uma empresa que é bem vista aos olhos da sociedade, que apresenta uma preocupação com pautas de exclusão e das minorias é no mínimo uma instituição com respaldo de cidadania e respeito ao próximo. As fotografias analisadas ganham uma aderência simbólica com a causa da defesa da mulher. Elas contribuem para uma chamada coletiva à reflexão e um pedido de justiça e de direitos. Um basta contra o feminicídio e o machismo, assim como uma redimensão ao movimento feminista e suas pautas no que diz respeito principalmente à valorização da mulher, sua identidade, cultura e liberdade. Quanto mais disseminadas e reproduzidas nas escolas, universidades, famílias, Igrejas ou qualquer outro meio social, mais chance teremos de discutir com nossos pares a questão. Teremos então um ambiente fértil para reflexão em que não se pense mais a mulher como subalterna ou “atriz coadjuvante” nos meios em que vive. Mas sim, um ambiente em que essas mulheres tenham direito a vida e principalmente a liberdade de revelarem suas opiniões, ideias, experiências de vida para que juntos possamos construir uma sociedade sem violência.

Agradecimentos

Amor, Família e Soberano. Obrigado!

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, Zahar. 2006.

BÍBLIA , N. T. João. Português. **Bíblia Sagrada**. Reed. Versão de Anttonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas, 1950. Cap. 8, vers. 1-11.

BRASIL. Lei n. 11.340 de 07 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência domestica e familiar contra a mulher nos termos do 8º do art. 226 da Constituição Federal**. Casa Civil. Presidência da República. Brasília – DF.

CARNEIRO, M.V.A. , FERNANDES, V.L.S, MICCIONE,M.M. **Benetton: Polêmica ou Sedução?** UNAMA. Belém – PA. 2002

FLUSSER, Villen. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 82 p. 2002

MEC. **Ministério da Educação**. Enem. Exame Nacional do Ensino Médio-2015. INEP.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003

MITCHELL, W. J. T. **Que és la cultura visual**. Princenton: Irving Lavin, Institute for Advanced Study, 1995.

SAFLATE, Vladimir. **Introdução à Experiência Intelectual de Theodor Adorno**, Universidade São Paulo, USP, 2013

SILVA, S.L.P da. **Indentidade e novas mídias: a Cultura Visual no Processo de Investigação das Ciencias Sociais**. Interseções. UERJ. 2006.

_____. **Antes Ver para Crer, Hoje Digitalizar para acreditar: a fotografia e o gozo estético da cultura visual**. Domínios da Imagem, Londrina, ano Vi, n. 11, p. 111-120, novembro, 2012.

_____. https://www.academia.edu/31137791/DA_INDÚSTRIA_CULTURAL_A_CULTURA_VISUAL_CONTEMPOR



ANEA esclarecimentos sobre Fotografia
_Memoria_e_Poder (2016).

_____. Tchau, Mãe. Rio de
Janeiro: Revan, 1996.

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um
cadáver que nos sorri** – Rio de Janeiro:
Ediouro, 1986

ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DE SOBREVIVÊNCIA NAS FAZENDAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA DURANTE A SECA DE NOVENTINHA E O PÓS ABOLIÇÃO (1880-1910)

Maria Wane Brandão Silva Rocha¹
Edinéia Maria Oliveira Silva²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: wanebrandao@outlook.com
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: edisouza7@hotmail.com

Palavras-chave: Táticas; Estratégias; Pós-Abolição; Seca; Trabalho.

Introdução

Este trabalho se propõe a analisar as estratégias e táticas de sobrevivências protagonizadas por diversos sujeitos sociais nas fazendas do alto sertão da Bahia¹, especialmente a população egressa da escravidão durante as fortes secas ocorridas em 1890 (cujas ações se estendem até 1910. Período também, fortemente marcado pelas vicissitudes do pós-abolição e do advento da República, combinada com a conjuntura de fortalecimento do capitalismo financeiro no país. Busca-se ainda, discutir como as condições de trabalho e alternativas de sobrevivência se alteram diante da incidência das estiagens e da abolição da escravidão.

Estudos sobre escravidão, abolição e pós-abolição em diferentes regiões do país se fortaleceram e muito avançaram nas últimas décadas. As experiências² dos sujeitos

escravizados ou egressos desta condição, passaram a ser reinterpretadas enquanto lutas, negociações, resistência, e ações autônomas, por historiadores como Chalhoub (1989), Slenes (1988), Mattos (1997), Albuquerque (2009), Pires (2009), Filho (2006), e Souza (2016), que se dedicaram a estudar tais temáticas, problematizando questões vivenciadas tanto no urbano quanto no rural, inclusive ampliando a perspectiva das experiências da escravidão na Bahia, como é o caso de Pires (2009), que avançou em direção ao sertão baiano.

Já entre as produções historiográficas sobre os Sertões da Bahia, apesar de alguns estudos evidenciarem a crise oriunda do pós-abolição, são raras as que se dedicaram a perscrutar as experiências humanas em resistência às instabilidades climáticas, que constituem um dos elementos centrais das reflexões pretendidas aqui neste trabalho.

¹ Conforme Erivaldo Fagundes Neves (1998:22), a “região do Alto Sertão da Bahia, é referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta maiores altitudes.” Também é chamada de “Alto Sertão da Serra Geral, ou simplesmente Sudoeste Bahiano”.

² O conceito de experiência aqui explorado pauta-se nas reflexões desenvolvidas pelo historiador Britânico E.P.Thompson (1978, p17). Segundo este historiador, “a experiência entra sem

bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Na experiência humana, “homens e mulheres também retornam como sujeitos autônomos, ‘livres indivíduos, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e como antagonismos (1978, p 182, apud PIRES, P15)” e agem sobre determinadas situações.

Sabe-se que as experiências de mobilidade e as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos, enriquecidos ou não, foram por muito tempo abordadas pela historiografia tradicional enquanto atitudes de covardia, fuga e subserviência, ocultando assim, outras maneiras de lutar, a destacar Gonçalves (2000). Existem algumas interpretações tradicionais, que também reforçam a dizimação ou fuga dos nordestinos, Talvez, seja resultante da forte inspiração na literatura brasileira, que tem como principal referência dessa interpretação o livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. A exemplo de José Aras (2003, p. 241) que afirma que os “os nordestinos depois de cada estiagem prolongada, vão ficando desesperançados. Não lhes resta alternativa senão vender suas roças, quase de graça, que são transformadas em pastagens dos mais abastados”.

Análises como essa que reforça a dizimação e fuga dos nordestinos, ao que tudo indica, tendeu a generalizar o fenômeno da seca, sem uma maior preocupação em investir numa pesquisa empírica que desse conta de observar as táticas de sobrevivência executadas pela população que permaneceu no Sertão. Desse modo, a pesquisa que tenho realizado em Caetité indica, através da interpretação das fontes, que muitos sertanejos experimentaram “mil maneiras” de fazer, como nos diz Certeau (1994), e evidencia alternativas buscadas por homens e mulheres em busca da sobrevivência, que escapam à versão predominante, a qual relaciona os períodos de estiagem com o esvaziamento dos sertões. Sobre isso, a vasta documentação bem como os estudos recentes sobre outros assuntos da vida sócio-política do alto sertão baiano, como o de Pires (2009), Ribeiro (2010), Aguiar (2011) e Santos (2015) indicam que embora tenha havido uma intensa migração de sertanejos que viveram nos oitocentos, mesmo “livres da escravidão” muitos também escolheram permanecer, e pautados na experiência histórica de seus antepassados aprenderam a conviver com as agruras da seca. Além disso, na pesquisa à documentação, destacaram-se

outras ações, até lucrativas, buscadas por aqueles que escolheram permanecer no sertão. Cabe informar que a variada documentação utilizada nessa pesquisa, garimpada em diversos arquivos, a destacar, correspondências pessoais, o jornal *A Penna*, livros de registros de óbito, anais da câmara de deputados e processos crimes, vem permitindo problematizar as versões mais clássicas da historiografia, na medida em que nos permite refletir sobre a população que permaneceu no sertão depois da abolição da escravidão, durante e após a seca de noventinha.

Metodologia

Vale ressaltar que as ações dos segmentos sociais serão analisadas neste trabalho, com base nos conceitos de estratégias e táticas, definidas por Michel de Certeau (1994). Se diversos segmentos sociais enfrentaram as crises causadas pelas fortes estiagens, é então, plausível pensar sobre as maneiras como tais segmentos aproveitaram-se também dessas ocasiões, de forma que pudessem obter alguma vantagem nesses períodos críticos. Na diferenciação entre estratégias e táticas, Certeau define que a tática depende das possibilidades de ganho. “Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. [...] Ele o consegue em momentos oportunos, [...] tem por forma não o discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU. 1994, p. 47).

Certeau complementa o conceito afirmando que a “tática é arte do fraco”. Nesta pesquisa, este conceito é aplicado no entendimento das ações do “agregado” das fazendas, sujeito mais vulnerável às vicissitudes da vida cotidiana, mas que utiliza “as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (CERTEAU, 1994, p. 101). Em constante contraposição à astúcia do mais fraco, este estudo apresenta também a figura do

proprietário de terras que, na perspectiva conceitual de Certeau, podemos caracterizá-lo enquanto autor das estratégias, cujas ações, “graças ao postulado de lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (1994, p. 102).

E ainda com base nestes conceitos, este estudo destaca a figura emblemática do vaqueiro-capataz das fazendas, cujas ações transitaram ora em benefício dos membros do seu grupo de convívio mais direto (os trabalhadores e/os agregados das fazendas), ora em atendimento às determinações dos seus patrões. Assim, nos momentos de seca intensa, sujeitos pobres (agregados e vaqueiros) e abastados (proprietários de terras) muitas vezes, apropriaram-se das ocasiões oportunas e criaram, na emergência do cotidiano, táticas e estratégias de sobrevivência para driblar as estiagens. Exemplo disso foi a forma os fazendeiros da família do Barão de Caetité, aproveitaram-se da ocasião da seca para vender o gado magro e/ou velho e, do outro lado, a maneira como as camadas subalternizadas aproveitam-se do mesmo momento para adquirir também algumas cabeças de gado a preços módicos.

As principais fontes utilizadas nesta pesquisa são as correspondências enviadas e/ou recebidas por entes da família do Barão de Caetité, tais personagens embora não sejam os atores principais buscados na pesquisa, foram fios condutores para desvendar a experiência de diversos outros sujeitos, especialmente aqueles empobrecidos nesta região. Desse modo, as cartas enviadas para o patriarca e Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto³ e seu genro e sobrinho

³ “José Antônio Gomes Neto nasceu em 1822, na Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité, era neto do Comendador Domingos Gomes de Azevedo, formou-se em Direito pela Faculdade de Olinda, e casou-se com Elvira Benedicta de Albuquerque”. Em Caetité fundou o Partido Liberal em Caetité (1870), recebeu o hábito de Comendador da Imperial Ordem da Rosa (1873) e o título de Barão de Caetité, em 1880.” (INÁCIO, 2017, p.11).

Joaquim Manoel Rodrigues Lima⁴, muitas delas escritas pelo vaqueiro Porfírio Pereira da Costa, trazem revelações sobre a vida social e econômica do final do século XIX naquela região da Bahia. Apesar das “numerosas armadilhas que as correspondências estendem aos historiadores” (PROCHASSON, 1998, p.111), utilizar estes documentos e perceber neles a presença de vaqueiros e agregados, camaradas e demais sujeitos que enfrentaram as agruras daquele contexto, configurou-se como um desafio a mais nesta pesquisa. Segundo Ginzburg, quando Wanburg desconfiava da maneira usada para chegar à conclusão, desconfiava também, da resposta. Para ele “uma imagem é ambígua e aberta para diversas interpretações” (GINZBURG, 1889, p.145). Desse modo, se por um lado estas correspondências e demais documentos, produzidas pelos setores dominantes revelam as estratégias adotadas por este segmento social durante o período de seca, esta mesma fonte, ao ser observada de outra maneira, nos revela fragmentos de experiências e a “voz [dos] silenciados da história” (DIAS, 1999 p.233), bem como sobre a vida social, política e econômica da região em estudo.

Resultados e Discussões

Compactada em três capítulos a dissertação em andamento analisa as estratégias e táticas de sobrevivências protagonizadas por diversos sujeitos sociais nas fazendas do alto sertão da Bahia. O primeiro capítulo propõe um mergulho nas fazendas alto sertanejas no final do século XIX, percebendo as possibilidades de ocupações no mundo do trabalho, mercado não exclusivamente, mas especialmente pela

⁴ “Joaquim Manuel Rodrigues Lima nasceu em 4 de maio de 1845. Era natural da Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité, no alto sertão da Bahia. Foi filho do Capitão Joaquim Manoel Rodrigues Lima (de ascendência portuguesa), foi minerador de ouro em Bom Jesus do Rio de Contas e era casado com Rita Sophia Gomes Lima, irmã de José Antônio Gomes Neto, Barão de Caetité. Em 1862, iniciou os estudos na Faculdade de Medicina da Bahia. Casou-se com Maria Victória de Albuquerque Gomes (Iaiá), filha do Barão de Caetité e com ela teve 6 filhos. Joaquim Manoel Rodrigues Lima enveredou-se na política chegando a exercer diversos cargos. O nome de Rodrigues Lima foi apresentado como candidato pelo Partido Federal, à governador da Bahia. Logo, tendo vencido as eleições, em 1892 ele deixou o Senado e assumiu o Governo da Bahia (SILVA, 2017, p.15-17).

pecuária. Tratamos de assuntos latentes em contexto de estiagens, como a dinâmica das atividades que envolvem a criação bovina nas fazendas, a monopolização de grandes extensões de propriedades rurais e das reservas d'água, a fragilidade na delimitação de terras, a administração absenteísta, e da incidência de chuvas.

Ainda neste capítulo, nos deteremos à dieta alimentar do sertanejo. É possível inferir as hierarquias e relações de poder na sociedade do século XIX através da capacidade de consumo. Uma “dispensa” abastecida e uma mesa farta eram sinônimas de abundância, poder e riqueza, desse modo, fartura era uma espécie de luxo. Listas de compras e notas de recibos fornecidos por estabelecimentos comerciais locais informam o que e a quantidade de produtos que eram comprados em nome de José Antônio Gomes Neto, Barão de Caetité, e de Joaquim Manoel Rodrigues Lima, revelando assim, o quanto estes personagens desfrutavam da fartura em pleno ano de 1890, ano tão reclamado sobre a seca, a carestia e a falta de alimentos.

Do outro lado da sociedade, a população desprovida de maiores recursos, lidava com a incerteza do que poderia sucumbir a própria fome, experimentavam então, a precariedade na dieta alimentar. Em correspondência, o administrador Porfírio Pereira da Costa, forneceu pistas de que a alimentação dos trabalhadores das fazendas era baseada apenas em feijão e farinha, o que a tornava precária em diversidade nutricional. Mas ainda assim, estes trabalhadores estavam em condição hierarquicamente superior à uma camada mais pobre que tinha dificuldade de acessar o “feijão e a farinha”. Era comum o adensamento das condições de subsistências da população empobrecida, que dependia da agricultura de subsistência ou de contratos temporários nos meses ou anos agudizados pelas secas. As estiagens abatiam a pequena lavoura e as oportunidades de trabalho, e impunha à estas pessoas poucas alternativas de sobrevivência, levando-as, muitas vezes, a consumir ora alimentos

furtados na propriedade alheia, como mandioca, abóbora, dentre outras, ora raízes silvestres como o bró⁵. Esta escolha evidencia a situação de extrema rarefação das condições de sobrevivência e efeitos nefastos das secas sobre a população subalternizada, imersos na pobreza. Este consumo degradante, associado à falta de outros nutrientes complementares levou muitos sujeitos à morte por inanição. Estes registros de mortalidade são apresentadas em algumas experiências traumáticas na trajetória das populações negras do Alto Sertão baiano.

Tais experiências estão documentadas nos Livros de registros de óbitos (1870-1900), disponíveis no Arquivo Público Municipal de Caetité, os quais registram um amplo número de mortes por fome e inanição⁶, precisamente no ano 1890 vitimando, majoritariamente, os sujeitos identificados como pretos e pardos. Entre estes estão, Euzebio Soares Publio, Maria de Tal, Lúcio de Tal, Francisco de Souza Lima, Izidoria Maria da Conceição, dentre tantos outros sujeitos⁷ que registraram, com frequência, integrantes de sua família por morrerem de fome ou inanição, cuja incidência desarranjou muitos grupos familiares. As informações documentadas nos registros de óbitos, revelam mais que as hierarquias embutidas no poder de consumo, revelam por outro lado, outra tática de sobrevivência, que é desafiar a fome, as doenças por desnutrição e assim permanecer no lugar.

Outro viés analisado é o discurso que reclama do “despovoamento do sertão” devido ao trânsito e migrações para outras regiões, distantes ou não do Alto sertão, em

⁵ Bró é o preparo líquido em fase crua ou cozido, a base de raízes como do mucunã, tucum ou umbuzeiro. (ARAS. 2003, p. 241).

⁶ Segundo o dicionário de medicina Brasileira da USP, considera-se inanição, o “estado de abatimento das forças vitais em que se acha o organismo quando as perdas que sofre não são reparadas pela alimentação. [...] Ele começa a diminuir de peso, e a morte sobrevem.” Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00756320#page/223/mode/lup>.

⁷ Fundo: Fórum Cezar Zama. Serie: Cartório de Registro Civil com Funções Notariais da Sede. Subserie: Secção Judiciária: Livros de notas. Registros de óbito. Livro: c-04. Data limite: 1889- 1894.

decorrência das estiagens ou da condição de liberdade. Serão sinalizadas, as alternativas apontadas pelas elites enquanto solução para frear este trânsito. Os registros no rascunho do *abaixo assinado*, remetido ao governo provincial em 1889, bem como os *Annaes da Camara* (1892-1896) e no *Jornal A Penna*, permitem acessar os interesses ocultos, defendidos pelos setores dominantes em seus “discursos totalizantes” (CERTEAU, 1994), os quais foram responsáveis por difundirem uma ideia homogeneizada de despovoamento e miséria no sertão. Entende-se que este grupo buscava conter a migração, o estado de miséria, de modo a amenizar suas perdas frente às secas intensas e o fim do trabalho servil, através da consecução destes projetos. Além disso, tais fontes dão pistas de que as agruras enfrentadas pelos segmentos mais pobres, naqueles momentos, tornaram-se a esteira para angariar alguns benefícios particulares, inferem-se, inclusive, intenções lucrativas com estas ações.

No segundo capítulo, discutimos a repercussão do pós-abolição em contexto da seca noventinha, e especialmente as estratégias pensadas pelas elites a fim de passarem ilesas de prejuízos por este contexto no alto sertão baiano. O comportamento dos grandes fazendeiros diante destes episódios está sendo analisado através da observação de algumas experiências vividas pela família Gomes Neto/Rodrigues Lima⁸, especialmente a partir de José Antônio Gomes Neto (Barão de Caetité - no final do império), do seu genro o Dr. Gov. Joaquim Manoel Rodrigues Lima e do seu neto Cel. Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior⁹ (ambos no início da Primeira

República). Suas estratégias, documentadas nas fontes disponíveis, indicam que estes sujeitos, diante das situações adversas causadas pelas secas e pela abolição, buscavam manter e/ou alargar suas riquezas, dentre outras formas, buscando ora manter os braços servis a seu serviço, ora expulsar esta população subalternizada de suas terras a fim de preservar as aguadas¹⁰. Observamos ainda, o quanto estas ações interferiram nos rumos da vida dos sujeitos subalternizados, seja quando propunham a permanecer ou quando os expulsaram das fazendas. Dispensar a população trabalhadora das fazendas foi uma estratégia que “coloriu” as correspondências, quando as estiagens asseveraram a vida no sertão, levando ricos e pobres a disputarem às reservas d’água e de alimentos.

Analisamos a atuação do vaqueiro Porfírio, personagem fundamental para o aprofundamento da problemática deste trabalho, uma vez que este se revelou enquanto profissional protagonista e sujeito autônomo no amplo círculo social entre agregados, camaradas, vaqueiros e senhores fazendeiros, agindo ora em defesa dos interesses do “senhor” ora a favor da população neste cenário de crise. Para os senhores fazendeiros, esta documentação mostra, o quanto cercar-se de bons vaqueiros era uma estratégia primordial da Família de José Antônio Gomes Neto e Joaquim Manoel Rodrigues Lima, para estender e preservar suas riquezas provenientes das fazendas Campos e Espinho¹¹. Estes profissionais sabiam, que para atravessar a crise precisavam poupar, trocar as boiadas do pasto e das aguadas, soltá-los para o campo, ou então, quando fosse necessário e proveitoso vender gado velho e magro. Já especialmente sobre as relações do vaqueiro com os segmentos subalternizados, tais como, outros vaqueiros, lavradores, camaradas e agregados foram evidenciados os momentos em que eles se aproveitaram

⁸ Estas duas abastardas famílias se “misturaram” através de uniões matrimoniais entre membros dos Gomes Neto e dos Rodrigues Lima. Segundo LIMA (1995, p.222) das três filhas do Barão de Caetité, duas casa-se com Os Rodrigues Lima: Maria Vitória (Iaiá) filha de casa-se com o Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima (Governador) ao qual tiveram seis filhos; e Rita Sofia casa-se com José Antônio Rodrigues Lima (conhecido como Coronel Cazuzinha e irmão do Dr. Rodrigues Lima). “Por morte do Barão, o seu genro, Dr. Joaquim Rodrigues Lima assumiu a chefia política local” e conforme mostra as correspondências pessoais da família, estes dois genros assumiram também a administração das fazendas.

⁹ O coronel Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior (1862-1945) foi fazendeiro, Coronel, Conselheiro Municipal (1890-1896) e Casou-se com Alzira Spínola Teixeira (filha do Dr. Deocleciano Pires Teixeira).

¹⁰ Entende-se por aguadas, pequenas reservas d’água proveniente das chuvas.

¹¹ São fazendas de propriedade da família dos Gomes Neto e Rodrigues Lima, até o momento não há nenhum trabalho acadêmico que estude estas fazendas.



das instabilidades para negociarem permanências, contratações, preços e sobrevivências na complexa e intempere vida nos sertões. Além disso, as correspondências que estes sujeitos remeteram aos seus padrões, permitem acompanhar detalhes do ofício da rotina do seu trabalho.

No terceiro capítulo entendemos as ações momentâneas executadas pelos segmentos subalternos, de forma não planejadas, como táticas singulares de sobrevivência, isto é, os furtos à lavoura ou à propriedade enquanto tática e resistência durante a seca de *noventinha*, praticados pelos sujeitos identificados na documentação como, pretos, mulatos, e “vagabundos”. Para discutir esta questão interpretamos documentos variados, como o Jornal *A Penna*, correspondências e processos crimes. Produzidos pelos segmentos privilegiados, as correspondências e os jornais, evidenciaram o furto, intensificado nos momentos de estiagem, enquanto uma prática imoral que incomodava os setores dominantes, os quais tentavam de todo modo coibir tal prática.

Referências

ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. José Aras; J.J. Randam. Adalgisa Nady Aras de Macedo. Roque Aras. (Orgs.). Salvador: Contexto. Arte, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: A história das últimas décadas da**

escravidão na corte. Tese de doutorado pela Universidade Estadual de Campinas. 1989.

DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea**. Proj. História. São Paulo. 1998.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. **As secas na Bahia do século XIX: Sociedade e Política**. Dissertação de mestrado. UFBA 2000.

NEVES. Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade Sertaneja** : da sesmaria ao minifúndio (um estudo regional e local). Salvador. Editora da Universidade Federal da Bahia: Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. 1997.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da vida**: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima – BA (1860-1920). – São Paulo: Annablume, 2009.

SLENES, Robert W. **Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX**. Revista Brasileira de História. São Paulo. V.8 nº 16 pp.189-203. 1988.

SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. **Travessias e Tramas: Fragmentos da vida de africanos e afro-brasileiros no pós-abolição –Bahia (1888-1930)**. – Salvador: EDUNEB, 2016.



PROGRAMA CULTURA VIVA: IMPACTOS SOCIOCULTURAIS EM COMUNIDADES DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO

Tárcio Leonardo Santos Mota¹
Osmar Moreira dos Santos²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: tarciomota@hotmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: osantos@uneb.br²

Palavras-Chave: Política Cultural; Pontos de Cultura; Territórios de Identidade.

Introdução

As políticas de fomento e incentivo a cultura vêm adquirindo crescente importância no desenvolvimento social e econômico de países emergentes como o Brasil. A cadeia produtiva cultural, através dos grupos e empreendimentos artísticos vem crescendo significativamente, fazendo surgir novos desafios para a gestão pública e para os principais agentes do meio. Este projeto de mestrado pretende discutir e ampliar o debate acerca do Programa Cultura Viva. Neste sentido, o objetivo é analisar o impacto sociocultural das ações do programa em comunidades de quatro municípios do território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano.

Criado em 2004 e transformado em Política Nacional em 2014, o Programa Cultura Viva é considerado um marco divisório no que se refere à forma como as Políticas Culturais passaram a ser implementadas no Brasil. Tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos, o Programa possibilitou maior transparência e seriedade às ações do no campo cultural, fazendo surgir novas perspectivas para entidades culturais que há tempos buscavam reconhecimento e apoio para as atividades desenvolvidas em suas comunidades.

O programa que inicialmente contemplava ações como: Escola Viva, Cultura Digital, Agente Cultura Viva e Ação Griô, teve nos Pontos de Cultura a maior expressão de sucesso e eficiência, atingindo mais de mil municípios em todas as regiões do Brasil. No território Litoral Norte e Agreste Baiano, objeto desta pesquisa, as entidades beneficiadas são: Fundação do Caminho (Alagoinhas), Banda Marcial Cultural Estudantil de Aramari (Aramari), Associação de Desenvolvimento Comunitário do Assentamento Boa Vista II (Esplanada), Associação Beneficente Rural de Pedrão (Pedrão), Associação Beneficente Cultural Ilê Asé Oyání do Ilê Axé Oyá Ni (Alagoinhas) e Associação Cultural Euterpe Alagoinhense (Alagoinhas).

O “Cultura Viva” se fundamenta em diretrizes criadas para uma política de valorização da pluralidade e diversidade das práticas culturais brasileiras reconhecendo, em instâncias institucionais ligadas ao Estado, a multiplicidade dos movimentos culturais contemporâneos, pontuando e reafirmando a diversidade como parte da história e da conjuntura brasileira. Sendo assim, o presente projeto também vai verificar em que medida as diretrizes do programa, a partir dos Pontos de Cultura, estão sendo levadas em consideração nas

instituições a serem pesquisadas, pois, como se pode verificar no site do Ministério da Cultura, “o Programa foi criado com o objetivo de “promover o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, assim como de potencializar energias sociais e culturais, visando a construção de novos valores de cooperação e solidariedade” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2004).

Metodologia

A definição da metodologia a ser adotada num trabalho acadêmico perpassa pela identificação e utilização de um instrumental claro, coerente e elaborado (MINAYO, 2011), que seja capaz de confrontar, e até mesmo, buscar responder os impasses teóricos com o desafio da prática, da realidade estudada. Desta forma, para responder às questões que estão relacionadas ao impacto sociocultural em comunidades beneficiadas pelo Programa Cultura Viva, adotarei uma proposta metodológica teórica e empírica.

Quando um pesquisador se propõe a avaliar uma determinada política pública, sobre ele pesa a responsabilidade de realizar a análise de uma série de dados de natureza quantitativa e qualitativa, assim como o de empregar diversas fontes de informação. Pela complexidade do tema e por ter objetivos específicos, recorreremos à pesquisa documental, bibliográfica e a entrevistas, além da produção de artigos para jornais e revistas. Tais opções metodológicas são as que mais se adéquam às finalidades deste estudo que estão voltados também a compreender de que forma os Pontos de Cultura têm influenciado na formação de jovens e adolescentes das comunidades pesquisadas.

A pesquisa bibliográfica se caracteriza como um apanhado sobre os principais trabalhos científicos e análises conjunturais já realizados sobre Políticas Culturais e que são relevantes por proporcionarem dados atuais e expressivos que contribuíram para a compreensão de como esses conceitos se aplicam na prática. A abordagem teórica

utilizará de pesquisa bibliográfica acerca dos temas Políticas Públicas, Cultura, Desenvolvimento, e Territórios de Identidade a partir do diálogo com autores como Gey Espinheira, Teixeira Coelho, Albino Rubim, Roque de Barros Laraia, Lia Calabre, Bourdieu, Adorno, Frederico Barbosa da Silva, dentre outros. Como instrumento de coleta de dados também serão utilizados dados secundários consultados a partir de informações do IBGE, Ministério da Cultura, Secretaria Estadual de Cultura e IPEA.

A pesquisa será realizada nas 06 instituições, localizadas em 04 diferentes municípios do território, bem como as respectivas comunidades, onde serão aplicados os questionários, além da realização de entrevistas. Os sujeitos da pesquisa são os gestores do programa, os jovens e adolescentes atendidos pelo programa e pessoas das comunidades. Sendo o período para realização da pesquisa de 24 meses, é possível cumprir o cronograma pré-estabelecido.

Como tema de interesse acadêmico, a Política Cultural oferece ao pesquisador diversos aspectos de pesquisa, que admitem diferentes abordagens, dentre elas o estudo de caso. Os estudos de casos podem ter propósitos tanto exploratórios, quanto descritivos ou causais. Nesta pesquisa, estudo de caso tem um objetivo eminentemente descritivo, tendo como fontes de evidências a pesquisa documental, as entrevistas e o questionário. O estudo de caso, como observado, é uma metodologia que permite “analisar de forma intensiva e ampliada em uma organização real, informações numerosas e detalhadas quanto possível com vistas a apreender a totalidade de uma situação”. Para Yin, uma das vantagens desse método é a possibilidade de percepção mais abrangente e análise intensiva de uma situação, proporcionando ao pesquisador - pelo estreitamento do contato com o pesquisado - apreensão das dimensões subjetivas da situação.

A dissertação, fruto deste projeto, se propõe a analisar o impacto sociocultural do



Programa Cultura Viva, a partir da implantação dos Pontos de Cultura em comunidades do território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, buscando entender os espaços beneficiados pelo programa como ferramentas de participação e controle social das políticas públicas de Cultura, além de avaliar se as diretrizes e objetivos norteadores do projeto têm sido levados em consideração na execução das ações.

Resultados e Discussões

O papel do Estado no gerenciamento instrutivo e normativo da sociedade visando o bem estar social e desenvolvimento econômico é um tema muito discutido e trabalhado por pesquisadores. A preocupação com a igualitária distribuição de renda e as diversas tentativas de tornar cada vez mais acessível os recursos destinados ao fomento e incentivo a produção cultural têm reacendido a chama para reflexão a respeito de como haver uma correta implementação das políticas culturais. Mas pra isso, é preciso primeiro entender o que seria Política Cultural e como ela se aplica nesse contexto de desenvolvimento, sustentabilidade e transformação do mercado cultural.

A carência histórica de recursos e investimentos para a cultura faz com que ainda não se tenha no Brasil, principalmente para os agentes e empreendedores de cultura popular, um mercado completamente consolidado. E se essa carência é notada nos grandes centros e nos interiores, onde a situação é bem mais complexa e no curto prazo, somente com essa problemática sendo colocada como prioridade é que o quadro pode começar a ter alterações positivas.

Voltando à discussão sobre os Pontos de Cultura, é importante destacar que uma das primeiras perguntas que surgem quando se fala sobre o projeto é se essas ações não seriam de responsabilidade do Estado. Mas, é no fato dessas ações não serem tuteladas pelo Estado que reside sua principal característica e poder de transformação. Porque o Estado não decide o que deve ser feito. Seu papel é

garantir um pequeno aporte financeiro para grupos, ou associações, que já desenvolviam ações sociais; e facilitar a construção de uma rede de relacionamento entre tais grupos. É justamente a não interferência do Estado nas escolhas de quais ações podem ou devem ser desenvolvidas nos Pontos de Cultura, que possibilita a legitimação das práticas locais e do empoderamento de atores sociais historicamente marginalizados.

É importante também destacar, alguns dos fundamentos teóricos da política territorial, já que para esta pesquisa pretende-se um recorte nos municípios que compõem um dos territórios de identidade da Bahia. O Estado da Bahia é, indubitavelmente, um dos mais plurais da nossa Federação. Sob os múltiplos aspectos que se analisa um território, a Bahia apresenta um mosaico de variedades sociais, culturais, econômicas e ambientais. Temos um Estado com o maior número de biomas e com um rico e variado processo de formação de seu povo, oriundo da miscigenação dos povos tradicionais do Brasil pré-colonial com os escravos das nações africanas e imigrantes advindos dos diversos países do mundo em momentos diferentes da nossa história (portugueses, espanhóis, italianos, japoneses entre outros).

A promoção do desenvolvimento do Estado da Bahia perpassa pela redução de suas desigualdades regionais, portanto é preciso pensar em políticas públicas que respeitem e valorizem a diversidade do estado. A adoção dos Territórios de Identidade, segundo a SEPLAN, “foi um grande avanço para o planejamento público na Bahia” (BAHIA, 2010), pois, não apenas, revela e considera toda a diversidade (cultural, ambiental, econômica e social) existente no estado como também, estabelece um novo paradigma na formulação das políticas públicas: em vez de o Governo planejar para a sociedade, este passa a fazer isto em conjunto com a sociedade. E para tanto, precisa respeitar a organização espacial que a população se sente pertencer e naturalmente estabelece seus vínculos e inter-relações.

Desta forma, adotam-se instrumentos que articulam as políticas públicas do Governo Estadual com os territórios, promovendo uma maior aderência às distintas necessidades territoriais e ampliando assim a efetividade das suas ações governamentais, além de promover o fortalecimento de uma democracia mais participativa. Ferramentas como o CODETER, o Plano Plurianual Participativo (PPA) e o Conselho de Acompanhamento do Plano Plurianual Participativo (CAPP), revelam o caráter compartilhado da política de desenvolvimento territorial na Bahia. No âmbito das políticas culturais, tais instrumentos devem ser levados em consideração, sobretudo os Pontos de Cultura, que têm sido implantados respeitando o recorte territorial e indenitário da Bahia.

Conclusões

Consideramos, portanto que os Pontos de Cultura surgem em um momento de mudanças conceituais e estruturais no MinC. Estas mudanças por sua vez, estão articuladas em uma discussão supranacional e transnacional. Podemos observar a partir dos Pontos (e, portanto, de nossos novos paradigmas políticos), uma transformação na esfera local, nacional e global. Partindo desse pressuposto, entende-se as políticas públicas culturais brasileiras num contexto mais amplo. As sociedades e grupos podem ser analisados a partir das mediações políticas, econômicas, culturais e históricas de pequena escala. Estas mediações compartilham situações de mudança e conflito. Portanto, a análise entre macro e micro dimensões privilegia o movimento transacional. É exatamente na relação, no intermezzo (Deleuze e Guattari, 1996) que podemos traçar a análise entre macro e micro políticas. Neste espaço fronteiriço de contradições e conflitos.

Também são nestes espaços de mudança e conflito que se cristalizariam as posições e grupos sociais. Enfatizar este aspecto de conflito e variação é o que Van Velsen

(1987) define como “análise situacional” ou “caso do estudo detalhado”. Este modelo de análise utiliza registros de situações de conflito agregado ao comportamento de indivíduos específicos como parte da análise dos processos sociais. Assim, o pesquisador pode observar uma situação social para então relacioná-la à sua totalidade. Uma análise minuciosa contextualizada e relacionada a uma totalidade pode detectar padrões de relações, e de instituições. Assim, este tipo de etnografia relaciona o comportamento dos grupos a outros processos sociais mais amplos.

Nos Pontos de Cultura as “análises situacionais” podem ser acionadas como estratégias de observação dos gestores. Isto implica em uma observação participante atenta ao discurso, às ações e às interações que se estabelecem com estes personagens. Uma maneira de aprofundar a análise sobre estas contradições. A posição de “intermediário” constitui uma instância de poder que pode inclusive, facilitar a ascensão social de alguns indivíduos. Este tipo de “análise situacional” é próximo da noção de micro-política da qual pretendo aqui desdobrar. Essas estratégias de pesquisa “mostraram-se fundamentais para o estudo da antropologia da política e, em especial da política em nível local e suas articulações em rede” (Ribeiro, p. 29, 1994). A análise micro-política também é atenta aos anseios das comunidades junto à “realidade” da implantação dos Pontos. Se as políticas culturais atendem aos desejos e às identidades culturais locais.

Alguns autores (Calabre, 2009, Rubim, 2000 e Turino, 2009) apontam que os entraves burocráticos, as diferenças de entendimento e a má vontade política são os principais impasses para a implantação de novas políticas públicas culturais, como os Pontos de Cultura. Até porque, uma entidade quando é selecionada como um Ponto de Cultura provoca uma quebra na hierarquia política. É como se o reconhecimento dos grupos desencadeasse um empoderamento social, [no qual] muitos poderes constituídos



não toleram (Turino, p. 43, 2009). Produzir uma política pública “de baixo para cima” ainda incomodaria algumas estruturas de poder.

A tensão entre permanência e mudança, repetição e transformação são aspectos intrínsecos de qualquer sociedade (Balandier, 2005). Mas no caso das políticas públicas culturais, a análise das continuidades e descontinuidades reflete os modos como os indivíduos convivem e resolvem estas ambiguidades no campo da cultura. Se há contradições, conflitos e permanências entre as Políticas Públicas Culturais e os Pontos de Cultura, as análises podem provocar diálogos entre ambas. Os caminhos e obstáculos permitem exercício das relações entre a pesquisa, o pesquisador e o nativo, dentro daquilo que Da Matta (1978) definiu de “caráter extraordinário do pesquisador”. O aspecto mais rotineiro e humano da Antropologia (Da Matta, p. 35, 1974).

É partindo dessas reflexões iniciais que a pesquisa ora apresentada, propõe uma análise dos impactos socioculturais nas 06 instituições mencionadas na introdução deste artigo e que estão localizadas em 04 diferentes municípios do território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano. Os Pontos de Cultura representam uma nova forma de implementação das políticas públicas culturais, rompendo paradigmas até então cristalizados, configurando-se como ferramentas potentes de participação popular e controle social, na medida em que democratizam o acesso aos bens culturais, como previsto na Constituição Federal.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade. Seleção de textos de Jorge Mattos Brito de Almeida.** Traduzido por Juba Elisabeth Levy et al. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAHIA. **Secretaria da Cultura e Turismo.** Coordenação de Cultura. Guia Cultural da Bahia: Litoral Norte Salvador: SCT. Salvador, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.

BARBOSA DA SILVA, Frederico. **As redes temáticas, as redes de política e a territorialidade: o caso do Programa Arte Educação e Cidadania – Cultura Viva.** Coleção Políticas Sociais. Brasília: IPEA, 2013

BARBOSA DA SILVA, Frederico (Org.). **Cultura Viva: as práticas de Pontos e Pontões.** Brasília: IPEA, 2011.

BARBOSA DA SILVA, Frederico et al. **Relatório Redesenho do Programa Cultura Viva.** Brasília: IPEA, 2012.

BARBOSA DA SILVA, Frederico; ARAÚJO, Herton E. (Org.). **Cultura Viva: avaliação do programa arte educação e cidadania.** Brasília: IPEA, 2010.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais: diálogo indispensável.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras/FAPESB, 2004.

ESPINHEIRA, Gey. **Cultura, cidade e democracia: o jogo da cultura no mundo contemporâneo.** In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (orgs.). Políticas culturais para as cidades. Salvador: Edufba, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MINAYO, Cecília de Souza. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In:



CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1998.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos.** 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
XXII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – XXII JIC



O ESTADO DA ARTE E ESTADO DO CONHECIMENTO: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA PESQUISA

Dídima Maria de Mello Andrade¹
Alan Victor de Azevedo Abreu²

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: didma.andrade@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: gestao.alan@gmail.com²*

Palavras-chave: Pesquisa; Estado da Arte; Estado do Conhecimento.

Introdução

As pesquisas denominadas estado da arte são solicitadas nos programas de pós-graduação nas investigações iniciais como primeiro passo a ser dado no desenvolvimento de uma trilha rumo ao desvelamento do objeto de pesquisa. Entretanto, pouco se elucida sobre este tipo de pesquisa e qual o caminho a ser percorrido para a sua realização. Muitas pesquisas entendidas como estado da arte são concebidas apenas como uma verificação quantitativa e superficial de outras pesquisas já realizadas em dissertações e ou em teses e disponíveis em plataformas como a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e ou Scielo.

Esse entendimento encaminha para uma subutilização e descaracterização deste tipo de pesquisa ao mesmo tempo em que sombreia o tipo de pesquisa denominada por estado do conhecimento, esta última desenvolvida apenas em um setor de publicações (ou tese, ou dissertações, ou publicações em periódicos...) sobre o tema estudado. É nessa direção que este trabalho é desenvolvido e justificado, apresentando parte do caminho percorrido na lapidação do objeto de estudo de uma pesquisa em fase de desenvolvimento em um programa de mestrado profissional tendo como umas das trilhas metodológicas o estado do conhecimento.

Os objetivos traçados convergem para a contextualização e operacionalização da pesquisa estado do conhecimento, o que possibilitou diferenciá-la da pesquisa estado

da arte e melhor dimensionar o tipo de trilha percorrida.

Metodologia

Os encontros no grupo de pesquisa, assim como as orientações encaminharam para um dos passos na trilha para a elaboração do estado do conhecimento da pesquisa em andamento. Pesquisar o que já foi estudado sobre o que até então delineamos como objeto auxiliou para o desenvolvimento de uma pesquisa se não singular em seu objeto pelo menos com uma abordagem diferente e inovadora. Nesse ponto merece atenção as palavras de Ludke e André (1986, p. 01) quando para as autoras “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

A pesquisa denominada por “estado da arte” compreende o estudo de “como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicação” (ROMANOWSKI E ENS, 2006, P. 39). Esse estudo, ainda de acordo as autoras, tem por objetivo não apenas a identificação como também a análise e a categorização do fenômeno analisado, indo além de uma compreensão quantitativa. Essa pesquisa justifica-se na medida em que possibilita “uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como



suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes” (ROMANOWSKI E ENS, 2006, P. 41). Para as autoras, o estado da arte pode contribuir também para a constituição de um arcabouço teórico de uma determinada área, além de apontar restrições sobre o campo pesquisado. Ferreira (2002) apresenta o caráter bibliográfico deste tipo de pesquisa, o mesmo da concebida enquanto estado do conhecimento; entretanto, o que a diferenciam de sobremaneira é a possibilidade da primeira de uma compreensão do estado mediante sua amplitude, tendências teóricas e vertentes metodológicas; havendo uma restrição frente a esses objetivos por parte da segunda. Importante considerar que paralelo ao conceito de estado da arte, as autoras denominam por “estado do conhecimento” as pesquisas restritas a apenas um setor de publicação, sem, contudo abranger demais setores como teses, publicações em periódicos, produções em congresso, etc... Nessa direção, o estudo realizado para a emersão do objeto de pesquisa, por ter se restringido às dissertações via portal da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e ao CDI \ GESTEC - Centro de Documentação e Informação – passou a ser entendido enquanto “estado do conhecimento”, conforme concepção de Romanowski e Ens (2006), seguindo as oito etapas por elas descritas: A) definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas, B) localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos, C) estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o corpus do estado da arte \ conhecimento, D) levantamento de teses e dissertações catalogadas, E) coleta do material de pesquisa disponibilizado eletronicamente, F) leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área, G)

organização do relatório do estudo compoendo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações, H) análise e elaboração das conclusões preliminares.

Resultados e Discussões

Conforme descrição metodológica de trabalho para o desenvolvimento de pesquisas de “estado da arte”, aqui compreendida como “estado do conhecimento”, sugerida por Romanowski e Ens (2006), as etapas procedimentais compreenderam:

A - Definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas: a busca pelas dissertações foi caracterizada pela definição de três *categorias geral de busca* ou descritores assim definidas: a primeira foi “cursos superiores de tecnologia”; a segunda “práticas pedagógicas cursos superiores de tecnologia” e a terceira “formação do professor curso superior de tecnologia”. As práticas pedagógicas e a formação do professor eram até então entendidas como principais categorias que bordejavam o objeto a ser definido. A busca pelo “curso superior de tecnologia” justificase mediante o lócus da pesquisa e os sujeitos pesquisados: docentes dos cursos superiores de tecnologia (CST).

Importante registrar que mesmo com a definição desses descritores, algumas dissertações fora desse eixo definido se apresentaram nessa busca e foram registradas e arquivadas por apresentarem algum capítulo \ seção que foram avaliados como relevantes para posterior consulta.

B - Localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos: o estado do conhecimento desenvolvido teve início no portal da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – www.capes.gov.br e no portal www.cdi.uneb.br, - Centro de Documentação e Informação do programa GESTEC. A localização dessas dissertações em acervos



eletrônicos caminhou na direção do que Romanowski e Ens (2006) consideram como limite severo na realização desta pesquisa devida dificuldade de acesso a esses depositários eletrônicos e conseqüentemente às dissertações.

C - Estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o corpus do estado da arte \ conhecimento: essa etapa foi caracterizada mediante os seguintes critérios: trabalhos dissertativos intitulados com educação superior, curso superior de tecnologia, práticas pedagógicas e ou formação do professor. Em alguns casos, foi preciso consultar o resumo destas dissertações. Mesmo não se tratando de forma específica dos cursos superiores de tecnologia, algumas dissertações colaboraram no desdobramento da problematização da pesquisa em andamento do mestrado assim como referencial no desenvolvimento das categorias delineadas. Importa também registrar que um critério fundamental de desdobramento para a próxima fase (levantamento) foram as contribuições nas disciplinas do programa, mais especificadamente nas disciplinas de Pesquisa I e Pesquisa II, cujos professores ressaltaram a importância de desenvolver o título da dissertação constando as categorias a serem trabalhadas.

D - Levantamento de teses e dissertações catalogadas: por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em um programa de mestrado, o recorte no levantamento foi restrito a trabalhos dissertativos, excluindo-se demais tipos de publicações como teses e ou artigos. A exclusão nesta etapa não significa que publicações outras não se fizeram e ou se fazem importantes no processo de pesquisa. A variável tempo impõe ao pesquisador a necessidade de recortes e escolhas durante sua caminhada.

E - Coleta do material de pesquisa disponibilizado eletronicamente: Nesta etapa foi preciso traçar um plano de trabalho com um cronograma estabelecido de início e término da atividade, assim como a definição da quantidade e tipo de periódico a ser pesquisado. Para tanto, foi estabelecido o período para esta investigação de 24 de junho

de 2018 a 24 de junho de 2018 e conforme a operacionalidade desta busca foi sendo desenvolvida, a quantidade de duas mil (2.000) dissertações investigadas foi fixada. Reforça-se que o trabalho investigativo realizado junto a essas dissertações obedeceu principalmente ao critério proposto pelos professores nas disciplinas do programa e mencionado anteriormente.

F - Leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área: foram realizadas leituras dos trabalhos dissertativos ao mesmo tempo em que foram produzidos quadro resumo apresentando: título do trabalho, ano de publicação e palavras-chave. Outros quadros-sínteses foram desenvolvidos, sintetizando o tema, objetivo geral, objetivo específico, a metodologia e a questão problema.

G - Organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações: essa etapa foi descrita à medida que os quadros foram sendo elaborados e apresentados no trabalho dissertativo, resguardando as devidas limitações das bases de análises da pesquisa estado do conhecimento.

H - Análise e elaboração das conclusões preliminares: as conclusões preliminares encontram-se a seguir descritas.

Cumprido o plano de trabalho estabelecido, trinta (30) dissertações foram selecionadas. Importante destacar que alguns trabalhos mesmo não tratando de forma específica dos cursos superiores de tecnologia ou de práticas e\ ou de formação do professor, se fizeram importantes para seleção na medida em que ou a metodologia traçada ou algum de seus capítulos foram avaliados com potencial para futura consulta e referência.

Foi criado um quadro com os nomes das dissertações selecionadas, ano de defesa, e palavras-chave. Essa elaboração contribuiu para melhor sistematização das informações coletadas. Dos 30 trabalhos dissertativos, 09 não foram encontrados. Os demais 21 se



encontram nas mais diversas bibliotecas depositárias online das universidades do país.

construída no lastro de uma horizontalidade e verticalidade investigativa plural.

Conclusões

Esclarecidas as diferenças das pesquisas estado da arte e do estado do conhecimento, importa dimensionar de qual estado estamos falando quando descrevemos os caminhos percorridos na pesquisa. Ao tratamos da arte, estamos possibilitando uma análise que apresente tendências teóricas e, portanto presume uma busca em publicações diversificada que aponte ênfases em temas, referências, metodologias, etc, muito além de uma simples identificação e um entendimento quantitativo como de praxe ocorre em apresentações e trabalhos na pós-graduação.

O estado do conhecimento é o tipo de pesquisa que comumente caracteriza as pesquisas apresentadas nas investigações iniciais principalmente nos programas de mestrado. Assim ocorreu com nosso trabalho dissertativo, ao compreender o recorte feito e redimensionar as possibilidades de interpretação que esse tipo de publicação oferece.

Como todo caminho metodológico, a compreensão e elaboração da pesquisa estado da arte e do conhecimento exigem do pesquisador o desenvolvimento consciente das etapas a serem percorridas, assim como a análise dos dados levantados. Mesmo geralmente de caráter exploratório, essas pesquisas, uma vez desenhadas e operacionalizadas com o mesmo rigor que qualquer outro tipo de pesquisa, beneficiam qualitativamente o trabalho dissertativo, assim como o pesquisador na possibilidade de agir nas brechas investigativas historicamente construídas.

Ao que parece, a diferença de uma pesquisa estado da arte para a do conhecimento está para além dos procedimentos metodológicos a serem seguidos. Os oito passos descritos e apresentados conforme Romanowski e Ens (2006) convergem para um conhecimento na medida em que a investigação é singular e vertical; e caminha na direção da construção da arte na medida em que a pesquisa é

Referências

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**: aportes metodológicos. 5º ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas estado da arte**. Rev. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da arte” em Educação**. Revista Diálogo Educacional, vol.6, num.19, setembro-dezembro, 2006, pp.37-50.

PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE SALA DE AULA VOLTADA PARA APRENDIZAGEM CRIATIVA E INOVADORA

Aline de Queiroz Passos Molinero¹
Eduardo Manuel de Freitas Jorge²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: arpassos@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: ejorge@uneb.br

Palavras-Chave: Sala de aula do futuro. Educação inovadora. Protagonismo na educação.

Introdução

O século XXI chega carregado de mudanças sociais e estruturais de diversas ordens, o que obriga a educação a repensar seus rumos (SILVA, 2004). Diante dessa realidade, as demandas e decisões arquitetônicas precisam ser pautadas em um novo olhar, na medida em que conceitos como: Educação inovadora; Sala de aula do futuro; Construção de conhecimento; Aprendizagem e Aluno protagonista tornam-se cada vez mais presentes, mobilizando pensamentos sobre como o espaço físico pode influenciar na construção do aprendizado de alunos da universidade.

"Para criar e organizar uma nova cultura torna-se imprescindível que os profissionais da educação descubram

A afirmação de Alvin Toffler desperta questionamentos sobre o espaço da sala de aula no século XXI. Um aluno que chega até o ensino superior estuda em média por vinte anos da sua vida, permanecendo aproximadamente quatorze mil horas dentro da sala de aula. Tanto tempo confinados, em espaços muitas vezes desconfortáveis, hostis, que estimulam postura passiva em relação ao

aprendizado, não contribuem para a formação do cidadão que o futuro precisa.

Como afirma Rodríguez (2016), as transformações sociais, econômicas e os avanços na tecnologia têm criado uma sociedade mais global na qual a informação e a aprendizagem são cada vez mais acessíveis.

Essa mudança radical tem transformado a nossa sociedade, tornando defasado o modelo hegemônico atual baseado em um ensino rígido e unidirecional.

O arquiteto Frank Locker defende que precisamos nos afastar do costume de replicar modelos de edificações educacionais baseados em prisões, com seus corredores e salas fechados, sem interesse algum em estimular uma formação integral, flexível e versátil (VALENCIA, 2017).

Para atender às novas demandas da educação inovadora, é fundamental reformular a arquitetura educacional tradicional, é essencial pensar em novas construções que possibilitem e apoie o aprendizado ativo. Logo, é preciso preparar os cidadãos do futuro com uma educação inovadora e isso pode se tornar possível com instalações de salas de aula com formatações inovadoras. *novos horizontes e reinventem novas formas de apropriação*

O desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos no atendimento às demandas de reforma, ampliação e novas construções educacionais para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tem culminado muitas vezes em reproduções de soluções sem reflexão profunda sobre elas. Os espaços são projetados sem o entendimento de conceitos embutidos em sua distribuição.

Nesta pesquisa, objetiva-se analisar e propor elementos para um projeto arquitetônico de sala de aula que podem colaborar para o protagonismo do aluno na construção do seu conhecimento e posteriormente colocá-las de maneira dialógica para serem avaliadas pelos principais usuários dentro da Universidade do Estado da Bahia.

Como premissa, a sala de aula deve favorecer métodos de aprendizagem que estimulem a criatividade, inovação, motivação, a postura autodidata e a troca de conhecimento entre alunos e professores.

Metodologia

A metodologia geral desta pesquisa se caracteriza como Aplicada, pois se propõe a gerar conhecimentos para aplicação na resolução de uma determinada problemática relacionada com a elaboração de um projeto arquitetônico para uma sala de aula universitária inovadora. Do ponto de vista da abordagem do problema, se caracteriza como pesquisa Qualitativa, pois ela não requer necessariamente o emprego de métodos e técnicas estatísticas. É também Descritiva, uma vez que o pesquisador tende a analisar seus dados indutivamente. Tem como foco principal de abordagem o processo e seu significado.

As formas metodológicas de como conduzir esta pesquisa aplicada e avaliar se o modelo proposto alcançou o seu objetivo são focadas nos moldes da pesquisa-ação devido a necessidade de incrementar funcionalidades de acordo com as validações em campo com alunos, professores, técnicos e gestores universitários. Assim serão realizados quatro ciclos evolutivos das seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica sobre salas de aula inovadoras no Brasil e no Mundo.
2. Desenvolvimento: Identificar aspectos sustentáveis, pedagógicos e tecnológicos inovadores que influencie no protagonismo do aluno na construção do

conhecimento e posterior criação de maquete eletrônica e protótipo, na impressora 3D de modelo de sala de aula itinerante.

3. Validação de campo: Aplicando-se questionário e pesquisas qualitativas para avaliação de satisfação do Protótipo.

4. Projeto arquitetônico: Processo de consolidação da pesquisa com o desenvolvimento do Projeto arquitetônico final, que contemplará o projeto básico (Plantas baixas, cortes e fachadas) de uma sala de aula universitária.

Resultados e Discussões

Da pesquisa tem-se uma coletânea dos principais exemplos de projetos arquitetônicos de salas de aula inovadoras pelo mundo que objetivam estimular a criatividade e a autonomia do aluno, como exemplificam algumas imagens de sala de aula do futuro já em testes na cidade de Setúbal em Portugal (Ver figura 1, 2 e 3).

Figura 1: Sala de aula do futuro. Escola Secundária

D. Manuel Martins, Setúbal, Portugal.



Fonte: DN, 2018.

Figura 2: Sala de aula do futuro. Escola Secundária

D. Manuel Martins, Setúbal, Portugal.



Fonte: SAPO,
2018

Figura 3: Sala de aula do futuro. Escola
Secundária

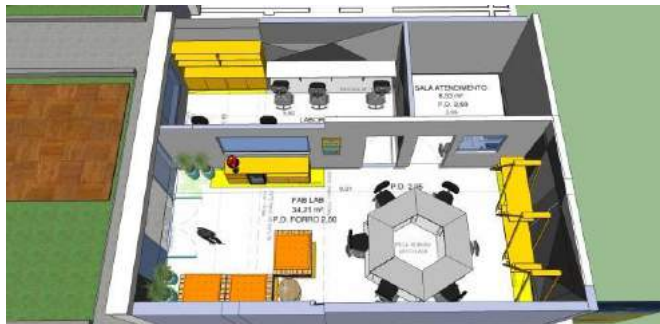
D. Manuel Martins, Setúbal,
Portugal.



Fonte:
CARLAJESU
S, 2018.

Outro resultado é o modelo de referência que será um guia de boas práticas de como estruturar espaços educacionais inovadores. Por fim, foi elaborado o projeto arquitetônico do MandacaruLab que é uma sala que conjuga um Laboratório Aberto de Fabricação Digital e um espaço compartilhado (*Coworking*) para pesquisadores elaborarem seus projetos de pesquisa com o foco em criatividade e inovação (Ver figura 4, 5 e 6).

Figura 4: Vista superior- 3D Projeto
Arquitetônico Layout MandacaruLab,
UNEB.



Fonte: o próprio autor

Figura 5: Vista interna 1- 3D Projeto
Arquitetônico Layout MandacaruLab,
UNEB.



Fonte: o próprio autor
Figura 6: Vista interna 2- 3D Projeto
Arquitetônico Layout MandacaruLab,
UNEB.



Fonte: o próprio autor

Conclusões

Repensar o espaço físico da sala de aula significa compreender a relação deste espaço com aprendizagem (COMIN, 2015). Entendendo que o espaço físico influencia diretamente na aprendizagem, faz-se imprescindível planejar ambientes de sala de aula onde os alunos se sintam



acolhidos, protegidos, confortáveis, estimulados e desafiados a se tornarem senhores dos seus destinos.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Eduardo Jorge pela parceria e confiança, a minha família pela compreensão nas ausências e a PROINFRA pelo apoio ao meu crescimento intelectual e profissional.

Referências

CARLAJESUS, visita de estudo à sala de aula do futuro. Disponível em: <<http://carlajesus.net/visita-de-estudo-a-sala-de-aula-do-futuro/>>. Acesso em 23 de setembro de 2018.

COMIN, A. Sala de aula: Repensando a relação entre o espaço, a aprendizagem e as mídias. UFRGS, Porto Alegre, 2015.

DN. Portugal testa salas de aula do futuro. Disponível em: <<https://www.dn.pt/portugal/interior/portugal-testa-salas-de-aula-do-futuro-5040206.html>>. Acesso em 23 de setembro de 2018.

RODRÍGUEZ, A. (2016): O que as escolas mais inovadoras do século XXI têm? 8 exemplos que você precisa conhecer. Acesso em 01 de novembro 2017, disponível em Archdaily: <<http://www.archdaily.com.br/br/797105/o-que-as-escolas-mais-inovadoras-do-seculo-xxi-tem-8-exemplos-que-voce-precisa-conhecer>>.

SAPO. A primeira aula na 'Sala do Futuro'. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/ideias/a-primeira-aula-na-sala-do-futuro=f801445>>. Acesso em 23 de setembro de 2018.

SILVA, Z. A. P. M. As demandas educacionais do século XXI: formação continuada de professores. Educ@ção Rev. Ped. Creupi, Esp.Sto. do Pinhal, SP, v.01, n.02, pag.07 a 11 jan./dez. 2004.

VALENCIA, N. (2016): Arquitetos que projetam prisões são os mesmos que

projetam escolas (ou como pensar a escola do século XXI. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/785131/aqueles-que-desenharam-as-prisoas-tambem-desenharam-os-colegios-ou-como-pensar-a-escola-do-seculo-xxi>>. Acesso em 01 de novembro de 2017



MODOS DE LER E ESCREVER: A FANFICTION *AFTER* NA PLATAFORMA WATTPAD

Beatriz Costa Garrido¹
Elizabeth Gonzaga de Lima²

Universidade do Estado da Bahia- UNEB - e-mail: beatrizcostagarrido@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia- UNEB – e-mail: betylima@gmail.com²

Palavras-Chave: Rede literária, Wattpad, After, fanfiction

Introdução

Na contemporaneidade, as demandas tecnológicas transformaram os paradigmas de escrita, de leitura e das formas de produção literária, desafiando o escritor a renovar seu ofício. Esse cenário de transformação abre a perspectiva de um novo momento para o fazer literário através da literatura digital. A literatura digital, ao distanciar-se da cultura impressa, busca criar uma nova experiência de leitura para seus usuários, que passam de navegadores a geradores de conteúdo (JENKINS, 2015). Esse novo leitor da literatura digital é classificado por Certeau (1998) como nômades, uma espécie de viajantes que exploram os textos de outras pessoas, invadindo textos que não os pertencem. Sendo assim, o leitor torna-se o grande protagonista da produção literária, principalmente através da produção das fanfictions, ficção feita por fãs. Diante desse papel estabelecido ao autor e ao leitor na literatura virtual que a plataforma Wattpad surge como líder, com seus 65 milhões de usuários que a utilizam para publicações e compartilhamento de textos literários. É através desse meio que será possível a convergência entre palavra, vídeo, foto, som e animação no fazer literário. Para investigar essa prática, que promove uma nova construção do texto e interatividade entre autor e leitor, a presente pesquisa procede ao exame da plataforma literária Wattpad através da análise da fanfiction *After*, publicada pela autora independente Anna Todd.

Metodologia

Realizou-se o levantamento, coleta e leitura de textos teórico-críticos pertinentes à pesquisa, a fim de investigar as estratégias narrativas da rede social literária Wattpad e as relações interativas que se estabelecem entre escritores e leitores, visando analisar as estratégias de escrita dos autores e o protagonismo dos leitores.

Em um primeiro momento, houve a coleta de produções de grande repercussão na rede Wattpad que foram publicadas em língua portuguesa, estabelecendo quem eram esses autores e o que retratava cada narrativa.

A princípio observou-se de que maneira essas obras de grande repercussão tinham características semelhantes à *After*, da Anna Todd; para em seguida relacionar esses dados com o referencial teórico proposto pela pesquisa.

Concomitantemente, houve reuniões do grupo de pesquisa e orientações, além da produção de fichamentos, resenhas, resumos, relatórios de estudo e artigos.

Resultados e Discussões

A plataforma digital Wattpad, criada em 2006, permite que seu usuário publique textos de maneira gratuita, além de ler textos literários de diferentes gêneros. Dentre os textos publicados na rede, recebeu destaque o romance *After*, da autora Anna Todd. Com mais de 1 bilhão de leitura na Wattpad, a autora desenvolveu um romance que se enquadra na definição de fanfiction, ficção escrita por fãs de diferentes modalidades, pois tem como personagens de sua obra os integrantes da boyband de repercussão mundial, *One Direction*. Com o número de



leitores que a narrativa conquistou, a obra foi publicada de forma impressa em diferentes idiomas, tendo sua publicação no Brasil realizada pela Editora Paralela.

A plataforma tem postagens de maneira fragmentada, isto é, um capítulo por vez, assemelhando-se a publicação dos romances de folhetim do século XIX, além de possuir um sistema de interatividade que se desvincula da ideia de leitura passiva.

A interatividade da plataforma Wattpad, que permite a publicação de comentários depois de cada capítulo publicado pelo autor, além de ter um sistema de avaliação daquele capítulo que funciona como um barema de como aquela postagem agradou os usuários da rede, permite que esse leitor se torne o protagonista da produção literária. Sendo assim, o leitor de *After* tem participação ativa na produção ao dar sugestões para autora que vão de correções ortográficas a opinião sobre a personalidade do personagem ou o desenvolvimento da narrativa.

Além da interatividade desse fã leitor, há a discussão do protagonismo do fã em desenvolver uma narrativa literária a partir do universo ao qual ele tem afinidade, analisado também na plataforma Wattpad, que predominantemente são publicadas fanfictions, tomando como grande exemplo a repercussão atingida pela fanfiction *After*.

Anna Todd, como fã da banda One Direction passa a escrever uma narrativa literária com seus integrantes e com isso recebeu uma grande repercussão. Isto é, os leitores de *After* são, em sua maioria, fãs da boyband e encontram nesse romance a possibilidade de ler sobre aquilo de que gostam e conhecem, além de socializar com outros fãs através da plataforma Wattpad. O fandom de *After*, ou seja, o coletivo de fãs do livro teve fundamental importância na divulgação da obra, tal participação configurou-se como uma forma de protagonismo.

Além disso, entrou em pauta a observação de como a plataforma permite a publicação de maneira fácil e acessível para um autor iniciante e como ela pode tomar uma grande proporção com a ajuda de seus próprios leitores em um processo de convergência das mídias (JENKINS, 2009).

Ou seja, quando uma banda que se formou em um reality show, neste caso a banda *One Direction*, passa a ser argumento de uma narrativa literária produzida por uma fã, a Anna Todd, e postada numa rede social literária, além de ser divulgada por seus leitores em outras plataformas digitais e sociais, estabelecendo uma rede de conexões entre novas e velhas mídias.

Observa-se, então, que a produção de literatura na plataforma Wattpad permite a interatividade entre o autor e o leitor de forma direta, além dos leitores entre si desenvolverem uma comunidade dentro dessa rede, o fandom. Além disso, permite observar que a Wattpad é designada como rede social, justamente por promover essas relações.

Conclusões

A pesquisa alcançou seu objetivo ao observar como a plataforma Wattpad permite um meio de produção literária que abre outra perspectiva para a publicação de textos, além da interação entre autor e leitor observada nas relações entre a autora Anna Todd e seus leitores, em que o leitor fã é o grande protagonista, estabelecendo-se uma relação de co-autoria na produção do romance *After*. Foi possível também elencar os tipos de produção predominantes na plataforma digital Wattpad, neste caso, a produção de *fanfictions*, e de seu público alvo, constituído majoritariamente, por uma faixa etária entre treze a dezessete anos, caracterizado tanto como público leitor, como o participante que alimenta a plataforma com as produções literárias.

Analisaram-se ainda as estratégias narrativas desses escritores, principalmente em lidar com a interferência dos leitores na produção literária. Portanto, a rede social literária Wattpad permite um novo meio de produzir e veicular a literatura e com isso altera também a forma de leitura e recepção dessas obras, vista através da análise de fanfiction *After*, da Anna Todd.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, aos meus amigos e a minha família pelo apoio em todos os



momentos da minha vida e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço também ao PROCAD/CAPES pela bolsa concedida e à professora Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima por toda orientação e pela oportunidade de pesquisar uma área que tanto me cativa e que estou colhendo bons frutos.

Referências

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial, 1998.

JENKINS, Henry. *Invasores do texto. Fãs e cultura participativa*. São Paulo: Marsupial, 2015.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2.ed. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. “**Da literatura à moda antiga à literatura digital: Isto matará aquilo?**” In: *Leitura e literatura do centro às margens: entre vozes, livros e redes*. (Orgs.). LIMA, Elizabeth Gonzaga de; GONÇALVES, Luciana Moreno Sacramento e ROCHA, Verbena Maria. Campinas: Pontes Editores, 2016.

MARTINS, Beatriz Cintra. *Autoria em rede: os novos processos autorais através das redes eletrônicas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: companhia das letras, 1996.000

STREITFELD, David. “**Aplicativo Wattpad une autores e leitores com textos mais curtos on-line**” (2014). Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/04/1442134-aplicativo-wattpad-une-autores-e-leitores-com-textos-mais-curtos-on-line.shtml>. Acesso 10 de junho de 2016.

TODD, Anna. *After*. Tradução de Carolina Cairo Coelho. São Paulo: Editora Paralela, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. *O fenômeno Fanfiction: Novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo, UPF, 2005. *Wattpad*. Disponível em: <<https://www.wattpad.com>> Acesso em: 24 julho 2018.



A IMPORTÂNCIA DO ACESSO AOS DADOS COMPLETOS DA PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DE COMO OS REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS ESTÃO SENDO UTILIZADOS PELOS SEUS PESQUISADORES BRASILEIROS.

Neubler Nilo Ribeiro Da Cunha¹
Nadia Hage Fialho²
Eduardo Manuel De Freitas Jorge³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: neubler@gmail.com¹

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: nadiyahfialho@gmail.com²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – e-mail: emjorge1974@gmail.com³

Palavras-Chave: Gestão do Conhecimento; Dados Científicos; Repositórios Institucionais.

Introdução

Os dados de pesquisa estão assumindo um novo papel no processo de investigação científica. Tradicionalmente os dados gerados ao longo do processo de pesquisa são descartados ou esquecidos após a conclusão da investigação e da consequente publicação dos artigos científicos resultantes do trabalho. Este trabalho tem por objetivo investigar como os Repositórios Institucionais de Pesquisa Brasileiros estão lidando com estes dados gerados e se eles têm conhecimento sobre a gestão dos dados científicos diante deste novo cenário no fluxo da comunicação científica.

Metodologia

Pesquisa documental com origem e história no mundo sobre:

- Repositórios digitais;
- Repositórios Institucionais;
- Iniciativa **Arquivos Abertos (OAI – Open Archives Initiative)**.

Acesso aberto e fechado a dados científicos;

- Qual sistema mais utilizado para Gestão de Repositórios Digitais no Mundo e no Brasil.

Para observação de como os Repositórios Institucionais de Pesquisa

Brasileiros estão sendo usados será realizada uma pesquisa com os Pesquisadores de Grupos de Pesquisa ligados a Programas de Pós-Graduação com notas 3, 4, 5 atribuídas pela CAPES em 2016 no universo da Bahia. Será feito um recorte por áreas de conhecimento (a ser definida pelo orientados). O tipo de observação é sistemático e os instrumentos de coleta de dados compreendem:

- Formulário de observação para coleta de dados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq;
- Entrevista em forma de questionário encaminhado aos pesquisadores líderes de grupos de pesquisa no CNPq, que compõem a amostra.

Para o tratamento dos dados coletados se utilizará a análise de conteúdo para observar contextos qualitativos dos questionários, com base em Freitas (2000) e para tratar os dados dos formulários, a análise multivariada de dados.

Resultados e Discussões

Como primeiro resultado da pesquisa foram levantados os principais repositórios de dados de pesquisa no mundo a exemplo do:

- **re3data.org**: é um registro global de repositórios de dados de pesquisa que abrange repositórios de dados de pesquisa de diferentes disciplinas acadêmicas



-**Repositório de Dados de Pesquisa dados.rcaap.pt/**: Repositório piloto de dados resultantes de investigação de instituições portuguesas.

- **Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco <https://repositorio.ipcb.pt/>**: tem como missão disponibilizar e permitir o livre acesso à produção científica do Instituto.

-**Repositório da Dados do Governo Australiano <https://data.gov.au/>**: O principal objetivo do site é incentivar o acesso público e a reutilização de dados públicos.

Foram identificados também os principais Softwares utilizados na gestão destes repositórios, tanto no Brasil quanto no Mundo.

Além disso, foi realizada uma análise teórica sobre iniciativas de repositórios com dados abertos versus repositórios com dados fechado. Considerado um avanço da comunicação científica o acesso aberto surge a partir do aumento dos custos das assinaturas de periódicos em na década de 1980, deixando as coleções de periódicos inacessíveis à demanda das Bibliotecas e de seus usuários.

As primeiras iniciativas de acesso aberto surgiram na década de 1990, com a iniciativa conhecida como ArXiv:

Em agosto de 1991, aparece o primeiro repositório de documentos eletrônicos baseado na filosofia dos arquivos abertos. Este repositório denominado ArXiv (<http://arxiv.org/>) foi criado pelo físico Paul Ginsparg do laboratório de Los Alamos no Novo México. (TRISKA, 2001)

Em outubro de 1999 o conceito de arquivos abertos tem seu marco consolidado durante a Convenção de Santa Fé (http://www.openarchives.org/sfc/sf_c_entry.htm) realizada no Novo México. (TRISKA, 2001)

Apesar do termo acesso aberto, sabe-se, que este serviço ou política de acesso não é livre de custos para se disponibilizar esta literatura. São necessários investimentos nas

áreas tecnológicas e humanas e infraestrutura tecnológica para que o serviço seja viável.

Discutir os dados levantados a partir do universo observado no âmbito dos pesquisadores de Grupos de Pesquisa ligados a Programas de Pós-Graduação com notas 3, 4, 5 atribuídas pela CAPES em 2016.

Conclusões

Mapear os pesquisadores brasileiros e analisar as suas práticas na disponibilização dos dados geradas nas suas pesquisas.

Identificar se os dados de pesquisa são disponibilizados em repositórios institucionais por estes pesquisadores e quais seriam estes dados disponibilizados.

Referências

BORGMAN, C. L. **Big data, little data, no data: Scholarship in the Networked World**. London: MIT Press, 2015. (Ebook). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a10>>

COCCO, Ana Paula. **Repositórios institucionais de acesso aberto: análise do cenário nos países ibero-americanos**. 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DECLARAÇÃO - BETHESDA. **Bethesda Statement on Open Access Publishing**. 2003. Disponível em: <<http://www.earlham.edu/~peters/fos/bethesda.htm>>. Acesso em 10 set. 2018.

FERREIRA, Alice Fontes. **A Difusão do Conhecimento na Universidade do Estado da Bahia (UNEB): Uma Proposta De Implantação Do Repositório Institucional**. 2016. 201f. Disponível em: <<http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/623>>, Acesso em: 26/06/2018

FREITAS, H. M. R. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares,**



seqüenciais e recorrentes para exposição de dados qualitativos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MEDEIROS, C.B. Gestão de Dados Científicos – da coleta à preservação [online]. **SciELO em Perspectiva**. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/06/22/gestao-de-dados-cientificos-da-coleta-a-preservacao/>. Acesso em: 10 set. 2018

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Ago 2006, Volume 35 Nº 2 Páginas 27 – 38

NEVES, B.C. **Abordagem cognitiva para inclusão digital**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2016.

SETZER, V. W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - n. zero dez/1999. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/datagrama.html>. Acesso em: 06 set. 2018.

SILVA, F.C.C. O papel do bibliotecário na gestão de dados de pesquisa. **RDBCI**, v.14, n.3, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8646333> > Acesso em: 06 set. 2018.

TRISKA, Ricardo; Café, Lígia **Arquivos abertos: subprojeto da Biblioteca Digital Brasileira**. **Ci. Inf.**, Dez 2001, vol.30, no.3, p.92-96. ISSN 0100-1965

VOLPATO, Sílvia Maria Berté, Rodrigues, Leonel Cezar and Silveira, Amélia **Inovação no acervo e no acesso de informações: o sistema de repositório institucional nos Tribunais de Contas do Brasil**. **Perspect. ciênc. inf.**, Dez 2014, vol.19, no.4, p.160-181. ISSN 1413-9936 .



TRADIÇÃO ORAL DAS MARISQUEIRAS IDOSAS NO LITORAL DO MUNICÍPIO DE CONDE – BAHIA: CONTOS, CASOS E CANTOS.

Olindina do Nascimento Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: olly-nascimento@hotmail.com

Palavras – chave: Memórias da tradição oral. Narrativas e arquivos de saberes. Marisqueiras do litoral norte.

Introdução

Neste artigo, discuto o estudo das memórias orais, nas comunidades onde se contam histórias, casos, cantigas de trabalhos, no mundo da tradição oral. É proposto para essa pesquisa em andamento, estudar a memória oral das mulheres marisqueiras idosas da região litoral do município de Conde – Bahia e a partir, dessa memória local e regional, coletar esses repertórios reminiscentes que acompanharam a resiliência destas mulheres, fazendo análise de suas vidas, associando as linguagens poéticas, literárias e musicais em arquivos de saberes. Os textos de cultura (contos, cantos e casos), que estão sendo coletados em pesquisa de campo, faz parte da construção da dissertação de mestrado em crítica cultural. Por meio de entrevistas as colaboradoras, contribuem narrando e lembrando seus arquivos de saberes. Na contemporaneidade, lembrar através das suas memórias individuais e coletivas permite rever como esses arquivos de saberes foram importantes como manifestações culturais para as comunidades pesquisadas que acontecem nos povoados de Sitio do Conde, Siribinha, Poças e Barra do Itariri. Este município representa uma região litoral, tipicamente baiana, com fortes marcas de matrizes africanas e indígenas que viveu durante muitos anos desconhecida do mundo, até ser marcada pela projeção turística e ter sofrido repentinas mudanças socioeconômicas e culturais. Neste sentido, ao narrar suas experiências as marisqueiras idosas destas comunidades citadas ressignificam os

arquivos de saberes mesmo que estas manifestações culturais como cotidianas práticas sociais e que estão condensadas á vida das comunidades geralmente sejam colocadas á margem da sociedade, reduzindo ao que Bosi (1922, p. 328), na obra Sete Estudos Culturais de Literatura oral e cultura popular (2016, p.17) aborda, “*reduzindo-se á função de folclore para turismo... destrói por dentro o tempo próprio da cultura popular e exhibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo de artesanato, nas festas, nos ritos*”. Os estudos culturais na contemporaneidade importam como espaço, no ambiente acadêmico e no externo, porque contribui entender estas manifestações culturais e através deste recorte, *dos arquivos de saberes das marisqueiras idosas*, buscar a partir do universo feminino, contribuir para a compreensão das práticas discursivas que permeiam o universo da memória oral nas comunidades litorâneas baianas, trazendo reflexões sobre as percepções que estas possuem na contemporaneidade e a importância da preservação destes arquivos de saberes como patrimônio artístico e cultural para a sociedade.

OBJETIVOS:

Recuperar boa parte dos arquivos de saberes no que se refere ás diversas narrativas contadas e cantadas dos repertórios inseridos no cotidiano e nos rituais da tradição oral.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Investigar a memória oral das marisqueiras idosas da região litoral do município de Conde – Bahia.



Coletar os repertórios reminiscentes dos arquivos de saberes (cantigas de roda, de trabalho, de ninar, rezas e orações, contos, lendas, sambas e reisados, etc.).

Utilizar espectro metodológico que compreende ferramentas e teóricos da Literatura e História Oral, da Etnomusicologia e Antropologia Social e Estudos Culturais.

Metodologia

Para este recorte da pesquisa buscamos ferramentas e teóricos da Literatura e História Oral, da Etnomusicologia e Antropologia Social e dos Estudos Culturais. Seleção de fontes orais, livros e demais textos que compõem um acervo especial para a pesquisa de campo, como fotografias, depoimentos, entrevistas, gravações, audiovisuais. Além de referências bibliográficas, para autores poéticos: Edil Costa, Jeruza Peres, Frederico Fernandes, Katharina Doring... Para cultura e estudos culturais teóricos: Franz Boas, Terry Eagleton, Raymond William, Stuart Hall, Nestor Canclini e sobre o método de pesquisa Deleuze e Guattari, Silviano Santiago, Gaston Bachelard, Geertz, Carlos Ginzburg entre outros. O método utilizado é o etnográfico e no olhar de pesquisador que caminha foi observado traços de tradição oral que marcou uma identidade cultural, mas que variou no tempo. Assim, já se encontra registrado em depoimentos gravados alguns arquivos de saberes, como contos e rezas, celebração de Cosme e Damião com samba de roda e cantigas. Entretanto, obstáculos epistemológicos são muitos e precisam ser ultrapassados pela consciência de que eles existem, pois contrário a isto, poderá comprometer a pesquisa. Dito isso, ao olhar o objeto de estudo, pode correr o risco de se levar pelo que lhe é apenas visível, dando uma velocidade que o mesmo não possui *a priori*. De acordo Bachelard “diante do mistério do real, a alma não pode, por decreto, tornar-se ingênua”. (1996, p.18). Neste sentido, deve o pesquisador separar o senso comum, suas opiniões e seus preconceitos porque o conhecimento teórico e científico deve estar comprometido com a

busca da verdade. Para Bachelard, o objeto científico não é dado pela natureza, mas construído pelo pesquisador. “*O mundo em que se pensa não é o mundo em que se vive*”. Assim, há uma necessidade de desmontagem das cenas porque é preciso *desnudar* o conhecimento para a busca dos fatos e desta forma, questionando e duvidando se realmente são estes os caminhos e elaborando as perguntas certas, o pesquisador avança na pesquisa, percebendo quais os instrumentos necessários para serem mobilizados e evidenciados e quais deverão ser deixados de lado.

Resultados e Discussões

A pesquisa encontra-se em andamento e a coleta de alguns dados já demonstra que em alguns destes povoados a exemplo de Poças muitos arquivos de saberes foram apagados das memórias de algumas e as que lembram, produzem uma memória que vem em flashes, ora lembrando e outras esquecidas, inclusive nas cantigas, Em outros povoados se encontra mais vivo esses saberes, a exemplo da Barra do Itariri, o conto se encontra vivo na memória da maioria das colaboradoras entrevistadas, que contavam experiências em contato com a lenda. Ao narrar sobre a lenda, algumas delas vivenciavam o momento com emoção; “{...} *Eu vinha do Riacho Seco com meu pai e era muito tarde e até chegar à Barra do Itariri, era uma caminhada danada de longe e ainda é a senhora vê a distância. Pois bem, minha “siora” tem uma parte do caminho que a gente passa entre os mangues, pois é mangue de um lado e mangue do outro e ai eu vi aquela luzinha piscando e acompanhando a gente. Nessa hora agarrei na mão de meu pai e tava um breu danado, mas dava pra ver que era ela sim, a be-a-ta-tá. Eu falei, pai ela vai chegar na gente pai, já com o coração disparado mas ai meu pai mim segurou e começou a rezar uma reza e quando abri os olhos a bola de fogo sumiu no mangue. A reza de meu pai era forte pra essas coisas.(M.68 anos, rezadeira)*. Também foi encontrado a tradição do caruru de Cosme e Damião com samba de roda com os sambadores *da dança do coco* popular no



município onde mulheres sambam alegremente, enquanto os homens entoam músicas ao som de instrumentos musicais logo após a oferenda aos santos e as crianças escolhidas comerem o caruru no ritual “{...} *este evento já fazemos há muitos anos e é em devoção a minha mulher pois ela nasceu no dia de Cosme e Damião e ela é gêmea mas a irmã dela já morreu e ai eu aqui nesta data faço minha homenagem aos santos e minha sogra também comemora mas em outra data e a gente samba também.* (A. P. S, 62 anos). Este ritual é composto por rezas e orações em homenagens aos santos e ainda, {...} *Eu mariscava peixe, aratu, nos brejos, desde os 18 anos e trocava por farinha, feijão... o pai dos filhos não ajudava. Eu faço caruru todo ano em Cosme e Damião, mas não tem samba não só pra rezar e cumprir a promessa que fiz porque um filho meu quando era novo vivia atormentado, acordava direto assombrado e eu vivia esquentando a cabeça com esse minino mas ai depois da promessa ele melhorou e hoje graças a Deus vive em São Paulo, direito com a família e eu não deixo nunca de cumprir minha obrigação com os santos.* (H. A. 73 anos). Percebe-se assim a devoção aos santos.

Há ainda um bom caminho a ser explorado, como no povoado da Siribinha para a coleta de dados sobre a forma como mariscam o aratu com o canto que entoam atraindo o marisco na pesca, além de outros locais onde precisa ser aprofundada a busca de outros saberes populares. Há necessidade de dados históricos da região na qual já se encontra em contato com historiadores locais e folcloristas. São as construções em percurso. Essas experiências conferem a narrativa uma versão única para história narrada. Benjamim vê a narrativa como uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “*puro em si*” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (1994, p. 205). Ao narrar suas experiências essas narradoras constroem suas

memórias mesmo que estas tenham se perdido com o avanço dos tempos, já que sem dúvida, a televisão, o rádio e a televisão e tudo o mais venha acelerando vertiginosamente, principalmente a perda de cantigas, de contos e práticas de trabalhos, acompanhadas de seus rituais poéticos – cênicos e musicais. O método de pesquisa é problematizado em relação ao termo cultura, sendo que quando colocadas juntas, “cultura” e “popular”, as dificuldades são ainda maiores, no sentido das tensões e desta forma, é imprescindível ater-se aos pensamentos teóricos dos autores abordados. Tendo como recorte experiencial, as Tradições Orais, no campo da Cultura Popular, como um palco tensionado onde os fazeres e a arte do povo, eram vistas pela elite como contravenções, estas precisavam ser reformadas e domesticadas para que não invadissem a tida “sociedade”, com seus rituais, tambores, manifestos, pífaros, etc. Traduzindo-se assim, no pensamento de Stuart Hall (2003) no texto Da Diáspora: Identidade e mediações culturais, cita “No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário, e mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres.” Este fato deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações. A crítica que se insere aqui aborda estas transformações ao longo dos tempos e não se pode, falar de cantos, contos e rituais sem reconhecer esse contexto macro que simplesmente aconteceu.

Conclusões

O recorte da pesquisa traz a importância dos estudos culturais, através da cultura popular e com a cena da pesquisa descrita em andamento buscam-se os arquivos de saberes presentes ou não nas memórias destas marisqueiras idosas mesmo que estas memórias guardadas sejam ecos do passado e ao serem lembradas, surgem como flashes que se acendem e apagam, ora com mais intensidade, ora interrompidas, no



esquecimento de seus arquivos de saberes. Entretanto o aporte teórico dos autores citados dentro da área de História Oral fundamenta a pesquisa com recursos de conhecimentos para compreender o processo que se encontra envolta a pesquisa, com as temáticas: memórias, cultura popular, narrativas, feminino, arquivos de saberes, que formam um campo de marcas e tensionamentos mas pensar na memória e oralidade como um ato para a metáfora mariscando saberes.

Agradecimentos

A organização do evento III Eninepe.
A orientadora Katharina Doring pelos méritos das contribuições acadêmicas.

Referências

BOSI, A. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**. In: BOSI, Alfredo. Dialética da

colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308 – 345.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Edil Silva. **Sete Estudos de literatura oral e cultura popular** Edil Silva Costa. Salvador: EDUNEB, 2016.153p:iL - (Crítica Cultural, v. 4)

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



A INCORPORAÇÃO DA GAMIFICAÇÃO, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A VIRTUALIZAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DIDÁTICO-TECNOLÓGICAS.

Sanval Ebert de Freitas Santos¹
Eduardo Manuel de Freitas Jorge²
Ingrid Winkler³

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: sanvalebert@gmail.com¹
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – e-mail: emjorge1974@gmail.com²
Senai Cimatec – e-mail: ingrid.winkler@fieb.org.br³

Palavras-Chave: Ambientes virtuais; Inteligência Artificial; Virtualização; Tecnologias Educacionais.

Introdução

Ao longo da década de 60, com o surgimento das redes de computadores e posteriormente a internet, a interação entre o ato de ensinar e aprender passou a sofrer um processo de transformação com o surgimento de ferramentas tecnológicas destinadas a informação e comunicação, abrindo caminhos para o estreitamento das relações de ensino e aprendizagem através de recursos que potencializam a capacidade de transmitir e assimilar informações na educação a distância.

Nessa perspectiva, profissionais das áreas tecnológicas e educacionais começaram a formatar instrumentos didáticos-tecnológicos, criando e otimizando ambientes virtuais de ensino e aprendizagem que passaram a ser utilizados, inicialmente, pela quinta geração da educação a distância.

Com o passar do tempo, os AVA evoluíram e mudaram periodicamente. Muito por conta do grande acesso, por parte da população em geral, a dispositivos de comunicação como computadores, laptops, tablets e smartphones. Além do constante desenvolvimento de tecnologias que passaram a ser incorporadas aos AVA como videoconferências, podcast, vídeo aulas, virtualização, gamificação e inteligência artificial.

A evolução dos ambientes virtuais contribuiu para o desenvolvimento da educação online, onde uma nova cultura educacional começa a se reorganizar. Afinal, na transposição do espaço de educação presencial para o virtual, o papel do aluno e do professor frente ao desafio de ensinar e aprender muda significativamente.

Este artigo tem por objetivo discutir a construção didática dos ambientes virtuais de aprendizagem, conhecidos no meio educacional como AVA, frente a incorporação de tecnologias aplicadas em educação. Por se tratar de um tema de relevância social e científica em razão dos impactos nas relações de ensino e aprendizagem, a discussão gira em torno de uma abordagem didática e tecnológica dos ambientes virtuais de aprendizagem com ênfase na concepção, desafios e perspectivas.

Metodologia

A pesquisa se desenvolve através de uma reflexão sobre a compreensão dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) frente aos desafios e perspectivas tecnológicas de ensino, seja na modalidade presencial, semipresencial ou a distância. Sendo necessário uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória distribuída em três momentos:



- 1º. Estudar o surgimento, tipos e possibilidades de ensino em ambientes virtuais de aprendizagem;
2. Conhecer a incorporação de técnicas de inteligência artificial, virtualização, gamificação e suas aplicações na educação mediada por ambientes virtuais;
3. Analisar o desenho didático aplicado em ambientes virtuais de aprendizagem.

A apropriação do conhecimento proporcionado pelas etapas acima possibilitará a geração de indicativos que permitirão apresentar, ao longo deste artigo, um horizonte norteador que relacione os aspectos didáticos e tecnológicos, com ênfase na aplicação, desafios e perspectivas da arte de ensinar através de ciberespaços como os ambientes virtuais.

Resultados e Discussões

Os recursos tecnológicos estão mostrando novos caminhos para a educação. Alunos multimídias e mais ativos, professores em fase de adaptação didática e tecnológica, além de recursos multimídia que surgem e evoluem constantemente formando um tripé (AVA, tecnologias e didática) que necessita de interconexão para que ensinar e aprender tenha significado.

Indicativos demonstram que ensinar com suporte de ambientes virtuais de aprendizagem pode ser desafiador. A inteligência artificial (IA), quando incorporada em AVA possibilita uma melhor apuração de resultados, permitindo a compreensão do nível de aprendizagem dos alunos, uma vez que o ambiente será integrado para relacionar a resposta das atividades e avaliação com a contextualização dos conteúdos. Além disso a IA pode interagir com o aluno direcionando conteúdos que necessitam de mais estudos, oferecendo também leitura complementar através de indicação de sites educacionais que ofereçam suporte a temas que estão sendo abordados nas etapas que estão sendo estudadas no AVA. A gamificação surge como uma técnica que estimula e aumenta a interação por ensinar e aprender em ambientes virtuais de aprendizagem. Os

alunos são premiados a cada etapa vencida (leitura de capítulos, participação em fórum, chat, vídeo conferência ou qualquer outro recurso de aprendizagem), como um game tradicional. A virtualização, encontrada em ambientes como *Sloodle*, se apresenta como uma ampliação da gamificação através de recursos de virtualização, possibilitando que o aluno possa interagir com o seu instrumento de estudo através da utilização de óculos específicos. Esse recurso coloca o aluno no contexto virtual e espacial da sua pesquisa, permitindo uma interação igual ou próxima da realidade.

Desta forma, a incorporação de tecnologias em ambientes virtuais permite vislumbrar alguns desdobramentos para a educação:

1. Profissionais de educação necessitam interagir cada vez mais com as tecnologias citadas até então;
2. Os ambientes virtuais não atendem somente a educação a distância. Ele já aparece como recurso para ensino e aprendizagem na educação semipresencial e presencial;
3. Os ambientes virtuais incorporados às técnicas de IA, virtualização e gamificação estão contribuindo para um ensino mais eficiente, dinâmico, interativo e motivador, onde o aluno passa a ser o centro do processo de aprendizagem;
4. Os ambientes de ensino e aprendizagem possibilitam que a sala de aula se torne um espaço de pesquisa e construção do conhecimento.

LIMA JR(2005) comenta que não basta pensar a tecnologia, é necessário também funcionar tecnologicamente. Nessa perspectiva, a incorporação de tecnologias em AVA abre espaço para uma reflexão sobre a necessidade de adaptação às tecnologias citadas ao longo do artigo sem a perda de referência técnica e operacional da arte de ensinar construída ao longo da sua trajetória, a fim de interagir didático-tecnologicamente com alunos que



apresentam capacidades cognitivas muito mais dinâmica que em outros tempos.

Conclusões

A incorporação das técnicas de inteligência artificial, virtualização e gamificação em ambientes virtuais de aprendizagem podem ser encontradas em plataformas de ensino virtual (AVA) de forma isolada. Por exemplo, o *Open Badges da Mozilla*, utiliza técnicas de gamificação. O *Sloodle* junto com *Second Life* oferece técnicas de virtualização e o *Cisco network academy* utiliza a inteligência artificial para gerar e apurar desempenho do estudante.

Os indicativos apurados até então possibilitam refletir que o papel do professor mudou, do aluno também, os AVA continuarão em evolução. Nesse contexto é possível vislumbrar, muito em breve, a criação de um professor virtual para atuar como recurso de ensino em AVA. O que acham? Como iria funcionar? Quais dificuldades e desafios podem surgir? Para contribuir com a reflexão sobre esses questionamentos é importante informar que existem outros recursos tecnológicos, como os citados a seguir, que associados a inteligência artificial, gamificação e realidade aumentada podem convergir para a criação do professor virtual em AVA.

1. O *Software Blender3d*, junto com o *Kinect da Microsoft* permitem a virtualização de uma pessoa através de modelagem, texturização e animação. Ou seja, é possível inserir o professor AVA com suas características físicas reais;
2. O *cockos reaper* é um software de gravação de voz simples que possibilita que o professor faça a contextualização dos conteúdos e atividades postados no AVA com a sua própria voz;

Desta forma será possível prever o desenvolvimento de ambiente virtual com técnicas de inteligência artificial e gamificação, onde o professor, virtualizado com suas características pessoais e técnicas,

reais ou aproximadas, possa mediar as etapas de ensino.

E por fim, permita-se continuar refletindo: Como se dará a organização didático-tecnológica para ensino nos ambientes virtuais? O que esperar de ciberespaços como os AVA frente às constantes incorporações tecnológicas?

Agradecimentos

Este artigo contou com o apoio e motivação de pessoas que tenho imensa estima e gratidão. Para iniciar agradeço a minha família pelo amor e apoio incondicional, em especial às minhas filhas Geovanna Maia Freitas e Rebeca Maia Freitas, elas alimentam a força para superar desafios como esse de produzir um artigo. Depois agradeço ao Prof. Dr. Eduardo Manuel de Freitas Jorge e a Dra. Ingrid Winkler pela inspiração, orientações, críticas, motivação e direcionamento técnico.

Referências

- GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOBATO, P. A. et al. **Aspectos cognitivos de aprendizagem motivados por jogos educativos digitais**, Revista SODEBRAS – Volume 12, N° 142 – outubro/2017
- KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas** / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. - Salvador: EDUFBA, 2009
- PAPERT, Seymour M. (1994). **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 210 pp.
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na**



era da informática. Rio de Janeiro: Ed34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA JR. Arnaud Soares. **Tecnologias inteligentes e educação: currículo, hipertextual.** Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

PETERS, Otto.

RECUERO, R. C. **comunidades virtuais: uma abordagem teórica.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 2001 Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: PUCRS, 2001.

SILVA, R.S. **Ambientes Virtuais e Multiplataformas Online na EAD.** São Paulo: Novatec, 2015.

SILVA JÚNIOR, Celestino Alves. **A escola pública como local de trabalho.** São Paulo: Cortez, 1993.



O CINEMA COMO CONTADOR DE HISTÓRIA NO EPISÓDIO DO MASSACRE EM RUANDA EM 1994

Bruna Tais dos Santos

Universidade Estadual da Bahia - UNEB - e-mail: btaiss@hotmail.com

Palavras-Chave: Representações, Cinema, Ruanda.

Introdução

Em 1994, Ruanda viveu um dos momentos mais trágicos de sua história: o massacre de um milhão de pessoas, mortas pelos seus vizinhos, amigos e “irmãos” de maneira fria e cruel. Longe de ser o cenário preferido pela cinematografia, sobretudo hollywoodiana, após este episódio o pequeno país ganha destaques nos cinemas, a partir da tentativa de contar sua história e relatar os detalhes deste evento. Daí nasce a necessidade de se estudar a representação do massacre em Ruanda através das análises fílmicas e a historiografias existentes sobre o tema em questão.

Para falar sobre a representação de Ruanda nas telas faz-se necessário compreender o cinema como objeto de estudo para a história. Em 1895 o cinema ganhou projeção através dos irmãos Lumière e, desde então, vem se transformando e se reinventando na forma de contar a história, seja ao abordar o universo lúdico e ficcional ou baseado em fatos reais. A questão é que o cinema de forma direta ou indiretamente interfere na história social, do mesmo modo, muitas vezes se utiliza da história social para criar sua narrativa fílmica. Assim sendo, o cinema se torna um objeto que vai além de uma simples imagem cinematográfica e passa a contribuir na disseminação da representação social, sem contar que por meio dos filmes as pessoas têm mais acesso a história que por meio da leitura, contemporaneamente.

Não se pode negar a utilidade do cinema no estudo da representação no campo da história, através da perspectiva da obra

fílmica e seu papel crítica. O cinema não é apenas uma mera expressão narrativa por meio das imagens, ele é um meio de representação social. Sendo assim, um produto de análise e investigação. Por isso, este trabalho versa no estudo da representação cinematográfica no episódio do massacre em Ruanda, em 1994, e como o cinema se utiliza da sua linguagem particular para contar os fatos.

Metodologia

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, tomamos como ponto de partida o filme *A história de um massacre, Peter Raymond 2004*¹, que narra a história do genocídio em Ruanda. A obra demandou um estudo qualitativo sobre a relação entre o cinema e a história, a partir da análise e cotejamento entre as representações construídas pelas narrativas fílmicas e a historiografia existente sobre o tema em questão.

Para que o estudo fosse possível, além da análise fílmica, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica com temas relacionados ao massacre de Ruanda em 1994 e o cinema como representação na contação de histórias, discriminados nas referências bibliográficas.

Alinhado a esses dados, foi realizada uma entrevista com o comandante João Bôsko Queiroz, que atuou junto a ONU como

¹ Diretor: Roger Spottiswoode. Roteiro: Michael Donovan, baseado no livro autobiográfico de Roméo Dallaire. Música: David Hirschfelder. Fotografia: Mirosław Baszak. Elenco: Owen Sejake, Roy Dupuis, Michel Mongeau, Akin Omotoso.



observador no momento que sucedeu o evento. A entrevista nos ajudou a compreender e relacionar os eventos ocorridos e os narrados pelo cinema, uma vez que a filmografia em questão trabalha a representação a partir da atuação da ONU durante o episódio, que tinha o papel de observar o tratado de acordo de paz entre os grupos tútsis e hútus. O comandante nos apresentava com suas experiências durante o episódio nos ajudando a situar o objeto de estudo através das análises pelas suas lentes, as bibliografias e o filme, principal objeto de estudo e análise.

Após a seleção e leitura das referências bibliográficas e entrevista realizada, analisamos comparativamente o filme *A história de um massacre*, Peter Raymont 2004, ao qual discutiremos a seguir.

Resultados e Discussões

O cinema foi uma das mídias, que junto com o jornalismo, mais propagou o episódio do massacre em Ruanda. Sendo que o filme, além de ter a possibilidade de atingir um grande número de espectadores, consegue transmitir sensibilidade, através das imagens, permitindo de forma mais direta traduzir o percurso dessa história que mexe com intelecto e a imaginação de qualquer pessoa, e supri a necessidade da representação, como relata Schurmans (2010)² “Com a ausência de imagens fotografadas de qualidade e clareza, o cinema acaba por preencher o vazio audiovisual com as representações supostamente fies as experiências contadas pelos sobreviventes assim como pelos executores.”. O autor exprime a importância que o cinema tem como contador de história, sua facilidade na penetração, compreensão e propagação.

Mesmo com seus recursos técnicos, seu capricho e propriedade no trabalho de concepção, e ainda que demande todo esforço de reprodução, a representação da história é passível de pouquidade e julgamentos representativos, pela dificuldade de se contar um fato nitidamente. Seja qual for meio,

impresso, sonoro ou cinematográfico, as representações cênicas permitem conservar a memória dos jogos de cena pretendidos por Moliere numa leitura desligada do sentido imediato da representação, como narra Roger Chartier (Chartier, 2002, p.128).

Compreendendo a necessidade de preencher este vazio visual por meio da cinematografia e sabendo da dificuldade que é contar a história de forma tão plausível como aconteceu no episódio em Ruanda, mesmo com a incumbência do cinema retratar os fatos, seria impossível mostrar o que realmente se passou. Ninguém estaria preparado para viver, ainda que como espectador, a guerra brutal, o que sofreram os sobreviventes e parentes, as vítimas que viram seus entes e amigos morrerem de forma tão cruel, embora contenha cenas fortes e chocantes, o cinema não traduz um terço das atrocidades que aconteceu, assim destaca o comandante João Bôsko que mesmo 24 anos depois, ainda se emociona ao tentar contar o episódio que presenciou, também os acusados entrevistados por Jean Hatzfeld tem dificuldades em narrar os acontecimentos em Ruanda, uma representação que foge do intelecto de qualquer pessoa.

O filme “*A História de um Massacre*”³, versão original “*Shake Hands with the Devil*” é um longa de 115 minutos, sob a direção de Roger Spottiswoode. Assim como no livro, o filme conta a história do massacre em Ruanda pela perspectiva do general Roméo Dallaire, que na época do ocorrido comandava a equipe de observação da ONU, com o objetivo de preservar o acordo de paz entre a FPR e o governo Ruandês.

O filme começa com um off explicando a chegada da Bélgica depois da Primeira Guerra Mundial e suas interferências na cultura dos ruandeses, como a implantação das carteiras de identidade, classificação dos grupos por etnias, privilégios aos tútsis, assim gerando conflitos entre os grupos (no filme tratados como etnias) e a rebelião dos hútus que em 1959

² Artigo publicado por Fabrice Schurmans para a Oficina do CES n.º 336, janeiro 2010.

³ Diretor: Roger Spottiswoode. Roteiro: Michael Donovan, baseado no livro autobiográfico de Roméo Dallaire.



deportam e matam os tútsis. Para chegar na entrada da tropa da ONU a narrativa fílmica faz um salto para 1990, quando uma rebelião multiétnica liderada pelos tútsis invade Ruanda gerando uma série de conflitos internos necessitando que as tropas francesas intervenham através do tratado de paz em 1993, e tendo a ONU como enviada para preservar essa união e manter o acordo de paz. Toda essa narrativa é importante para compreensão dos fatos, explicar sua atuação no país e os motivos que nortearam o episódio de 6 de abril de 1994.

O filme gira em torno das consultas psicológicas do comandante Roméo Dallaire, interpretado por Roy Dupuis, que passa por tratamento após presenciar as atrocidades vividas durante o massacre. Dallaire vê sua vida na África mudar, em um dia admirava as belezas de Ruanda, paisagens que por sinal, diferente de outras representações cinematográficas, mostra um povo trabalhador, alegre e risonho, uma região de belos cenários. A primeira frase do general denota um olhar crítico sobre o continente e demonstra uma visão acostuada a sobre outra versão da África cinematográfica: “ninguém mencionou que isso aqui era tão bonito”. São sobre estas paisagens, risos e cantorias que nos primeiros capítulos do filme se desenvolvem a narrativa do general de tentar levar harmonia entre os dois grupos étnicos, sobre a missão de guardiões da paz, através da imparcialidade e exibição de uma força de paz presente.

Nas cenas seguintes o filme já destaca a rivalidade forte e presente entre os dois grupos. Esses discursos se personificam no diálogo com a primeira ministra que é hútu e logo após em uma conversa com Kagame líder da FPR que anuncia de forma indireta que algo terrível está para acontecer. A partir daí segue a tentativa do general Dellaire de estabelecer a paz entre eles.

Na trama, o general Roméo luta contra as dificuldades e impotência diante do massacre dos tútsis tentando, sem o apoio do governo, impedir a matança. A partir dos 27 minutos o filme começa a narrar os acontecimentos do episódio do atentado ao avião que estava a bordo o presidente Juvénal Habyarimana, o

chefe de gabinete e o presidente de Burundi. Instalado o caos, ruas cercadas e iniciada a caça aos tútsis para exterminar, Roméo se vê na contramão sem o apoio do governo para ajudar a amenizar a situação e tentar salvar ao menos as pessoas sob seu abrigo, na área militar instalada para os mantenedores da paz e sob o domínio do hotel Des Mille Collines⁴. Além de driblar a guerra que nesta altura já era alarmante, também teve que lidar com fome e a doença, que juntamente com a guerra matava muitas pessoas nos acampamentos.

Ao saber do avanço da guerra, classificada no filme como guerra étnica, números de mortos atingido, inclusive de soldados brancos, os governos francês e belga ordenam retirada de suas tropas, compatriotas e demais brancos do país. Essa decisão e descaso pela situação deixa o general de mãos atadas frente a um episódio que a cada segundo ceifava centenas de vidas, colocando a sua e de seus colegas em risco na tentativa de alguma forma intervir nessa guerra étnica ou mesmo um genocídio. Seria aquele episódio uma guerra étnica ou um genocídio? Indaga o general na tentativa de tentar traduzir sem resposta aquela cena de centenas de corpos espalhados pelo chão, mortos a foices de facão e machado, transformando ruas e locais em tapete de corpos tútsis e moderadores.

Na tentativa de trazer a reflexão sobre o acontecido, o filme transcorre no apelo emocional, através da música e representação dos personagens tentando promover o entendimento sobre as mortes e o extermínio da população tútsis.

O filme *A história de um massacre, Peter Raymont 2004*, baseado no livro *Shake Hands with the Devil* narra os esforços do comandante para resolver a situação, diante dos olhos fechados do mundo sobre essa questão, como quem largados a própria sorte. Ele que acreditava que sua missão era ajudar o país a alcançar a paz que ambos os grupos

⁴ O Hôtel Des Mille Collines durante o massacre abrigou 1200 tútsis sob a proteção do gerente Paul Rusesabagina, um hútu casado com uma tútsi, que na tentativa de salvar a sua família se vê responsável por outros tútsis que procuram o hotel em busca de socorro.



queriam (tútsis e hútus)⁵, ao invés disso é exposto a mais bárbara e caótica guerra durante cem dias de assassinatos de mais 800 mil ruandeses, como pode ser lido seu livro (Dellaire, 2005, s/p).

De fato, o filme consegue nos atravessar e nos leva pensar sobre o acontecimento e as mãos atadas do general diante de tal barbárie. Impressionante como a escolha dos personagens, assim como a descrição dos fatos, são tão semelhantes a realidade conhecida pelo jornalismo e confirmada a representação dos fatos em entrevista com o comandante da marinha João Bôsko, que trabalhou junto com a ONU durante o período do massacre. Questionei sobre a versão do filme junto aos fatos reais, ele foi incisivo ao dizer que o filme é uma representação fiel, na medida das possibilidades fílmicas, dos fatos ocorridos em Ruanda e a postura do general Roméo diante do atentado e abandono das autoridades mundiais⁶. O filme *A história de um massacre* é assustador e desumano e consegue com clareza prender a atenção e contar a história do massacre em Ruanda sem se utilizar de apelos fictícios para amarrar o espectador pelos seus 115 minutos de trama. Analisados por meios das referências bibliográficas, o filme tenta assemelhar o máximo possível aos relatos narrados sem se utilizar de excessos cinematográficos como forma de galgar publicidade, não se percebe excesso de comunicação significativa que venha interferir no contexto histórico, ao contrário, valida os relatos até o momento analisados e contrapostos.

Conclusões

A matança que aconteceu em Ruanda 1994 tem pontos tão profundos que sua representação, por mais similar que tentar ser, dificilmente conseguirá descrever com tanta maestria o episódio e suas causas. Por mais que a filmografia se dedique a retratar os fatos, sua reprodução ainda seria passível de interpretações e apresentaria lacunas, pela

diversidade cultural e sapiência de cada pessoa. A representação da história em Ruanda percebe-se ser tão hermética até mesmo para os que presenciaram os fatos, que apresentaria sempre uma cavidade, principalmente para o público que deseja entender as minúcias da história.

Ao trabalhar uma narrativa como documento-história o cinema passa de um simples objeto de entretenimento e assume uma postura de produtor de conteúdo histórico, onde seu maior intuito é a representação da forma mais crível possível. Nesse sentido, o filme analisado tem como foco de narrativa contar o episódio do massacre por um ponto central, então nesse ponto é possível entender sua contextualização se formos dialogar somente com essa questão, mas para entendimento concreto de toda a história que o envolve, ainda que em *A história de um massacre* exista uma narrativa introdutiva, encontram-se lacunas responsáveis pelas ausências dos elementos que sucedem aos fatos.

Se a discussão for a eficácia da representação das imagens através dos filmes e o mesmo como elemento indispensável para trabalhar e ensinar história, ousa a dizer que ele possui narrativas de off que tentam explicar os motivos que antecederam o massacre e assim tentar justificar toda a narrativa do filme. A utilização do filme alicerçada aos documentos históricos complementa e atravessa as mensagens ao subconsciente com mais rapidez e por muito mais tempo. Assim, entendemos que as narrativas fílmicas apresentam para o grande público fatos históricos, mas não desprezam a necessidade do suporte em documentos, livros e demais registros históricos, uma vez que eles são indispensáveis para que se possa entender todo o contexto histórico complexo. Também, sem a representação dos filmes o episódio em Ruanda não teria alcançado tantas pessoas em todo o mundo. Em miúdos, o filme não pode ser desprezado como documento histórico, mas sozinho não dá conta de explicar a história.

Ao trabalhar o cinema como produto-história, cabe ao historiador analisar a dramaturgia e contrapor com os dados

⁵ Grupos que viviam em constantes embates na luta pelas diferenças, real motivo da tentativa do acordo de paz em Ruanda.

⁶ Entrevista com o comandante João Bôsko, cedida no Comando do 2º Distrito Naval da Marinha em Salvador.



bibliográficos, observando se o relato é crível. Como aborda Ferreira (2009) “O pesquisador deve estar atento à forma pela qual o episódio é retratado, quem é o narrador, a importância das cenas apresentadas e sua relação com o fato histórico com o qual o enredo se relaciona e, especialmente, que aspectos podem se aproximar dos fatos reais”.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, onde pela tua infinita misericórdia me sustém de pé.

Aos meus amigos e família que me sustentam em apoio, orientação e incentivos, em especial Roquildes Junior pelo suporte e atenção às minhas dúvidas e orientações. Meus mestres e doutores dentro e fora do programa de mestrado, especialmente ao professor e Dr. Gerhard Seibert.

Ao programa de bolsas de estágio PIBATI que mesmo que indiretamente me ajuda a sustentar este passo e compreende meu processo acadêmico.

Aos meus colegas, e o ENINEPE por essa oportunidade em apresentar meu trabalho, processo de um todo ainda em desenvolvimento para a dissertação do mestrado pelo PPG/EAFFIN.

A todos que direta e indiretamente preenchem as entrelinhas deste processo.

Muito Obrigada!

Referências

BARROS, José d’Assunção. **Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história.** Ler História, 52 | 2007, 127-159.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural entre Práticas e Representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difusão Editorial, S.A. 2002.

CARRIÈRE, Jean. **A linguagem secreta do Cinema.** Tradução: Fernanda Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Dallaire, Romeo. **Shake Hands with the devil: Failure of Humanity in Rwanda.** EUA: Perseus II, 2004.

GONÇALVES, Eliane. **A Narrativa do Genocídio de Ruanda a partir do Jornal “Folha de São Paulo”.** São Paulo: Revista Diversitas, n. 4, p. 58-101, apr. 2016.

GUZZO, Morgani, TEIXEIRA Níncia Cecília Ribas Borges. **O genocídio em Ruanda: intersecções entre jornalismo, história e cinema.** Verso e Reverso, XXIV(56):83-94, maio-agosto 2010.

HATZFELD, Jean. **Uma Temporada de Facões: Relatos do Genocídio em Ruanda.** Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHURMANS, Fabrice. **O genocídio do Ruanda no Cinema: Ausências, representações, manipulação.** Artigo publicado a Oficina do CES n.º 336, janeiro 2010. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/32671>> Acesso em: 08.07.2018.

SITBON, Michel. **Ruanda: Um genocídio na Consciência.** Tradução: Conchita Martins. Lisboa: Dinoussauro, 2000.



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS PARA A APROXIMAÇÃO
COM A SOCIEDADE BAIANA



UNEB E UFRB: PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA CONSOLIDAÇÃO DA CANTINA SOLIDÁRIA

Aline de Oliveira Andrade

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Monitora do Projeto Maria Camponesa.
E-mail: a19andrade@hotmail.com*

Ana Lícia de Santana Stopilha

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenadora do Projeto Maria Camponesa.
E-mail: stoptilha@hotmail.com*

Tatiana Ribeiro Velloso

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: tatiana@ufrb.edu.br

Palavras-Chave: Educação. Saberes. Cooperativismo. Visibilidade. Parceria.

Introdução

O presente resumo elucida a parceria entre o Projeto de Pesquisa e Extensão Maria Camponesa, vinculado a UNEB – *Campus XV* sobre a coordenação da professora Dra. Ana Lícia de S. Stopilha, e a parceria com a Incubadora de Empreendimentos Solidários - INCUBA da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, através da professora Dra. Tatiana R. Velloso.

O Projeto de Pesquisa e Extensão Maria Camponesa trata-se de uma proposta que, antes de mais nada, visa aproximar a universidade as comunidades rurais, aos grupos de mulheres agricultoras, artesãs, dentre outros. O objetivo do Projeto é investigar coletivamente estratégias e ferramentas para a promoção de melhorias produtivas em grupos vulneráveis de mulheres camponesas no sentido de promover a organização da produção e da comercialização orientados para os espaços de produção coletiva, organização de Feira solidária e formação de cooperativa, mediado pela articulação dos saberes dos grupos participantes.

Desse modo, tem-se como objetivo nesse trabalho apresentar as ações desenvolvidas no referido projeto com o apoio da INCUBA – UFRB para a consolidação de uma cantina denominada Cantina Solidária, que está localizada no

Campus XV da UNEB, no município de Valença.

A Cantina Solidária é fruto da pesquisa e extensão do Projeto Maria Camponesa, bem como, da parceria com a INCUBA – UFRB que juntas acompanham, dão suporte e articulam meios para colaborar com as mulheres rurais que compõe a Cooperativa Feminina da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Valença – Bahia, COOMAFES.

A COOMAFES é uma organização do movimento social, idealizada e formalizada por 53 agricultoras do município de Valença, essas mulheres desde de 2015 se articulam na busca de formações, fortalecimento de parcerias e formalização da cooperativa.

Portanto, o presente resumo aborda de maneira específica duas ações que foram essenciais para a consolidação da Cantina Solidária, sendo, a visita às cantinas da UFRB – *Campus Cruz das Almas* e a visita a associação de agricultoras que administram as cantinas.

Metodologia

O Projeto de Extensão Maria Camponesa, UNEB – *Campus XV*, tem sua metodologia baseada na pesquisa-ação, por entender que o pesquisador se envolve com os dilemas do campo da pesquisa e com os

sujeitos, podendo desenvolver ou propor soluções para estes.

Conforme Gil (2007, p. 17), a pesquisa ação pode ser compreendida como,

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Desse modo, a equipe do Projeto de Pesquisa e Extensão Maria Camponesa juntamente com o grupo da INCUBA – UFRB buscaram desenvolver ações a partir da realidade dos sujeitos, partindo da concretude da COOMAFES.

Assim, foi construída a proposta de levar o grupo de cooperadas até a cidade de Cruz das Almas (BA) para conhecer duas cantinas da UFRB administradas por uma associação de mulheres e em seguida conhecer também a sede da entidade e seu local de produção. Visando entender como ocorre todo processo: da matéria prima – organização das equipes – produção – geração de preço das mercadorias – comercialização – acordo feito com a UFRB – distribuição das vendas.

Com a proposta construída e os objetivos estabelecidos as equipes se organizaram e levaram entorno de 15 mulheres, um ou duas representando seu grupo de produção da COOMAFES. Desse modo, a equipe do Projeto Maria Camponesa articulou o transporte, os horários, os pontos de parada, a lista com os nomes que a cooperativa informou.

A INCUBA – UFRB juntamente com as lideranças da associação mediarão todas as etapas da visita, iniciando pelo local de produção. Logo, as cooperadas conheceram a estrutura física (as máquinas, utensílios, o posicionamento e divisão do espaço, entre outros aspectos) e organização dos grupos de produção (a divisão do trabalho, os dias da semana das equipes, os cardápios/pratos que são feitos, o armazenamento da matéria prima, etc.).

A atividade teve continuidade com a visita no outro espaço da associação localizado na zona rural de Cruz das Almas (BA), a sede que possui uma cozinha comunitária, na qual alguns dias da semana também há produção. Nesse espaço houve contato com outras associadas que apresentou o espaço e trocou experiências.

O terceiro momento destinou-se a conhecer as cantinas da UFRB e as associadas que trabalham na comercialização. Por ser “o entrave” maior para a COOMAFES a expansão da comercialização, esse momento foi de muitos questionamentos, pois estavam reunidas as lideranças da associação e as associadas que ficam nas cantinas. As cooperadas indagaram sobre o perfil do público, a margem de vendas, a conservação do produto, os gastos e perdas, dentre outras questões que foram abordadas.

Para concluir o dia as cooperadas conheceram alguns espaços (pró-reitoria, prédios de aulas, espaço físico da INCUBA, etc.) da UFRB. Em seguida, todos/as se reuniram e dialogaram sobre o dia, os aprendizados construídos e os saberes trocados com as associadas.

Resultados e Discussões

Os resultados obtidos através do Projeto de Extensão Maria Camponesa - UNEB e da INCUBA – UFRB foram muitos, por isso, direcionou-se a escrita para apresentação de uma atividade, contudo, destaca-se que essa parceria existe a mais de cinco anos, através de outros projetos da UNEB ou da UFRB, ou seja, as equipes gestoras sempre dialogam no intuito de colaborar no projeto da outra.

Antes de apresentar diretamente os resultados alcançados na atividade relatada cabe apresentar um pouco mais a COOMAFES, pois o Projeto Maria Camponesa direciona maior parte de suas ações para essa entidade, visto que ela é constituída por 13 grupos produtivos, ou seja, há mulheres rurais de diferentes localidades da zona rural, assim, as executar uma



atividade o projeto consegue atingir diferentes comunidades e públicos diversos.

A cooperativa está embasada na Agricultura Familiar e Economia Solidária, a união das atuais cooperadas deu-se pelo desejo de obter valorização do seu trabalho e maior geração de renda a partir do que elas plantam e produzem. A COOMAFES comercializa raízes, hortaliças, ervas medicinais, diferentes tipos de doces e salgados, variados sabores de beiju e sequilhos, azeite de dendê, água de coco, frutas, verduras e leguminosas.

Desse modo, a cooperativa possui, atualmente, três espaços de comercialização, sendo o primeiro a Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, esta acontece todas as sextas-feiras, na ocasião as próprias agricultoras comercializam seus produtos. A realização da feira possibilita maior contato com os clientes, leva a imagem da mulher agricultora, ela tem a oportunidade de explicar sobre a plantação e o processo de produção.

A Loja Solidária, é o segundo espaço, fica localizada no centro da cidade de Valença, oferece produtos artesanais e da agricultura familiar produzidos no Território do Baixo Sul da Bahia. A COOMAFES é a responsável para administrar a Loja, desse modo, além dos seus produtos oportuniza agricultores, artesões, marisqueiras, quilombolas e outros grupos produtivos que fazem parte do Território.

Como apresentado, as cooperadas possuem experiências na comercialização, contudo, a dinâmica de uma cantina dentro de uma universidade apresenta outros desafios, assim, a realização dessa visita tornou-se fundamental para, primeiro, mostrar para as cooperadas que é possível elas conseguirem e administrarem a cantina. Conhecer outras ações semelhantes oportuniza o desejo de continuar sonhando e na caminhada para conquista.

Assim, esta ação gerou benefícios para as cooperadas, a saber: visibilidade, motivação, o ânimo, a construção de consciência do desafio que é administrar uma

cantina, o espírito fortalecido para o trabalho coletivo, as ideias de como montar o espaço da Cantina Solidária, a construção de parcerias entre elas (cooperada – Valença e associada - Cruz das Almas) para futuras visitas em ambas cidades.

Conhecer os espaços e conversar com as associadas possibilitou sanar dúvidas, trocar experiências sobre a produção, o armazenamento e os desafios da comercialização. A COOMAFES adquiriu através da INUBA – UFRB um expositor de produtos para compor a Cantina Solidária. O Projeto Maria Camponesa também contribuiu com alguns itens para montar a cantina, mas principalmente com as questões legais de fiscalização, alvará e termo de parceria entre COOMAFES e UNEB – *Campus XV* para utilização do espaço.

Como resultados dessa ação há a realização, posteriormente, da visita do grupo de Cruz das Almas as mulheres da cooperativa, na oportunidade houve uma oficina sobre produção de sequilhos, gerando novos conhecimentos e fortalecendo os laços afetivos entre as cooperadas e delas com as associadas. Essa oficina ocorreu na zona rural, dentro de uma cozinha produtiva da comunidade.

Assim, após alguns meses a COOMAFES conquistou seu terceiro local, de exposição e venda dos produtos, a Cantina Solidária, localizada na UNEB, *Campus XV*, funcionando de segunda a sexta (tarde e noite) e sábado pela manhã.

Os resultados também revelam-se para a Universidade a exemplo da produção científica traduzidas em comunicação oral e pôsteres, na produção de eventos científicos, na participação das cooperadas em eventos produzidos pela UNEB *Campus XV*, a produção de cartilhas, dentre outros.

Conclusões

Elucidar as etapas e benefícios dessa ação, bem como, as características da COOMAFES, a importância de fortalecer as parcerias para qualificar e ampliar a extensão universitária torna-se fundamental diante um



contexto social, econômico e político que tem atingido diretamente os grupos tradicionais, a classe trabalhadora, as universidades e a produção de conhecimento através da pesquisa e da extensão.

É necessário entender que a COOMAFES, por exemplo, está na contramão de um sistema opressor, que legitima relações de trabalho de submissão, que fortalece os latifúndios destinando recursos e decretos que favorece o agronegócio. A existência da cooperativa pode ser considerada como uma resistência dentro desse contexto, pois vai de encontro à invisibilidade do trabalho da mulher rural, a desqualificação da Agricultura Familiar e principalmente mostra que é possível viver no campo, gerar renda e ter reconhecimento do faz. Portanto, cabe as universidades, de modo especial a UNEB e a UFRB, assessorar essas organizações, colaborar efetivamente para o crescimento e fortalecimento. Com união é possível chegar mais longe e fazer mais, isso é constatado na parceria Projeto Maria Camponesa e INCUBA – UFRB.

Agradecimentos

Gratidão a todas as cooperadas da COOMAFES pela confiança e aprendizado construído ao longo desses anos do Projeto Maria Camponesa. Agradecemos também a INCUBA – UFRB por ser essa parceira comprometida e responsável. Com igual importância agradecemos a todos os funcionários do *Campus XV* por serem prestativos. Ao IFBaiano – *Campus Valença* pelo apoio constante na realização das ações do projeto.

Referências

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Projeto Pesquisa e Extensão Maria Camponesa. Campus XV, Valença, 2016.



O PROTAGONISMO JUVENIL NO PROJETO UNIVERSIDADE PARA TODOS ATRAVÉS DO GIRO DE NOTÍCIAS

Ana Vitória da Paixão Silva
Simone Ferreira de Souza Wanderley

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-Chave: protagonismo juvenil, criatividade; cidadania e ensino superior

Introdução

Um dos maiores sonhos de um ser humano com toda certeza é se tornar “alguém” na vida, se formando num curso de Ensino Superior podendo assim proporcionar alegria aos pais e familiares, bem como, ter a sua satisfação pessoal, independência e autonomia financeira. Contudo, para obter êxito nessa conquista se faz necessário ser submetido a um processo seletivo pelo exame vestibular. Durante muitos anos, essa aspiração era apenas um sonho para a população baiana mais carente.

Diante disso, fez-se necessário a criação de políticas públicas que oportunizassem igualdade de condições para que a população baiana pudesse ter direito ao ensino superior. Desta forma, em 2004, foi criado pelo Governo do Estado da Bahia, o projeto Universidade para Todos (UPT). Coordenado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em parceria com as Universidades Estaduais (UNEB, UEFB, UESB E UESC), o projeto tem como objetivo democratizar o acesso ao ensino superior, melhorando a condição de competitividade do aluno concludente e ou egresso da rede pública de ensino da escola pública. Além disso, o projeto visa a orientação para uma escolha profissional de acordo com suas aspirações, através de aulas e material didático disponibilizado gratuitamente pelo projeto (BAHIA, 2010).

Conforme Castro (2005): “cursinhos populares são ações políticas de atores engajados em projetos e ações que têm como eixo a transformação social da realidade por meio da preparação e do incentivo às classes

populares a ingressarem no ensino superior gratuito”.

Dentro desse contexto, se torna imprescindível motivar, incentivar e apoiar os estudantes, a desenvolverem a criatividade, o senso crítico e reflexivo, tornando-os verdadeiros protagonistas juvenis.

O termo protagonismo juvenil, em seu sentido atual, indica o ator principal, ou seja, o agente de uma ação, seja ele um jovem ou um adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social (COSTA, 2000, p.20).

O objetivo de se utilizar essa expressão: protagonismo juvenil é justamente estimular a participação dos jovens em todas ou quase todas as fases da prática educativa, além de contribuir com o desenvolvimento pessoal, das comunidades em que os mesmos fazem parte, colaborando na construção da sua perspectiva e de sua autonomia.

Todavia, para que se obtenha êxito no desenvolvimento deste protagonismo é fundamental que se estipule um novo perfil de relacionamento entre os jovens e os docentes, inexistindo completamente o papel do transmissor de conhecimentos (o professor) passando a ser um colaborador dos jovens em suas descobertas e aprendizagens, oportunizando assim, a vivência, experiências, escolhas e iniciativas. Face o exposto, o educador deixa aquelas ações que resultavam muitas vezes em dependência ou acomodação dos jovens, de lado e passa a ser um grande parceiro, aliado na construção da autonomia e criatividade desses jovens.



Para Freire (1996, p. 59) “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros.”.

Tendo em vista que essa ação é importantíssima para o crescimento individual e pessoal dos jovens no desenvolvimento e exercício da cidadania, este trabalho teve como objetivo proporcionar aos cursistas do projeto Universidade Para Todos a oportunidade de serem os protagonistas deste Pré-vestibular, potencializando o desempenho dos cursistas para além da sala de aula com a troca de conhecimentos entre os estudantes e professores, fomentando caminhos dinâmicos e debates de conceitos e conflitos sociais, através da dinâmica do Giro de Notícias.

Esta dinâmica tem como propósito envolver e integrar os cursistas na busca do conhecimento, através da pesquisa, utilizando a tecnologia presente em seu cotidiano, a criação de espaços dialógicos e alternativos, propensos ao engajamento e à colaboração entre cursistas em um ambiente informal.

Metodologia

A estratégia metodológica escolhida foi a Pesquisa Participante, com enfoque da investigação social por meio do qual se busca plena participação do pesquisador e da comunidade, na análise da própria realidade. O pesquisador assume o ponto de vista da produção popular de conhecimento, que assume a premissa de que a população pesquisada é capaz de compreender e modificar sua realidade (o que, na prática, transforma elementos da população pesquisada em pesquisadores, detentores de conhecimento necessário para a realização da pesquisa, capacitados a controlar o processo de investigação), democratizando, dessa forma, a produção do conhecimento e embasando a pesquisa numa concepção ética (CHIZZOTTI, 2006).

As etapas metodológicas que fizeram parte deste trabalho foram: primeiramente, um levantamento dos assuntos mais polêmicos que envolvessem os direitos humanos e que

pudessem ser utilizados como tema de redações, no total foram sete temas elencados, sendo eles: Racismo, Ideologia de Gênero, Saúde Mental, Aborto, Fake News e Redução da maior idade penal. Outros temas foram sugeridos, mas só serão colocados no cronograma, se houver tempo hábil para apresentação.

A segunda ação foi realizar uma reunião com os monitores do projeto UPT, a fim de, socializar a dinâmica do Giro de Notícias, informando que essa ação seria desenvolvida única e exclusivamente pelos estudantes, mas que a participação deles enquanto mediadores, parceiros e colaboradores era fundamental para o êxito do Giro de Notícias.

A terceira etapa consistiu em apresentar aos estudantes o Giro de Notícias e seus objetivos, selecionar quem seriam os primeiros estudantes que fariam a apresentação do Giro, e quais temas poderiam escolher e o dia da apresentação. Ressaltar que seria de responsabilidade dos estudantes a pesquisa acerca do tema, que seriam eles que preparariam os slides e decidiriam sobre a metodologia utilizada para apresentarem para turma. Observando que para cada tema, o grupo precisava apresentar uma proposta de intervenção que sugerisse ações que pudessem contribuir positivamente para a sociedade com o objetivo de amenizar ou solucionar os problemas, detalhando a forma como executar essas ações, informando quais são os agentes ou instituições sociais responsáveis, além, de considerar os direitos humanos e a diversidade sociocultural, a proposta deve ser coerente com a realidade

Resultados e Discussões

A motivação, disposição, colaboração e responsabilidade dos estudantes do projeto UPT, do Polo 20, aumentou significativamente, essa observação foi realizada pelos monitores do projeto, bem como, pelos próprios estudantes que perceberam que ficou mais fácil desenvolverem os temas de redações, assim como, se sentem mais seguros em debater



sobre qualquer temática que envolva a reflexão, a criticidade e o senso comum.

O Giro de Notícias busca extrapolar o âmbito do ensino preparatório para o vestibular, através de uma pedagogia que dê visibilidade a classe popular, como sujeitos históricos, politicamente ativos no processo de transformação social, buscando renovar o ensino num processo de luta pela democratização da educação e direitos de todos, na busca pela universalização do acesso ao Ensino Superior.

De acordo com COSTA (2000), o protagonismo juvenil forma pessoas mais autônomas e comprometidas socialmente, capazes de se solidarizar com o próximo.

As apresentações do Giro de Notícias, ocorreram quinzenalmente. Os grupos foram formados por seis a oito estudantes, os temas foram discutidos e aberto para debate com a platéia formada de estudantes. Como a metodologia ficou a critério dos grupos, os estudantes além, de apresentarem em forma oral com slides, trouxeram a ludicidade para fortalecer os conteúdos, foram apresentações belíssimas com paródias, peças teatrais, jogral, poesias, músicas de autoria, entre outras.

Conclusões

A necessidade de proporcionar nos espaços escolares ações pedagógicas que estimulem adolescentes e jovens a discutirem problemas reais de sua comunidade e intervirem nela de maneira autônoma, vem sendo cada vez mais necessária, uma vez que tal exercício contribuirá para o crescimento individual e pessoal de educadores e educandos no pleno desenvolvimento e exercício da cidadania.

Neste trabalho, ficou ressaltado o quanto é importante envolver o estudante em discussões, reflexões que favoreçam o desenvolvimento da consciência crítica sobre assuntos atuais que permeiam e que estão exigindo uma posição de toda a sociedade, sobretudo, deles, pois são jovens e serão eles que farão a diferença nessa sociedade através de suas ações e conceitos.

Não se pode negar que há uma relação dinâmica na formação dos adolescentes, em

que se priorizem criatividade, autonomia, responsabilidade e conhecimento que possibilitam uma prática pedagógica muito mais atrativa e autônoma.

Diante disso, compete aos educadores desenvolverem práticas pedagógicas que estimulem ações de protagonismo nos estudantes e, assim, proporcionar a formação crítica para que possam através dos conhecimentos adquiridos ampliar seus olhares sobre a realidade em que vivem, bem como seus conflitos e as possibilidades de solução dos mesmos.

A argumentação retórica limita o aprendizado no sentido que não permite ao aluno desenvolver e praticar o seu próprio raciocínio. Para que este desenvolvimento aconteça, é necessário que a aula seja organizada de tal forma que o aluno tenha voz e oportunidade de praticar o seu próprio raciocínio (Driver e Newton, Osborne 2000). Ainda de acordo com os autores, outro tipo de argumentação é a dialética, na qual diferentes perspectivas e interpretações de um mesmo fato ou dado estão envolvidas. Essa argumentação acontece na sala de aula quando os alunos têm a oportunidade de examinar, discutir e resolver um determinado problema.

Diante disso, este trabalho conseguiu atingir o objetivo inicial que era proporcionar aos cursistas do projeto Universidade Para Todos a oportunidade de serem os protagonistas deste Pré-vestibular, potencializando o desempenho dos cursistas para além da sala de aula com a troca de conhecimentos entre os estudantes e professores, fomentando caminhos dinâmicos e debates de conceitos e conflitos sociais, através da dinâmica do Giro de Notícias. Através dessa dinâmica foram debatidos inúmeros temas atuais que são assuntos de conhecimento geral da sociedade e que podem ser temas de redação dos vestibulares e exames. Além dessa experiência em ser o protagonista, os estudantes ao produzirem conhecimento através do debate, da pesquisa realizada e da apresentação oral alcançaram a criticidade sem suas falas, se tornando seres mais



reflexivos de seus direitos e deveres, propondo ideias inovadoras em suas propostas de intervenção seja para redações ou situações em suas comunidades.

Agradecimentos

Aos cursistas do projeto Universidade Para Todos (UPT), polo 20- Colégio Estadual Professor Rômulo Almeida (CEPRA) pelo empenho, dedicação e disposição.

A Coordenação Geral do projeto UPT pelo incentivo e apoio.

Ao prof. Elísio Santos, diretor do CEPRA pelo acolhimento e atenção ao projeto UPT.

Referências

CASTRO, C. A. Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil. 2005.

COSTA, A.C.G. O adolescente como protagonista. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. Área de Saúde do Adolescente. Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento. v.1. Brasília, 1999.

_____. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

DRIVER, R., NEWTON, P. e OSBORNE, J. (2000). Establishing the norms of scientific argumentation in classrooms. Science Education, 84 (3), p. 287-312.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Educação como prática libertadora. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1996.



PINTURAS REPRESENTATIVAS DA SEGMENTAÇÃO BRONCOPULMONAR E HEPÁTICA PARA ESTUDO DE ANATOMIA HUMANA

Camila Santos Oliveira, Ísis Lopes Lorentz, Carina Oliveira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia, camila.rossackles@hotmail.com

Palavras-Chave: *Anatomia; Pintura; Brônquios; Pulmões; Fígado.*

Introdução

Os pulmões e o fígado são divididos em segmentos. O conhecimento das segmentações é de suma importância clínica pois é possível identificar lesões causadas por tumores ou infecções, remover cada segmento, isolada ou associadamente a outros, sem prejuízo da irrigação, drenagem e até das funções dos demais, pois são unidades individualizadas. (MOORE, 2014) O estudo das segmentações pode ser ampliado através de desenhos e pinturas em tela, possibilitando a melhor visualização destes órgãos que, na maioria das vezes, é estudado como um todo.

A pintura é uma técnica que utiliza pigmentos na forma líquida para colorir uma superfície, atribuindo tons e texturas (ALVES, 2010) e através da pintura em tela é possível representar cada lobo pulmonar ou hepático. Os lobos pulmonares são subdivididos em segmentos broncopulmonares e cada um é configurado como um território independente (unidade morfofuncional). Já o fígado é dividido em dois hemifígados, conhecidos como fígados direito e esquerdo, os quais são divididos em setores e segmentos.

O estudo das segmentações através de ilustrações, como é apresentado em livros didáticos, é limitada pelo tamanho destas em duas dimensões (2D). Além disto o estudo em peças de cadáver fica difícil visualizar as partes destes órgãos. Através da tela é possível ampliar a visualização da imagem 2D e de unir mais de uma imagem representativa do órgão em um mesmo local.

Deste modo, o objetivo do estudo foi a elaboração de pinturas anatômicas dos

segmentos broncopulmonares e hepáticos, em diferentes ângulos.

Metodologia

A produção do modelo foi realizada como atividade de extensão “Anatomia & Arte: perspectivas de representação do corpo” da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O desenvolvimento da construção da primeira tela (segmentação broncopulmonar) foi iniciado em abril de 2018 da segunda tela (segmentação hepática) em agosto de 2018, sendo que as mesmas passaram por modificações até setembro de 2018. As alterações foram realizadas a fim de deixar a ampliar a visualização das telas, para facilitar o estudo que venha a ser realizado através das mesmas.

Para construção da tela de segmentação broncopulmonar foram utilizados, como modelo, as lâminas 188 e 189, e a distribuição brônquica presentes na lâmina 191, ambas pertencentes ao atlas de anatomia Netter (2011). Para representação da segmentação pulmonar foram utilizadas as vistas anteriores, posteriores, mediais e laterais, dos lados direitos e esquerdos do pulmão. Na imagem da distribuição dos brônquios, os mesmos são diferenciados pelas respectivas cores dos segmentos em que se inserem.

Para construção da tela de segmentação hepática segunda tela foram utilizados, como modelo, as segmentações hepáticas e distribuições dos vasos e ductos, ambos presentes na lâmina – pertencentes ao atlas

de anatomia Netter (2011). Para esta representação, foram utilizadas como modelo as faces diafragma e visceral do fígado, além das próprias distribuições dos vasos e ductos.

Na realização das pinturas utilizou-se telas para pintura de 50X40X5cm, tintas guache de diferentes cores e lápis preto n.02. No primeiro momento pode-se fazer a marcação, para saber a posição de cada vista na tela, utilizando lápis e régua. Logo em seguida pode-se realizar o desenho das mesmas com suas respectivas segmentações (Figura 01). Cada vista, pulmonar, ficou posicionada em volta do desenho da distribuição brônquica. A escolha das posições foi estratégica para facilitar a visualização, comparação, estudo e respectiva compreensão.

Para tela hepática, também houve o primeiro momento de marcação, com lápis e régua, para definir a posição ideal para facilitar a visualização. Com esses modelos, pode-se aumentar o tamanho dos desenhos, já que a quantidade de desenhos foi menor. Por conta disso, a realização do desenho ocorreu de forma mais agilizada. O fato da tela não possuir um campo plano, a passagem da ponta do lápis não era uniforme, então houveram muitos momentos em que houve a necessidade de apagar os desenhos, a fim de deixá-lo com a forma correta e isso foi uma das maiores dificuldades na hora da realização de ambos os desenhos.

No momento da pintura das telas (Figura 02), as cores utilizadas para separar cada segmento foram semelhantes ao do desenho original, do atlas de anatomia, e por se tratar de tinta guache, houveram algumas transformações e misturas que tiveram que ser realizadas para que as cores ficassem as mais parecidas possível. As misturas foram feitas em pequenos copos de plástico, e foram reservadas para caso fosse necessário haver um retoque da pintura.

Ao final, foi o momento de fazer todas as identificações possíveis. No primeiro instante

houve a identificação das vistas, faces e de cada segmento, mas a imagem parecia poluída, então decidiu-se que identificar apenas vistas e faces deixaria a tela mais limpa e estimulando a consulta à lâmina do atlas, caso houvesse dúvidas durante o estudo.



Figura 01 – Realização dos desenhos das vistas pulmonares;



Figura 02 – Realização da pintura.

Resultados e Discussões

Foram produzidas duas telas anatômicas dos segmentos broncopulmonares em vistas anteriores, posteriores, mediais e laterais, com suas distribuições brônquicas, e dos segmentos hepáticos em faces diafragma e visceral, com suas distribuições de vasos e ductos. (Figuras 03 e 04).

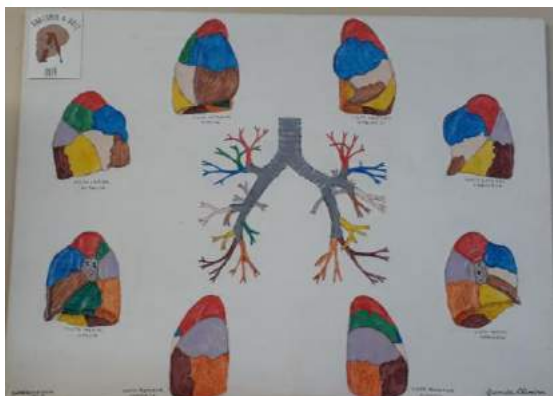


Figura 03 – Segmentação Broncopulmonar

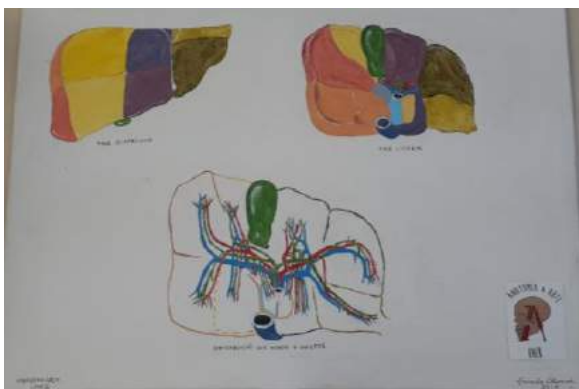


Figura 04 – Segmentação Hepática

A construção das telas anatômicas dos segmentos broncopulmonares, com suas distribuições brônquicas, e dos segmentos hepáticos possibilitou a visualização de forma ampliada das imagens dos atlas de anatomia. A utilização de recursos que possibilitem a ampliação do conhecimento podem auxiliar no aprendizado. Além disso, podem preparar o discente para o percurso de atuação profissional.

Cada lobo pulmonar é subdividido em segmentos broncopulmonares e cada um é configurado como um território independente (unidade morfofuncional), que possui vascularização, inervação e drenagem linfática própria, separado dos adjacentes por septos conjuntivos que impedem a passagem de ar. O fígado é dividido em dois hemifígados, conhecidos como fígados direito e esquerdo, os quais são divididos em setores e segmentos, tendo como elementos de definição os pedículos portais e as veias hepáticas. (MOORE, 2014).

A importância de ter compreensão e conhecimento sobre os segmentos hepáticos e pulmonares se dá, principalmente pelo fato de que, em caso do desenvolvimento de algum processo patológico, como tumores, em qualquer um desses segmentos, há a possibilidade de fazer a remoção de um deles sem que prejudique o resto dos outros segmentos e a funcionalidade total do órgão.

Com relação ao fígado, por exemplo, principalmente na parte clínica, é necessário o conhecimento detalhado da anatomia do fígado, uma vez que determinados procedimentos invasivos, devem respeitar a vascularização hepática e a individualidade funcional de cada segmento hepático, permitindo preservar as estruturas vasculares, reduzindo o sangramento intra-operatório, principal obstáculo às ressecções hepáticas, assim como manter a vitalidade do parênquima remanescente. (TRIVIÑO; ABIB, 2003).

Como um problema que afetado o fígado, nós podemos citar a esteatose. A Esteatose Hepática é certamente o parâmetro clínico mais empregado durante a avaliação histológica dos enxertos para transplante hepático. A esteatose pode ocorrer devido a algumas formas de agressão hepática, como a obesidade, uso prolongado de nutrição parenteral, abuso de álcool e tratamento com drogas quimioterápicas. (BARROS; CASTRO; MOURÃO, 2013).

Uma das doenças que podem afetar o pulmão é a Fibrose Cística (FC). A FC se trata de uma doença autossômica recessiva e crônica, que é a principal causa de mortalidade por doença hereditária em populações brancas, que vai afetar as células epiteliais de múltiplos órgãos, principalmente do trato respiratório e pâncreas exócrino. (KOENIGKAM-SANTOS et al., 2016).

Para que todas essas, e outros diversos processos patológicos, possam ser



identificados são utilizados alguns tipos de exames, sendo o mais comum o exame de imagem. Os exames de imagem têm papel muito importante, não somente no diagnóstico, mas também no seguimento clínico de doenças pulmonares, por exemplo, e são utilizados na avaliação da gravidade das doenças, caracterização da sua distribuição regional, detecção de complicações infecciosas e não infecciosas, e no controle de tratamento. (KOENIGKAM-SANTOS et al., 2016).

Na formação na área de saúde, é importante a utilização de metodologias que ampliem o conhecimento do discente e auxiliem na construção do conhecimento. As utilizações de pinturas em tela, assim como os jogos, fazem parte dessas metodologias ativas para o aprendizado (GENEROZO et al, 2011, ROSSETO et al, 2010).

O modelo de segmentação pulmonar foi exposto V expotudo da UNEB em maio de 2018 e a comunidade acadêmica pode observá-lo. Como perspectivas espera-se expor a tela em outros eventos da UNEB e utilizá-lo em aulas práticas dos cursos de saúde do Departamento de Ciências da Vida.

Conclusões

O estudo utilizando telas possibilita ampliar a visualização do órgão, aprofunda o conhecimento anatômico e permite correlação com a prática clínica, desde os semestres iniciais dos cursos de saúde. Permite ainda o aprendizado de forma criativa e pode estimular a confecção de outros modelos de estudo da anatomia humana.

Agradecimentos

A UNEB, DCV, NUPE e PROEX por apoio aos projetos de Extensão.

Ao grupo do Anatomia e Arte pela ajuda na idealização do projeto e construção do artigo.

Referências

ALVES, V. M. A medicina e a arte de representar o corpo e o mundo através da anatomia. In: Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII. **Catálogo da exposição**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 31-50, 2010.

BARROS M.A.P., CASTRO N.S.R., MOURÃO T.C. Abdome agudo como manifestação inicial de melanoma metastático. Relato de caso. **Rev Col Bras Cir**. [periódico na Internet] 2013;40(3). Disponível em URL: <http://www.scielo.br/rcbc>

KOCK K.S., NICOLAU M.F., SILVA C.L. Análise comparativa de características tomográficas de nódulos e massas pulmonares benignas e malignas. **J Health Biol Sci**. 2018 Abr-Jun; 6(2):140-144.

KOENIGKAM-SANTOS M., CRUNIVEL DL, MENEZES MB, TEXEIRA SR, VIANNA EO, ELIAS J.J., MARTNEZ J.A.B.. Análise quantitativa por tomografia computadorizada das vias aéreas, utilizando programa automático, em pacientes com fibrose cística: avaliação de gravidade em correlação com a espirometria. **Radiol Bras**. 2016 Nov/Dez;49(6):351–357.

MOORE, K. L.; DALLEY, A. F. **Anatomia orientada para a clínica**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2014, 1136 p.

NETTER, Frank H.. **Atlas de Anatomia Humana**. 5ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p 194-197.

TRIVIÑO, Tarcisio; ABIB, Simone de Campos Vieira. Anatomia cirúrgica do fígado. **Acta Cirúrgica Brasileira**, [s.l.], v. 18, n. 5, p.407-414, out. 2003. FapUNIFESP (SciELO).



TECENDO A REDE DO BRINCAR: MAPEAMENTO DAS BRINQUEDOTECAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Daniela Souza Capistrano

*Monitora PROBEX da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire (DEDCI) – Universidade do Estado da Bahia
(capistranication@gmail.com)*

Jociane Cajado da Silva

*Coordenadora da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire (DEDCI) – Universidade do Estado da Bahia
(jscajado@uneb.br)*

Antonete Araújo da Silva Xavier

*Coordenadora da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire (DEDCI) – Universidade do Estado da Bahia
(antonetex@gmail.com)*

Palavras-Chave: ensino superior, espaço formativo, cultura lúdica, brinquedoteca, comunicação.

Introdução

Esse trabalho busca relatar a experiência da construção do mapeamento das Brinquedotecas da UNEB, através do Projeto de Extensão Brinquedoteca Paulo Freire 2017, financiado pela bolsa PROBEX – PROEX/UNEB com a coordenação de Jociane Cajado, responsável pela Brinquedoteca Paulo Freire e a colaboração das Professoras Me. Antonete Araújo Xavier (UNEB – DEDC I), Dr^a. Isaura Santana Fontes (UNEB DEDC XI) e Me. Edilane Carvalho Teles (UNEB – DCH III). Essa ação tem como objetivo principal traçar um perfil de cada uma das Brinquedotecas da UNEB, buscando caracterizar cada espaço/projeto, como funciona, identificar as atividades que realizam, as dificuldades enfrentadas, buscando compreender a forma de atuação e o impacto desses espaços nas regiões onde estão instaladas. Esses dados subsidiarão ações futuras da comissão das Brinquedotecas da UNEB¹ e fornecerão informações para construção de propostas de políticas institucionais. Além de todas essas questões o mapeamento também é o primeiro passo num esforço para identificar as brinquedotecas e ampliar o diálogo entre

esses espaços, para que possam expandir as discussões sobre o lúdico em diversos contextos, sobre o brincar e temas relacionados às Brinquedotecas, realizar projetos em conjunto e construir interfaces para a comunicação, divulgação de informações e potencializar a criação e a realização de projetos coletivos e a difusão do conhecimento.

Fundamentação Teórica

Inicialmente criadas como espaço para empréstimo de brinquedos, as Brinquedotecas se caracterizam atualmente como espaços lúdicos, com uma grande oferta de brinquedos, organizados de maneira a estimular o interesse da criança pelo brincar (CUNHA, 1998, p. 40). Nos ambientes acadêmicos, as Brinquedotecas assumem o papel de núcleos de estudos básicos voltados aos Cursos de Graduação em Pedagogia, cumprindo uma exigência das Diretrizes Curriculares Nacionais, sendo um dos critérios dos instrumentos de avaliação de cursos superiores de Pedagogia. Dessa maneira, as Brinquedotecas Universitárias são espaços destinados à formação dos futuros docentes, promovendo estudos e/ou atividades destinadas a discutir a importância do brincar, da brincadeira e da ludicidade, que o possibilitarão refletir sobre os temas e relacioná-los as práticas pedagógicas. Para Santos (2000), uma

¹ Comissão das Brinquedotecas da Universidade do Estado da Bahia criada a partir dos encaminhamentos do I Encontro das Brinquedotecas das Universidades Estaduais da Bahia, realizado nos dias 12 e 13 de setembro de 2017, para articulação das Brinquedotecas da UNEB e organização dos próximos encontros estabelecido na Portaria CEE nº 2.763/2017, com mandato de dois anos.



Brinquedoteca não significa apenas uma sala com brinquedos, onde a criança irá brincar; significa, acima de tudo, mais uma mudança de postura frente ao processo educativo.

Nesse contexto apresenta-se a Universidade do Estado da Bahia, inserida em todo o estado, nascida do compromisso de formar professores, utilizando a multicampia como a principal estratégia de levar o ensino superior ao extenso território baiano. Ao todo, são 24 (vinte quatro) Campi, onde estão distribuídos em 29 (vinte nove) departamentos, dos quais 13 (treze) possuem cursos de licenciatura em Pedagogia², interferindo diretamente na dinâmica das cidades e formando diversos profissionais. No entanto a multicampia, estratégia pensada para a democratização do acesso ao ensino superior, mostrou-se como grande desafio, dada a complexidade de gerir uma única instituição que abrange o mesmo território e que, ao mesmo tempo, era tão diversa.

Dentro da Universidade do Estado da Bahia as Brinquedotecas Universitárias nasceram, em sua maioria, de uma política do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da UNEB, como uma contribuição do programa para o desenvolvimento dos cursos de licenciatura voltados a formação de professores. Em um total de 18 Brinquedotecas/ projetos³ – 15 (quinze) em funcionamento e 3 (três) em fase de implantação⁴ – esses espaços/projetos trabalham e discutem, em algum momento, as questões da infância e do brincar, desenvolvendo um papel relevante em cada região, tanto na formação de professores, quanto na produção e difusão do conhecimento. Embora esses espaços tenham interesses similares, pertençam a mesma instituição, busquem os mesmos objetivos, o afastamento entre os departamentos provoca

um distanciamento entre eles, que enfrentam as mesmas dificuldades de maneira isolada ou, ainda, não consigam compartilhar suas pesquisas, produções acadêmicas, estratégias formativas, projetos de ensino, pesquisa e extensão, cadastro, difusão do conhecimento, etc.

Metodologia

Visando cumprir os objetivos desse estudo, optou-se pela realização de um levantamento preliminar dos departamentos que dispõem de cursos de Graduação em Pedagogia, buscando localizar o contato dos possíveis coordenadores de Brinquedotecas através de ligações telefônicas para cada um dos vinte e quatro departamentos da UNEB. Esse primeiro contato estabeleceu o quantitativo de Brinquedotecas/ projetos que eram realizados e resultou em nomes e telefones de possíveis coordenadores/responsáveis por esses espaços e projetos. A partir desse contexto entramos em contato com os coordenadores/ responsáveis pelas Brinquedotecas, buscando inscrever-los num tipo de cadastro para contatos posteriores, obtendo algumas informações preliminares. De posse desses dados avançamos para elaboração de um questionário utilizando o Google Forms⁵, que foi encaminhado posteriormente aos responsáveis por cada uma das Brinquedotecas. Esse questionário tem o objetivo de aprofundarmos o conhecimento sobre as atividades desenvolvidas em cada uma dessas localidades, tendo em vista ações futuras. Optou-se por essa técnica de pesquisa, pois o se pretende é obter dados que possibilitem descrever as características das Brinquedotecas da UNEB para uma posterior análise e aprofundamento.

Embora seja uma técnica de pesquisa que ofereça limitações tais como o desconhecimento das circunstâncias em que ele foi respondido, a restrição no número das perguntas e a possível evasão nas respostas,

² Além dos Programas Especiais (PARFOR, UNEB 2000) e dos Polos de Educação a Distância.

³ O mapeamento busca identificar as brinquedotecas da Universidade do Estado da Bahia bem como projetos/ações voltadas a infância e ao brincar

⁴ Durante o I Encontro das Brinquedotecas das Universidades Estaduais da Bahia estiveram presentes não só representantes das Brinquedotecas e projetos/ações, mas também responsáveis por projetos de Unidades de Brinquedotecas em fase de concepção/ implantação.

⁵ Ferramenta online do Google para construção de formulários, questionários, etc que facilitou a coleta e sistematização dos dados. Foi escolhida por sua simplicidade e versatilidade, pois pode ser acessado nas diversas plataformas, acessado via web tanto em dispositivos móveis quanto em desktops.

optamos pelo questionário por possibilitar um levantamento de dados de um número considerável de localidades, bastante distantes geograficamente a um baixo custo, além da liberdade de escolha de momento para responder as perguntas, o que possivelmente possibilitará uma maior adesão. Consideramos também o número de questionários a serem preenchidos, 18 (dezoito), um número relativamente pequeno, o que garante a objetividade dos resultados.

O questionário é composto de 54 (cinquenta e quatro) perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas dizem respeito a aspectos mais gerais, quantificáveis, em questões comuns a todas as unidades, como atendimento de crianças, ou que exigem respostas afirmativas ou negativas, como sobre a existência de formação no âmbito das ações desenvolvidas. As perguntas abertas dizem respeito a questões referentes a opinião, sugestões ou que dizem respeito a dados mais específicos de cada Brinquedoteca, como funcionamento.

No que se refere à disposição das perguntas, organizamos o questionário em 12 (doze) partes, em ordem crescente de interesse, iniciando-o com perguntas mais gerais, como identificação, seguindo com perguntas mais específicas, como modo de funcionamento, e finalizamos com questões mais amplas e de opinião.

No sentido de evitar rejeição e ampliar a adesão no preenchimento do questionário tomamos algumas precauções tais como estudo preliminar do grupo realizado a partir das falas dos seus representantes durante o I Encontro das Brinquedotecas das Universidades Estaduais realizado nos dias 12 e 13 de setembro de 2018, no Hotel Vilamar, em Salvador. Através dessas falas as perguntas e alternativas foram redigidas observando pontos que mereceram destaque durante essa atividade. Também realizamos um pré-teste, mediante a aplicação de questionários a uma pequena amostra, de duas unidades, em busca de corrigir possíveis falhas. Segundo GIL (2008) o pré-teste tem o objetivo de ampliar a validade e a precisão

dos dados pesquisados, requisitos críticos nessa técnica de pesquisa. No entanto ressalta que o pré-teste busca assegurar a clareza dos termos, a assertividade no ordenamento das questões, na forma como foram elaboradas, que a sequência contribui para o pleno desenvolvimento das respostas e que as orientações para preenchimento estejam claras o suficiente para o pleno preenchimento das questões.

Atualmente estamos realizando o levantamento desses dados através do preenchimento dos questionários. Até o presente momento contamos com a adesão de 12 das Brinquedotecas Universitárias da UNEB, o que representa uma adesão superior a 60%.

Posteriormente realizaremos a análise e interpretação dos dados obtidos. É nessa fase da pesquisa que os dados serão processados e proporcionarão respostas aos objetivos do mapeamento. Segundo Marconi e Lakatos (2003) é na análise que conseguiremos respostas aos questionamentos. Nessa fase buscaremos identificar similaridades e diferenças entre as rotinas de funcionamento das brinquedotecas, como atuam e as propostas de intervenção e relacionamento que estas estabelecem com o entorno e com outras instituições.

Por fim realizaremos a interpretação desses dados, fase em que buscaremos compreender o que esses dados querem nos dizer, o que eles significam. Marconi e Lakatos (2003) definem a interpretação como a exposição do significado das informações coletadas, articulando-as com o tema e os objetivos propostos na pesquisa, nos permitindo tirar conclusões dos dados obtidos. Nessa fase pretendemos traçar um perfil das Brinquedotecas Universitárias da UNEB a partir dos dados coletados, levando em consideração as ações que realizam, identificando os pontos de convergências e divergências entre cada uma delas. Nessa fase elaboraremos o caderno relatório com os dados obtidos.



Considerações finais

Durante a investigação acerca do mapeamento e conhecimento das Brinquedotecas da UNEB percebeu-se que esta temática, Brinquedoteca Universitária, é um pouco desconhecida pela gestão da universidade, visto que conseguir a lista com os contatos de coordenadores de cada unidade era algo que nenhum órgão da universidade obtinha. Destaca-se também o fato de a maioria das Brinquedotecas situarem-se num não lugar, ou seja, não saberem muito bem onde se localizam no conjunto da Universidade, não conseguirem se situar no organograma da instituição, saberem, por exemplo, a quais pró-reitorias deveriam estar ligadas, a de extensão, por oferecerem serviço a comunidade, de ensino, por serem um laboratório exigido pelo MEC, ou de pesquisa, por desenvolverem/abrigarem atividades de pesquisa. Esse não lugar é uma das maiores dificuldades encontradas pelas Brinquedotecas da Universidade.

Outra questão muito discutida refere-se ao financiamento das atividades das Brinquedotecas Universitárias. Como o funcionamento desses espaços é diferenciado, os atuais editais ofertados pela universidade tem se mostrado insuficientes e/ou não se adequam as necessidades específicas deles, o que impossibilita o pleno funcionamento de algumas unidades. Problemas como o número de bolsas disponível pelos programas da universidade, que é incipiente, ou o período de vigência das bolsas – que ao ver dos participantes é pequeno para formação e atuação nos espaços –, aliado a falta de pessoal do quadro de funcionários para atuação nas Brinquedotecas também são questões que mereceram a atenção diferenciada dos pesquisados.

Cabe destacar que, mesmo gozando de pouco espaço e investimento, o trabalho das brinquedotecas da UNEB contribui de maneira consistente e significativa para construção da imagem da Universidade do

Estado da Bahia, caracterizando-a como universidade socialmente comprometida.

Os dados até agora coletados também destacam a importância desses espaços para os municípios onde atuam. O quantitativo de ações desenvolvidas, os atendimentos realizados, bem como o número de estudantes envolvidos nos permitiram vislumbrar a relevância do trabalho desenvolvido em prol do atendimento a crianças da comunidade interna e externa. Através do mapeamento será possível conhecer as atividades lúdicas relacionadas ao brincar realizadas pela Universidade, possibilitando o fortalecimento dos laços para a difusão do conhecimento, compartilhamento de experiências e a estruturação de políticas e estratégias institucionais. Por tudo isso esse mapeamento fomenta, no contexto da universidade, o desejo de mobilizar e fortalecer os espaços de promoção ao brincar, reconhecendo o seu potencial não só para o desenvolvimento da infância, mas para o desenvolvimento social do indivíduo a longo prazo.

Referências

BOAVENTURA, Edvaldo Machado. A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. A criação da universidade do estado da Bahia (UNEB). pp. 29- 44. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4r/pdf/boaventura-9788523208936-04.pdf>> Acesso em: 30/06/2018

CUNHA, Nylse Helena da Silva. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: FRIEDMANN, A. (org) O direito de brincar. 4. ed. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq, 1998, p.37-52.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.



LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



CONSTRUINDO A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO MEDIANTE A FORMAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES

Davy Lima de Souza¹; Rogério de Souza Bispo²

1. Universidade de Estado da Bahia – Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais,
davysouza777@gmail.com

2 Universidade de Estado da Bahia – Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, rbispo@uneb.br²

Palavras-Chave: *Extensão; agricultores; Fundo de Pasto.*

Introdução

A universidade é um importante espaço de formação dos sujeitos através do tripé ensino–pesquisa–extensão. Dentre as suas funções sociais, “a sua atuação enquanto espaço criativo de conhecimentos comprometidos com os processos de transformação social e concretização da cidadania” (SÁ, 2012), emerge como posto essencial para a formação dos sujeitos, ajudando-os na sua atuação profissional.

Nessa perspectiva, a universidade pode contribuir para que se desenvolva e se amplie, também, a condição humana num processo de enriquecimento espiritual, cultural e material, pela apropriação da riqueza que é produzida socialmente (MONFREDINI, 2016). O que se nota, no entanto, nos cursos de ciências agrárias é uma formação tecnicista como meio de reprodução do capital, desconsiderando, por vezes, formas de organização camponesas enquanto atores dos processos de produção agrícola.

Na agricultura coexiste uma variedade de realidades, sendo algumas mais próximas de um estilo empresarial voltado para a exportação e outras desenvolvidas a partir de uma lógica familiar e camponesa (ARAÚJO, 2009). Considerando toda essa complexidade existente na totalidade dos modelos de agricultura, a formação acadêmica precisa, pois, fornecer subsídio para que os profissionais escolham a sua área de atuação com base na afinidade e proximidade, garantindo uma melhor atuação profissional. Isso, muitas vezes, não é constatado no

decorrer dos cursos de agronomia, principalmente no que diz respeito a conteúdos voltados para as comunidades tradicionais, o que pode resultar em uma assistência técnica que não considera as especificidades sociais e de desses grupos.

Na Bahia existem comunidades que apresentam formas próprias de organização social e de produção agrícola, são as comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. Tais comunidades se caracterizam, segundo Torres (2011), por apresentar “forma coletiva de uso da terra bem como criatório de caprinos e ovinos de uso comum”, além de “sistema produtivo e de relações sociais, econômica, culturais e familiares” que são mantidos há gerações.

Esses povos de comunidades tradicionais de Fundo de Pasto são dotados de modos particulares de uso da terra, caracterizado principalmente pela criação de animais “soltos” sem a presença de cercas e do extrativismo da caatinga. As comunidades de Fundo de Pasto apresentam, ainda, relações sociais e culturais que devem ser consideradas em qualquer ação de extensão a ser realizada nessas localidades.

Diante da carência da formação acadêmica que considerem a importância das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, a monitoria de extensão surge como uma importante ferramenta para proporcionar o contato direto dos estudantes com as comunidades, fomentando uma atuação profissional mais qualificada e proveitosa.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as ações feitas nas comunidades

tradicionais de Fundo de Pasto do norte da Bahia a partir da monitoria de extensão universitária.

Metodologia

Como parte das ações da monitoria de extensão foram desenvolvidas atividades em algumas comunidades de Fundo de Pasto que se deram a partir de uma parceria com o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA. As visitas foram realizadas nas comunidades de mulungu em Casa Nova - BA; Serra dos Campos Novos em Uauá – BA; Cipó em Juazeiro – BA e Boa Esperança em Curaçá - BA nas cidades de Juazeiro, onde foram feitas discussões e práticas de acordo com o cronograma de atividade da equipe técnica da instituição.

Resultados e Discussões

As comunidades de fundo de pasto apresentam diversas características próprias, entre as quais, o modo de produção familiar; ajuda mútua por meio de regimes de mutirão; propriedade dos meios de produção; uso comum das terras e jornada de trabalho livre (MARQUES apud SANTOS, 2010). Todas as características mencionadas devem ser levadas em consideração em qualquer atividade a ser desenvolvida nestes espaços. Nas visitas realizadas foram discutidos temas como associativismo, regularização fundiária e manejo da Caatinga, a fim de contribuir com as comunidades.

A comunidade de Mulungu localizada na cidade de Casa Nova – BA ainda não está certificada como comunidade tradicional de Fundo de Pasto e busca mais informações a respeito do processo de certificação, desse modo, foi realizada uma reunião que contou com a presença de 15 pessoas da comunidade e a equipe técnica do IRPAA. A reunião iniciou-se com uma roda de conversa com todos os presentes, na qual, foi feito questionamentos sobre o modo de vida dessas pessoas. A partir dos questionamentos feitos as pela equipe do IRPAA à comunidade foi possível observar que a comunidade apresentava as características de uma comunidade tradicional de fundo de

pasto. Dentre as características apontadas por eles, destacou-se o fato de que: a comunidade esta naquele território a varias gerações; há um alto grau de parentesco entre todos; existem áreas coletivas onde os animais pastam e áreas individuais cercadas nas quais existem pequenas plantações e a renda das famílias é majoritariamente obtida por meio da criação de animais (maioria caprinos). Após a roda de conversa todos os presentes na reunião se mostraram interessados em obter a certificação, por fim a equipe do IRPAA explicou todos os passos necessários para a certificação da comunidade.

A certificação de comunidade tradicional de Fundo de Pasto consolida-se como uma ferramenta importante na luta pelos direitos da comunidade, e, tendo em vista que o prazo para o auto reconhecimento termina em 31 de dezembro de 2018, espaços de sensibilização torna-se fundamental para garantir o direito desses povos.



Figura 1: Discussão sobre a certificação das comunidades de Fundo de Pasto na comunidade de Mulungu, Casa Nova – BA.

Na comunidade de Serra dos Campos Novos, localizada no município de Uauá – BA foi feita uma reunião com a presença de um total de 28 pessoas, no intuito de discutir a respeito do projeto Recaatingamento que está sendo executado pelo IRPAA na comunidade. O projeto Recaatingamento tem por objetivo conservar e recuperar áreas da caatinga degradada através do cercamento de uma área na comunidade (21hectaries nesta comunidade); plantio de mudas nativas nessa área e emprego de técnicas de manejo a fim de manter e/ou recuperar os recursos naturais os quais garantem a subsistência dessas comunidades.

O projeto pioneiro do Reaatingamento foi reconhecido pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES e o IRPAA recebeu um prêmio de R\$ 70.000 que foi repassado para as comunidades. O valor dividido entre as 11 comunidades contempladas pelo projeto fica em torno de R\$ 6.363,63 pra cada. Diante disto é necessário discutir como este recurso vai ser investido. Iniciou-se, então, a discussão a respeito dos principais problemas do projeto. Após todos os presentes elencarem os principais problemas encontrados na área de Reaatingamento, decidiram que o recurso seria investido na melhoria da cerca para evitar a entrada de animais na área em recuperação. Em um segundo momento foi feita a discussão sobre a certificação, uma vez que a comunidade apresenta todas as características de uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto. A partir das discussões foi encaminhada outra reunião para discutir o assunto e assinar os papéis referentes à certificação.



Figura 1: Reunião na comunidade de Serra dos Campos Novos, Uauá- BA.

Na comunidade de Fundo de Pasto Cipó, localizada no município de Juazeiro – BA foi feito em espaço de discussão sobre associativismo e cooperativismo como parte de um projeto de ATER (Assistência Técnica em Extensão Rural) em execução pelo IRPAA.

A atividade envolveu 30 membros da comunidade e a equipe técnica do IPRAA e teve início a partir de uma reflexão da união, associação e cooperação na vida comunitária. Em seguida iniciou-se uma exposição sobre o associativismo e cooperativismo buscando incentivar tais práticas na comunidade.

Pautar o debate do associativismo e cooperativismo em comunidades tradicionais é extremamente relevante, uma vez que, ao

se associarem e cooperarem entre si, inicia-se não só um processo de organização na esfera social, como também, a introdução de princípios da economia solidária e da autogestão, conceitos essenciais para a vida comunitária.

No final da atividade todos se mostraram animados para reforçar ainda mais os laços dentro da comunidade.



Figura 3: Discussão sobre associativismo na comunidade de Cipó, Juazeiro-BA.

Na comunidade de Boa Esperança, localizada no município de Curaçá - BA foi realizado uma prática de capacidade de suporte da caatinga que contou com a presença de 20 pessoas da comunidade e de comunidades vizinhas.

A prática de capacidade de suporte da caatinga consiste na demarcação de uma área de 25m² que seja representativa da vegetação da comunidade e em seguida é coletada toda a vegetação que possivelmente os caprinos se alimentariam. Esse material coletado é pesado e o valor é utilizado posteriormente nos cálculos. Em seguida escolhe-se um metro quadrado dentro dos 25m² para a coleta da serapilheira. A serapilheira também é pesada par utilização nos cálculos.

Os cálculos envolvidos na prática são regras de três simples utilizando os valores da massa fresca e seca (30% da matéria fresca) da vegetação coletada e valores de área (em hectares) a fim de mensurar valores referentes à quantidade de alimentos disponíveis para os animais na área da comunidade.

Após a realização dos cálculos junto com a comunidade é possível identificar se está ocorrendo ou não um superpastoreio da

caatinga e, desse modo, tomar as medidas necessárias para a sua manutenção.

Após os cálculos constatou-se que havia superpastoreio da caatinga, o que obriga os moradores a buscarem novas fontes de alimento para os animais. Alguns agricultores relataram que já tinham a prática de guardar ração em forma de Feno e Silo do período do período chuvoso para alimentar os animais no período de escassez de alimentos. Com a discussão da capacidade de suporte os membros da comunidade se mostraram dispostos a armazenar ainda mais ração para garantir a alimentação dos animais em épocas de estiagem.

A prática de capacidade de suporte da caatinga é importante para as comunidades de Fundo de Pasto, uma vez que estas dependem diretamente da vegetação da caatinga como meio de subsistência. Ademais, tal atividade permite mostrar na prática que a caatinga não está suportando a quantidade de animais da comunidade e isso faz com que estas pessoas, juntamente com os técnicos, busquem novas formas de alimentação para o rebanho, contribuindo de certo modo para a preservação da caatinga.



Figura 4: Prática de capacidade de suporte da Caatinga, em Boa Esperança, Curaçá – BA.

Conclusões

- A monitoria de extensão universitária proporciona um contato direto do com as comunidades.
- Acompanhar a equipe técnica do IPRAA proporciona um acúmulo de experiências nas atividades de extensão.

- As atividades realizadas permite conhecer o modo de vida das comunidades de Fundo de Pasto.

Agradecimentos

À Universidade do Estado da Bahia - UNEB e o Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais – DTCS por proporcionar experiências fora da universidade por meio da monitoria de extensão.

Ao Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA pela parceria que permite o contato direto com as comunidades.

Referências

SÁ, G. B. **A extensão universitária em educação jurídica enquanto espaço de formação dialógica para estudantes de direito**. Florianópolis: FUNJAB, 2012.

MONFREDINI, I. (org.) **A universidade como espaço de formação de sujeitos**. Santos-SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

TORRES, P. R. **Terra e territorialidade das áreas de fundos de pastos no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

ARAÚJO, P. A. **Impasses, desafios e brotos: o papel da assessoria na Transição Agroecológica em Assentamentos Rurais**. Natal-RN, outubro, 2009.

MARQUES L. S. **As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro**. Soc. & Nat., Uberlândia, 28 (3): 347-359, set/dez/2016.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM HOSPITAIS E AMBIENTES NÃO FORMAIS: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Denise Dias de Carvalho Sousa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - dsousa@uneb.br

Palavras-Chave: *Leitura. Contação de Histórias. Hospitais. Ambientes Não Formais.*

Introdução

Todo leitor tem suas histórias de leitura e uma história para contar (ORLANDI, 2008). Histórias são ferramentas do ser humano, interlocutoras de sua relação de vida com a sociedade, as quais podem favorecer momentos de desvelamento de si e do mundo. Ouvimos histórias quando crianças, e estas permeiam as etapas de nosso crescimento, renovando os sentidos que produzimos acerca do que lemos/ouvimos. Foi pensando dessa forma que surgiu o Projeto Contação de Histórias em Hospitais e em Ambientes Não Formais, na cidade de Jacobina, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, sob a coordenação da prof.^a Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa.

A primeira etapa do projeto tem como público-alvo discentes dos Cursos de Licenciatura do Campus IV – UNEB (Letras Vernáculas, Letras com Inglês, História, Educação Física e Direito), funcionários do Campus IV, professores dos ensinos fundamental e médio da rede pública e particular da cidade de Jacobina e microrregião e comunidade externa. Nessa etapa, o objetivo central é propiciar aos participantes o aprimoramento das habilidades em leitura literária, através da contação de histórias para o exercício do contar histórias em ambientes hospitalares e não formais, formando um grupo de contadores.

A segunda etapa tem como público-alvo os pacientes dos hospitais, em especial o Hospital Antônio Teixeira Sobrinho. O objetivo principal nessa etapa é favorecer a leitura, o entretenimento, a cultura, a

informação, a imaginação e a criação, amenizando a dor e o sofrimento dos pacientes durante o período de internação.

Faz-se necessário esclarecer que este Projeto teve início em 2010 e como houve uma boa repercussão da aplicabilidade da contação de histórias nos hospitais na comunidade local, bem como a necessidade do grupo de contadores em ampliar a proposta para instituições que oferecessem serviços de Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social, foram incorporados outros lócus em 2016, tais como: Casa de Convivência da Criança e do Adolescente “Construindo O Amanhã”, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), e Lar do Idoso Cruzada do Bem.

A Casa de Convivência da Criança e do Adolescente Construindo O Amanhã trata-se de uma instituição filantrópica sem fins lucrativos que acolhe crianças e adolescentes de Jacobina e região, que são vítimas dos mais variados riscos. Oferece acompanhamento escolar, coordenação pedagógica, encaminhamento para psicólogos, assistência social, além do trabalho de higiene e boas maneiras realizados no cotidiano. O CRAS é um sistema governamental responsável pela organização e oferta de serviços de Proteção Social Básica. Por meio desse sistema, as famílias em situação de extrema pobreza passam a ter acesso a serviços, como cadastramento e acompanhamento em programas de transferência de renda. Seu principal serviço está na prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários. O Lar do Idoso Cruzada do Bem funciona como residência voltada à

internação de pessoas que precisam de assistência e de cuidados constantes por ter dificuldades de realizar as funções diárias, principalmente os idosos. Oferece aos seus internos alguns tipos de terapias e programas de reabilitação, além de cuidados médicos específicos constantes.

Na primeira etapa, os encontros ocorrem, principalmente, via Oficinas Temáticas, as quais têm diversos objetivos, a saber: discutir as concepções de linguagem, leitura, literatura e leitor como suporte para a compreensão crítica das atividades desenvolvidas durante o Curso; analisar conceitos básicos de texto, gênero e tipologia textual, principalmente a narrativa, com vistas à sua utilização prática; reconhecer o caráter transdisciplinar das atividades de contação de histórias, através da leitura de diversos contos, a fim de (re) construir conhecimentos a respeito da arte de contar histórias; fornecer elementos - métodos e técnicas para uma melhor abordagem de textos contados; desenvolver atividades de leitura como prática inerente ao processo de contação de histórias em ambientes hospitalares e não formais; produzir um memorial e elaborar vídeos (contação de histórias e relatos de experiência), como resultado das atividades de estudo e pesquisa. O aporte teórico pauta-se nos estudos de Gregório Filho (2002), Sisto (2005), Coelho (2006), Ketzer et al (2013), Patrini (2005) e Bakthin (2011), destacando-se a voz como o principal recurso da contação de histórias, numa perspectiva de uso da linguagem como forma de interação.

Metodologia

As abordagens metodológicas privilegiam a articulação teoria e prática, através de procedimentos interativos que propiciam construções /reconstruções pelos participantes.

Nesse sentido, na primeira etapa são propostas atividades que exigem: aplicação de um diagnóstico a fim de conhecer as expectativas dos participantes em relação ao curso e detectar as lacunas em sua formação

acadêmica para uma possível reformulação do projeto; círculos de leituras literárias (seleção, interpretação de textos literários e contação de histórias); rodas de conversa, oficinas e palestras sobre o ato de narrar em ambientes hospitalares e não formais, ressaltando a escolha da história, as variações de narrativas e o contar e o ouvir histórias como fontes comparativas de aprendizado, a colocação de voz, a postura corporal, a prática do ensaio e a interação com a plateia e o uso de recursos auxiliares; exibição de documentários referentes a projetos de contação de histórias em hospitais; leitura prévia e debate das ideias de textos teóricos; produção de um memorial e elaboração de vídeos (contação e relatos de experiências). Ver algumas atividades desenvolvidas nas Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1 - Oficina Temática Era uma Vez com Celso Sisto



Fonte: Arquivo da Autora (2016).

Figura 2 - Roda de Conversa com o contador de Histórias Luciano Vilar, primo de Ariano Suassuna.



Fonte: Arquivo da Autora (2010).

Figura 3 - Oficina Temática Namoro dos Bichos - Trabalhando a Expressão Corporal.



Fonte: Arquivo da Autora (2017).

Na segunda etapa, promove-se a contação de histórias em hospitais de Jacobina e em ambientes não formais, com ênfase nos gêneros textuais: contos infantis, folclóricos, fantásticos, humorísticos, de efeitos emocionais, crônicas, piadas, fábulas, apólogos etc. Ver em Figura 4 a atuação dos contadores em alguns espaços.

Figura 4 - Atuação dos Contadores nos Hospitais e em Espaços Não Formais.



Fonte: Arquivo da Autora (2016).

Nas duas etapas do Projeto, durante as Oficinas e aplicação da contação de histórias nos hospitais e demais instituições, contamos com a participação do grupo de contadores permanentes, participantes das etapas anteriores. Ver uma das atuações do Grupo Permanente de Contadores em 2016.

Figura 5 - Participação do Grupo Permanente de Contadores na I Mostra de Extensão Universitária do DCH IV, ocorrida entre 31 de outubro e 1º de novembro de 2016.



Fonte: Arquivo da Autora (2016).

A gestão dos recursos é realizada pela própria UNEB através do Campus IV e a Coordenação do Curso acompanha o desenvolvimento do plano, inclusive



definindo prioridades de aplicação em função do cronograma.

Este Projeto confirma a perspectiva da extensão de extrapolar os muros da universidade, ao compartilhar seus conhecimentos no âmbito comunitário. Ou seja, surge como alternativa ao triste ambiente hospitalar em que se encontram os pacientes - sofrimento, solidão e impossibilidade de frequentar lugares de acesso à cultura e à leitura, como também às crianças, jovens e idosos em estado de vulnerabilidade -, fazendo jus à crença de que a universidade deve atuar com fins sociais, em espaços não formais.

Resultados e Discussões

Parte-se do pressuposto de que a ação de contar histórias deve ser aplicada no ambiente hospitalar e em espaços não formais, não somente como caráter lúdico, mas com propósitos terapêuticos. Sendo assim, este Projeto tem contribuído para amenizar a dor e o sofrimento dos internados, oportunizando narrativas, escuta de suas histórias, entretenimento e cultura, de maneira a contribuir para seu bem-estar mental e emocional.

Em relação aos contadores de histórias em formação, percebe-se o aprimoramento de seus conhecimentos no que diz respeito à leitura literária, em especial acerca da prática da contação de histórias. A construção do memorial e dos vídeos, por exemplo, possibilitou revisitar suas histórias de vida, o processo de formação nas oficinas e a execução da proposta nas instituições. Destaca-se, também, a identificação e o envolvimento de discentes e docentes com a proposta da contação de histórias com fins sociais, fator que vem favorecendo o crescimento do grupo de contadores voluntários e permanentes do Campus IV. O exercício do autoconhecimento e da busca para compreender a necessidade do outro vem estabelecendo um vínculo de amizade, compromisso e respeito entre comunidade acadêmica e local, evidenciando a importância do contínuo questionamento

sobre as práticas para o crescimento pessoal e coletivo.

Conclusões

Passamos a fazer parte da história de vida de pessoas até então desconhecidas, não porque apenas contamos histórias para elas, mas porque, também, nos adentramos em suas histórias pessoais, as quais são entrelaçadas às nossas experiências e vivências, proporcionando um crescimento mútuo. Pensar a si e o outro favorece o exercício dos vários “res”: repensar, reorganizar, reprogramar, reestruturar. Daí, uma nova forma de compreender as ações e de como tratá-las.

Uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a conta e a escuta, mudando seu estado de espírito e vida.

Agradecimentos

A todos os participantes do Projeto Contação de Histórias em Hospitais e Ambientes Não Formais, desde 2010.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- KETZER, Solange Medina. AMODEO, Maria Tereza. SISTO, Celso (Orgs.). **No mundo hospitalar, história também tem lugar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- ORLANDI. Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**.



8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.



ANÁLISE DAS PRÁTICAS E COMPETÊNCIAS DA DIRETORIA PEDAGÓGICA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SALVADOR: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO AMORIM

Edmara de Queiroz Rocha
Orientador: Sérgio Henrique da Conceição

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-Chave: Gestão Educacional – Gestão Escolar – Dimensão Pedagógica

Introdução

É consensual entre os educadores a necessidade de novas políticas públicas e incentivos para a Educação, de modo que a escola contemporânea consiga superar a crise estabelecida pela divergência ideológica entre governantes, professores, alunos, pais e família. Há, sobretudo, um anseio por parte dos pesquisadores em identificar possíveis causas para os problemas enfrentados na Educação e, conseqüentemente, as mais cabíveis soluções para cada um deles.

O campo da Administração Educacional passou a ser estudado sistematicamente por vários autores a partir do século XX. Sander (2007), por sua vez, apresenta o “paradigma multidimensional de administração da educação”, resultado de construções e desconstruções sobre a prática da administração escolar. Segundo o autor, é possível elaborar uma nova síntese teórica da prática da administração da educação, baseada numa visão de simultaneidade de atos e fatos administrativos. Essa proposta só seria possível através da abordagem de quatro dimensões simultâneas e articuladas: econômica, pedagógica, política e cultural.

Da dimensão pedagógica, que será o foco dessa pesquisa, resultam implicações que afetam o desempenho dos sistemas de ensino, a qualidade da educação escolar, o exercício profissional dos professores e a aprendizagem dos alunos (FIALHO, 2016). Alinhada às outras dimensões, torna-se fundamental para a o desenvolvimento de

ações que priorizem competências sociais e pessoais a serem potencializadas. Na literatura a respeito de gestão educacional, a dimensão pedagógica se estabelece como a de maior relevância, pois a mesma está diretamente ligada à formação e a aprendizagem dos alunos. (LUCK, 2009).

Como professora de Matemática da rede municipal de Salvador, lotada na Escola Municipal Alfredo Amorim, tenho observado que as práticas da Diretoria Pedagógica (órgão que integra a Secretaria Municipal de Salvador – SMED) sinalizam incompletudes, principalmente, relacionadas a ausência de monitoramento e de avaliação acerca das suas ações e quanto à efetividade de sua atuação para o crescimento no ensino-aprendizagem da escola.

Nesse sentido, o trabalho estabelece como objetivo geral investigar as práticas exercidas pela Diretoria Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, tomando como parâmetro os marcos normativos da rede a partir de 2015, no âmbito da Escola Municipal Alfredo Amorim.

Como objetivos específicos a pesquisa propõe:

- Evidenciar o papel da Diretoria Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, tomando como parâmetros os marcos normativos da rede, vigentes a partir de 2015;
- Levantar documentos que formalizem

o planejamento e, conseqüentemente, as ações realizadas pela Diretoria Pedagógica a partir de 2015;

- Elencar as ações que foram concretizadas e as que não foram, de acordo com os planejamentos elaborados desde 2015;
- Constituir um estudo diagnóstico que possa contribuir para o aperfeiçoamento das práticas de planejamento da ação pedagógica empreendidas pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, a partir de pressupostos teórico-metodológicos do campo da gestão educacional.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, de abordagem qualitativa, essencialmente, mas em alguns momentos, também quantitativa. Inicialmente será uma pesquisa documental, através da qual pretendemos fazer um levantamento dos planejamentos oficiais da Diretoria Pedagógica da SMED desde 2015. Em seguida, fazer um levantamento na Escola Alfredo Amorim das ações diretas da Diretoria Pedagógica. Ao final, fazer um levantamento dos índices de desempenho da SMED antes e depois das ações dessa Diretoria.

Pretendemos realizar um levantamento dos planejamentos oficiais de ações pedagógicas, dos registros de possíveis visitas às escolas, atas de reuniões entre os gestores e a Diretoria Pedagógica, ou setor que promove essa articulação, entre outros instrumentos. A intenção é que se verifique se há um planejamento, acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações da Diretoria Pedagógica, e as possíveis contribuições para o ensino-aprendizagem da Escola Municipal Alfredo Amorim.

Seu campo empírico é definido pela Diretoria Pedagógica e a Escola Municipal Alfredo Amorim. Como participantes da pesquisa, teremos: Diretor Pedagógico, Gerente Regional da Cidade Baixa, Gestores,

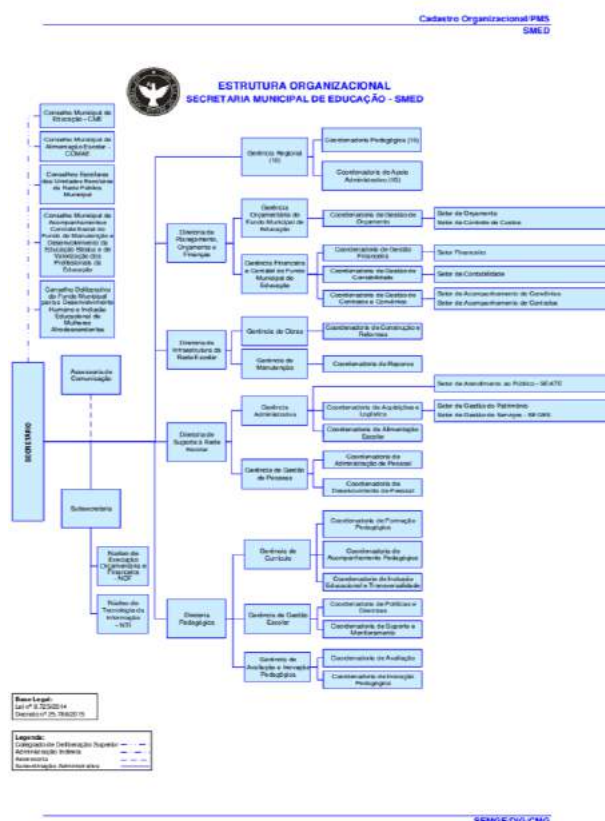
professores, alunos e colaboradores da Escola Municipal Alfredo Amorim.

Pretendemos analisar as informações obtidas através de observações, questionários e entrevistas com as pessoas oficialmente responsáveis desses órgãos, além de ouvir também os professores da Escola Alfredo Amorim suas compreensões acerca das práticas de planejamento e acompanhamento pedagógicos disseminadas pela Diretoria Pedagógica no âmbito da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Salvador.

A intencionalidade desse trabalho se concretizará num documento que aponte a diretriz orientadora das práticas de planejamento e monitoramento da ação pedagógica da Diretoria Pedagógica da SMED, no âmbito das escolas da rede municipal de Salvador. O mesmo deverá evidenciar os parâmetros de uma ação pedagógica efetiva, que atenda as demandas do núcleo educacional respeitando a multidimensionalidade da gestão escolar.

Discussões

Pretende-se elaborar discussões acerca do arranjo político normativo da Secretaria Municipal de Salvador, confrontando a estrutura organizacional da SMED e a base epistemológica de planejamento e ação pedagógica.



Outra discussão importante se constroi através da análise do cenário educacional a partir da Rede Municipal de Salvador. Nas últimas décadas, a educação pública no Brasil passou por uma expansão substancial quanto ao número de vagas nas escolas, entretanto, isso não representa um avanço na qualidade da oferta de ensino. Sem oferecer uma estrutura adequada, tanto para alunos quanto para os professores, o índice de evasão escolar tem aumentado gradativamente, chamando atenção para as possíveis causas e possibilidades nesse panorama problemático. A falta de investimentos na Educação no Brasil, e especificamente no município de Salvador, é algo preocupante e requer uma reflexão mais criteriosa por parte da sociedade. A desigualdade social é um problema que ainda exclui os pobres dos hospitais dignos, das escolas ideais, dos espaços culturais que promovem a construção de cidadãos críticos e atuantes. Para Anísio Teixeira (2005), o país está a crescer e desenvolver-se, gerando problemas maiores do que os recursos atuais

permitem resolver.

Referências

GARCIA, W. **Administração educacional em crise**. Rio de Janeiro. Cortez. 2017. 120p.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. 6ª Ed. Heccus. 2013. 304p.

LUCK, H. **Avaliação e Monitoramento do Trabalho Educacional**. Petrópolis-RJ. Vozes. 2013.192p.

_____. **Gestão do processo de aprendizagem pelo professor**. Petrópolis-RJ. Vozes. 2014. 176p.

_____. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis- RJ. 1ª ed. Vozes. 2006. 116p.

MEDEL, C. R. M. A. **Projeto Político – Pedagógico – Construção e Implementação na Escola**. Campinas – SP. 2ª ed. Autores Associados. 2012. 88 p.

SANDER, B. **Administração da Educação no Brasil: Genealogia do Conhecimento**. Brasília. Liber Livro. 2007.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Cadastro Organizacional SMED. **Decreto nº. 26.298 de 28 de julho de 2015**. Aprova o Regimento da Secretaria Municipal de Educação – SMED.

_____. *Ministério de Educação e Cultura. Plano Nacional de Educação (2014-2024). Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.*

GARCIA, W. **Administração educacional em crise**. Rio de Janeiro. Cortez. 2017. 120p.



LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. 6ª Ed. Heccus. 2013. 304p.

LUCK, H. **Avaliação e Monitoramento do Trabalho Educacional**. Petrópolis-RJ. Vozes. 2013.192p.

_____. **Gestão do processo de aprendizagem pelo professor**. Petrópolis-RJ. Vozes. 2014. 176p.

_____. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis- RJ. 1ª ed. Vozes. 2006. 116p.

MEDEL, C. R. M. A. **Projeto Político – Pedagógico – Construção e Implementação na Escola**. Campinas – SP. 2ª ed. Autores Associados. 2012. 88 p.

SANDER, B. **Administração da Educação no Brasil: Genealogia do Conhecimento**. Brasília. Liber Livro. 2007.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Cadastro Organizacional SMED. **Decreto nº. 26.298 de 28 de julho de 2015**. Aprova o Regimento da Secretaria Municipal de Educação – SMED.

_____. *Ministério de Educação e Cultura. Plano Nacional de Educação (2014-2024). Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.*



VIVÊNCIAS COM O COLETIVO ARTE E CULTURA - CULTARTE

Fernanda Bispo da Silva

Graduanda na Universidade do Estado da Bahia - UNEB
nfernandajub@gmail.com

Anaie Leite Silva Moraes

Mestranda na Universidade do Estado da Bahia - UNEB
anaie.cidadesustentavel@gmail.com

Francisca de Paula Santos da Silva

Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB
fcapaula@gmail.com

Palavras-Chave: *educação, autogestão e turismo de base comunitária.*

Introdução

Compreendemos que o papel da Universidade Pública vai além da capacitação profissional para o mercado de trabalho, que ao articular o ensino, a pesquisa e a extensão, oportuniza aos discentes, docentes e técnicos, maior convívio com a comunidade, aplicabilidade das teorias estudadas em sala de aula, intensificando a relação entre os conhecimentos produzidos na universidade e as demandas da sociedade. Possibilitando ao discente em seu processo de formação, respeitando seus saberes e fazeres, as vivências acadêmicas em eventos científicos, produção de artigos e contato com as demandas da sociedade, bem como melhor preparo para a vida pessoal e profissional por meio de inovações e tecnologias sociais.

Com a pesquisa e extensão a universidade cumpre o seu compromisso social, que é entendido por uma prestação de contas que a universidade deve à sociedade (Goergen, 2006, p.68). Conforme projeto definido no Plano Nacional de Extensão Universitária:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de

elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (FORPROEX, 2001, p. 5).

Neste aspecto, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) vem buscando e incentivando a pesquisa e a extensão através de bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisas do Estado da Bahia (FAPESB), Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG) e a de Extensão (PROEX), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Pretendemos neste relato apresentar a vivência de uma graduanda em Administração da UNEB, selecionada por meio do Aviso Nº 025/2018, publicado no D.O.E. de 08/02/2018 que busca contribuir na formação integral e cidadã de estudantes de graduação a partir do envolvimento em ações de extensão, atendendo assim a meta 12.7 do Plano Nacional de Educação - PNE (Lei n.º 13.005/2014).

Esta vivência ocorre no Projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula – TBC Cabula, que trabalha com os bairros do entorno do Campus I da UNEB (Arenoso, Arraial do Retiro, Barreiras, Beiru-Tancredo Neves, Cabula, Doron, Engomadeira, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambués, Resgate,



Saboeiro, São Gonçalo do Retiro, Saramandaia e Sussuarana), estes que formam o Antigo Quilombo Cabula.

O TBC- Cabula é:

[...] uma forma de planejamento, organização, autogestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário a atividade turística por parte das comunidades, que deverão estar articuladas e em diálogo com os setores público e privado, do terceiro setor e outros elos da cadeia produtiva do turismo, primando pelo benefício social, cultural, ambiental, econômico e político das próprias comunidades (SILVA, MATTA, COIMBRA DE SÁ in: SILVA; SÁ, 2012, p.11).

Dentre as pesquisas e ações de extensão realizadas pelo TBC Cabula, citamos o Coletivo CULTARTE (Coletivo de Arte e Cultura), o mesmo, é uma organização informal, que surgiu após o II Encontro de Turismo de Base Comunitária (ETBCS), que ocorreu em 2012 e atualmente é formado, em grande parte, por artesãs residentes na região do Antigo Quilombo Cabula.

Nesta perspectiva a monitoria de extensão vem assessorando o Coletivo CULTARTE como apoio ao projeto de pesquisa de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Uneb que estuda a partir de metodologias participativas especificamente, pesquisa-ação a Educação para Autogestão do CULTARTE que com formação contínua dos seus integrantes possam alcançar autonomia na gestão do empreendimento popular solidário.

Metodologia

No desenvolvimento metodológico de uma Educação para Autogestão, o contato periódico com o coletivo, se apresenta como parte importante, partindo dos pressupostos do TBC Cabula e Economia solidária, o processo de construção do conhecimento é participativo, solidário e sustentável por meio da gestão social do empreendimento popular do Coletivo. Assim, a metodologia utilizada é a Pesquisa-ação, definida por THIOLENT como:

(...) um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. THIOLENT (1988. p. 16, apud, CONCEIÇÃO, ALMEIDA p.6).

No convívio com o coletivo são identificadas demandas que estimulam a contínua formação de todos os envolvidos, levantamentos bibliográficos com o intuito de melhor atendê-las como parte do processo de Educação para Autogestão do Coletivo CULTARTE, desafiando a monitoria de extensão, que é do curso de Bacharelado em Administração, pensar e atuar por meio de uma gestão social tendo adequado de forma inovadora, tecnologias sociais que adequem os conhecimentos adquiridos na gestão administrativa convencional.

A tarefa relacionada à administração é:

[...] interpretar os objetivos propostos pela organização e transformá-los em ação organizacional por meio do planejamento, organização, direção e controle dos esforços realizados nas áreas e níveis da organização, e conseguir alcançar os objetivos de maneira adequada as situações. (CHIAVENATO 1997, apud FRANCISCO, 2006, p.14).

Essas tarefas administrativas, se executadas de maneira correta, possibilitam uma gestão eficiente. Assim, o trabalho que vem sendo feito, é a construção de mecanismos administrativos que se adequem ao perfil do Coletivo. Este, que é uma organização orgânica, informal e solidária.

A utilização de ferramentas administrativas se faz presente em algumas organizações visto à necessidade das mesmas. O mercado no qual o CULTARTE está inserido, exige uma estrutura administrativa bem organizada, para a obtenção de alguns benefícios que são oferecidos aos grupos com o seu perfil. Levando em consideração estes fatores já



foram construídos o regimento interno, que serve de base para a tomada de algumas decisões, organograma para registro de funções, documentos que registram e controlam alguns processos e a análise FOFA (SWOT) que permite identificar forças, oportunidades, fraquezas e ameaças. No intuito de potencializar pontos positivos e minimizar fraquezas.

Resultados e Discussões

Após a formulação técnica dos aparatos administrativos, ocorrem em reuniões, discussões com as integrantes sobre melhorias e adaptações para os mesmos. Leva-se em consideração que a finalidade destes aparatos é a utilização do coletivo e o objetivo geral que é tornar o CULTARTE auto gestor. Assim, é preciso que estes documentos estejam devidamente adaptados as integrantes.

Justificando assim a construção de forma coletiva e colaborativa envolvendo diversos setores, departamentos, discentes e docentes, principalmente do curso de graduação de administração, que ao longo da monitoria e extensão, conseguimos construir e reformular o regimento interno, formulários internos, diagnóstico FOFA e o Mapeamento de Processos.

Além disso, é necessário falar sobre o crescimento acadêmico e profissional que vem sendo obtido através das experiências. Como um dos exemplos há a participação no VIII ETBCS onde foi possível participar como ouvinte, monitora,icineira (oficina de Instagram) e ainda apresentar trabalho (Educação para Autogestão do CULTARTE). A partir destes feitos, onde o discente possui o devido acompanhamento aprimora conhecimentos de várias áreas, interage com a comunidade, melhora o relacionamento interpessoal e expandi a rede de relacionamento.

Conclusões

No processo de educação contextualizada, a produção de conhecimento está intrinsecamente relacionada com as

demandas da sociedade e suas transformações por meio da valorização do saber local.

Desenvolvendo uma cultura que promova o exercício da cidadania, uma consciência crítica sobre a realidade vivida e as contradições sociais, possibilitando por meio da articulação do ensino/pesquisa/extensão, autonomia na definição de ferramentas participativas e colaborativas, construindo conhecimento de forma integrada e contextualizada às demandas do empreendimento popular, possibilitando autonomia de seus integrantes e autogestão.

Agradecimentos

A todas as pessoas que tem contribuido de forma direta e indireta nas parcerias internas e externas nas pesquisas e extensão.

Referências

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SES/ MEC**. Brasil, 2001. Disponível em <http://www.ufgd.edu.br/proex/coex/legislacao/plano-nacional-de-extensao-universitaria>. Acesso em 9/03/2013

CONCEIÇÃO; ALMEIDA. Fábio Henrique e Maria Josefa. **O Tratamento Da Informação Na Educação De Jovens E Adultos: Uma Proposta Para Formação De Professores**.

DAVID; AYALA; HANAQUE, Mariela Pinto, Ana Karine E Maria de Fatima. **Diálogo de experiências sobre extensão universitária e tecnologia social**. Rai. Rum., Vol. 02 Nº 01, 117 - 155, Rio De Janeiro, Jun. 2014; Pág 2.

FRANCISCO, Lucilene. **Diagnóstico Organizacional: Um estudo para o instituto catarinense Bella Flor**. Tijucas-SC, 2006.



GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: Setembro de 2018.

GOERGEN, Pedro. **Universidade e Compromisso Social. Educação Superior em Debate**. BRASÍLIA- DF/ Inep/ 2006.

GOBBO, Giovanna Del, NUNES Eduardo José Fernandes e MORAIS Anaie Leite Silva. **Círculo de estudos, observatório de educação e turismo de base comunitária: contribuições de metodologias participativas para o desenvolvimento local**. Revista FAEEBA, V.27, n. 52. 2018

SILVA, Francisca de Paula (Org.). **Turismo de Base Comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.



EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA SALA DE ESPERA - CONHECENDO AS PNEUMOPATIAS CRÔNICAS E PROPONDO MUDANÇAS NO ESTILO DE VIDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Profs. Fernanda Warken Rosa Camelier, Aquiles Camelier e Mayara Santos Mascarenhas

Universidade do Estado da Bahia, fcamelier@uneb.br; aquilescamelier@yahoo.com.br; mayasmasc@gmail.com

Palavras Chaves: Educação em saúde, Doenças Pulmonares

RESUMO: O presente trabalho visa relatar as experiências vivenciadas no projeto de extensão onde as atividades são desenvolvidas no ambulatório de pneumologia do Hospital Roberto Santos no período de agosto de 2017 até o presente momento. O projeto revela-se de grande importância para a formação acadêmica em virtude da vivência em práticas voltadas para a educação em saúde visto que as mesmas serão fundamentais na rotina profissional. Os resultados evidenciaram o interesse, mudanças nos hábitos de vida e avanço no autocuidado dos indivíduos participantes, comprovando a importância da educação em saúde na autonomia dessas pessoas.

Introdução

As práticas de educação, devem estar envolvida na rotina do trabalho em saúde, sendo necessária a presença em todos os níveis de atenção promovendo vínculos entre profissionais e usuários. O princípio da integralidade do sistema único de saúde (SUS) refere-se tanto a atenção integral em todos os níveis do sistema como a integralidade de saberes, práticas, vivências e espaços de cuidado, portanto é imprescindível a construção de práticas de educação em saúde num aspecto transversal, emancipador e participativo que incentive a autonomia do usuário referente a sua condição nos processos de saúde-doença⁽¹⁾.

As doenças respiratórias crônicas (DRC) são doenças crônicas tanto das vias aéreas superiores como das inferiores sendo a asma, rinite alérgica e doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), mais frequentes e que representam um dos maiores problemas de saúde pública mundialmente⁽²⁾. Levando em consideração que doenças crônicas não transmissíveis são doenças que requerem controle, acompanhamento frequente e

mudanças no estilo de vida, as práticas de educação em saúde desenvolvem o conhecimento sobre a doença e dos processos de cuidado viabilizando maior adesão ao tratamento com conseqüentemente redução de complicações e necessidade de internações aumentando a qualidade de vida⁽³⁾.

As limitações físicas, emocionais e intelectuais que ocorrem com a instalação das (DCR's) geram impacto tanto na vida do indivíduo como em sua família propiciando conflitos e sofrimento. Doenças como DPOC pode provocar incapacidade e aumento do riscos de complicações sendo capaz de levar a morte prematura nos indivíduos cometidos gerando impacto social e econômico. A Organização Mundial de Saúde estima que quatro milhões de pessoas com DRC podem ter morrido prematuramente em 2005 e as previsões são de aumento considerável do número de mortes no futuro⁽²⁾. Sendo assim o objetivo do presente trabalho é apresentar as experiências e benefícios observados durante a realização do projeto de extensão educação em saúde na sala de

espera-conhecendo as pneumopatias crônicas e propondo mudanças no estilo de vida.

Metodologia

O projeto de extensão está em andamento desde agosto de 2017 e acontece em parceria com ambulatório de pneumologia do Hospital Roberto Santos. As práticas incluem o acompanhamento das consultas na qual os pacientes diagnosticados com asma, DPOC e bronquiectasia são orientados sobre a doença, utilização dos inaladores, importância da realização de exercícios físicos e alimentação balanceada.

Faz parte do projeto avaliar o nível de conhecimento dos pacientes diagnosticados com DPOC. Essa avaliação é realizada aplicado o questionário *Lung Needs Questionnaire* (LINQ), ferramenta que avalia, a partir da perspectiva do paciente, as necessidades de informações de que necessitam relacionadas auto gestão das exacerbações, medicamentos, tabagismo e exercício físico, tornando-se ponto de partida para oferecer as informações necessárias individualmente⁽⁴⁾.

Após informar por meio de conversa utilizando linguagem acessível e os objetivos do programa de reabilitação pulmonar e esclarecimento de dúvidas, os usuários com indicação clínica são convidados a participar do programa de reabilitação pulmonar que ocorre na Universidade do Estado da Bahia na clínica escola de fisioterapia.

Resultados e Discussões

Foi aplicado o LINQ e com base nos resultados observou-se uma maior deficiência nos domínios de conhecimento da doença e autogestão conferindo uma demanda de conversa sobre como a DPOC atinge o organismo e prejudica a saúde e como proceder diante dos eventos de exacerbações que pode ocorrer na presença da doença.

Durante a vivência no projeto foi percebida também uma aceitação de grande parte dos pacientes, o que culminou em uma clareza sobre suas condições de saúde, importância

de manter-se ativo no contexto da preservação da capacidade funcional, autonomia no processos de tomada de decisões em relação ao seu tratamento em conjunto com os profissionais responsáveis, dissipação do conhecimento adquirido na comunidade onde estão inseridos ajudando na identificação de problemas de saúde similares e mudanças no comportamento de risco.

XXX O projeto de extensão tem objetivo de potencializar a inclusão social através de práticas que estimulem a superação, autonomia e auto cuidado aproximando a realidade de saúde vivida e percebida pelos usuários do serviço ambulatorial especializado.

Toda via podem ser identificadas alguns desafios a serem superadas no programa devido a carência de experiências que incentivem as práticas de educação popular em saúde na formação acadêmica atual dificultando o diálogo entre o saber popular e os conhecimentos adquiridos na academia em detrimento do bem estar social⁽⁵⁾

Conclusões

As experiências proporcionadas pela participação no projeto de extensão Educação em Saúde na Sala de Espera - Conhecendo as Pneumopatias e Propondo Mudanças no Estilo de Vida, deram oportunidade, de vivenciar as demandas do serviço, obter conhecimento técnico unindo ao conhecimento popular para acolher as necessidades tanto clínicas como educativas dos usuários em prol do cuidado permanente e manejo das doenças respiratórias crônicas.

Assim se reconhece a importância de se manter o projeto de extensão dando chance de participação de outros estudantes de se reconhecer como facilitador no processo de tratamento.

Agradecimentos

Agradeço aos orientadores Fernanda warken Rosa Camelier e Aquiles Camelier pelo incentivo, suporte e confiança durante todo o curso do projeto, aos pacientes pela



disposição e participação, questionamentos, esses me concederam habilidade de lidar com suas limitações

Referências

Ministério da Saúde. Caderno de Educação Popular e Saúde [Internet]. 2007. 1-76 p. Available from: <http://www.saude.gov.br/www.saude.gov.br/bvs>.

Tobergte DR, Curtis S. Doenças Respiratórias Crônicas. Vol. 53, Journal of Chemical Information and Modeling. 2010. 161 p.

Torres H de C, Monteiro MRP. Educação Em Saúde Sobre Doenças Crônicas Não-Transmissíveis No Programa Saúde Da Família Em Belo Horizonte/MG. REME – Rev Min Enf. 2006;10(4):402–6.

Cm R, Wang X, Harding S, Bott J, Hyland M. impacto educacional da reabilitação pulmonar: Informações Lung Needs Questionnaire. 2008;1439–45.

Vasconcelos EM. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. PHYSIS Rev Saúde Coletiva [Internet]. 2004;14(1):67–83. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/>



VIVÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO ESTAÇÃO ARTE MOVIMENTO

Gabriella Maia Almeida¹
Ariana Santos Fernandes de Oliveira²
Cristina Teresa Bispo dos Santos³
José Antônio Carneiro Leão⁴

Universidade do Estado da Bahia, gabriella-maia@hotmail.com¹

Universidade do Estado da Bahia, arifsoliveira@gmail.com²

Universidade do Estado da Bahia, bcristinateresa@gmail.com³

Universidade do Estado da Bahia, zelea063@gmail.com⁴

Palavras-Chave: Cultura; Esporte e Lazer; QVT.

Introdução

O projeto de extensão Estação Arte Movimento teve início em 2014, visando proporcionar aos segmentos de funcionários, estatutários, professores, estudantes, técnicos, estagiários, serviços gerais e vigilantes experiências e conhecimentos pertinentes ao esporte, cultura e lazer. Vinculado ao Departamento de Ciências Humanas (DCHI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o projeto se amplia todos os anos visando renovar as suas abordagens e alcance dos demais setores alocados no Campus I de Salvador. Desta forma, as práticas da cultura corporal, como a ginástica laboral e a dança foram sintetizadas sob a perspectiva da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT). Além disso, foram implementados produtos educativos tecnológicos, como cartazes, panfletos, banners e *wallpaper* como recursos para aprimoramento da aprendizagem organizacional. Logo, os desafios das atividades extensionistas desenvolvidas no projeto Estação Arte Movimento são elevar o envolvimento coletivo de forma continuada, promover o debate concernente às políticas públicas que envolvem o campo da QVT, proporcionar a apropriação crítica e criativa dos conteúdos e criar registros de memória que estimulem a produção de pesquisas científicas. Portanto, apresentou-se neste estudo as vivências e desafios do projeto de

extensão Estação Arte Movimento no período de 2014 a 2017.

Metodologia

Quanto aos objetivos do estudo, a metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, que é a pesquisa caracterizada pela descrição, entendimento e análise dos fatos (MARTINS, 2008). Reuniram-se informações oriundas de análise documental, pesquisa bibliográfica, além de observação, questionário e entrevistas realizadas em momentos de socialização de informações através de Roda de Conversas e outros encontros oportunizados pelo projeto, que tiveram apoio profissional de assistência psicológica e o logístico do Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR). A abordagem qualitativa foi empregada ao estudo, pois permitiu explorar traços subjetivos identificados durante a análise dos dados coletados.

Resultados e Discussões

A pergunta norteadora buscou identificar quais foram as vivências e desafios do projeto de extensão Estação Arte Movimento no período compreendido entre 2014 e 2017. Para esta finalidade a apresentação das atividades implementadas estão divididas em duas categorias: ensino e extensão.

A cultura de acordo com LARAIA (2006) é

uma construção coletiva, histórica e dinâmica. A diversidade cultural é dada por trações de determinismo biológico e geográfico, ou seja, imprimem características genéticas inatas e específicas, estruturam o comportamento cultural de um dado povo restrito a um limite topográfico, embora haja consenso que a coabitação de culturas diferentes, ou seja da diversidade cultural em um mesmo ambiente físico é possível, assim como sua permuta, o que configura o sincretismo.

O esporte é definido por MELO (2004, p. 82) como uma manifestação cultural apropriada por diversas áreas do conhecimento. Com o advento da industrialização brasileira, a sua principal atribuição no meio organizacional se associa com o campo produtivo, onde o incentivo a prática esportiva é uma ferramenta de preparação de um corpo saudável visando elevar a produtividade no mercado de trabalho.

A apropriação das práticas esportivas ainda de acordo com MELO (2004, p.83) por empresários e inclusive loterias, tornam o esporte um objeto de exploração capitalista, inclusive alvo dos clubes de futebol; o contorno de intervenção social de regimes políticos se dá no período ditatorial exercido através dos grandes eventos de massa. Por fim o esporte ganha o *status* de lazer e fuga do cotidiano se difundindo na forma de jogos coletivos entre os mais diversos públicos.

Segundo MASCARENHAS (2003) o lazer é uma prática pedagógica de equilíbrio social, consciência social, política e histórica indispensável à construção do sujeito. Para MARCELINO, (1987) apud MASCARENHAS (2003) existem abordagens funcionalistas do lazer classificadas em: **romântica e moralista**, que, preza pela manutenção das tradições, valores e crenças dentro de um grupo; **compensatória**, possibilitando uma válvula de escape ao labor; e **utilitária**, uma ferramenta para manter e recuperar a força do proletariado.

O Conceito de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) elaborado pela autora

LIMONGI-FRANÇA (1997, p.80) apud VASCONCELOS (2001, p.25): “é o conjunto das ações de uma empresa que envolve a implantação de melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais no ambiente de trabalho”.

Para FRANÇA (2006) é um conceito amplo e genérico que busca trazer o equilíbrio para a vida humana em todos os seus níveis, aspectos trazendo harmonia entre o binômio trabalho-lazer.

Para VASCONCELOS (2001), o conceito de QVT é ampliado, como sendo a esperança para motivar os colaboradores e obter maior produtividade, contemplando assim, de forma simultânea os objetivos da empresa e os anseios pessoais.

No tocante à adesão dos trabalhadores aos programas de QVT é asseverado que:

Certamente, identifica-se aqui um dos problemas mais críticos dos QVTs. Em muitas organizações, a adesão tende a ser baixa e a participação dos trabalhadores nesses programas logo se transforma em curva declinante, conforme se queixam muitos gestores. (FERREIRA, 2009, p.325)

No Projeto Estação Arte Movimento, a programação ocorria mensalmente. A depender da disponibilidade dos parceiros (Anderson, Bruna e Margarete), a grade da programação era estruturada, disponibilizada e as pessoas informadas. Os dias e horários eram, geralmente, mantidos, contatando os participantes em caso de mudança. As ações eram realizadas com estudantes, contudo a tentativa não havia êxito entre os professores. De acordo com Ferreira (2009), os gestores de um órgão público, quando questionados sobre os aspectos que podem prejudicar a qualidade de vida no trabalho, citaram aspectos extrínsecos relacionados à cobrança e pressão sobre os funcionários; intensa carga de trabalho; e infraestrutura deficiente (mobiliário, espaço, instalações inadequadas).



O local da fala dos gestores demonstra ênfase nos fatores ambientais e a sua relação direta com a produção de força motriz de trabalho em detrimento dos fatores motivacionais (intrínsecos) revelam um maniqueísmo entre o lazer e o trabalho onde prevalecem os objetivos institucionais evidenciados pela fala: “coisa séria, que não pode ter prazer envolvido”, (Ferreira; p.322).

Para França (2004), a motivação determina a compreensão da QV, pois está diretamente atrelada à produtividade e a mesma contempla a satisfação de necessidades básicas e a perspectiva de continuidade no nicho ocupacional.

A realidade vivenciada pelos colaboradores terceirizados está em descompasso com a prática recomendada pela literatura, uma vez que as dificuldades encontradas pelos colaboradores de serviços gerais eram relacionadas com a interação, segundo relato dos mesmos nas Rodas de Conversas.

As falas revelam invisibilidade e descaso até mesmo por parte dos professores, ao passarem sem cumprimentá-los, e principalmente na limpeza dos banheiros, os usuários não respeitavam as barreiras de interdição e as ultrapassavam.

De acordo com Chiavenato (1999, p.391) apud França (2004, p.6) os fatores de QVT são: “ a satisfação com o trabalho executado; as possibilidades de futuro na organização; o reconhecimento pelos resultados alcançados; o salário recebido; os benefícios auferidos; o relacionamento humano dentro do grupo e da organização; o ambiente psicológico e físico do trabalho; a liberdade e responsabilidade de decidir e as possibilidades de participar.”

Com relação aos salários a responsável é uma empresa terceirizada, dessa maneira sempre há mudança da organização, logo acarreta alta rotatividade, também ficam muito tempo sem receber os salários. Eles tinham três meses sem receber e apesar disso continuavam indo trabalhar, com receio de perderem o emprego, nem ao menos o vale transporte. Atualmente a proposta da perspectiva tecnológica trabalhada concilia ensino e extensão como ato educativo,

através de imagens, cartilhas, dentre outros produtos.

Conclusões

A pesquisa ensinou criar memória e relatar história do trajeto percorrido pela atuação do projeto de extensão Estação Arte Movimento e as vivências relatadas pelos colaboradores em um dado período de tempo, para o melhor entendimento da relevância das atividades de esporte e lazer implementadas é necessário retomar a pergunta norteadora em outros períodos e assegurar o registro das intervenções de extensão e realizar a efetiva divulgação das propostas com a finalidade de informar e provocar a adesão do público alvo. Além das atividades de extensão é de suma importância promover consciência ideológica da importância da prática de QV, sensibilizando gestores e toda a comunidade acadêmica para a sua relevância e efetividade.

Referências

FERREIRA, Mário César; ALVES, Luciana; TOSTES, Natalia. **Gestão de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) no Serviço Público Federal:**

O Descompasso entre Problemas e Práticas Gerenciais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jul.-Set 2009, Vol. 25 n. 3, pp. 319-327

FRANÇA Jr, Nelson da Rocha; PILATTI, Luiz Alberto. **Gestão de qualidade de vida no trabalho (GQVT):** modelos que os líderes e gestores podem utilizar para propiciar uma melhor qualidade de vida no trabalho. XI SIMPEP – Bauru, SP, Brasil, 08 a 10 de novembro 2004

GOMES, Christianne Luce. **Verbete: LAZER-CONCEPÇÕES.** In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p 119-125

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006



MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso:** uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MASCARENHAS, Fernando. PEDAGOGIA CRÍTICA DO LAZER- Uma proposta em construção. **Lazer: como prática da liberdade.** 2. ed. Goiânia: UFG, 2003 p 25-54

MELO, Victor de Andrade de. Verbete: ESPORTE. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p 80-84

VASCONCELOS, Anselmo Ferreira. **Qualidade de vida no trabalho:** origem evolução e perspectivas. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 08, nº 1, janeiro/março 2001 p. 23-35. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/qualidade-de-vida-no-trabalho-origem.pdf>> Acesso em: 8 de ago. de 2018.



LUZ, CÂMERA, EXTENSÃO: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO SOBRE DIVERSIDADE

Autora: Gerlane Lima Silva Dourado

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH Campus IV – gldourado@uneb.br

Coautora: Adailce Celestina de Deus

Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) UNEB – DCH Campus IV – adailce.deus@nova.educacao.ba.gov.br

Palavras-Chave: Cine Debate; Extensão Universitária; Negro; Gênero.

Trailer

O Cine Relações de Gênero (2017) e o Cinema Negro (2018) são ações desenvolvidas pelo Almanaque das Artes, uma comissão departamental criada em 2014, com o intuito de fomentar e estimular atividades artísticas e culturais na universidade e o reconhecimento de potencialidades existentes nas comunidades acadêmica e externa, estabelecendo integração entre ambas. Estes dois projetos de extensão, voltados para a área de cinema foram propostas inscritas e contempladas nos respectivos Editais N.º 005/2017 e 032/2018, apresentadas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como objetivos financiar a execução de ações extensionistas e estimular a difusão e a disseminação dessas práticas no universo acadêmico, estreitando relações com segmentos sociais e comunidade. Corroborando tal proposta, o próprio Regimento Geral (Resolução CONSU N.º 864/2011, art. 152, item V) define a extensão sob a perspectiva de “[...] inserção da Universidade no contexto histórico social, com a finalidade de propiciar ações acadêmicas de promoção e garantia de valores democráticos, de igualdade e de direitos humanos”, reafirmando a sua preocupação na transformação da sociedade. O Almanaque das Artes apresentou, nos dois anos anteriores, projetos de cinema, mas não

traziam como foco principal, até então, a discussão específica sobre as interseccionalidades como pauta para reflexão e debate de questões emergentes na atualidade. Destacam-se, nesse aspecto, os espaços de educação, de formação de profissionais da docência, principalmente, que trazem a necessidade de teorias que embasem o seu conhecimento para o fazer pedagógico após a formação, de maneira mais segura, com questões que estão presentes no contexto escolar e no não escolar, com as quais precisamos lidar.

A universidade vem ganhando centralidade a partir de práticas extensionistas. Ao fomentar essas práticas, ela toma para si a responsabilidade do ato de fazer-se percebida e permitir-se perceber os dilemas e conflitos sociopolíticos que envolvem a sociedade. Isso se dá sobremaneira, nas fronteiras da educação, considerando a que a universidade se propõe como parte desta sociedade e como promotora da democratização do conhecimento tendenciado pelo desenvolvimento de projetos de extensão na instituição.

O pensar e o acontecer dos trabalhos realizados contaram com outros grupos que puderam, dentro da perspectiva de contexto sócio espacial, tornar vivas as personagens e garantir, sem traduções, as legendas ou as falas originais daquilo que se diz sobre as interseccionalidades presentes em ambos os



trabalhos inscritos. Dessa forma, a realização do Cine Relações de Gênero contou com a participação de graduandos(as) do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), os quais, com propriedade de fala, contribuíram significativamente na seleção das obras fílmicas e na proposição dos debates que foram provocados. Já o Cinema Negro, além de estabelecer a parceria com os aspirantes da cinematografia, guiou-se também pela articulação com o coletivo Tela Preta, movimento de cinema negro nascido também no Campus da UFRB de Cachoeira – BA.

O Set de Gravação - Metodologia

Ambos os projetos foram planejados para serem desenvolvidos em diferentes espaços que pudessem contemplar um maior e mais diverso público, oportunizando, assim, serem impressos pontos de vista diferentes e necessários, trazendo uma grandeza maior ao trabalho. Assim, como *locus*, tivemos a sede do Movimento de Mulheres de Jacobina, o Campus IV da UNEB, os distritos de Itaitu e de Cafelândia, escolas da educação básica, associações comunitárias, quilombo urbano, todos em Jacobina-BA. Além disso, foram utilizados espaços nos quais funciona a extensão do projeto Universidade para Todos da UNEB e o Teatro do Município de Moro do Chapéu-BA.

O trabalho realizado contou com a efetiva participação de discentes do curso de graduação em Cinema e Audiovisual, da UFRB, na seleção das obras, na composição das mesas de debates e na autoria de curtas-metragens, inclusive com a presença de diretores e diretoras. As mostras de filmes foram seguidas de debates para os quais foram convidados (as) profissionais que dialogam com as temáticas abordadas, promovendo, assim, reflexões em espaços formais e não formais de educação, além de espaços culturais.

Como proposta metodológica, o Cine Debate no Almanaque realiza a articulação com o Conselho Municipal de Políticas Culturais de Jacobina-BA, no desenvolvimento e

participação das ações propostas, uma vez que, em cada exibição do Cine, promoveu-se um momento cultural, exposição de artes visuais, oficinas e apresentações artístico-culturais.

Sessão 1 – Cine Mulher e Relações de Gênero

Sinopse (Resumo)

O Cine Relações de Gênero é uma das ações previstas pelo projeto Almanaque das Artes da UNEB – DCH - Campus IV, desenvolvido pela Comissão de Cultura do Campus, com o intuito de ampliar o acesso às artes visuais e cinematográficas, estimulando o intercâmbio entre a universidade e a sociedade, tendo como base conceitual o tripé pesquisa-ensino-extensão.

A proposta foi realizar a terceira edição do projeto de cinema, abordando a temática mulher e gênero, entendida como uma alternativa tanto para oportunizar o contato das comunidades com a arte do cinema, propiciando análises e debates sobre o que envolve os enredos, como também possibilitar a interação com sujeitos de diferentes contextos sociais de Jacobina e região, fortalecendo a extensão universitária.

Introdução

O presente projeto contemplou uma das ações do projeto maior, o Almanaque das Artes, que visa, entre outras coisas, realizar anualmente um evento que congregue as diversas atividades culturais desenvolvidas no Campus IV, a partir do tripé pesquisa-ensino e extensão. Contextualizando a situação, para entender a pertinência do projeto, vale frisar que Jacobina-BA é de natureza privilegiada e rica em cultura, é um município no qual o cinema fez história desde o período em que a voz ainda não fazia parte do movimento das imagens em preto e branco. Músicos animavam as cenas dos filmes até a chegada do Cine Jacobinense, década de 1950, com seus vídeos falados. Ponto de encontro, socialização e troca de experiências, o cinema sempre foi associado ao conhecimento, ao lazer e à geração de renda, sendo parte integrante da cultura local.

Após a década de 1980 até os dias atuais, Jacobina deixou de ser uma cidade em que se pensasse no cinema ou em outras artes. Visto isso, entre outros meios metodológicos, surgiu a demanda de realizar o Cine Debate no Almanaque.

Na tentativa de perceber e marcar a disputa de espaços e a atuação da mulher no campo social e profissional, sobretudo no campo das artes, no qual ela protagoniza as cenas que, muitas vezes, acontecem de forma negativa, e de mostrar a mulher como produtora e diretora de Cinema nasce o Cine Mulher e Relações de gênero no Almanaque das Artes. Fizeram-se necessárias, também, discussões a partir de questões sobre a violência e a invisibilidade de mulheres e populações lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intergêneros (LGBTI), e sobre a forma como estas são representadas pela mídia, pelo cinema e pela literatura, bem como pela ausência destes segmentos em outros espaços culturais e profissionais. A Comissão Almanaque das Artes propôs, então, um debate necessário na microrregião de Jacobina, a partir das relações de gênero na arte cinematográfica.

Justificativa

Em meados do ano de 2016, com a corrida para implementação e aprovação do Plano Municipal de Educação no município de Jacobina-BA, aqueceu-se um forte debate político na cidade, celeuma travada entre sociedade civil organizada, entidades religiosas, professores e gestores públicos, na qual havia os defensores e opositores acerca da inclusão de discussões sobre gênero no Plano. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) esteve presente nas plenárias da Câmara Legislativa, bem como propiciou debates em outros diferentes espaços.

Constata-se a pertinência do referido projeto por tratar-se de uma proposta que vai além de garantir à comunidade o acesso ao cinema de qualidade e às narrativas e representações cinematográficas. Ela visa, ainda, a proporcionar um estudo sobre as relações de gênero, estereótipos e os papéis definidos na sociedade, buscando possibilitar as visões

diferentes sobre temas polêmicos e de versões por vezes deturpadas.

Para além do contexto na educação básica, percebe-se, ainda, em situações sociais, no campo de trabalho e no próprio ambiente da educação superior, que, muito embora se tenham adquirido ganhos com relação à autoafirmação de identidades de gênero, cresceram, paralelos a isso, sentimentos de intolerância de pessoas e instituições conservadoras. O Departamento vivenciou, em 2017, uma situação de violência contra uma discente trans, a qual foi citada em uma manifestação no órgão da Ouvidoria Estadual da Bahia, na qual o relato que criticava o comportamento e a presença desta no espaço universitário foi entendido como uma ameaça à sua vida.

Conscientes da problemática das desigualdades e vulnerabilidade de algumas minorias que sofrem práticas machistas, lesbofóbicas, homofóbicas, transfóbicas entendemos como papel de uma universidade e prática da cidadania o reconhecimento da diferença e respeito, buscando entender e explicar teorias e experiências que envolvem a sociedade na sua dinâmica para provocar mudanças sociais.

Dessa forma, a intenção do Cine foi também de evitar que não sejam violados nem violentados direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intergêneros (LGBTI), intensificado por um processo iminente de retrocesso e reemergência de discursos e práticas discriminatórias numa afronta evidente às identidades e performances. É preciso ampliar o enfrentamento à imposição da heteronormatividade, considerando a universidade como *locus* da pluralidade, do contraditório.

Compreendendo a importância do espaço educacional, sobretudo a educação superior, em promover ações que pautem questionamentos, possibilite o pensar e interfiram na formação de indivíduos, e considerando ainda a ausência de cinema no município de Jacobina, vimos como relevante a adequação da linguagem artística



a temas atuais como uma estratégia dinâmica para reflexões.

A proposta do Cine de proporcionar espaço coletivo para assistir a filmes, debater questões fortalecendo a prática da sociabilidade entre as pessoas e a dinamização de espaços públicos foi alcançada, inclusive com a proposta de ampliação para novas edições e apresentações em novos ambientes.

Sessão 2 – Cinema Negro e Outras Artes

Sinopse (Resumo)

O Cinema Negro e Outras Artes no Almanaque, na quarta edição do Cine Debate promovida pela comissão de Arte e Cultura da UNEB DCH IV, é um projeto de extensão que pretende explorar o campo da 7ª Arte como ferramenta que provoque uma leitura reflexiva e debates acerca das narrativas e estéticas com foco nos/as negros/as e sua cultura. Nessa perspectiva, busca-se fazer uma crítica sobre a posição do/a negro/a nas tramas cinematográficas, ora como papéis secundários, ora como sujeito que interpreta apenas estereótipos caricaturais, como escravo, servçal, doméstica, bobo ou bandido. Outrossim, a intenção é desmistificar os estereótipos negativos e apresentar os sujeitos como protagonistas, inclusive na direção e produção de curtas e longas metragens. Arelada às mostras de filmes está a realização de atividades artísticas e culturais, como apresentação cênica, oficinas e exposição de artes. O projeto será realizado em diferentes espaços, além do campus universitário, de modo a possibilitar a participação do público de estudantes da rede básica, universitários e pré-vestibulandos, quilombolas de espaços urbanos de Jacobina e microrregião, escolares e não escolares. Tal proposta visa a promover discussões artísticas, tendo a linguagem cinematográfica como o fio condutor para a manifestação de outros saberes dos grupos artísticos e para a troca de conhecimento e visibilidade da cultura popular local, sobretudo com um enfoque que não esteja carregado de preconceito, mas

que tenha compromisso com uma linguagem ou estética antirracista. Buscar-se-á, ainda, a análise sobre a indústria cultural, difundida pela mídia, com sua lógica mercadológica ou interessante para os críticos de cinema voltados para a cultura eurocêntrica. A história e a cultura afro-brasileiras, quando permitida a sua manifestação, sempre estiveram em lugar subalternizado pelas privilegiadas história e cultura brancas. Negar a história e a cultura afro-brasileiras é também negar a própria existência de um Brasil de cuja história esses indivíduos foram os construtores. O Projeto tem base ainda no compromisso da Década Afrodescendente (2015-2024), implementada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e isso implica, ao contrário da maioria das produções nas quais o negro aparece em uma condição negativa, desenvolver uma ação em que ele apareça como protagonista, em espaços diversificados e valorizados, de forma que conote uma representação positiva do/a negro/a, reafirmando, assim, um país de diversidade reconhecendo a contribuição dos afrodescendentes na formação da sociedade brasileira.

Objetivo Geral:

Realizar mostras de cinema com a temática negra, provocando leituras reflexivas e debates acerca das narrativas e estéticas, com foco nos/as negros/as e sua cultura, fazendo uma crítica sobre a posição do/a negro/a nas tramas cinematográficas, de modo a promover o fomento de outras artes como teatro, música e artesanato a partir de linguagens artísticas e de narrativas que provoquem reflexões sobre o/a negro/a e sua representação, corporeidade, imaginário social, bem como o olhar deste sujeito sobre si mesmo na produção das artes.

Objetivos Específicos:

Debater sobre a Década Afrodescendente e as questões étnico-raciais; Promover espaços culturais no âmbito acadêmico sobre o "Manifesto Dogma Feijoada", contemplando as dimensões do ensino, pesquisa e extensão; Estabelecer parcerias com grupos, instituições e agentes culturais em geral, com



o intuito de ampliar o diálogo universidade-comunidade; Estimular a pesquisa sobre a arte e cultura no Campus IV; Fortalecer a relação entre a Universidade, a escola e a comunidade; Oportunizar o intercâmbio entre produtores culturais da região de Jacobina; Exibir filmes que promovam debate e estimulem a pesquisa sobre gênero e/ou estereótipos construídos acerca da figura feminina no cinema; Analisar possíveis reproduções de padrões de comportamento de gênero; Analisar os papéis da diversidade de gênero na narrativa e na produção cinematográfica; Promover eventos artísticos.

Justificativa:

Nesta quarta edição, o Projeto de Cine Debate promovido pelo Almanaque das Artes, intitulado “Cinema Negro e Outras Artes” pretende exibir obras fílmicas, priorizando-se as baianas e regionais, de qualidade reconhecida, além das não populares, e também aquelas com relevância relacionadas à temática em questão, que não foram, a partir do olhar da indústria cultural, difundidas pela mídia, com sua lógica mercadológica ou interessante para os críticos de cinema voltados para a cultura eurocêntrica.

Compreendemos o cinema como uma arte e um modo de expressão, de informação e de comunicação que, de forma prazerosa, tende a propiciar a reflexão através de suas narrativas e imagens que culminam no conhecimento de fatos e, neste caso, para o reconhecimento, autoafirmação e valorização da história e cultura negras, através das narrativas e estéticas apresentadas. Essa é, portanto, uma das questões propostas aqui no projeto: interrogar sobre o poder das cenas e imagens para a construção de situações, opiniões e imaginário social das pessoas brancas acerca do negro e dos próprios negros sobre a sua condição na sociedade e os sintomas da ausência de cidadania que acometem esse sujeito e outros grupos humanos.

A Década Afrodescendente deve ser pautada em cada ação desenvolvida como forma de o/a negro/a reafirmar a necessidade de

ressignificação da cidadania e superar as desigualdades que ainda são evidentes no país. Para além disso, o projeto em questão pretende atender a política de extensão universitária como constructo que favorece a formação acadêmica integral do aluno, unindo esta ação aos conhecimentos adquiridos a partir das ações de ensino e estimulando o campo da pesquisa, igualmente. Deve envolver, ainda, a comunidade acadêmica e a externa, na construção e troca de conhecimentos através de rede colaborativa, ampliando possibilidades de desenvolvimento local e regional. Isso, além de corroborar para a formação efetiva discente, como proposta tríade ensino-pesquisa-extensão, acarretará no fortalecimento das discussões e sugestões na implementação de políticas públicas para as comunidades e sujeitos nelas inseridos.

Cine Bônus - Conclusões

A elaboração dos projetos de extensão foi possível graças ao estímulo do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) do Campus IV, que tem-se esforçado em discutir e efetivar a política da extensão universitária como dimensão importante na formação superior pela troca de saberes que ela oportuniza e também por sua finalidade social junto ao território. Entende-se também que a política adotada pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), na seleção de projetos através de editais, é uma forma de democratizar e interiorizar as oportunidades de realização de projetos conforme a sua relevância e a sua qualidade.

Considerando que ainda estamos em fase de análise dos resultados, a ideia desse trabalho é abrir espaço para evidenciar e difundir as ações extensionistas realizadas no âmbito da UNEB e, conseqüentemente, fortalecer a sua prática. Desta forma, não traremos, aqui, considerações finais definidas, uma vez que o Cine Mulher e Relações de Gênero ainda está em fase de avaliação, o que será feito com representantes de categorias envolvidas na elaboração e com o público participante. O Cinema Negro e Outras Artes, embora



aprovado, teve sua execução cancelada devido ao contingenciamento de recurso financeiro que está havendo na UNEB, neste ano de 2018, o que implica diretamente o desenvolvimento das ações extensionistas, o que nos leva a crer que estas ficam ainda em plano secundário no que diz respeito às prioridades da instituição.

Entretanto, mesmo inconclusos, percebemos a problematização de temáticas que merecem destaque e principalmente o reconhecimento por parte dos/as envolvidos/as na construção das propostas, a importância em se trazer para os espaços socioeducativos temas emergentes, possibilitando o entendimento do assunto e provocando reflexão acerca de pré-conceitos já estabelecidos e visões de mundo reduzidas ao achismo ou ao que a mídia nos induz a pensar.

Compreendemos como positiva a possibilidade de ampliação da vivência artística das comunidades e a perspectiva formativa através da arte, sugerida por este trabalho que propõe, de forma simples, mobilizar e sensibilizar a comunidade acadêmica e geral para as diversas atividades do Projeto Almanaque das Artes, através de espaço alternativo de exposição artística, exibição, difusão, e análise fílmica com repertório regional, nacional e internacional. A ação possibilitou o acesso das comunidades a obras fílmicas de qualidade, fomentando análises acerca da abordagem de relações de gênero, tema emergente da contemporaneidade, fazendo discussões sobre a Teoria de Gênero, sob a perspectiva da orientação e identidade sexual, e as construções sociais que envolvem esse estudo, bem como entender o processo de autoafirmação, empoderamento das minorias, estigmatização social e discriminação. Dessa forma, promove-se debate acerca do gênero a partir da perspectiva do cinema, considerando também a linguagem e a produção na arte cinematográfica. Para tanto, entendemos como saldo positivo desta ação o estreitamento das relações entre universidade e comunidade.

Créditos Finais

BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo. Superintendência de Cultura. **GUIA CULTURAL DA BAHIA**, vol. 12: Piemonte da Diamantina: A Secretaria, 2001.

BRAGA, Mônica M. de Moraes; BRISOLA, Regina Santos. **GÊNERO E SEXUALIDADE NO CINEMA**: uma discussão a partir da educação da cultura visual. Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

CARVALHO, Noel dos Santos and DOMINGUES, Petrônio. **DOGMA FEIJOADA A INVENÇÃO DO CINEMA NEGRO BRASILEIRO**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2018, vol.33, n.96, e339612. Epub Dec 07, 2017. ISSN 1806- 9053. <http://dx.doi.org/10.17666/339612/2018>.

HALL, Stuart. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. <http://decada-afro-onu.org/> acesso em 04 de abril de 2018. <https://filmow.com/alternancia-t232954/> acesso em 27 de setembro.

KELLNER, Douglas. **A CULTURA DA MÍDIA – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O QUE É LUGAR DE FALA?** São Paulo: Letramento, 2017.

SANTOS, Milton. **O ESPAÇO DO CIDADÃO**. São Paulo: Nobel, 1998.

SETARO; André. **PANORAMA DO CINEMA BAIANO - Série Crítica das Artes** . Bahia, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **IDENTIDADE E DIFERENÇA: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.



MODELO ANATÔMICO DOS DOZE NERVOS ESQUERDOS CRANIANOS PARA ESTUDO DE ANATOMIA HUMANA

Ísis Lopes Lorentz; Liz Torres Pedreira; Carina Oliveira Dos Santos.

Universidade do Estado da Bahia, isisuneb@gmail.com

Palavras-chave: Anatomia; Modelos anatômicos; Nervos cranianos.

Introdução

O conhecimento acerca da localização dos 12 nervos cranianos possibilita o mapeamento de lesões e a realização de diagnósticos mais precisos. Os doze pares de nervos cranianos podem ser classificados como sensitivos (aférentes), motores (eferentes) ou mistos (sensitivos e motores), de acordo com suas características funcionais. A contagem dos nervos cranianos é feita de anterior para posterior e eles são numerados em algarismos romanos (I a XII). (MACHADO, 2006).

O estudo dos nervos cranianos nos livros e no cadáver é limitado. Através de ilustrações, como é apresentado em livros didáticos são apresentados em duas dimensões (2D) e não dão a noção do trajeto do nervo. Já no cadáver, além da escassez de peças, é difícil a visualização. Mesmo com a Lei nº 8.501 de 30 de novembro de 1992 que permite a utilização de cadáveres de pessoas cujos corpos não foram reclamados pelos familiares para fins de pesquisa e ensino (D.O.U.,1992), ainda assim, o acesso às peças cadavéricas é muito limitado, levando a redução da quantidade ou a falta destas nos laboratórios de anatomia.

A ampliação do estudo dos nervos cranianos pode ser realizada através da utilização de modelos anatômicos construídos com diferentes materiais que possibilitem a melhor visualização da saída do nervo através dos acidentes anatômicos presentes nos ossos do crânio. Tendo em vista que a sua observação é limitada tanto em ilustrações 2D presentes em livros didáticos quanto em peças de cadáver, modelos anatômicos podem possibilitar a visualização dos mesmos através de um modelo tridimensional.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi a confecção de um modelo anatômico que demonstre a localização dos nervos cranianos ampliando o estudo da anatomia de forma didática e configurando uma alternativa para a construção do conhecimento na área.

Metodologia

O estudo foi realizado como uma das atividades do projeto de extensão “Anatomia e Arte: perspectivas de representação do corpo” da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A construção do modelo foi iniciada em abril de 2018 e a produção do mesmo passou por modificações até setembro de 2018. As alterações no mesmo foram para aperfeiçoar o modelo e permitir melhor visualização dos nervos cranianos, facilitando o aprendizado.

Para a construção da primeira versão do modelo foi utilizada uma peça anatômica de crânio humano do acervo da UNEB. A peça foi preparada com um corte no sentido transversal na distância aproximada de 2,5 cm da região glabellar. Em seguida a peça foi higienizada e envernizada com verniz a base de óleo. O suporte utilizado foi uma placa de madeira *Medium Density Fiberboard* (MDF) ou chapa de fibra de madeira de média densidade de dimensão 30x45x5cm, pintada com tinta branca para madeira. O conhecimento teórico da distribuição dos nervos cranianos no encéfalo foi através do estudo da imagem do atlas de anatomia Netter (NETTER, 2011 p.117) e a representação dos nervos foi realizada por fios de cobre sem a capa de plástico (Figura 01). Foi escolhido o lado esquerdo para representação do modelo para evitar a poluição visual no estudo, sendo feita apenas

a representação de doze nervos dos doze pares cranianos.

A maioria dos fios foram introduzidos pela parte superior do crânio e emergiram na sua região inferior ou base do crânio. O nervo V (nervo trigêmeo) foi representado pela junção de três arames que foram introduzidos nos forames que dão passagem aos ramos desse nervo, por ser um nervo espesso que se divide em três ramos. Devido a particularidades anatômicas, o fio representativo do nervo VII (nervo facial) foi seccionado na entrada do meato acústico interno e outro arame partiu do forame estilomastóideo. Outro nervo, o VIII (nervo vestibulo coclear) foi representado somente até entrada do meato acústico interno pois o mesmo não sai por forame no crânio, ele fica alojado no osso temporal.

Os nervos foram identificados por pequenas placas contendo a numeração de I a XII na sua extremidade superior e, na extremidade inferior, eles foram fixados por pregos na placa de madeira MDF e dispostos de forma semicircular ao redor do crânio. A base do crânio foi encaixada em pregos colocados na placa de madeira. Foi utilizada uma imagem representativa dos nervos cranianos do (HANSEN, 2010 p. 195) que foi fixada na base de madeira para referência de estudo.

Após confeccionada a peça foi observado que a diferenciação dos nervos quanto a visualização estava dificultada devido a todos estarem da mesma cor (fio de cobre). Além disso, a base estava fixada na placa de madeira o que dificultava a visualização da sua saída pela base do crânio. Assim, foram realizadas modificações para o aperfeiçoamento, como substituição dos fios de cobre por arames de artesanato brancos e a placa de madeira por placa e suporte de acrílico transparente para que o crânio ficasse elevado e permitisse a visualização da sua base e conseqüentemente das saídas dos nervos.

Nesta fase do modelo foram realizados dois orifícios na região próxima ao forame magno do osso occipital para prender a base de acrílico. Foi utilizada uma furadeira de 9V,

brocas e 4 parafusos. A placa de acrílico tem a dimensão de 30x25x0,5 cm e o suporte tem a dimensão de 2x2x10 cm e a base (fixa no osso occipital) tem dimensão de 2x2x10cm (Figura 02). Os arames de artesanato foram pintados de cores diferentes com tinta guache e substituíram os fios de cobre. Na extremidade superior, os arames foram dobrados e pintados de cores vermelho ou azul para representar a característica funcional do nervo (sensitivo, motor ou misto).



Figura 01 – Modelo com fios de cobre



Figura 02 - Construção na base de acrílico

Resultados e Discussões

Foi produzido um modelo anatômico com os 12 nervos cranianos do lado esquerdo, diferenciados por cores e por característica funcional (sensitivos, motores e mistos) possibilitando a visualização da posição e distribuição desses nervos de forma tridimensional. (Figura 03)

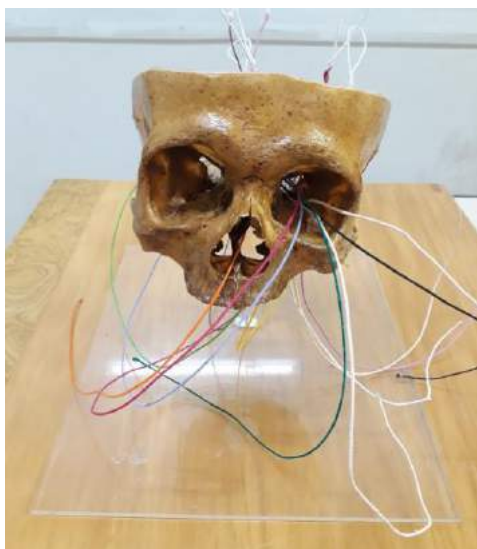


Figura 03 – modelo na base acrílica

A construção do modelo anatômico com os doze nervos cranianos do lado esquerdo possibilitou a visualização da posição e distribuição desses nervos de forma tridimensional. A utilização de metodologias que possibilitem a ampliação do conhecimento podem auxiliar no aprendizado e no preparo do discente para o percurso de atuação profissional.

Os doze nervos cranianos fazem parte do sistema nervoso periférico e de acordo com suas características funcionais podem ser sensitivos (aférentes), motores (eferentes), ou mistos (sensitivos e motores) (MACHADO, 2006). A importância do entendimento de sua localização e distribuição é reportada em diferentes artigos científicos, seja para o conhecimento do seu trajeto para planejamento cirúrgico, localização de uma determinada patologia (PUERTO E HIGUARAN, 2011), ou relato de caso de doenças que afetam nervos cranianos. Assim, como forma de ampliar o estudo e facilitar o entendimento na área de saúde, são utilizadas metodologias ativas como modelos tridimensionais e jogos. (GENEROZO et al, 2011; ROSSETO et al, 2010).

Dos doze pares de nervos cranianos, os nervos trigêmeo e facial são reportados devido a sintomatologia de dor e paralisia, respectivamente (LAZARINI, 2002; PUERTO E HIGUARAN 2011). Os demais

nervos são normalmente notados quando lesionados em condições tumorais ou em cirurgias (NAZERANI e NAZERANI, 2016, p 65-87). Segundo Fokkema et. al. (2014), em um estudo com 6878 procedimentos de endarterectomia de carótida, 5,6% dos pacientes tiveram lesão de nervos craniano, com provável causa o posicionamento errado ou a superinflação do *cuff* (balão), o que mostra a importância do estudo da localização dos nervos cranianos e seu trajeto para evitar tais situações. Em qualquer ponto do seu trajeto, o nervo facial, pode ser lesionado e devido ao longo percurso dentro do crânio e como ele se dispõe, ele é o par de nervo craniano mais atingido por traumas (LAZARINI, 2002).

Puerto e Higuaran (2011), definem a nevralgia como uma dor neuropática cujo critério diagnóstico fundamental é a localização. A dor pode estar associada ao trajeto do nervo e o estudo da localização dos nervos cranianos se mostra importante para diferenciar as nevralgias de outras dores craniofaciais. No caso da neuralgia do nervo trigêmeo é a mais frequente na apresentação e em todas as patologias da dor neuropática, estando associada a maior sintomatologia depressiva e com mais taxa de suicídio devido à gravidade da intensidade da dor e à alteração na qualidade vida do paciente.

Na formação na área de saúde, é importante o conceito de aprender fazendo, o qual, pressupõe que se repense a sequência teoria-prática na produção do conhecimento, assumindo que esta ocorre por meio da ação-reflexão-ação. (FERNANDES, 2003). Reafirma-se, assim, a ideia de que o processo ensino-aprendizagem precisa estar vinculado aos cenários da prática e deve estar presente ao longo de toda a carreira. As construções de modelos anatômicos, assim como os jogos, fazem parte dessas metodologias ativas para o aprendizado (GENEROZO et al, 2011, ROSSETO et al, 2010).

O modelo dos pares cranianos foi exposto na V Expotudo da UNEB em maio de 2018 e a comunidade acadêmica pode observar a primeira versão deste, com os fios de cobre.



Como perspectivas espera-se utilizar o modelo com arames de artesanato em aulas práticas dos cursos de saúde do Departamento de Ciências da Vida. Além disto pretende-se realizar estudo para verificar a usabilidade do modelo como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem dos nervos cranianos.

Conclusões

O modelo anatômico da localização e distribuição dos nervos cranianos possibilitará a construção do conhecimento de forma criativa. Desta forma, ampliará a visão de duas dimensões, presente em atlas de anatomia, auxiliando a construção e importância do conhecimento sobre a localização e distribuição desses nervos. A utilização do modelo pode ainda incentivar a confecção de outros modelos de estudo da anatomia humana que reforcem o aprendizado nos diversos cursos de saúde.

Agradecimentos

A UNEB, DCV, NUPE e PROEX por apoio aos projetos de Extensão. A professora Cristiane Malheiros (in memoriam) pelo apoio ao projeto e pela ajuda a idealizá-lo. A professora Carina Oliveira pela orientação, ajuda na idealização, apoio e incentivo em todas as etapas do projeto. Ao professor Bruno Linhares pelo apoio e pela orientação no posicionamento dos nervos no modelo. As monitoras do Anatomia e Arte pela ajuda na construção da peça.

Referências

CARVALHO A et al. Síndrome de miller fisher e neurite óptica. **Arq Neuropsiquiatria**. 58(3-B):1115-1117, 2000

FERNANDES JD et al. “Diretrizes estratégicas para a implantação de uma nova proposta pedagógica na Escola de Enfermagem da Universidade da Federal da Bahia.” **Rev. Enfermagem**. 56(54):392-395. 2003

FOKKEMA M, et al. Clinical relevance of cranial nerve injury following carotid endarterectomy. **Eur J Vasc Endovasc Surg**. Jan; 47(1): p2-7. 2014

GENEROZO, B. D.; ESCOLANO, A. C. M.; DORNFELD, C.B. **Jogo Animatomia: Uma proposta lúdica no processo de ensino e aprendizagem de anatomia e fisiologia humana**. Dissertação (Graduação no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2011.

HANSEN Morten. **Netter anatomia para colorir** 1a edição. Editora Elsevier Brasil, 2010 p. 195.

LAZARINI, Paulo R. et al. Paralisia facial periférica por comprometimento do tronco cerebral – a propósito de um caso clínico. **Rev. Bras. Otorrinolaringol**. v. 68, n.1, 140-4, jan.fev. 2002

MACHADO, Angelo B.M.; HAERTEL, Lúcia Machado. Nervos Cranianos In: **Neuroanatomia funcional**. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

NAZERANI, Shahram. NAZERANI, Tina. Cranial Nerves and Nerve Surgery in the Oral and Maxillofacial Region. **A Textbook of Advanced Oral and Maxillofacial Surgery**, vol. 3, p. 65-87, 2016. Disponível em <<https://www.intechopen.com/books/a-textbook-of-advanced-oral-and-maxillofacial-surgery-volume-3/cranial-nerves-and-nerve-surgery-in-the-oral-and-maxillofacial-region>>. Acesso em 29 set 2018.

NETTER, Frank H.. **Atlas de Anatomia Humana**. 5ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p 117.

PUERTO, Diego Antonio Jiménez; HIGUARAN, Angela María Alvarez. Dolor neuropático en el trigémino Trigeminal



neuralgia **Acta Neurol Colomb.** vol. 27, n. 2,
Junio Suplemento (2:2). 2011

ROSSETTO, E. S. Jogo das organelas: o
lúdico na Biologia para o Ensino Médio e
Superior. **Revista Iuminart do IFSP,**
Sertãozinho-SP, V. 1, N. 4, abril 2010.



AS DIVERSAS FORMAS DE ATUAR DO PEDAGOGO EM ESPAÇO NÃO FORMAL – SCFV IGRAPIÚNA BA O CAMPO E SUAS POSSIBILIDADES

Jamile Nascimento Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: milly.limeira@hotmail.com

Imario Santos de Jesus

Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: imariosantos1993@gmail.com

Ana Lícia de Santana Stopilha

Professora orientadora de Estágio na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UNEB. E-mail: stopilha@hotmail.com

Palavras-Chave: *Pedagogia. Estágio. Espaço não formal.*

Introdução

Este relato de Experiência constam-se os resultados obtidos no período de estágio de observação realizado no Serviço de Convivência Fortalecendo Vínculos - SCFV, situada na Comunidade da Limeira II, Zona Rural do município de Igrapiúna – BA. O projeto de intervenção tinha como enfoque principal a música na educação em espaço não formal, e analisava como recorte, de que forma os docentes vinham trabalhando a música nessa etapa do adolescente, valorizando e analisando de maneira significativa a importância que cada letra representa no meio social de cada ser, como requisito da disciplina de Pesquisa e Estágio I: Espaços não formais do Curso de Pedagogia do Departamento de educação – CAMPUS XV, Valença-Ba.

A elaboração do projeto deu-se a partir do período de observação realizado SCFV situado na Comunidade da Limeira II, e ao mesmo tempo na tentativa de entender sobre a importância da música e seus benefícios na educação seja ela em qualquer disciplina, pois percebe-se situações em que o uso da música se dá apenas para reproduzir práticas, muitas reconhecidas, mas sem entender o seu significado.

Não obstante, pretendia-se ainda, com esse estudo, propor um olhar atento sobre as necessidades do docente na construção de seu

conhecimento, apresentando elementos fundamentais para promover uma reflexão/discussão em torno do desenvolver dessa longa e complexa caminhada rumo a uma Educação igualitária, que busque entre outras questões, a valorização do sujeito.

Drummond de Andrade escreveu: “Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”. Então pensamos em trabalhar Valores através da música, essas duas palavras: valores e música, foram palavras-chave que nos auxiliaram durante a intervenção pedagógica. Um dos objetivos propostos foi exatamente proporcionar às crianças oportunidades de viver e refletir em seu cotidiano sobre os valores adquiridos através da música, numa prática sensível e expressiva propiciadora de condições para o desenvolvimento de habilidades, de criação de hipóteses e de formulação de conceitos. Então, o título *Reconstruindo Valores através da música*”, teve como *priori* desenvolver a música como um todo que conjuga expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e facilitadoras da comunicação do ser humano com o outro e como mundo no qual está inserido primando métodos de interação que concedessem aos educandos como ser pensante e contribuinte na sua própria



formação sócio educacional. Nas palavras de Nereide Rosa (1990, p. 22-23):

Diante do exposto, o grande desafio foi que a música na educação no espaço não formal colaborasse no desenvolvimento de cada educando, almejando que essa não seja apenas uma prática descontextualizada, mas um complemento, um meio para o melhor entendimento e trabalho das muitas atividades realizadas no serviço, que além de desenvolver a sensibilidade musical pode ainda ajudar no desenvolvimento de outras potencialidades. Dessa forma Loureiro (2008) explica que o aprendizado de música deve ser um ato de desprendimento prazeroso, que comungue com as experiências da criança sem ser uma imposição ou que busque a qualquer custo que a criança domine um instrumento, o qual pode minar sua sensibilidade e criatividade.

Contudo, as dificuldades percebidas em relação ao ensino de música instigaram à proposição de um problema norteador deste estudo, utilizando a música para ajudar no desenvolvimento dos educandos. Assim, analisando as contribuições que o ensino de música pode proporcionar no desenvolvimento do educando pode-se ter um olhar aberto para atuar nesta faixa etária.

Metodologia

O presente relato descreve as experiências do projeto de intervenção requisito da disciplina de Pesquisa e Estágio I: Espaços não formais. O público alvo foram 26 crianças entre 07 e 16 anos, que fazem parte do Serviço de Convivência Fortalecimento de Vínculo na comunidade da Limeira II, Igrapiúna-BA. Este projeto favoreceu para desenvolver a música como um todo, conjugando expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e facilitadoras da comunicação das crianças com o outro e com mundo no qual está inserido primando métodos de interação que concedessem aos educandos como ser pensante e contribuinte na sua própria formação sócio educacional. Foi aplicado uma metodologia que favoreceu o

desenvolvimento da criança e adolescentes nas suas diversas fases, respeitando suas características individuais e necessidades pessoais. Também valorizadas as diversas contribuições que os diferentes métodos de interações oferecem. Nesta oportunidade foi possível compreender a relevância das ações docentes, permitindo-nos ampliar nosso aporte teórico, conciliando com o trabalho educativo e favorecendo o desenvolvimento da prática reflexiva.

Resultados e Discussões

Durante o desenvolvimento das atividades de estágio passamos a analisar esse espaço com outros olhos, uma vez que, a partir de então, questionaremos possíveis falhas do campo observado, lembrando, todavia, que não estávamos para consertar o que por via estivesse errado, mas contribuindo para as atividades realizadas até então, para que sejam bem sucedidas, e essa foi nossa primeira e única intenção.

Ao ministrarmos o projeto de intervenção damos início com a apresentação do projeto, enfatizando a importância dos valores, citando seus conceitos e utilizando exemplos do dia a dia. Buscamos a todo momento fazer a interação de todos os educando com atividade lúdicas para que a educação no espaço não formal fosse diferenciada do espaço formal, pois quando falamos das práticas educativas, não estamos falando apenas do seu sentido de exercer teorias, mas sim do seu papel como instrumento e possibilidade transformadora na/da sociedade.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN - nº 9.394/96 instituída com a intenção de dar novas expectativas ao tratamento da educação no Título I do Art. 1º reafirma: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, em instituições próprias”.

Partindo dos pressupostos de Zabala (1998), podemos afirmar que a educação pode acontecer em diversos espaços, não se



limitando apenas ao âmbito escolar, pois a educação é um instrumento de humanização, o qual deve abranger a sociedade, num todo. Então, as atividades desenvolvidas a cada dia mostravam nos olhares de cada discente ali envolvido um olhar de plenitude e Segundo Luckesi (2005) a principal característica da ludicidade é a plenitude da experiência, isto é, a vivência lúdica de uma atividade exige uma entrega total do ser humano. E essa entrega total por partes de todos envolvidos aconteceu, e percebemos que é através do brincar que a criança se relaciona com o meio em que vive e com os outros, o que lhe propicia dar significado a tudo que está ao seu redor.

Um dos objetivos centrais do estágio, segundo Santos (2005) é ser um espaço de construção de aprendizagens significativas no processo de formação dos professores. Isso significa que a construção de conhecimentos relacionados à docência não ocorre apenas no componente teórico dos cursos de formação, de modo que a prática se torne apenas a “aplicação” destes conhecimentos. Se assim fosse, o estágio seria concebido como uma avaliação final em que os conhecimentos construídos ao longo do curso fossem colocados a prova.

Sabemos que estamos sempre em processo de construção de aprendizagens significativas e tínhamos como desafio manter a turma cheia, já que na observação percebemos a evasão e decidimos no momento de a construção do projeto trabalhar com valores de forma lúdica e escolhemos a música para abrilhantar as atividades.

No primeiro instante já nos deparamos com uma surpresa. Em meio a 18 alunos, 13 estavam nos esperando, surpresa porque no momento da observação no máximo 8 alunos frequentavam. Então o que podíamos fazer era buscar estratégias para manter esses alunos e fazer com que outros pudessem voltar a utilizar o serviço. Então o primeiro passo foi desenvolver as aulas em forma de gincana. Dividimos a turma em dois grupos e todas as atividades foram desenvolvidas em grupo e colocamos como tarefa de casa para o

primeiro dia trazer um aluno que não estava frequentando. E mais uma surpresa. No dia seguinte 18 alunos na sala. Então meio caminho andado, o que deveríamos fazer agora era buscar métodos para tentar compreender a vivência de cada um e buscar atividades que deixasse um gostinho de quero mais e assim eles voltassem no dia seguinte, pois conforme Miranda (2008, p. 17),

O estágio, como atividade de pesquisa, aproxima mais o aluno da escola, desenvolvendo posturas e habilidades de pesquisador que busca compreender os fatores determinantes da realidade escolar e propor projetos de ação. [...] Os fatos são compreendidos e explicados para além das aparências ou evidências habituais, favorecendo a tomada de consciência do real, e, conseqüentemente, o fazer mecânico cede lugar ao fazer reflexivo. [...] Em um mundo dinâmico, o ensino não pode mais ser ministrado de forma determinista e estática. A dúvida, a curiosidade e as incertezas precisam estar presentes. Este é um desafio permanente para o professor que orienta o estágio, pois os caminhos não estão postos, as possibilidades emergem do enfrentamento das questões suscitadas no cotidiano escolar.

Por conseguinte, colocar o projeto de intervenção em prática foi a solução para os desafios encontrado e a cada dia a música no espaço não-formal colaborou no desenvolvimento dos adolescentes, que além de desenvolver a sensibilidade musical pôde ainda ajudar no desenvolvimento de outras potencialidades do educando.

O mundo da infância e da adolescência é surpreendente, por isso é importante para os docentes participar e atuar ativamente no



ambiente escolar, caminhando lado a lado com os educandos, ensinando e, também, aprendendo com eles, constituindo-se como profissional docente. Porém, se esta atuação, se este caminhar lado a lado com os educandos acontecer, numa perspectiva que envolva o educando, a possibilidade de aprendizagem acontecer é real. Zanini e Leite (2008) relatam uma experiência que vivenciaram no Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, onde estavam enfrentando dificuldades para estabelecerem um vínculo com a turma. Buscaram na roda, superar a barreira que existia entre elas e as crianças. Deste modo, para Zanini e Leite

Nas rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e os modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito à opinião do outro vão sendo então construídos por meio das trocas que se estabelecem entre educandos e educador. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador do grupo. São, também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro (2008, p. 76).

No momento de colocar o projeto em prática percebemos que trabalhar com valores não é tarefa fácil já que existem hábitos que já estão arraigados, assim o que encontramos como desafio foi trabalhar o valor RESPEITO, pois tanto o educador social quando os educandos tinham ~~uma~~ certa

intimidade, a ponte de se tratarem com termos pejorativos. Percebemos no decorrer que o respeito não estava fluindo no serviço. GADOTTI (1999) esclarece

“Se por um lado é importante a existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre docente e discente para que melhor se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor.”

Pensando assim, houve a necessidade de sentar com o educador social pedindo que ele evitasse essas intimidades com os educandos para que o objetivo do nosso projeto surtisse efeito. E assim ele fez. Abriu a aula falando sobre esse valor e solicitou dos educandos que eles trocassem esses termos que eles se tratam por termos de boa conduta.

Citando alguns momentos marcantes, vale destacar o primeiro dia de intervenção, iniciamos apresentando o projeto e em seguida a Dinâmicas de integração com bexigas: os balões foram cheios e dentro havia o nome de cada aluno. Ao som de uma música as bexigas eram lançadas para cima não deixando que os mesmos caíssem no chão. Quando a música parasse todos tinha que estar segurando um balão. Ao estourar, o nome que estivesse escrito dentro deveria ser lido, e em seguida, seria dito pelo colega uma característica boa dele, e logo depois, lhe daria um abraço.

Com essa dinâmica de interação foi o suficiente para entendermos cada aluno e selecionar os valores a serem focados na aula. Percebemos no decorrer da dinâmica a dificuldade que eles tinham de falar bem do colega. Mesmo a dinâmica sendo bem clara em que deveria ser falado um valor, uma característica boa da pessoa, os alunos insistiam em falar primeiro um coisa ruim.



Outro ponto que chocou foi quando chegou a vez de Daniel⁶, ao sair o nome dele o colega se recusou falar uma coisa boa dele alegando que não existia realmente nada bom sobre ele. E todos da sala riam inclusive ele. O educador social pediu a palavra e confirmou o que o aluno tinha dito. Que ele era chato, abusado.

Queria a todo momento chamar a atenção e por isso que os alunos tratavam ele desse jeito. Ficamos sem saber o que dizer, até porque não tínhamos nenhum contato direto com esse aluno. Em fim uma solução, a segunda educadora social, pediu também a palavra e falou todas as coisas boas que ele fez e faz, e que os alunos e o colega de trabalho deveriam rever as suas posições sobre Daniel.

Em um segundo momento pedimos que os alunos ilustrassem a música *AQUARELA* de Toquinho, utilizando a criatividade e os alunos perfeitamente, usou a criatividade e com EVA construíram a música e substituíram palavras por imagens criadas por eles. Esse momento foi motivador porque compreendemos que o professor cria situação de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe pedem; ele intervém pouco, muito ou nada, colocando os alunos como sujeitos de sua própria reflexão, utilizando-se da curiosidade natural. Atendemos então ao que Tiba (1998, p.46) diz em relação a esta busca de meios e caminhos:

“Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando estes dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas”. No entanto, incentivar as crianças e

adolescentes a pensarem filosoficamente não é uma tarefa fácil para os professores desempenharem e, de certo modo, é mais uma arte do que uma técnica é uma arte que requer a prática.

Não podemos deixar de destacar o dia em que iniciamos fazendo a leitura da música para a sala; Problematizamos a letra com questões sobre a mensagem da música; depois foi feita uma leitura coletiva com a sala, onde todos tiveram oportunidade de fazê-lo; Cantamos com utilização do pendrive e data show e fizemos um estudo com a letra da música. Esse momento foi único, todos levantaram as mãos para falar, até uma criança de 7 anos de nome inicial Milena. Mas o educador não passou despercebido e deu oportunidade para todos, pois quando o professor pergunta, ele não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, pois incentivar o pensamento filosófico é querer que o educando reflita de maneira nova, considere métodos alternativos de pensar e agir. Neste ponto, devemos observar o que foi escrito por Libâneo (1994, p.250):

“O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.”

No entanto, vemos que, apesar dos esforços, o objetivo principal, que é dar possibilidade ao educando de construir seu conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da capacidade de ouvir o aluno e, assim,

⁶ Nome fictício do aluno.



descobrir as suas dificuldades, como foi exposto acima. Mas tivemos o olhar sensível e por fim, não deixamos despercebido a mãozinha de Milena que no momento queria falar, mas por todos falarem, educando com mais idade do que ela os intimidaram, com jeitinho após todos falarem e mesmo ela não querendo mais, valeu apenas a insistência. E ela colocou algo que ninguém tinha dito, “eu entendi com a música que tem gente com tanta coisa e reclama tanto e outros nem tem, mas agradece pelo pouco que tem”. Palavras perfeitas para uma criança de 7 anos. Satisfação por perceber que a música um NOVO SER de Calypso proporcionou vários entendimentos, e construiu no coração de cada educando a importância de ser solidário com o outro, cooperando e respeitando cada um mutuamente.

O último dia de estágio foi um sentimento de pena, e ao mesmo tempo de satisfação. Pena que o tempo foi curto e temos muito ainda o que apreender. E satisfação porque em pouco tempo conseguimos perceber o quanto a educação precisa de docentes com olhar sensível. O quanto precisamos compreender a realidade, manejar conceitos, apresentar informações que são bases necessárias para o desenvolvimento intelectual.

Mas, fica a certeza de que também podemos utilizar nossas forças afetivas no sentido de mobilizar a criatividade, para que sejamos capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro, não é uma tarefa nada fácil, porém, com a figura do pedagogo tudo isso pode ser diferente.

Conclusões

Durante o desenvolvimento do estágio de observação e intervenção, percebemos que a qualificação docente é algo que precisa ser discutida constantemente, num processo contínuo de reflexão sobre a ação, uma vez que o professor atua como agente de transformações e possui o papel de tentar aproximar o alunado da sua realidade, através de novidades, descobertas, informações, sempre orientando para a efetiva aprendizagem, visando

colaborar para que os mesmos desenvolvam suas habilidades de pensamentos diferenciados e críticos, distinguindo as melhores formas de utilizar os conteúdos adquiridos.

Assim posto, o estágio torna-se um elemento imprescindível no meio educacional como um processo que transcende ao longo da carreira docente visando pensar na prática pedagógica e subsidiar os professores para enfrentar as dificuldades e desafios encontrados na educação escolar. O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou ainda, compreender a relevância das ações docentes, permitindo-nos ampliar nosso aporte teórico, conciliando com o trabalho educativo e favorecendo o desenvolvimento da prática reflexiva.

Agradecimentos

Agradecer aos colegas da UNEB CAMPUS VX, professores e todos os técnicos que estavam disponíveis para socializar as experiências e assim melhorando nossas práticas.

Referências

- BRASIL: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDBEN- Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro, Brasília, DF, 1996.
- CURY, Augusto Jorge, 1958 – **Pais brilhantes, professores fascinantes/** Augusto Jorge Cury. – Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-bissau: registros de uma experiência em processo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977;
- _____. **Conscientização – Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979;
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;



_____. **Pedagogia do oprimido.**
17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987;

_____. **Política e educação.** 7. ed.,
São Paulo: Cortez, 2003;

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:
ensinar-e-aprender com sentido.** Novo
Hamburgo: Fevale, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-
formal e cultura política.** São Paulo: Cortez.
3º ed. 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e
Pedagogos para quê.** São Paulo: Cortez. 7º
ed. 2004.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da
Aprendizagem Escolar.** 17ª ed. São Paulo,
SP: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria
Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São
Paulo:
Cortez, 2004.

SANTOS, Helena Maria dos. **O estágio
curricular na formação de professores:
diversos olhares.** Artigo publicado na 28ª
Reunião Anual da ANPED, 2005. Disponível
em:
www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt08/gt0875int.doc.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação
Musical para Pré-Escola.** Rio de Janeiro:
Libador, 1990.



EDUCOMUNICANDO: YOGA NAS ESCOLAS

Jaqueline Aquino Rodrigues

João José de Santana Borges

Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro.

Palavras-Chave: *Corpoética; Yoga; Prática educ comunicativa; Ambiente escolar.*

Introdução

O presente resumo intenciona apresentar a experiência vivenciada durante a realização do *Projeto Corpoética: Yoga como atividade educ comunicativa nas escolas*, no período 2017/2018, desenvolvido em duas escolas da rede pública: sendo em uma turma do Ensino Fundamental I; e uma de Ensino Médio Profissionalizante.

O subprojeto que norteia minha participação no *Projeto Corpoética*, se ancora na tentativa de fortalecimento da proposta educ comunicativa da pesquisa, incorporando os conhecimentos da Pedagogia em interface com a Comunicação, objetivando analisar as contribuições do Yoga como prática educ comunicativa nas escolas.

A prática educ comunicativa, pretende propiciar aos sujeitos envolvidos, uma produção de sentido da realidade vivenciada por meio das mídias. É uma busca pela formação de um olhar mais crítico ao que tem acesso, com retratos da vida social, tendo como exemplo, a telenovela *Malhação* que foi analisada durante as rodas de conversa realizadas nas oficinas. E é através desse olhar, que esta proposta compreende o procedimento de produção da comunicação como indispensável para a educação.

Metodologia

Na fase inicial do projeto estava mais voltado para o preparo do grupo de pesquisadores, com estudos interdisciplinares sobre o Corpo: nesse período da metodologia estava implicada a pesquisa bibliográfica acerca da temática, sendo tanto do ponto de vista teórico quanto no que está relacionado com as articulações temáticas entre as áreas de

conhecimento da Pedagogia e da Comunicação.

Na segunda fase ocorre a ida às escolas previamente contatadas, sendo elas da rede pública, a primeira experiência se deu na de Ensino Fundamental I com práticas semanalmente de Yoga, em uma continuidade de experiências já realizadas anteriormente, com o intuito de uma das etapas, ser de estimular as crianças a criarem histórias a partir das ásanas (posturas) de Yoga; na segunda experiência em um Centro de Educação Profissional a proposta está pautada em contribuir na formação de rodas de conversa tematizando o corpo, a educação, e os meios de comunicação como parte integrante das oficinas de Yoga, que também ocorriam semanalmente.

Resultados e Discussões

O uso dos diversos meios tecnológicos tem incorporado consideravelmente na formação de identidades. Filmes, telenovelas, notícias trazidas pela mídia... é possível afirmar que vivemos em um “mundo editado” Baccaga (2011), e essa busca por entrelaçar a comunicação e educação pretende modificar o olhar desses receptores, que, via de regra, deixam de ser meros sujeitos passivos da comunicação, massificados e atomizados, para torná-los atuantes na sua própria história. Baccaga (2011) esclarece sobre a atuação desses sujeitos no processo de junção da comunicação e educação:

A ação do campo comunicação/educação pode ser um dos caminhos para a organização dos excluídos, dos marginalizados, dos invisíveis, de cuja inserção pode resultar a efetiva comunicação para a cidadania. Nesse campo reside um novo modo de contar a história,

revivificar o passado, construir uma nova história, que inclua todos, dando-lhe vez e voz para o grito e para a canção. (BACCEGA, 2011 p.41)

Ao vivenciar a educomunicação na prática com a proposta que assistissem cenas de produções audiovisuais, como telenovela e filme, em um intuito que estava voltado para a discussão de temáticas presentes no meio em que estão inseridos, na tentativa de ressignificação da realidade vivenciada. Possibilitando a esses indivíduos uma visão mais ampla em um ciclo que se inicia em olhar para si, olhar para o mundo e sentir-se parte dele enquanto ser social, considerando as possibilidades dos meios em que tem acesso, produzindo sentido ao conhecimento adquirido por meio desse envolvimento que tem se tornado cada vez maior. Buckingham (2007, p.84) atenta para a atuação dos sujeitos diante do uso das mídias “a proliferação de novas mídias e as características da Internet em particular exigem novas e significativas habilidades em termos de como localizar, selecionar e avaliar a informação”, modificando a atuação muito comum entre os sujeitos, que é a redução das mídias como meio apenas de entretenimento. No espaço escolar, o que se vê ainda chega a ser desanimador, pois nem sempre conseguem fazer uma utilização das tecnologias de modo consciente. Lima Junior (2005, p.16) explica que “a presença dos recursos tecnológicos é indispensável, mas desde que os mesmos possam ser expandidos e explorados com esta ênfase na criatividade e na metamorfose (mudança, transformação de si e do contexto local)”. O espaço escolar deve apropriar-se das mídias, fazendo uso consciente, dando a ela a função de contribuinte no processo de construção do conhecimento, evitando assim o uso apenas instrumental adicional (Assmann, 1998). Não é um processo simples, já que a mídia e a escola têm objetivos diferenciados, enquanto a mídia propõe que os sujeitos sejam apenas espectadores, a escola propõe sujeitos críticos, ativos na produção do conhecimento. Embora sejam campos com

olhares diferenciados, o espaço escolar, pode possibilitar a ressignificação dos objetivos das mídias, sem permitir que ela se torne algo cansativo, como muitos sujeitos encaram o espaço escolar.

A prática de Yoga no projeto convida aos participantes das oficinas, uma pausa, um olhar e um despertar. Uma pausa para essa agitação do dia a dia, uma pausa para esse cotidiano de realização de atividades para assim poder olhar para si, para perceber como está se sentindo, como está a respiração e despertar para a consciência de ser nesse mundo. Um ser que não está apenas presente, fisicamente, mas que toma parte dessa existência em busca de atuar conscientemente diante de si, e do meio em que está incluído. Visando esclarecer quanto ao que propõe o Yoga de modo geral, apresento Desikashar (2006) que à luz de seus conhecimentos trazidos por apresenta, como uma prática da união:

[...] “juntar”, “unir”. Outro significado é “amarrar, juntar os cordões da mente”. Essas duas definições podem parecer bem diferentes à primeira vista, mas elas realmente falam da mesma coisa. Se “juntar” nos remete ao aspecto fixo, “amarrar os cordões da mente” está relacionado, por exemplo, ao direcionamento da atenção para a sessão de yoga antes de iniciarmos, de fato, a prática. Uma vez que os cordões mentais se juntam para formar uma intenção, estamos prontos para começar o trabalho físico. (DESIKACHAR, 2006, p.38-39)

Yoga é união, durante toda a prática é possível perceber isso. União da natureza externa com a interna, quando no decorrer da prática, os corpos são remetidos à ligação com os animais/elementos da natureza. Mesmo humano, podemos ser árvores, pássaros, gatos, cobras, entre outros e além de representar cada figura como essas citadas, ainda desenvolver possibilidades de cuidar do corpo, de conhecer os limites, de aprender a se respeitar e respeitar ao outro. Os contextos escolares muito se assemelham, por toda a organização formal e pelo que resulta, como a rigidez e o cansaço, que não é apenas uma realidade presente entre os estudantes, mas em todo o corpo escolar.



Iniciamos com as oficinas na escola de Ensino Fundamental I, o ar que respiramos ali não era tão leve como achei que seria. Aqueles portões da escola não me traziam conforto e a leveza não se fazia muito presente. Na verdade era um tanto conturbado, as crianças na sala de aula se apresentavam de modo muito agitado e a professora estava sempre a chamar atenção, pedindo silêncio e que se sentassem em seus devidos lugares. Nessa busca por manter a “ordem” na sala de aula, menosprezava as necessidades daqueles corpos ali presentes. Assmann (1995, p.113), no entanto, chama atenção para a importância em considerar cada corpo presente no ambiente escolar, “o corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para a teoria pedagógica”. As crianças se apresentam com discursos de exaustão, seus corpos estão gritando, já não conseguem lidar com esse sistema, já não conseguem apagar suas necessidades de cuidados. Em suas falas, nas entrelinhas há um grito de socorro, são apenas humanos, mas são tratados como máquinas de aprender. Talvez a escola ainda seja um espaço como apontou Foucault (2009, p.142) como sequestradora, já que tinham em vista não somente o controle do tempo, mas de seus corpos, arrancando deles o máximo possível de suas forças. “A organização do espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar, pois fez funcionar o espaço escolar como máquina de ensinar, de vigiar, hierarquizar, de recompensar”.

Se voltarmos nosso olhar para o modo como antes ocorria o processo educativo desde a pré-história que era realizada de forma espontânea, como imitação da natureza, mais tarde com o aparecimento das escolas e atualmente, somos capazes de perceber que a cada tempo histórico foram sendo admitidos novos modos de percepção quanto a esse processo, não os nomeando como melhor ou pior, mas como passos necessários a serem dados em direção a um tempo em que seria capaz de perceber o indivíduo de modo mais

completo. É nesse caminhar que se torna possível perceber que o processo educativo estará sempre em transformação, no entanto mesmo que haja a busca pela inovação, no caminho ainda é possível encontrar instituições escolares com traços de tendências pedagógicas, como a tradicionalista que começou a ser concebida por volta do século XVII, que de sua forma no tempo que foi concebida trouxe suas contribuições, porém pode não surtir mais o mesmo efeito, já que atualmente, há a presença outras tendências que atuam de modo a atender as necessidades apresentadas no ambiente escolar.

Mesmo que sejam apenas resquícios do tradicionalismo, ainda é possível perceber o seu forte efeito nesse ambiente escolar. Como por exemplo, na estruturação da sala de aula, com cadeiras enfileiradas, que determina ao indivíduo que ele deve apenas voltar-se para a direção do professor e seguir durante toda a aula com esse foco. Com tal modelo organizacional evita a troca de olhares dos indivíduos entre si, dando base para um distanciamento, não só de olhar, mas de perceber o outro, de sentir o outro, sendo também uma possibilidade de aprender a respeitar o outro, dando base para a transformação desse espaço, como lugar de construção conjunta de conhecimento.

O segundo espaço a ser vivenciado o projeto, foi em um Centro de Ensino Profissionalizante. A estrutura física fora da sala de aula se apresentava de forma mais acolhedora, mas na sala de aula, de volta às carteiras enfileiradas. O público agora é diferente, em se tratando de faixa etária, estamos na presença de jovens e em alguns casos o que se pode perceber é que há uma necessidade de momentos em que esses sujeitos possam se observar enquanto indivíduos desse mundo.

Sacristán (2002, p.101) relata que “a educação inclui sempre em seu projeto uma imagem de indivíduo-em-sociedade”, no entanto essa imagem em sua representatividade acaba por ser modificada por um pensamento conservador, não

considerando esse indivíduo em suas singularidades. Com tantas demandas a serem cumpridas no espaço escolar, o corpo desses sujeitos acaba tornando-se meros objetos de imposição.

Soares (2001, p.110) afirma que “os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento”. Esse processo deveria ser compreendido de modo mais amplo, a ponto de desenvolver a percepção em torno da importância do respeito para com a formação de cada ser, além de entender que o ser também está além da convivência com a sociedade, os traços inatos, as questões biológicas, também precisam ser levadas em consideração. É preciso se perceber não apenas no mundo, mas, como parte dele assim como afirma Grieve (2009):

A cada momento todos os nossos sentidos – da visão, audição, olfato, sensibilidade tátil, dolorosa e proprioceptiva – recebem informações do mundo que nos cerca, assim como do interior de nosso corpo. Damos o nome de percepção ao processamento a nível do cérebro que transforma todas essas informações em experiência imediata do mundo”. (GREIVE 2009, p.13)

A experiência na escola de Ensino Fundamental I ocorreu durante dois meses com oficinas semanais. Tivemos a oportunidade de perceber o espaço com mais atenção, assim como acompanhar o desenvolvimento desses indivíduos. A cada encontro um novo desafio, cada experiência uma voz que convidava a estar atentos ao que ocorria no espaço, vozes entoadas ou silenciadas, mas que não passavam despercebidas.

No primeiro encontro de prática algumas crianças já conheciam o Yoga, por terem participado da versão anterior do projeto, outros achavam que conheciam por já terem ouvido falar em algum lugar e por consequência disso, alguns não se disponibilizaram a participar, formaram uma ideia talvez com base do meio em que estão inseridos e acabaram por ter como verdade absoluta.

Aos que estavam dispostos a ser parte da oficina, foram convidados a formar um grande círculo, que os permitiria estar diante do outro, poder olhar para o outro, algo não tão comum no dia a dia dentro do espaço escolar, ou melhor, na sala de aula, já que a organização se dava por meio de cadeiras enfileiradas. Foram então, convidados a falar seu nome e fazer um gesto que lhe representasse; embora pareça uma atividade simples, com a preocupação exagerada com o que o outro iria pensar de seu desempenho, as crianças ficaram envergonhadas, mesmo que a infância seja uma fase de espontaneidade, foi neste momento que percebi a grande importância da realização do projeto com aquela turma.

No segundo encontro com a turma, tive a oportunidade de realizar a oficina, e diante do que havia visto no momento anterior, propus uma roda de conversa, para esclarecer sobre o projeto, já que a maioria das crianças apresentavam ideias inversas ao que vinha a ser a prática do Yoga. Poderiam perguntar sobre algo que tenha chamado atenção, diante do que já haviam experimentado, ou também poderiam comentar como estavam se sentindo diante daquela nova experiência. Surgiu então um comentário, um tanto coletivo, que dizia em bom tom que a prática do Yoga “não agrada a Deus” e que se fosse para praticar Yoga e “depois ir para o inferno” não estavam “dispostos”. Depois outro continuou comentando que a prática “mais parece coisa de macumba”, em seguida uma pausa, todos olharam para ele e depois para mim. Naquele instante eles abriram a porta para que eu entrasse em seus universos, mas minha entrada ia depender muito da resposta.

Não impus o calar se suas vozes, respondi a cada questionamento com base aos conhecimentos adquiridos na fase de estudos teóricos, mas adaptando ao tempo e entendimento da fase do grupo. Com uma sucinta descrição trazida por Desikachar (2006) Yoga quer dizer “união”, adentrei na explicação sobre o Yoga, prática que propõe a união entre os seres vivos (humanos entre



si, com a natureza e com o universo). Diante desse entendimento, o Yoga não afasta ninguém de Deus, mas através de sua proposta lhe traz pra perto. Macumba é um instrumento de percussão de origem africana que geralmente é utilizado em terreiro durante cultos afro-brasileiros expliquei. Então ele olhou nos meus olhos e silenciou-se desse dia em diante, ele foi um dos que muito se dedicou durante as práticas.

Nos encontros seguintes, muitos desafios a serem vivenciados, os momentos das práticas em boa parte, tive a sensação que consideravam como refúgio, como lugar de expressão, que muitas vezes lhes é negado, seja no ambiente escolar ou fora dele. Era no ambiente da prática que seus corpos tinham a liberdade em se comunicar, do individual ao grupal. Embora houvesse grande preocupação com o desempenho que cada um trazia, considerando suas limitações, em alguns momentos pontuais se deixaram levar pela magia da prática e preocupar-se apenas consigo mesmo, se observando, se conhecendo, voltando-se apenas para si mesmo, que por vezes é desconsiderado, por um processo educativo que deseduca os corpos.

No segundo espaço, Centro de Ensino Profissionalizante, o grupo também passou pela fase de resistência à proposta da prática de Yoga promovida pelo projeto. Com esse grupo havia um diferencial, para além do convite de se perceber durante a prática, havia o momento de discussão tendo como base cenas da telenovela *Malhação* ou de filmes como *Kung Fu Panda*, com temáticas que propunha ao grupo repensar sobre sua atuação como ser individual e social.

Durante as práticas sempre havia um grupo que se doava para perceber de modo mais profundo o que o orientador da prática propunha, de início poucos participaram, enquanto isso um grande grupo assistia e dava palpites, o que acabava por vezes incomodando quem estava praticando, mas que ainda assim continuavam focados. A cada encontro, o número de praticantes foi aumentando e os discursos de percepção

sobre o estado atual em que seus corpos se encontravam foram tornando-se mais frequentes.

A prática em conjunto com a discussão fazia um convite, sobre a percepção do eu, que na maior parte do tempo não é considerada no ambiente escolar. E foi se deixando levar pela mais bela canção, com um passo após depois outro e talvez sem perceber envolvidos nesse som que ecoa do universo e toma conta dos corpos que estão abertos a viver a experiência de conhecer a si mesmo.

Nos momentos discursivos, a turma timidamente ia abrindo os livros de suas vidas, com o apoio audiovisual apresentado, por ser algo que está mais presente em seu dia-a-dia, conseguiam fazer conexão com experiências de vida, seja como ser individual, em contato com a família ou com o meio social em que estão incluídos.

Conclusões

Sentir o corpo em seu movimento, em sua ética e poética, é o que considero como um dos maiores convites trazido pelo projeto aos que vivenciam as experiências propostas. Uma vivência de estar presente, não necessitando apenas de um movimento corporal físico, dessa forma compreendendo e respeitando as personalidades dos indivíduos envolvidos. Momento de liberdade em ser, e expressar-se sem se preocupar com julgamentos.

O momento inicial do projeto serviu como um guia para a experiência que estava por vir, com as oficinas nas escolas. Com momentos de estudos e debates tematizando o corpo, mas que cada pesquisador realizaria considerando sua linha de pesquisa, ou que tivesse maior aproximação.

Csordas (2008) trouxe grandes contribuições durante todo o projeto, quanto aos modos somáticos de atenção, onde na fase inicial do projeto, o coordenador propôs a leitura por considerar que para observar e possivelmente compreender o outro é necessário que a priori faça consigo mesmo. Primeiro conhecer a si, para depois o mundo que está ao seu redor.



Uma atenção não apenas de ver, mas sentir e dar sentido.

Os dois grupos, cada um em suas particularidades, mesmo com a resistência inicial se doaram para a experiência, o que ocasionou em momentos de maior percepção de si e dessa correlação com o meio social, algo que não é tão comum do processo educativo, já que há tantas demandas acadêmicas a serem atendidas e também pela dificuldade que tem crescido consideravelmente quanto à formação de qualidade, para que esses educadores possam olhar para além das demandas trazidas no currículo, sendo capaz de perceber seus educando em maior instância. Como sujeitos que pensam além do que propõem os componentes curriculares, sujeitos que estão experienciando as novas tecnologias e precisam de uma formação que lhe proporcione uma experiência para além de receptor passivo, mas capazes de serem críticos, ativos e participativos, diante as informações que chegam até eles.

Durante as rodas de conversas com os jovens do Ensino Médio Profissionalizante, houve momentos de muita emoção, quando alguns estudantes correlacionaram às cenas apresentadas com alguma situação já vivenciada. Soares (2006) esclarece as contribuições desse fazer educacional:

[...] uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. (SOARES 2011, p.49)

Desse modo, fica claro que o projeto não se propõe apenas a levar práticas de Yoga, considerando apenas o movimento físico, mas também de produzir sentido para cada vivência, e possibilitar à compreensão que cada corpo é muito além do que os olhos podem ver.

Agradecimentos

Agradeço ao coordenador do projeto por oportunizar minha participação como Bolsista Voluntária na Iniciação Científica,

foi uma experiência de grande valia para minha formação em Pedagogia com Núcleo de Aprofundamento em EDUCOM. Agradeço também pela acolhida de todos os pesquisadores do projeto e por cada experiência partilhada.

Referências

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 3 ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

_____. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-41.

DESIKACHAR, T. K.V. **O coração do yoga: desenvolvendo a prática pessoal**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GRIEVE, June. **Neuropsicologia em terapia ocupacional: Exame da percepção e cognição**. Blackwell Science Ltd. Editora: Santos, 2009.

LIMA JR, Arnaud Soares de. **Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. 1 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

SACRISTÁN, J. G. **Educar e Conviver na Cultura Global**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, Carmen. **Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas**. In: SOARES, Carmen (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001. p.109-129.



SOARES, Ismar de
Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o
profissional, o aplicação: contribuições para a
reforma do ensino médio. São Paulo:
Paulinas, 2011.



CORPOÉTICA: YOGA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO

João José de Santana Borges

Departamento e Ciências Humanas (DCH-III)

Palavras-Chave: Educomunicação; Corporeidade; Yoga; PICs

Introdução

O projeto de extensão compõe parte das atividades do grupo de pesquisa Corpoética, tendo, como temática geral, estudos interdisciplinares sobre corporeidade, educação e comunicação. Compreende três ramos de atividades: 1) Práticas de yoga como atividade transdisciplinar na universidade - oficinas semanais ofertadas no espaço aberto do Departamento de Ciências Humanas na UNEB em Juazeiro, para estudantes, professores, técnicos e comunidade em geral. As oficinas consistem em movimentos corporais, técnicas respiratórias, de relaxamento, concentração e meditação, no intuito de favorecer uma cultura de paz e cuidado no ambiente acadêmico, tomando o yoga enquanto uma Prática Integrativa e Complementar. 2) Yoga nas escolas públicas para o ensino fundamental e médio - como integrante do Núcleo Temático Políticas da Vida, em parceria com a UNIVASF. 3) Yoga Educomunicativo em eventos para além da universidade, como penitenciária feminina (2016) e no Movimento de luta antimanicomial (2017) e a participação no Dia Internacional de Yoga (2018). Além disso, o Corpoética tem realizado anualmente o evento Jornada de Yoga na Educação, que chega a sua quinta edição, incorporando a parceria com o projeto Tantra no Vale, na UNIVASF.

O yoga tem sido incluído no conjunto da Política Nacional das práticas integrativas e Complementares em cuidados com a Saúde, que desde 2006, vem ofertando à população atendida pelo SUS um novo paradigma de cuidado com a saúde, que entende o ser

humano em sua integralidade, e propõe tratar causas e atuar na prevenção, por uma nova cultura de cuidado.

O Corpoética, além disso, mantém um blog para divulgar suas atividades e a produção intelectual dos seus participantes. Enquanto proposta epistemológica, o Corpoética entende o corpo como o grande esquecido nas discussões que envolvem a educomunicação, por exemplo. Parte do pressuposto de que a vida acadêmica tem, em geral, negligenciado as dimensões afetivas e corporais dos seus estudantes, professores e técnicos. E essa negligência se reflete também nas produções acadêmicas em geral, sobretudo na intersecção temática da educação e da comunicação. A proposta do grupo, tanto na pesquisa quanto na extensão, consiste em trabalhar a partir da concepção do corpo como sujeito cultural, oriunda do paradigma da corporeidade e da fenomenologia social. Assim, pretende-se resgatar uma abordagem da comunicação que entenda o corpo como agente fundamental desse processo, não apenas enquanto temática de representação, mas sobretudo enquanto sujeito de emancipação.

Metodologia

1. As oficinas de yoga na Universidade ocorrem semanalmente no campus III, no Departamento de Ciências Humanas (UNEB). Tem atendido a um número variável de praticantes, em geral, estudantes, professores e técnicos, mas também membros da comunidade e membros de outros centros universitários. No primeiro momento, o praticante preenche um questionário

sinalizando o estado geral de sua saúde, os motivos que o levaram até a prática.

2. As oficinas de yoga educacional nas escolas obedecem a um protocolo básico, que foi concebido nas reuniões do grupo de pesquisa Corpoética com o grupo do Núcleo Temático de Políticas da Vida.

- a) Acolhimento;
- b) Dinâmica de apresentação
- c) Conversa prévia sobre expectativas acerca da oficina e do yoga em geral;
- d) Exercícios de Bioenergética
- e) Exercícios de yoga
- f) Relaxamento
- g) Meditação
- h) Exibição do filme ou de cenas de novela que tematizem o corpo, em termos políticos e culturais;
- i) Roda de conversas acerca do que foi assistido.

3. Os procedimentos quanto ao yoga educacional nos espaços não-formais levam em conta o que Csordas (2002) chama de indeterminação quanto aos trabalhos do corpo entre outros corpos. Com a adoção analítica dos modos somáticos de atenção, a ideia é propiciar um ambiente seguro para que os participantes expressem seus sentimentos e possam cuidar deles ao longo da prática proposta. O grupo costuma associar um diálogo intercultural entre o yoga e abordagens ocidentais como a análise de bioenergética. A realização de eventos como a V Jornada de Yoga na Educação, com a presença de professores de yoga da região e de outros estados também tem sido um aspecto metodológico importante da ação do grupo, primando por fortalecer e consolidar a prática do debate intercultural que o yoga ensina acerca do corpo na educação.

Resultados e Discussões

Ao analisar os questionários que os praticantes de yoga na universidade respondem no começo da sua participação, percebemos um grande número de integrantes que respondem afirmativamente quanto aos sintomas que costumam ser associados a alguma melhoria com a prática

do yoga, como apontam vários estudos (Borges, 2017), incluindo: stress, fadiga crônica, ansiedade, insônia, depressão, dores nas costas, hipertensão, problemas cardíacos. A ideia é a de que, após três meses de prática permanente, os sintomas costumam ser atenuados. Essa é, pelo menos, uma das hipóteses que tem sido confirmadas com a experiência.

A aula é composta de um momento de quietude, a percepção da própria respiração, dos sentimentos, emoções e pensamentos que estão presentes naquele instante. Em seguida, começam movimentos lentos de elevação dos braços. Esse tipo de procedimento vai contribuindo para cumprir a sincronia entre movimento e respiração, um dos principais atributos da prática de yoga. São então realizadas as posturas clássicas do yoga, o relaxamento, a concentração e a meditação. A prática de yoga, associada à análise bioenergética, costuma desempenhar um importante papel na conquista e na manutenção de um estado de bem-estar individual que se propaga nas relações, inclusive, nas relações entre colegas de trabalho e vida na universidade. Isso aponta inúmeros testemunhos que carecem, todavia, de uma maior sistematização na coleta de dados.

O Grupo Corpoética tem atuado no sentido de fortalecer parcerias institucionais com outras universidades do Vale do São Francisco, bem como com organizações sociais como o CETGIB (Centro de Terapias Naturais Gianne Bande) e o IRPAA. Ao longo destes 6 anos de atuação, o projeto atendeu cerca de 200 pessoas, seja participando dos seus eventos educacionais, seja das suas práticas regulares de yoga, dentro e fora do campus da UNEB.

Conclusões

Os vínculos entre ensino, pesquisa e extensão tem se tornado a tônica das atividades de pesquisa e extensão do corpoética. Associando sempre práticas de investigação científica na área das ciências sociais e



humanas, sobretudo em Comunicação e Educação, com práticas extensionistas de difusão do conhecimento produzido e do fortalecimento de vínculos com o público para além dos muros da universidade, o Corpoética tem se empenhado em consolidar a presença e a importância do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III), não apenas em Juazeiro, como na região do Vale do São Francisco.

Agradecimentos

Agradecemos a FAPESB – Fundo de Apoio a Pesquisa no Estado da Bahia, por ter financiado o início deste projeto, através do edital 029/2012 - Inovação em Práticas Educacionais.

A PPG e a PROEX, por possibilitar bolsas de iniciação científica e extensão para a realização de nossas atividades.

Ao Departamento de Ciências Humanas, sobretudo à diretora Márcia Guena, por ter sido uma importante colaboradora e incentivadora do projeto.

Aos estudantes de Graduação em Jornalismo e Pedagogia, nas pessoas de nossos monitores de três gerações, por serem nossos parceiros na realização destes sonhos de integralidade e emancipação.

Referências

BORGES, João José de Santana. **Ecologia Mística**. Paulo Afonso: SABEH, 2017.

BORGES, João José de Santana. **Corpoética: Yoga nas escolas**. Porto Alegre: CRV, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROAD, William J. **A moderna ciência do yoga**. São Paulo: Valentina, 2010.

CSORDAS, Thomas. **Corpo Significado Cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.



ACADEMUS: PROGRAMA TELEVISIVO DE DIVULGAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Klébia de Souza Muricy Peixinho
Jamilton Ferreira Barbosa

Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro (kmuricy@uneb.br)

Palavras-Chave: Programa Televisivo; Entrevista; Divulgação Científica; Graduação.

Introdução

A produção anual de Trabalhos de Conclusão de Curso, no âmbito do campus III da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro é considerada vasta e bastante diversificada. A comunidade acadêmica formada por mais de 1.200 discentes matriculados nos seis cursos de graduação é responsável pela efervescente produção científica regional. Desde o cumprimento das etapas da produção do TCC à entrega final, todos seguem um único destino: as prateleiras da biblioteca do campus. Como dá o escoamento dessa produção para que gere novos significados e resultados? Como compartilhar com a sociedade o conhecimento científico desse campus e assim, beneficiá-la? De que forma dá o retorno à comunidade das produções às quais ela mesma contribuiu? A partir dessas inquietações pessoal da proponente e, na busca por respostas a essas indagações surgiu o Projeto de Extensão Programa Televisivo de Divulgação de Trabalhos de Conclusão de Curso – *Academus* com o objetivo de dar visibilidade e ao mesmo tempo um retorno à sociedade, que também colabora com a execução desses trabalhos.

O programa coaduna com a missão da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), respaldada na “produção, difusão, socialização e aplicação do conhecimento nas diversas áreas do saber” (Regimento Geral; Estatuto da UNEB, p.5). Como também aos objetivos da tríade ensino, pesquisa e extensão. Afinal, foi com base nesses pilares, a fim de contribuir com a ampliação do conhecimento científico da universidade, que

a reitoria criou e instalou em 2010 a WebTV – site com plataforma na internet.

Pautada a partir do compromisso com a educação, cultura e cidadania, e também pelos ensejos da TV Pública, a WebTV.UNEB surge como espaço para ensino-aprendizagem da comunidade acadêmica. É o lugar de interlocução entre o ensino (em parceria com cursos e disciplinas, por exemplo), a pesquisa (com grupos voltados para estudos de televisão e tecnologia, por exemplo), e a extensão (com a promoção de cursos profissionalizantes, por exemplo), desempenhando papel fundamental como instrumento acadêmico e de produção científica. (WEBTV UNEB). Assim, o programa também destina-se a compor a programação do site da WebTV Núcleo Juazeiro.

Trata-se de uma produção experimental, com duração de 10 (dez) minutos e publicação mensal. Inicialmente estão sendo apresentados os trabalhos dos cursos de Comunicação Social Jornalismo em Múltiplos Meios e de Pedagogia, posteriormente poderemos ampliar para outros departamentos. Esta primeira temporada contará com a gravação, edição e publicação de 8 (oito) programas, com entrevistas no estúdio e dois quadros (agenda acadêmica e Observatório do TCC).

O *Academus* surge como uma proposta audiovisual educativa e inclusiva, que promova aprendizagem e ressignificações na disseminação de conteúdos acadêmicos. Um propulsor lúdico de saberes, fonte e incentivo de novas pesquisas.



Metodologia

O nome do programa surgiu da ideia da proposta está vinculada ao universo educativo, acadêmico, ambiente de produção de conhecimento. Após sugestões e pesquisas definimos *Academus* por ser o nome de um grande amigo de Platão que construiu a primeira universidade do mundo grego, no ano 387 a.C. Agradecido, Platão disse a *Academus*: “Em respeito e em agradecimento a vossa pessoa, vou te eternizar transformando o vosso nome em sabedoria, todo homem que for realmente culto, será denominado com a etimologia do vosso nome, acadêmico” (VASCONCELOS,2012).

Após a definição do nome do programa, partiu-se para a etapa do levantamento, junto aos Colegiados dos cursos de graduação do campus, de todos os Trabalhos de Conclusão produzidos desde o registro dos cursos nas instâncias até ao momento atual. Com essas informações, seguiu-se à análise e organização dos dados e definição dos trabalhos que seriam gravados. Para tanto, definiu-se alguns critérios de auxílio à seleção. Sendo eles: 1. Contexto social factual; 2. Aniversário do personagem; 3. Evento relacionado ao tema; 4. Trabalho de destaque pela banca; 5. Cientificidade inovadora. Assim, foram selecionados 08 (oito) TCCs, sendo 04 (quatro) do curso de comunicação Social Jornalismo em Multimeios e 04 (quatro) do curso de Pedagogia.

A segunda etapa do projeto consistiu em discussões, pesquisas, ideias para a formatação do programa. O que seria veiculado no tempo de 10 minutos? Qual seria o cenário? Como seria o design gráfico do vídeo? E assim, buscando responder a essas e outras questões, chegou-se a uma proposta de programa televisivo composto de: entrevista no estúdio com egressos, a “Agenda Acadêmica” e o “Observatório do TCC”.

A primeira edição do *Academus* é especial pois, além da formatação elencada acima há também uma matéria sobre a temática. Na

verdade a proposta é para todos os programas, no entanto, devido a limitações de recursos, suspendemos temporariamente a matéria com a previsão de retornar assim que possível.

Na Agenda Acadêmica apresentamos dicas de eventos que os graduandos podem participar como congressos, simpósios e cursos. E o Observatório do TCC é uma parceria do programa com essa instância do Departamento. Formado por uma equipe de professores, o Observatório surgiu para avaliar os Trabalhos de conclusão de Curso produzidos, traçar um perfil e propor redimensionamentos. No programa, há a participação de um representante do Observatório comentando o TCC em destaque.

Para criação do cenário em estúdio definiu-se trabalhar com três câmeras, duas cadeiras (apresentadora e entrevistado) e um aparelho de TV com o nome do programa em destaque. Optou-se por uma iluminação fundo preto-sombreado com disposição de luz tipo Fresnel, focalizando os personagens que compõem a tela. Colocando dentro a área de reflexão da luz apenas o conteúdo deixando em sombra todo resto da composição.

As cores são identificadas pelas células Cones e Bastonetes, que a primeira tem a capacidade de reconhecer as cores e a segunda de reconhecer a luminosidade. Cada cor tem um comprimento de onda que é capaz de chegar aos órgãos visuais, e cada uma delas podem ser absorvidas ou refletidas de corpos iluminados, como exemplo do branco, que reflete todos os raios luminosos, ou o preto, que absorve todos. (STAMATO,2013)

Na terceira etapa foram elaboradas as perguntas das entrevistas e todos os textos de chamadas. Em seguida, o agendamento e a marcação com os entrevistados e profissionais.

Com a realização da captação de imagens e sons, partiu-se para a quarta etapa: decupagem (pré-edição), montagem (edição) e pós-produção (finalização da edição). Paralelamente a essas atividades concebeu-se o design gráfico do programa com uma proposta clean.

A última etapa consiste na gravação e, posteriormente edição, do interprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais). O programa disponibilizará esse recurso.

É importante ressaltar que este projeto não foi contemplado com nenhum tipo de recurso financeiro. Todo o trabalho foi possível com o envolvimento e dedicação do monitor.

Resultados e Discussões

Até o momento foram produzidos os seguintes programas:

PGM1: “Neuróticos é hora do TCC”;

PGM2: “Vazio das Águas, Vidas Submersas Identidades Forjadas”;

PGM3: “Um sujeito escolarizado não letrado”;

PGM4: “Cadê a biblioteca que deveria está aqui”.

As próximas edições já estão no processo de produção. O primeiro programa vai ser publicado em outubro de 2018, no canal da WebTV Uneb Núcleo Juazeiro, no Youtube. E assim, sucessivamente, os próximos serão publicados a cada mês.

Fotografia 1 - logo do programa



Fonte: Arquivo Academus (2018)

Fotografia 2 – cenário no estúdio



Fonte: Klébia Muricy (2018)

Fotografia 3 – gravação externa



Fonte: Klébia Muricy (2018)

Conclusões

A interdisciplinaridade na experiência com a produção audiovisual oportuniza amplo aprendizado. Além de conhecer as ferramentas tecnológicas em diversas dimensões, proporciona um aprofundamento no conteúdo jornalístico. Para os estudantes do curso, um espaço de experimentação, de colocar em prática a teoria que se aprende em sala de aula.

O programa também proporciona contato direto com a produção científica através dos TCCs, um acesso que estimula e impulsiona o conhecimento e suas ressignificações.

Referências

RIBEIRO, Daniela Costa. WebTV: perspectivas para Construções Sociais Coletivas. Covilhã: BOCC, 2008.

STAMATO, Ana B. Taube; STAFFA, Gabriela; VON ZEIDLER, Júlia P. A influência das cores na construção



audiovisual. In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Bauru, SP. A influência das cores na construção audiovisual. Bauru: Intercom. 2013.

UNEB. Regimento Geral, Aprovado pela Resolução CONSU nº864/2011 (D.O.E. 19/20-11-2011), homologada pelo Decreto nº 13.664, de 07-02-2012 (D.O.E. 08-02-2012). Disponível em: <http://www.uneb.br/files/2009/10/REGIMENTO-GERAL-DA-UNEB-2012.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

VASCONCELOS, Edjar Dias de. O mundo de Platão. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-mundo-de-platao/97975>. Acesso em: 20 de setembro de 2018.

WEBTV UNEB. Universidade do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.webtv.uneb.br/>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.



IMPACTO DE UM CURSO DE CAPACITAÇÃO EM BOAS PRÁTICAS DE MANIPULAÇÃO PARA MANIPULADORES DE CANTINAS UNIVERSITÁRIAS.

Lindanor Gomes Santana Neta, Karla Vila Nova de Araújo Figueiredo*, Agatha Souza Sacramento, Bárbara Suelem Santana Gonçalves Soares, Jaqueline Araújo da Silva, Jacqueline Souza Brbosa, Júlia Rita Nunes Bastos C. Leonel, Poliana da Silva Santana, Vitória Fernandes Freire de Melo

Departamento de Ciências da Vida- Campus I, Salvador

Palavras-Chave: Alimento seguro, alimento saudável, cantinas universitárias, impacto de capacitação

Introdução

As doenças causadas pela ingestão de alimentos contaminados são apontadas pela Organização Mundial de Saúde como um dos maiores problemas de saúde do mundo.

O consumo de alimentação fora do lar, geralmente expõe o indivíduo a contaminações, pois, uma crescente demanda por refeições pode resultar em uma sobrecarga dos serviços de alimentação, podendo impactar negativamente no seu desempenho, contribuindo para um aumento do risco de doenças transmitidas por alimentos (DTA). Dados da SVS (Secretaria de Vigilância em Saúde) registram, entre os anos de 2007 a 2016, a ocorrência de 6.632 surtos, com 489 mil expostos e 109 óbitos (BRASIL, 2016). Essas informações reforçam a necessidade de maior vigilância em toda alimentação ofertada aos indivíduos e/ ou coletividade, as quais precisam estar adequadas às suas necessidades e garantir que não lhe causarão transtornos alimentares. A alimentação fora lar, em restaurantes e similares, é responsável por 16,5% dos casos de DTA, que acontece mediante ingestão de alimentos e/ou água contaminados por agentes físicos, químicos ou biológicos, sendo esses últimos o de maior importância em alimentos, visto que, quando os surtos de DTA tem o agente etiológico identificado, 95,9% deles são causados por bactérias (BRASIL, 2017).

De acordo Farias, Pereira e Figueiredo (2011), a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que os manipuladores estão envolvidos em mais de 60 % dos casos de DTA e são decorrentes do descuido higiênico-sanitário. A contaminação a partir do manipulador ocorre através das mãos higienizadas de forma incorreta ou insuficiente ou através de secreções encontradas em outras regiões do corpo como boca, nariz e ouvidos, logo, atos como falar desnecessariamente, cantar, assobiar, espirrar, cuspir, tossir ou comer não devem ser realizados durante a manipulação dos alimentos (Maitan e Oliveira, 2010). Assim, a capacitação de manipuladores é de fundamental importância para a garantia de produção e distribuição de um produto inócuo para a saúde do consumidores de alimentos. Este resumo tem como objetivo fazer um relato do impacto de um programa de capacitação dos manipuladores de alimentos das cantinas situadas no Campus I da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no período compreendido entre setembro e dezembro de 2017, totalizando uma carga horária de 20 horas.

Metodologia

Das cinco cantinas presentes no campus da Universidade, quatro concordaram em participar da capacitação. Se engajarem nas atividades 12 manipuladores. Ao



concordarem em participar do projeto de extensão intitulado “*Refeições nos espaços da UNEB: Avaliando os impactos de estratégias de transferências de saberes para a promoção de uma alimentação saudável e de segurança*” foram convidados a conhecer o cronograma e conteúdo das aulas e, com o objetivo de avaliar o conhecimento dos mesmos acerca da segurança alimentar e nutricional, foi aplicado um questionário contendo dez questões objetivas abordando temas como Microrganismos nos Alimentos, Higiene e Saúde do Manipulador, Higiene dos Alimentos e do Ambiente e por fim Alimentação Saudável. Foram formadas duas turmas com cinco alunos cada. Cada turma foi submetida ao treinamento com uma carga horária total de 20 horas/ 4 horas por aula. As aulas foram ministradas pelas monitoras voluntárias do projeto com acompanhamento das docentes integrantes do projeto. Foi desenvolvido e distribuído, a cada início das aulas, um material de apoio para que os manipuladores pudessem acompanhar as temáticas e exercitar os conhecimentos. Após o término das aulas dos dois grupos, houve a reaplicação dos questionários afim de averiguar se os conhecimentos acerca dos temas abordados foram absorvidos de forma satisfatória, e quais os impactos destes conhecimentos no cenário de produção.

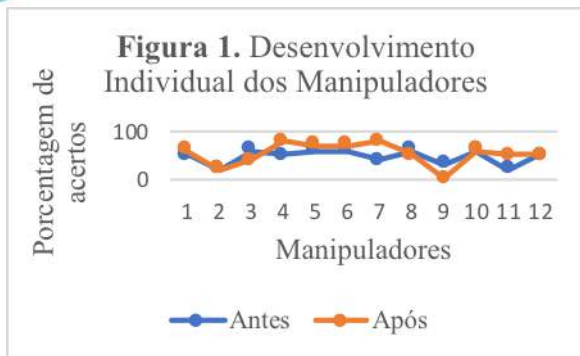
Passados três meses, outra forma de avaliação foi desenvolvida. As monitoras realizaram visita aos estabelecimentos e realizaram um dinâmica para avaliar e classificar os impactos do curso de capacitação sobre as boas práticas de produção de alimentos, e conseqüentemente, na qualidade do serviço prestado. A proposta da atividade consistia na aplicação de uma espécie de “*check list* semáforo” com registro fotográfico (previamente autorizado). A cada situação apontada pelos monitores, relativas a estrutura física das cantinas, condições de exposição dos alimentos e as boas práticas de manipulação e higiene pessoal, os manipuladores definiam, através da colocação de etiquetas coloridas se atendiam ou não os padrões de qualidade

para garantia de produção de alimento seguro (verde/ situação conforme; amarela/ havia dúvida; vermelho/ situação não conforme). Através dos registros fotográficos, as monitoras realizaram um relatório avaliando as percepções dos manipuladores de acordo com o conteúdo visto no curso.

Resultados e Discussões

Ao realizar a análise comparativa dos resultados dos questionários, antes e após a capacitação, foi percebida certa variação nos níveis de acerto. Pode-se observar que, a maioria das questões apresentaram índice de acertos superior após a capacitação, enquanto apenas três questões apresentaram maior índice de acertos antes da capacitação. A questão referente à higiene dos alimentos apresentou maior índice de acertos antes e após a capacitação, o que representa um bom nível de entendimento por parte dos manipuladores no que se refere à higienização adequada dos alimentos. No entanto, pode-se perceber uma dificuldade por parte dos manipuladores quanto ao nível de entendimento sobre a conduta higiênica do manipulador e manipulação e conservação dos alimentos. Houve um grande índice de erros antes e após a capacitação, das questões com conteúdo sobre a exposição/conservação dos alimentos/ temperatura, o que serve de alerta para os cuidados no controle da multiplicação dos microrganismos e a manutenção das condições adequadas para a sua proliferação.

A figura 1 demonstra os impactos da capacitação por meio do desempenho individual dos manipuladores na atividade da aplicação do *check list*. Observou-se que 50% dos manipuladores obtiveram melhor desempenho após a capacitação, com valor médio acima de 50% de acertos; 25% mantiveram o nível de compreensão após a capacitação; e os demais (25%) apresentaram queda no desempenho após a capacitação, fator que pode estar associado à dificuldade de compreensão das questões pelos manipuladores.



Fonte: SANTANA, S. P. SILVA, J. A., 2018

De forma similar ao observado por este estudo, Devides, G. G. G. et al (2014) ao avaliarem o impacto de um curso de capacitação em Boas Práticas de Fabricação realizado com 192 manipuladores de alimentos na cidade de Araraquara-SP, concluíram que todos os temas apresentaram aumento significativo no número de questões assinaladas corretamente na avaliação final em relação à avaliação inicial (diagnóstica).

Conclusões

Neste estudo foi possível observar um impacto positivo da capacitação dos manipuladores de alimentos, visto que houve um aumento do conhecimento dos mesmos sobre as boas práticas de manipulação como de outros temas abordados, garantindo assim a oferta de alimentos inócuos à saúde dos comensais e dos próprios manipuladores.

Os manipuladores de alimentos, por meio de suas falas, após o curso, demonstram maior segurança ao tratar das temáticas abordadas como também melhoraram as suas condutas com relação à segurança alimentar e nutricional.

Houve também uma melhoria, por parte das cantinas, em suas instalações.

Agradecimentos

Agradecimentos aos permissionários das Cantinas da UNEB por permitirem a execução deste trabalho como também por adaptarem as suas práticas para atender as recomendações realizadas pelo grupo de estudo.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Surtos de Doenças Transmitidas por Alimentos no Brasil, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Surtos de Doenças Transmitidas por Alimentos no Brasil, 2017.

DEVIDES, G. G. G. et al. Perfil socioeconômico e profissional de manipuladores de alimentos e o impacto positivo de um curso de capacitação em Boas Práticas de Fabricação. *Campinas*, v. 17, n. 2, p. 166-176, abr./jun. 2014.

FARIAS, J. K. R.; PEREIRA, M. M. S.; FIGUEIREDO, E. L. Avaliação de Boas Práticas e Contagem Microbiológica das Refeições de Uma Unidade de Alimentação Hospitalar, do Município de São Miguel do Guamá-Pará. *Alimentos e Nutrição Araraquara*, v. 22, n. 1, p. 113-119, 2011.

MAITAN, V. R, OLIVEIRA, T. B. Condições higiênico-sanitárias de ambulantes manipuladores de alimentos. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer*, Goiânia, v. 6, n. 9, p.1-14, jan. 2010.



APLICABILIDADE DO CINEMA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CINE CLUBE ADM

Maria de Fátima Araújo Frazão

Universidade do Estado da Bahia

Palavras-chave: Cinema. Práticas Educativas. Cine Club Adm

Introdução

O Projeto de Extensão Cine Clube Adm que vem sendo realizado no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, em Salvador, Bahia, utiliza a narrativa fílmica para provocar reflexões críticas sobre o mundo do trabalho e as relações sociais numa perspectiva educativa dialógica de modo a provocar nos discentes dos cursos do Curso de Administração, o intercâmbio de conhecimento, de percepções e visões diversas, criam-se espaços de sociabilidade e de discussão, bem como condições para que estes se percebam como sujeitos transformadores da sociedade.

Ao pensar a criação e operacionalização de um cine clube para problematizar as relações homem-trabalho-sociedade oportuniza-se o debate de temas transversais que os recursos fílmicos propiciam e se exercitam as subjetividades dos sujeitos participantes dessa prática educativa. Neste sentido, o cinema como tecnologia socioeducativa desempenha papel significativo no desenvolvimento do pensamento crítico e no processo de aprendizagem como preconizam Fantin (2009), Macedo (2010) e Kellner (2001).

Araújo (2010, p. 12) corrobora com esse pensamento ao afirmar que “a relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema, onde o que é específico do cinema em relação ao conhecimento é que este está contido na imagem, ou melhor, na edição das imagens”; estabelecendo ponte entre esta relação e o pensamento de Nunes, Costa e Oliveira (2014) sobre os aspectos da mediação dos processos de aprendizagem e de formação que o cinema pode propiciar,

percebo a aproximação conceitual das premissas.

Vale destacar a importância do entusiasmo pelo cinema tanto por parte do proponente da ação educativa mediada por esta prática quanto pelo destinatário, para que não seja improdutivo e pouco atrativo aos participantes (LOGGER, 1965).

Na perspectiva de locus coletivo de compartilhamento de conhecimento e experiências, evidencia o caráter integrador do cine clube, como o caracterizam Klammer, Fortunato e Melo (2015, p. 8): “espaço de formação de sujeitos capazes de promoverem uma democratização da sociedade” e acrescentam a relevância de se despertar para a prática dessa atividade educativa pois “o trabalho como o cinema faz com que o aluno consiga compreender melhor a sociedade em que vive e aprimorar seus conhecimentos”.

Portanto, com o propósito de entender o cine clube como espaço de interação, troca de conhecimento e experiências em termos de metodologia adicional ao ensino da Administração, aponto o seguinte questionamento: como esse recurso educativo contribui na formação do discente em termos de habilidades de compreensão e interpretação do mundo do trabalho?

Quanto ao objetivo da pesquisa, proponho analisar a percepção do discente quanto a contribuição do cine clube para sua formação, considerando aspectos de habilidades de compreensão e interpretação do mundo do trabalho. Para responder ao problema da pesquisa e o objetivo proposto, elaboro a hipótese: o cinema como recurso educativo aplicado ao ensino da Administração repercute na ampliação dos procedimentos pedagógicos e formação do discente para o mundo do trabalho.



Metodologia

A pesquisa é exploratória, aplicada e de abordagem qualitativa, delimitada à análise da aplicabilidade do cinema por meio do projeto de extensão denominado Cine Clube Adm: o cinema no processo socioeducativo, registrado no Sistema de Planejamento (SIP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e desenvolvido no Curso de Administração do Departamento de Ciências Humanas, do Campus I, em Salvador, Bahia, no recorte temporal de 2014 até junho de 2016.

Para a consecução desta experiência pedagógica, os filmes foram selecionados de acordo com demandas identificadas junto a docentes e discente, abordando os seguintes temas: responsabilidade social e ambiental, sustentabilidade, empreendedorismo, ética profissional, comunicação empresarial, estágio, liderança, gestão organizacional, planejamento estratégico e cultura organizacional.

Como instrumento de coleta de dados elaborei um questionário com perguntas fechadas e abertas para investigar a percepção dos discentes no contexto do Cine Clube Adm de modo a se obter dados para o tratamento analítico proposto: analisar a percepção do discente quanto a contribuição do cine clube para sua formação, considerando aspectos de habilidades de compreensão e interpretação do mundo do trabalho.

A amostra foi definida em função do número de participantes de todas as atividades dos cine clubes condicionado ao seguinte requisito: o discente estar matriculado e cursando disciplinas no recorte temporal proposto. Dos 698 participantes 300 discentes responderam os questionários, sendo que 210 atenderam aos requisitos. Esta amostra representativa de 30% do total de participantes e definida a partir dos quantitativos de questionários válidos, considerada suficiente para o estudo em tela.

Em relação à análise dos dados optei por definir três categorias com base nos temas e no referencial teórico abordados e no questionário aplicado, a saber: Interesse por

Cinema, Impacto do Cine Clube no desenvolvimento de habilidades em administração, Contribuição do Cine Clube Adm na capacidade de reflexão crítica do discente sobre as relações homem, trabalho e sociedade.

Vale destacar que a organização do Cine Clube Adm contou com dois bolsistas e uma voluntária durante o período de operacionalização e de observação; no momento o projeto está em *hiatus* por conta do afastamento da docente autora do projeto para cursar doutoramento, com previsão de retorno às atividades de extensão em 2019.

Resultados e Discussões

De abril de 2014 até junho de 2016, foram exibidos 06 filmes e 03 vídeos educativos para 698 alunos do curso de Administração, 189 alunos de outros cursos do departamento, quatro técnicos administrativos e três lideranças comunitárias do entorno da universidade; mediado pelo gestor do projeto e debatedor, propiciou-se análise e discussão dos recursos fílmicos, possibilitando a reconstrução/resignificação das histórias e a descoberta de intencionalidades e diversos significados do contexto e da trama apresentados.

Os resultados obtidos apontam a receptividade do discente à utilização do cinema como recurso educativo e a percepção deste quanto ao Cine Clube Adm como ambiente propício à interação, ao debate e a reflexão sobre temas relevantes à sua formação, conforme descrito nas categorias definidas e nas respostas positivas ou negativas; nas perguntas abertas, havia espaço para opinar e justificar respostas.

Em termos do Interesse por Cinema, essa categoria engloba as perguntas fechadas sobre o interesse pessoal do discente sobre cinema, o hábito de assistir filmes, a prática de comentar sobre os filmes que assiste. Neste sentido, interpreta-se, à luz do referencial teórico aspectos relativos à reflexão sobre os temas abordados em filmes e por conseguinte compartilhamento de conhecimento e pensamentos, como

preconizam Klamer, Fortunato e Melo (2015) e Logger (1965) sobre o entusiasmo pelo cinema para que a ação não se torne improdutivo.

Na análise das perguntas dessa categoria, 80% declarou gosto pelo cinema, 65% tem o hábito de assistir e de comentar os filmes que assiste. Neste sentido, o conjunto de respostas demonstram interesse do discente pelo cinema, fato importante para se aplicar o cinema como recurso educativo, ampliando os precedimentos metodológicos em sala de aula.

Quanto ao impacto do Cine Clube no desenvolvimento de habilidades em administração, esta categoria compreendeu três perguntas abertas: a relevância dos temas dos Cine Clube Adm na formação profissional, a pertinência dos temas abordados e a influência dessa atividade educativa no processo formativo do discente. As respostas foram positivas em 79% dos participantes, destacando aspectos positivos da mediação do cinema nos processos de aprendizagem e de formação como recurso educativo ratificando o que se discutiu no referencial teórico.

Vale destacar a fala do Discente A sobre os temas abordados nos Cine Clube ADM: **“os filmes têm relação com a formação do futuro administrador, são instigantes e provocam a imaginação sobre os desafios da profissão, podem incluir na prática de sala de aula”**.

O Discente B pontou a necessidade de envolvimento dos docentes no curso na atividade por acreditar no seu potencial educativo, conforme demonstra sua fala: **os Cines Clubes valem tanto quanto uma aula normal, é educativo, mas tem professor que não usa”**.

No que diz respeito à categoria de análise Contribuição do Cine Clube Adm na capacidade de reflexão crítica do discente sobre as relações homem, trabalho e sociedade, todas as opiniões apontaram o Cine Clube com espaço de diálogo, troca de conhecimento e experiências, propiciando reflexões e críticas, conforme apontado no

aporte teórico dessa pesquisa; além disso, outros foram sugeridos: Economia Solidária, Reciclagem, Relações Interpessoais, Corrupção e Política.

O Discente C apresentou sua percepção sobre a reflexão que o cinema pode propiciar: **“refletir sobre um filme na sala de aula é muito importante para a formação do administrador que lida com uma realidade muito perto das relações sociais cotidianas e que o cinema mostra mesmo que seja ficção”**.

O Discente D aponta uma importante consideração: **“o Cine Clube agrega conhecimentos aos participantes e pode trazer mudança comportamental na sociedade, no trabalho, na postura do administrador pois faz que ele pense nas suas relações pessoais e profissionais”**.

O Discente E destacou que **“há resistência de alguns professores em usar filmes como metodologia de ensino e de colegas que talvez não entendam os valores didáticos da ferramenta para melhorar as relações humanas tão complicadas na atualidade”**

O Discente e acrescentou sua percepção sobre o cinema como recurso educativo e formativo: **“se fosse professor, usava os filmes para formar atitudes e habilidade nos alunos por ser saudável, criativo e fazer pensar sobre a sociedade, o homem e o profissional”**.

A proposta do projeto Cine Clube Adm aponta para o poder transformador do cinema no processo educativo observado nessa pesquisa na percepção do discente que o compreende como recurso metodológico importante para sua formação.

Conclusões

A universidade tem papel primordial na formação e aperfeiçoamento dos estudantes e ao estimular atividades com um viés crítico-reflexivo, oportuniza problematizar as relações homem-trabalho-sociedade, na perspectiva de ampliar conhecimento dos sujeitos participantes de ações extensionistas desenvolvidas como demonstrado na experiência descrita.



Neste relato de experiência, destaco o Projeto Cine Clube Adm que utiliza a narrativa fílmica para provocar reflexões críticas sobre o mundo do trabalho e as relações sociais numa perspectiva educativa dialógica de modo a promover o desenvolvimento do pensamento crítico nos discentes dos cursos do Curso de Administração, propiciando intercâmbio de conhecimento, de percepções e visões diversas, criação de espaços de sociabilidade e condições para que estes se percebam como sujeitos transformadores da sociedade.

Os resultados obtidos apontam a receptividade do discente à utilização do cinema como recurso educativo e formativo e do Cine Clube Adm como ambiente propício à interação, ao debate e a reflexão sobre temas relevantes à sua formação quando aplicada ao Curso de Administração, o recorte metodológico dessa pesquisa.

Neste sentido, acredito no potencial do projeto e recomendo a ampliação dos temas abordados conforme proposto pelos discente, bem como buscar articulação e mobilização com os pares, de modo a obter o engajamento dos docentes do curso nas ações do Cine Clube Adm.

Referências

ARAÚJO, Suely Amorim. **Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula.** Disponível em <www.ensp.fiocruz.br/.../Texto_Suely%20Araújo_Possibilidades%20pedagógicas%20>. Acesso em 13 mai. 2018>.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002.

FANTIN, Mônica. **Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível.** Santa Catarina, 2009, Disponível em <www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/artic le/viewFile/9357/5546> Acesso em 20 set. 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o**

moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

KLAMER, Celso Rogério; FORTUNATO, Jaqueline; MELO, Rodrigo. **A importância do cinema por meio do cineclube na escola.** Paraná, 2015. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17809_7889.pdf>. Acesso em 2 jul. 2018.

MACEDO, Felipe. **Cineclube e autoformação do público.** In: ____; ALVES, Giovani (Orgs.) **Cineclube, cinema e educação.** Londrina: Práxis 6, 2010 (Série Tela Crítica). MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. **A educação pelo cinema.** Disponível em: <http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1153335383_46.pdf>. Acesso: maio/2007

NUNES, A. P.; COSTA, F.; OLIVEIRA, M.M. **Cinema, Cineclube e Educação: Materiais para iniciantes.** In: **Cinema e Educação.** Disponível em: <www2.ufrb.edu.br/cinemaeducacao/imagens/banner/cartilhaparaeducadores.pdf> Acesso em 02 jul. 2018.

SILVA, B. N. **Cinema e a sala de aula: um caminho para a formação.** Revista Espaço Acadêmico, nº 93, fevereiro de 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/093/93silva.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2017.



AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Mariana Pereira dos Santos
Vera Ferreira Andrade de Almeida

Universidade do Estado da Bahia - marianapereira.nutricao@gmail.com

Palavras-Chave: Educação Alimentar, Saúde na Escola, Hábitos.

Introdução

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é um campo de atuação da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e da promoção da saúde. A EAN colabora, para a valorização das diferentes expressões da cultura alimentar, para o fortalecimento das tradições regionais, para a redução do desperdício de alimentos e a promoção do consumo sustentável e da alimentação saudável, do ponto de vista qualitativo e quantitativo (BORSOI; TEO; MUSSIO, 2016). Entende-se que a formação dos hábitos alimentares é influenciada por diversos fatores, como fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, tendo a sua formação iniciada na infância (BUSS, 1999). Considerando a relevância da EAN, a escola surge como um local privilegiado para a implementação dessas ações. Preconizada pelas políticas públicas em alimentação e nutrição, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), popularmente conhecido como merenda escolar, é gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e visa à transferência, em caráter suplementar, de recursos financeiros aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios destinados a suprir, parcialmente, as necessidades nutricionais dos alunos (BRASÍLIA, 2007). O PNAE objetiva contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de práticas alimentares saudáveis dos alunos, por meio da EAN e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo (BRASÍLIA, 2011). Avalia-se,

nesse contexto, hábito alimentar como um repertório de práticas alimentares que tendem a se repetir ao longo do tempo, sendo nessa fase da vida que o indivíduo sai do convívio basicamente familiar e penetra no contexto escolar, no qual experimentará outros alimentos e preparações e terá oportunidade de promover alterações nos seus hábitos alimentares pelas influências do grupo social e dos estímulos presentes no sistema educacional. Assim, entende-se que a escola apresenta um ambiente privilegiado para programas de EAN e essa conjuntura vem sendo considerada na formulação de políticas públicas em alimentação e nutrição (BUSS, 1999).

Objetiva-se com esse artigo, fomentar meios para dialogar acerca da importância da Educação Alimentar e Nutricional no ambiente escolar e que ações focadas no público infantojuvenil, tendem a repercutir de maneira mais significativa, já que é na infância que os hábitos alimentares são consolidados e/ou ressignificados.

Metodologia

As ações de EAN foram realizadas nas escolas municipais Joir Brasileiro e CSU Cosme de Farias, localizadas nos bairros de Brotas e Matatu, respectivamente, na cidade de Salvador - Bahia, com os estudantes do ensino fundamental, pais e/ou responsáveis, com o tema geral: hábitos alimentares saudáveis e a realização de avaliação antropométrica. Na escola Joir Brasileiro foi apresentado para os estudantes, pais e/ou responsáveis e funcionários da escola, em formato de Banner ilustrativo, a classificação dos alimentos quanto ao tipo de

processamento, sendo os do tipo: “*in natura*”, minimamente processados, processados e Ultraprocessados. Ainda foi apresentando os 10 passos para uma alimentação saudável, uma sugestão de práticas alimentares que está inserida no Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), que se trata de um documento oficial do Ministério da Saúde, onde aborda os princípios e as recomendações de uma alimentação adequada e saudável para a população brasileira, configurando-se como instrumento de apoio às ações de EAN no Sistema Único de Saúde (SUS) e em outros setores. Na unidade escolar CSU Cosme de Farias foi realizada avaliação antropométrica (Peso/Altura), sendo calculado o IMC pelo método de Quetelet (Peso/Estatura²). Diante da classificação do IMC (baixo peso, eutrófico, sobrepeso e obesidade), foi realizada orientações nutricionais de acordo com a classificação e focadas em práticas de substituições alimentares, como: sal comum pelo sal de ervas, alimentos processados e Ultraprocessados por alimentos “*in natura*” e minimamente processados e o incentivo a realização de práticas de atividades físicas no cotidiano. Para os participantes que apresentaram classificação do IMC para obesidade e associação a Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), foi realizado o encaminhamento para as unidades de saúde que disponham de atendimento nutricional. A pressão arterial foi aferida por uma técnica de enfermagem, atuante na unidade de saúde do bairro, que disponibilizou prontamente os dados para análise. Para análise dos dados coletados foi utilizado o método de representação por porcentagem das duas unidades escolares com 30 indivíduos para avaliação antropométrica e 60 indivíduos orientados com educação alimentar e nutricional.

Resultados e Discussões

Diante da análise dos dados coletados, foi possível observar que 60% da população atendida na unidade escolar encontra-se com sobrepeso e obesidade, dados esses que coadunam com os já afirmados na Pesquisa

de Orçamentos Familiares (POF) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (2008-2009), revelando que 50,1% dos homens encontram-se com excesso de peso e 48% das mulheres que participaram da pesquisa. Evidencia ainda, que uma em cada três crianças de 5 a 9 anos estava acima do peso recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A obesidade se relaciona com o aumento da pressão arterial sistêmica por aumentar os níveis de insulina no sangue e a retenção de sódio pelos rins. Segundo as pesquisas realizadas pelo VIGITEL (2010), no Brasil 30% da população apresentam hipertensão arterial. Diante dos resultados dos dados coletados na ação realizada na escola municipal Cosme de Farias, fica evidente que a obesidade é fator que predis põem a hipertensão. O Brasil passa por um processo conhecido com transição nutricional caracterizado como redução da prevalência de desnutrição e aumento da prevalência da obesidade. Ainda que a população se encontre com o peso elevado, não necessariamente a desnutrição do ponto de vista da ausência de nutrientes está abolida. O elevado consumo de *fast food*, carboidratos refinados e gorduras trans tem elevado o percentual de gordura corporal, mas por serem “alimentos vazios”, não fornecem as vitaminas e minerais necessários para o bom funcionamento do organismo. As ações propostas pelo PNAE precisam ser mais efetivadas, já que é notório a necessidade da inserção de ações de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar, promovendo práticas saudáveis e incentivando a promoção da saúde. A escola se trona o universo mais qualificado para a realização dessas ações, já que é na infância que ocorre a formação dos hábitos alimentares e essa perpetuação pode alcançar o espaço familiar.

Conclusões

Busca-se o fortalecimento das práticas de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar tornando os participantes multiplicadores destas condutas no que tange



a comunidade escolar e o ambiente familiar, esses atos ainda, tendem a promover a participação e busca pela implementação de políticas, programas e ações que possibilitem a melhoria da qualidade de vida e saúde. O papel da promoção da saúde cresce em sua importância como uma estratégia fundamental para o enfrentamento dos problemas do processo saúde-doença-cuidado e da sua determinação. A direção, nesse caso, é o fortalecimento do caráter promocional e preventivo, principalmente no âmbito escola, contemplando o diagnóstico e a detecção precoce da obesidade e das doenças crônico-degenerativas associadas e aumentando a complexidade do primeiro nível de atenção, elementos que ainda são considerados como desafios para o sistema de saúde, porém possíveis de serem executados partindo do pressuposto que quanto mais cedo for iniciado a promoção e prevenção, mais efeitos benéficos serão resultantes.

Referências

- BORSOI, A. T.; TEO, A. R. P. A.; MUSSIO, B. A. Educação Alimentar e Nutricional no Ambiente Escolar: uma revisão integrativa. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 3, p.14-16, set. 2016. Disponível em: <http://www.iberostudies.com.br/revista-ibero-americana-estudos-em-educacao>. Acesso em: 15 de março de 2018.
- BRASIL. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial. Brasil, 2010. Disponível em: <http://departamentos.cardiol.br/dha/vidiretriz/vidiretriz.asp>.
- BRASIL. Rede brasileira de alimentação e nutrição do escolar. Centros Colaboradores 2012. Disponível em: http://www.rebrae.com.br/centros_colaboradores.html. Acesso em: 15 de março de 2018.
- BRASIL. Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL). Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/p>
- df/2014/abril/30/Lancamento-. Acesso em: 15 de março de 2018.
- BRASÍLIA. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Brasília: Ministério da Educação e Cultura – MEC; 2007. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/alimentacao_escolar/alimentacao_esc.html> Acesso em: 15 de março de 2018.
- BRASÍLIA. Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN). Brasília: Ministério da Saúde - 2011. Disponível em: <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/pnan2011.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2018.
- BUSS, P. M. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. S177-S185, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000600018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 março 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Dia mundial à saúde destaca o controle a hipertensão. Disponível em: <http://www.paho.org>. Acesso em: 10 de março de 2018.
- RAMOS, F. P.; SANTOS, L. A. S.; REIS, A. B. C. Educação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão de literatura. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 11, p. 2147-2161, nov. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 mar. 2018.



FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA – UMA EXPERIÊNCIA COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CAMPUS II

Marilécia Oliveira Santos

Professora Adjunta do Curso de História da UNEB – Campus II

Taiane Elizabeth Santos da Cruz

Graduanda do Curso de História da UNEB – Campus II

Palavras-Chave: Fotografia; Ensino; História.

Introdução

O propósito deste texto é socializar e discutir aspectos da experiência de um projeto de extensão vivenciado no Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. As reflexões aqui apresentadas estão ligadas à discussão de novas posturas frente à escrita da História, implicando em um redirecionamento da noção de documento histórico. Isso significa não somente a inclusão de documentos diferenciados, mas, essencialmente, em uma ação do pesquisador – professor efetivamente comprometido com o fazer histórico. Isso traz, como consequência, o necessário conhecimento das metodologias apropriadas à utilização destes documentos. Neste sentido, buscamos partilhar formas de análises das fotografias objetivando ampliar a base documental para o exercício da docência e pesquisa histórica. A fotografia surgiu como resultado da engenhosidade técnica e de oportunidades no século XIX e desde então sua história foi marcada por polêmicas ligadas aos seus usos e funções (MAUAD, 1990). Embora não seja nova a discussão a respeito da ampliação do campo documental na pesquisa histórica, ainda é comum o uso da fotografia como complementar ao texto escrito ou mera ilustração. Tal procedimento em parte se justifica pela tradição escrita e sua reiterada valorização. Todavia, há que se considerar que esse procedimento se dá também em função do pouco preparo para o tratamento metodológico adequado as fotografias e as imagens de um modo geral. O desafio que se coloca para os pesquisadores – professores é ultrapassar o âmbito descritivo das imagens e

procurar compreendê-las em seu contexto de produção e uso. Sobre as atividades de extensão desenvolvidas hoje nas universidades brasileira, de um modo geral, não estão mais baseadas na via de “mão-única” em que atuava exclusivamente na prestação de serviços. Os debates atuais sobre o papel da Extensão Universitária estão direcionados para se repensar seu papel buscando atender as demandas das comunidades envolvidas procurando interagir com as mesmas promovendo uma troca de conhecimento e experiências. A Universidade não pode mais se colocar como autosuficiente e precisa implementar projetos fruto de intercâmbios reais e que de fato atendam aos interesses daqueles para quem a ação se dirige. Nesta perspectiva, a Universidade do Estado da Bahia tem se destacado nas ações que desenvolve em seus diversos campi de atuação no estado da Bahia.

Metodologia

O projeto teve início no mês de março de 2017 numa observação preliminar da atuação de professores de História da rede pública da cidade de Alagoinhas/Ba e entrevistas com estagiários do curso de História do Campus II que cursavam o Estágio I (etapa de observação). O propósito desta etapa foi identificar as formas que professores lidam com as fotografias presentes no material didático utilizado, sobretudo os livros didáticos. Identificamos que as fotografias eram pouco trabalhadas e quando discutidas, muitos aspectos de sua produção e circulação não eram apresentados como importantes na



sua conformação. Essa observação gerou diversas indagações sobre a atuação do professor frente aos desafios que lhes são postos cotidianamente e ajudaram na nossa proposta de reorganização do material que preparamos para o curso de extensão para professores de história como parte integrante do projeto. O curso teve início em julho e teve o propósito de discutir com os professores da rede pública e privada algumas questões que se colocam sobre a fotografia nas pesquisas que eles desenvolvem e na prática enquanto docente num universo cada vez mais marcado por imagens sejam elas fotográficas ou de outra natureza. Os livros didáticos cada vez mais estão recheados de imagens que vão além das fotografias. São reproduções de desenhos, gravuras, charges e pinturas. Partimos do princípio de que é preciso que o professor disponha de um repertório mínimo para trabalhar os conteúdos que essas imagens portam contextualizando-as aos assuntos abordados. O curso buscou fazer uma abordagem mais detida sobre a fotografia e seus mais diversificados usos e como elas podem ser trabalhadas na pesquisa e no ensino de História. Buscou munir os professores com as ferramentas adequadas aos usos da fotografia em sala de aula. Cabe destacar que o curso aconteceu aos sábados durante os meses de julho até dezembro com a carga horária de 60 horas e teve que ser aos sábados pela dificuldade que o Campus II tem com a disponibilidade de salas. No curso, utilizamos uma metodologia de apresentação e reflexão dos conteúdos a partir de slides, pequenos vídeos, livros didáticos e fotografias diversas instigando os questionamentos problematizadores sobre as questões propostas nos objetivos. Foram ricas as discussões e as formas de interação entre as áreas de conhecimento revelando que muito temos ainda a aprender com as trocas. Utilizamos os recursos disponíveis no Campus e alguns do acervo das proponentes do projeto como Data Show, notebook, textos fotocopiados, livros didáticos, DVD, powerpoint. A última etapa do curso foi uma

expedição fotográfica na Central de Abastecimento de Alagoinhas.

Resultados e Discussões

A produção do conhecimento passa por muitas mediações dentre elas, a linguagem, os signos e também o professor. De acordo com Lana Mara Siman, (in: ZARTH, 2004, 88) para que o ensino de História seja levado a bom termo, faz-se necessário a inclusão de outros mediadores culturais como parte constitutiva do processo ensino/aprendizagem como “os objetos da cultura material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico” irão possibilitar a “construção do conhecimento pelos alunos, tornado possível ‘imaginar’, reconstruir o não-vivido”. Para tanto, o professor precisa ter conhecimentos específicos para os usos das fontes a serem trabalhadas pois cada uma requer uma metodologia adequada. Para Boris Kossoy, as fontes fotográficas são possibilidades de investigação e descobertas que prometem “frutos” na medida em que se busca “sistematizar suas informações” estabelecendo “metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos, e por conseqüência da realidade que os originou”. (KOSSOY, 2001,32). É preciso que os docentes tenham o mínimo de conhecimentos sobre as técnicas empregadas na captação e revelação das imagens para observações de elementos como manipulações, atuação do fotógrafo, casas editoriais que divulgaram as fotografias na busca de fatores que contribuam para o reconhecimento dos múltiplos significados das imagens fotografadas e sua polissemia. Além disso, procuramos despertar o interesse e o olhar para as fotografias como documentos portadores de discursos e o conhecimento dos acervos disponíveis nos espaços de guarda da cidade de Alagoinhas. Propomos discutir também com os docentes as formas de produção de fotografias dos alunos promovendo uma sensibilização do olhar dos mesmos. O curso foi previsto originalmente para professores do curso de



História e nos deparamos com uma grande demanda de professores de outras áreas como Letras, Pedagogia, Geografia e mesmo alguns graduandos de Letras, História e Pedagogia. Como a procura foi muito grande fizemos uma lista de inscrição reserva para no caso de haver desistência. Como o curso aconteceu aos sábados, alguns professores desistiram de continuar alegando que este era o único dia disponível para as tarefas domésticas, sobretudo as mulheres uma vez que durante a semana tinham os horários tomados. A medida que alguns desistiam fomos informando aos que deixaram seus nomes na lista de reserva e alguns passaram a participar do curso. No final, foram 24 certificados dos que tiveram participação integral, 19 ouvintes de História, 08 de Pedagogia e 05 de Letras Vernáculas. Na expedição fotográfica (atividade de campo), observamos que diante das variações encontradas no ambiente escolhido, cada um escolheu uma temática a ser fotografada, selecionando e analisando de maneira crítica diante das concepções iconografias vistas anteriormente. Cabe destacar que a monitoria de extensão pode proporcionar a discente o entrecruzamento da teoria e da prática na pesquisa com fotografias e seus mais variados usos no Ensino de História, além da riqueza proporcionada pela troca de experiências com outras áreas.

Conclusões

A avaliação final que fizemos apontou que os objetivos preestabelecidos no projeto superaram a nossa expectativa. Tanto em termos de quantidade de pessoas interessadas no curso quanto na perspectiva de despertarmos nos participantes a importância da iconografia no ensino de História e das demais áreas de conhecimento. O grupo participante do curso de extensão (fotografia e ensino de história), interagiu e participou de forma efetiva das atividades desenvolvidas através de questionamentos e de como utilizar a imagem em sala de aula, trazendo vivências profissionais das suas respectivas áreas de atuação. Acreditamos que ações

como estas contribuem para que a Uneb cumpra o seu papel de universidade inclusiva e popular.

Agradecimentos

Agradecemos a disponibilidade dos recursos e dos funcionários do Campus II, em especial o suporte dado pela professora Áurea Pereira na condição de diretora do Departamento de Educação do Campus II e a Karla Reis competente e prestativa funcionária do NUPE. O apoio e suporte de ambas foi fundamental para que a monitoria e o curso de extensão alcançasse o êxito que obtivemos.

Referências

ARAÚJO, Íris Morais. Militão Augusto de Azevedo: Fotografia, história e antropologia. São Paulo: Alameda, 2010.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *Fotografia: usos e funções sociais no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOMES, Antenor Rita (org.). *Ver e aprender: proposições pedagógicas sobre educação e cultura visual*. Salvador: Eduneb, 2012.

GUIMARÃES, César; VAZ, Paulo Bernardo; SILVA, Regina Helena; FRANÇA, Vera. (orgs.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: ateliê editorial, 2001.



- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org). Fotografia e interdito. *RBCS*. Vol. 19, nº 54. Fev. de 2004.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio fotográfico: Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas: editora Unicamp, 2010.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia: usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCCA, Tânia Regina de. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.23, nº45, 2003.
- PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena. *Dimensões da imagem: interfaces Teóricas e Metodológicas*. Maringá: Eduem, 2005.
- REVISTA HISTÓRIA SOCIAL. Dossiê Imagem e som. *Revista dos estudantes de pós-graduação em história/ UNICAMP*. Nº 11, 2005.
- REVISTA VARIA HISTÓRIA. Dossiê fotografia e culturas urbanas. v.22, nº35, 2006. SILVA, Henrique M. Alguns apontamentos sobre o uso de fotografias em pesquisas históricas. In: *Revista de História Regional*. 5(2). Inverno de 2000.
- SIMAN, Lana Mara. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo A. ET AL (org.). *Ensino de história e Educação*. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VASQUEZ, Pedro Karp. *A fotografia no Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- VELLOSO, Verônica Pimenta. *Cartões-postais: imagens do progresso (1900-10)*. *Revista História, ciências, saúde*. Rio de Janeiro: V. 7, nº 3, 2001.
- ZANIRATO, Silvia Helena. Lembranças fotográficas: memória e história na cidade contemporânea. In: PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.) *Narrativas da Pós-modernidade na pesquisa histórica*. Maringá: Eduem, 2005.



O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA DE REDUÇÃO DE TROTES DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA 192

Nátaly Viviane Maia Gama da Cunha¹

Departamento de Educação, Campus VII(nataly_vivi@hotmail.com)

Agnete Troelsen Pereira²

Departamento de Educação, Campus VII(agnetetroelsen@hotmail.com)

Palavras-Chave: *Educação em saúde, Serviço de Atendimento Móvel de urgência (SAMU), Lúdico*

Introdução

O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foi instituído pelo governo federal em 2003. Há inúmeros benefícios, entre eles estão: redução do número de mortes e do tempo de internamento em hospitais, diminuição das sequelas causadas pela ausência de socorro ágil (PEIXOTO et al, 2015).

Em 29 de setembro de 2003, entraram em vigor duas importantes portarias: a 1863/GM, que institui a Política Nacional de Atenção às Urgências, a qual tem como um de seus componentes, o atendimento pré-hospitalar móvel; enquanto a segunda portaria, a 1864/GM, oficializa a implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU-192) em municípios e regiões de todo o território brasileiro (BRASIL, 2003).

O SAMU-192 destina-se ao atendimento de urgência e emergência em domicílios, locais de trabalho e vias públicas. O socorro é feito depois de chamada gratuita para o telefone 192. A ligação é atendida por técnicos na central de regulação que imediatamente transferem o telefonema para o médico regulador. Esse profissional faz o diagnóstico da situação e inicia o atendimento, orientando o paciente ou a pessoa que fez a chamada sobre as ações de primeiros socorros. (BRASIL, 2003).

Por sua vez, o serviço está sujeito a trotes e o crescente número de ligações feitas por brincadeira, ou intenção criminosa, ao SAMU utilizando o número 192, têm

acarretado vários prejuízos à população e as atividades de atendimento a quem realmente delas necessita. Esses prejuízos são danos que vão desde gastos materiais - devido ao deslocamento das ambulâncias e dos profissionais - até as consequências mais graves, pois quando uma unidade de suporte básico ou avançado se desloca para uma falsa ocorrência, um paciente pode estar realmente precisando de uma ambulância.

Com o intuito de combater e evitar a persistência de trotes em Senhor do Bonfim – BA é desenvolvido o Projeto SAMU nas Escolas promovendo educação e sensibilizando as crianças e adolescentes dos prejuízos causados pelo trote, tornando-as transformadoras e multiplicadoras da importância deste serviço e do combate ao trote.

A execução do Projeto é de grande relevância pela necessidade de conscientizar os estudantes, escolares e adolescentes da importância e necessidade do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Objetivando desta forma, a diminuição dos trotes e conseqüentemente melhor agilidade e eficiência do SAMU de Senhor do Bonfim, além de fornecer espaço para que o aprendizado adquirido na universidade, seja utilizado em benefício da sociedade, formalizando o papel social da universidade e do estudante.

O presente trabalho tem como objetivo descrever as ações realizadas para reduzir o número dos trotes realizados para o SAMU



de Senhor do Bonfim através de ações lúdicas às crianças da rede municipal, estadual e particular de ensino.

Metodologia

Este projeto iniciou em 2014, e desde então já foram realizados diversos encontros abrangendo escolas distintas, seja da rede pública como também particular. Conta com a participação dos discentes do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia, Campus VII, além a colaboração da coordenação e de membros da equipe do SAMU do município de Senhor do Bonfim - BA.

As atividades são desenvolvidas pelos discentes onde a equipe é composta por sete destes, sendo um aluno bolsista e os demais voluntários, além da supervisão de um docente da UNEB e com o apoio de alguns profissionais do SAMU. As ações educativas na escola foram efetivadas por meio de um agendamento prévio das atividades, juntamente com a coordenação, tendo data e horário estabelecidos.

O público alvo foram crianças de 7 a 12 anos, faixa etária esta escolhida por serem essas crianças os principais autores dos trotes. A educação em saúde correspondeu a um turno. Foram utilizados recursos lúdicos como a peça teatral, onde houve uma interação da equipe com o público. Desta forma buscou-se a orientação e conscientização das crianças sobre os danos causados pelos trotes. Utilizou-se também um vídeo interativo, outro recurso lúdico, que contribui para sensibilização dos alunos e alunas através do personagem “samuzinho” que trouxe esclarecimentos sobre os prejuízos do trote.

Buscando conseguir o objetivo e resolutividade nas ações, a programação, organização e envolvimento do grupo foram indispensáveis para contemplar a ação nas escolas com os alunos. Ao chegar à escola, o grupo montava o cenário e separava os materiais que seriam utilizados, para desta forma facilitar o desenvolvimento da apresentação. Iniciaram-se as atividades com apresentação expositiva trazendo explicações

sobre o SAMU e sua funcionalidade. Logo após, iniciava a peça teatral retratando uma situação hipotética, alertando para as consequências dos trotes e demonstrando assim a importância do serviço para toda população.

Ao final das atividades foi exposto o vídeo interativo que abordou a temática do programa amigos do SAMU e finalizou com a entrega de brindes e certificados, onde o aluno foi intitulado amigo do referido serviço. Também foi disponibilizado para cinco alunos, de acordo com o seu comportamento e participação durante as ações, convidados a vestir o uniforme do SAMU e tirar fotos, mostrando que desta forma os mesmos tornaram-se parceiros. A participação real das crianças foi perceptível no decorrer das atividades onde elas interagiram do início ao fim esbanjando atenção e interesse.

Resultados e Discussões

A implantação do projeto de extensão “SAMU nas Escolas” iniciou-se no ano de 2014, e até 2017 já foram contempladas 33 escolas através da educação em saúde. Podemos afirmar então, que o processo de aprendizagem não se limitou apenas aos alunos das escolas que receberam as atividades educativas e foram atores de mudanças na comunidade, como também aos discentes da universidade que foram enriquecidos com a resolutividade obtida através da disseminação do conhecimento, e a comunidade que ganhou frente à formação da consciência das crianças sobre o serviço do SAMU e toda sua importância. Desse modo, realizando um recorte na trajetória de desenvolvimento do referido projeto, evidenciamos através do Gráfico 01, a efetividade diante dos trotes recebidos pelo SAMU/192.

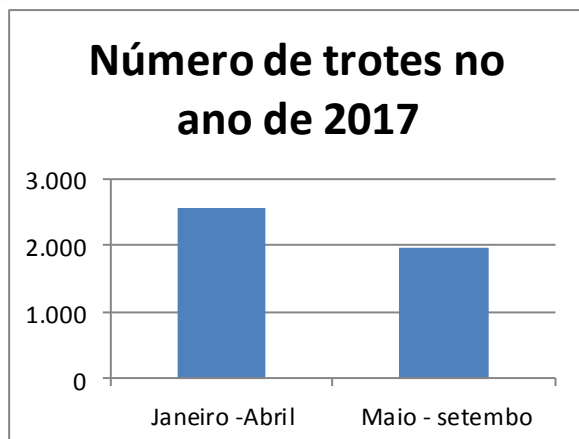


Figura 1 Número de trotes passado para o SAMU de Senhor do Bonfim BA em 2017
Fonte: Elaborado pelos autores(2018).

De acordo com o gráfico apresentado é perceptível a efetividade das atividades de educação em saúde na perspectiva lúdica, pois a redução do número de trotes é notória no decorrer do recorte anual de nove meses, sendo que no período de Janeiro a Abril totalizaram 2.500 ligações identificadas como trote, enquanto que nos meses de maio à setembro(período em que o projeto foi executado), o número de trotes foi de 1.950 percebendo uma redução de 550 ligações com trotes inferiores aos meses anteriores, o que representa 28,20 % a menos de trotes. Esta redução identificada se deve as ações de educação em saúde desenvolvidas, o que favorece o funcionamento do serviço SAMU, proporcionando maior atenção ao usuário que precisa e minimizando tempo para o atendimento, já que a unidade não irá se deslocar para atender ao mesmo número de trotes anteriores.

Conclusões

A implantação do Projeto de Extensão - SAMU nas Escolas - através do processo de educação em saúde vem possibilitando aprendizagem não apenas para os alunos das escolas que recebem as atividades e são ativadores em mudanças na comunidade, como também para os discentes universitários que vislumbram na prática acadêmica a resolutividade construída por

meio da disseminação do conhecimento e para toda a sociedade bonfinense que ganha muito com a formação da consciência infanto-juvenil acerca da importância do serviço prestado pelo SAMU e as implicações e prejuízos acarretados por trotes sofridos por este serviço de incalculável importância.

Assim, é indiscutível a relevância deste projeto, fazendo com que a universidade exerça seu papel social levando benefícios para a população como a promoção de comportamentos conscientes, visando a otimização do serviço com redução gradativa do número de trotes realizados para o SAMU.

Referências

- BRASIL. Portaria Nº 1.863/GM de 29 de setembro de 2003. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 out. 2003. Disponível em http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/versao_impressao.php?id=3232. Acesso em 16 de setembro 2018.
- PEIXOTO, Marcos; SOUZA, Rodrigo Abdalla F. de; ODON, Tiago Ivo. **Boletim Legislativo nº36 de 2015: Combate ao trote telefônico: uma questão de emergências**. 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/boletins-legislativos/bol36>>. Acesso em: 16 set. 2018.



LESBIANIDADES EM MOVIMENTO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA LÉSBICA NA BAHIA. UM PROJETO EM ANDAMENTO NA UNEB, CAMPUS XIV - CONCEIÇÃO DO COITÉ.

Pâmela Sampaio Teixeira⁷
Zuleide Paiva da Silva⁸

Universidade do Estado da Bahia

Palavras chave: Lesbianidades; projeto de pesquisa; projeto de extensão; (in)visibilidade lésbica.

INTRODUÇÃO

Reconhecendo que a extensão e a pesquisa são processos educativos que se articulam ao ensino de forma indissociável, esta comunicação tem como encargo apresentar o projeto de extensão e pesquisa intitulado “Lesbianidades em movimento: história, memória e cultura lésbica na Bahia”, em desenvolvimento na UNEB - Campus XIV, localizado em Conceição do Coité - BA, desde março de 2017. A análise do projeto reconhece que o mesmo se caracteriza como um rasgo no pano patriarcal que esconde as lésbicas, assim fazendo com que corpos e vozes subalternizadas possam emergir. Esta ação visa interiorizar o debate sobre (in)visibilidade lésbica e políticas públicas de promoção de defesas e cidadania plena de lésbicas, além de construir referências que orientem o movimento social, poder público e academia quanto ao trato das lesbianidades e suas intersecções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia.

O projeto se caracteriza no Campus XIV como um movimento de liberdade e oportunidade para mulheres lésbicas da cidade de Conceição do Coité e regiões próximas, criando um ambiente de

irmandade, compreensão, onde as vozes destas mulheres lésbicas são importantes, e assim, precisam ser ouvidas e compreendidas.

Portanto, reconhecendo o conceito de *continuum lésbico*, termo que inclui um conjunto de experiências de identificação da mulher, não necessariamente o fato de uma mulher sentir atração ou conscientemente já ter desejado uma experiência sexual genital com outra, (RICH; 1982), consideramos as vozes, os relatos e pensamentos das participantes do projeto como experiências válidas na luta contra o patriarcado, o sexismo, a lesbofobia, a subalternização da figura feminina e a heterossexualidade compulsória.

Afim de recolher estes relatos, experiências e pensamentos das participantes, escolhe-se a cartografia como princípio metodológico, apreendendo o construto teórico de Suely Rollnik (1989), Kirst et al (2003), que se contrapõe à topologia quantitativa que categoriza o terreno de forma estática e extensa para pensa-la como procedimento de pesquisa para o entendimento da subjetividade, das relações sociais e das representações simbólicas.

⁷ Graduanda em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Inglesa e suas Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, em Conceição do Coité. Monitora do projeto Lesbianidades em Movimento: História, Memória e Cultura Lésbica na Bahia. Integrante do GLEIGS – Grupo de Leitura e Estudo Interdisciplinar de Gênero e Sexualidade; pamelasampt@gmail.com

⁸ Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. Possui formação interdisciplinar, com doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFB, SENAI-CIMATEC, LNCC), mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA), mestrado profissional em Gestão Integrada das Organizações (UNEB, UNIBAHIA), especialização em Arquivologia e Novas Tecnologias documentais (UNEB), graduação em Biblioteconomia e Documentação (UFBA), graduação em Licenciatura curta em Letras (UNEB). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa FEL - Formação, Experiência e Linguagens (UNEB). É coordenadora do DIADORIM - Centro de Estudos em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade, gestão 2018 – 2020; zidepaivasilva@gmail.com



Admitindo que a construção subjetiva é um caminho com muitas possibilidades e que insere o sujeito no mundo em que vive como seu co-construtor, o objetivo do projeto é produzir, analisar e cartografar as condições de subjetivação das lésbicas numa sociedade heteropatriarcal, assim como a produção das identidades e dos significados atribuídos à suas existências. Esse propósito é desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- A. Produzir e mapear elementos da história, da memória e da cultura lésbica na Bahia, levando em conta os processos sociais normalizadores, sobretudo de gênero, raça/etnia, geração e lugar;
- B. Mapear e promover a criação e o fortalecimento de redes de solidariedade entre mulheres com fomento à produção e difusão de conhecimentos relevantes para as lésbicas e mulheres bissexuais;
- C. Desenhar a rede de forças que atravessa o ser que se reconhece e é reconhecida como lésbica, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente;

Estabelecer pontos de conexão entre o pensamento lésbico da Bahia e a teoria política de Monique Wittig (2010), intitulada “O pensamento hetero”.

METODOLOGIA

Reconhecendo a inseparabilidade entre conhecer e fazer, pesquisar e intervir, o horizonte metodológico assume as pedagogias feministas como práxis e a cartografia como método, no qual a análise é a um só tempo o exercício de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades (BARROS, 2009). Seguindo um impulso desconstrutivista, que coloca em questão formas hegemônicas de compreender as desigualdades sociais, negando toda e qualquer matriz essencializadora e subalternizante que cria, as fontes produzidas e apreendidas são percebidas não como

prova, ou verdades, mas discursos que se conectam uns aos outros na formação de novos discursos. O desafio consiste em tornar visível outras formas de ver e viver a vida fora dos padrões da heterossexualidade.

Nessa perspectiva, a cartografia não é uma competência, mas uma performance desenvolvida como uma política cognitiva do/a cartógrafo/a (DELEUSE; GUATARRI, 1995), da qual se espera a construção de referências que orientem os movimentos sociais, o poder público e academia quanto ao trato das lesbianidades e suas intersecções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia, atitudes estas que corroboram, dentre outros fatores, com a invisibilidade lésbica no estado da Bahia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde o seu início, em março de 2017, o projeto Lesbianidades em Movimento já realizou, contribuiu com a realização ou articulou a participação em dezenas de atividades e eventos. Serão citados e discutidos abaixo, porém, apenas algumas das atividades, ocorridas tanto em 2017 quanto em 2018, cujo o foco fora o fortalecimento, a visibilidade, as lutas e as identidade lésbicas.

1. Agenda Feminista Março Lésbica (2017)

Março Lésbica é uma agenda política dos movimentos de lésbicas da Bahia que vem sendo produzida desde 2012 em diferentes municípios. Em Conceição do Coité, a mesma passou a ser desenvolvida em 2013, através do GLEIGS em parceria com a LBL. Tanto no 2017, como no ano de 2018, o projeto Lesbianidades em Movimento assumiu o compromisso de realizar essa agenda no Campus XIV promovendo atividades e eventos.

Em 28 de março, de 2017, ocorreram a “Roda de conversa: a importância de saber defender-se” e a “Oficina Lésbica Feminista de autodefesa feminista para mulheres”. Participaram da roda de conversa 41 pessoas.



Desse total, aproximadamente 90% eram mulheres, e 10% homens. A presença masculina na atividade justifica-se pelo entendimento de que a violência contra as mulheres é uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, e como tal, é um fenômeno que precisa ser discutido por toda a sociedade.

Como ação formativa, estas atividades/ações, primaram pelo debate em torno das faces da violência e da necessidade da união para desnaturalizar, denunciar, e enfrentar a violência, apontando a auto-organização das mulheres e a autodefesa para as mulheres como trilha de empoderamento feminino para o enfrentamento e superação destas violências.

2. Agenda Feminista Maio da Diversidade (2017 e 2018)

“Maio da Diversidade” é uma agenda política dos movimentos LGBT encampada pela Secretaria de Justiça Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia desde 2013. O objetivo dessa agenda é discutir a LGBTfobia no âmbito do Estado e promover uma cultura de respeito aos direitos humanos, com foco na população LGBT, fortalecendo a convivência e a sociabilidade a partir de debates, oficinas, feiras, atividades artísticas e culturais, como elementos estruturantes da superação de contexto de violação de direitos e de promoção da cidadania. Com esse propósito, o projeto Lesbianidades em Movimento se responsabilizou pela realização de ações e atividades, tanto no ano de 2017, quanto no ano de 2018, em nome da Agenda.

Em 2017, ocorreram duas atividades no dia 16 de maio, ambas na escola municipal Professor Olgarina Pitangueira Pinheiros, localizada em Conceição do Coité. A primeira foi a “Roda de conversa: educação para a diversidade”, que contou com a presença e participação de aproximadamente 62 estudantes, matriculados/as nas três turmas de 1ª ano do ensino médio oferecido

pela escola. A segunda foi a “Oficina de autodefesa para as mulheres”.

Em 2018, o projeto Lesbianidades também realizou duas atividades em nome da Agenda Feminista Maio da Diversidade, sendo elas: a “Roda de conversa: juventude e cidadania”, no Assentamento Nova Palmares, a “Roda de conversa: políticas afirmativas para pessoas trans na UNEB”, no auditório do Campus XIV.

Em 14 de Maio, no Assentamento Nova Palmares, ocorreu a “Roda de conversa; juventude e cidadania”. De início, foi exibido o documentário “*Elas colorindo o Sisal*” de Jacqueline Lemos, que abriu, então, o debate sobre as experiências das mulheres lésbicas, sobre a heteronormatividade e a resistência LGBT em Nova Palmares.

No 22 de Maio, aconteceu no Campus XIV da UNEB, a “Roda de conversa: políticas afirmativas para pessoas trans na UNEB”. Com o apoio da PROAF, Diadorim/UNEB, Coletivo de Jovens do Assentamento de Nova Palmares, da Liga Brasileira das Lésbicas e do projeto Lesbianidades em Movimento, o evento reconheceu que entendendo a política de cotas como uma ferramenta de reparação social, o objetivo da roda de conversa foi discutir a importância de incluir pessoas trans na política de cotas, resgatando-as de um quadro de marginalização social.

Reconhecendo a necessidade de levar a discussão gênero-raça-sexualidade as escolas e espaços públicos, em conjunto, essas atividades fomentaram o debate sobre a educação para diferença e os feminismos como trilha de empoderamento feminino, enfrentamento e superação das violências de gênero, raça e sexualidade, contribuindo assim para a compreensão da escola e dos espaços da comunidade como espaços reprodutores de desigualdades e violências, e, sobretudo, para compreensão destes como potenciais para desnaturalizar a violência e desconstruir os estereótipos de gênero, de forma a constituir-se o respeito e a



aceitabilidade da diversidade de gênero e orientação sexual.

3. Projeto “Cartografia Inicial da Produção de Comunicações Escritas de Autoras Lésbicas”. (2018)

Este foi um projeto pensado dentro do “Lesbianidades em Movimento”, sendo, posteriormente, estendido para um projeto de Iniciação Científica (IC). Teve início no mês de abril, no primeiro semestre de 2018, visando a cartografia das produções de autoras lésbicas entre os anos de 2014 e 2018, das revistas eletrônicas Periódicus e Caderno de Gênero e Diversidade, ambas publicadas online pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), esta ação tem como metas:

- a) Traçar o perfil das autoras que se identificam como lésbicas em suas escritas.
- b) Identificar as temáticas trabalhadas dentro das publicações das revistas, observando os elementos históricos, culturais e políticos que contribuem para a construção da identidade lésbica.
- c) Compreender a influência de outros autores e instituições na escrita destas autoras lésbicas.
- d) Mapear as autocitações e citações para, assim, identificar estas pesquisadoras no campo da lesbianidade feminista.

O projeto conta com três monitoras bolsistas, e uma voluntária, sendo, Pâmela Sampaio, uma das autoras deste trabalho, a monitoria voluntária.

4. Roda de conversa: nem toda visibilidade é válida – uma discussão sobre *queerbaiting* e representação lésbica em filmes e séries de TV. (2018)

Em vista do Dia Nacional do Orgulho Lésbico, no dia 29 de agosto, fora articulada a “Roda de conversa: nem toda visibilidade é válida – Uma discussão sobre *queerbaiting* e representação lésbica em filmes e séries de

TV”. Diante da atual discussão sobre visibilidades e representações e visibilidade *queer* em produções cinematográficas, esta roda foi pensada de maneira que houvesse uma socialização sobre o que se sabe e o que se têm produzido em relação a mulheres lésbicas nos enredos de séries de TV e filmes.

Na ocasião da roda, ocorrida no próprio dia do Orgulho Lésbico, em 29 de agosto, no segundo semestre de 2018, o debate primou pela discussão do *queerbaiting* e suas diversas faces. Mediado pela monitora do projeto Lesbianidades, Pâmela Sampaio, uma das autoras deste trabalho, foi apresentado o termo aos participantes da roda, bem como seu conceito e alguns exemplos de séries de TV e filmes conhecidos por utilizarem desta manobra midiática para conseguir a atenção da comunidade LGBTQ+.

Como uma ação de conscientização, a roda de conversa visou alertar os participantes a maneira como a mídia, as produções cinematográficas, ainda pouco se importam com uma representação saudável e, no mínimo, verossímil, de mulheres lésbicas, e ainda, como o *queerbaiting* pode ser uma forma de violência, pois corrobora com o apagamento das vivências e identidades lésbicas.

CONCLUSÕES

A carência de estudos na Bahia sobre a existência lésbica, por si, justifica este projeto, que se alinha a uma ação feminista de construção e difusão de conhecimentos relevante para as lésbicas e suas/nossas lutas, fato que exige uma percepção contemporânea dos sentidos atribuídos ao ser lésbica ao longo da história. Vale destacar que o reconhecimento da lesbianidade enquanto identidade coletiva é fundamental no processo de desconstrução dos estigmas que sustentam os mitos, o apagamento e as desigualdades impostas às mulheres não-heterossexuais, fato este que também justifica o projeto, uma vez que reconhecer-se enquanto lésbica, lesbiana, sapatão, caminhoneira, fancha, paraíba e/ou outras



denominações utilizadas para identificar as práticas afetivas e sexuais entre mulheres, é ponto de partida quando se pensa em gênero e sexualidade como dimensões ontológicas do ser social. Na vida cotidiana, isso significa que gênero e sexualidade – assim como classe, raça, geração e dentre outros - são marcadores que organizam a vida social, determinando os lugares e não lugares em que as pessoas irão ocupar na sociedade.

Nesta perspectiva, numa sociedade em que o exercício do poder – incluindo aqui não apenas o poder político representativo, mas o próprio acesso as riquezas socialmente produzidas – é propriedade dos homens cisgêneros, brancos, cristãos e heterossexuais, e isto implica na subalternização de outros sujeitos e grupos sociais, mulheres, lésbicas, sobretudo mulheres negras, têm cotidianamente seus direitos violados. São estas indivíduos que aparecem frequentemente nos altos índices de desemprego, pobreza, baixa escolaridade, rejeição e abandono familiar, isolamento social, vítimas de estupros corretivos e dentre outras situações de violações de direitos, riscos e danos sociais. É no sentido de identificar e fomentar reflexão em torno destas desigualdades e injustiças socialmente impostas às lésbicas, assim como a construção da consciência crítica, que este projeto de pesquisa e extensão se mostra relevante.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil. Dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys Estudos Feministas**. Jan/Jul. 2005. Disponível em: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys15/ditadura/analice.htm>, Acesso em junho, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LORDE, Audre. **Sister outsider**. Freedom, CA: The Crossing Press, 1984.

LORENZO, Ángela Alfarache. **La Construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología**, In: RUBIO, Julio Munhoz (Coord.). **Laberinto de la ignorancia**. Mexico: UNAM, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, Apr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em jun. 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. **Revista Bagoas**, n.5, [1980] 2010. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf Acesso em fevereiro, 2014.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. 2. ed. Barcelona: Egales, [1981] 2010.



CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO PÚBLICO COM A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ACADÊMICA

Tainá das Mercês Oliveira

Universidade do Estado da Bahia – tainamercês@hotmail.com

Palavras-Chave: *extensão; conservação; patrimônio; universidade; pública*

Introdução

A extensão universitária tem relevância para Universidade pública porque amplia os processos de conscientização sobre diversos temas, variadas áreas de conhecimentos com alcance ao público interno e externo e agrega valor para comunidade acadêmica e sociedade com intervenções transformadoras. Ela tem importância tanto na área acadêmica quanto na área social, pois oportuniza aos discentes a participação em um dos pilares que sustenta o ensino superior que vai além da sala de aula a partir do contato com a sociedade. Segundo o artigo 207 da Constituição Federal (1988), “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. O projeto de extensão Conservação do patrimônio público com a participação da comunidade acadêmica é desenvolvido na UNEB- Universidade do Estado da Bahia- Campus XI nos períodos letivos 2018.1 e 2018.2 e a responsável é uma técnica de nível superior que trabalha na coordenação administrativa do departamento de educação.

Metodologia

Para elaborar o projeto foi utilizado o PMBOK - Project Management Body of Knowledge como o guia das melhores práticas de gerenciamento de projetos que define projeto como um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo. Esse projeto de extensão passou pelas fases de iniciação, planejamento, execução, monitoramento e controle e encerramento. Foram elaborados os planos de gerenciamento de escopo,

integração, tempo, custo, recursos humanos, riscos, aquisição, qualidade e comunicação. Foi usado como ferramenta de apoio o ciclo PDCA – Plan-Do-Check-Act e o modelo Canvas para o desenvolvimento do projeto. A equipe do projeto é composta por estudantes voluntários da área de administração e técnico de informática do departamento. Foram aplicados questionários aos discentes dos cursos de pedagogia, geografia e administração para saber se anteriormente os estudantes desse departamento tiveram orientação sobre conservação do patrimônio público e 75% responderam que não. O objetivo geral do projeto foi o de criar ações de intervenção e conscientização para que toda a comunidade acadêmica compreenda a respeito da importância da conservação do patrimônio público e participem de forma ativa nesse processo. Os objetivos específicos foram: reduzir os custos com a manutenção e reformas dos bens da Universidade causados por mau uso a partir da conscientização e da participação da comunidade acadêmica nesse processo, conhecimento dos processos administrativos pela comunidade acadêmica para compreender as dificuldades de recursos para conseguir realizar a aquisição dos bens, conscientizarem a comunidade acadêmica para reduzir o retrabalho por parte da equipe de limpeza, propor um ambiente limpo e conservado para o bem-estar de todos. Por isso realizar ações que possam inserir todos como responsáveis pela contribuição a redução da destruição do patrimônio da Universidade, poderá gerar impactos positivos. Assim como justifica Luck (2008, p.65) "A participação que se espalha por todas as dimensões do processo social, na intenção de enriquecê-las, constitui-se em transformação." Desta forma foram criadas



ações para o processo de conscientização como: apresentação com slide do projeto de extensão em sala de aula com abertura para diálogo entre os discentes, docentes e a equipe do projeto, discutindo sobre a relevância do tema e possíveis soluções, colagem de cartazes com mensagens de conscientização e imagens dos danos. As ações também se estenderam as áreas pertencentes ao Campus XI como: a RUES - Residência Universitária e o CPCT- Centro de Pesquisa Ciência e Tecnologia. Para realização das etapas do projeto foi necessário seguir um cronograma para a execução das metas e gerenciamento das partes administrativas como cadastro no Sistema de Planejamento - SIP da UNEB e entrada de processo no NUPE – Núcleo de Pesquisa e Extensão, cadastro dos monitores voluntários, elaboração da logomarca do projeto, criação do meio de comunicação da equipe, acompanhamento de carga horária dos monitores voluntários, preenchimento dos relatórios, acompanhamento das atividades desenvolvidas, solicitação de materiais no SEI Bahia – Sistema Eletrônico de Informações, solicitação de autorização do diretor do departamento, organização das listas de aulas com os horários para coleta da frequência dos estudantes, acompanhamento da assinatura da lista de frequência dos estudantes para comprovação em relatório, análise e escolha das imagens dos danos, criação dos slides da apresentação, criação do folder, criação do banner, anotações das observações em salas de aula, anotações das ideias durante a intervenção, retirar os chicletes das cadeiras, elaboração de evento sobre o tema.

Resultados e Discussões

A justificativa para o desenvolvimento do projeto é pautada na compreensão da importância de cuidar do patrimônio da Universidade e das observações dos estados de conservação dos bens públicos. Durante os períodos letivos foram observados danos ao patrimônio tanto em termos dos bens quanto em termos de sujeira no ambiente. Foi

possível presenciar a situação de cadeiras riscadas, chicletes colados nas cadeiras, riscos e pinturas nas paredes, cadeiras destruídas pelos usuários sentarem nos braços, quadros riscados com pincéis não apropriados, má utilização do elevador com quantidade superior do permitido e arranhões no espelho do equipamento, descargas usadas de forma errada gerando desperdício de água e vazamentos, torneiras abertas sem uso, lixo no chão e nas plantas, sofás rasgados, desprogramação do ar-condicionado, lâmpadas acesas sem ninguém no ambiente, quebra de persianas, quebra de janelas, retirada de papel higiênico inteiro e vasos sanitários entupidos com absorventes e rolos de papéis, desperdício de papel toalha, as sujeiras nos banheiros causadas por sacudir as mãos no chão e pisar em seguida, uso errado das fechaduras e perda das chaves de acesso, danificar os filtros, retirarem os fios e tomadas sem prévia autorização. O patrimônio da Universidade é composto por diversos bens e estes devem ser cuidados por todos da comunidade acadêmica. Para isso é necessário que todos tenham consciência sobre a forma de usá-los. Conhecer os processos de aquisição de bens na área pública e os custos gerados para a manutenção e reforma de bens por mau uso é crucial para que as pessoas se alertem sobre a utilização dos recursos e possam colaborar com a redução desses custos. Segundo a Constituição Federal (1988) é de dever de o servidor público zelar pela economia do material e pela conservação do patrimônio público e também existe no código penal a respeito daqueles que contra o patrimônio da União, de Estado, do Distrito Federal, de Município ou de autarquia, fundação pública, empresa pública, sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviços públicos sofrerá pena. Desta forma é um compromisso de todos zelarem pelo patrimônio público.

Conclusões

A partir das ações do projeto foi possível identificar que para a conservação do patrimônio acontecer precisa do apoio da



comunidade acadêmica, ou seja, os estudantes, professores, funcionários e os usuários externos necessitam estar envolvidos nesse processo. A partir das experiências com esse projeto foi possível apresentar sobre a Educação do patrimônio público no EPODS - II Seminário Internacional Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social que aconteceu na UNEB no Campus XI que tinha a presença de pessoas de outras Instituições de Ensino que contribuíram a partir das discussões nas sessões. Esses diálogos permitem perceber a partir da opinião ou críticas das pessoas desse evento as considerações de apoio e incentivo para continuidade do projeto diante dos desafios encontrados. O projeto foi aprovado também para o VI SINTAE UFRJ que será mais uma oportunidade de expansão sobre o tema e terá o alcance de pessoas de diversos estados e Universidades contribuindo desta forma com as observações sobre o projeto e possíveis críticas. O projeto busca o apoio da Instituição para ampliar o alcance das ações no nível da multicampia e também com extensão municipal nas redes de ensino. Para a realização do projeto foi possível se deparar com desafios como ausência de professores no momento da conscientização, nas críticas destrutivas dos próprios colegas de trabalho que não concordam que são responsáveis pelos danos, de docente que questionou os minutos que o projeto necessitou tirar da aula para tal ação, não concordância com a metodologia usada e da crítica sobre a qualidade dos itens disponíveis pelo site Compras.net Bahia e nas explicações que alguns discentes usaram para justificar o dano ao patrimônio devido ao quantitativo de pessoas que usam os bens. Para concretização do projeto é fundamental a contribuição dos docentes como a presença na sala de aula e ajuda para abordar sobre o tema, ter o apoio do Diretor para autorizar o projeto, participação dos discentes com as alternativas ou soluções para tentar sanar os problemas da destruição do patrimônio Universitário. O projeto teve riscos que puderam ter respostas e outros não, sendo

que o risco de que a comunidade acadêmica não colabore com a conservação do patrimônio da Universidade pode ser considerado com grande relevância. Foi notado durante o projeto que alguns discentes procuraram a equipe para relatar que após as intervenções de conscientização sobre a importância de conservar os bens, as atitudes quanto aos danos ao patrimônio foram evitadas por colegas. Muitos justificam que não sabiam sobre os procedimentos de conservação e os impactos que a ausência deles causava ao ambiente. O que se espera do projeto é a redução da destruição do patrimônio público a partir da conscientização da comunidade acadêmica, aprendizado dos processos para aquisição de bens, noção de custos com reparos de bens e provável redução dos mesmos, respeito aos funcionários da limpeza, maior preocupação pela comunidade acadêmica com os bens existentes e a sua conservação, sinalização ao setor da coordenação administrativa a qualquer sinal de anormalidade sobre os bens, conscientização dos métodos de uso dos equipamentos por parte da comunidade acadêmica.

Agradecimentos

A todos que contribuíram para o desenvolvimento deste projeto de extensão.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

LÜCK, Heloisa. **A gestão participativa na escola**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, Série cadernos de gestão

Project Management Institute (2013). **Um guia do conjunto de conhecimento em gerenciamento de projetos (Guia PMBOK®. (5a. ed.)**. Project Management Institute, Four Campos Boulevard, Newton Square.



PROJETO CORO OYÁ IGBALÉ: PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA UNEB – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Taís Viana Villa Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - taiis.viiana@gmail.com

Julice Oliveira Dias dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - jodsantos@uneb.br

Palavras-chave: Coro Oyá Igbalé; Cultura afro-brasileira; Música sacra; Relato de Experiência.

Introdução

O projeto Coro Oyá Igbalé: Música Sacra de Matriz Afro-brasileira, criado no ano de 2014 pela docente Julice Oliveira é lotado no Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Caracteriza-se como atividade de extensão que também é enquadrada como Ação Afirmativa nas áreas de Educação e Cultura. Os beneficiários do projeto são oriundos da comunidade acadêmica da UNEB e da comunidade externa. O projeto propõe a difusão e popularização da música sacra afro-brasileira como resultado da consolidação da interface entre produção de pesquisa, ação de extensão e ensino de graduação.

A pesquisa teórica Estética da Contracultura: Difusão e Popularização da Música Sacra do Candomblé na Modernidade de autoria da Professora Julice Oliveira (UNEB) dá subsídio para o desenvolvimento das atividades de extensão do Coro Oyá Igbalé e é resultado do trabalho do Grupo de Estudos em Estética Contracultura (GEEC) e do Grupo de Estudos e Pesquisa da Memória Afro-baiana (GPMAB) que é certificado pelo CNPQ e pela PPG-UNEB.

A relação com o ensino de graduação tanto dá oportunidade para que os estudantes da UNEB atuem no projeto como monitores de extensão (bolsistas e voluntários), assim como contribuí para a formação acadêmica e profissional dos discentes que além de aprenderem conteúdo específicos sobre a música sagra afro-brasileira permite o

desenvolvimento de uma ação educacional junto à comunidade externa. No que tange a inclusão de conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira nos currículos dos cursos de graduação representa ao mesmo tempo uma inovação e a efetiva integração da cultura no espaço da universidade pública.

Como Ação Afirmativa na Área de Cultura, o Coro Oyá Igbalé é pioneiro na UNEB já que realiza de modo democrático a inclusão de integrantes das comunidades tradicionais do Candomblé da Bahia, de Quilombos e demais grupos sociais e populações que historicamente são excluídas no espaço da educação superior.

O Projeto corresponde também a uma ação engajada politicamente na defesa da liberdade de expressão, e no combate a intolerância e à discriminação das religiões de matriz afro-brasileira na universidade pública. Logo, caracteriza-se como uma Ação Afirmativa materializar como resultado para os beneficiários (cantores, equipe técnica, comunidade acadêmica da UNEB e comunidade externa) um trabalho que promove à democratização do acesso à cultura; justiça social mediante a oferta de oportunidades iguais; e, inclusão via ação de extensão (Projeto Coro Oyá Igbalé) no espaço da UNEB de grupos sociais ligados à população negra e que pertence a comunidades de Matriz Cultural Afro-brasileira.

Os ensaios do Coro acontecem de forma semanal nos dias de quinta-feira (das 13h às



17h) e aos sábados (das 8h às 12h). Antes de ter uma sala definitiva, os ensaios aconteciam no Auditório do Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional – CPEDR/ UNEB; oportunidade consolidada por meio de parceria institucional. Atualmente, o Coro Oyá encontra-se estalado na sala de número 21 do Prédio Interdisciplinar da UNEB. Dentre as ações desenvolvidas no Projeto Coro Oyá Igbalé, destacam-se: a conscientização em relação à diversidade cultural brasileira; e, formação ética dos integrantes no que se refere aos princípios do humanismo e ao fomento à autonomia do sujeito.

A relação que construí com o projeto remonta a implantação do Coro Oyá Igbalé em 2015, quando ingressei no curso de graduação em Pedagogia, a proposta me encantou e me inseri como cantora e monitora voluntária. No ano de 2016 fui aprovada na seleção do NUPE – I, passando assim a fazer parte do projeto Coro Oyá Igbalé como bolsista, desenvolvendo atividades com carga horária semanal de 20h. Participei da seleção do ano seguinte, 2017, sendo aprovada mais uma vez na seleção do projeto mencionado. Atualmente sigo como monitora e cantora voluntária do projeto.

Metodologia

O projeto adota como metodologia a pesquisa-ação a partir da fundamentação teórica no pensamento de Michel Thiollent. Em linhas gerais tal concepção estabelece que a produção de conhecimento seja colaborativa e visa à transformação dos agentes envolvidos no processo educacional. O Projeto do Coro Oyá Igbalé promove um conjunto de ações de difusão de conhecimento e “intercâmbio de saberes”, que envolve os cantores, coordenadores, equipe técnica, bolsistas e colaboradores. Indico aqui que a produção do conhecimento usada pelo projeto obedece à aplicação de método de investigação, categorias de análise e sistema lógico próprio normas para produção acadêmica do ensino superior no que diz respeito à pesquisa, ao ensino e à

extensão. O projeto faz uso de conteúdos próprios das teorias das áreas de música, estética filosófica, educação, antropologia da cultura, sociologia da cultura e historiografia no que é designado como discurso canônico e novas epistemologias.

A aplicação da metodologia da pesquisa-ação é associada a uma abordagem interdisciplinar, que contempla tanto as demais áreas do saber quanto as diferentes fontes de pesquisa que se relacionam ao objeto da música sacra de matriz afro-brasileira, arte e cultura. São exemplos de tais fontes: pesquisa bibliográfica sobre música sacra de matriz afro-brasileira, metodologia da pesquisa-ação, racismo cultural, políticas de ação afirmativa na área de cultura, produção de cultura na universidade pública, técnicas de canto, música popular, antropologia cultural e estética filosófica (livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos e ensaios); Cd’s e LP’s com registro de música sacra de matriz afro-brasileira; e, vídeos.

Portanto o projeto faz uso do “Conhecimento Canônico”; mas articula esses conteúdos ao “saber” produzido para além dos muros da universidade e dos centros de pesquisa. Por “Saber”, caracterizam-se, os conteúdos que emergem no cenário da cultura que derivam de um domínio epistemológico não canônico; como, por exemplo, os que derivam do que se designa como “Cultura Popular”; os que derivam das práticas da cultura do candomblé e dos processos de aprendizagem da “Educação pela oralidade”. O projeto considera que há uma complementação do conhecimento canônico e dos saberes tradicionais. Ao propor a construção do conhecimento de modo colaborativo, reconhece que com a permuta de conteúdos e vivências entre todos os “sujeitos do conhecimento” que integram o Projeto Coro Oyá Igbalé gera uma produção em que todos adquirem e transmitem conteúdos que geram os subprodutos do projeto, vivências e uma historicidade própria. São considerados “sujeitos de conhecimento” no Projeto Coro Oyá Igbalé os pesquisadores, cantores

voluntários, assessores, percussionistas, monitores, corpo técnico e colaboradores. Ao reconhecer e defender que todos os envolvidos trocam conhecimento e saber, o projeto defende a realização de transformações com impacto social, político e cultural de todos os envolvidos pelo conhecimento e pela arte.

Resultados e Discussões

Em conformidade ao Planejamento das Atividades de Monitoria de Extensão do Projeto Coro Oyá Igbalé: Música Sacra de Matriz Afro-brasileira foi realizada por mim as atividades de repasse das informações para os integrantes do Coro (ensaios, reuniões e pareceres), do cronograma e programação dos espetáculos e demais eventos e divulgação das atividades do Projeto (inscrições, espetáculos e oficinas) via mala direta (e-mail). Fiquei responsável pelo acompanhamento da lista de presença e de desenvolver, algumas vezes, dinâmicas de grupo para a iniciação das funções, planejar e organizar os festejos de abertura e encerramento das atividades. Também acompanhei o registro dos encaminhamentos das reuniões com a comissão técnica do projeto e participei do processo de divulgação das inscrições para seleção de cantores, bem como acompanhei a seleção de novos integrantes nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Acompanhei ativamente o processo de divulgação dos Espetáculos, o preenchimento e acompanhamento da entrega de certificados e demais documentos para os integrantes do coro. Colaborei também com a construção de todos os espetáculos, sendo alguns deles: Omo Oyá (2016), A Paz de Oxalá (2016), Espetáculo Memória e Devoção: Oyá igbalé e os Encantados (2017), Micro Apresentação do Coro Oyá Igbalé: música sacra de matriz afro-brasileira (2017), V Espetáculo Omo Oyá: divindades da água e do amor (2017), VI Espetáculo Omo Oyá: a luz dos orixás (2017), Espetáculo Omo Oyá: divindades da mata (2017), III Espetáculo Omo Oyá: divindades da mata (2017), Espetáculo

Xangô e Iansã (2018), Espetáculo Omo Oyá (2018), Espetáculo Caboclos, Amor e Devoção (2018), Espetáculo Xangô e Iansã: amor, justiça e verdade (2018), Espetáculo Omolú o rei da terra (2018), entre alguns outros. Há também a participação do Coro Oyá em programas de Televisão (TV KIRIMURE e TVE Revista, ambos em 2018) e programas de Rádio (Programa Mojubá da rádio Metrópole).

Como um dos objetivos do projeto é a difusão da música sacra afro-brasileira usei as ferramentas da Comunicação em Rede proporcionada pelas TIC's para divulgar os subprodutos do trabalho desenvolvido no projeto, como vídeos dos espetáculos, oficinas e ensaios, fotos, cartazes, reels e demais materiais de divulgação. Criei uma conta oficial de e-mail⁹ para poder formalizar a comunicação via mala direta, uma conta no YouTube¹⁰ para os registros em vídeo e uma outra no Instagram¹¹ para os registros em fotos, promovendo deste modo além da ampliação dos mecanismos institucionais de divulgação (Portal UNEB e Página do DEDC-I) a criação de um canal para dialogar com a comunidade acadêmica da UNEB e com o público em geral. Vale destacar que todos eles têm atendido com excelência seus objetivos propostos.

Conclusões

É importante ressaltar que no campo da práxis acadêmica, atuar como monitora de extensão do PROBEX no Projeto Coro Oyá Igbalé: Música Sacra de Matriz Afro-brasileira correspondeu a um grande desafio, tendo em vista a minha inexperiência nessa área, pois exigiu dedicação à pesquisa bibliográfica sobre os assuntos que envolvem a proposta do projeto, assim como, o contato com pessoas oriundas de grupos sociais diversos. Corroborou especialmente para o aprofundamento dos meus conhecimentos pedagógicos e didáticos impactando diretamente na minha formação profissional

⁹ coro.oya.uneb@gmail.com

¹⁰ Coro Oyá Igbalé

¹¹ @corooyauneb



como discente do curso de graduação em Pedagogia do DEDC-I da UNEB.

Atuar, como monitora de extensão representou uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento de habilidades e ampliação da formação na área de cultura afro-brasileira. O ganho intelectual incomensurável ao passo que cada experiência vivenciada nas atividades do projeto com os integrantes ou em reuniões com a coordenadora contribuiu para uma nova descoberta ou desafio.

A experiência na monitoria de extensão do projeto Coro Oyá Igbalé foi essencial para o meu crescimento pessoal e profissional. Aprendi de fato a realidade e os desafios de um trabalho cultural no espaço da universidade pública. Agreguei conhecimentos sobre a música sacra afro-brasileira e as transformações produzidas pela arte juntos aos integrantes do Coro Oyá Igbalé e à comunidade acadêmica do DEDC-I.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade do Estado da Bahia e a Pró-reitora de Extensão (Proex) por proporcionar a seleção para o Programa de Bolsas de Extensão (Probex), do qual fui bolsista e tive a oportunidade de desenvolver a minha pesquisa sobre Relato de Experiência no Projeto Coro Oyá Igbalé. Agradeço também a Profa. Ma. Julice Oliveira por me orientar e acompanhar nesse processo educativo.

Referências

BERRAGUE, G. **Correntes regionais e nacionais na música do Candomblé baiano**. Revista Afro-Ásia. Salvador: no 12, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2015.

LÜHNING, Ângela; TUGNY, Rosângela Pereira. (org.) **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador. - EDUFBA, 2016.

NERI, Clelia (org.). **Política e gestão da cultura: diálogos entre universidade e sociedade**. Salvador, - EDUFBA, 2017. (coleção Cult).

PRANDI, Reginaldo. **Música de fé, música de vida. A música sacra do candomblé e seu transbordamento na música popular brasileira**. In.: do Livro Segredos Guardados: Orixás da Alma Brasileira. SP, Companhia das Letras, 2005, pag. 175-187.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã**. Tradução: Nélio Schneider. Petrópolis, RJ. – Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Reinventado a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.



PRÓ-REITORIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS – PROAF
I ENCONTRO AFIRMATIVA: PRÁTICAS DE ESTUDANTES COTISTAS EM
PESQUISA E EXTENSÃO



O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA BAHIA: AVANÇOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Adriana Maia Almeida; Kárpio Márcio de Siqueira

Universidade do Estado da Bahia
admdri@hotmail.com

Palavras-Chave: Educação; Indígena; Bahia; Direitos.

Introdução

Educação se define como o conjunto dos processos envolvidos na socialização dos indivíduos, o que traduz numa parte constitutiva de qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismos que visam à sua reprodução, perpetuação e/ou mudança. Sendo assim, a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores.

Há um certo tempo atrás, os povos indígenas no Brasil acreditavam que a educação escolar era um meio exclusivo de aculturação e havia certa desconfiança e repulsa quanto à escolarização. Diante das necessidades de um mundo globalizado, os índios julgam que a educação escolar, quando apropriada por eles e direcionada para atender às suas necessidades, pode ser um instrumento de fortalecimento das culturas e das identidades indígenas e um possível canal de conquista da desejada cidadania, entendida como direito de acesso aos bens e aos valores materiais e imateriais do mundo moderno.

Ainda é comum no Brasil a ideia errônea de que os povos indígenas não possuem nenhum tipo de educação. Ao contrário do que muita gente pensa, os povos indígenas no Brasil continuam mantendo sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a prática pedagógica uma delas. As formas de educação que desenvolvem lhes permitem continuar a ser eles mesmos e transmitir suas culturas através das gerações.

É extremamente importante reconhecer que os povos indígenas ainda mantêm vivas

as suas formas de educação profissional, que podem e devem contribuir para a formação de uma política e de uma prática educacional adequadas, capazes de atenderem aos anseios, aos interesses e às necessidades da realidade atual. Tais conhecimentos não são necessariamente incompatíveis com os conhecimentos da escola moderna.

A educação escolar em todos os níveis e modalidades é uma necessidade e um desejo atual dos povos indígenas. Essa busca cada vez mais ampla pela escolarização e por novas oportunidades de vida melhor tem promovido, em várias terras e comunidades indígenas do Brasil, o êxodo para as cidades, o que gera problemas sociais de toda ordem, além de reforçar o esquecimento da língua materna e de outros aspectos da cultura indígena por parte dos jovens estudantes.

A implantação das primeiras escolas nas comunidades indígenas no Brasil é contemporânea à consolidação do próprio empreendimento colonial. A dominação política dos povos nativos, a invasão de suas terras, a destruição de suas riquezas e a extinção de suas culturas tem sido desde o século XVI o resultado de práticas que sempre souberam aliar métodos de controle político a algum tipo de atividade escolar civilizatória.

Metodologia

A presente pesquisa pode ser definida como Exploratória e Descritiva. Exploratória porque será utilizada para realizar um estudo preliminar do objeto em questão e criar hipóteses, e descritiva porque descreverá as características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis.

Resultados e Discussões



Os índios da Bahia foram vítimas das atrocidades cometidas pelo processo de colonização, quiçá, o maior genocídio da humanidade, quando diversas etnias indígenas foram totalmente varridas da existência humana.

Foram uns dos primeiros povos a serem contatados de forma a perder grande parte de seus traços culturais e em especial sua língua materna, que desapareceu quase que sem deixar vestígios.

O movimento indígena na Bahia tem se fortalecido e construído um diálogo com as esferas governamentais, estes, por ora conflitantes, ora harmoniosos. É a partir dos questionamentos e reivindicações dos indígenas que surge a ideia de uma educação específica, logo, diferenciada. O momento a que se propõe uma mudança de paradigmas, transcendendo da escola para índios imposta desde a colonização, a uma nova escola construída pelos índios.

Desde a década de 70, quando a percepção da importância de que a escolarização formal de aluno indígena fosse conduzida pelos próprios índios, começa por se concretizar.

Dando sequência a estes feitos, nas décadas de 80 e 90, um conjunto de medidas legais fizeram com que as questões que envolvem a Educação Escolar Indígena passassem a ser de responsabilidade do Estado, o que reflete na atual realidade do estado, no qual, programas de formação de indígenas são administrados pelas secretarias estaduais de Educação. Contudo, na Bahia, somente nos anos 90 é que implanta a primeira turma de Magistério Indígena Específico e Diferenciado em Nível Médio.

Os povos indígenas na Bahia vivem em territórios específicos nas regiões norte, oeste, sul e extremo sul. Sua participação em todas as etapas históricas do processo de colonização brasileira os colocou em contato estreito com missionários, colonos e agentes de diversas frentes de expansão (agrícolas, pecuárias e etc.) e com agências estatais.

A Constituição de 1934 foi a primeira que atribuiu poderes exclusivos da União para legislar sobre assuntos indígenas,

consolidando um quadro administrativo da educação escolar indígena, que vai ser só significativamente alterado em 1991.

Assegurou-se aos índios, no Brasil, o direito de permanecerem índios, isto é, de manterem suas origens, cultura, tradições, língua e etc;.

Na Constituição de 1988, a qual vigora nos dias atuais, os direitos indígenas são vistos expressamente, no:

Título VIII – Da ordem social CAPÍTULO III – Da educação, da cultura e do desporto.

Seção I – Da educação Artigo 210 - Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

2. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

SEÇÃO II – DA CULTURA

Artigo 215 - O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

1. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Título VIII - DA ORDEM SOCIAL CAPÍTULO VII – DOS ÍNDIOS Artigo 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Com fundamentação na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), está abordado o direito dos povos indígenas a uma Educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, valorização dos conhecimentos e saberes milenares e pela formação dos próprios índios para atuarem como docentes em suas comunidades.



Consta no Plano Nacional de Educação (PNE), um capítulo sobre a Educação escolar indígena, que se divide em três partes. Contendo na primeira parte, um diagnóstico de como tem ocorrido a oferta da Educação escolar aos povos indígenas. Na segunda parte, apresenta-se as diretrizes para Educação Escolar Indígena. E, na terceira parte, estão os objetivos e metas que deverão ser atingidos, em curto e longo prazos.

No ano de 1999, surge um Parecer da Câmara Básica do Conselho Nacional de Educação, que apresenta a fundamentação da Educação Indígena, determina a estrutura e funcionamento da escola indígena e propõe ações concretas em prol da Educação Escolar Indígena.

Cria-se no mesmo ano uma Resolução que normatiza e institui as diretrizes: proposição da categoria Escola Indígena, formação do professor indígena e currículo da escola e flexibilização.

Em 10 de março de 2008, vigora a Lei 11.645, que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Decreto 8471/03 cria a categoria de escola Indígena no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Estado da Bahia.

A Resolução CEE n. 106/2004 que estabelece diretrizes e procedimentos para a organização e oferta da Educação Escolar Indígena, no Sistema Estadual de Ensino.

Surge também o Plano Estadual de Educação, no qual estabelece diretrizes, metas e objetivos que subsidiem políticas de Educação para os próximos dez anos.

Eis que surge no ano de 2000, o Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena, como instância de interlocução entre os povos indígenas e o poder público, o fórum constitui-se num espaço aberto de discussão, acompanhamento e avaliação coletiva da operacionalização de Políticas Públicas de Educação para as populações indígenas.

Conclusões

Segundo respalda a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), tem-se

implementado a política de educação de povos indígenas com a intenção de permitir um modelo de Educação diferenciada, construída a partir do exercício partilhado com os indígenas. Essa política é resultado do diálogo permanente com os atores e autores dessa história, em consonância com as exigências, características e projeto societário de cada povo indígena.

Medidas como, redefinição curricular, formação dos professores centrada no fortalecimento da educação nas comunidades indígenas e na preservação da cultura destes, assim como a produção e publicação de material didático específico que reflita a realidade de cada etnia.

Agradecimentos

Os agradecimentos seguem para o orientador, que mostrou-se disponível para o auxílio e construção do presente trabalho. Bem como para a Universidade do Estado da Bahia pelo suporte e apoio e à PROAF e sua equipe, pela disponibilidade e compromisso.

Referências

ALBUQUERQUE, Amelia. **Os povos indígenas no Brasil: Uma história de Resistência**. 1 ed. - Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

Direitos Indígenas na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/cf.pdf>>

Estatuto do Índio – (Lei Nº 6001/73)

Disponível

em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6001.htm>

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

TUXÁ, Rosilene Araújo. **Educação Escolar Indígena na Bahia: O diálogo como**



princípio na construção da política pública. Governo da Bahia.



MORTE POR AGRESSÕES EM JOVENS NEGROS DE 15 A 49 ANOS EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA

Beatriz Cerqueira da Silva; Daniel Deivson Alves Portella

Universidade do Estado da Bahia- UNEB
beatrizcerq.bc@gmail.com

Palavras-Chave: Jovens Negros, Homicídios, Agressão, Salvador e Região Metropolitana.

Introdução

O conhecimento sobre os aspectos relacionados com os homicídios por agressão de jovens negros, bem como as desigualdades sociais e da segurança pública e seus impactos na alta ocorrência desse evento, são de fundamental importância para que possa ter uma visão sobre os aspectos que podem colocar em exposição um grupo populacional específico e subsidiar gestores na tomada de decisão em prol na promoção de ambientes sociais seguros e pacíficos.

O presente estudo tem como objetivo verificar associação entre homicídio por agressão em jovens negros, desigualdades sociais e de segurança pública na Região Metropolitana de Salvador.

Metodologia

Este artigo trata-se de um estudo Ecológico descritivo. O campo da pesquisa foi realizada em Salvador e Região Metropolitana (SRM): Salvador, Camaçari, Candeias, Itaparica, Lauro de Freitas, São Francisco do Conde, Simões Filho, Vera Cruz, Madre de Deus, Dias D'Ávila, Mata de São João, São Sebastião do Passé e Pojuca, totalizando 13 municípios.

As variáveis utilizadas nesse estudo são os casos de óbitos por homicídios por agressões e demais causas, registrados no banco de dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), a partir da categoria de homicídios por agressões (X85 a Y09) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10ª Revisão (CID-10). Além de informações populacionais e sócias

demográficas fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com os dados coletados foi realizado o cálculo anual do coeficiente de mortalidade de homicídios por agressões, tendo como população o total de habitantes por unidade de análise da população masculina geral de 2010, caso fosse possível a identificação desses aspectos nos casos registrados pelo SIM. Portanto todos os coeficientes foram multiplicado por 100 mil.

Além dessas, as variáveis de segurança pública, a saber: uso/porte substância entorpecente (Usuários), são casos registrados em delegacias de pessoas usando ou portando algum tipo de narcótico; roubo, quando há apropriação indevida de um bem de um indivíduo usando violência; e furto, quando há posse indevida de um bem sem o uso da violência por habitante, índice de vulnerabilidade social (IVS) e o índice de desenvolvimento humano (IDM) serão utilizadas para caracterização das unidades de análise (municípios).

O banco de dados será construído nos softwares Microsoft Office Excel 2010 para Windows e análise estatística pelo software R 2.13.0. Pacote estatístico de domínio público (R, 2011).

Resultados e Discussões

Os resultados descritos foram das variáveis de coeficiente de homicídio por agressão na população masculina geral, IDH, IVS, roubo de veículo, furto de veículo e uso/porte de substância entorpecente, apresentando o coeficiente geral da região, média, máxima e mínimo da região, da capital Salvador e dos municípios com menores taxas (Madre de



Deus, Pojuca, São Francisco do Conde, Mata de São João, São Sebastião do Passé, Vera Cruz e Itaparica) e maiores taxas (Camaçari, Lauro de Freitas, Simões Filho, Candeias e Dias D'ávila).

No Brasil, a maioria das ocorrências de homicídios atinge a população negra, de faixa etária de 15 a 44 anos de idade, moradores de local mais urbanizado, com baixo grau de escolaridade e baixa renda (Cerqueira et al; 2017). Durante a coleta dos dados, observou-se que em Salvador e RMS as mortes por agressões têm o mesmo perfil socioeconômico de público das ocorrências no Brasil.

Foi constatado que o coeficiente geral de homicídio por agressão na população masculina geral foi de *130,70 por 100 mil habitantes*, tendo média de 116,65, máximo de 206,58 e mínimo de 35,81. A capital Salvador apresentou esta variável de 130,75. As cidades de menores taxas tiveram os resultados de 35,81; 43,53; 74,06; 85,51; 96,58; 106,82; e 206,57, respectivamente. Já a média foi de 73,72, o máximo de 106,83 e o mínimo de 35,81. As cidades de maiores taxas tiveram coeficiente de homicídio por agressão na população masculina geral de 130,07; 147,59; 165,48; 128,99; e 164,54, respectivamente. Já a média, o máximo e o mínimo destas cidades foram 15342766,48; 20657092,27; e 12898744,85, respectivamente. Com base no Mapa da Violência de 2016 evidencia-se números elevados de vítimas do sexo masculino na Bahia (4.228) e em todo o Brasil (39.895). Este dados afirmam os resultados obtidos que em suma qual é a população mais atingida, efeitos de uma cultura capitalista que expõe a cada dia a necessidade do ser e ao ter, levando ao jovem cada vez mais a entrar em contato com a violência.

Foi observado que o coeficiente geral da região do IDH foi de 1129, com média de 0,68746, máximo de 0,759 e mínimo de 0,645. A capital obteve IDH de 0,759. As cidades de menores taxas tiveram IDH de 0,708; 0,666; 0,674; 0,668; 0,657; 0,645; e 0,67, respectivamente, com média de 0,66967, máximo de 0,708 e mínimo de

0,645. Já as cidades de maiores taxas tiveram IDH de 0,694; 0,754; 0,675; 0,691; e 0,676; respectivamente, com média de 0,70271, máximo de 0,759 e mínimo de 0,67. Em 2017, o IDH brasileiro registrou 0,754, mesmo índice que havia sido registrado em 2014, e ficou na 79ª posição no ranking que abrange 188 países, do mais ao menos desenvolvido (Organização das Nações Unidas, 2017). Com base nos dados divulgados, verifica-se uma relação direta entre IDH, desigualdades e homicídios. Isso porque quanto menos desenvolvimento humano mais desigualdade e quanto mais desigualdade mais violência.

Analisando o IVS, constatou-se que o coeficiente geral da região foi de 8,937 e a média, máxima e mínima foram de 0,37369; 0,468; e 0,295, respectivamente. Salvador apresentou o IVS de 0,35. Exceto Itaparica, com IVS de 0,433, as outras cidades de menores taxas apresentaram IVS de 0. A média, máximo e mínimo destas cidades foram 0,38033, 0,468 e 0,295, respectivamente. Já as cidades de maiores taxas apresentaram IVS de 0,354; 0,303; 0,429; 0,345; e 0,362, respectivamente, e obtiveram taxas de média de 0,368; máximo de 0,433 e mínimo de 0,303.

Na análise de dados o IVS é possível verificar o contraste das condições de vulnerabilidade de Salvador e toda RMS. Estes determinantes são relevantes para compreender a atual conjuntura para chegar a violência ainda manifestada pela capital baiana e seu distrito. No Brasil, a maioria das ocorrências de homicídios atinge a população negra, de faixa etária de 15 a 44 anos de idade, moradores de local mais urbanizado, com baixo grau de escolaridade e baixa renda (Cerqueira et al; 2017).

Ao averiguar a variável de roubo de veículo, verifica-se que o coeficiente geral da região foi de 7770, a média, máxima e mínima foram de 597,6923077, 5733 e 0, respectivamente. Salvador obteve 5733 roubos de veículos. As cidades de menores taxas apresentaram roubos de 0, 48, 34, 61, 6, 0 e 4, respectivamente, com média de 0, 4, 2.83, 5.08, 0.5, 0, 0.33, máximo de 0, 10, 5,



10, 1, 0, 2 e mínimo de 0, 2, 1, 2, 0, 0, 0. Já as cidades de maiores taxas apresentaram roubos de 790, 460, 397, 124 e 113, respectivamente, com média de 65.83, 38.33, 33.03 10.33, 9,41 máximo de 89, 52, 46, 24, 23 e mínimo de 41, 27, 22, 2, 1.

Ao analisar a variável de furto de veículo, verifica-se que o coeficiente geral da região foi de 1816, a média, máxima e mínima foram de 139,6923077; 1565; e 0, respectivamente. Salvador obteve 1565 furtos de veículos. As cidades de menores taxas apresentaram furtos de 8, 8, 6, 6, 0, 0 e 2, respectivamente, com média de 0.66, 0.66, 0.5, 0.5, 0, 0, 0.16, máximo de 0, 5, 2, 2, 0, 0, 1 e mínimo de 0,0, 0, 0, 0, 0, 0. Já as cidades de maiores taxas apresentaram furtos de 59, 89, 32, 23 e 18, respectivamente, com média de 4.91, 7.14, 2.66, 1.91, 1,5 máximo de 10, 14, 6, 4, 3 e mínimo de 1, 3, 1, 0, 0. É importante verificar dados de roubo e furto de veículo, pois são abordados nas mídias de grande massa. Segundo Resende e Andrade (2011) a desigualdade social pode afetar a criminalidade, contribuindo muitas vezes para disseminação de preconceitos populares. Foi verificado que a variável uso/porte de substância entorpecente teve como coeficiente geral da região 2186 e média, máxima e mínima de 168,1538462; 1533 e 0, respectivamente. A capital teve o total de 1533 casos de uso/porte de substância entorpecente. As cidades de menores taxas apresentaram uso/porte de substância entorpecente de 52, 33, 22, 30, 0, 0 e 28, respectivamente, com média de 4.3, 2.75, 1,83, 2,72, 0, 0, 2.33, máximo de 0, 9, 6, 7, 0, 0, 6 e mínimo de 0, 0, 0, 0, 0, 0, 0. Já as cidades de maiores taxas apresentaram uso/porte de substância entorpecente de 202, 69, 35, 87 e 95, respectivamente, com média de 16.83, 5.75, 2.91, 7.25, 7. 91 máximo de 26, 9, 12, 12, 13 e mínimo de 12, 0, 0, 3, 0.

Conclusões

Diante disso verificou-se a associação entre homicídio por agressão na população de jovens negros, desigualdades sociais e de segurança pública na Região Metropolitana de Salvador. Mostrando assim a necessidade

de se conhecer e debater a realidade da capital baiana e Região Metropolitana a fim de criar o saber que conceba Políticas Públicas condizentes com a realidade da população aqui estudada. Ressaltando a importância do debate de forma incisiva pelas áreas da Saúde, Educação e seus atores para possibilitar meios que promovam ambientes sociais seguros, igualitário e democrático.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao professor Daniel Portella por ter confiado em mim e por me dar suporte para realização deste trabalho, bem como ao grupo de pesquisa por todas as discussões em sala que foram enriquecedoras. Em especial a Ângela Borges por ter caminhado comigo durante a realização desta pesquisa.

Gostaria de agradecer também ao Programa Afirmativa Pesquisa e Extensão pela oportunidade vivenciar a pesquisa no campo acadêmico, tornando um divisor de águas na graduação.

Referências

- COSTA, F. A. D. M. M., DA TRINDADE, R. F. C., & DOS SANTOS, C. B. (2014). Mortes por homicídios: série histórica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 22(6), 1017-1025, 2014.
- CAMPOS, M. E. A. D. L., FERREIRA, L. O. C., BARROS, M. D. D. A., & SILVA, H. L. (2011). Mortes por homicídio em município da Região Nordeste do Brasil, 2004-2006 a partir de dados policiais. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 20(2), 151-159.
- PERES, M. F. T., CARDIA, N., MESQUITA NETO, P. D., SANTOS, P. C. D., & ADORNO, S. (2008). Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 23, 268-276.
- CERQUEIRA, D. (2013). *Mapa dos homicídios ocultos no Brasil*(No. 1848). Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).



Organização Mundial da Saúde. CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1.

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S.; BUENO, S.; VALENCIA L. I. ET AL. Atlas da Violência 2017. Instituto Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro- RJ, 2017.

PORTELA, D. D. A.; ARAÚJO, E. M. ROCHA, W. J. S. F. Et Al. Homicídios dolosos, tráfico de drogas e indicadores sociais em Salvador, Bahia, Brasil. Revista Ciência e Saúde. Salvador- BA, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Resultados divulgados no Diário Oficial da União, 04.11.2010. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/BA2010.pdf>. Acessado em 15 de agosto de 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portal do Datasus. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=01>>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portal do Dataus. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/APRESENTACAO/TABNET/Tutorial_tabNet_FINAL.pptx_html/html/index.html#4>. Acesso em 23 de maio de 2018.

RESENDE, J. P. D., & ANDRADE, M. V. (2011). Crime social, castigo social: desigualdade de renda e taxas de criminalidade nos grandes municípios brasileiros. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 41(1), 173-195.

VILLELA, L. C. M., REZENDE, E. M., DRUMOND, E. F., et al. Utilização da imprensa escrita na qualificação das causas externas de morte. *Revista de Saúde Pública*, v. 46, n. 4, p. 730-736, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Segurança: Secretaria de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.ssp.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=90>> Acesso em: 01 de junho de 2018.



EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE ORALITURA NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE MARAÚ-BA

Murilo da Costa Ferreira; Matheus Santos Mendes; Bruna Silva Batista

*Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - Campus XXI – Ipiáú - UNEB
brunadcsantos16@hotmail.com*

Palavras-Chave: Quilombola; Educação; Oralitura.

Introdução

Pretendemos identificar, analisar e implementar práticas pedagógicas vinculadas ao fortalecimento da identidade dos povos quilombolas, desenvolvidas por escolas de ensino fundamental e médio, localizadas no município de Maraú/BA.

O projeto objetivou e se fundamentou na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, estabelecendo conexão com os diferentes conteúdos do currículo escolar, considerando a língua portuguesa, as literaturas de língua portuguesa (particularmente, os textos literários que expressem e simbolizem a afrodescendência quilombola) como disciplinas obrigatórias do Núcleo Comum, como focos de avaliação de ensino e aprendizagem. Estivemos interessados em elaborar e promover articulações entre os objetivos e conteúdos das literaturas de língua portuguesa (literatura afrodescendente, literaturas africanas de língua portuguesa: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé, Príncipe) com a oralitura da memória das comunidades quilombolas¹, construindo materiais didáticos para introduzir e sedimentar a história e a cultura dos negros no currículo escolar.

Metodologia

Os subprojetos de pesquisa dos dois bolsistas empreenderam uma metodologia de trabalho que visou a uma ampla e atualizada análise dos textos de estudos de cultura e

literatura quilombola. A pesquisa e também a prática extensionista procuraram contemplar as escolas das comunidades quilombolas de Maraú, localizadas em Quitundo e Tremembé.

Resultados e Discussões

. Nosso trabalho de pesquisa encontrou uma situação em faltava maior empenho na formação de professores e elaboração de materiais didáticos diferenciados, algo que pudesse ser inovador na estrutura da educação municipal. Nesse sentido percebe-se um entrecruzamento das comunidades remanescentes quilombolas com a Educação das Relações Étnico-Raciais, visto que, toda ação é voltada para esse último como se tratando da Educação Quilombola. Daí que entre 2014 e 2015, procuramos empreender juntamente com a formação da docência quilombola, uma metodologia de trabalho com base na pesquisa-ação. Em 2016, realizamos atividades de campo com os estudantes de graduação em Letras do campus XXI – Ipiáú, objetivando a formação inicial nos estudos da cultura e da oralitura da memória coletiva quilombola, subsidiadas pela Pró-Reitoria de Graduação e também a relevante participação nos assuntos dos direitos das comunidades quilombola através da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da Universidade do Estado da Bahia.

Conclusões

A análise dos contextos históricos e político-econômicos, somada aos elementos trazidos pelas entrevistas e observações sobre



a formação continuada voltada para a educação escolar quilombola, nos sugere a necessidade de discussão de políticas públicas voltadas para o atendimento às demandas levantadas pela escola, e que se tornam, até mesmo, entraves para sua organização. A análise dessas demandas nos aponta a necessidade premente de reordenar o tempo do educando e o tempo do educador em sua formação, a fim de garantir ao educador o direito de formação que a Lei prescreve.

Outro aspecto fundamental surgiu da necessidade de realizar um levantamento mais detalhado da realidade, ou seja, um diagnóstico, num processo que envolveu as pessoas da comunidade e as diversas organizações existentes no território. Identificar o que elas pensam sobre educação e como a educação pode influenciar positivamente no seu modo de existir, na sua forma de vivenciar o presente e definir o futuro. Estes são precedentes que constituem a formação cultural e literária, principalmente, das comunidades quilombolas, referentes as narrativas que dizem da formação histórica do território quilombola de Marau. O que exige mais tempo, uma equipe com atuação permanente e financiamento.

Agradecimentos

Agradeço à Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da Universidade do Estado da Bahia, à Secretaria Municipal de Educação

de Marau e às docentes das escolas quilombolas do município de Marau.

Referências

- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado Aberto, ADONIAS, Aguiar Filho. **Sul da Bahia: Chão de Cacau**. Rio de Janeiro: Civilização, 2002. Brasileira, 1976.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 7ª edição (Trad. Leyla Perrone-Moysés). São Paulo: Cultrix, 1997.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BORDA, Orlando e outros. **Causa popular. Ciência popular. Uma metodologia do conhecimento científico através de ação**. Publicação de la Rosca: Bogotá, 1972.
- BRASIL - **Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas Transversais**, Brasília: Ministério da Educação, 2012.
- Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola**, Conselho Nacional da Educação, Brasília, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 4 v.
- FAZENDA, Ivani. (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade**.



MÚLTIPLAS LINGUAGENS NOS PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO BRASILEIRO: “O DIABO COXO”, DE LUÍS GAMA E ÂNGELO AGOSTINI

Camila Dos Santos Silva; Ricardo Tupiniquim Ramos

Departamento De Ciências Humanas, Uneb-Campus VI, Caetité, camilasantossilva425@gmail.com, tupinikim@msn.com

Palavras-Chave: Jornalismo brasileiro, oitocentista, O Diabo Coxo

Introdução

A presente pesquisa visa fazer uma análise documental da vida e obra de Luiz Gama, analisando a sua contribuição como intelectual negro e ex escravo, para a população em seu tempo de atuação e no nosso. Luiz Gama conseguiu vencer diversas barreiras em sua vida tornando-se um grande poeta e operador do direito, além de jornalista, tendo sido o editor do primeiro jornal ilustrado do país (“O diabo coxo”), no qual fez diversas denúncias em sua época. Para analisar sua obra como jornalista, identificaremos as influências ideológicas de seu tempo, assim como o seu posicionamento em torno da imagem e do papel social dos governantes e da população de um modo geral no Brasil. Para tanto, utilizamos seu jornal “O Diabo Coxo” como principal fonte de referência, além do aporte teórico as contribuições Aguiar (2004), Czyzewski (2013), Pina (2017) e Santos (2015).

Metodologia

Seguindo a metodologia do projeto do nosso orientador, este artigo propõe uma pesquisa de caráter documental a partir de uma abordagem qualitativa à produção intelectual e bibliográfica da vida e obra de Luiz Gama, as pesquisas foram realizadas no período de um ano.

Criações de Roland Barthes (Cf. Barthes, 1978, 1984, 2013a, 2013b, apud RAMOS, 2017), o método biografemático e seu instrumental (vidarbo) permitem que estudemos conjuntamente a vida e a obra de Luiz Gonzaga Pinto Gama, tendo como objetivo mostrar a importância do intelectual

negro com a então obra o jornal O Diabo Coxo para a população paulistana em sua época e também mostrar a importância que ainda hoje se pode notar.

Resultados e Discussões

A Bahia sempre foi celeiro da produção intelectual (afro-)brasileira. Contudo, de um modo geral, mesmo na academia, ainda é restrita a circulação e discussão das ideias de nossa intelectualidade negra, o que contribui não apenas para o reforço do estereótipo de que nossa contribuição para a formação do país se limite ao trabalho braçal e escravo do passado, como também para uma série de preconceitos em relação à nossa cultura. Para contribuir um pouco com a mudança desse cenário, propomo-nos a investigar a vida de Luiz Gama, intelectual negro soteropolitano ex escravo, advogado, poeta e jornalista que ao longo da sua vida mostrou que era possível fazer a diferença.

A ausência de referenciais negros para discussão e embasamento teórico de nossos trabalhos gera um sentimento de não pertencimento à universidade, como da comunidade de um modo geral, algo a ser combatido, porque pode levar à nossa evasão da academia e porque nos alija da consciência da existência e riqueza de intelectuais negros que nos precederam. Mas ao realizar esta pesquisa renovamos as nossas esperanças de que seremos tratados de uma forma unicamente igual, pois a cor da pele não lhe delimita onde deva estar, mas sim a sua capacidade de pensar e evoluir intelectualmente.



Conclusões

O material ora analisado é “O Diabo Coxo” é um texto jornalísticos que buscavam sempre demonstrar o seu caráter educativo, visto que sua veiculação gerou debates entre os leitores devido às críticas endereçadas ao governo imperial e a defesa em favor da implantação da república, e por contestar as práticas sociais e econômicas que impediam a adoção do trabalho livre e a libertação dos escravos, condições indispensáveis para o estabelecimento da forma republicana de governo. É nesse sentido que destaca a importância do jornal no processo de conscientização, para que a população buscasse por melhores condições de vida e para o combate as injustiças sociais que eram tão presentes na época.

Os textos e as representações dos fatos eram suficientes para por o leitor em contato com a realidade e, a partir dela, refletir o significado do cotidiano social e das decisões imperiais e de seus dirigentes as ilustrações, permitia aos iletrados a compreensão das condições de vida, exatamente como se apresentavam na realidade. Com material para diferenciados interesses, e tendo como fio a atar esse mosaico o bom humor com que os fatos eram tratados.

Embora veiculado por pouco tempo, “O Diabo Coxo” conseguiu cumprir sua missão de formar leitores críticos. Com seu intuito de tirar da ignorância a cidade, causou agitação entre os políticos e na economia e revelou as injustiças sociais, levando à população os acontecimentos de uma forma diferenciada, aproveitando as múltiplas linguagens disponíveis à época como meio de chamar a atenção do público leitor.

A pesquisa relata também além da obra já citada a vida de um dos poucos intelectuais negro (Luiz Gama) que apesar de todas as fases difíceis de sua vida, até mesmo deixando de ser um homem livre e se tornando escravo, mas não se deixou ser derrotado e fez de sua vida uma constante luta para se ter uma sociedade melhor, mais

democrática, mais justa e com direitos iguais para toda a população.

Ao analisar o contexto em que o intelectual viveu e como o preconceito era presente na sociedade da época e suas grandes conquistas, fica clara a sua importância não só para a sua época mais também para os dias atuais, já que esse pode servir de incentivo para que se busque uma sociedade melhor.

Os objetivos principais desse trabalho foram alcançados, uma vez que conseguimos seguir com a proposta do projeto. Ao finalizar essa pesquisa podemos compreender a importância do estudo de um intelectual negro que apesar das dificuldades consegue chegar a um determinado grau em uma sociedade altamente racista, um escrito que foi capaz de transformar com as palavras a realidade de uma sociedade, fazendo de seu jornal um meio para críticas e reivindicações, para assim melhorar a vida da população paulistana.

Dessa forma esta pesquisa é fundamental para a historiografia brasileira, uma vez que muito pouco se vê trabalhos voltados para essa questão da superação e destaque do homem/mulher negros no país, as produções são voltadas para o processo da “libertação dos escravos” e de como o negro viveu e ainda vive a margem da sociedade, no entanto, suas tulas e resistências os colocaram em um lugar de asensão, nos dias atuais, no caso do escritor (Luiz Gama) o período que ele viveu não permitia destaque algum e ele conseguiu se posicionar e se destacar com excelentes trabalhos, daí a importância de um trabalho como esse.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sem ele eu não seria nada em segundo lugar minha família, pois é minha base para que hoje possa estar onde estou, agradeço Pró-Reitoria de Ações Afirmativas, pelo desenvolvimento do projeto, Programa Afirmativa De Pesquisa e Extensão que juntamente com a instituição de ensino UNEB, me incentivou como um estudante-



pesquisador no desenvolvimento desta pesquisa tendo sobre a orientação do Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos, que por meio de suas orientações ajudou a compreender o documento em análise, conseguindo assim, desenvolver este trabalho final do Projeto de Pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa de extensão da Universidade do Estado da Bahia, biênio 2017-2018. Desse modo está pesquisa é de suma importância para a historiografia dos intelectuais negros.

Referências

ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA (Org.) **O diabo coxo – São Paulo, 1864-1865**: edição fac-similar. São Paulo: EDUSP/APH, 2005.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**, São Paulo: UNESP, 2004.

CZYZEWSKI, Analice; PERIOTTO, Marcília Rosa. O jornal Diabo coxo(1864-1865) e a educação política no segundo império do Brasil. In: SEMINÁRIO DO PPE. **Anais do...** Maringá: UEM, 2013. Disponível em: <www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_pp

e_2013/trabalhos/co_01/32.pdf>. Acesso: 8.dez.2017.

FERREIRA, Ligia Fonseca(org.). **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**, São Paulo: Imprensa do Estado de São Paulo. 2011

Gama, **Luiz. Primeiras trovas burlescas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

PINA, Patrícia Kátia da Costa. O jornal, o leitor e a litura no oitocentos brasileiro. **Labirintos**: revista eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses, Feira de Santana, vol.4, n.8, 2º sem./2010. Disponível em: <www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/03_dossie_patricia_katia_da_costa_pina.pdf>. Acesso: 12.dez.2017.

SANTOS, Eduardo Antonio Estevam. Luiz Gama e a sátira racial como poesia da transgressão:poéticas diaspóricas como contranarrativa á idéia de raça. **Almanack**. Guarulhos, n.11, p.707-748, dezembro de 2015. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/alm/n11/pt_2236-4633-alm-11-00707.pdf>. Acesso: 12.dez.2017.



ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: A REALIDADE DA POLÍTICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES COTISTAS NA UNEB

Daiana Nascimento dos Santos; Cleber Julião Lázaro Costa

Universidade do Estado da Bahia. daianansp@gmail.com

Palavras-Chave: ensino superior, assistência estudantil, ações afirmativas

Introdução

No atual cenário, a educação superior brasileira tem passado por uma nova configuração racial oportunizada pelas Políticas de Ações Afirmativas, em vigor há mais de quinze anos através do sistema de reserva de vagas para negros e indígenas. Com isto, o imaginário de que o ensino superior é, em um país em desenvolvimento como o Brasil, um dos mais privilegiados meios de ascensão social se expande, posto que parece ampliar as chances de acesso a um melhor emprego e a remunerações mais elevadas para quem usufrui deste direito.

No entanto, para determinados grupos sociais, esta realidade ainda faz-se recente e em processo de acomodação, sobretudo para o contingente majoritariamente negro que integra as escolas públicas do Brasil. A escola pública é ainda um grande impasse para a chegada na universidade, mesmo com a instauração do sistema de cotas, percebe-se que muitas vezes sequer é feito a divulgação dessa modalidade de ingresso que beneficiará aqueles estudantes, frequentemente desestimulados pelo seu contexto social e pela estrutura escolar, o que mina as chances de ingresso no ensino superior.

Metodologia

Deste modo, este trabalho busca através de revisão bibliográfica concentrada nos temas

ensino superior no Brasil, políticas de ações afirmativas e no levantamento das políticas de permanência e assistência na UNEB, compreender brevemente a conformação do ensino superior no Brasil, bem como a implantação das Políticas de Ações Afirmativas na UNEB, com o intuito de elucidar como esta política tem se dado em uma das universidades pioneiras na implantação do sistema de cotas. Foram resgatados os trabalhos de clássicos e teóricos contemporâneos sobre a conformação do ensino superior no Brasil, bem como inquiriu-se os editais da UNEB direcionados aos estudantes e os dados da SEAVI, entre os anos de 2015 e 2017.

Resultados e Discussões

Faz-se necessário definir as Políticas de Ações Afirmativas, estas que entendem-se como:

(...) medidas especiais e temporárias, tomadas pelo estado e/ou pela iniciativa privada, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar

desigualdades historicamente acumuladas (...) de garantir a igualdade de oportunidade e



tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros (BRASIL, 1996).

Acerca da história da implantação do ensino superior no Brasil e a sua conformação atualmente, é importante apontar que discriminação social no Brasil se dá de modo marcadamente racial, seja pelo caráter fundante da sociedade brasileira ou pelos poucos esforços empreendidos ao longo dos anos para que a população negra e indígena galgasse melhores condições de vida. Além disso, é necessário assinalar que no Brasil o surgimento da Educação Superior se deu de forma tardia em relação ao restante dos outros países das Américas espanholas e Inglesas, cuja implementação já ocorrera no período colonial. Portanto, tem-se um fosso histórico de desigualdade para uma determinada população, bem como o caráter da educação inicialmente implantada e posteriormente desenvolvida no Brasil.

Os processos históricos que acometeram a denominada “população brasileira”, dizem respeito a uma constante manutenção de assimetrias sociais. Assim, no que tange o processo educacional do país, faz-se importante ressaltar que a forma como os sujeitos negros e indígenas acessaram esta educação se deu inicialmente como parte integrante do projeto colonizatório, através do ensino jesuítico. Deste modo, as missões no século XVII, se configuram como o processo de aculturação (sic) dos indígenas, ao mesmo tempo em que, pela violência, os colonos buscavam mão-de-obra escrava (ARANHA, 1989)

Nos séculos XVIII e XIX, respectivamente ocorre a expulsão dos jesuítas, quando se fez necessário prover o ensino público oficial, onde a coroa se encarrega de organizar a educação e esta passa por um grande declínio; e somente no século XIX, com a chegada da família real portuguesa é fomentada. Assim, segundo Aranha (1989),

de modo geral, no século XIX ainda não há uma política de educação sistemática e planejada (...) as mudanças não encaram a educação como um todo, mas a resolução de problemas imediatos.

Neste sentido, salientar que o primeiro interesse de instaurar a educação institucionalizada no Brasil se deu somente em 1808, quando foram criadas os cursos médico-cirúrgicos em Salvador, atualmente Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, o de Anatomia e Cirurgia, no Rio de Janeiro, atualmente Faculdade de Medicina da UFRJ e a Academia da Guarda Marinha, também no Rio. Até a proclamação da república em 1889, o ensino superior desenvolveu-se muito lentamente, tinha como modelo a formação dos profissionais liberais em faculdades isoladas pois sua função era assegurar um diploma profissional com direito a ocupar postos privilegiados na sociedade e a garantia de prestígio social.

Assim, somente durante o período imperial que se estruturou uma projeção para o ensino superior, seja por meio do Colégio Pedro II, fundado em 1837, no qual funcionava o ensino secundário regular, criado pelo poder central, seja através de exames preparatórios, oferecidos pela iniciativa privada nas províncias. Somente dessa forma, essencialmente meritocrática e excludente, que esta possibilidade era traçada. Portanto, primava-se por um ensino técnico destinada mais à preparação da elite do que um ensino que proporcionasse a educação em seu caráter mais amplo.

A ênfase no ensino superior foi dada de modo que eram criados institutos isolados com vistas a oferecer o ensino técnico, para que nobres, os proprietários de terra e uma camada intermediária surgida do processo de urbanização acessassem. O ensino superior fora criado sob a lógica de cursos isolados e mecanicistas que “(...) reforçam o caráter elitista e aristocrático da educação brasileira, a que têm acesso os nobres, os proprietários de terras e uma camada intermediária” (ARANHA, 1989). Esta última que visava o ensino superior com a intenção de



“enobrecimento”, isto é, diferenciar-se das classes inferiores.

Com isto, o monopólio e controle do saber sistematizado sempre estiveram para os que detêm o poder, relegando para os demais o ensino para o trabalho. Este apanhado, levantado pelos autores, permite compreender as atuais tramas que envolvem o ensino superior no Brasil e as muitas distorções que até hoje estão presentes em nosso sistema educacional.

O “boom” da criação de universidades no Brasil no âmbito federal, só se deu em 1950 a 1970, quando criaram-se instituições federais em todo o Brasil, mas também universidades estaduais, municipais e particulares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em vigor a partir de 1961 (Lei n. 4024), preconizou a descentralização do ensino superior, no entanto, esta explosão do ensino superior só ocorreu nos anos de 1970.

Durante essa década, o número de matrículas subiu de 300.000 (1970) para 1.5 milhão (1980). Segundo Vasconcelos (2010), a exigência de melhor formação para a mão de obra industrial e de serviços forçaram o aumento do número de vagas e o Governo permitiu que o Conselho Federal de Educação aprovasse diversos cursos novos.

Até o início dos anos 80, as universidades cresceram, assumiram o papel de instituições de pesquisa, ampliaram os programas de pós-graduação, montaram laboratórios e bibliotecas mas não se libertaram das amarras burocráticas do Estado imposto pela Ditadura Militar (VASCONCELOS, 2010). Neste período, a expansão do ensino superior foi contida e os recursos públicos para a educação passaram a ser cada vez mais escassos. Contudo, em 1987, foram criadas duas importantes frentes políticas, o FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis e a ANDIFES Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, cujo objetivo era garantir a integração regional e nacional das instituições, bem como a garantia de condições igualitárias para os estudantes.

Sobre esta democratização, é necessário pontuar que não perpassa uma simples massificação como pretende crer a lógica produtivista, mas segundo Dubet (2015) é possível falar da democratização do acesso aos estudos superiores, perguntando-se quais categorias sociais se beneficiaram da massificação.

Neste sentido, problematiza-se a Universidade do Estado da Bahia, que coloca-se como uma Universidade negra, de pioneirismo na implantação do sistema de cotas e, de fato, abarca um grande contingente de estudantes negros (pretos e pardos). No entanto, segundo relatório produzido pela SEAVI (2015), apenas em 2011 foi registrado de forma automática os dados sobre a aprovação nos processos seletivos vestibular e Sisu. Ainda, somente em 2014, começou-se a organizar informações, de modo que este levantamento fosse feito considerando as modalidades de ingresso, apenas nesse momento também é sistematizado as informações sobre cor e raça autodeclarada. Observa-se a partir desses dados as lacunas presentes nos discursos sobre a realidade do cotista na Uneb.

Aqui, faz-se uma digressão para informar que a implantação da Pró Reitoria de Assistência Estudantil só se deu sete anos após a implantação do sistema de cotas, em 2009. Deve-se compreender a assistência estudantil como o provimento de recursos necessários para a transposição de obstáculos e superação dos impedimentos ao bom desempenho acadêmico, pois que minimiza as chances de trancamento e abandono. Para Piovesan (2005), a discriminação ocorre quando somos tratados iguais em situações diferentes e como diferentes em situações iguais. Portanto, as ações afirmativas devem ser compreendidas para além do sistema de cotas raciais, desta forma, percebe-se que o acesso requer permanência, como trata Santos (2009), ao tocar no tema da permanência material e simbólica.

Neste sentido, a criação da Pró Reitoria de Assistência Estudantil compreendeu iniciativa de permitir o desenvolvimento de políticas universitárias destinadas à



população discente enquanto grupo heterogêneo e dispondo, pois, de necessidades diversas que levassem em conta seu histórico de vida, como aquelas explicitadas no requisitos para candidatos optantes pelas cotas.

Não obstante, importante papel estratégico da PRAES, as políticas por elas desenvolvidas ainda engatinham quanto ao atendimento de forma profunda às necessidades discentes. Com efeito, as demandas iluminadas por cotistas parecem ainda de uma compreensão interseccionalizada capaz de oferecer propostas que atendam as necessidades a partir dos eixos de ensino, pesquisa, extensão e permanência. Por essa razão é de grande valia investigar o que a UNEB desenvolveu de ações para aperfeiçoar a política de cotas em todos os aspectos: 1. Entrada de estudantes negros; 2. Permanência; 3. Novas formas de entrada; 4. Preparação para o mercado de trabalho;

Ao criar a PROAF em 2014, ainda que transcorridos depois de mais de uma década da implantação do sistema de cotas, indica-se que deve haver um constante processo de correção das distorções sociais. Posto que, vê-se que o aparente júbilo no período de entrada na instituição não responde às demandas dos estudantes cotistas, é preciso compreender a sua permanência neste espaço como garantia da eficiência desta política pública.

Ao enveredar pela discussão de permanência estudantil, Santos (2009) suscita a discussão filosófica da permanência, em que Kant (1788; LEWIS, 1986 apud SANTOS) afirma que permanência é duração e transformação, é o ato de durar no tempo sob outro modo de existência. Portanto, a permanência deve ser considerada no seu caráter cronológico e simbólico pois deve permitir o diálogo, a troca de experiências e a transformação de todos e de cada um. Assim, todo o contexto de permanecer na universidade deve ser tomado pelo bem estar deste estudante que carrega antes mesmo da entrada na universidade uma série de violações de direitos

De posse das informações referentes à estrutura da PRAES, selecionaram-se editais que têm maior apelo para a questão estudantil, como o (1) processo seletivo para participação no Programa de Mobilidade Discente, (2) a Monitoria de Extensão, (3) a Monitoria de Ensino e (4) a Iniciação Científica, neles não foram encontrados informações que tratassem da condição de estudantes cotistas em específico. Vale registrar que a pessoa que entra por cota deve preencher três critérios (1) ser negro; (2) oriundo de escola pública; (3) ter renda familiar não superior a quatro salários mínimos. Esses critérios sugerem que a pessoa optante tem maior vulnerabilidade e por isto precisam de atenção voltada para as suas necessidades.

Desses processos, o Programa Afirmativa, que se configura como Iniciação Científica, é o único instrumento que legitima a presença maciça de estudantes cotistas nesta Universidade. A AFIRMATIVA é uma política direcionada a cotistas que tem interesse em fazer pesquisa. Na ausência de critérios orientados pela inclusão, reconhecendo o perfil discente cotista, pela PPG, a PROAF assumiu este compromisso. No entanto, as 64 bolsas da AFIRMATIVA não atendem maciçamente os estudantes cotistas, por várias razões, dentre elas: 1. A Uneb não possui uma cultura de pesquisa; 2. Os discente ingressantes cotistas e não cotistas têm a pesquisa como algo distante, já que há uma transposição de mentalidade escolar para o ensino superior por parte de muitos estudantes, bem como não há uma divulgação maciça dos poucos projetos de pesquisas desenvolvidos na Universidade; 3. A iniciativa da AFIRMATIVA é fomentar a pesquisa e a inovação, mas decerto, em algum momento será a PPG que tomará as rédeas deste processo.

Além da AFIRMATIVA, programa facultado ao estudante cotista um reconhecimento do seu lugar e, no limite, da sua identidade enquanto beneficiário da Política de Ação Afirmativa, pois se trata de fomento à pesquisa com uma bolsa vinculada, não há qualquer outra política voltada



exclusivamente para estudantes cotistas, o que se justifica como uma visibilidade necessária a este estudante.

No que tange à atenção psicossocial, em dados do SEAVI (2017), foi percebido que somente 1,7% dos estudantes e aqui não há proposição para estudantes cotistas – tem atendimento da Equipe Multidisciplinar de Atenção ao Estudante (EMAE), esta que é vinculada a PRAES. Observa-se que no cenário nacional, há exemplos interessantes de assistência psicológica direcionada, como é o caso da Unidade Básica de Assistência à Saúde (UBAS) do Campus da USP em São Carlos, onde o estudante também tem disponível o atendimento psicológico, vinculado ao Serviço de Promoção Social. Nesta Unidade, o paciente conta com aconselhamento individual, serviço de prevenção ao stress, grupos de sociabilidade e trabalho psicopreventivo.

Conclusões

Percebe-se, portanto, uma falta de planejamento por parte da universidade, especificamente da PRAES, em planejar uma política estudantil que atenda aos estudantes cotistas, especificamente no serviço de apoio psicossocial. Considerando a multicampia da UNEB, que tem tanto a reitoria quanto os órgãos administrativos reunidos no Campus I, o que pode dificultar este processo de assistência e gerar a dispersão de medidas de apoio psicossocial. Portanto, as lacunas encontradas na Universidade do Estado da Bahia, bem como a discussão apurada sobre Políticas de Ações Afirmativas permitem problematizar a realidade desta instituição, sobretudo em um contexto de ampliação do sistema de cotas e seus beneficiários, que entrará em vigor no ano seguinte.

Referências

Anuário UNEB em Dados: 2016 - Base 2015 / Universidade do Estado da Bahia . – Salvador: EDUNEB, 2016. 190p.
Anuário UNEB em Dados : 2017 - Base 2016 / Universidade do Estado da Bahia . – Salvador: EDUNEB, 2017. 198p.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1989

BRASIL. Ministério da Justiça (MJ). Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (SEDH). Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial População Negra. Brasília, 1996.

DUBET, François. QUAL DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR?. Cad. CRH [online]. 2015, vol.28, n.74, pp.255-266. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792015000200255&script=sci_abstract&tlng=pt>

PIOVESAN, Flavia. Ações Afirmativas da Perspectivas dos Direitos Humanos. Cadernos de Pesquisa, vol. 35, p 43-55. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>

SANTOS, D.B.R. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VASCONCELOS, Natália. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 399-411, 2010. Disponível em <<file:///C:/Users/alexa/Downloads/11361-42157-1-PB.pdf>>



CURSO DE EXTENSÃO: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA E LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DE FONTES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O TEMA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRA

Diego Brito Santos; Silene Arcanja Franco

Universidade do Estado da Bahia. afrobritosantos@gmail.com

Palavras-Chave: Curso de Extensão, Pesquisa, Religião, Religiosidade afro-brasileira

Introdução

O curso de extensão Religião e Religiosidade afro brasileira na literatura, surge como demanda do Departamento de Ciências Humanas, Campus V – Santo Antônio de Jesus, situado na região conhecida como Recôncavo baiano. O Recôncavo é uma das regiões brasileiras de maior influência da cultura africana com uma intensa presença negra e manifestações culturais, além disso a região concentra uma grande variedade de templos religiosos de matriz africana, desta forma, este curso de extensão encontra terreno fértil para sua realização, haja vista, o significativo número de discentes e docentes do Campus, vinculados/as a esta formação religiosa.

O projeto se destinou à realização de um curso de extensão, para analisar e discutir obras de autores, fundamentais para a temática da religiosidade afro-brasileira, à exemplo de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Vivaldo da Costa Lima, Ruth Landes e outros, vinculando-se ao subprojeto de levantamento e catalogação de fontes bibliográfica sobre a temática. A proposta do levantamento e catalogação é servir com meio de consultas para alunos da graduação e pós-graduação, assim como, comunidade externa, em trabalhos de iniciação científica, TCC e outros. O produto final será disponibilizado no site do Grupo de Pesquisa Malungu e estará disponível para todos os interessados pela temática proposta pela presente pesquisa. É de grande relevância o estudo, pois abre discussões que muitas vezes se mantem silenciadas no ambiente

acadêmico e não são visualizadas nas propostas dos cursos ofertados.

Metodologia

Esta foi uma pesquisa cuja a abordagem é de cunho qualitativa, de caráter exploratório, apoiada na pesquisa bibliográfica, onde se buscou a revisão da literatura relacionada ao tema: Religiosidades afro-brasileiras. A proposta do curso de extensão: Religião e Religiosidade afro-brasileiro na literatura, integra a linha de pesquisa do Malungu - Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão. O curso possuiu um formato de grupo de estudo que aconteceu em encontros quinzenais, com carga horaria de 03horas, totalizando 30 horas. Composto por 12 participantes, discentes da UNEB – Campus V, de diferentes semestre e cursos (História, letras vernáculas, Inglês, Geografia). A cada encontro os participantes discutiram uma obra de autor previamente selecionado. Para um melhor aproveitamento das discussões e das leituras e como forma de exercitar a escrita, a cada encontro era sorteado uma dupla, esta ficava responsável por apresentar e discutir a ideia do autor e todo o grupo contribuía nas discussões. Ao final um dos participantes era convidado a escrever uma síntese que seria lido na abertura do encontro seguinte, o que denominamos de “memória do curso”, podendo esta síntese auxiliar na escrita de futuros trabalhos acadêmicos. Sobre a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida nos bancos de teses e dissertações da UNEB - Campus V,



elaborando uma ficha catalográfica e a escrita de um breve resumo das obras para ser disponibilizada na página virtual do grupo de pesquisa Malungu.

Resultados e Discussões

As atividades desenvolvidas nos demonstram o quanto é rica as documentações sobre o tema Religião e Religiosidade afro-brasileira e ratifica a importância e a necessidade da pesquisa, o aprofundamento ainda é escasso a busca por estas informações nos torna discentes e pesquisadores melhores e futuros profissionais de qualidade. A proposta do projeto do curso de extensão atendeu em primeira mão a uma demanda de carência de discussões relacionados à temática, no currículo do curso de História DCH- Campus V. Os assuntos abordados contemplaram e valorizaram a cultura, a memória, a história das populações afro-brasileiras e suas religiosidades, o curso ainda oportunizou discussões sobre os problemas do crime de ódio religiosos, seus desafios e possibilidades de enfrentamento. O curso potencializou as discussões dos discentes visto promover um aprofundamento teórico e metodológico, assim elucidando os participantes na escolha da temática do TCC e subsidiando os trabalhos já encaminhados de conclusão de curso e futuros projetos de pós-graduação na área. O levantamento resultou em um banco de dados com dissertações e teses sobre o tema que será disponibilizado na página virtual do grupo de pesquisa Malungu. Numa busca de sensibilizar a comunidade acadêmica da importância desta temática para o enriquecimento sociocultural e entendimento da pluralidade religiosa da nossa sociedade.

Conclusões

Á guisa de conclusão, podemos afirmar que o desenvolvimento do projeto no campus V em Santo Antônio de Jesus, potencializou as discussões em torno do respeito às religiões de matrizes africanas e seus adeptos, haja vista o campus está localizado em uma área onde a população afrodescendente é visível e muitos terreiros e casas de orações se

localizam em seu entorno. Teve também como resultado colocar a temática do combate à intolerância religiosa na agenda dos cursos existentes se estendendo para as escolas públicas atendidas. Percebe-se nessa pesquisa que os assuntos relacionados ao tema Religião e Religiosidade afro-brasileira, ainda possuem muitas demandas de diferentes vertentes, mas que ainda são pouco exploradas, em virtude da falta do aprofundamento na temática. E muitas vezes as informações obtidas no decorrer da vivência dos docentes sobre os temas são imbricadas de estereótipos, preconceitos, visões superficiais e muitas vezes deturpadas sobre o assunto. Como se trata de curso de licenciatura a presente pesquisa se destina a educadores e interessados, pretende-se com essa pesquisa científica, promover uma reflexão acerca da problemática que envolve a obrigatoriedade no ensino da cultura afro brasileira no Ensino Fundamental e Médio alterando, assim a lei 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ressaltar-se, portanto, no referido trabalho uma questão de fundamental importância para o fortalecimento de identidades étnicas afro-brasileiras, destacando, dentre as principais temáticas o aspecto legal que gira em torno da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira uma vez que segundo a lei 10639/03 que prevê a obrigatoriedade do ensino, na sala de aula, sobre história da cultura afro-brasileira, Desta maneira, prevê ainda trabalhar o conhecimento e cultura afro-brasileira a partir da literatura juntamente com os seus conceitos socio-políticos-históricos baseado no estudo da memória, da cultura, das formas de resistências e ressignificações.

Contudo, na tentativa de orientar os futuros profissionais da educação nos fundamentos teóricos metodológicos e diálogo sobre o tema com o objeto de amenizar o preconceito e a forma deturpada, na maioria das vezes expostas pela sociedade.



Agradecimentos

A todas as pessoas e instituições que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta ação. Às orientadoras, professoras Silene Arcanja Franco, Jacimara Santana e Dirceu do Socorro, entre outros colaboradores experientes com a temática, que fazem partes do grupo Malungo. Agradecimentos a professora Silene Arcanja Franco, pela orientação, apoio na elaboração deste trabalho, agradeço aos participantes do curso de extensão e o grupo Malungo por proporcionar a troca de conhecimentos no processo de formação profissional e ao Programa de Ações Afirmativas – PROAF pela iniciativa em apoiar este tipo de ação dentro da Universidade.

Referências

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, 8ª edição.

FRANCO, Silene Arcanja. AUÔ: Segredo de Mulheres Parteiras – Trajetórias históricas, vivências religiosas e práticas de curas de mulheres parteiras – Salvador e Lauro de Freitas. Dissertação DCH - V: T. 111

LANDES, Ruth A Cidade das Mulheres: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva / UM Olhar Sobre a Festa da Marujada em Jacobina. Dissertação DCH –V SAJ: T.059 .

SANTOS, Edmar Ferreira. O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia /Edmar Ferreira Santos. - Salvador: EDUFBA, 2009.209 p

SOARES, Cecília Conceição Moreira. Encontros, desencontros e (re) encontros da identidade religiosa de matriz africana: a história de Cecília do Bonocô Onã Sabagi. (Tese de doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

PEREIRA, Dirceu do Socorro / A Vivência entre o Dendê e o Pão Nosso: práticas afro-católicas na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos Salvador – Ba. Dissertação DCH –V: T.093-

Querino, Manoel. Costumes africanos no Brasil. Salvador: EDUNEB,2010. 330p. – (Coleção Nordestina).



POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UNEB E A PERMANÊNCIA SIMBÓLICA E MATERIAL DOS ESTUDANTES COTISTAS

Diego Conceição Miranda; Cleber Julião Lázaro Costa

Universidade do Estado da Bahia. dicmiranda1@gmail.com, cleber.juliao@gmail.com

Palavras-Chave: Ações Afirmativas, Estudante Cotista, Ensino Superior, Afiliação, Permanência Estudantil, Permanência Simbólica.

Introdução

O ponto inicial das cotas nas universidades brasileiras se deu pelo pioneirismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado da Bahia, onde nessas instituições, foi estipulado que boa parte das vagas disponibilizadas em cada curso devessem ser direcionadas e reservadas para estudantes negros de baixa renda.

Contudo, a UNEB se destaca nesse aspecto pois nela, a decisão de implementação das cotas se deu de maneira autônoma através de uma decisão unânime do Conselho Universitário, durante a gestão da primeira Reitora negra do Brasil. Tudo isso em meio a um contexto acadêmico extremamente segregacionista e fechado para o público alvo das cotas. Período também quando, nas outras universidades, a luta pela mesma adesão de sistema de cotas ainda estava em pauta.

Todavia, apenas incluir estudantes negros e indígenas de baixa renda no seu corpo discente não sana as demandas e dificuldades historicamente enfrentadas por esses grupos sociais. No tocante à UNEB, Santos (2009) aponta que no caso desta, seu modelo multicampi demanda de uma atenção muito mais meticulosa no que se refere à permanência dos cotistas, haja vista que, estando presente em todo território baiano, as demandas por parte dos estudantes acabam sendo mais diversas, indo para além das dificuldades financeiras, mostrando que as políticas de assistência estudantil são de extrema importância para a permanência dos discentes cotistas na UNEB.

Neste sentido Santos (2009) anota que para além das necessidades materiais, a permanência desses estudantes perpassa, sobretudo, por questões simbólicas relacionadas com afiliação, pertencimento e principalmente aprendizagem, quando, segundo Coulon (2008), em um contexto de desigualdade social, o conhecimento e os processos de pertencimento e permanência se dão de maneira também desiguais, principalmente no ensino superior. Em síntese, a autora notabiliza para se pensar as necessidades que perpassam pela permanência simbólica desses estudantes, devendo se pensar tais políticas como dever da instituição no intuito de minimizar as desigualdades enfrentadas por esses discentes.

Assim, torna-se relevante analisar o contexto das políticas de permanência estudantil desenvolvidas no seio da Universidade do Estado da Bahia, bem como qual o papel delas na vivência dos estudantes cotistas.

Metodologia

O presente trabalho se refere à primeira etapa da pesquisa acerca da construção de identidade dos estudantes cotistas em relação as ações afirmativas promovidas pela UNEB. Esta etapa se propôs a analisar as políticas de permanência simbólicas e materiais existentes na Universidade do Estado da Bahia, bem como a sua relação com os estudantes cotistas. Para tal feito, foi realizada a aplicação de um questionário semiestruturado em 05 estudantes de cada um dos cursos de Farmácia e Psicologia,

totalizando 10 sujeitos (40% da amostra total da pesquisa). A escolha dos cursos em diversas áreas do conhecimento teve como objetivo reconhecer a peculiaridade e as diferentes dificuldades que cada cotista vivencia em seu respectivo curso. Todos os itens do questionário foram criados em relação aos conceitos abordados na revisão de literatura, buscando-se adquirir respostas que pautassem a vivência dos estudantes para que se fosse possível investigar as mudanças comportamentais e subjetivas frente às experiências acadêmicas. Nesta etapa, foram analisadas apenas os itens de respostas fechadas e quantitativas de uma parte da amostra.

As questões foram organizadas em eixos temáticos, constituídos por: (1) momento anterior às cotas; (2) momento de inserção/aprovação no vestibular; (3) dificuldades financeiras; (4) dificuldades pedagógicas; (5) representatividade; (6) acesso à saúde; (7) afetividade intergrupal; e (8) ser cotista na UNEB, quando cada eixo busca explorar diferentes perspectivas da experiência acadêmica dos estudantes. A análise das respostas terá sempre como referência a revisão de literatura, da qual será evidenciada a opinião, as vivências, os comportamentos, as leituras dos estudantes acerca de si mesmo, além das mudanças de pensamento e concepção que se apresentarem relacionadas ao contexto universitário. Nomes fictícios de origem angolenses foram atribuídos aos sujeitos como forma de preservar suas identidades.

Resultados e Discussões

Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada entre os dias 10 de abril e 04 de maio de 2018, por meio de um questionário semiestruturado aplicado online, sendo apenas um deles impresso e respondido a manuscrito.

Questionário

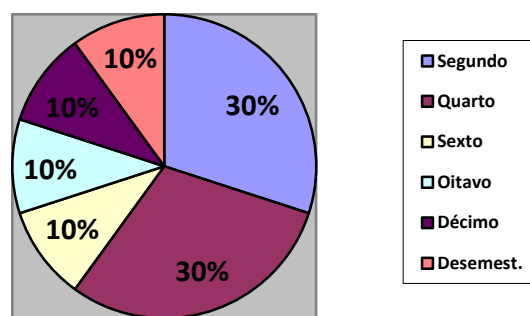
Deste modo foram organizados os itens do questionário, segundo um agrupamento teórico acerca da temática analisada. O questionário online disponibilizado em arquivo *word* para os participantes continha a

funcionalidade de selecionar a alternativa desejada e comportava campos de textos onde era possível a escrita das respostas abertas

Participantes

Foram totalizados 10 estudantes cotistas participantes desta etapa do questionário, compondo 40% da amostra total da pesquisa. A maioria dos participantes são jovens, sendo a média de idade 22,3 anos (DP=2,36) do gênero feminino e dos semestres iniciais do curso.

Gráfico 1 – Porcentagem dos semestres da amostra



FONTE: Pesquisa do autor

Momento anterior às cotas

Os itens desta categoria buscaram analisar a concepção anterior e atual sobre as cotas, do qual se pode evidenciar a concepção que os cotistas têm sobre as cotas. No que se refere aos resultados das questões 01 e 02, percebeu-se uma prevalência na concepção do que seriam as cotas, bem como seu público alvo, em geral, a maioria entende a sua importância política e social, tendo consciência de que as cotas possuem um caráter de reparação social.

Entretanto, nessas mesmas duas questões, percebeu-se que tal concepção está ligada ao contato dessas discussões nos ambientes sociais dos quais esses estudantes vivenciaram, escolhendo a alternativa “D (Outros)”, 20% dos cotistas relataram que não tiveram acesso às informações necessárias para o real entendimento da importância ou significado das cotas, fazendo com que estes optassem por elas apenas por indicação ou por considerarem este um jeito



mais fácil de adentrar no espaço universitário.

No que se refere à promoção dessas discussões, os resultados evidenciaram que 0% obtiveram incentivo ou participação da escola na escolha das cotas como modalidade de ingresso, mostrando que as escolas públicas ainda desenvolvem poucas políticas que auxiliem no entendimento ou motivação desses estudantes a optarem as cotas como direito desses estudantes.

Esse contexto é analisado por Lemos (2015) em seu trabalho ao pesquisar a trajetória dos estudantes cotistas, para a autora, o contato com essas discussões antes da entrada na universidade é de suma importância para a construção do auto conceito de ser cotista, repercutindo na sua vivência e construção identitária, sendo a família e a escola como principais meios dos quais esses estudantes obtêm essas informações. A ênfase dessas discussões na escola deve ser sustentada na medida em que a esse ambiente se propõe a formar os futuros estudantes universitários, principalmente cotistas.

Momento de inserção/aprovação

Ao buscar um panorama geral das dificuldades enfrentadas pelos estudantes, as respostas nessa categoria se apresentaram os resultados mais dispersos do questionário, evidenciando que inúmeras dificuldades surgem na vida universitária, fazendo com que cada contexto apresente dificuldades específicas.

Tabela 1 - Questão nº5: Quais são as suas maiores dificuldades em ser estudante cotista na UNEB?

Itens	Porcentagem
A - Dificuldades financeiras.	40%
B - Convivência com não cotistas e/ou professores.	10%
C - Desempenho acadêmico.	30%
D - Preconceito.	0%
E - Outro	20%
TOTAL:	100%

FONTE: Pesquisa do autor

No tocante ao pertencimento, ficou evidente as dificuldades de afiliação que se

inicia logo após a provação deste no vestibular, onde surge o medo do preconceito vinculado a representação social do cotista, como podemos ver na fala de Raila.

Me sentia diferente dos meus colegas, quando a lista de aprovados é lançada, ela divulga quem é cotista e quem não é, eu achava que seria julgada o tempo inteiro pois todos sabiam. (Raila, estudante de Psicologia).

Poucas discussões no âmbito social, como evidenciado nos itens anteriores, dificultam ainda mais a aproximação dos cotistas com o espaço universitário, pois intensifica o medo de vivenciar discriminação.

A primeira semana é de adaptação, reconhecimento de espaço, esse tipo de reflexão não passou por minha cabeça, situações posteriores a esse período durante o curso me fizeram refletir o que é ser cotista na universidade pública, posso dizer que é um privilégio estar nesse espaço; porém me incomoda muito ouvir alguns colegas e professores, repetirem discursos sobre meritocracia e como as cotas contribui para discriminação. (Balbina, estudante de Farmácia).

A cobrança por ser cotista em um ambiente que diz valorizar a meritocracia aliada à falta de capital cultural pela vivência na escola pública norteia a experiência desses estudantes. Para além do preconceito que alguns sofrem, todos esses demarcadores sempre estão presentes nas falas.

[...] Hoje me sinto pertencida, principalmente por perceber que não estou sozinha nessa e que muitos outros estudantes da minha turma e de outras, sentem as mesmas coisas e em diversos momentos se apoiam. (Nataniela, estudante de Psicologia).

[...] me reconheço fazendo parte da universidade e atuante no meu curso de escolha através do diretório acadêmico; todo esse processo se deu a partir de reflexões sobre qual seria o meu papel como estudante cotista,



como extrair desse lugar de formação conhecimento suficiente para além de ser uma profissional de excelência dá uma devolutiva à sociedade. Além de reconhecer a universidade o ensino como meu local de direito (Balbina, estudante de Farmácia).

Nas falas acima, é perceptível como se dá o processo de afiliação, do qual não apenas o ambiente é diferente mas as pessoas que fazem parte dele. Apresenta-se com certa notoriedade que esta afiliação acontece na medida em que o estudante busca articulação em determinadas atividades como movimentos estudantis e encontra seus semelhantes. Mesmo sendo minoria, a aprendizagem do ofício de estudante, assim como aponta Coulon (2008), está ligada ao sentimento de pertencimento, que por sua vez, no caso dos entrevistados, está ligado à convivência com estudantes que compartilham das mesmas questões.

Dificuldades pedagógicas

No que diz respeito às questões das dificuldades pedagógicas, evidenciou-se que a maioria dos participantes relataram apresentar dificuldades em determinadas disciplinas, entretanto, tal dificuldade em 40% (n=4) dos sujeitos se apresentou relacionada à origem deficitária do ensino público básico e médio.

Frente a tais dificuldades, ao selecionarem as alternativas “A” e “B”, 100% (n=10) da amostra responderam desenvolver atividades informais para contornar esses empecilhos que ora enfrentam ao longo do curso.

Quando perguntados sobre um possível programa institucional que auxiliasse em uma ocasional dificuldade, um total de 70% (n=7) informaram que necessariam essa política, sendo desses, 40% (n=4) necessária e considera essa uma política intrínseca a sua qualidade e desempenho na graduação, e os outros 30% (n=3) acham mais importante principalmente por serem cotistas oriundos do ensino público, estando essa política relacionada com um dever da universidade. No contraponto, 30% (n=3) demonstraram

uma impossibilidade de acessar por falta de tempo, relatando até mesmo uma possível piora em seu desempenho por conta de uma demanda extra. No tocante à política da UNEB, nenhum participante (n=0) relatou utilizar os serviços desenvolvidos pela PRAES.

A respeito da experiência com essa política, Ferreira (2015) analisa o Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes (PIAPE) da UFSC, do qual concluiu que o programa pedagógico foi de extrema importância para a permanência do estudante cotista na universidade, haja vista que estes estudantes vieram de um ensino deficitário e demanda de uma dedicação dupla para obter um bom desempenho. Ainda no tocante a temática, Coulon (2008) ratifica que essa é uma realidade no ensino superior em qualquer país que vivencie desigualdades sociais, o conhecimento e aprendizagem na universidade nesses casos se dá de forma também desigual, fazendo com que quem tenha melhor base sociocultural tenha uma melhor afiliação ao espaço e ao conteúdo trabalhado nas matérias.

Deste modo, o Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes da UFSC oferece cursos introdutórios de matérias onde os estudantes geralmente enfrentam mais dificuldades, assumindo assim, sua responsabilidade frente as desigualdades vivenciadas diariamente por seus discentes. Ferreira (2015) ainda evidencia que o então programa conseguiu reduzir o índice de evasão nos cursos de graduação, proporcionando uma maior afiliação institucional por parte destes estudantes. No tocante a possível falta de tempo trazida por alguns sujeitos na amostra, o PIAPE reorganiza os cursos antes do início do semestre, para que ele não concorra com as matérias da grade curricular, preparando muito antes os estudantes para a vida acadêmica.

A emergência de apoio neste âmbito é nítida ao analisar as respostas do item nº19, quando se pergunta acerca dos momentos em que a vivência na universidade os faz lembrar que são cotistas, majoritariamente, as respostas



norteiam a vinda do colégio público, bem como as dificuldades enfrentadas ao longo do curso, que se diferenciam dos demais estudantes.

No momento que percebo a diferencia da minha situação financeira ou falta de conhecimento prévio, em relação ao meu ensino na rede pública. (Milja, estudante de Farmácia).

Na maioria das vezes em sala de aula, quando percebo o quanto meu desempenho é diferente da maioria dos meus colegas. (Nataniela, estudante de Psicologia).

Acho que nos momentos em que encontro dificuldades mediante aos meus colegas que vieram de escolas boas e tem uma boa preparação. (Melodi, estudante de Farmácia).

Ficando assim evidente, que o desempenho e a aquisição do conhecimento, podendo até se pensar no sucesso profissional, se dão de forma desigual dentro das salas de aula, na medida em que a instituição permite que esta continue existindo.

Dificuldades financeiras

Sendo a dificuldade mais explorada na revisão de literatura, estando muitas vezes relacionada de forma direta com a permanência desses estudantes, 40% (n=40) relataram receber apoio institucional, 30% (n=3) disseram receber apoio dos pais, 20% (n=2) buscam formas informais de remuneração e apenas 10% (n=1) se utilizam das atividades acadêmicas remuneradas.

Faz-se interessante a grande importância da família no apoio financeiro e permanência desses estudantes, contexto evidenciado por Barros (2015), quando mais especificamente a mãe, participa diretamente deste apoio financeiro familiar.

Em meio a tais dificuldades, os sentimentos dos estudantes caminham para uma compreensão de uma conjuntura social (70%, n=7), possivelmente associados a participações de discussões acerca do tema. Mas ainda 30% (n=3) se sentem

constrangidos por tais dificuldades, principalmente no convívio com estudantes que possuem condições financeiras totalmente distintas. Os participantes relataram que um possível apoio institucional durante todo o curso possibilitaria mais tempo para se dedicar às atividades acadêmicas (70%, n=7), e os outros evidenciaram a possibilidade de investirem em materiais profissionais e importantes para seu curso (30%, n=3). Deste modo, um apoio integral ao longo do curso está inteiramente ligado à qualidade do ensino e da formação profissional desses estudantes.

No apoio alimentar, mais especificamente o Restaurante Universitário, as perguntas variaram, como mostra a Tabela 2:

Tabela 2 - Questão nº13: Em relação ao Restaurante Universitário, você acha que sua vivência acadêmica seria diferente se tivesse acesso a um?

Itens	Porcentagem
A - Muito diferente, passaria mais tempo na universidade.	20%
B - Teria mais bem estar para realizar as atividades acadêmicas.	60%
C - Não acho que mudaria muita coisa na minha graduação.	0%
D - Ajudaria financeiramente nas despesas com alimentação.	20%
E - Outro	
TOTAL	100%

FONTE: Pesquisa do autor

A maior concentração das respostas se relaciona com a saúde (possivelmente mental e física) dos estudantes. Em seu estudo, Perez (2015) evidenciou a importância da implementação do restaurante universitário na saúde dos estudantes, especificamente os de baixa renda, podendo ter uma dieta mais saudável e reduzindo os custos de alimentação.

Ainda no contexto da saúde do estudante, a questão nº17 evidenciou que a maioria (70%, n=7) apenas utiliza o SUS como assistência



de saúde; dos que utilizam o serviço médico da UNEB, todos ainda dependem do SUS para obter acesso aos serviços de saúde, podendo problematizar o alcance do apoio médico da universidade, bem como a divulgação de seus serviços.

Ao analisar as variáveis que implicam no acesso a saúde na população brasileira, Mambrini (2009) aponta que inúmeros aspectos como idade, gênero, raça, local de moradia e renda familiar influenciam na obtenção dos serviços básicos de saúde, principalmente pela desigualdade social presente na distribuição e acesso dos serviços de saúde, fazendo com que pessoas de baixa renda tenham uma maior vulnerabilidade.

Afetividade intergrupais/Ser cotista na UNEB

Nesta categoria, ao serem questionados acerca da prevalência de cotistas ou não cotistas em seu ciclo de amigos na universidade, foi-se evidenciado que a maioria dos participantes tem, majoritariamente, outros estudantes cotistas em seu ciclo de amigos, sendo eles 60% (n=6), afirmando que costumam se relacionar em sua maioria com os cotistas. Do restante, 20% (n=2) responderam o oposto, sendo a maioria de seus amigos não cotistas, e os outros 20% (n=2) disseram nunca ter reparado nessa questão.

A outra pergunta se referiu à possibilidade de constar em seus diplomas universitários a identificação de terem adentrado na universidade pelo sistema de cotas, como mostra o Gráfico 3, apenas 30% (n=3) dos participantes concordaram e acharam importante tal medida, possivelmente pelo caráter político e identitário que essa medida teria. Entretanto, a grande maioria dos participantes, 50% (n=5), mostraram não achar algo tão relevante, sem concordar ou discordar, e 20% (n=2) discorda totalmente, não achando uma boa medida, principalmente por possivelmente essa informação prejudica-los em uma futura seleção de emprego.

Tabela 3 - Questão nº21: Você concordaria com a possibilidade de em seu

diploma constar a sua condição de aluno cotista?

Itens	Porcentagem
A - Concordo, acho que seria importante.	30%
B - Não concordo, pois penso que isso poderia influenciar em uma seleção de emprego.	20%
C - Nem concordo, nem discordo.	50 %
D - Não concordo, não acho que seria tão importante.	0%
E – Outro	0%
TOTAL	100%

FONTE: Pesquisa do autor

Com ambas as informações acerca de seus ciclos afetivos e uma possível nomeação institucional enquanto cotistas, levantaram-se questões acerca da construção identitária desses estudantes. Paulo (2014) ao analisar as relações intergrupais em estudantes negros, evidenciou que as aproximações grupais geralmente têm como base algo que os indivíduos tenham em comum (comunhão) ou em ordens, geralmente prezando o funcionamento social (autoridade). Deste modo, os discentes participantes da pesquisa expuseram que de fato existe uma aproximação entre os cotistas, e que essa proximidade está totalmente atrelada a um compartilhamento mútuo dos mesmos contextos sociais, apresentando uma comunhão da qual esses estudantes se aproximam na medida em que se identificam com as mesmas dificuldades e/ou questões sociais.

Entretanto, não foi evidenciado uma forte presença de identidade social ou auto categorização, estando a identidade de ser cotista atrelada majoritariamente em suas dificuldades socioeconômicas e falta de assistência estudantil. Assim, como trazido por Santos (2009), ao analisar o conceito de movimentos heréticos de Bourdieu, , esses estudantes cotistas, em sua maioria, vão buscar “parecer o menos cotista possível” (Santos, 2009, p.77), principalmente quando sua identidade ainda está atrelada a



elementos pejorativos ou de baixa atenção por parte da universidade, proporcionando uma invisibilidade.

As necessidades

No tocante ao que eles desejariam que tivesse na UNEB, podemos listar que para além da ampliação de bolsas, existe uma demanda de atendimento psicológico; mais debate acerca das cotas; cotas nas seleções de pesquisa e monitoria; inclusão das temáticas vivenciadas pela população mais marginalizada nas disciplinas, bem como atividades referentes a cultura negra.

Fica evidente que as necessidades majoritariamente ultrapassam as puramente financeiras, estando elas diretamente ligadas à afiliação institucional, com mais visibilidade dos grupos étnico raciais e mais apoio institucional que vise o controle das desigualdades existentes ao longo do curso, como, por exemplo, na seleção de participantes de pesquisa e monitoria pelos professores, que segundo Raila, estudante de Psicologia, é feita por pura meritocracia e com base em perfis pré-determinados pelos professores, fazendo com que a maiorias dos selecionados não sejam os cotistas.

Conclusões

A inserção de estudantes negros por meio das cotas constroi novos espaços sociais onde se torna possível a formação de novas identidades e novas vivências, sendo elas de preconceito, superação, dificuldades e autoconhecimento. É papel da universidade fornecer autonomia tanto intelectual quanto financeira para que esses estudantes possam concluir seus cursos e possam adentrar no mercado de trabalho, e por resultado, modificarem suas realidades socioeconômicas.

Além disso, as ações afirmativas em formato de permanência estudantil são indispensáveis para a emancipação e ascensão social desses estudantes, visto que o simples fato de adentrar no espaço universitário não sana as interferências do racismo institucional vivenciado diariamente pelos estudantes.

A universidade, bem como seus projetos de assistência e permanência, devem se voltar

para analisar e identificar as necessidades desses estudantes para além das dificuldades financeiras, se atentando aos processos psicossociais implicados na vivência de ser estudante cotista, sobretudo pela sua condição socioeconômica, da qual tende a proporcionar a estes condições desiguais de aprendizagem, afiliação, reconhecimento, sucesso profissional e até mesmo bem estar biopsicossocial.

Apesar de existirem no âmbito da UNEB, as políticas que vão além do apoio financeiro, são pouco disseminadas entre os estudantes cotistas. Ao analisar a baixa adesão delas, podemos supor que essas políticas mais amplas são pouco divulgadas ou apresentam baixo quantitativo de vagas, fazendo com que alguns nem sequer a busquem.

A noção acerca de seus direitos está presente na fala da maioria dos estudantes, mostrando que para eles, tais políticas são de extrema importância para sua permanência na universidade, bem como se configuram como a continuação de uma reparação histórica aos grupos socialmente marginalizados.

Deste modo, é dever da universidade construir espaços onde a diversidade possa estar presente e de maneira que todos possam se desenvolver tanto pessoalmente quanto profissionalmente, contribuindo para as mudanças sociais e o progresso nas relações étnico raciais no país.

Referências

Anuário UNEB em Dados: 2017 - Base 2016 / Universidade do Estado da Bahia. – Salvador: EDUNEB, 2017.

BARROS, Antoniel Pinheiro de. PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA E DIREITOS HUMANOS: um olhar sobre as políticas de permanência estudantil na continuidade da vida acadêmica na UNEB. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015..

COULON, Alain. A Condição do Estudante: A entrada na vida universitária. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos, Sonia Maria



- Rocha Sampaio. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. 278p
- FONAPRACE, Plano Nacional de Assistência Estudantil, 2007.
- FERREIRA, Ivanilde de Jesus dos Santos. O Programa Institucional De Apoio Pedagógico Aos Estudantes Na Universidade Federal De Santa Catarina: Um Olhar Sobre Suas Contribuições À Permanência De Cotistas Negros. 2015. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. Afro-descendente: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004. 188p. ISBN 8528301923(Educa.)(broch).
- GOVERNO DA BAHIA. Diário oficial. Disponível em: <<http://estudantes.educacao.ba.gov.br/sites/default/files/private/midiатеca/documentos/2017/lei-do-auxilio-permanencia.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.
- LASER. Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil 2009-2010.
- LEMONS, Isabele Batista de. COTAS RACIAIS NA UFPA: as percepções de estudantes cotistas sobre suas trajetórias acadêmicas. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- MATTOS, W. R.; MATTOS, I. G. ; SILVA, C. R. ; PENA, P. C. A. ; FIGUEIREDO, O. V. A. As Ações Afirmativas e a Universidade do Estado da Bahia: uma cultura universitária inovadora. Universidade e Sociedade (Brasília), v. 46, p. 78-91, 2010.
- PAULO, James Octávio da Silva. AMEAÇA DE ESTEREÓTIPO: EFEITOS DA IDENTIDADE RACIAL, PERCEÇÃO INTERGRUPAL E SEXO. 2014. 40 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014.
- PEREZ, Patrícia Maria Périco. Impacto da implementação do Restaurante Universitário na alimentação de estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Nutrição, Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- SANTOS, Dyane Brito Reis. PARA ALÉM DAS COTAS: A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGROS NO ENSINO SUPERIOR COMO POLÍTICA DE AÇÃO AFIRMATIVA. 2009. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- SANTOS, Maria Cristina Elyote Marques. SOU COTISTA, E AGORA?: Uma análise das condições de permanência numa universidade multicampi. 2009. 360 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.
- SILVA, Patrícia da. Expressões do preconceito racial e do racismo no contexto da política de cotas raciais: a influência das normas sociais e da identidade social. 2014. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- SMPIR. Igualdade Racial em São Paulo: Avanços e Desafios. 2015.



ENTRE PALAVRAS, ATOS E OMISSÕES: EMPODERAMENTO DE ESTUDANTES COTISTAS NO CAMPUS X.

Edson Santos da Conceição; Gean Paulo Gonçalves Santana

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Departamento de Educação – Campus X - edsonn693@gmail.com.
fratergean@yahoo.com.br.

Palavras-Chave: Trânsito social; Empoderamento; Cotista; Políticas afirmativas.

Introdução

O histórico dos afrodescendentes é permeado por segregações espaciais e sociais e, ao longo do processo de formação social, o traçado fronteiriço étnico-cultural no interior do Brasil/nação, configurou “um sistema disfarçadamente hierarquizado pela cor e onde a cor passou a instruir níveis de acesso, principalmente à escola e à compreensão do valor da terra, passou mesmo a ser valor ‘embutido’ no ‘negócio’” (LEITE, 2000, p.335). Para Ilka Boaventura Leite (2000), os processos históricos de expropriação e segregação reforçaram a desigualdade, de modo a se identificar, na atualidade, quais foram os ganhadores e os perdedores e quem, arbitrariamente, não raro, com violência física e simbólica, exerceu e controlou regras que definem os direitos de acesso aos bens materiais e simbólicos (SANTANA, 2014).

Metodologia

A pesquisa que originou este artigo diz respeito ao subprojeto Entre Palavras, Atos e Omissões: Empoderamento de Estudantes Cotistas no Campus X. ao qual se deteve aos Colegiados de História, Pedagogia, Letras Língua Portuguesa e Literaturas e Ciências Biológicas, buscando identificar e registrar as ações em seus Projetos de Cursos, por eles promovidas de acordo com as leis 10.693/03 e 11.645/08.

Com objetivo de: (i) Identificar e registrar as ações promovidas pelos referidos Colegiados, no que indiciam uma educação antirracista, para além do componente História e Cultura Afro-brasileira e Indígena; (ii) Verificar no Projeto de Curso como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 foram

incorporadas a dinâmica do Curso, cujo fio condutor é a licenciatura; (iii) Construir banco de dados sobre trânsito e empoderamento de estudante cotista; (iv) Elaborar roteiro de documentário sobre estudantes cotistas do Campus X.

Realizamos uma revisão da literatura sobre o sistema de cotas raciais – conhecimento das leis que aportam as discussões e fundamentam as Políticas afirmativas, as leis 10.639/03, 11.645/08, 9.394, 12.711/12, dentre outras que tratam dos sistemas de cotas, para serem lidas e questionadas a cerca da sua aplicação, buscando aprofundamento e domínio sobre elas.

Desse modo, buscamos embasamentos e referências teóricas em artigos que discutem sobre o assunto, ao mesmo tempo os que dialogam a cerca do sistema de cotas e das leis 10.639/03, 11.645/08, fazendo um apanhado sobre suas criações e consequentes discussões sofridas no cenário acadêmico, político e social, sobre suas marcas e impressões deixadas à sociedade em geral e indagando o perfil dos beneficiados pelas Políticas de Ações Afirmativas a fim de enriquecer nosso conhecimento e ter propriedade sobre nosso tema e objeto de estudo.

Em posse dos conceitos e de conhecimentos sobre as referidas leis e os sistemas de cotas realizávamos apresentações em dias de encontros para o grupo da pesquisa, expondo o aprendido e alçando adquirir segurança para decorrentes apresentações. Passada a parte de operacionalização dos conceitos, nos debruçamos para darmos início a segunda e terceira etapas. Através de memorandos,



solicitamos aos referidos Colegiados permissão para acesso aos Projetos de Cursos e Planejamentos Anuais com o intuito de iniciar as análises. Todos os Colegiados deferiram nossa solicitação

Resultados e Discussões

Com a inserção do conteúdo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no sistema de ensino brasileiro, era de si esperar maior visibilidade e (re)conhecimento da contribuição histórica destes povos, contudo, em vista ao dito processo civilizatório europeu, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas, problematizada para, quiçá propiciar visibilidade a esses povos que há muito contribuem com seus conhecimentos do tempo vivido e do tempo contado, suas ancestralidades impressas na memória e nos corpos.

Vale lembrar que, especificamente, nos cursos de licenciatura, que tem uma perspectiva político-pedagógica na formação de professores, a inserção da obrigatoriedade quanto à história e cultura afro-brasileira e indígena, a partir da perspectiva mediadora entre a sociedade e a ciência, pauta perene do ensino superior, deveria potencializar as políticas afirmativas a fim de desmitificar a ideia de que a escravidão não é o passado remoto dos afro-brasileiros. Não obstante, considerando as lacunas estruturais do modelo educativo eurocêntrico, refletir sobre o campo político-pedagógico das lutas pelo direito a cidadania dos povos diaspóricos e indígenas e suas contribuições para a configuração do Estado brasileiro, no campo das ciências sociais, linguísticas, econômicas, culturais e religiosas, deveriam ser motrizes e matrizes para uma educação antirracista.

Tendo como espaço de pesquisa o Campus X, nos perguntamos quais mudanças ocorreram na elaboração dos projetos de cursos de licenciaturas, como respostas às leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Os resultados, em sua maioria, apresentam uma nervura pouco significativa, considerando o histórico afro-brasileiro e indígena de estudantes cotistas que transitam nos cursos de História, Pedagogia, Letras Língua

Portuguesa e Literaturas e Ciências Biológicas.

O Projeto de Curso do Colegiado de Ciências Biológicas, embora tenha sofrido reajustes por autorização do CONSEP para o ano de 2005, não existe referência à lei 10.639/2003 que já se encontrava em vigor, porém, há vagas para componentes de escolha livre com carga horária do 2º ao 7º semestre. E, quanto à disponibilidade das ofertas de componente, observamos que apenas em 2013.2 surge a oferta do componente “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Fica uma questão, quantas contribuições no campo das ciências biológicas o estudo sobre esses grupos étnicos e a sua devida e respeitosa inserção no currículo de formação de professores poderia agregar aos já impressos pela literatura temática? Muitos aspectos poderiam dispor sobre essa questão, seja a disponibilidade de um quadro docente compatível, seja em relação aos processos de formação de professores a nível lato e stricto sensu.

A leitura do Projeto de Curso de Pedagogia, na parte curricular, encontram-se disciplinas que fazem menção ao estudo da história afro-brasileira e Indígena em consideração a ambas as leis. A primeira refere-se ao Projeto antigo, que esteve em vigência até o ano de 2007. Nesse, o componente “Educação e Cultura Afro-Brasileira”, com uma carga horária de 60h, em atendimento à Lei 10.639/03 a seguinte ementa:

Discute sobre a educação anti-racista: contexto escolar e prática docente. Discriminação racial/educação: (re) pensando a identidade étnico-racial do/a educador/a e dos/as educandos/as. Políticas de Ação Afirmativa e a Lei 10.639/03. Material didático: valorização e resgate da história e cultura afro-brasileira, desconstruindo estereótipos. (Projeto Pedagógico, p.273, 2012).

A partir do ano 2008, agregando à sua matriz curricular redimensionada, o Projeto de Curso de Pedagogia redimensiona o



componente “Educação e Cultura Afro-Brasileira” para “Historia e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, como parte do núcleo de formação básica, oferecido no 3º semestre, conforme se observa página 305, do referido projeto e/ou na ementa:

Discriminação étnico-racial/educação: (re) pensando a identidade étnico-racial do (a) educador (a) e dos (as) educandos (as). Educação anti-racista: contexto escolar e prática docente. Políticas de Ação Afirmativa e Legislação específica. Análise e produção de material didático. Valorização e resgate da história e cultura afro-brasileira e indígena: desconstruindo estereótipos (Projeto de Curso de Pedagogia, p. 339, 2012).

Essas são referências às leis 10.639/03 e 11.645/08, no projeto do curso, prenunciam uma preocupação político-pedagógica quanto à formação dos egressos, mesmo que em atendimento a uma legalidade instituída, observa-se a importância do tema, para além da transversalidade, de modo a dar mesmo que de soslaio visibilidade aos grupos étnicos afros e indígenas. Ademais, observamos elaborações de TCC's com abordagem que dialogam com o componente.

Em Análise ao plano de Curso do Colegiado de Letras Língua Portuguesa e Literaturas foram encontradas diversas citações traduzidas como empenho do referido Curso em cumprimento das mencionadas leis. Inicialmente destacamos a oferta do componente curricular Língua e Cultura Indígenas, obrigatória, com carga horária de 45 horas em atendimento à lei 11.645/08. Ainda no Projeto de Curso encontramos os componentes curriculares “Literatura e Cultura Afro-brasileira”, ofertado a partir do ano de 2004, no sexto semestre, com carga horária de 60 horas, no eixo das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, após a reformulação no currículo. Além desses dois componentes curriculares encontramos “Língua e cultura africanas” e “Estudo da Literatura Africana” e “Contribuição Histórica do Português Brasileiro”.

Cabe destacar que houve controvérsias sobre o total de componentes curriculares que abordam a questão no Projeto de Curso, pois de conformidade com os planejamentos anuais dispostos pelo Colegiado as disciplinas “Língua e cultura africanas” e “Estudo da Literatura Africana” não foram ofertadas.

As ofertas dos componentes “Literatura e Cultura Afro-Brasileira”, “Língua e Cultura Indígenas” e “Constituição Histórica do Português Brasileiro” a partir do ano de 2004, que abordam o conteúdo proposto nas leis, não significa que se trata de respostas à obrigatoriedade legal, porque cabe a prerrogativa que alguns assuntos fazem parte do conteúdo do curso, haja vista, a questão indígena já era abordada bem antes de ser obrigatória. Desse modo, o exame feito ao planejamento do curso nos deu a compreensão do compromisso do Colegiado com a temática Indígena e Afro-brasileira e com processos políticos pedagógicos inseridos na realidade da microrregião ao qual se encontra.

O componente “Literatura e Cultura Afro-brasileira” conforme plano de curso estuda as relações entre a literatura e o processo de construção de identidade sociocultural, considerando textos escritos e outras manifestações culturais. Também, estuda textos de literatura de língua portuguesa que aborda a questão étnico racial, visando o resgate e a valorização do povo negro, assim como a sua contribuição para a formação da cultura brasileira. Mesmo que esse componente cartografa elementos importante quanto à aplicação da Lei, entendemos que a não oferta dos componentes “Língua e cultura africana” e “Estudos da literatura africana” deixa de trabalhar com algumas especificidades necessárias ao empoderamento dos estudantes quanto a história

e cultura africana e, por conseguinte, afro-brasileira.

Interessante observar que o componente “Contribuição Histórica do Português Brasileiro” traz reflexões sobre o processo de constituição do português do Brasil,



observando a contribuição das línguas indígenas e africanas e dos elementos históricos e culturais que o diferenciam do português europeu. Esse processo discursivo metodológico traz a baila do discurso elementos que, por vezes, ficam invisibilizados, quanto à formação e constituição da língua portuguesa, ou quando muito, apenas em destaque nos verbetes. Dá notoriedade de elementos linguísticos indígenas e africanos potencializa outros sistemas de empoderamento aos afro-indígenas de modo que esses se vejam representados.

As proposições do componente “Língua e Cultura indígena” aborda em seu ementário as manifestações culturais de povos indígenas do Brasil e, ao mesmo tempo, aspectos gramaticais e semânticos de uma de suas línguas, refletindo sobre a importância de se preservarem suas línguas e culturas como forma de promover o respeito e a consideração a esses povos.

O curso de história, cujo projeto de curso passa por reformulação a cada seis anos e neste ano ocorrerá a reformulação, tem a primeira abordagem à temática no “Eixo 1 – Conhecimentos Científico-Culturais”, que “estuda a população indígena, além

da questão da escravidão e a resistência negra e indígena”. Ainda tem os “Tópicos de História e Culturas Indígenas Contemporâneas”, baseado na lei 11.645/08, e de acordo com a Matriz Curricular, esse componente seria oferecido no 8º semestre. Esse componente enfoca o estudo das populações indígenas, o processo de colonização portuguesa e os diferentes conflitos sociais, econômicos, políticos, culturais e ideológicos, enfatizando a questão da escravidão e a resistência negra indígena.

Nessa área curricular, destacamos componentes que tratam das diferentes temporalidades da formação histórica do Brasil, a saber: Tópicos de História e Culturas Indígenas Contemporânea, que discute a participação desses sujeitos na história nacional, contribuindo para a formação básica nessa temática, tendo em vista a aplicação

da Lei 11.645/08. (Projeto de Curso de História, p.46, 2018).

Também encontramos no Projeto de Curso a descrição do componente “Introdução à História do Brasil”, ofertada no 1º semestre, o qual enfoca o estudo das populações indígenas, assunto referente à lei 11.645/08.

Outro componente que trata da questão indígena é a “História do Brasil na Bahia (Sécs. XVI-XVIII)”, ofertada ao 2º semestre. Neste, a ementa estuda a construção dos espaços político, administrativo, econômico, cultural e social da Bahia colonial, evidenciando as relações e conflitos da inserção da Bahia e Brasil no Antigo Sistema Colonial Português; observamos que não há referência ao assunto, mas no conteúdo programático há um ponto que atenta para a questão indígena.

Provavelmente, pelo fato de o curso de história estar relacionado com estudo de todos os povos no tempo e nos espaços, a questão indígena e africana necessariamente faria parte do seu conteúdo, como é o caso do componente “Tópicos de História e Culturas Indígenas Contemporâneas”, que, como já mencionado, esse tem por base a lei 11.645/08. Esse ato se repete nas disciplinas “Laboratório de Ensino de História II”, em “Tópicos Especiais de Estudo em África III”, sobre as quais também encontramos passagens nas referências às leis 10.639/03 e 11.645/08.

E relevante destacar que a maioria dos componentes curriculares que corroboram com as referidas leis são de Conhecimentos Científico-Culturais, enquanto dois são do eixo de formação docente, a exemplo, Estágio Curricular Supervisionado III e Laboratório de Ensino de História II.

Conclusões

Os resultados obtidos através das Políticas de Ações Afirmativas estabelecidas no Brasil, a fim de cumprir o tratado assinado em Durban, no ano de 2001, na África do Sul, significaram novas perspectivas de desenvolvimento para a população negra e indígena. Haja vista pela criação do sistema de cotas que possibilita o acesso ao ensino superior em maior número e busca



oportunizar a permanência dos povos de baixa renda e oriundo de escolas públicas no referido sistema de ensino. Além disso, ressaltamos a importância da criação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que visam o estudo dos povos africanos e indígena e expressam reconhecimento das lutas e contribuições desses para o desenvolvimento deste país.

Tanto o sistema de cotas quanto as referidas leis representam uma conquista aos direitos dos mencionados povos, entretanto não significam que a busca pelo devido acesso ao ensino superior já foi alcançada, pois, conforme encontramos nos projetos de curso analisados, existe aquele que não faz referência às leis. Logo percebemos que, embora haja a obrigatoriedade em atendê-las, essa não foi atendida. Por outro lado, observamos referências a elas no plano de curso na maioria dos projetos de curso de licenciatura analisados no Campus X. Notoriamente, é urgente pensar a construção/reflexão étnica-racial em todo o processo educativo, tornando-a sistêmica na configuração do currículo.

As análises dos Projetos de Curso das licenciaturas revelam indícios da história da educação no Brasil. Não obstante, percebem-se crises e tensões crônicas quanto às práticas pedagógicas, muitas vezes silenciadas, enrijecidas ou veladas. Do questionamento dessas práticas, surgem novos esquemas que, longe de consagrar procedimentos que privilegiavam estruturas e grupos detentores de poderes simbólicos, rompem círculos sociais, “guetos” acadêmicos. Mas, ainda se fazem necessárias políticas afirmativas, para que haja efetiva consciência nos posicionamentos político-pedagógicos que dêem direcionamento à problemática no cenário educacional, quase sempre revestido de aparente “neutralidade” nos espaços de interação pedagógica.

O avanço legal em torno das questões étnico raciais não minimizam as dificuldades observadas quanto às aplicações nos espaços educativos. Para além da instituição legal é importante implementar a seguridade da aplicação. Afinal, igualdade de oportunidade deve estar diretamente ligada a de condições,

caso contrário, torna-se mais um falácia como todas as outras observadas no histórico educacional brasileiro que utilizou-se dos recursos legais apenas “para inglês ver”. Isso porque, a descolonização do saber e do poder foi e ainda o é uma pauta tensa, sobretudo, se considerarmos o histórico educacional brasileiro fomentado por uma elite que, em sua trajetória sempre usufruiu de privilégios socioculturais e econômicos.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por tudo. Também sou agradecido ao professor, coordenador do projeto por ter me convidado para deste participar, agradeço pela sua grande paciência. Na oportunidade estendo essas palavras aos demais participantes do grupo SANKOFA e por fim, mas não por derradeiro, à UNEB, mas precisamente à PROAF pela criação deste programa de pesquisa que nos dá oportunidade de, através dela, continuarmos nossos estudos.

Referências

- Ciências Biológicas DEDC - **Campus Teixeira de Freitas**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/teixeiradefreitas/cursos/ciencias-biologicas/?post_id=3699. Acessado em: 20/09/2017.
- Departamento de Educação - DEDC - **Campus Teixeira de Freitas**. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/teixeiradefreitas/dedc/>. Acesso em: 15/05/2018.
- LEI, Nº. 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**, 2011.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas. Textos e Debates, Núcleo de estudos sobre identidade e relações interétnicas. **Florianópolis: UFSC**, nº7, 2000.
- Letras - Língua Portuguesa e Literaturas DEDC - **Campus Teixeira de Freitas**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/teixeiradefreitas/cursos/letras-lingua-portuguesa/?post_id=3699. Acessado em: 20/09/2017.



Pedagogia DEDC - **Campus Teixeira de Freitas**. Disponível em: <
https://portal.uneb.br/teixeiradefreitas/cursos/pedagogia/?post_id=3699. Acessado em:
20/09/2017.
SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. Entre o
dito e o não dito: Conflitos e tensões na

refundação territorial quilombola. Salvador:
UNEB, 2008. Dissertação (Mestrado em
Educação e Contemporaneidade),
Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
2008.



DIÁRIO DE UMA FAVELADA: DA LEITORA DA VIDA A VIDA DE LEITORA.

Elias José dos Santos Neto; Kárpio Márcio Siqueira

Universidade do Estado da Bahia. DCHT, Campus XII, Euclides da Cunha
eliasnetouneb@gmail.com; karpio_siqueira@yahoo.com.br

Palavras-Chaves: Leitura Escrita. Formação leitora. Carolina Maria de Jesus. Marginalização social.

Introdução

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* da escritora de literatura marginal Carolina Maria de Jesus apresenta em seu enredo um arcabouço literário autobiográfico. Esta obra pode ser encaminhada para diversas áreas de discussões e análises acadêmicas, pois se encontra em seu conteúdo temáticas sobre a desigualdade social até a importância do ato de ler e escrever no qual será o alicerce deste artigo.

Alguns críticos que estudam esta obra colocam em dúvida se o livro foi realmente escrito por Carolina Maria de Jesus, já que a mesma não frequentou assiduamente a escola, tendo cursado apenas as primeiras séries do antigo primário. Neste livro é possível conhecer a vida desta mulher que é submetida à exercer a profissão de catadora de lixo.

Nos diários de Carolina é perceptível à insatisfação que sente pela vida que leva na favela Canindé no Estado de São Paulo em que habita. Em alguns momentos ela narra com muitos detalhes às vivências e

desmandos sociais enfrentados pelos moradores desse lugar, bem como a politicagem desregrada das autoridades que se utilizam dos pobres para alcançar destaque social e político.

A partir do livro estudado surgem questionamentos: como uma mulher com pouca escolaridade tornou-se leitora e escritora? Qual a importância da leitura em sua vida? O que é a leitura?

Metodologia

Este artigo tecerá uma discussão bibliográfica com intuito de melhor entender as problemáticas envolvidas no processo de aquisição de leitura, bem como analisar como se deu a formação leitora de Carolina Maria de Jesus que é representatividade social e marginalizada. O artigo será dividido em duas seções, a primeira terá como foco a importância da leitura e a segunda refletirá a leitura como mecanismo de incentivo a formação humana e social, em especial, aos pertencentes às camadas marginalizadas. Vale salientar que este artigo é resultado de oficinas de leitura marginal que ministrei em uma escola de Ensino Fundamental II do município Monte Santo - Bahia, que tem por nome Instituto de Educação Monte Santo.

Resultados e Discussões

1. AS VEREDAS DA LEITURA

O termo leitura é comumente estudado nas academias, faz-se necessário conceituar o processo de leitura a partir da pressuposição de que ela seja uma construção de sentido que advém da interação entre o texto, o conhecimento do leitor e a conjuntura em que está inserido.

Nessa perspectiva nasce o conceito social de leitura, uma vez que por viver em uma sociedade letrada, os indivíduos se deparam com a necessidade de realizar atividades de leituras cotidianamente. Corroborando Martins escreve,

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber



ler e escreve, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres. (MARTINS, 2003, p. 22)

Dentro dessa linha de pensamento pode ser analisado que as pessoas que se dispõem a aprender a ler, tomam conhecimento das diversas veredas que o mundo da leitura pode proporcionar como também qualificar sua fala e escrita, além da construção de um pensamento crítico-reflexivo da realidade vivenciada, uma vez que resulta na formação social do leitor.

É imprescindível entender o processo pelo qual o ser humano passa para a aquisição da leitura, pois desde o nascimento, ele é conduzido a fazer leituras dos espaços aos quais está inserido, começa a ler seu lar juntamente com sua família, assim como a localidade onde mora e ler a si mesmo. Esse tipo de leitura pode ser denominada como leitura de mundo. Paulo Freire escreve,

Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, [...] que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. (FREIRE, 2011, p. 23-24)

Vale salientar que tal vereda de leitura é de grande contribuição a formação humana e social. Tendo em vista os processos de leitura partindo do contexto para o texto, entende-se que a alfabetização se perpetua nesse contato direto com as realidades, adentrar, sentir e refletir sobre tudo que o cerca, Freire (2011, p. 24) acrescenta, “[...] Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”.

A leitura é uma prática que aproxima e cria nexos entre o leitor e o mundo, espaço de criação e recriação. Permite-se a partir da

leitura construir e desconstruir textos, valores, visões, posicionamentos e ideologias, além da decodificação de palavras. No processo de leitura é fundamental elaborar uma espécie de investigação sobre o que está se lendo, identificar o momento em que o texto foi escrito, por quem foi redigido, para quem foi destinado e por que houve a produção, tendo em vista questionar o motivo de estar lendo e qual a sua contribuição para a sua formação leitora. Martins explica,

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. (MARTINS, 2003, p. 32-33)

Nesse contexto de leitura de mundo, nasce à leitora Carolina Maria de Jesus, que além de se debruçar lendo textos impressos, preocupa-se em refletir o meio em que vive, tornando-se uma mulher questionadora e politizada, ela atribuía uma leitura ampla das problemáticas sociais presentes nos espaços em que circulava.

Observa-se que muitas pessoas não buscam ampliar suas pesquisas acerca da leitura e suas consequências. Na realidade brasileira, alguns alunos frequentam a escola para não ficar em casa ou apenas porque os pais impõem, pois acreditam que a vida de seus filhos terá melhores oportunidades se possuírem um certificado de escolaridade. As classes populares entendem a leitura como um passaporte para um futuro que garante sobrevivência e estabilidade. Nesta perspectiva Soares constata,

Pesquisas já demonstram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (SOARES, 1995, p. 21).

Corroborando com a citação supracitada percebe-se que a leitura é de suma



importância para a valorização da cidadania, os indivíduos não leitores são excluídos da participação social, tendo conhecimento que muitas barreiras serão colocadas em sua trilha de vida, em virtude de não saberem ler e/ou escrever. Estão evidenciadas as diferentes ideias que são construídas sobre a leitura oriunda da classe social, enquanto as classes dominantes a caracterizam como sendo uma atividade prazerosa e de entretenimento, praticando-a com grande intensidade, as classes dominadas a considera como um caminho que possibilite ascensão social.

O processo de aquisição de leitura é muito estudado, alguns estudiosos apresentam o conceito de leitura em diversas vertentes, em muitos casos são estabelecidas estratégias para o ato de ler, bem como são criados objetivos para efetivação da leitura. Muitas vezes é perguntado; Por que alguém deve ler? Quais são os benefícios da leitura?

A leitura para acontecer efetivamente na vida de uma pessoa deve partir do pressuposto da interação, o leitor ler e acaba interagindo com texto e muitas vezes com a ideia proposta pelo autor, é imprescindível destacar que antes de adentrar na leitura de um texto o indivíduo precisa ter um conhecimento básico de decodificação do léxico, nesse sentido Solé apresenta,

[...] Nesta compreensão intervém tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas. (SOLÉ, 1998, p.23)

A autora apresenta com muita clareza o processo da formação leitora, uma vez que orienta que ao ler o texto, precisa além de decodificar a escrita, estabelecer uma espécie de diálogo com o mesmo, desta forma criam-se mecanismos de leitura que tende a transformar algo que por muitas vezes parecia ser cansativo em uma descoberta prazerosa, lembrando que o leitor deve apresentar aos textos lidos suas opiniões,

formações e informações que carrega na sua bagagem intelectual.

O grande problema que se encontra nos arcaicos modelos de ensinar a ler, parte do seguinte: o professor solicita aos alunos que leiam um texto com o objetivo de responder um questionário posterior, essa metodologia tende a formar um leitor vazio de reflexão e senso crítico, uma vez que, se o aluno introduzir ao questionário uma resposta advinda do seu conhecimento prévio ou vivências, a mesma será considerada “errada” pelo corpo docente.

É necessário entender que a leitura deve ser estabelecida para a compreensão e interação entre texto-autor-leitor, nessa linha de pensamento os leitores são construídos como agentes sócias ativos, os quais dialogam com os textos lidos e produzem uma diversidade de compreensões. Para melhor ilustrar essa ideia, Koch e Elias refletem,

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH E ELIAS, 2011, p.11, grifo do autor).

A partir dessa exposição pode-se compreender melhor como ocorre o processo de leitura. As autoras refletem que a leitura para se efetivar e abranger todos os envolvidos, precisa partir do pressuposto da comunicação. O autor se relaciona com texto e texto e autor, mesmo que invisivelmente mantém relações com o leitor, e este que ler é o responsável por acrescentar aos escritos às diversas formas e perspectivas de reflexão, o agente leitor tende a transformar o texto em ser vivo e atemporal, por meio das inferências que atribui ao mesmo.

2. O CICLO: DE FAVELADA, A LEITORA E ESCRITORA.

Carolina Maria de Jesus descreve em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma*



favelada que em meio a várias tarefas a realizar bem como muitas adversidades encontradas pelos moradores de Canindé, as horas vagas eram destinadas para descanso e atividades de lazer e distração, como conversar com vizinhos ou ouvir música, no entanto, para ela, seu tempo livre era recheado com a prática da escrita e leitura de todo o material recolhido em sua jornada de trabalho catando lixo.

Ser pobre, negra, mãe, solteira e, até mesmo, catadora de lixo, são rótulos comumente atribuídos aos moradores da favela de Canindé, mas Carolina possuía outros adjetivos que a destacavam entre a multidão: era leitora e escritora, mas isso não a fazia melhor aos olhos de seus vizinhos. “Aqui, todas impricam comigo. Dizem que eu falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2013, p. 22).

É perceptível o quanto a leitura e a escrita se fazem presentes de modo intrínseco no cotidiano de Carolina e como essas atividades são exercidas com a função de fuga da realidade ao mesmo tempo em que expressam as dificuldades e limitações vivenciadas por essa mulher que mesmo tendo passado por um curto período de escolarização tem o desejo insaciável de ler e escrever. “Tomei banho. Esqueitei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem”. (JESUS, 2013, p. 24)

A respeito do ofício de leitora, a protagonista é formada a partir das suas vivências e a todo tempo busca construir uma reflexão sobre a maneira pela qual os seres humanos são oprimidos socialmente. Nesse sentido Cuti aborda,

Quando alguém se põe a escrever, não é verdade que escreve para si mesmo. Já no ato da escrita, um leitor ideal vai se formando na mente do escritor, alguém que ele gostaria, intimamente, que lesse seu texto. [...] Isso ocorre porque, ainda que o ato da escrita seja solitário, na maioria das vezes ele ensaja o princípio de um grupo: o autor e o leitor. É um ato de comunicação. (CUTI, 2010, p. 28)

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914 e viveu em uma época em que a

desigualdade social e o desprezo governamental para com os pobres tornavam o povo negro uma parcela da população cada vez mais marginalizada e abandonada. Era para esses grupos que a autora direcionava sua escrita.

Outro fator histórico e social que deve ser analisado é a discrepância entre homens e mulheres: é incumbência das mulheres o papel de cuidadora do lar, cuidar das crianças, da organização da casa, da comida e ser submissa ao seu marido, enquanto o homem deve ir trabalhar fora e pagar as despesas.

Apesar de a mulher historicamente ocupar o espaço de subalterna, encontra-se em Carolina uma pessoa que rompe com os paradigmas sociais de silenciamento, ela reflete criticamente a realidade na qual está inserida, utilizando-se da sua leitura e escrita como voz ativa na sociedade. Spivak reflete, *Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.* (SPIVAK, 2010, p. 110).

Encontra-se em Carolina, uma ruptura na imagem da mulher subalterna, pois vê a escrita mais do que uma atividade de lazer, a percebe como uma necessidade inerente ao ser humano e por essa razão, escreve todos os dias a fim de produzir um livro com a sua rotina. Há tempos atrás, a dona de casa de classe média lia apenas por prazer e passatempo ou para ajudar os filhos na tarefa da escola, tendo o acervo literário resumido a romances e textos fictícios, como descreve Lyons,

A feminização do público leitor de romances parecia confirmar os preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência. Romances eram tidos como adequados para as mulheres por serem elas vistas como criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas. O romance era a antítese da literatura prática e instrutiva. (LYONS, 1999. p. 171).

Carolina não escolhia o que ia ler, apenas catava no lixo e lia, aproveitava todos os escritos que chegavam ao seu alcance e não se limitava a imaginar, além disso, problematizava e refletia sobre o que estava lendo. Não tinha tempo de frequentar a



escola, que abandonou na segunda série do antigo primário, mas não abandonou a fala de sua professora, dona Lanita, que de acordo com a própria autora, foi a responsável pelo seu grande amor à literatura,

Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, Dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade. (JESUS, 2013, p. 195)

Em virtude de não usufruir de condições socioeconômicas favoráveis para sua sobrevivência e de sua família, não era possível comprar livros, contudo, Carolina não pretendia desistir dos seus sonhos e não deixava de alimentar os incentivos necessários para sua formação leitora. Vale salientar que a sua biblioteca foi formada por todo o material escrito que encontrava no lixo. A personagem é um exemplo de leitora, pois a cada dia almejava ler com mais assiduidade e dessa leitura surgiria à escrita do seu livro. “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos”. (JESUS, 2013, p. 20)

Conclusões

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é um marco histórico, pois envolve questões sociais: fome, violência, pobreza, o prazer no ato de ler e escrever, como também apresenta uma evolução da subalterna, a mulher que teria tudo para se tornar marginal, dá um salto na história e se torna uma escritora nomeada. Carolina Maria de Jesus tem pouca escolaridade, mas mesmo assim escreveu sua autobiografia que foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas que possibilitou a transformação de simples diários em um referencial para estudos culturais e sociais.

Nesse sentido almeja-se que todos os alunos e professores sejam cativados por essa literatura marginal, sendo que ela está acessível em grande parcela das escolas públicas por determinação do MEC e que sua formação leitora e escritora estejam alicerçadas nas suas próprias vivências. O ato de ler e escrever deve partir do pressuposto do prazer e não da obrigatoriedade.

Agradecimentos

Primeiramente é necessário agradecer as energias e forças sobrenaturais pelo dom da vida e da luta constante por uma leitura significativa para os seres leitores. É indispensável honrar a participação no programa de ações afirmativas da UNEB, por meio desta política de iniciação científica consegue galgar no acréscimo do saber, criando novos nexos para o estudo e elaboração de trabalhos que visem a transformação humana e social.

Referências

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões de nossa época)
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Abril Educação, 2013.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.
- LYONS, Martyn. *Os novos leitores do século XIX:* mulheres, crianças, operários. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental 2.** São Paulo: Ática, 1999. (Coleção múltiplas escritas)
- MARTINS, Maria Helena: **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SOARES, Magda. *As Condições Sociais da Leitura.* IN: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995.
- SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998. Tradução: Cláudia Schilling.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa.



LOMBALGIA E CAPACIDADES FUNCIONAIS EM MARISQUEIRAS

Emanoela Gordiano Cunha; Roberto Rodrigues Bandeira Tosta Maciel

*Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências da Vida, Campus I, Salvador.
emanoelagordianocunha@gmail.com, rmaciel@uneb.br*

Palavras-Chave: *Lombalgia, atividade pesqueira, distúrbios musculoesqueléticos.*

Introdução

A coluna lombar e as extremidades superiores são as partes do corpo mais susceptíveis a desenvolver distúrbios musculoesqueléticos associados ao trabalho. Estudos apontam que a dor lombar é a mais importante causa de morbidade e incapacidade no mundo¹⁷.

A dor lombar pode ser caracterizada por um quadro de desconforto, fadiga ou rigidez muscular localizada no terço inferior da coluna vertebral^{3, 4}. A prevalência de lombalgia é estimada em cerca de 20% da população mundial, onde em um ano pode chegar até 50%,^{2, 9, 10, 12}, sendo que no Brasil é a segunda queixa mais frequente de saúde¹². Estudos mostram que entre 1992 e 2006, ocorreu aumento na dominância de lombalgia crônica⁸, resultando em problemas, psicológicos e sociais, podendo ocasionar incapacidades funcionais, depressão, isolamento social, ausência de trabalho e baixa produtividade no trabalho e consequentemente interferindo negativamente na qualidade de vida^{2, 3, 4}.

A etiologia da dor lombar não está claramente estabelecida, sendo que 90% de todos os casos de lombalgia são de natureza inespecífica devido aos múltiplos fatores de risco onde dentre esses fatores, destacam-se causas biomecânicas, características individuais e fatores ocupacionais, condicionamento físico, mobilidade da coluna e força muscular^{5, 6}. A maioria das lombalgias é constantemente relacionada a fatores mecânicos, como posições inadequadas, repetitivas, associados às deficiências musculares^{4, 6, 8, 10}, além de síndromes dolorosas³, como também fatores sociodemográficos, estado de saúde, estilo de

vida e ocupação podem estar envolvidos^{2, 6, 12}, Diversas categorias profissionais são consideradas de risco para o desenvolvimento dessas afecções. No entanto, a categoria de pescadoras artesanais/marisqueiras ainda vem sendo pouco pesquisada¹⁷.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura quanto ao entendimento das condições que envolvem o trabalho artesanal da pesca, e sua associação com distúrbios musculoesqueléticos em especial a lombalgia

Metodologia

Trata-se de uma revisão de literatura que buscou trabalhos relacionados ao tema nas bases de dados: Scielo, Pubmed, Scienc direct e google. Como critérios de inclusão, os estudos escolhidos deveriam preencher as seguintes condições: com informações sobre a carga física do trabalho e fatores psicossociais do trabalho, informações sobre distúrbios musculoesqueléticos desenvolvidos por questões trabalhistas podendo ser: estudo epidemiológico ou experimental; publicado em inglês, português ou espanhol.

Resultados e Discussões

Segundo a Organização Internacional do Trabalho a pesca artesanal é uma das atividades mais perigosas e desgastantes desenvolvidas pelo homem, portanto, as medidas de proteção social a esse segmento de trabalhadores, têm importância primordial¹⁶.

As atividades de pesca podem ser classificadas em artesanais e comerciais. A pesca artesanal é aquela em que os pescadores sozinhos ou em parcerias, participam diretamente da captura, usando



instrumentos relativamente simples. A remuneração é feita pelo sistema tradicional de divisão da produção em partes, sendo o produto destinado preponderantemente ao mercado¹³.

Freitas e Rodrigues, 2015 relata em seu trabalho que atrelada a essa ocupação, existem os riscos e agravos à saúde de seus trabalhadores devido aos fatores sociais, como a prolongada jornada de trabalho, as condições socioeconômicas desfavoráveis, o baixo nível de instrução e o fato de pertencerem a classes sociais mais baixas. Os principais agravos à saúde foram problemas músculo-esqueléticos pela atividade depender muito do trabalho braçal¹.

Fragoso RJ *et all.* 2018 buscou identificar a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos em pescadores do município de Coari-AM. Os pescadores foram submetidos a um trabalho

de avaliação de acordo com a lista de verificação Couto questionário que avalia a biomecânica

e os fatores de risco de distúrbios musculoesqueléticos do membro superior, 96,7% dos homens e 100% das mulheres foram classificados como de risco ou de alto risco para

distúrbios musculoesqueléticos, nesse estudo foi verificada uma correlação entre a classificação dos riscos para lesões musculoesqueléticas e os distúrbios apresentados pelos participantes durante o estudo¹⁵.

Em um estudo dinamarquês realizado por Kucera et al, em 2010 teve como objetivo determinar a associação entre a lombalgia trabalho de pesca limitado ou interrompido e estresse ergonômico na coluna lombar. A população incluiu pescadores comerciais licenciados de 18 a 65 anos de idade que pescavam em rios e mares com uma carga horária de pelo menos 20 horas por semana durante pelo menos seis meses do ano. No início do estudo, 61% relataram ter episódio de dor lombar nos últimos 12 meses e 24% experimentaram dor lombar que limitou ou interrompeu seu trabalho nos últimos 12

meses. E durante o acompanhamento, também 61% dos pescadores relataram 132 ocorrências de qualquer dor.

lombar desde a última visita e 26% dos pescadores relataram 40 ocorrências de dor lombar grave⁹.

No modelo proposto por Dahlgren e Whitehead¹³, os determinantes sociais da saúde configuram-se em níveis interdependentes que atuam direta e indiretamente sobre o processo saúde-doença de grupos e indivíduos. No nível mais externo estão o macrodeterminantes, ou condições socioeconômicas, culturais e ambientais; no nível subsequente, os determinantes intermediários, que são as condições de vida e de trabalho, representados pelo acesso aos serviços públicos, educação, habitação, saneamento, saúde, produção de alimentos, emprego e renda¹³.

Para Rios O A, et al, 2012 além do aspecto fundamental da subsistência humana, a pesca é uma atividade econômica importante, geradora de várias outras em terra, empregando uma grande quantidade de pessoas. Esses trabalhadores estão sujeitos a fatores de risco como radiação solar, frio, calor e excesso de umidade e agravos a sua saúde, sendo acometidos por lesões de pele, problemas musculoesqueléticos, alergias e outras¹⁴.

Tanto a pesca quanto a cata de crustáceos e moluscos ao longo da costa brasileira, realizadas por pessoas conhecidas como marisqueiros, podem ocasionar agravos à saúde desses trabalhadores. Essas pessoas estão envolvidas, além da cata, com o processamento manual ou automatizado de caranguejos, camarões, mexilhões, sendo normalmente exposta a vários constituintes dos frutos do mar. A manipulação direta e a aerolização de frutos do mar e do líquido de cozimento durante o processamento são potenciais situações ocupacionais que podem resultar em doenças para esses trabalhadores.¹⁴

Oliveira, M. M. F. F. G, 2012 visou verificar a prevalência de lombalgia em pescadores registrados na colônia de pescadores e aquicultores localizada no município de



Coremas Paraíba com uma amostra de 200 pescadores de ambos os sexos, onde o resultado mostrou que 149 (74,5%) dos 200 indivíduos entrevistados apresentaram lombalgia¹⁰.

Conclusões

A partir dos resultados encontrados nos estudos incluídos foi verificado que há uma correlação entre o trabalho braçal da pesca e distúrbios musculoesqueléticos em especial a lombalgia.

Agradecimentos

Agradeço ao programa AFIRMATIVA e ao professor Roberto Rodrigues Bandeira Tosta Maciel pela oportunidade de participar do projeto.

Referências

- 1- Freitas B M, Rodrigues A C S. Determinantes sociais da saúde no processo de trabalho da pesca artesanal na Baía de Sepetiba, estado do Rio de Janeiro. *Saúde Soc. São Paulo*, v.24, n.3, p.753-764, 2015.
- 2- Nascimento PRC, Costa LOP. Prevalência da dor lombar no Brasil: uma revisão sistemática. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(6), pp. 1141-1156. 2015.
- 3- Reinehr et al. Influência do treinamento de estabilização central sobre a dor e estabilidade lombar. *Fisioter. Mov.* 2008 jan/mar;21(1):123-129
- 4- Tacon et al. Avaliação da dor lombar correlacionada ao encurtamento dos isquiotibiais em docentes de uma instituição de Ensino Superior. *Rev Soc Bras Clin Med.* 2017 jan-mar;15(1):21-6
- 5- Cox M James. *Dor Lombar: Mecanismo, diagnóstico e tratamento.* Sexta edição. Manole. 2002
- 6- Brigano, J. U.; Macedo, C. de S. G. Análise da mobilidade lombar e influência da terapia manual e cinesioterapia na lombalgia. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina*, v. 26, n. 2, p. 75-82, jul./dez. 2005
- 7- Bussièrès et al. spinal manipulative therapy and other conservative treatments for low back pain: A Gadeline from the Canadian Chiropractic Gadeline Initiative. *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics* month, 2018.
- 8- Furtado et al. Dor lombar inespecífica em adultos jovens: fatores de risco associados. *Revista Brasileira de Reumatologia*. 2014; 54(5): 371–377
- 9- Kucera et al. Ergonomic risk factors for low back pain in North Carolina crab pot and gill net commercial fishermen. *Am J Ind Med.* Author manuscript; available in PMC 2010 April
- 10- Oliveira, M. M. F. F. G. de. Prevalência de lombalgia em pescadores do município de Coremas, Paraíba. 2012. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.
- 11- Malta et al. Fatores associados à dor nas costas crônica em adultos no Brasil. *Rev. Saúde Pública.* 2017 Jun 01;51(1).
- 12- Magalhães et al. Efetividade da atividade graduada versus fisioterapia em pacientes com dor lombar crônica inespecífica: resultados de acompanhamento em médio prazo de um teste controlado randomizado. *Brazilian Journal of Physical Therapy.* 2018;22(1):82---91.
- 13- Toscano et al. A influência do sedentarismo na prevalência de lombalgia. *Rev Bras Med Esporte[online]*. 2001, vol.7, n.4, pp.132-137. ISSN 1517-8692
- 14- Rosa MFM, Mattos OAU. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(Supl. 1):1543-1552, 2010.
- 15- Fragozo RJ et al. Musculoskeletal Disorders In Countryside Fishermen Of Amazonas-Brazil. *O Mundo da Saúde, São Paulo* - 2018;42(1):248-26
- 16- Clauzet, M. Ramires, M. Barrella, W. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. *MultiCiência, Campinas*, v. 4, p. 1-22, maio 2005.
- 17- Organização Internacional do Trabalho (OIT). Referente ao Trabalho da Pesca. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/content/referente-ao-trabalho-napesca>>. Acesso em 05/04/2018.
- 18- Couto MCBM. Prevalência e fatores associados à lombalgia em pescadoras artesanais / marisqueiras de Saubara- BA, Salvador, 2014.



QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: REFLEXÕES A PARTIR DOS GRUPOS DE EXPERIÊNCIAS E DE PRÁTICAS CURRICULARES

Jamara Santos Silva; Iris Verena Oliveira

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV.
jmmarasantos@gmail.com

Palavras-Chave: Grupo de experiência; Formação; Educação Quilombola.

Introdução

O presente trabalho é fruto da minha participação, como Bolsista do Programa Afirmativa/UNEB, no Projeto de Pesquisa e extensão “Experiência, formação e práticas curriculares em escolas quilombolas no Território do Sisal”, que é desenvolvido na rede municipal de Ensino de Nordestina que está localizado na Região Sisaleira, no interior da Bahia, distante 340 km de Salvador. Segundo o censo de 2006, a população é de 11.797 habitantes, distribuídos da seguinte maneira: 2.869 habitantes na Sede e 8.928 habitantes na Zona Rural. O projeto tem como principal foco professores da escola José Alencar localizada na comunidade de Tanque Bonito; recebendo 95% dos alunos de 12 comunidades Quilombolas. O Projeto desenvolve metodologicamente a partir de Grupos de Experiências – GE’s; que são reuniões formativas, em que a formação se dá a partir das demandas e experiências dos professores participantes do projeto.

Na trajetória enquanto IC, foi indicado leituras, pela minha orientadora e coordenadora do projeto, que foram fundamentais para o andamento da minha pesquisa, entre as referências utilizo Elizabeth Macedo (2006), para pensar Currículo como um espaço-tempo em que sujeitos diferentes interagem, tendo por referência seus diversos pertencimentos, e que essa interação é um processo cultural que ocorre num lugar/tempo; Jorge Larrosa Bondía (2002), que define Experiência como algo “que nos passa, o que nos acontece, o

que nos toca” (p.21); Tal conceito permite pensar educação, em especial, seus conceitos, como experiência, saber e reflexão. Possibilitando ao pesquisador um olhar atento aos problemas que perpassam a educação.

Carlos Eduardo Ferraço e Kezia Rodrigues Nunes (2013), trazem em seu texto uma discussão acerca de currículo e cotidiano, evidenciando a necessidade de um currículo escolar que seja construído com um olhar voltado para as diversidades culturais existente no cotidiano das escolas; onde podemos pensar currículo para além do que está registrado nos documentos escolar levando em conta que “professores e alunos tecem alternativas práticas com os fios que as redes das quais fazem parte, dentro e fora da escola, lhe fornecem”. (FERRAÇO; NUNES, 2013, p.53)

Michel de Certeau (1998) pensa cotidiano escolar na perspectiva de encontrar sentidos nas artes de fazer de professores e alunos e considerar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam tais práticas subterrâneas do coletivo escolar, suas estratégias e táticas próprias.

O trabalho está sendo desenvolvido a partir as reuniões de planejamento e dos encontros dos Grupos de Experiência, onde conseguimos o maior número de dados e relatos da pesquisa e que é utilizado por todos os pesquisadores do Projeto de Pesquisa e Extensão “Experiência, formação e práticas curriculares em escolas quilombolas no Território do Sisal”; utilizo também, entrevistas com professores e



moradores das comunidades e documentos oficiais da escola.

Metodologia

O meu plano de trabalho, enquanto bolsista da Afirmativa, tem como principal campo de pesquisa a escola José Alencar localizada na comunidade de Tanque Bonito. O campo de pesquisa foi escolhido pela minha participação, inicialmente como voluntária e hoje como bolsista, no Projeto de Pesquisa e Extensão “Experiência, Formação e práticas curriculares em escolas quilombolas no Território do Sisal”. O Projeto é desenvolvido na rede Municipal de Ensino de Nordestina/BA, porém, meu principal foco são os professores que atuam na Escola José Alencar.

O Projeto desenvolve metodologicamente a partir de Grupos de Experiências – GE’s; que são reuniões formativas, em que a formação se dá a partir das demandas e experiências dos professores participantes do projeto. O Grupo de Experiência foi pensado no intuito de promover uma formação de professores diferenciada, onde houvesse a valorização das experiências dos docentes.

Os Grupos de Experiências podem ser confundidos com Grupos Focais “que tem uma estrutura pensada para obter informação relevante de um grupo de pessoas, sobre um tópico específico” (GOMES, 1999, p.2). Embora, os GE’s também, tenha o intuito de obter dados para pesquisa, a estrutura do Grupo Focal não atende à nossa demanda da formação, pois, as experiências não envolvem apenas os docentes, foco do projeto, mas todos os participantes do GE, ou seja, todos estão envolvidos no processo formativo.

Uma das metodologias utilizadas nos grupos de experiências é a formação pela arte; onde a música, vídeos, filmes, fotografias, poesias desenvolvem papel fundamental, “balançando as estruturas” dos participantes, desestabilizando e “pondo em xeque” suas certezas.

Antes de cada GE, acontecem as reuniões de planejamento, onde discutimos textos e todos as outras ferramentas utilizadas no dia da

formação. Por vezes, nos GE’s temos que contar com o improviso, quando algumas atividades tomam proporções maiores e quando aparecem questões que não foram pensadas anteriormente. Tudo isso, exige um maior preparo nas reuniões de planejamento, pensando os diversos caminhos e possibilidades que cada ferramenta pode seguir nos Grupos de Experiências.

As reuniões de planejamento para os GE’s são muito intensas, pois estamos sempre muito preocupados com a proporção que cada ferramenta pode tomar e que a discussão não fique com tom de julgamento da prática de cada professor que participa do projeto; por isso, fazemos uma seleção proposital de tudo que será utilizado nos grupos de experiências. Essa seleção é pensada a partir do principal foco do projeto, discutir questões étnico-raciais e educação quilombola com professores que atendem estudantes vindos das comunidades remanescentes de quilombo. Nesse sentido, as músicas, filmes, clipes, literatura transbordavam textos tanto, no que é dito em suas letras e personagens, quanto no que não era dito, às vezes, mas que causavam impactos pela forma como eram apresentadas nesse cenário. Tudo é pensado como ferramenta de formação, desde o que é utilizado nos GE’s até a forma que os bolsistas e voluntários se apresentam esteticamente.

A cada GE realizado a certeza de que estamos traçando o melhor caminho; tenho percebido que formação é também, se colocar no lugar do outro e as experiências dos professores e da equipe do projeto tem me proporcionado essa reflexão diária. A fim de cada GE sentamos (muitas das vezes em um bar), para dialogar e fazer uma avaliação da atividade e mesmo com todo o planejamento, sempre acontece algo que a equipe não esperava; os grupos de experiências sempre, me tocam de forma inesperada seja positivamente ou negativamente por ouvir falas que normalmente seria motivo de divergências, mas que tenho que assumir uma outra postura por que o meu papel enquanto bolsista do



projeto não é jogar. Nesse sentido, o projeto tem me proporcionado um exercício de escuta, que é trabalhado nas reuniões de planejamento e pós-GE's e são nesses momentos que comemoramos os prazeres e lamentamos as angústias da pesquisa. Avaliamos o que não foi satisfatório, as dificuldades enfrentadas e como podemos melhorar nos próximos encontros. Esses momentos são de fundamental importância para a minha formação acadêmica.

Inicialmente, esse modelo de formação me causou uma certa inquietação, como estudante de licenciatura, em relação a ausência de textos, conteúdos e de uma discussão “mais acadêmica” como outras formações de professores que eu já havia participado e uma insegurança em pensar a improvisação como estratégia metodológica, mas me fez entender que improvisar não é sinônimo de bagunça ou fazer de qualquer jeito, muito pelo contrário exige uma maior atenção no planejamento. No decorrer do processo fui entendendo como os Grupos de Experiências eram fundamentais para a formação pensada para o projeto e de como essa metodologia envolvia e tocava a todos, a ponto de os sucessos e frustrações da docência serem compartilhadas de forma natural, por vezes a emoção de falar das experiências e das trajetórias de vida fizeram parte desse cenário formativo. Nesse contexto, pensar formação a partir das experiências, tem mudado a minha compreensão da pesquisa na área da educação e no ensino de História, me possibilitando um olhar mais atento ao fazer cotidiano dos professores e alunos.

Nessa perspectiva, os grupos de experiências – GE's, priorizam a Formação a partir da experiência. Nesse contexto, Jorge Larrosa Bondía (2002), define experiência como algo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p.21); tal conceito permite pensar educação, em especial, seus conceitos, como experiência, saber e reflexão. Possibilitando ao pesquisador um olhar atento aos problemas que perpassam a educação.

É com o clima de encontrar sentido nas as “artes de fazer” de professores e alunos e

com um dado de que das 19 Comunidades Quilombolas certificada pela Fundação Palmares no Território do Sisal, 12 delas estão situadas na cidade de Nordestina; que, iniciamos os primeiros contatos para oferecer uma formação para professores que recebem os estudantes vindos dessas comunidades.

O primeiro movimento do Projeto foi dialogar com representantes do movimento social (sindicatos) e com os pais de alunos das comunidades para saber o interesse deles pelo projeto e com os professores para entender a demanda da formação.

Em um dos primeiros contatos com dois dos professores que atuam na escola José Alencar eles falam do interesse pela formação e de como a falta dela interfere em um ensino voltado para as discussões étnico-raciais e educação quilombola. Um dos professores entrevistados foi PM1 (os nomes civis dos professores não serão expostos, as falas que serão utilizadas, intitulo-as de PM1, PF1 e PF2) para ele essa formação deveria ser obrigatória:

[...]eu acho que não seria nem questão de interesse do professor, né! Ele deve [...]receber essa formação, justamente pra... pra reforçar essa identidade, né! Reforçar esse trabalho, essa forma de trabalhar, né! Ter essa consciência de que tá trabalhando pra uma comunidade quilombola que tem toda uma história, todo um processo, né! Eu acho que é necessário, né! Poderia ser uma coisa de direito, mas algo que viesse realmente como obrigação. (Entrevista com o professor PM1)

As Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola defendem uma metodologia diferenciada que é recomendada para essas escolas. No contato com os professores eles afirmam que esse trabalho diferenciado não está sendo desenvolvido e a justificativa envolve falta de formação específica para atuar nessas comunidades, entretanto o contato com os docentes nos



GE's evidenciou que várias ações eram realizadas pelos professores e não eram valorizadas por eles.

Essa formação é demandada tanto pelos professores, como evidencia a fala do professor PM1, quanto, pelos pais e mães de alunos. Como aparece na reunião que foi realizada com as lideranças do movimento social e pais; foi compartilhada por uma mãe a angústia de ser questionada por sua filha se “ser quilombola é ser bicho?”. Ao analisar a fala dessa mãe Iris Verena Oliveira traz que, “O questionamento daquela criança evidencia a dificuldade em compreender o termo quilombola, visto como algo negativo, a partir de algumas pistas que suas experiências naquele espaço constituíram” (2017, p.4).

Já tinha a noção de que as comunidades quilombolas do Território do Sisal não se enquadrariam no estereótipo de resistência, empoderamento, as religiões de matrizes africanas são predominantes, como na maioria dos quilombos baianos. Mas, ao ouvir essa frase (“ser quilombola é ser bicho?”) Bateu uma frustração, por entender, que essas questões não estavam sendo dialogadas no cotidiano escolar. Nesse momento, estava munida das leituras das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica e o que pensei foi que nada ou muito pouca coisa tinha mudado naquela comunidade e na escola depois da certificação. Saí daquela reunião, depois dessa frase e de muitos outros relatos, pensando o quanto aquela escola estava sendo violenta com os alunos. Essa frase tocou bastante as pessoas do projeto que estavam presentes naquele momento e foi bastante dialogada nas nossas reuniões, sendo inclusive, uma das responsáveis pela postura que assumiríamos no decorrer do projeto e para pensar a estrutura da formação. Assumir a postura de não culpar os professores foi a mais difícil! Mas, a mais adequada. Até mesmo os documentos da escola favoreciam isso, já que o termo quilombola só aparece uma vez, na ata de escolha do nome da escola. Buscar

evidenciar o que estava sendo feito pelos professores no dia a dia e de estar dispostos a ouvi-los, nos proporcionou entender todo o cenário onde a formação seria desenvolvida. Compreender que cotidiano escolar não aparece nos documentos oficiais da escola, a partir das experiências, do fazer e refazer diariamente dos professores foi entender, também, a minha dificuldade em avançar na pesquisa e que enquanto eu ficasse buscando sinais para dizer que os professores da José Alencar não estavam trabalhando com as questões étnico-raciais e educação quilombola, eu teria dificuldade na escrita e posteriormente na minha prática docente.

Todo esse cenário que negativa o ser quilombola, e não ser discutido no cotidiano escolar e na comunidade, tornava-se mais complicado quando as crianças e adolescentes iam estudar na sede. Quando eles precisam negar diariamente de onde vem, para não serem julgados apenas por ser das “Poças”. Afirmar ser das Poças é automaticamente ser ligados a violência e muitos outros estereótipos que impossibilitam a sua aceitação na sede. Como mostra Oliveira:

Toda aquela região é conhecida popularmente como Poças, nome de uma das comunidades quilombolas. Situações de violência são frequentemente associadas às Poças. Jovens presentes naquela conversa relataram que costumam informar outro endereço, pois, afirmar que mora nas Poças dificultaria o acesso ao crédito financeiro e à oferta de emprego. (OLIVEIRA, 2017, p. 4).

É com essa bagagem de informações que iniciamos os trabalhos em Nordestina e quando a proposta de formação de professores em exercício foi recebida por pais, mães e lideranças das comunidades uma série de expectativas foi depositada no Projeto como por exemplo a expectativa de que a formação mostrasse a identidade quilombola e que de alguma maneira



contribuísse na autoafirmação das meninas e meninos das comunidades.

Toda essa expectativa não alcançava o que foi pensado metodologicamente pelo projeto, pois os Grupos de Experiências são um contra movimento, onde a formação não parte no sentido de ensinar como os professores devem trabalhar as questões étnico-raciais e a educação quilombola, mas sim, evidenciar como essas temáticas aparecem no cotidiano da escola, apresentando ferramentas e pensando coletivamente possibilidades para trabalhá-las.

Resultados e Discussões

O resultado final, fruto da minha participação no projeto enquanto Iniciação Científica voluntária é meu trabalho de Conclusão de Curso – TCC. O trabalho está sendo desenvolvido a partir das reuniões de planejamento e dos encontros dos Grupos de Experiência, onde conseguimos o maior número de dados e relatos da pesquisa e que é utilizado por todos os pesquisadores do Projeto.

Conclusões

Os GE's têm proporcionado ações que evidenciam o lugar de protagonista dos professores, dando visibilidades a atividades que são consideradas corriqueiras, mas que podemos identificar que envolvem questões étnico-raciais, educação quilombola e que visam a valorização das trajetórias dos homens e mulheres daquelas comunidades.

Na perspectiva, de pensar a escola como um espaço parceiro na construção de um diálogo pautado na valorização e fortalecimento identitário é interessante observar a importância de um currículo que dialogue com as experiências cotidianas dos sujeitos que compõem a escola e que entenda esse fazer cotidianos como fundamental e integrante do currículo escolar quilombola.

Pensar Educação Quilombola é “encontrar sentido” no fazer cotidiano da comunidade e ter um olhar desconstruído para o currículo entendendo que o mesmo atravessa os documentos escritos. Nesse contexto,

entendo que pensar o cotidiano escolar é encontrar sentidos nas artes de fazer de professores e alunos e considerar a legitimidade dos saberes e valores que já permeiam tais práticas subterrâneas do coletivo escolar, suas estratégias e táticas próprias, que nem sempre correspondência as expectativas da academia. (CERTEAU, 1998)

Agradecimentos

Participar desse projeto me proporcionou experiências e aprendizados que transformaram o meu olhar sobre os colaboradores/sujeitos da pesquisa e me fez compreender a importância da escuta nesse processo. Tudo isso só foi possível por ter uma orientadora que entende a necessidade de pensar junto na construção da pesquisa e por ter uma equipe que mesmo com interesses diversos dentro do projeto entende a importância de compartilhar tudo que é pensado e coletado individualmente. Por isso e muitas outras questões a minha gratidão a minha orientadora e a toda equipe do projeto a quem divido as angústias e prazeres da pesquisa e que tornam essa construção potente.

Referências

- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, 2002.
- OLIVEIRA, Iris Verena. “**Escrivências e limites da identidade na produção de intelectuais negros**”. *Revista Currículo sem Fronteiras*; v. 17, n. 3, p. 633-658, set./dez. 2017.
- OLIVEIRA, Iris Verena. **Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo**. *Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade*. v. 26, n. 49, 2017b.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. PetrópolisRJ: Vozes, 3.ed. 1998.
- MACEDO, Elizabeth. “Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural.” *Revista Brasileira de Educação*. v.11, n.32, p. 285-297, 2006.



BARROS, Zelinda dos Santos. **Etnicidade num espaço de formação virtual.** In_ Implicações da formação a distância para o ensino de história e cultura afro-brasileiras. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2013.

BRASIL, As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, culturas e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes.** In_ Currículos, pesquisas, conhecimentos e

produção de subjetividades. Petrópolis, RJ: 2013.

MACÊDO, Marluce de Lima. **Tradição oral afro - brasileira e escola: (des)encontros na encruzilhada.** In_ Tradição oral afro-brasileira e escola: (des)encontros na encruzilhada: Uma reflexão a partir do município de Santa Bárbara – Ba. Dissertação de mestrado. Salvador: UNEB, 2004.

LIMA, Maria Nazaré Mota. **Relações Étnico-Raciais na escola: o papel das linguagens.** Salvador: EDUNEB, 2015.



OS OLHARES SOBRE AS IMAGENS E TEMAS DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II ADOTADOS EM EUNÁPOLIS, 2017

Lavínia Alves de Oliveira; Joceneide Cunha dos Santos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – Campus XVIII – Eunápolis.
laviniaoliveira.2@hotmail.com

Palavras-Chave: Livro didático de História. Imagem. África. Fundamental II. Eunápolis

Introdução

O projeto “Os olhares sobre as imagens e temas de História da África nos

imagens sobre como vem sendo retratado a África nos livros didáticos do sexto ao nono ano do ensino Fundamental II, das maiores escolas públicas de Eunápolis, visando aprofundar acerca das mudanças e abordagens e efetivação da lei 10.639/2003 nesses livros.

Assim, analisamos as representações de África que são consumidas pelos estudantes do município de Eunápolis, estabelecendo um diagnóstico sobre quais são os estereótipos e teor. Sabemos que em além das imagens consumidas dos africanos via filmes e fotografias, outra fonte de informação sobre o continente vem dos livros didáticos. Tendo em vista que após a tese de Anderson Oliva “Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no Imaginário Ocidental e o ensino da História no Mundo Atlântico (1990-2005)”, foi possível ter acesso a uma pesquisa mais aprofundada que afirma que nos livros didáticos ainda há poucas páginas sobre a História da África, que dois anos após a 10.639/03 ainda haviam poucas laudas. Já em 2017, após 12 anos desta pesquisa de Oliva e 14 anos de implementação da 10.639/03, o que possibilita analisar se ocorreram mudanças nesse período nas coleções.

livros didáticos de História do Ensino fundamental II adotados em Eunápolis, 2017” tem como objetivo analisar as

As coleções das editoras mais utilizadas nas maiores escolas públicas da rede municipal de Eunápolis foram *FTD*, *Leya* e *Projeto Araribá* uma obra produzida e organizada pela editora *Moderna*

Metodologia

Para adquirir as coleções foi preciso ir nas respectivas escolas, conversar com a direção e os professores que ministravam a disciplina de História, buscando saber qual coleção utilizada em cada instituição, sendo as seguintes: Escola Modelo Municipal Antônio Batista, do bairro Juca Rosa e Escola Municipal Gabriel José Pereira, do bairro Centauro, adotam a coleção da editora *Leya*; na Escola Municipal Humberto de Campos, localizado no bairro Gusmão e Escola Municipal Anésia Guimarães, do bairro Pequi, utiliza a coleção do *Projeto Araribá*, uma obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora *Moderna*; a Escola Municipal José de Araújo Santana, localizada no bairro Rosa Neto, trabalha-se com a coleção da editora *Saraiva*; e pôr fim a Escola Municipal Fernando Alban, manuseia a coleção da editora *FTD*. Essas são as maiores escolas municipais do Ensino Fundamental II, da cidade de Eunápolis, sendo as coleções mais utilizada é a do *Projeto Araribá* organizado e

produzida pela editora *Moderna*, das editoras *Leya* e *FTD*, a parti disso, a análise das imagens foi feita com essas coleções.

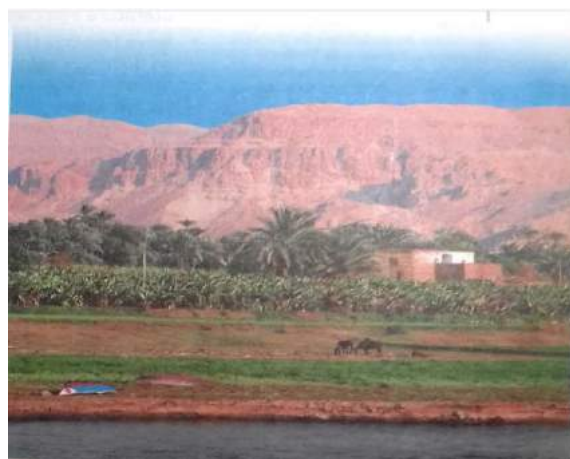
Após a visita em cada instituição de ensino foi necessário fazer a leitura de alguns texto para dá base para próximo passo do projeto, o primeiro foi a tese de Anderson Oliva, na sua tese de doutorado “Lições sobre a África: Diálogo entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de história da América no Mundo Atlântico (1990-2005)”, tendo mostrado quais mudanças ocorreram nesses 15 anos, dando enfoque as mudanças a partir de 2003, com a Lei 10639/03, nos livros didáticos. Segunda Oliva, a partir de 1980, a reconstrução do continente africano pós-colonial, juntamente com o seu não lugar diante da economia colonial no final do período do século XX, nesse mesmo espaço de tempo, a mídia, os jornais, começaram a repercutir imagens de uma África pobre; de flagelos; de miséria e epidemias; generalizando, tratando a África como um país corrupto. Dando ênfase a guerra civil angolana, a onda de fome na década de 80 na Etiópia, a epidemia de malária e Aids, partindo desse contexto, pergunta-se, qual imagem do continente africano estão presentes nos livros didáticos. E para auxiliar na leitura das imagens trabalhou-se com as bibliografias Peter Burke (2004) *Testemunho Ocular* e John Berger (1972) com a obra *Modos de Ver*

A escolha dos livros de História analisados nessa pesquisa seguiu o critério de escolha dos didáticos mais adotados nas maiores escolas municipais da cidade de Eunápolis – Ba, do ano de 2017, destinado ao ensino do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental II, analisando as imagens que remetem a História da África.

Resultados e Discussões

Após as discussões das análises das imagens, alcançou os seguintes resultados, começando com as coleções dos livros do 6º ano, podemos observar que os capítulos que aparecem sobre a História da África e sobre o Egito Antigo, retratando os faraós, sendo as

imagens de homens superiores, com habilidades, podendo observar que a população do Egito Antigo que aparece com a tonalidade de pele escura e seus costumes. Com a coleção da editora *FTD* destaca uma imagem colorida e ilustrativa do processo de irrigação da população; as suas riquezas, servos, pirâmides, todo o cenário que retratava o período. Na coleção do *Projeto Araribá*, é a única coleção que aparece imagem de atualidade, referentes as coleções do 6º ano, sendo uma imagem do Rio Nilo de 2010, para falar das plantações de tâmaras, é uma imagem em que é destacada a parte da aridez, onde a única forma de vida são animais próximo ao rio, e uma casa ao fundo quase que escondida, e o destaque são os paredões ao fundo, portanto mostra um Egito atual pobre, sem desenvolvimento, mesmo a ilustração descrevendo no texto do livro sobre ser uma plantação que passa pelo rio, é uma fotografia morta, sem cor, e desértica.



Plantação de tâmaras e bananas às margens o rio Nilo, entre as cidades de Esna e Luxor, no Egito, em 2010. Atualmente, a agricultura no Egito emprega diversas inovações tecnológicas, como a mecanização, o uso do fertilizante industriais e sistemas modernos de irrigação. In: *PROJETO ARARIBÁ*. História. Editora *Moderna* (org.). Obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Maria Raquel Apolinário. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2014, 6º ano

Quanto a mulher, nessas coleções aparecem ilustração com pouca frequência, a coleção que mais aparece é da editora *Leya*, sendo imagens de faraó mulher, dando um exemplo de Cleópatra, chamando atenção, é uma imagem retirada do filme *Cleópatra*, filme dirigido por L. Mankiewicz. EUA,

1963. É uma Cleópatra da pele branca, e as seus servos ajoelhados da cor da pele negra, o olhar europeizado, onde o escravizado, o submisso, que faz todos os trabalhos pesados.



A atriz britânica Elizabeth Taylor caracterizada como Cleópatra, em cena do filme *Cleópatra*, filme dirigido por L. Mankiewicz. EUA, 1963. In: CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. 2.ed. São Paulo: Leya, 2015, 6º ano

Com as coleções do 6º ano, as imagens em destaque do Egito Antigo, são ilustrativas, destacando as riquezas e o modo de vida do período.

Nas coleções do 7º ano em suma, as imagens retratam a entrada do islamismo na África, como essa nova religião interferiu no comércio, todas as coleções aparecem a representação do camelo no deserto, o comércio a céu aberto



Comércio entre africanos e mercadores árabes no mercado de escravos, AL- Wasiti. Iluminura extraída da obra de Al-maqamat, 1237. In: CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. 2.ed. São Paulo: Leya, 2015, 7º ano.

Nessa imagem acima pode-se ver a questão do islamismo no continente, homens com trajes árabes, negociando, e logo abaixo tem uma cena de dois homens negociando, a esquerda um homem com o desenho de um símbolo de uma cruz na roupa, observando que são as duas religiões, os islamismo e o cristianismo e no meio três homens negros, simbolizando a negociação de compra.



Grande mesquita e mercado africanos. Djenné. República do Mali, 2002. In: CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. 2.ed. São Paulo: Leya, 2015, 7º ano.

E sobre atualidade podemos ver um mercado a céu aberto, onde as pessoas vendem suas peças ao chão, e ao fundo uma mesquita, hoje desativada, mas mostrando a inserção de outro povo no continente.

Infelizmente a maioria das imagens dos países da África, sobre a atualidade destacam uma parte de extrema pobreza, solo seco, esses aspectos influenciam a visão do aluno sobre o continente, a coleção da editora *Leya*, dá uma exemplo desse ponto, há um mapa (abaixo) nele pode-se ver notícias de corrupção, epidemias e fome, na coleção dz *Projeto Araribá*, ainda apresenta o estereótipo das savana.



Lucas Claro Martinez. Grande mesquita e mercado africanos. Djenné. República do Mali, 2002. In: CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. 2.ed. São Paulo: Leya, 2015, 7º ano.

É preciso ter a interferência do professor para desconstruir esse olhar presente nessas imagens do livro didático.



E por fim, as coleções do 9º ano, os capítulos abordando o continente da África é sobre atualidade, assim como na pesquisa de Anderson Oliva, sobre os livros didáticos em 2009, hoje nas coleções de 2017, apresenta a figura de Nelson Mandela em todas as coleções para simbolizar o apartheid, a única coleção que mostra imagens de outras personalidades importantes na luta em pró do continente é a *FTD*, sendo Marcus Garvey, em uma fotografia de 1924; Leopold Senghor (1906-2001); Gamal Abdel Nasser; Kwame Nkrumah (1900-1927); Antonio Agostinho Neto; e Samora Michel. Já na coleção do *Projeto Araribá*, uma obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela *Editora Moderna*, onde há apenas uma imagem, de Aimé Césaire, um dos principais líderes do movimento da negritude.

Finaliza-se que em todas as coleções, em porcentagem as imagens sobre o continente africano aparece na editora Leya 32,2%, *FTD* 20,96% e *Projeto Araribá* 18,8%. Constatou-se que apesar da obrigatoriedade da Lei 10639/03, impondo compor no currículo escolar a História e Cultura Afro-Brasileira, nos livros didáticos dos bancos escolares das maiores escolas municipais da cidade de Eunápolis-Ba, 2017, do Ensino Fundamental II, os livros escolhidos, apresentam uma participação da História da África, mas todos ainda caem no estereótipo, de um continente pobre, de miséria, fome, as imagens de savanas ainda aparecem, de povos selvagens, cabendo uma responsabilidades aos professores, de como trabalhar na sala de aula a desconstrução dessas imagens.

Agradecimentos

O início do projeto da PROAF, foi no primeiro semestre de 2017, onde estava no 3º semestre, foi o primeiro contato com a pesquisa, desde então, foram produzidos artigos, apresentações, publicação em anais de eventos, foi a inserção ao ambiente de estudante pesquisadora, todos agradecimento a orientadora e professora Joceneide Cunha dos Santos, onde nos deu todo auxílio e incentivo durante todo o projeto, e por fim ao

Programa de Ações Afirmativas, por agregar estudantes cotistas nos projetos de pesquisa, e por fim, a minha parceira de projeto, não qual passamos por muitos momentos juntas, vencendo barreiras, compartilhando aprendizados e pelos ensinamentos.

Referências

Referências das coleções dos livros didáticos utilizadas

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História nos dias de hoje**. 2.ed. São Paulo: Leya, 2015, 6º - 9º ano.

JUNIOR, Alfredo Boulos. **História Sociedade e Economia**. 2.ed. São Paulo: *FTD*, 2015, 6º - 9º ano

PROJETO ARARIBÁ. **História**. Editora Moderna (org.). Obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Maria Raquel Apolinário. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2014, 6º - 9º ano.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. **Testemunho Ocular: História e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis. São Paulo: EDUSC, 2004.

BERGER, John. **Modos de ver**. Edição inglesa 1972.

BOAHEN, Albert Adu. **História Geral da África, VIII: África sob dominação colonial, 1880 – 1935**. 2ed. Brasília: UNESCO, 2010.

M'BOKOLO, Eika. **África Negra: história e civilização**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa da África, 2011.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África: Diálogo entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de história da América no Mundo Atlântico (1990-2005)**. Brasília: Tese (doutorado em História Social) – Universidade de Brasília, 2007.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Olhares sobre a África: Abordagens da História contemporânea da África nos livros didáticos brasileiros**. Goiás: História Revista - Revista da Faculdade de História e



do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, 2009.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2011



RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL E PRECONCEITO NA INFÂNCIA: O QUE DIZ A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA?

Luana Silva Costa; Sandra Assis Brasil

Universidade do Estado da Bahia.
luasilva_13@hotmail.com

Palavras-Chave: Racismo, Infância, Criança, Raça, Preconceito

Introdução

Discutir questões étnico-raciais na sociedade contemporânea ainda apresenta um grande desafio nas esferas sociais em todo o mundo, tanto para indivíduos ou coletivos, quanto para pesquisadores científicos. A temática racial está inserida em uma complexidade de aspectos socio-econômicos e regionais com reflexos construídos desde séculos passados, ao longo de toda história, atingindo diretamente a população, desde o início do ciclo da vida. Compreender seus fundamentos teóricos e práticos pode ser um caminho para traçar novos rumos desta herança racial.

Durante o século XVI, nos países ocidentais, a questão racial foi marcada pelo simbolismo das cores, remetendo aos primeiros sentimentos de negatividade, morte e pecado ao negro. Enquanto o sucesso, sabedoria e pureza eram associadas aos brancos. Tais ideologias preconceituosas foram herdadas pelo cristianismo e pelos gregos através da dualidade de cores, preto e branco, representando a inferioridade e superioridade entre os grupos sociais. As questões geográficas, como o clima, também eram um marcador para diferir os tons de pele entre os povos do sul e do norte. Os habitantes do sul apresentavam tons de pele mais claras e eram consagrados como aqueles que obtinham muita inteligência, divergindo dos indivíduos de tonalidade negra, habitantes do norte. O gênero e a raça foram outros aspectos que se destacavam nesta época, utilizando o padrão europeu, pele clara, cabelos lisos e traços finos, para descrever a beleza feminina, ao

qual não era encontrada na África (GUIMARÃES, 2012).

No Brasil, desde os anos finais do império e início da República acreditava-se que o país não apresentava o problema do preconceito racial, devido a dois pontos centrais: embranquecimento ou branqueamento e harmonia e/ou tolerância racial. O primeiro diz respeito a um projeto nacional político implementado por meio da miscigenação seletiva, ou seja, a crença pela mestiçagem conduziria as raças não brancas a um povo branco (em sua aparência) em uma crença de inferioridade genética entre raças. Enquanto o segundo, diz respeito a ausência de preconceito racial, apontando a uma homogeneidade nacional com ausência de divisões raciais e sociais, que se caracterizaria como democracia racial. (HASENBALG, 1996).

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece (Nogueira, 2007).

O preconceito racial é construído e reconstruído dentre as culturas em um processo de aprendizagem e relações humanas iniciadas desde a infância. Sua



desconstrução deve iniciar nos primeiros anos de vida no indivíduo, pois é neste momento que as dificuldades inter e intrapessoais se iniciam (SILVA, BRANCO, 2011).

Antes de iniciar o debate sobre o racismo na infância, destaca-se algumas definições do que seria a infância. Segundo Souza (2016), é “[...] um processo biológico, evolucionista e de maturação natural, que antecede a idade adulta”. Para Narodowshi (1993):

a infância é um produto histórico moderno e não um dado geral e a-histórico, que impregna toda a história da humanidade. A infância também é uma construção, mais ainda, é uma construção recente, um produto da modernidade.

No Brasil, os avanços nas políticas públicas obtiveram grandes melhorias para as crianças, como redução da mortalidade infantil, número de famílias que sobrevivem com renda inferior a um dólar, políticas de assistência as famílias e ensino. Contudo, as crianças negras ainda vivenciam condições de extrema vulnerabilidade social perante o quadro de desigualdade social aos quais estão situadas, sendo vítimas de racismo em diversos setores sociais, em situações de discriminação, preconceito ou segregação, gerando um sentimento de inferioridade, trazendo consequências psicossociais, desvalorização e negação de tradições, identidades e costumes. Além de violar um dos direitos legais previstos por lei, a prática do racismo e discriminação racial. (UNICEF, 2010).

O presente trabalho tem como objetivo geral realizar uma revisão de literatura acerca da temática racismo e discriminação racial entre crianças.

Metodologia

Esta revisão de literatura foi realizada a partir de publicações científicas das bases de dados como Google acadêmico e Biblioteca virtual

em saúde (BVS) nos últimos dez anos, nos períodos de 2000 a 2017, na língua portuguesa, com o uso dos termos descritivos e booleanos “racismo e criança”, “racismo e infância”, “preconceito e criança”, “preconceito e infância”, “raça e infância”, “raça e criança”. A pesquisa foi realizada no ano de 2017 a 2018.

A revisão de literatura faz parte de um processo vital para investigação da pesquisa científica, pois é a partir dela que irá desenvolver processos essenciais para elaboração de um produto consistente. É importante para o pesquisador analisar os trabalhos já realizados na abordagem estudada para posteriormente se inserir em campo ou não, obtendo conhecimentos do contexto atual da temática.

Para realização da coleta de dados foram utilizados filtros com o intuito de aprofundar o recorte na temática estudada. Inicialmente, a primeira busca foi realizada na base de dados do Google Acadêmico nos quais foram utilizados os filmes “em qualquer idioma” com o intuito de ampliar os resultados encontrados na pesquisa, pois no filtro com linguagem portuguesa não apresentava resultados quantitativos significativos; “não incluiu citações e patentes” pois os artigos em estudo são de cunho científicos; e “classificado por relevância”. Na segunda base de dados, na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), foram utilizados filtros no idioma “português” e “artigos” (tipos de publicação). Nenhum outro filtro a mais foi utilizado nesta base de dados.

Durante a pesquisa foram incluídos artigos científicos originários de bases primários sobre discriminação racial e preconceito entre crianças e excluídos teses, monografias, relatos de experiência, temáticas fora do contexto estudado, públicos não infantis e repetições de artigos em bases de dados. Os artigos selecionados foram tabulados em planilhas de artigos com o intuito de facilitar sua análise e interpretação de seus dados.



Os critérios de inclusão utilizados na pesquisa foram artigos publicados em revistas científicas, do tipo pesquisa científica, na língua portuguesa, no período de 2000 a 2017, pertencentes às bases de dados “Google acadêmico” e “Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)”.

Resultados e Discussões

Durante a realização da pesquisa foram encontrados 558 artigos (533 da BVS e 22 do Google acadêmico). No Google acadêmico foram encontrados: 4 artigos (“racismo e infância”); 0 artigos (“racismo e criança”); 2 artigos (“preconceito e infância”); 2 artigos (“preconceito e criança”); 12 artigos (“raça e infância”); 2 artigos (“raça e criança”). Enquanto na BVS: 4 artigos (“racismo e infância”); 10 artigos (“racismo e criança”); 44 artigos (“preconceito e infância”); 169 artigos (“preconceito e criança”); 43 artigos (“raça e infância”); 266 artigos (“raça e criança”). Dentre este número foram excluídos 547 artigos por estarem dentro dos critérios de exclusão e 16 artigos foram selecionados, aos quais um artigo se apresentava repetido e dois de difícil acesso, impossibilitando sua leitura, resultando em 13 artigos nas áreas da saúde pública, psicologia, educação e antropologia (ver quadro 1).

Do mapeamento realizado, o eixo temático que mais prevaleceu dentre as pesquisas realizadas foram raça, infância e práticas pedagógicas na educação infantil. Segundo Menezes (2003) e Oliveira, Oliveira (1994):

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil e, neste espaço, tudo irá depender da qualidade das relações entre as crianças com diversas características étnico-raciais em sala de aula. Estas relações, infelizmente, muitas vezes podem se dar de modo tenso, ou seja, com segregação e exclusão baseada na cor da pele e

em outros traços fenotípicos, o que levaria a criança negra a adotar em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu novo grupo social.

Dos treze trabalhos encontrados, pode-se observar que ainda existe uma deficiência de artigos científicos a respeito da questão étnicorracial em crianças negras, concentrando-se, principalmente, em uma quantidade maior de publicações nas áreas de psicologia e educação, a partir dos anos 2000, nas regiões do sul e sudeste, com autoras do sexo feminino, etnia branca.

Diante destes dados, destaca-se a necessidade de pesquisas científicas sobre infância com o recorte étnico-racial, com publicações de autores de ambos os sexos, não apenas feminino, e preferencialmente de cor negra. A importância de pesquisadores negros pesquisarem mais sobre seu povo valoriza a cultura negra dentro da área científica.

Discutir sobre racismo e infância deve ser temática em todos os setores sociais, não restringindo apenas para as áreas da educação e psicologia. É necessário ser debatido na saúde, nas ciências humanas e exatas.

O fato das publicações acontecerem com maior prevalência nas regiões sul e sudeste permite refletir que a realização sobre a discussão do racismo na infância é importante, pois além de discutir a temática traz consigo regionalidades específicas de cada local, que são de suma relevância em um país com uma diversidade regional.

Conclusões

Nesta pesquisa sobre a produção acadêmica associada à crianças, racismo e discriminação racial, destacou-se um crescimento de trabalhos científicos a partir do ano de 2000, o que contribui e reforça os estudos étnico-raciais com crianças. Contudo, a escassez de pesquisas interdisciplinares aponta para os



desafios da produção no campo das temáticas raciais e infância e se fazem importantes para a percepção do racismo na sociedade e seus impactos nos diversos setores sociais.

Agradecimentos

Agradeço ao programa Afirmativa pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa, incentivando pesquisadores jovens negros na área científica. Prof^a Sandra Assis Brasil pela dedicação e responsabilidade na realização de uma pesquisa com o imenso valor sócio cultural para a população negra e ao colega Valter Freitas pelas colocações reflexivas e críticas a respeito da temática racial durante as discussões da pesquisa. Por fim, agradeço também aos demais pelo incentivo de forma direta ou indireta na realização deste trabalho.

Referências

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito Racial. Modos, temas e tempos. São Paulo, Editora Cortez, 2012

SILVA, M.P.D., BRANCO, A.U. Negritude e Infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. *Psico*, v. 42, n° 2, p. 197-205, Porto Alegre, PUCRS, abr/jun, 2011.

HASENBALG, C. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. Raça, ciência e sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCB, 1996, pp. 235-249.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Revista de sociologia da Usp.*, v.19, n° 1, São Paulo, USP, 2007.

SOUZA, E.Q. Crianças negras em escolas de “alma branca”: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil. São Carlos, UFSCAR, 2016.

UNICEF. O impacto do racismo na infância. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_folderra_ci.pdf>. acesso em setembro de 2018.

Menezes, W. (2003). O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. *Cadernos de Estudos Sociais*, 19, 95-106.

Oliveira, I.M. (1994). Preconceito e autoconceito: identidade e interação em sala de aula. Campinas, SP: Papyrus.



LITERATURA INFANTOJUVENIL: OLHARES SOBRE O PROTAGONISMO DE MENINAS NEGRAS

Narla Aldielle Teixeira Pinheiro; Renata Maria Souza do Nascimento

Universidade do Estado da Bahia. narlinhapinheiro@hotmail.com.

Palavras-Chave: *Protagonismo da mulher negra; Literatura Infantojuvenil; biblioteca escolar;*

Introdução

A pesquisa tem por objetivo conhecer as especificidades (conteúdo e forma) do texto literário infanto-juvenil, suas origens, reformulações e atualizações bem como as relações que este texto estabelece com as variadas esferas da cultura ao tratar da temática Etnia negra articulada ao gênero feminino. O projeto contou com mais dois subprojetos interligados intitulados o primeiro: “Meninas negras na Literatura infantojuvenil: um olhar sobre o município de Seabra-Ba” e o segundo: Meninas negras: a literatura infantojuvenil nos meios digitais. Serão apresentados a seguir as metodologias e resultados alcançados pelo primeiro subprojeto.

Muito se discute sobre a importância de trabalhar questões étnico-raciais na educação básica. A questão da representatividade entre os meios literários é algo que está sendo pesquisados e discutidos por diversos cientistas da linguagem e tem a capacidade de promover a auto-afirmação da identidade dos educandos. Mas como as crianças negras se vêem dentro da literatura? Como que estas obras estão sendo trabalhadas na sala de aula? Quantos e quais são os títulos de literatura infantojuvenil com o protagonismo de meninas negras no acervo das bibliotecas escolares do município de Seabra-Ba na Chapada Diamantina? São questões que nortearam a pesquisa que teve como objetivo verificar como ocorre na prática a efetivação da lei 10.639/03 e divulgar em meios digitais as ações afirmativas da escola que utilizaram obras de protagonismo de meninas negras em

contexto com o segundo projeto que está mais relacionado aos meios digitais

Metodologia

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado em etapas que auxiliariam na catalogação e divulgação dos títulos selecionados. A primeira etapa envolve o levantamento de títulos de LIJ que apresentam meninas negras como protagonistas (preferencialmente que estejam representadas imagetivamente na capa) em catálogo de editoras brasileiras voltadas para o segmento denominado “paradidáticos infantojuvenis”. Já a segunda etapa, estava planejada para ser realizada a articulação do título selecionado e o seu uso pelas/os docentes em projetos realizados pela referida escola no período de 2003 a 2017, flagrando quais foram utilizados em atividades específicas. Depois de mapeadas as ações, estas seriam descritas sumariamente, formatadas e publicadas em meio digital como forma de divulgação das mesmas de forma articulada ao tema deste projeto para conhecimento da comunidade local e de outros interessados.

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada em escolas da sede de Seabra-BA, do ensino Fundamental 2 e de ensino Médio, municipais e estaduais, para verificar nas bibliotecas escolares quantos e quais são os títulos de literatura infantojuvenil que tem protagonismo de meninas negras e como estas obras já foram aplicadas em projetos registrados, além disso buscou verificar também, com que frequência os alunos costumam emprestar os livro com a temática



em estudo e como os professores estão adotando em sua prática a temática etno racial.

A pesquisa foi desenvolvida, inicialmente pela visita às bibliotecas escolares do município de Seabra-Ba nas escolas de Ensino fundamental II e Ensino Médio da Rede Pública, na sessão de títulos de Literatura infantojuvenil, constituindo-se nesta etapa em uma pesquisa quantitativa. Selecionados os títulos que apresentavam meninas negras como protagonistas.

As primeiras escolas a serem pesquisadas foram as municipais, primeiro iniciou-se as visitas na Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, mais conhecida como apenas Ivani, depois à Escola Municipal Alvina Rocha, mais conhecida apenas como Alvina, Colégio Municipal Professora Amilar Evangelista de Oliveira Almeida, mais conhecido apenas como Amilar e o Colégio Municipal Jorge Amado, todas da segunda etapa do Ensino Fundamental.

Depois foram realizadas visitas nas escolas estaduais: Colégio Estadual de Seabra, mais conhecida como CES e Colégio Filinto Justiniano Bastos, mais conhecida apenas como Filinto, ambos do Ensino Médio e mais a visita ao Colégio Doutor Antônio Carlos Magalhães, conhecido como ACM, que atende o ensino Fundamental a partir do sexto ano ao terceiro ano do ensino médio e mais a EJA III.

Concomitantemente foi realizada a catalogação dos livros relacionados à temática étnico-racial, sob um corte temporal de 2003 à 2017, nas editoras Nandyala, Mazza Edições e Caramurê, com os preços mais acessíveis do mercado, para futuramente ser realizada uma possível compra desses títulos, para a biblioteca do departamento que está carente de obras dessa categoria literária. E, além disso, realizar uma breve análise das obras, sobretudo dos elementos verbais e não verbais e de como está acontecendo a representação da

identidade negra e como a obra pode contribuir para promover a auto-afirmação das leitoras negras, para finalmente ser publicada em meios digitais, como objetivo do segundo subprojeto contribuindo assim, com demais educadoras e educadores que se interessarem a trabalhar um dos títulos em questão em suas aulas e oferecendo uma devolutiva significativa às escolas de Seabra-BA. Foram catalogados 22 (vinte e dois) títulos da Mazza Edições; 2 (dois) títulos da Caramurê e mais 8 (oito) títulos da Nandyala todos especificamente relacionados ao protagonismo de meninas negras.

Resultados e Discussões

Os resultados não foram como desejados, foram criadas expectativas em cima das bibliotecas e projetos realizados na escola, acreditava que estariam repletas de títulos, mas foi apenas em duas escolas, uma municipal e outra estadual que foram encontrados projetos destinados especificamente à literatura afro-brasileira. No tópico a seguir será apresentado um breve relato das experiências das visitas

RELATO DAS VISITAS

ESCOLA1- Escola Municipal Prof^a Ivani de Oliveira

A escola Ivani não possui biblioteca, afirma trabalhar em parceria com a biblioteca municipal, ao realizarem atividades que exigem livros literários. Apesar de já terem trabalhado, em anos anteriores, com a temática de afro descendência, não tem nada registrado e que para esse ano não possui nenhum projeto específico e que os professores inserem esse tema em seus planos de aula de maneira independente de acordo com as demandas de cada disciplina.

ESCOLA 2- Escola Municipal Alvina Rocha

No Alvina, fui recebida pela coordenadora, que disse que a escola tem biblioteca, porém está desativada. Solicitei o acesso á elas mesmo assim, para verificar no



acervo, se tem títulos com essa temática, mas o acesso foi negado, porque estavam em processo de reorganização e não seria fácil, para encontrar as obras infantojuvenis de literatura afro-brasileiras. Mas afirmou que durante todo ano alguns professores como os de história e da área de linguagens, trabalham esse tema em suas aulas de acordo com a demanda individual de cada disciplina. Com relação aos projetos de 2003 à 2017 afirmou que já participaram de vários eventos relacionados ao tema, em anos anteriores, mas que não tem registros.

ESCOLA 3 Colégio Municipal Professora Amilar Evangelista de Oliveira Almeida

Fui recebida pela coordenadora Lya Martins, que assim que apresentei nosso projeto demonstrou grande interesse em contribuir com nossa pesquisa. Levou-me até a biblioteca da escola, onde me mostrou todo o acervo literário. Apresentou-me os projetos que a escola desenvolve em cima dessa temática, o plano de curso de cada disciplina, contou-me como está organizada essa temática dentro de cada disciplina, falou sobre os trabalhos interdisciplinares, em fim, foi uma visita muito prazerosa e produtiva.

Em relação ao acervo da biblioteca, afirma ter poucos títulos na área de literatura afro-brasileira, a escola optou por adicionar uma menor quantidade de opções literárias para conseguir mais exemplares de cada livro, para que assim quando professores utilizarem na sala de aula, todos os alunos terem acesso, sem precisar comprar, ou buscar fora da escola. São eles:

“Pretinha, eu?”; de Júlio Emílio Braz

“Irmão Negro” de Walcyr Carrasco;

“A escrava Isaura” de Bernardo Guimarães;

“O cortiço” de Aluísio de Azevedo;

“A cor da ternura” de Geni Guimarães;

“Sol da liberdade” de Giselda Laporta Nicolelis;

O projeto interdisciplinar que trabalha durante todo ano, tem como tema: **O indivíduo no meio sociocultural em diferentes tempos e espaços**, cada área de ensino possui um subtema. Cidadania e diversidade cultural é o subtema da área de linguagem, são abordados nesses projetos questões sobre identidade de gênero, negritude, a importância da autoaceitação e o respeito às diferenças. As escolas têm livros publicados pelos próprios alunos sobre o tema: “Construindo valores na escola e na sociedade” e “O lugar onde vivo”. Que também aborda essa temática no que diz respeito às identidades e identificações.

A professora Sandreia Santana estagiária da UNEB aplicou um projeto de intervenção na escola Amilar durante seu período de estágio. Trabalhou com Pretinha, eu? De Julio Emílio Braz, articulou seu projeto de intervenção de maneira envolvente e trabalhou o livro de forma dinâmica com seus alunos. Sandreia Santana conquistou sua turma ao propor aos alunos que produzissem cartas ao escritor Braz, este por sua vez, superou todas as expectativas e respondeu todas as cartinhas dos alunos. “discutimos a existência do preconceito e discriminação no Brasil e a necessidade de valorização e respeito da identidade negra [...], além disso, eu já estava com uma carta resposta do escritor Júlio Emílio Braz endereçada aos meus alunos, e levei para a discussão o quanto o escritor foi sensível ao incentivar o ensino dos alunos, e principalmente a reflexão de que a educação se faz com competência, mas antes de tudo com sensibilidade. Era possível ver nos olhos dos alunos um brilho pelo fato do escritor ter respondido eles.” (SANTANA, 2017). A professora Sandreia disponibilizou os registros do seu projeto efetuado na escola.

Pretende-se ainda publicar essa ação da professora em meios digitais, para ser utilizado como incentivo para que outras educadoras e educadores também adotem essa prática que desperta nos educando, o gosto pela leitura e aproxima a relação autor, texto e leitor, é evidente que trabalhar o



protagonismo de meninas negras em literatura infantojuvenil ajuda seus alunos a reafirmar-se enquanto negros e quanto a sua negritude e seu lugar de protagonismo no mundo.

Foram realizadas visitas também na escola Municipal Jorge Amado, que assim como a maioria das demais escolas também não tem biblioteca, até o momento não se recordam de ter trabalhado alguma obra específica com protagonismo de meninas negras, mas que diretos trabalham questões étnico-raciais nas aulas de História e Literatura, mas que também não tem nenhum projeto registrado.

As outras escolas que foram visitadas foram o CES e ACM, ambas estaduais, ambas possuem bibliotecas, porém nenhuma delas tem sistema digital de catalogação dos títulos e não foi possível verificar a “olho nu” se elas possuem ou não títulos de Literatura infantojuvenil na perspectiva do protagonismo de meninas negras. Em ambas as escolas trabalham a temática em tornos da lei 10.639/03, porém de maneira contextualizadas nas aulas e não de forma específica como projetos e/ou sequência didática, portanto, apesar de terem trabalhado esta questão no dia da Consciência negra, não possuem registros.

E por fim, foi realizada a visita na escola estadual Filinto, que assim como as demais escolas estaduais de Seabra, tem a biblioteca escolar, mas não tem o sistema de catalogação digital para identificar os títulos com maior facilidade, assim como nas demais escolas verifiquei cada sessão da biblioteca e não encontrei um título sequer que estivesse relacionado à temática. Entretanto a escola já tem um longo histórico de projetos com temas diversificados e transversais, a escola comemorou em 2017 os dez anos do “Projeto: Negritude, Cultura e Educação – a busca na igualdade na diferença”.

Foi possível perceber que a escola está bastante estruturada com relação à

temática e compreende a importância de se trabalhar com ações afirmativas para que promova o respeito e a tolerância. Contei com a colaboração da professora Águida Araújo que é articuladora da área de linguagens na no Filinto e está com o Pibid há quatro anos, que é o Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UNEB em parceria com o professor Gildeci de Oliveira Leite.

A professora Águida disponibilizou alguns materiais trabalhados e os registros do projeto aplicado no Filinto, intitulado “Literatura: afro-brasilidades, autores (as) baianos (as)” do campus XXIII e que teve como objetivos “divulgar, entender e difundir conceitos de afro-brasilidade e afro-baianidade no Ensino Médio”, para isso foi realizada uma entrevista com os alunos do terceiro matutino do Filinto,

“Muito mais do que atender a lei 10639/03, pensa-se aqui na importância desse trabalho como estratégia de fortalecimento da cultura afro-brasileira dentro do espaço escolar baiano, a partir da identificação e valorização da literatura e das personagens locais [...] propiciando assim uma identificação que permite com que eles reconheçam o legado de seus ancestrais nessas discussões.” (ARAÚJO, 2014). Não se trata exatamente do foco da pesquisa, pois não está relacionado especificamente ao protagonismo de meninas negras na literatura infantojuvenil, mas trata das questões afirmativas de reconhecimento e identificação por meio da reapresentação cultural através da arte literária de autores regionais.

Conclusões

Diante da pesquisa realizada é possível concluir que é preocupante a situação das escolas do município de Seabra, por não terem Biblioteca Escolar. Das quatro escolas municipais investigadas duas não tem biblioteca alguma, uma a biblioteca está em reforma e os profissionais da escola não conhecem os títulos que tem por ser



administração nova, completamente renovado o quadro de funcionários e apenas uma, a Amilar, tem Biblioteca Escolar em uso, com pouquíssimos títulos, porém com estratégias de ensino para que todos alunos tenham acesso e com projeto devidamente registrado com o livro de literatura infantojuvenil com protagonismo de menina negra, com Pretinha, Eu?

Outro fator que preocupa é que as escolas não estão registrando seus feitos. É necessário repensar essas atitudes e começar a pensar no compromisso de registrar as principais atividades da escola por meio de projetos, artigos ou relatório. Deve-se ter em mente que os alunos passam, os professores passam, os gestores passam e os projetos ficam registrados na história da escola e poderá ser utilizados por outras pessoas.

Com relação às bibliotecas das escolas estaduais foi possível perceber que não estão sendo utilizadas de maneira adequada e atuante por alunos e professores como suporte para o processo de ensino e aprendizagem. A biblioteca escolar é um recurso fundamental para o professor, é necessária sua utilização para despertar nos alunos, o gosto pela leitura.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Relações Raciais de 2004, “Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais civis, cultural e econômico, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira.” Portanto faz-se necessário a efetivação da lei 10639/03 nas escolas de ensino básico, para promover a valorização individual de cada aluno como ser pertencente a um determinado grupo específico, valorizando sempre o cuidado, o respeito e a tolerância diante de grupos

invasivos que atinge e desestrutura pessoas por apenas o tipo de sua cor

Agradecimentos

Os agradecimentos vão para as duas professoras parceiras da nossa pesquisa: Sandreia Santana e Águida Araújo, gratidão pela colaboração, atenção e compromisso para com a educação, realizando projetos de ações afirmativas, propiciando a inclusão e o respeito na sala de aula e colaborando para que estudantes negras e negros se sintam representado em meios literários, promovendo assim a autonomia, o empoderamento e auto-afirmação identitária. Gratidão também por disponibilizarem o material para análise. Gratidão também às escolas estaduais e municipais de Seabra pelo acolhimento, o tripé Ensino, Pesquisa e extensão de nossa Universidade é importante por estreitar laços entre universidade e seu entorno, para além dos muros da universidade, contribuindo de alguma forma com a educação da cidade sede do campus e com a região da Chapada Diamantina-Ba.

Referências

ARAUJO, Águida Rodrigues de. **Literatura: afro-brasilidades, autores (as) baianos (as)**. Subprojeto PIBID/UNEB- CAPAES – CEFJB, Seabra 2014

BRASIL, LDB 96/94 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. In [http://:WWW.mec.gov.br](http://WWW.mec.gov.br) acesso em 20/09/2018

BRAZ, Julio Emílio. **Pretinha eu?**. Scipione, 2008

SANTANA, Sandreia. Relatório Final de Estágio supervisionado III. UNEB-DCHT-Campus XXIII, Seabra, 2017



ARQUIVO DA SOCIEDADE CRUZ SANTA DO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

Patrícia Ferreira Lopes; Professor Doutor Gildeci de Oliveira Leite

Universidade do Estado da Bahia. patriciaodaraf@gmail.com, gildeci.leite@gmail.com

Palavras-Chave: Arquivo - Memória - Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá

Introdução

O subprojeto Arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá 1958 a 1964 compõe o projeto “Xangô, conhecimento Nagô na Bahia: uma experiência Afonjá”, coordenado pelo professor doutor Gildeci de Oliveira Leite. Seguem explanados de modo breve a metodologia utilizada e os métodos, levando em consideração a crítica da cultura e a arquivologia. Seguem também, os resultados e discussões, acerca de alguns documentos, e alguns dos itens da “Ficha Descritiva”. Registro meus agradecimentos e menciono as devidas referências.

Metodologia

A aplicação do projeto parte de uma metodologia qualitativa. Para delinear bons resultados fez-se uso do método da biografema, sendo assim, lançou-se mão da reconstrução da história a partir das memórias eternizadas naqueles arquivos, buscando também de outras fontes a respeito dos sujeitos que construíram os documentos do arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, levando em consideração a crítica da cultura. Partindo da extrema relevância com a qualificação dos dados, do mesmo modo, teve-se a necessidade de quantificá-los e classificá-los em categorias, sendo estas, direcionadas pelos próprios documentos, levando em consideração a ficha descritiva.

Importante salientar que a organização ser em categorias e superficial quantificação, servem as intenções do olhar qualitativo, e da classificação com a pretensão de melhor entender o corpus, e proporcionar melhor entendimento aos futuros pesquisadores.

Por meio da coordenação do professor doutor Gildeci de Oliveira Leite (UNEB) e uma breve orientação técnica da arquivista Mariana Borges Ferraz (UNEB), iniciou-se o diagnóstico de todo arquivo, sem deixar de considerar a forma e a organização pré-existente.

Conforme seus conhecimentos técnicos, a arquivista Mariana Borges Ferraz forneceu “Ficha Descritiva”, na qual continha as seguintes descrições: 1) fundo, 2) grupo/subgrupo, 3) tipo de documento, 4) assunto, 5) datas e/ou datas limites, 6) eliminar em, número de folhas, 7) observações, 8) localização, 9) data da descrição, 10) realizado por, 11) data da digitação, 12) digitado por. O item localização foi subdividido em: 1) estante, 2) prateleira, 3) mapoteca, 4) gaveta, 5) caixa inicial, 6) caixa final, 7) pasta inicial, 8) pasta final.

Tendo como norte a fixa supracitada, foi observado todo o arquivo, e para o manuseio do mesmo fez-se necessário uso de equipamentos que garantissem a segurança de quem manipulava e preservação dos documentos, tais como: luvas, máscaras, pincéis etc. À medida que ocorria a limpeza, as anotações eram realizadas na ficha descritiva.

Em princípio, não houve a preocupação em discriminar o acesso aos documentos por período, visto que seria impossível por conta da organização já preexistente. Os documentos foram manipulados a partir da estrutura física já preexistente.

Após essa primeira etapa, deram início as digitações dos dados já lançados nas fichas descritivas. Durante o processo de digitalização ocorreram algumas



adversidades que corroboraram com a dificuldade de execução da mesma. Entretanto o coordenador do projeto optou que fosse feita a digitalização de forma amadora, considerando os períodos informados no projeto. Embora os documentos digitalizados ainda não garantam a exposição do acervo digital a fim de ser fonte de pesquisa e estudo para outros pesquisadores, garante a consulta para orientandos do coordenador Gildeci de Oliveira Leite, evitando, assim, manuseios e o conseqüente desgastes dos documentos.

Resultados e Discussões

Vivenciar experiências revisitando a memória de uma comunidade por meio de seus registros é sem dúvida alguma a reconstrução de uma história. Os arquivos da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá permitiram perceber parte da história e da cultura afro-brasileira, e, sobretudo, afro-baiana. Um acervo com diversas categorias de documentos nos proporciona um vasto conhecimento. Em meio à essa diversidade de documentos, recortes de jornais com matérias a respeito do Ilê Axé Opô Afonjá, nos permite entender a representação cultural, social, religiosa, familiar e educacional, que este importante terreiro de candomblé possui para a sociedade baiana, e porque não dizer, brasileira.

Para descontento de nós pesquisadores, alguns recortes de jornais subtraem informações que podemos julgar necessárias, tais como: datas, veículo de informação; ainda outras com parte do texto deteriorado pelo tempo e/ou armazenamento inapropriado. Os recortes de jornais encontrados no acervo da Sociedade do Terreiro nos proporcionam discernir os grupos de comunicação que faziam campanhas de perseguição aos terreiros da Bahia durante as primeiras décadas do século XX. Outro fato importante percebido, foi um conjunto de matérias jornalísticas e de artigos de opinião construídos por membros do próprio terreiro e destacam-se, também, manuscritos nos quais membros do Ilê Axé

Opo Afonjá descrevem atividades do cotidiano e funções, até mesmo relatos financeiros e outras logísticas sociais. O que nos deixa bem evidente a organização político-econômica e hierárquica que vem de seus ancestrais.

Em meio a diversos documentos, é necessário atentar-se para documentos de conferências religiosas nacionais e até mesmo internacionais, o que nos faz entender que o povo de axé sempre esteve reunido em prol da resistência do culto livre de sua fé. Aos membros do terreiro que são escritores, artistas, intelectuais e jornalistas são denominados pelo professor Gildeci de Oliveira Leite com “Autores e Autoras Afonjá”. Conforme o professor orientador, um conceito ainda em construção e pode ser modificado para “Autores e Autoras Xangô” e/ou “Autores e Autoras de Axé.”

Compõem o acervo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá documentos como: acordo; ata; boleto; contas (água, energia); comunicado (interno e externo); correspondência; dados pessoais; diário oficial (alguns exemplares); fotografia; jornal; ofícios; pesquisas; revista; termos; textos informativos.

Importante registrar que não foi encontrada a Ata original de fundação da Sociedade, entretanto era uma das coisas que se esperava. Contudo, foi achada reprodução do que aconteceu em sua fundação, citando todos os membros.

Entre as correspondências podemos destacar comunicações de Mestre Didi para Mãe Senhora e para Mãe Stella de Oxóssi, ilustres personagens da memória cultural afro-brasileira.

Conclusões

Concluo afirmando a importância da preservação e conservação dessa memória para a população baiana e nacional, porque tanto a Sociedade Cruz e Santa do Axé Opô Afonjá e o Ilê Axé Opô Afonjá são instituições integrantes e ativas na sociedade na qual elas fazem parte.

A memória do povo de axé, assim como as de seus ancestrais, sempre foi passada por



meio da oralidade, através de contadores de estórias conhecidos como *griot*. Entretanto, nos tempos de hoje quase não se houve mais falar em *griot*, então uma possível garantia da preservação dessa memória cultural e histórica é a preservação e o arquivamento devido desse acervo.

Como diz a atual Sacerdotisa do Opô Afonjá, Mãe Stella de Oxossi: “o tempo leva o que não se escreve”.

Acredito, que para um amplo arquivamento digital desse acervo em prol de contribuir para conservação dessa memória e possibilitar fontes de pesquisas, faz-se necessário prosseguir com outras bolsistas juntamente com o coordenador Gildeci de Oliveira Leite.

Agradecimentos

Registro meus agradecimentos ao meu coordenar professor Gildeci de Oliveira Leite, por assegurar em mim a confiança para desempenhar tal feito e me proporcionar essa memorável experiência. À PROAF (Pró-reitoria de Ações Afirmativas) da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) pela necessária bolsa financeira.

Referências

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007.

BARCELAR, Jeferson. Os últimos Africanos na Bahia. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abri 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BONFIM, Martiniano Eliseu do. *Os mistérios de Xangô*. In: *Anais do Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1940.p. 142-143.

BRAGA, Julio. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

BRAGA, Julio. *Oritamejé: o antropólogo na encruzilhada*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

BRAGA, Júlio. *Candomblé da Bahia: A Cidade das Mulheres e dos Homens*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

CARNEIRO, Edison; BONFIM, Martiniano; FERRAZ, Aydano. *Palavras inaugurais do Congresso Afro-Brasileiro da Bahia*. In: *Anais Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940b, p.7-9.

CARNEIRO, Edison. Uma Revisão na etnografia religiosa afro-brasileira. In: *Anais do Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1940c. p.10-11.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Ediouro. Rio de Janeiro, 1948.

CARNEIRO, Edison. *A linguagem popular da Bahia*. Rio de Janeiro: 1951.

CARNEIRO, Edison. *Pesquisa de Folclore*. Comissão Nacional de Folclore e Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC), Rio de Janeiro: 1955.

CASTILHO, Lise. *Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2ª Ed. Topbooks, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e racismo: aula inaugural na FFLCH – USP em 10.03.1993. *Revista Princípios*. São Paulo, n. 29, p.10-16, jun./jul.1993.



- CORAZZA, Sandra Mara. *Introdução ao Método Biografemático*. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/51489007/introducao-ao-metodo-biografematico>>. Consultado em: 30 AGO 2016.
- COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/EdUFF, 2005.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LIMA, Fábio. As quartas-feiras de Xangô: ritual e cotidiano. João Pessoa. Editora Grafset, 2010a.
- LIMA, Vivaldo da Costa. OLIVEIRA, Waldir Freitas (org). *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1987.
- LIMA, Vivaldo Costa: Obá Odofin. Conferência de Abertura. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abri 1995.
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Salvador: Corrupio, 2003.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Os obás de Xangô. In: LIMA, Vivaldo da Costa. *Lessé Orixá nos pés do santo*. Salvador: Currupio, 2010, p. 59-87.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. Jorge Amado: negro e de axé. Itabuna, Via Litteraurum; Casa de Palavras: Academia Baiana de Letras, 2012.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. *Jorge Amado: da ancestralidade a representação dos orixás*. Salvador: EDUNEB, 2014.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. Ofício de Obá. In: FRAGA, Myrian & FONSECA, Aleilton & HOISEL, Evelina. Itabuna, Casa de Palavras/ Academia Baiana de Letras, 2015. p. 209-218.
- LODY, Raul. *Tem dendê, tem axé: etnografia do dendezeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
- LODY, Raul. *Xangô: o senhor da casa de fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2000.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. Depoimento Saudoso sobre o Candomblé. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. *História de um terreiro nagô: crônica histórica*. São Paulo: Carthago e Forte, 1994.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- SANTOS, Juana Elbein dos & SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi Asipa). *Exu*. Salvador: Corrupio, 2014.
- SANTOS, Juana Elbein dos & SANTOS, Deoscóredes Maximiliano (Mestre Didi Asipa). *Sángo*. Salvador: Corrupio, 2016.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *O sagrado não tem cor*. [01 de novembro, 2014] Salvador: G1. Entrevista concedida a



- Henrique Mendes. Disponível em <http://g1.globo.com/bahia/flica/2014/noticia/2014/11/sagrado-nao-tem-cor-diz-mae-stella-em-debate-que-lotou-tarde-na-flica.html>. Acesso em 02.11.2014.
- SODRÉ, Muniz. Cultura Africana e Corporalidade. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.
- TAVARES, Ildásio. A Ética do Candomblé. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.
- TAVARES, Ildásio. *Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.
- TAVARES, Ildásio. *Candomblés na Bahia*. Salvador: Palmares, 2000.
- TAVARES, Ildásio. *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1985.
- VERGER, Pierre. *Orixás: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo*. 5a ed. Salvador, Corrupio, 1997.



EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE QUILOMBOLA

Raiele dos Santos Mota; Iris Verena Oliveira

Universidade do Estado da Bahia. raielemota1@gmail.com, irisveren@gmail.com

Palavras- Chave: Educação do campo; Educação escolar quilombola; Nordeste/BA.

Introdução

O artigo apresenta um debate sobre a educação do campo a partir das experiências da escola José Alencar situada na comunidade quilombola de Tanque Bonito, em Nordestina-Ba. Para isso foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica para compreender o que fundamenta a educação do campo e suas relações sociais e culturais. Posteriormente a partir de entrevistas feitas com docentes, compreender como a escola lida com a mediação do contexto agrário local e o contexto educacional, na tentativa de compreender se há uma preocupação em relacionar a vida cotidiana com a escola. Interessa apresentar uma discussão que articule educação do campo e educação escolar quilombola.

Metodologia

O objeto parte do projeto *Ser quilombola no território do sisal: Experiência, formação e práticas curriculares no espaço escolar*, que a partir dos GEs (Grupo de Experiência) metodologia de pesquisa que permite a coleta de informações por provocar destabilizações a todos os envolvidos, pelas situações em que são provocados ao relatar suas experiências, momentos em que as invenções de si também possibilitam construções e narrativas sobre o outro (OLIVEIRA, 2017) possibilitou Investigar a interseção entre educação do campo e educação escolar quilombola; Problematizar a questão agrária para comunidades quilombolas, compreender como se configuram os aspectos indenitários das comunidades quilombolas do Território do Sisal; Investigar os impactos das questões étnico-raciais na formação de competências

sócio emocionais de professores da escola e moradores das comunidades pesquisadas.

A formação é pensada pela experiência, a partir dos pressupostos de Jorge Larrosa Bondía, no qual trata-se de discussões sobre práticas curriculares para educação das relações étnicos raciais, que utilizam-se de elementos do cotidiano dos professores atuantes na rede de ensino de Nordestina/ BA (Escola José Alencar), usando artifício da “sedução” de docentes para a valorização das comunidades quilombolas do território do sisal.

Resultados e Discussões

A educação do campo

Os estudos sobre educação do campo são frutos de debates, que envolvem a experiência coletiva dos movimentos sociais de trabalhadores e os direitos de aprendizagem de estudantes quilombolas e do campo. Partindo desse pressuposto o projeto do plano Nacional de educação do campo, implanta a educação do campo como uma vasta frente de necessidade a ser encarada e realidades a serem reconhecidas. Como aponta Souza e Marcochia (2011) na narrativa da educação brasileira, o andamento da educação do campo é atual e produto das lutas dos movimentos sociais de trabalhadores. A sua procedência foi caracterizada por lutas e pela viabilização de artifícios educativos delineados na coletividade de trabalhadores do campo, na conjuntura da luta pela terra; por diagnósticos da realidade educacional do país; por atuações do tipo parcerias na ofertada educação de jovens e adultos; e por ações direcionadas aos governos (federal, estadual e municipal) no que pulsa à



efetivação do direito principal e social que é a educação. E o mais importante é que a sua genealogia agrega o cenário das lutas por um projeto popular para o Brasil e por um projeto de campo em que terra, trabalho e cultura são indissociáveis. A educação do campo tem como marca o exercício coletivo. Há diferentes frentes de trabalho educacionais “direcionadas” aos trabalhadores do campo, que, todavia carecem da valorização da cultura e do reconhecimento da sua capacidade de preparo político.

Se tratando de educação do campo é importante ressaltar que a lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, artigos 26 e 28, estabelecem a organização curricular diferenciada para as escolas rurais. Conforme dispõe o artigo 28, no qual entende que as escolas rurais possuem especificidades próprias que está intrínseca na sua profundidade e que precisam ter um olhar que acrescente uma diversidade de fatores das populações rurais.

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente. Incisos: I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas das reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- Organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas; III- Adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Apud SOUSA e MARCOCCIA, 2011)

Partindo dessas inquietações analiso o contexto da escola José Alencar Gomes da Silva, unidade escolar de médio porte, que atende ao ensino fundamental das comunidades quilombolas situados na cidade

Nordestina-Ba. A cidade de Nordestina² localizada no Território do Sisal possui 12 comunidades quilombolas certificada pela Fundação Cultural Palmares, onde 95% dos estudantes são quilombolas e pertencentes a famílias de pequenos agricultores rurais, calculado mais de 240 famílias que praticam atividades de subsistência. “Esses povos do campo possuem uma identidade cultural própria, que têm raízes na sua maneira de viver e trabalhar, enfim, uma [...] cultura que se produz através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra.” (FERNANDES; CEROLI; CALDART, 1998, apud, GUHUR e SILVA, 2009, p. 130).

Dentro disso, a principal problemática foi entender a interseção entre educação do campo e educação escolar quilombola e problematizar a questão agrária para comunidades quilombolas, dentre esses compreender como estavam sendo trabalhado essas conjunturas da agricultura familiar agrária, por entender que a organização social das comunidades negras rurais se realiza por meio de dois elementos principais: o território e o parentesco, articulados e que é fruto de uma construção histórica comum, envolvendo diversos outros aspectos que remontam a um passado muito longínquo. (MESSEDER; MARTINS, apud, MACEDO, 2017)

Assim, é dada uma ênfase ao contexto escolar por identificar faltas de informações sobre a trajetória das comunidades e suas formas de vida, que por se tratarem de comunidades rurais com uma imagem associada a violência, dificuldades educativas e por serem distantes da sede do município

² O território do Sisal, mais conhecido como região Sisaleira da Bahia, está localizado no domínio morfo climático do semiárido, o nordeste do estado, a pouco mais de 200 km de Salvador. Abrange uma área de 21.256,50 Km² e é composto por 20 municípios: Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia, Valente, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Tucano, Araci, Cardeal, Cansanção e Itiúba. Acesso em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/territorio_sisal/arvore/CONT000fckg3dhc02wx5eo0a2ndx



de Nordestina ocorre uma resistência dos docentes para ensinar nesses estabelecimentos de ensino. Em muitos casos, a ida para tais escolas esteve associada a desentendimentos com políticos locais e é encarada pelos docentes como castigo nas quais a escola está inserida.

A formação de professores do campo está prevista no Projeto de Lei do PNE (Plano Nacional da Educação) que constitui a implementação de “programas específicos” para a formação de docentes para as populações do campo, comunidades quilombolas e povos indígenas” (BRASIL, 2010 Apud SOUZA e MARCOCCIA, 2011). Diante disso, observamos em entrevista feitas com docentes que atua na rede de ensino (escola José Alencar) que eles não tiveram acessos a esses programas “específicos” de uma educação que continha um currículo e metodologias apropriadas as necessidades e interesses dos alunos da zona rural, principalmente no que diz respeito a adequação das fases dos ciclos agrícola e as condições climáticas, ou seja, uma escassez da natureza do trabalho na zona rural, fatores que de modo impossibilitam o fortalecimento da identidades das escolas do campo, mas que em uma atividade proposta pelo GEF (Programa de gestão em foco) que visa capacitar gestores, numa formação profissional e contínua, com práticas cotidianas de gestão na instituição, além de articular os sistemas integrados a família. Dentro dessa perspectiva uma das propostas sugeridas pelos docentes da escola José Alencar foi:

Ser uma escola reconhecida em nosso município que prima por uma educação de qualidade e valorizar as potencialidades das comunidades local, capaz de transformar o conhecimento em um ato político (Retirado de um portfólio produzido pelos professores da escola José Alencar)

assim um dos objetivos era promover projetos que envolvesse a família, a comunidade e escola.

Conclusões

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente, conteúdos curriculares e metodologias apropriadas das reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; uma organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário e adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL,1996, Apud SOUSA e MARCOCCIA, 2011. A questão apontada acima refere-se à relação educador-educando-escola-comunidade. Comumente, observa-se que, quando a opção por preparar o currículo e não há participação da comunidade, os meios externos pressionam a escola e o educador, questionando a legitimidade dos conhecimentos e das práticas pedagógicas desenvolvidas. Isso se funda numa concepção escolarizada de educação, e do mesmo modo numa concepção de que a escola é uma instituição desvinculada das práticas sociais. De acordo a (ANTONIO e LUCINI, 2007) as coações sofridas pela escola e pelos educadores, quando não arraigadas num processo que visa à transformação da realidade vivida, podem constituir-se em fator de rompimento com a possibilidade de avançar nessa proposta, ou então mascará-la, enquadrando-a numa outra lógica, que não aquela que funda o trabalho com, qual seja, a da tomada da educação pelos trabalhadores, um processo de um constante refazer-se.

Agradecimentos

Posso dizer que participar desse projeto foi uma das melhores coisas que me aconteceu, pois me ajudou não só no sentido acadêmico, mas me fez ter um olhar diferenciado para além do que a universidade proporciona. Agradeço a orientadora Iris Verena Oliveira, por ter orientado com total responsabilidade, também aos docentes da escola José Alencar,



moradores das comunidades quilombolas por nos mostrar a importância das fontes orais, ao edital Afirmativa por ter dado essa oportunidade única e principalmente ao grupo (GEs) por proporcionar viver a experiência que o Larrosa conceitua.

Referências

ANTONIO, A. C; LUCINI. M. **Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos** Em Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 177-195, maio/ago. 2007 177 Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

Como elaborar o plano de desenvolvimento da escola; aumentando o desempenho da escola por meio de planejamento eficaz.3ª. Brasília: FUNDEESCOLA/ DIPRG/FUNDE/ MEC, 2006.

GUHUR, D.M.P; SILVA, I.M. **Educação do campo primeiras aproximações**. Em roteiro, Joaçaba, v. 34, n. 2, p. 129-144, jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, Iris Verena. **Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo**. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 49, p. 139-154, maio/ago.2017.

SANTOS, Gildásio Alves. **Memória, identidade e linguagem: a comunidade quilombola do Quenta Sol (Tremendal-BA)**. (Dissertação de pós-graduação) Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. VITÓRIA DA CONQUISTA, 2013.

SOUZA, M.A; MARCOCCIA, P.C.P. **Educação do campo, escolas, ruralidades e o projeto PNE**. Em. Revista da FAEEBA– Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.20, n. 36, p. 191-204, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. [online] Disponível na Internet via: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 17 de Julho de 2017.

CARVALHO, Maria Inez. **O A-con-tecer de uma formação**. Em: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159-168, jan./jun., 2008.

FIABANI, Adelmir. Os novos quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil [1988-2008]. 2008.

ARRUTI, José Maurício Andion. “**A emergência dos ‘remanescentes’: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas**”. Em: Mana. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 3.2, outubro de 1997, p. 7-38;

PINSK, Carla Bassenezi. (org) Fontes históricas2 ed. Contexto, São Paulo 2008.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana; MESSEDER, Marcos Luciano Lopes; QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Educação escolar em comunidades quilombolas do território de identidade do Velho Chico-BA**. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, v. 26, n. 49, 2017.

OLIVEIRA, Iris V. **Negro é o outro: formação pela experiência e invenções de si**. P.1-18, 2017.



MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES DE INTERESSE BIOECONÔMICO DO LITORAL NORTE DA BAHIA, BRASIL

Danille dos Santos Rosendo, Iramaia de Santana

Universidade do Estado da Bahia UNEB – CAMPUS II – dany17002@hotmail.com - irasanta@yahoo.com

Palavra-chave: Sistemática de peixes, Litoral Norte da Bahia, Bioeconomia.

Introdução

A Coleção Ictiológica de Referência do Litoral Norte da Bahia (Col/Ictio LN/BA) dedica-se a salvaguardar registros das espécies exploradas pela pesca artesanal. Esta Coleção Científica é coordenada pela equipe do Laboratório de Recursos Pesqueiros Marinhos (LABMARH) e pertence ao Campus II da Universidade do Estado da Bahia.

As espécies exploradas são das classes Chondrichthyes e Actinopterygi e tem grande importância comercial para as comunidades pesqueiras, as quais utilizam a pesca artesanal como fonte de renda.

Aos Chondrichthyes, foram fundamentais os estudos desenvolvidos à preservação e conscientização, enfatizando os perigos da pesca artesanal para este grupo. Além da alta importância ecológica, sendo que estes são considerados predadores de topo e uma das funções principais deste grupo recai sobre o controle populacional de outras espécies de peixes, auxiliando assim no equilíbrio de toda a cadeia alimentar abaixo deles.

São categorizadas como Peixes de Segunda, ou seja, peixes de valor comercial intermediário abaixo, ainda que possam migrar à categoria Peixes dos Amigos, quando utilizadas na manutenção de relações sociais dentro da comunidade pesqueira.

Aos Actinopterygii, estão presentes na coleção, espécies recifais e de estuários. Este grupo possui variabilidade em todas as categorizadas comerciais; peixes de primeira, que possui grande valor comercial; segunda; amigos e refugio, peixes que são utilizados como isca por não possuir valor comercial.

O Manual de Identificação foi formulado, baseado nas principais características

morfológicas e de diagnose para identificação rápida em situações de campo. Para a informatização da base de dados foi utilizado como mecanismo o Microsoft Office Excel 2007 e a estruturação da lista icnográfica foi desenvolvida com informações essenciais, como, dados biométricos, diagnose, características morfométricas e características em campos numéricos, dados de captura e predominância da espécie.

A importância bioeconômica sobre os principais grupos de peixes foram divulgadas ao público externo, através de sessões da Exposição Itinerante da Coleção Ictiológica de Referência do Litoral Norte da Bahia, a qual proporcionou diferentes informações sobre mitos e fatos sobre os tubarões, sobre o modo como diferentes espécies chegam as nossas mesas, estratégias reprodutivas e de crescimento dos peixes, bem como aspectos da produção e produtividade da pesca artesanal no Brasil e sua importância para a economia litorânea.

Além disso, o mecanismo científico utilizado para a identificação das espécies foi apresentado e testado pelo público, que pode ter contato direto com alguns peixes da Coleção.

Metodologia

O mecanismo utilizado para identificações dos peixes foram a Chave Dicotômica. Os dados biométricos, modalidade de pesca e categorias comerciais foram realizados conforme o proposto por Santana (2001). Dados biométricos (comprimentos furcal e padrão; peso e sexo, este último quando possível), serão registrados em fichas de campo específicas, seguindo o proposto por

Cérvigon (1992) e Vazzoler (1994), respectivamente. Dados de captura por unidade de esforço (CPUE) e predominância serão derivadas das observações e registros em campo e determinada seguindo o proposto e modificado de Laevastu (1971), Holden & Raitt (1975) e Fonteles-Filho (1989). Os espécimes já tombados na coleção serão categorizados comercialmente seguindo o proposto por Santana (2001) e os que não foram tombados estão inclusa na lista de icnográfica. O escopo do Manual de Identificação se baseará nas principais características morfológicas e de diagnose para identificação rápida em situações de campo.



Figura 1 Apresentação dialógica das espécies do Manual de Identificação durante o II Encontro Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão do NUPE/DCET II

Resultados

Do material trabalhado, foram identificados 503 INDIVÍDUOS pertencentes a 27 espécies, distribuídas em 22 gêneros pertencentes a 15 famílias. As espécies foram identificadas com base em: Allen (1995), Carvalho-Filho (1999), Figueiredo (1977), Fisher (1978), Figueiredo e Menezes (1980,2000), Humann (1996), Menezes e Figueredo (1980,1985), Moura e Lindelman (2007), Rocha e Rosa (1999). Todos os indivíduos foram fotografados e registrados no banco de dados iconográfico da Coleção.

Destacamos a identificação de espécies das famílias Carangidae, Lutjanidae, Scombridae e Serranidae, todas de alto valor comercial para a pesca artesanal do Litoral Norte da Bahia.

Após a identificação foram catalogados 368 Indivíduos no banco de dados iconográfico da Coleção, com as devidas informações sobre as estratégias de pesca, suas características morfológicas e categoria bioeconômica.

Através da extensão do trabalho, a divulgação foi desempenhada por meio da participação enquanto bolsista, de cinco sessões da “Exposição Itinerante da Coleção Ictiológica de Referência do Litoral Norte da Bahia: Peixes de importância Bioeconômica”; por meio da pesquisa, 2 (dois) trabalhos foram apresentados em eventos científico.

Discussões

O presente trabalho traz um recorte do Catálogo de Peixes de Importância econômica do Litoral Norte do Estado da Bahia. As espécies foram classificadas de acordo aos critérios taxonômicos correntes, mas ganharam uma abordagem econômica em relação à comunidade no processo de categorização, criando um sistema de classificação inovador e que pode ser utilizado por leigos e biólogos. Sua importância reside no esclarecimento dos aspectos sociais e econômicos que envolvem as espécies exploradas e a pesca artesanal. Os peixes da classe Chondrichthyes, também designado peixes cartilaginosos e da classe Actinopterygi caracterizados por suas nadadeiras suportadas por raios, possuem importância no equilíbrio ecológico, mantendo o ecossistema marinho equilibrado e importância econômica por ser comercializado pelo homem. A ColIctio/UNEB por meio de pesquisas realizadas por Bolsistas e estagiários se dedica em manter o equilíbrio econômico e ecológico, podendo beneficiar a pesca artesanal sem afetar a estabilidade das espécies.

Conclusões

Os estudos desenvolvidos com o auxílio das referências citadas me forneceram conhecimento acadêmico o qual foi essencial



para a evolução dos trabalhos de sistemática de peixes, suas categorias bioeconômicas e sobre o trabalho científico que está por trás das estratégias de extensão aprendidas durante a execução deste projeto. Além disso, os trabalhos me possibilitaram uma satisfação pessoal e um interesse maior em estudos sobre Ictiologia de ecossistemas marinhos. Proporcionou-me conhecimentos não existentes até então que seguiram para outros rumos da minha formação profissional, como por exemplo a criação de banners, modo correto de desenvolvimento de slides, trabalho de pesquisa e extensão e o manejo e comportamento de materiais de laboratório.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, que teve excelente comprometimento na avaliação, instrução e auxílio no desenvolvimento do trabalho, alertando sobre os possíveis erros e com as devidas correções, ensinando de maneira esclarecedora como obter os devidos acertos. Aos meus colegas Wagner, Amanda, André e Ana Tereza que também apresentaram trabalhos referentes a ictiologia, concedendo excelentes recomendações, havendo sempre conhecimento mútuo.

Referências

- Projeto redespécieLink. 2016. Disponível em: <http://splink.cria.org.br/>. Acessado em: 08/2016.
- FIGUEIREDO, J.L. 1977. **Manual de Peixes Marinhos do Sudoeste do Brasil: I. Introdução. Cações, raias e quimeras.** São

Paulo, Museu de zoologia: Universidade de São Paulo. v.1, 104 p. il.

FIGUEIREDO, J.L. & MENEZES, N. A. 2000. **Manual de Peixes Marinhos do Sudoeste do Brasil: Teleostei (5).** São Paulo, Museu de zoologia: Universidade de São Paulo. v.2, 116p. il.

MENDONÇA, F. A. R. C. 1996. Área de Proteção Ambiental Litoral Norte: uma experiência de gestão. **Bahia- Análise & Dados.** Salvador: SEI, 6(2): set., 72-77p.

- SANTANA, I. 2001. **A Pesca Artesanal na APA Litoral Norte da Bahia: um olhar sobre a exploração comercial da ictiofauna marinha e estuarina e sobre as relações pesca-pescador.** João Pessoa. 106p. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal da Paraíba. Orientadora: Dra. Ierecê Maria de Lucena Rosa.
- DE SANTANA. Riqueza e diversidade de peixes explorados pela pesca artesanal na APA Litoral Norte, Bahia, Brasil. In: NUNES, J. M. C; MATOS, M. R. B. **Litoral Norte da Bahia: Caracterização ambiental, biodiversidade e conservação.** Organizadores; PREFÁCIO, MENDES, E. - SALVADOR: EDUFBA, 2017, 9.ed. New York: EDUFBA, 2017. Seção 3, p.331-352.



QUEBRANDO PAREDES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EMPIRICA DE EXTENSÃO.

Renata Maria Souza do Nascimento; Rose Caroline Souza Oliveira

*Universidade do Estado da Bahia/ Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Campus XXIII; EMAIL-
reluel@uol.com.br, caroluneb15@gmail.com*

Palavras-Chave: Extensão; Feminismo Negro, Evento, Comunicação

Introdução

Este trabalho relata uma experiência empírica de extensão universitária ocorrida no projeto Literatura Infantojuvenil: olhares sobre o protagonismo de meninas negras, pela Programa Afirmativa de Pesquisa e Extensão na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus XXIII em Seabra, que culminou na coo participação no evento; Ondas Feministas invadem o campus XXIII, desenvolvido pelo grupo ensino “The uses official translation: Black feminism nad womanis as response to racismo”. O evento teve como enfoque o Feminismo Negro que possibilitou que os projetos se interligassem. A partir de tal experiência vivenciada, fez-se um relato desta prática.

Os projetos de extensão de uma universidade visão integrar de modo mais eficiente com comunidade na qual ela está inserida. Conforme Frantz (2002, p. 13) a extensão universitária guarda “uma estreita relação com as atividades de ensino e pesquisa, porém, inserindo a universidade na dinâmica do desenvolvimento da sociedade, ao fazer a ponte entre finalidades institucionais e interesses e necessidades das pessoas”, sendo algo primordial para uma relação solidificada e transformadora entre esses dos elos.

Dessa forma, este estudo está focado no primeiro evento: Ondas Feministas invadem o campus XXIII realizado em 2017 na UNEB campus Seabra. O evento envolveu, além de acadêmicos, alunos da escola municipais e estaduais do município, trabalhando um tema importante (tanto para os acadêmicos, que aprendem com a

organização de um evento real praticando a extensão universitária, tanto para os participantes), se fazendo uma ação necessária no cenário da região, que tem uma forte expoente de pessoas negras³, contendo 103 comunidades quilombolas de acordo ao Inkra.

Com isto foi desenvolvido toda a campanha de divulgação, nos quesitos da pré até a pós-produção do evento.

O evento uniu dois projetos: Literatura Infantojuvenil: olhares sobre o protagonismo de meninas negras, pela Programa Afirmativa de Pesquisa e Extensão na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus XXIII e o grupo ensino The uses official translation: Black feminism nad womanis as response to racismo; Todos os projetos contam com o envolvimento com o Feminismo negro, o que norteia todas ações.

Ao partir da premissa que o contexto regional em que a atividade seria realizada, tem a necessidade, especialmente o campus em questão por abrigar maioria de acadêmicas mulheres, foi pensado e desenvolvido todo um plano de comunicação na qual se traçaria um caminho para o evento. E assim exercitando diversas práticas relacionadas ao seu campo da comunicação. Desse modo, como destaca Bernheim (1978), contribuem para o fortalecimento da universidade pela projeção ao povo da cultura universitária e pela preocupação com os problemas nacionais. O objetivo deste artigo, portanto, é relatar a integração de práticas de extensão durante a

³ IBGE



operacionalização da Ondas Feministas invadem o campus XXIII, ocorrida em março de 2017, refletido a partir das propostas extensionistas da universidade.

Metodologia

O local escolhido pelo projeto *Literatura Infantojuvenil: olhares sobre o protagonismo de meninas negras*, foi o próprio ambiente acadêmico, visto que a instituição, UNEB campus XXIII, desde sua origem contém cursos de licenciatura, de turmas em sua maioria composta por mulheres, que de acordo com suas experiências estéticas particulares são capazes de interferir em ambiente escolar. Neste sentido a metodologia escolhida pra tal pesquisa foi a pesquisa ação, uma vez que ouve uma interferência do pesquisador para sanar o problema delineado de acordo as necessidades específicas da realidade do grupo (FRANCISHETT, 1999, p.172). Em que, foi oferecido uma oficina de trança, onde essas mulheres além de aprenderem a trançar e socializaram suas dores e inseguranças, e posteriormente com os ensaios fotográficos em que as mesas conseguiram se ver em um outro contexto.

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados. (BALDISSERA 2001, p.6)

Com isto, a minha proximidade com o tema em questão, por ser mulher negra e acadêmica, facilitou a empatia para com o objeto pesquisado, facilitando na escolha dos caminhos e das sutilezas utilizados as atividades em foco.

Resultados e Discussões

Martin (2008) faz uma definição de eventos traduzindo que são acontecimentos planejados e organizados, e são todos coordenados de forma a contemplar um determinado número de pessoas num mesmo espaço físico.

O evento não deve ser tratado como um instrumento menor no processo de comunicação, como mais uma ação ou mero entretenimento. Independente de cumprir um objetivo institucional ou mercadológico, o evento é uma estratégia eficiente em benefício de uma empresa ou organização. (SCHOMMER, 2012, p. 07)

De acordo com Giácomo (1997) os eventos se dividem em três fases específicas: pré-evento, evento e pós-evento.

Neste evento específico as atividades pré-evento⁴, elaborados pelo projeto *Literatura Infantojuvenil: olhares sobre o protagonismo de meninas negras*, foram; a oficina de tranças, na primeira emana de Dezembro de 2017, em que trouxemos a o livro infanto-juvenil *As tranças de Bintou* da autora Sylviane Anna Diouf, para exemplificar como as tranças são vistas em um contexto fora de uma realidade eurocêntrica, o que culminou na uma roda de desabafos e conversas e tranças. O que instigou a próxima atividade que foi pensada de forma interdisciplinar entre os dois projetos que foi a elaboração da exposição “Eles Quebram a cara e nós Quebramos as paredes”, em que foi feito com mulheres do campus que se entendem enquanto negras.

A proposta do trabalho foi retrata-las poderosas, como forma de empoeiramento desta feminilidade, para isso foi utilizado contra plongée e na direção das fotos a única

⁴Nesta etapa, são estabelecidos fatores estruturais como data, local, tema, participantes, estratégias de comunicação e operacionalização das atividades, além de atividades que atraíam o público.



coisa pedida foi que fizessem a uma pose que representasse o título da exposição “Eles quebram a cara e Nós quebramos as Paredes”. Com projeções atrás de mulheres negras inspiradoras foi retratado as reações delas. Tendo sua estreia no dia do evento em uma Televisão no rol de entrada do departamento, e posteriormente com projeção no palco.

No evento⁵, houve a exibição das atividades realizadas pelo grupo *The uses of official translation: Black feminism nad womanis as response to racismo*, no qual as alunas lançaram o fanzine “A peruca que esconde a minha alma”, exposição do ensaio fotográfico *Eles Quebram a cara e nós Quebramos as paredes*”, com o lançamento do projeto “Leia mais Mulheres” e uma mesa sobre Articulações entre gênero e sexualidade e suas intersecções com a professora Amélia Maraúx.

Com o pós-evento⁶, foi possível avaliar a importância das mesmas se enxergarem em um outro ângulo, e como oficina de trança e a exposição fotográfica contribuiu de forma positiva para que as mesmas se apossassem do espaço universitário, infelizmente os releases não tiveram tatos destaques nos jornais locais devido um incidente ocorrido no mesmo dia, porém o impacto interno que o projeto visava ocorreu Andrade (2002, p. 41) salienta que a promoção de eventos, “quando adequadamente identificados com o espaço onde são realizados, podem valorizar os conteúdos locais, tornando-os parte destacada da atração”, como foi antecipadamente previsto.

Conclusões

Diante deste cenário, percebe-se a importância da extensão universitária para desenvolver e aprimorar cada vez mais suas práticas educacionais visando constantemente a integração do ensino, da

pesquisa e da extensão. Neste contexto foi entendido a necessidade do corpo acadêmico em participar das atividades propostas na produção deste evento.

Estas práticas conduzem a universidade a socializar os conhecimentos, e no nosso caso, externar as dores em ser um corpo negro dentro do ambiente acadêmico, e assim produzir um novo entendimento sobre o seu próprio corpo.

Dentro desse contexto a realização da Ondas Feministas invadem o campus XXIII, enquanto prática de ensino e extensão, proporcionou a mim enquanto estudante de Comunicação Social/ Jornalismo em Mídias, a aplicação do produto da aprendizagem na sociedade, auxiliando em minha formação profissional.

Tal ação demonstra o quão importante é essa integração entre os projetos extensionistas do campus XXIII, possibilitando uma construção conjunta e integrado, e comprovando a indissociabilidade do tripé que é alicerce de uma universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão, que é promovido pela universidade em questão.

Com isto a extensão universitária se torna para o discente ponto de encontro com o mundo, o proporcionando ir além dos muros universitários e das carteiras da sala de aula, o que implica em uma cumplicidade e entendimento das relações e problemática locais.

Agradecimentos

Agradeço minha orientadora, a professora Renata Maria Souza do Nascimento, orientador, pelo empenho dedicado à elaboração deste *trabalho*. A professora Raphella Oliveira, pelo apoio e confiança. As mulheres negras do campus XXIII- Seabra, por se mostrarem para minha lente, me dando a oportunidade de capturar suas belezas, a Caroline Rodrigues por ter colaborado na oficina de trança. E A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a elaboração e a pratica da oficina e do evento.

⁵ Etapa em que é executada as atividades propostas na etapa anterior.

⁶ Ocorrem as atividades de avaliação técnica e administrativa, relatórios, comunicações finais, confrontação de resultados, clípagens, agradecimentos



Meu profundo agradecimento, a todos que
partilharam desta caminhada.

Referências

- ANDRADE, R. B. **Manual de eventos**. 2^a. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- BALDISSERA, Adelina. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 7(2): 5-25, Agosto/2001.
- BERNHEIM, C. T. **El nuevo concepto de extension universitaria y difusion cultural**. México: Unam, 1978.
- BONA, R. J.; ZUCCO, F. D.; MORETTI, S. L. A. Cooperação técnica e socialização de práticas de comunicação: relato de experiência do programa Comunicação e Comunidade. In.: PEREZ, C. TRINDADE, E. **II Pró-Pesq** – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda (2.:2011: São Paulo). Como anda a publicidade?: porque pesquisar faz bem, 2011.
- CANTON, A. M. Eventos. In: ANSARAH, M. G. R. (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: Senac, 2004.
- CERQUEIRA, D. T. Em busca de uma definição de extensão universitária no Brasil: conceito, limites e características. Extensão em Rede. **Revista de Extensão do Sistema Acafe**. 2003.
- FRANCISCHETT, N. Mafalda. **Refletindo Sobre Pesquisa-Ação**, 1 Ed. p. 176 – 179. 1999.
- FRANTZ, W. A extensão universitária no desenvolvimento regional: a leitura da experiência de uma universidade comunitária. In.: **Anais do III Fórum de Extensão da ACAFE: limites e possibilidades da extensão universitária – os desafios da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão** (19 e 20 de setembro de 2002). Lages: UNIPLAC, 2002.
- GIÁCOMO, C. **Tudo acaba em festa: evento, líder de opinião, motivação e público**. São Paulo: Scritta, 2^a Ed., 1997.
- HISTORINHA. **Relatório final da HistoRinha 2012**. Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, FURB, Blumenau/SC, 2012.
- MARTIN, V. **Manual prático de eventos**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MATIAS, M. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. Barueri: São Paulo, 4^a edição revista e ampliada, 2007.
- MIRANDA, G. Depoimento sobre a organização da Rinha. In.: **HISTORINHA**. Relatório final da HistoRinha 2012. Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, FURB, Blumenau/SC, 2012.
- MOSER, C. R. Depoimento sobre a organização da Rinha. In.: **HISTORINHA**. Relatório final da HistoRinha 2012. Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, FURB, Blumenau/SC, 2012.
- MELO NETO, F.P. **Marketing de Eventos**. Rio de Janeiro: Sprint, 3^a edição, 2001.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2^a edição, 2001.
- ROCHA, R. M. G. A gestão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: referenciais e contexto nacional. In.: **Anais do III Fórum de Extensão da ACAFE: limites e possibilidades da extensão universitária – os desafios da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão** (19 e 20 de setembro de 2002). Lages: UNIPLAC, 2002.
- SCHEIDEMANTEL, S. E.; KLEIN, R.; TEIXEIRA, L. I. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. In.: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte** (12 a 15 de setembro de 2004). Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos5.pdf>, acessado em 23 jun. 2012.
- SCHOMMER, L. Valor estratégico dos eventos. In.: **Anais do XIII Congresso de**



Comunicação na Região Sul, 31 de maio a 02 de junho de 2012, [recurso eletrônico]: Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação [realização Intercom e Unochapecó], 2012.

TRIPP, David. **Pesquisa-Ação Uma Introdução Metodológica**, Universidade de Murdoch. 2005

ZANELLA, L. C. **Manual de Organização de Eventos**. Atlas: São Paulo, 2003.



ARQUIVO DA SOCIEDADE CRUZ SANTA DO AXÉ OPÔ AFONJÁ

Tairine Brito dos Santos Mendes; Vanessa Cerqueira Ribeiro; Professor Doutor Gildeci de Oliveira Leite

Universidade do Estado da Bahia. tayrinemendes@outlook.com.br, vanessa15.ribeiro@gmail.com

Palavras-Chave: Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonja, Arquivo, Memória, Afro-baianidade

Introdução

Os subprojetos “Arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá 1965 a 1970” e “Arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá 1971 a 1975” compõem o projeto “Xangô, conhecimento Nagô na Bahia: uma experiência Afonjá” coordenados pelo professor doutor Gildeci de Oliveira Leite. Por serem subprojetos da mesma natureza e com planos de trabalho parecidos, optamos pela realização conjunta do resumo expandido, afinal os trabalhos foram realizados conjuntamente. O que diferencia os dois subprojetos são os anos de verticalização para o trabalho de digitalização. Contudo, obrigatoriamente, tivemos que adentrar, conjuntamente, em todo o arquivo. A seguir descrevemos a metodologia utilizada e os métodos, levando em consideração a crítica da cultura e a arquivologia. Destacamos os resultados e, sucintamente, descrevemos alguns dos itens de nossa “Ficha Descritiva”. Fizemos os devidos agradecimentos e expomos parte da bibliografia necessária para um entendimento do Ilê Axé Opô Afonjá.

Metodologia

A metodologia é qualitativa. O método utilizado foi devidamente conectado à biografemática, o que inclui a busca de outras fontes a respeito dos sujeitos que construíram os documentos do arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, levando em consideração a crítica da cultura. A preocupação primordial na qualificação dos dados foi conectada com o vidarbo barthesiano, pois foram compreendidas todas as pistas oferecidas pelo corpus do arquivo,

todas as informações e os links para outras fontes que explicarão parte da história e da memória Afonjá e de seus membros. Se a preocupação primordial foi com a qualificação dos dados, também teve atenção à necessidade de quantificar os dados e de classifica-los em categorias sugeridas pelos próprios documentos, considerando a ficha descritiva. Deve-se chamar atenção para o fato de a organização em categorias e a superficial quantificação servirem aos intuítos do olhar qualitativo, da classificação com o intuito de melhor entender o corpus e de proporcionar melhor entendimento aos futuros pesquisadores.

Sob a coordenação do professor doutor Gildeci de Oliveira Leite (UNEB) e com a orientação técnica da arquivista Mariana Borges Ferraz (UNEB) iniciou-se o diagnóstico de todo arquivo, considerando a forma e a organização pré-existente. A partir dos conhecimentos técnicos da arquivologia, a arquivista Mariana Borges Ferraz forneceu-nos “Ficha Descritiva”, por ela criada. A mencionada ficha possui os seguintes itens: 1) fundo, 2) grupo/subgrupo, 3) tipo de documento, 4) assunto, 5) datas e/ou datas limites, 6) eliminar em, número de folhas, 7) observações, 8) localização, 9) data da descrição, 10) realizado por, 11) data da digitação, 12) digitado por. O item localização foi subdividido em: 1) estante, 2) prateleira, 3) mapoteca, 4) gaveta, 5) caixa inicial, 6) caixa final, 7) pasta inicial, 8) pasta final. A partir dos itens já mencionados fomos visualizando os documentos do arquivo. Primeiro fizemos a limpeza dos documentos com o uso adequado de luvas e de outros materiais como pincéis adquiridos



ora pelo coordenador do projeto, ora pelo presidente da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, senhor José de Ribamar Daniel. À medida que fazíamos a limpeza, as anotações eram realizadas na ficha descritiva. Nesse momento do trabalho não houve a preocupação em separar o acesso aos documentos por período, visto que seria impossível por conta da organização preexistente. Preferimos acessar os documentos a partir dos suportes físicos que os guardavam e/ou locais de armazenamento. Então, após a higienização, arrumação orientada pela arquivista, anotações manuscritas nas fichas, partimos para a digitação dos dados nas fichas. Tivemos problemas na digitalização, pois não possuíamos equipamentos adequados para a digitalização, que garantisse a adequada exposição dos documentos, nem qualificação profissional para tal intuito. Desta forma, o professor doutor Gildeci de Oliveira Leite optou por realizarmos a digitalização de forma amadora, considerando os períodos informados no projeto. Apesar dos documentos digitalizados não garantirem a composição de um “Centro de Documentação Digital” para a devida disponibilização para outros pesquisadores, garante a consulta dos membros deste grupo de pesquisas, evitando manuseios e o consequente desgastes dos documentos.

Resultados e Discussões

Adentrar o arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá com certeza é descobrir parte da história e da cultura afro-brasileira, mais especificamente afro-baiana. Foram diversas as categorias de documentos encontradas e sistematizadas no citado arquivo. As leituras de recortes de jornais com matérias a respeito do Ilê Axé Opô Afonjá nos levaram a entender um pouco do nível de representação simbólica que este importante terreiro de candomblé possui para as sociedades baiana e brasileira. Infelizmente a maioria das matérias jornalísticas encontram-se com prejuízos nas informações. Algumas tiveram as datas recortadas, outras o veículo de informação,

ainda outras com parte do texto deteriorado pelo tempo e/ou armazenamento inapropriado, contudo o professor doutor Gildeci de Oliveira Leite (UNEB) tem reunido esforços para as corretas identificações desses documentos da memória cultural. Acreditamos que esse trabalho será realizado com a ajuda dos próximos bolsistas, pois, conforme informou o coordenador do projeto, diversos jornais podem ser encontrados já em pdf o que facilitará a exposição. Provavelmente, as matérias jornalísticas serão adquiridas dos próprios jornais, alguns com arquivos digitalizados e disponíveis. Através dos jornais, além de compreender como a sociedade entende e entendia o Ilê Axé Opô Afonjá, pudemos comparar com as campanhas de perseguição patrocinadas por diversos jornais da Cidade da Baía de Todos os Santos durante as primeiras décadas do século XX. Um outro fato importante que notamos foi um conjunto de matérias jornalísticas e de artigos de opinião construídos por membros do terreiro secular. Os membros dos terreiro que são escritores, artistas, intelectuais e jornalistas são categorizados pelo professor Gildeci de Oliveira Leite com “Autores e Autoras Afonjá”. Verdadeiramente, conforme nosso orientador, um conceito ainda em construção e pode ser modificado para “Autores e Autoras Xangô” e/ou “Autores e Autoras de Axé. Como dissemos foram encontradas diversas categorias entre os documentos, as quais listamos: 1) acordo; 2) ata; 3) boleto; 4) contas (água, energia); 5) comunicado (interno e externo); 6) correspondência; 7) dados pessoais; 8) diário oficial (alguns exemplares); 9) fotografia; 10) jornais; 11) ofícios; 12) pesquisas; 13) revista; 14) termos; 15) textos informativos. Dentre as categorias listadas, comentamos rapidamente os “jornais”, assim faremos menções às outras categorias. Esperávamos obter a Ata original de fundação da Sociedade, infelizmente encontramos reprodução do que acontecera em sua fundação, citando todos os membros, mas este importante documento não fora encontrado. A fotografia do primeiro



presidente da sociedade fora conseguida pelo atual presidente, que entrou em contato com a família do fundador. Há outras importantes fotografias, todas carecendo do devido cuidado para sua conservação. Entre as correspondências podemos destacar comunicações de Mestre Didi para Mãe Senhora e para Mãe Stella de Oxóssi primores da memória cultural afro-brasileira.

Conclusões

Entre as conclusões que o trabalho nos levou a ter, ressaltamos, a importância da preservação do arquivo da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá e sua correta preparação para a exposição pública. Não fruímos, de forma verticalizada, todo o arquivo, mas de forma panorâmica e com pequenas verticalizações pudemos compreender e afirmar a importância do acervo. Precisamos envidar esforços para a preservação desta memória, tão carente de documentos impressos e escritos, vide a primazia da oralidade na produção e difusão dos conhecimentos nos terreiros de candomblé. Como afirma Mãe Stella de Oxóssi, o “[...] tempo leva o que não se escreve” e mesmo pertencendo a uma cultura de base oral, o arquivo em questão é uma comprovação do que fala Lise Castilho (2010) a respeito da presença da memória escrita nos terreiros de candomblé da Bahia. Dentre os membros do Ilê Axé Opô Afonjá que aparecem como preocupados com escrita, destacamos Deoscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, que além de sacerdote destacou-se da produção de monografias, dicionário, contos e artes plásticas. Mestre Didi ocupou durante muitos anos e diversas gestões o cargo de secretário da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, portanto sendo responsável, entre outras atividades pela construção das atas.

Agradecimentos

Agradecemos à PROAF (Pró-reitoria de Ações Afirmativas) da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) pela bolsa de Iniciação Científica (IC), a nosso orientador professor doutor Gildecio de Oliveira Leite pela

oportunidade, empenho e ensinamentos. Também à Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, ao senhor Ribamar Daniel e a Mãe Ditinha de Iemanjá sempre carinhosos e solícitos. Agradecemos à arquivista Mariana Borges Ferraz (UNEB) pelos ensinamentos e à professora Maria Carollina Santos Carvalho pela ajuda. Lembramos e agradecemos, também, do apoio da “Casa do Alaka” do Ilê Axé Opô Afonjá, em especial Iraildes dos Santos pela constante acolhida e atendimento.

Referências

- BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BARCELAR, Jeferson. Os últimos Africanos na Bahia. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abri 1995.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- BONFIM, Martiniano Eliseu do. *Os mistérios de Xangô*. In: *Anais do Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1940.p. 142-143.
- BRAGA, Julio. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.
- BRAGA, Julio. *Oritamejé: o antropólogo na encruzilhada*. Feira de Santana: UEFS, 2000.
- BRAGA, Júlio. *Candomblé da Bahia: A Cidade das Mulheres e dos Homens*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.
- CARNEIRO, Edison; BONFIM, Martiniano; FERRAZ, Aydano. *Palavras inaugurais do Congresso Afro-Brasileiro da Bahia*. In: *Anais Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Trabalhos apresentados ao 2º



- Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940b, p.7-9.
- CARNEIRO, Edison. Uma Revisão na etnografia religiosa afro-brasileira. In: *Anais do Congresso Afro-Brasileiro (2: 1937: Salvador, BA)*. Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1940c. p.10-11.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Ediouro. Rio de Janeiro, 1948.
- CARNEIRO, Edison. *A linguagem popular da Bahia*. Rio de Janeiro: 1951.
- CARNEIRO, Edison. *Pesquisa de Folclore*. Comissão Nacional de Folclore e Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC), Rio de Janeiro: 1955.
- CASTILHO, Lise. *Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2ª Ed. Topbooks, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e racismo: aula inaugural na FFLCH – USP em 10.03.1993. *Revista Princípios*. São Paulo, n. 29, p.10-16, jun./jul.1993.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Introdução ao Método Biografemático*. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/51489007/introducao-ao-metodo-biografematico>>. Consultado em: 30 AGO 2016.
- COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/EdUFF, 2005.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LIMA, Fábio. *As quartas-feiras de Xangô: ritual e cotidiano*. João Pessoa. Editora Grafset, 2010a.
- LIMA, Vivaldo da Costa. OLIVEIRA, Waldir Freitas (org). *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1987.
- LIMA, Vivaldo Costa: Obá Odofin. Conferência de Abertura. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abri 1995.
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo*. Salvador: Corrupio, 2003.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Os obás de Xangô. In: LIMA, Vivaldo da Costa. *Lessé Orixá nos pés do santo*. Salvador: Corrupio, 2010, p. 59-87.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. Jorge Amado: negro e de axé. Itabuna, Via Litteraurum; Casa de Palavras: Academia Baiana de Letras, 2012.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. *Jorge Amado: da ancestralidade a representação dos orixás*. Salvador: EDUNEB, 2014.
- LEITE, Gildeci de Oliveira. Ofício de Obá. In: FRAGA, Myrian & FONSECA, Aleilton & HOISEL, Evelina. Itabuna, Casa de Palavras/ Academia Baiana de Letras, 2015. p. 209-218.
- LODY, Raul. *Tem dendê, tem axé: etnografia do dendezeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
- LODY, Raul. *Xangô: o senhor da casa de fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.



LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Depoimento Saudoso sobre o Candomblé. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. *História de um terreiro nagô: crônica histórica*. São Paulo: Carthago e Forte, 1994.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1986.

SANTOS, Juana Elbein dos & SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi Asipa). *Exu*. Salvador: Corrupio, 2014.

SANTOS, Juana Elbein dos & SANTOS, Deoscóredes Maximiliano (Mestre Didi Asipa). *Sángo*. Salvador: Corrupio, 2016.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *O sagrado não tem cor*. [01 de novembro, 2014] Salvador: G1. Entrevista concedida a Henrique Mendes. Disponível em <http://g1.globo.com/bahia/flica/2014/noticia/2014/11/sagrado-nao-tem-cor-diz-mae-stella-em-debate-que-lotou-tarde-na-flica.html>. Acesso em 02.11.2014.

SODRÉ, Muniz. Cultura Africana e Corporalidade. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.

TAVARES, Ildásio. A Ética do Candomblé. In: *Faraimará Mãe Stella 70 anos: Seminário Livre de Cultura Negra*. Salvador: Axé Opô Afonjá. 28 a 30 Abril 1995.

TAVARES, Ildásio. *Candomblés na Bahia*. Salvador: Palmares, 2000.

TAVARES, Ildásio. *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1985.

VERGER, Pierre. *Orixás: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo*. 5a ed. Salvador, Corrupio, 1997.



MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES DE INTERESSE SOCIOECONÔMICO DO LITORAL NORTE DA BAHIA, BRASIL (CLASSE BIOECONÔMICAS)

Vagner Viana de Araujo, Iramaia de Santana

Universidade do Estado da Bahia UNEB – CAMPUS II. vagnerviana_13@hotmail.com

Palavras-Chave: Fauna acompanhante; Elasmobranchii; Pesca artesanal; Lutjanidae

Introdução

A pesca artesanal é uma das principais atividades econômicas no Litoral Norte da Bahia. Ainda que multiespecífica, em termos de espécies desembarcadas, artes de pesca e embarcações, existem espécies estruturantes que determinam o local, hora e época da atividade pesqueira. Entre estas estão espécies da família Lutjanidae (peixes vermelhos), Serranidae (meros e badejos) e Scombridae (atuns e afins).

Assim como aspectos reprodutivos, os inventários ictiofaunísticos são ferramentas básicas para gestão dos recursos pesqueiros, no entanto, os inventários ainda são imprevistos no Litoral da Bahia, carecendo o conhecimento sobre as espécies, a situação de conservação, limitando as oportunidades de desenvolver metodologias comuns e viáveis de manejo.

Desta forma, dados sobre a estrutura populacional das espécies que acompanham (obrigatórias ou facultativas) a pesca das espécies-alvo, tornam-se essenciais na elaboração de protocolos para a gestão de recursos pesqueiros. Dados de relação peso-comprimento podem prover importantes informações sobre distúrbios por pesca, assim como o uso de índices biológicos como o fator de condição.

Portanto, a Coleção Ictiológica de Referência do Litoral Norte da Bahia (Coliction LN/BA) tem como objetivo deste trabalho inventariar a ictiofauna acompanhante da pesca artesanal de Lutjanidae determinando as espécies dominantes, caracterizando a sua estrutura com base às relações peso-comprimento, Categorias Bioeconômicas, fator de condição, morfologia e determinação de

padrões de crescimento (alometria e isometria) de peixes cartilaginosos e Actinopterygii (nadadeiras raiadas). O desenvolvimento desse trabalho trás consigo informações sobre como diferentes espécies chegaram as nossas mesas, estratégias reprodutivas e de crescimento dos peixes, bem como aspectos da produção e produtividade da pesca artesanal no Brasil e sua importância para a economia litorânea. Esse trabalho é apresentado em sessões da Exposição Itinerante de Referência do Litoral Norte da Bahia (Coliction LN/BA) desenvolvida pela equipe do Laboratório de Recursos Pesqueiros Marinhos, onde são feitas apresentações por pôsteres em Banner com explicações lúdicas sobre os dados registrados, além disso é desenvolvido uma prática onde o público tem contato direto com os animais, tendo a oportunidade de manuseá-los e tirarem suas dúvidas.

Metodologia

Os dados sobre frota, modalidade de pesca e comercialização do produto serão realizados conforme o proposto por Santana (2001). Dados biométricos (comprimentos furcal e padrão; peso e sexo, este último quando possível), serão registrados em fichas de campo específicas, seguindo o proposto por Cérvigon (1992) e Vazzoler (1994), respectivamente. Dados de captura por unidade de esforço (CPUE) e predominância serão derivadas das observações e registros em campo e determinada seguindo o proposto e modificado de Laevastu (1971), Holden&Raitt (1975) e Fonteles-Filho (1989). Os espécimes já tombados na coleção

serão categorizados comercialmente seguindo o proposto por Santana (2001). O escopo do Manual de Identificação se baseará nas principais características morfológicas e de diagnose para identificação rápida em situações de campo.



Depois de passarem pelo processo de análise morfológico para a identificação, todos os peixes identificados são tombados e registrados em uma Lista Icnográfica desenvolvida no Microsoft Excel 2007 onde nela são encontradas informações pertinentes sobre o peixe. Possuindo os dados foi desenvolvido um modelo de Manual de identificação com dados de cada peixe. Depois de registrados todos são designados para suas categorias Bioeconômias. As categorias estão divididas em cinco seguimentos: Peixes de Primeira, Peixes de Segunda, Peixes de Terceira, espécies que representam uma importância comercial, que normalmente são comercializadas e consumidas; e aqueles peixes que não possuem uma importância econômica mais por sua vez mantêm seu valor, esses são os Peixes dos Amigos, que são aqueles que têm um valor social, onde é utilizado como moeda de troca ou um peixe de representação para umas boas convivências entre vizinhos e é encontrado por muitas vezes nas mesas dos próprios pescadores e por fim os Peixes de Refugio, aqueles que têm seu papel de importância na pesca, servem como iscas para peixes maiores e de valor comercial.

Resultados e Discussões

1. Desenvolvida da Lista Icnográfica das espécies contendo informações sobre cada peixe identificado;

N de registro	N exemplar	Local de tom	Gênero	Espécie
53	52	2 bombona 1	Rhizoprionodon	Rhizoprionodon lalandei (Müller & Henle, 1839)
54	53	1 bombona 1	Carcharias	Carcharias porosus (Ranzani, 1838)
55	54	1 bombona 1	Ginglymostoma	Ginglymostoma cirratum (Bonnaterre, 1788)
56	92	1 bombona 1	Sphyrna	Sphyrna zygaena (Linnaeus, 1758)
57	56	6 bombona 1	Dasyatis	Dasyatis guttata (Bloch & Schneider, 1801)
58	57	4 bombona 1	Dasyatis	Dasyatis americana (Hildebrand & Schroeder, 1928)
59	58	13 bombona 1	Dasyatis	Dasyatis montanae (Gomes, Rosa & Godig, 2000)
60	59	1 bombona 1	Dasyatis	Dasyatis say (Lesueur, 1817)
61	30	23 bombona 1	Rhinobat	Rhinobatos percellens (Walbaum, 1792)

Figura 2: Lista Icnográfica

2. Modelo de Manual de identificação;

Balistes vetula Linnaeus, 1758

- Diagnose:** Cinzento esverdeado ou amarelado nas costas, amarelo-alaranjado na parte inferior da cabeça e do abdômen, com duas bandas largas de cor azul-esverdeada curvadas do focinho para baixo e à frente das barbatanas peitorais.
- Legenda:**
- Valor comercial:** \$\$
- Status de conservação:** Vulnerável
- Exploração:** Sobreexplorado
- Outras de pesca:** Amadilhas, anzol e linha.
- Distribuição geográfica:**
Atlântico Oriental: Cabo Verde e Açores variam do sul ao sul de Angola. Atlântico ocidental: Canadá a Massachusetts, EUA e norte do Golfo do México a sudeste do Brasil.
- Biometria:**
Comprimento: Max.: 60 cm, Méd.: 30 cm
Peso: Max.: 5,4 kg
- Ictiotóxico:** Tóxico
- Traumatogênico:** Sim
- Nível trófico:** Baseado em estudos de dieta: Preferências por Equinodermos

Informações intrigantes: Ele ataca os ouriços-do-mar soprando água para derrubá-lo e, em seguida, ataca-o onde os espinhos são curto.

Figura 3: Modelo do Manual

3. Desenvolvida sessões da Exposição Itinerante de Referência do Litoral Norte da Bahia (Colicção LN/BA), onde foram apresentados todos os trabalhos desde a Pesca seguindo pelas etapas de Zonação, Reprodução, Identificação e as Categorias Bioeconômicas.

Figura 3: Apresentação dialógica das espécies do Manual de Identificação durante o II Encontro Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão do NUPE.



Figura 4: Exposição realizada no Colégio Luiz Navarro de Brito no dia 14 de junho de 2018.



Figura 5: Exposição Realizada no Centro Tecnológico de Aprendizagem Senhora Santana (CETASS)

1. A Lista Icográfica das espécies foi desenvolvida através da identificação para proporcionar os dados sobre cada espécie da



coleção, contando diversas informações tais como: Peso/Comprimento, quantidade de nadadeiras, nome científico, época de posta, entre outras.

2. O Modelo de Manual de identificação apresenta características que importantes que posteriormente serão ilustrativas, informando a todos os pontos importantes sobre as espécies, sendo elas científicas ou curiosas.

3. As Exposições Itinerantes de Referência do Litoral Norte da Bahia (Colicção LN/BA) agregaram conhecimentos científicos passados de forma mais lúdica e fácil compreensão para todo e qualquer público.

Conclusões

A Lista Icnográfica das espécies foi desenvolvida através da identificação para proporcionar os dados sobre cada espécie da coleção, contando diversas informações que acrescentam dados importantes auxiliando no desenvolvimento do trabalho. Com a produção da Lista foi possível desenvolver a ideia central do manual. O manual estar em desenvolvimento, infelizmente não pode ser finalizado no período vigente da bolsa, mas o trabalho ainda esta sendo desenvolvido para a finalização dele.

As Exposições Itinerantes de Referência do Litoral Norte da Bahia (Colicção LN/BA) que foram desenvolvidas no período da vigência da bolsa levou um conhecimento abrangente sobre o trabalho voltado ao manual, e garantiu-me uma experiência valida no processo de contato externo.

Conclui-se que mesmo não finalizando o manual durante o período da bolsa, o projeto teve um bom desenvolvimento e rendimento no processo de geração de dados, apresentação expositiva e elaboração do manual.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, secundamente a minha Orientadora Iramaia de Santana, por todo apoio e orientação, além de sua paciência no desenvolvimento de todo o trabalho, terceiramente a todos os membros do Laboratório de Recursos Pesqueiros Marinhos (LABMARH) pela a ajuda no desenvolvimento do trabalho tanto com a

produção de informações quanto na Exposição Itinerante (Amanda Araujo, Ana Nery, André Bernardes, Danille dos Santos Rosendo, Leiliane Santos e Vitoria Alves da Silva), quartamente a toda a equipe da Coordenação de Informática pelo suporte técnico, quintamente a UNEB/CAMPUS II e por ultimo mais não menos importante a toda minha família e meus amigos pela força, carinho e atenção!

Referências

De Santana, I. Nogueira, E.M.S., Saborido-Rey, F. (prelo). **Riqueza e Diversidade da Ictiofauna Explorada pela Pesca Artesanal na APA Litoral Norte, Bahia, Brasil.** In Nunes, J.M.C. & Mattos, M.R.B. (orgs). Litoral Norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação. EDUNEB. 2017

Cren, E. D. L. The Length-Weight Relationship and Seasonal Cycle in Gonad Weight and Condition in the Perch (*Perca fluviatilis*). *Journal of Animal Ecology*, 20: 201-219. 1951

Froese, R. 2006. Cube law, condition factor and weight-length relationships: history, meta-analysis and recommendations. *Journal of Applied Ichthyology*, 22: 241-253.

MARGALEF, Ramón. 1981. **Ecología.** Edición 2ª ed. Barcelona: Planeta, 1981. 252 p.: il. ISBN: 84-320-6444-0.

RICKLEFS, R. E. 2009. **A Economia da Natureza.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 5ª Ed. 503p. Il.



MAUNDER, M.N. and PUNT, A.E. Punt. Standardizing catch and effort data: a review of recent approaches. **Fish. Res.** 2004. 70(2-3): 141-159. 2004

VELÁZQUEZ-VELÁZQUEZ, E., VEGACENDEJAS, M.E. and NAVARRO-ALBERTO, J. 2008 Spatial and temporal variation of fish assemblages in a coastal lagoon of the Biosphere Reserve La Encrucijada, Chiapas, Mexico. **Rev. Biol. Trop.** (Int. J. Trop. Biol. ISSN-0034-7744). 2008. Vol. 56 (2): 557-574, June 2008.



“RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL E PRECONCEITO NA INFÂNCIA: NARRATIVAS DE SOFRIMENTO E SUPERAÇÃO INFANTO-JUVENIL”.

Valter Freitas da Silva; Sandra Brasil

*Universidade do Estado da Bahia.
vallterfr@gmail.com*

Palavras-Chave: infância, criança, racismo, discriminação racial, abordagens psicossociais.

Introdução

A infância na sociedade contemporânea, manifesta-se como uma categoria mutável, histórica e culturalmente. Segundo o historiador francês Philippe Ariès (1978), a infância pode ser compreendida como uma invenção da modernidade, sendo categorizada socialmente e construída recentemente na história da humanidade. Esta consideração pondera sobre o quão as condições da sociedade e da cultura a qual a criança está inserida são variáveis, sendo necessários recortes sócio-históricos para analisarmos esse fenômeno.

Por vezes a infância é caracterizada como um momento de pleno desenvolvimento e felicidade, contudo as crianças podem também ter que enfrentar importantes aspectos da realidade sociocultural, sobretudo sofrerem com situações racistas ou preconceituosas, que atingem meninas e meninos e impactam em suas subjetividades. Assim, a homofobia, o racismo, a opressão, também se apresentam nas inúmeras relações vivenciadas pelas crianças na sociedade brasileira (FROTA, 2007).

De acordo com Goff et al (2014) a categoria “crianças” pode ser definida socialmente como um grupo de indivíduos que são percebidos como seres inocentes e que necessitam de proteção, porém, as crianças vítimas de preconceito racial sobretudo meninos negros sofrem com questões

variáveis, dentre elas a desigualdade perante aos seus pares, desta forma, os autores apontam que meninos negros são vistos como menos inocentes em comparação com meninos brancos da mesma idade no estudo realizado na realidade norte-americana. Este trabalho analisou as experiências e narrativas de crianças e jovens negras do sexo masculino em torno dos processos de discriminação racial e seus enfrentamentos, destacando: o contexto familiar e de socialização destes jovens; suas experiências de sofrimento relacionadas com processos de discriminação vivenciados e as possíveis estratégias de enfrentamento adotadas pelas crianças e seus familiares.

Metodologia

O trabalho foi realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com nove crianças e jovens do sexo masculino, com idades entre 08 a 14 anos. As entrevistas foram produzidas no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo (projeto de doutorado) e, para este plano de trabalho, foram selecionados nove entrevistados.

As entrevistadas foram analisadas com base na perspectiva da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), destacando três etapas básicas: 1ª) organização do material; 2ª) Classificação dos dados; 3ª) Análise final. Foram analisadas nove narrativas infanto-juvenis, com base nas falas dos meninos. Nesta análise, destacaram-se as experiências



que mais se repetiram em torno das principais categorias de análise: representatividade, raça, experiência de racismo e corpo, cabelo e estética.

As crianças e jovens foram identificadas através das iniciais de seus nomes seguidas de ponto. O projeto geral, no qual se baseia este plano de trabalho, foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos.

Resultados e Discussões

O impacto que o racismo e outras violências geram na formação de uma criança devem ser discutidos com o objetivo de identificar as formas de sofrimento para que se possa mapeá-los e criar mecanismo de enfrentamento.

A violência se refere a um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade (MINAYO, 1994). Refletir como as formas de violência (física ou simbólica) podem interferir na construção das identidades destas crianças se faz importante (BRASIL, 2017).

Em um dos diálogos analisados, R. (7 anos) relata para a entrevistadora sua experiência em uma exposição de brinquedos e sua surpresa ao ver um boneco negro exposto. Ao ser perguntado sobre o passeio ao museu e a surpresa com o boneco negro, ele diz:

R.: Não sei... Foi o primeiro boneco negro que eu vi.

E: E o que você sentiu quando você viu um boneco negro?

R.: que ele era igual a mim”.

Problematizar a construção da autoimagem e representatividade positiva de crianças negras é um grande desafio, visto que a maioria das crianças tem a sua infância

marcada por ‘brincadeiras’ sobre o cabelo, sobre a cor da pele, e sobre todos os traços fenóticos que facilmente geram apelidos e que identificam a sua negritude de forma negativa. E assim, são os primeiros contatos das crianças negras com o preconceito, travestido de brincadeiras, corriqueiro e naturalizado, silenciado nos espaços (ALMEIDA, 2016).

GOMES (2002), corrobora a reflexão supracitada ao inferir que os diferentes sentimentos e crenças são fatores relevantes para o fundamento da vida social, e é no corpo que as mesmas são aplicadas. Desta forma, o corpo é o espaço onde realizamos a junção do mundo das representações simbólicas e da materialidade, porém, ambos existem de forma simultânea e separada. Por isso, as representações simbólicas do brinquedo, neste caso o boneco negro, geram tantos estereótipos, e sentir-se representado por aquele objeto auxilia no desenvolvimento da autoestima do menino negro.

F. (14 anos), ao ser entrevistado sobre sua vivência na escola e suas brincadeiras, relata que:

“[...]E: E lá na sua turma, quando vocês, estão assim brincando, abusando um ao outro, já viu alguma situação dessa de preconceito?

F: Já!

E: Como acontece?

F: Chama um de negão, outro “branquelo”, cavão [carvão]!

E: Mas você acha certo ou errado isso?

F: Errado!

As brincadeiras podem ser concebidas como uma prática das relações sociais, representando por vezes o racismo. O brincar é bastante complexo, visto que permite que as crianças possam ampliar suas representações, possibilitando a incorporação

de um mundo imaginário ou de reproduzir o seu cotidiano (KISHIMOTO, 1996). O ato de brincar, por ser algo corriqueiro e naturalizado, por vezes, apresenta marcadores do preconceito racial, pois é na brincadeira que se reproduzem as relações raciais e atos discriminatórios entre as crianças.

A utilização de contos infantis permeou a maior parte das entrevistas, para que pudesse acessar a forma com que a criança se observa, desta forma, ao utilizar o livro de “O cabelo de Lelê”, a entrevistadora argumentou para B. (4 anos):

[...] E: Sim, aí você disse que o seu cabelo parece mais com o qual? Com o de Lelê?
B. Duro.
E. seu cabelo é duro ou cacheado?
B. duro. Um pouquinho duro”.

As crianças exploraram em suas falas aspectos de seu fenótipo: cor e estética através de distintos mecanismo e abordagens, não necessariamente como forma de enfrentamento e empoderamento, mas como possibilidade de externalizar seus sofrimentos. A classificação racial é um processo subjetivo e os elementos fenotípicos (tais como a tonalidade da pele e o tipo de cabelo) são fatores relevantes frente a um olhar acerca dessas diferenças sociorraciais (CASTRO, KABENGELE, 2017).

R. (7 anos), numa conversa espontânea com sua irmã sobre *bullying* e cabelo, informou:

[...] E: Tem alguma coisa que você não gosta em você?
R. Eu não gosto do meu cabelo, e eu gosto do meu corpo.
E: Peraê, você não gosta do seu cabelo, por quê?
R: Não sei... Toda semana tem que cortar, ele cresce!
E: Não gosta porque toda semana tem que cortar?

R: Sim, mas de resto gosto de tudo.

As expressões “raspar os cabelos na máquina” e “toda semana tenho que cortar porque ele cresce”, são vivências corriqueiras na vida destes meninos, pois, carregam significados que podem ser bastante reveladores. Em especial, o cabelo dos meninos negros que são frequentemente associados àquilo que é bagunçado, desajeitado, ou que “cresce sempre para cima e não desce”. As expressões antes referidas implicam a ideia de domar, civilizar e, nesse registro, apontam para o fato de que o cabelo crespo é tido como selvagem, quando não, como feio e grosseiro (CASTRO, KABENGELE, 2017).

R. (7 anos), numa atividade de pintura, na qual a criança iria falar sobre si e sobre seu desenho, referiu:

“R. Cadê o lápis cor de pele? Cadê? Uh... Aqui!
E: Esse Lápis é cor de pele?
R: Sim
E: Qual a cor da sua pele?
R: Essa aqui, mas todo mundo diz que é rosa fraco.
E: Sua pele é rosa fraco, não tem outras cores de pele?
R: Tem, papelão!”

O primeiro aspecto a ser notado na fala de R. é justamente a sua classificação racial, ou reconhecimento da cor de sua pele. Um desconforto com as categorias e nuances da pele “preta” e “negra”, são embutidas de preconceitos, já vivenciados e internalizados pelos meninos, e isso o faz escolher o lápis de cor “marrom” ou “cor de papelão” para identificar-se (CASTRO, KABENGELE, 2017). Ao mesmo tempo que se percebe uma fragilidade no reconhecimento dessa negritude, as crianças se utilizaram dos lápis com cores mais escuras, diferente do clássico lápis cor de pele (rosado).

Conclusões



Mediante as reflexões aqui realizadas e à luz dos objetivos pretendidos, destaca-se que os mecanismos de sofrimento vivenciados pelas crianças e, em especial os meninos, foram um desafio para os pesquisadores, visto que, a compreensão de como os determinantes sociais (sobretudo o racismo) afetam a vida destas crianças abrange aspectos objetivos da realidade social, como as múltiplas formas de preconceito e enfrentamento dos mesmos, e a elucidação dos processos de subjetividade e enfrentamento do racismo. As reflexões realizadas nesta pesquisa sobre o racismo na infância apresentam indícios de pontos em comum de sofrimento entre meninos e meninas, tendo o cabelo como uma das referências importantes das experiências de dor e sofrimento.

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para que esse trabalho acontecesse, nos oferecendo além de material de pesquisa, experiências, reflexões sobre o tema abordado nesse trabalho. A professora Sandra Brasil pela disponibilidade, responsabilidade e discussões nas supervisões, as quais me fizeram quanto pesquisador me aproximar ainda mais das temáticas aqui discutidas. A minha colega Luana Silva por enriquecer esse trabalho de forma a acrescentar nas discussões com suas vivências.

Referências

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Different conceptions on childhood and adolescence: the importance of historicity on their construction. **Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal**, Rio de Janeiro, p.1-4, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de S.. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p.1-12, jan. 1994.

ALMEIDA, Mirianne Santos de. **EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE**

A INFÂNCIA ESCOLARIZADA. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, Sergipe, p.1-12, 2016.

BRASIL, Sandra Assis. “Brincando de bullying”: narrativas de sofrimento de crianças e jovens frente às situações de discriminação racial e preconceito. **18º Congresso Brasileiro de Sociologia**, Brasília, p.1-22, jul. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação: Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, p.1-9, dez. 2002.

KISHIMOTO, T. M. O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

CARVALHO, João Eloir; BARROS, Paulo Cesar; OLIVEIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite. O LÚDICO COMO UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO AO BULLYING E FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA. **Educere**, Paraná, p.1-10, out. 2009.

CASTRO, Crystiane; KABENGELE, Daniela. O cabelo crespo e cacheado e a construção da identidade no grupo virtual Cachos a. **Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais**, Maceio, p.1-16, maio 2017.



SECRETARIA ESPECIAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – SERINT
**II ENCONTRO DE ESTUDANTES INTERCAMBISTAS DA UNEB E III
ENCONTRO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNEB**



PRÁTICA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM EM CUBA E NO BRASIL: RELATO DE UMA ESTUDANTE INTERCAMBISTA

Ademária Silva Rocha Figueredo¹
Igor Brasil de Araújo²

¹Discente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia; E-mail: ademaria.figueredo@hotmail.com

²Docente Mestre de Saúde Coletiva da Universidade do Estado da Bahia; E-mail: brasilsoueu@gmail.com

Palavras-Chave: Enfermagem; Educação; Cuba; Brasil.

Introdução

A Revolução Cubana ocorrida no ano de 1959 permitiu que o Estado investisse na alfabetização, criasse o Sistema Nacional de Saúde (SNS) e promovesse atendimento sanitário de forma 100% gratuita à todos os cubanos. Hoje o resultado desses serviços consiste numa das menores taxas de mortalidade infantil, na alta expectativa de vida e uma alfabetização de 99,8% dos nativos. (DRAL PRÁ *et.al.*, 2015). Enquanto Cuba desenvolvia a sua saúde e educação, após longos debates e lutas, iniciados na década de 60 pelos movimentos sociais e a 8^o Conferência Nacional de Saúde(1988) o Brasil criava o Sistema Único de Saúde (SUS). Tanto o SNS quanto o SUS são fundamentados nos princípios da universalidade, equidade, integralidade, acessibilidade, gratuidade e regionalização dos serviços. (MORAIS; SANTOS, 2015). No entanto, o SNS é o único sistema vigente no país cubano, já o Brasil conta para além do SUS com a iniciativa privada. Pensando em como o modelo de saúde cubano se tornou referência mundial e nas semelhanças existentes com o modelo de saúde brasileiro, a Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) proporcionou um momento transformador ao realizar um intercâmbio acadêmico para 8 alunos de graduação da UNEB. Através de um processo seletivo, foram selecionados um estudante de

cada curso da saúde para realizar um curso na área de Saúde da Família na Universidade de Ciências Médicas de Havana - Victoria de Girón. Graças ao compromisso da SERINT em colocar o seu alunado num patamar de destaque nacional e internacional (visto as dificuldades de ensino superior) pude, enquanto estudante de Enfermagem, vivenciar experiências enriquecedoras, adquirir novos conhecimentos, interagir com outros povos, idiomas e culturas promovendo assim crescimento intelectual. Neste relato, foi possível fazer uma breve análise crítica e reflexiva sobre o ensino e a formação em Enfermagem em Cuba.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência sobre um intercâmbio realizado para a Universidade de Ciências Médicas de Havana - Victoria de Girón, localizada na cidade de Havana em Cuba, por uma graduanda em Enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia/Campus I, localizada na cidade de Salvador no Brasil. O intercâmbio aconteceu após um processo seletivo composto por três fases. Sendo elas o preenchimento do formulário de inscrição e envio dos documentos solicitados, uma entrevista com a aplicação de uma prova oral em espanhol e por fim a realização de exames clínicos e laboratoriais. O intercâmbio aconteceu entre os dias 17 à 24 de março de 2018, com um grupo de 12 pessoas entre eles 8 estudantes e



4 tutores, todos da área da saúde. Dentre os estudantes tivemos 3 de Enfermagem, 1 de Medicina, 1 de Fonoaudiologia, 1 de Fisioterapia, 1 de Farmácia e 1 de Nutrição. Durante o intercâmbio foram realizadas visitas técnicas na Universidade de Ciências Médicas de Havana - Victoria de Girón; Faculdade de Enfermagem Lídia Doce; Policlínicas; Consultório de Família; Instituto de Investigações sobre Longevidade, Envelhecimento e Saúde; Instituto de Oncologia; Centro de Exposição da Saúde, todos localizados na cidade de Havana-Cuba. Agregado as visitas tivemos muitas mesas de conversação com troca de conhecimentos tanto por profissionais quanto por professores.

Conclusões

O intercâmbio é um magnífico instrumento acadêmico transformador do olhar de um estudante, na medida em que permite o exercício do olhar crítico sobre a nova realidade na qual foi inserido, repensando a sua própria. No campo da saúde tem muito a que se assemelhar do Brasil, até porque ambos beberam da mesma fonte ao construir seus modelos de saúde. No entanto, a forte relação entre saúde e educação no que compete a co-responsabilização pela educação do profissional da saúde se faz determinante na continuidade do elo ensino-aprendizagem cubano.

Agradecimentos

Pensando em como o modelo de saúde cubano se tornou referência mundial e nas semelhanças existentes com o modelo de saúde brasileiro, a Secretaria Especial de Relações Internacionais da Universidade do Estado da Bahia proporcionou um momento transformador ao realizar um intercâmbio acadêmico para 8 alunos de graduação da UNEB para a cidade de Havana em Cuba. Diante do olhar de uma estudante do Brasil em Cuba: como é a formação e atuação em enfermagem? Este relato consiste em responder esse questionamento trazendo como enfoque o ensino e formação de enfermagem bem como a contribuição desse intercâmbio para seu crescimento intelectual.

Resultados e Discussões

O que não ocorre no Brasil, uma vez que o professor da universidade é também o tutor no serviço, impossibilitando que o docente se veja como contínuo ator de cuidados no ambiente hospitalar e/ou o profissional desse ambiente como membro docente de ensino. Entender o processo de ensino/aprendizado cubano me fez refletir sobre as dificuldades de ensino do meu país e como isso interfere diretamente numa melhor assistência.

Referências

DAL PRÁ, Keli Regina; MINELLI, Daniela Schwabe; MARTINI, Débora; FETZNER, Renata da Rosa Turatti; FONTANA, Karine Cardoso. O Sistema Nacional de Saúde Cubano: Caracterização dos Serviços de Atenção Primária à Saúde. **Revista Eletrônica Tempus – Actas de Saúde Coletiva**. V. 9, n. 2, jun 2015. Disponível em:

<www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/download/1602/1644>. Acesso em jul 2018.

MASSÓ, Arturo Alexander Segura. Contribuciones Del Nuevo Modelo Pedagógico de enfermeira para lacarrera. **Revista Universidade Nacional de Colombia**. Mar 2014. Disponível em<<https://revistas.unal.edu.co/index.php/av/enferm/article/view/.../0>>. Acesso em jul 2018.

MORAIS, João Roberto Muzzi; SANTOS, Manoel Leonardo W.D. Brasil e Cuba: Sistemas de Saúde Sob a Análise Comparada. **Economia e Políticas Públicas**. V.3, n.1, 2015. Disponível em <http://www.academia.edu/20295464/Brasil_e_Cuba_sistemas_de_sa%C3%BAde_sob_a_an%C3%A1lise_comparada> . Acesso em jul 2018.



O RELATO OBSERVACIONAL DE UM ESTUDANTE DE FARMÁCIA ATRAVÉS DE UMA VISITA TÉCNICA AO SISTEMA DE SAÚDE CUBANO

Alexandre Silva Santiago¹
Maria Teresita Bendicho²

*¹Estudante do curso de Farmácia da Universidade do Estado da Bahia
alesantiago@live.com*

*²Prof. Dr. da Universidade do Estado da Bahia
mtbendicho@gmail.com*

Palavras-Chave: Saúde; Cuba; Farmácia.

Introdução

As políticas de saúde em Cuba são uma das grandes prioridades nacionais, assim como educação, dando ênfase no aspecto da prevenção e cuidados primários diretamente com a comunidade. Como descrito por Madureira (2010) após a revolução de 1959, Cuba iniciou um processo de reformas no sistema de saúde implementando um sistema universal gratuito. Tal mudança levou a uma elevação dos mais importantes indicadores de saúde, apesar de todas as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país após o colapso do bloco socialista e o agravamento do embargo econômico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos. Por conta do bloqueio econômico, o país enfrenta imensas dificuldades de importação e exportação o que o torna um local muito pobre e com dificuldade de acesso a uma grande variedade de insumos.

Por conta disso tudo, nota-se ao caminhar pelas ruas, moradias bastante humildes e ruas um tanto quanto sujas, com lixo e esgoto a céu aberto são coisas não muito difíceis de ver, porém vi muitas pessoas felizes e satisfeitas com seu modo de vida, algumas até bastante acolhedoras, e foi aí que apareceu o primeiro aspecto positivo, a segurança. Pode-se dizer que você respira segurança, é notável a sensação que não há muito o que temer. Não diria que Cuba vive

como um país de terceiro mundo, apesar de ser.

Este trabalho tem como objetivo discutir a visão de um intercambista graduando em Farmácia perante ao papel do Farmacêutico e a sua ausência na equipe multiprofissional nos estabelecimentos de saúde em Cuba, de acordo com o que foi observado através de visitas técnicas ao país durante o intercâmbio.

Metodologia

O programa teve como objetivo realizar um curso na área de Saúde da Família em um país de referência mundial no assunto, com a finalidade de complementar a formação dos alunos desta instituição de ensino superior. A seleção ocorreu através de edital publicado no site da UNEB, e contava com três etapas classificatórias, sendo respectivamente: análise curricular, entrevista em espanhol e entrega de laudo médico e psicológico declarando aptidão para realização da viagem. O programa contemplou vagas para os cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina e Nutrição. Sendo 3 vagas destinadas ao curso de Enfermagem tendo em vista que o curso também é ofertado em mais dois campus no interior do estado.



Resultados e Discussões

O modelo de saúde vigente em Cuba tem como base a prevenção, dessa forma o setor mais importante é a atenção primária, que por sua vez, é extremamente efetiva na promoção a saúde e consecutiva prevenção de doenças. Talvez por isso o papel do farmacêutico não se faça tão presente nos níveis de atenção primária e secundária, uma vez que, o medicamento não é o pilar fundamental dos tratamentos de saúde. O medicamento é visto como ultima alternativa, e o trabalho é voltado para a manutenção de uma população saudável que desonera bastante o estado já que os cuidados da atenção terciária especializada servem apenas os cidadãos com doenças mais graves e que realmente necessitam desse nível de atenção, diferentemente do Brasil.

Sendo assim, o modelo de saúde cubano centraliza-se na atuação em primeiro lugar do profissional médico e em segundo lugar do profissional em enfermagem e técnicos em enfermagem. Tivemos poucas oportunidades de conversar com outros profissionais de saúde, saber de suas rotinas e observar sua evidente importância. Dentre todos os locais visitados únicos profissionais farmacêuticos que pude ver em atuação foram no Instituto de Oncologia na Faculdade Calixto Garcia, no qual estes eram responsáveis por atividades como organização da CAF (Central de Abastecimento da Farmácia) e dispensação de medicamentos, não cabendo a eles intervir na parte clínica.

Conclusões

Apesar de ter tido pouco contato com a minha área específica de formação, esse contato com um modelo de saúde totalmente provido pelo estado foi extremamente enriquecedor e valioso. Estar inserido mesmo que momentaneamente naquele mundo foi de incrível valor acadêmico e pessoal, uma experiência quase indescritível que me trouxe muita esperança para que um dia o nosso SUS possa ter uma abrangência tão imensa e complexa quanto. Em relação a estar em Cuba, foi notória que todo esse cuidado com saúde, educação e segurança é refletido no

modo de encarar a vida por grande parte da população, que apesar de passar por algumas privações, se mostra bastante focada e determinada em trabalhar e colaborar pro do ideal socialista. Obviamente não é unanimidade, porém apesar de grande parte da população ter demonstrando bastante conhecimento sobre o mundo exterior a Cuba e a variedade de opções e escolhas que o capitalismo oferece, ainda assim afirmavam que estavam felizes e satisfeitos com o fato de terem esses três pilares como garantia de uma boa qualidade de vida, mesmo por muitas vezes não podendo ter acesso variedade de alimentos ou privações como racionamento de água e luz.

Agradecimentos

Esse relato tem como função descrever as principais experiências vivenciadas por um intercambista graduando em Farmácia através do Programa de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico no período de 17 de março a 24 de março, ministrado pela Universidade de Ciências Médicas de la Habana, instituição educacional com sede na cidade de Havana - Cuba, doravante denominada Universidade anfitriã, através da Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante este período o grupo teve a oportunidade de realizar visitas técnicas a Universidade de Ciências Médicas de Havana, Faculdade de Enfermagem Lídia Doce, Policlínicas, Consultório de Família, ao Instituto de Investigações sobre Longevidade, Envelhecimento e Saúde, anexa Faculdade Calixto Garcia, ao Instituto de Oncologia e Palácio de Convenções. É inevitável a comparação entre o sistema de saúde cubano e o sistema de saúde brasileiro, no que tange a parcela brasileira assistida pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Sair desse panorama teórico e compreender a complexidade e funcionalidade do sistema público de saúde de Cuba como o único acesso a saúde para toda a população foi extremamente enriquecedor e proveitoso, uma vez que pudemos comprovar de perto a sua real funcionalidade mesmo com tantas



dificuldades financeiras e de acesso a matérias e tecnologias. Por fim, o fato de termos conhecido como se dá a formação dos profissionais em saúde, bem como se organiza sua atuação foi fundamental para que pudéssemos ter uma vivência completa dessa experiência.

Referências

MADUREIRA, P. S. P. *Sistema de Saúde Cubano*. 2010. Dissertação (Mestrado em medicina) - Universidade de Coimbra, Coimbra.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA: VERDADES E MITOS

Alisson Oliveira de Jesus

Graduando em Direito - Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS XIX
alissonoj14@gmail.com

Palavras-Chave: Coimbra; Verdades e mitos; UNEB.

Introdução

O presente resumo expandido tem como premissa elucidar, através de relatos de experiência durante 1 (um) semestre de mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra, os mitos e verdades sobre a instituição e o processo de concretização do tão sonhado intercâmbio acadêmico, utilizando-se de método descritivo dos fatos e opiniões concernentes à vida e ao estudo no exterior.

Palavras-Chave: intercâmbio; Coimbra; verdades; mitos;

Metodologia

Por não se tratar de um artigo científico, *stricto sensu*, o presente resumo visa ilustrar e explorar, a partir das experiências vividas e de modo descritivo, todos os fatores que integram o processo de realização de um intercâmbio no exterior, visando conscientizar alunos e professores das suas vantagens e dificuldades.

Resultados e Discussões

Após meses lidando com burocracias, dificuldades, empecilhos e demoras de toda ordem, o recebimento da carta de aceite é sempre uma dádiva para o estudante. Começa ali a jornada em busca de uma experiência única em um país estranho e distante da “zona de conforto”. A Universidade de Coimbra se trata de uma antiga e renomada instituição de ensino, por onde passaram e estão grandes nomes de diversas áreas de estudo, como Camões e Boaventura. A Universidade apresenta uma estrutura impecável, bem equipada com bibliotecas, restaurantes universitários, setores de integração dos estudantes estrangeiros, serviço de ação social, fornecimento de carteira de estudante gratuita, oferta de

residências estudantis associadas ao campus e com campus atualizado às novas tecnologias e demandas e bem servido de transporte público e outros serviços. No entanto, é a partir do conhecimento de uma estrutura tão invejável que se começa a perceber os problemas que integram a Universidade em seu âmago. Começamos por um quadro de docentes majoritariamente composto por homens e que, apesar de famosos por suas produções no campo do Direito, muitas vezes não representavam as transformações sociais que o mundo vive hoje. Percebe-se uma Universidade que se cria de cima pra baixo, pois só é permitido interromper os professores (como em caso de dúvidas) somente se o mesmo oferecer tal prerrogativa. As dúvidas ficam para as aulas práticas das disciplinas, na maioria das vezes lecionada por outro professor. As burocracias são tão cansativas quanto no Brasil, pois é sempre preciso “passar por determinado setor primeiro, para se resolver o problema aqui”. A Universidade, com 728 anos de história, pena a se atualizar à moral e aos “bons costumes” da atualidade, embora esteja impecavelmente de acordo com as novas tecnologias didáticas. Há xenofobia, machismo e homofobia explícitos, porém velados, por entre os alunos, servidores, professores e corredores da Universidade. Em diversas ocasiões foi preciso recorrer à instâncias superiores dentro do quadro de administração da Universidade a fim de resolver problemas grotescos de xenofobia nos serviços de atendimento aos estudantes estrangeiros, coisa que não é de se esperar nos chamados ‘países de primeiro mundo’ de acordo com as convenções sociais que criamos.



O ensino do Direito, na Universidade de Coimbra, é extremamente tecnicista, dispensando-se as reflexões antropológicas, sociológicas e filosóficas que permeiam as normas jurídicas, bem como a interpretação e aplicação destas na vida em sociedade. Não se discute o “dever ser”, os problemas, os anseios, as necessidades de colocar o Direito enquanto instrumento de emancipação e transformação social, mas apenas prende-se à letra fria da lei.

Nos principais rankings que enumeram as melhores universidades do mundo temos a Universidade de Coimbra na posição 403 (quatrocentos e três), no CWUR Ranking 2018, e acima da posição 500 (quinhentos), não integrando o ranking geral do SHANGAI Ranking 2018. Em comparação com universidades brasileiras temos, respectivamente em cada ranking, a USP em 77º e 151-200, a UFRJ em 298º e 301-400, a Universidade de Campinas em 360º e 301-400, a UNESP em 378º e 301-400, dentre outras.

Não obstante à essa dinâmica de funcionamento da universidade, a qual é antiga e renomada, tem-se a cultura de um país intrinsecamente ligado à história do Brasil, mas que muito tem diferente. Entretanto, vangloria-se a divisão do ano letivo, iniciando-se em Setembro e terminando em Junho, com bons períodos de férias para docentes e alunos; a realização de provas e avaliações apenas no final do semestre, com a possibilidade de realização de prova de recurso para melhorar a nota dos alunos, o que não sobrecarrega os discentes ao longo do semestre; a possibilidade de cursar disciplinas em outras áreas de conhecimento que sejam de interesse do aluno; a quantidade reduzida de cadeiras (disciplinas) por semestre e a divisão de aulas teóricas e práticas que contribuem bastante no processo de aprendizagem; a utilização do portal acadêmico como ferramenta de ensino, e não apenas como meio de divulgação de notas e faltas; a integração, ao calendário letivo, de festas típicas estudantis, dentre outros inúmeros fatores que contribuem para se ter a Universidade de Coimbra como um

exemplo a ser seguido, apesar dos pontos negativos citados.

No tocante à Portugal, enquanto país integrante da União Europeia, este se beneficia das medidas adotadas por tal união econômico e financeira que fortalecem seu mercado, o turismo e o transporte de produtos e pessoas entre os Estados-membros. Inclusive, trata-se de uma organização perfeita em sua organização democrática e de fortalecimento da cultura e da identidade dos cidadãos europeus, devendo ser tomada como exemplos por outros blocos econômicos, como o Mercosul. O país, que compartilha conosco história e língua, tem um dos custos de vidas mais baixos da Europa, e ao mesmo tempo o salário mais baixo do bloco (600 euros), índices baixos de violência, serviços públicos de qualidade, cidades organizadas, limpas e que parecem integrar a população sem gerar segregações à nível social e econômico. País católico que legalizou o casamento homoafetivo recentemente, que não criminaliza o porte de drogas para consumo próprio e que oferece à sua população serviços públicos de qualidade, embora tenha um sistema de saúde fraco e pago e o ensino superior seja apenas subsidiado em parte pelo governo, devendo o estudante arcar com o restante.

Das principais vantagens de se fazer um intercâmbio em Portugal, cita-se os tratados de reciprocidade entre Brasil e Portugal, que possibilita o ingresso no ensino superior pelo ENEM, o pagamento das propinas (mensalidade) com valor igual ao dos estudantes portugueses, a possibilidade de utilizar do serviço de saúde pagando as mesmas taxas que um português e a facilidade de se ter um Consulado ou Embaixada Portuguesa na maioria das capitais do país, favorecendo a obtenção do visto de estudante.

Portanto, partindo destes pareceres e da vivência desta incrível experiência em terras lusitanas, concluímos que há muitos mitos a se destruir sobre a vida em um chamado país de “primeiro mundo”, há muito que se descobrir sobre o funcionamento das instituições de ensino no exterior e ainda há



muito que se valorizar no nosso país, na nossa rede de ensino e método de estudo e fomento à iniciação científica, ao nosso sistema de saúde, à nossa cultura e ao nosso povo.

Conclusões

É preciso ter a mente aberta e a consciência de que nem sempre a grama é mais verde lá fora. Temos que tomar como exemplo o desenvolvimento de Portugal e aplicá-lo, no que couber, aos nossos anseios de um país sem violência, com educação, saúde e qualidade de vida para todos. Há muito ainda o que se fazer pelas melhorias em terras brasileiras, e tomar experiências estrangeiras como inspiração pode ser um bom caminho. Por outro lado, existe também muito a se valorizar e que já existe em nosso país, sem precisar recorrer a valorização e endeusamento de outros países, sobre os quais sabemos pouco e conhecemos apenas a superfície. Há retrocessos em Portugal e avanços no Brasil, e vice-versa, e ambos enquanto nações-irmãs devem continuar ascendendo social e economicamente, compartilhando suas culturas, suas experiências, suas inovações e seus anseios, e o fomento à realização de intercâmbios estudantis é o primeiro passo para a conscientização de uma geração aberta a novas possibilidades e ciente de todos os percalços a se enfrentar no caminho.

Agradecimentos

Agradeço à Deus e ao Universo por todas as bênçãos, aos meus pais, por todo apoio; à minha instituição de ensino que lutou pela realização desta mobilidade em todos os âmbitos; à minha professora Adriana Wzykoswki, que me acompanha desde o início do curso; à professora Kátia Silene, uma magnífica diretora para o campus XIX; aos meus colegas, amigos e aos brasileiros que me acolheram em uma incrível e inesquecível jornada por terras lusitanas.

Referências

CWUR RANKING. Disponível em: <<https://cwur.org/2018-19.php>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

MACHADO, Jonatas. Direito da União Europeia. Coimbra Editora, 2ª ed. 2014, Portugal.

SHANGAI RANKING. Disponível em: <<http://www.shanghairanking.com/ARWU2018.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Faculdade de Direito. Disponível em: <<https://uc.pt/fduc>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

_____. Serviços de Ação Social. Disponível em: <<https://uc.pt/sasuc>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.



INTERCÂMBIO INTERCULTURAL: DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA EM UMA COOPERATIVA SOCIAL DE ACOLHIMENTO A REFUGIADOS DE PAÍSES ENTRE ÁFRICA E ÁSIA, NO NORDESTE ITÁLIA.

Alicia Silva Cabral¹
Maria Goretti de Araújo Souza²

¹Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB
allicia43@hotmail.com

²Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - campus-III, Mestre em Educação, área de Inovação Pedagógica na Universidade da Madeira – Uma - Portugal.
mgsouza@uneb.br

Palavras-Chave: Aprendizagem; Imigrante; Pedagogia intercultural.

Introdução

Este trabalho expõe parte da experiência de mobilidade estudantil realizada na Universidade de Padova – UNIPD, na região do Veneto, Itália pela graduanda do curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus III no Departamento de Ciências Humanas - DCH-III, em Juazeiro-BA. No intercâmbio houve oportunidade de acompanhar como ouvinte a disciplina de Pedagogia Geral e Social do curso de Ciências da Educação e Formação no Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada – FISPPA no campus da cidade de Rovigo.

Assim, o estágio se deu em espaço não formal na Cooperativa Social Porto Alegre que acolhe imigrantes refugiados de países da África e da Ásia e funciona como uma espécie de cooperativa de trabalho. Os imigrantes podem ficar sob ‘proteção’ da instituição por até seis meses, enquanto legalizam sua situação no país, porém estes procedimentos são longos e muitas vezes excedem este prazo, sendo assim, saber falar a língua italiana pelo menos em um nível básico facilita a inserção social do requerente de asilo nestes trâmites legais.

A experiência se deu em dois polos: Em San Martino e em Rovigo. No distrito de San Martino, no *Centro Mamma Bambino* onde moravam onze adultos e oito bebês. Às vezes é bem difícil a convivência entre eles, pois

provêm de países e culturas diferentes. Espaço cuja Pedagogia Intercultural abre um leque de possibilidades em nível micro, “quando se considera a relação entre pessoas.” (PIZZI, 2008, p. 8, tradução nossa), com intuito de aumentar as chances de êxito nas atividades de assistência e inserção social.

O discurso pedagógico encontra sua principal tarefa na reflexão sobre o homem (especialmente sobre o homem em relação com o outro), sobre sua educabilidade, sobre a proteção da alteridade, da diferença e, ao mesmo tempo, da originalidade pessoal. (Idem, p. 2, tradução nossa).

Do mesmo modo, parte da carga horária no polo de Rovigo, onde houve não apenas atividades formativas e comemorações, como também aulas livres de italiano, ofertadas pela cooperativa que os hóspedes frequentam na Cooperativa Social Porto Alegre. Os mesmos estavam em um nível intermediário e a turma acompanhada era composta por cerca de oito alunos, porém muitos faltavam. O projeto foi pensado e estruturado com o objetivo de estimular a aprendizagem do idioma italiano, para tanto foram realizadas as seguintes atividades: dinâmicas de conversação; uma aula de apresentação sobre o Brasil (geografia, clima, história e elementos culturais: danças, música, culinária...), jogos com uso da língua italiana

e uma palestra motivacional que mesmo nas entrelinhas discutia a resiliência de acordo com (MILANI e IUS, 2010, p. 9):

O ponto de observação é, portanto, pedagógico: o ser humano é, mas acima de tudo se torna. Mas como se torna? Todos nós sabemos que o homem se constrói, mas com que material, com quais métodos? A própria vida, construída e sobretudo reconstruída após um trauma, observada de maneira retrospectiva e longitudinalmente, talvez seja uma forma de informações relevantes sobre tais questões. (tradução nossa).

Metodologia

Na pesquisa uma das técnicas principais foi a observação participante que segundo (SILVA e SILVEIRA, 2014, p. 157) se dá: “quando o próprio investigador se coloca junto aos investigados, participando de sua vida, querendo entender (...) na qual o pesquisador se insere no contexto do pesquisado;”. Esta observação durou cerca de um mês. Para arrematar o processo na última etapa, aconteceu a pesquisa experimental “... que tem como objetivo a [...] mudança de alguma situação ou fenômeno.” (HYMANN *apud* LAKATOS e MARCONI, 2011, p. 22) entrementes dezembro e janeiro de 2018.

As atividades possuíam o mesmo foco, mas foram desenvolvidas de formas diferentes, já que os sujeitos de aprendizagem vivem situações distintas. Inicialmente, como já mencionado antes, uma palestra de vinte minutos sobre resiliência; passando para a atividade seguinte de apresentação do Brasil; continuando a programação com depoimento pessoal da estudante como estrangeira na Itália, sobre os métodos de estudo utilizados e dificuldades para aprender a língua italiana. As atividades finais foram em pequenos grupos de conversação dirigidos por dinâmicas de grupo.

Por fim, os sujeitos envolvidos na prática educativa fizeram uma avaliação através de uma ficha ilustrada, em que também deixaram seus comentários sobre as atividades que seguiram. Também foi pedido às operadoras que participaram das aulas de italiano para que avaliassem de forma mais

detalhada, porém livre, após o evento de culminância na própria cidade.

Resultados e Discussões

O presente texto relata o desenvolvimento do estágio em uma cooperativa social, Cooperativa Sociale Porto Alegre, que acolhe imigrantes refugiados e requerentes de asilo político na Itália e que passou a fazer o trabalho de acolhimento devido o aumento exponencial da imigração de diversos povos para o continente europeu tendo como principal entrada a península itálica. Este estágio foi realizado durante um intercâmbio de quatro meses e meio na cidade e circunvizinhança de Rovigo, na região do Veneto, Itália; ofertado pelo acordo bilateral entre Universidade do Estado da Bahia e Universidade de Padova pelo programa INTEREURISLAND. Os estudos realizados sobre resiliência através dos autores Milani e Ius; sobre o pensamento a respeito da Pedagogia Intercultural na Itália do autor Pizzi serviram de base.

Conclusões

Indubitavelmente, o pedagogo inserido num espaço intercultural lida com a complexidade da variedade cultural e precisa aguçar os sentidos para que através da mais discreta atuação, corrobore positivamente com o desenvolvimento dos sujeitos inseridos neste contexto. De certo

Seu esforço é reconhecer e apoiar a fecundidade dessa situação e de encontrar as linguagens e métodos mais idôneos à sensibilidade atual, finalizando tudo isso para a promoção de ações educativas válidas para a realização de melhores oportunidades de vida individuais e sociais. (BECCEGATO *apud* PIZZI, 2008, p. 5, tradução nossa).

A estadia na Itália foi de grande valia para a formação pessoal e acadêmica, em que foi possível conhecer mais sobre Pedagogia Social e perceber a atuação do pedagogo na educação não formal. Portanto, a experiência possibilitou o exercício da resiliência, diante dos desafios enfrentados cotidianamente. Conclui-se que independente de sua nacionalidade, o ser humano deve ser



respeitado e valorizado, a fim de que a sociedade se torne mais justa e igualitária.

Agradecimentos

A jornada foi dividida em duas etapas sendo a primeira observação participante e a segunda, um momento de intervenção com ações educativas subsidiando o ensino/aprendizagem das aulas de italiano que já aconteciam no próprio espaço. Houve busca por sentido e contextualização das atividades propostas a fim de potencializar a aprendizagem da língua italiana, tão necessária à inserção social, aos hóspedes da cooperativa que participavam voluntariamente das aulas. Percebe-se como um fator de impacto positivo no desenvolvimento do conhecimento da estudante intercambista poder interagir em um ambiente transcultural envolvendo estudos e práticas de diversos campos pedagógicos.

Referências

- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. – 6 ed. – São Paulo. Atlas, 2011.
- MILANI, Paola. IUS, Marco. Sotto un cielo di stelle: Educazione, bambini e resilienza. 1 ed. Itália: Raffaello Cortina Editore, 2010.
- PIZZI, Fabrizio. La pedagogia interculturale in italia: questioni epistemologiche. In: Profesorado, Revista de Currículum y Formación del Profesorado. n. 2, 2008. Disponível em: <<https://recyt.fecyt.es/index.php/profesorado/article/view/41509>>. Acesso em: 03 set. 2018.
- SILVA, José Maria da. SILVEIRA, Emerson Sena da. Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas. 8 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO: INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE DO MINHO – UMINHO (BRAGA/PORTUGAL)

Ana Lucia Paranhos de Jesus¹
Tânia Maria Hetkowski²

¹Universidade do Estado da Bahia- UNEB
almota@uneb.br

²Universidade do Estado da Bahia- UNEB
taniah@uneb.br

Palavras-chave: Intercâmbio; Formação; Educação.

Introdução

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do Programa de Mobilidade Internacional organizado pela Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT) disponibiliza bolsas de intercâmbios em todos os níveis do Ensino Superior.

O processo de internacionalização no Ensino Superior contribui para o desenvolvimento científico e tecnológico e criação de projetos conjuntos e integradores para consolidar espaços de conhecimentos na cultura universitária nacional e internacional. A internacionalização tem como meta possibilitar o processo de mudanças organizacionais e profissional do corpo acadêmico e administrativo das Instituições, pois como afirma Hudzik (2011) “um compromisso através da ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas em toda a missão de ensino, pesquisa e serviço do ensino superior”.

Diante do exposto, a bolsa de intercâmbio é uma oportunidade de conhecer novas culturas, aprender as variantes linguísticas de um novo idioma, investir na formação e avanço profissional, promover a parceria com pesquisadores do exterior e a inserção internacional das instituições brasileiras.

Metodologia

Para realização de intercâmbio acadêmico são utilizados alguns pontos norteadores para

desenvolver as atividades, tais como: escolha da Universidade de acordo com o curso do estudante e seu objeto de pesquisa, assim como seleção para candidatura nas instituições estrangeiras; escolha do curso no exterior de acordo com o curso em andamento no Brasil; professora tutora que já desenvolva trabalhos em parceria com instituições estrangeiras; familiaridade com a língua do país de destino no intuito de facilitar as atividades a serem desenvolvidas e escolha da grande curricular de acordo com o trabalho que já desenvolve no país de origem.

Este relato de experiência baseia-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter autobiográfico, sobre a experiência acadêmica a partir do intercâmbio de uma estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, no período de dezembro a agosto de 2015, no Programa de Bolsas Santander de Mobilidade e Intercâmbio Estudantil, proposto pela Secretaria Especial de Relações Internacionais -SERINT/UNEB.

Resultados e Discussões

Universidade do Minho – UMinho, propulsora do intercâmbio realizado pela discente, é reconhecida pela competência e qualidade dos professores, pela excelência da investigação, e ampla oferta formativa graduada e pós-graduada. A UMinho está localizada no Norte de Portugal, na cidade de Braga e Guimarães, sendo o campus de Braga



o que têm maior quantidade de cursos e desenvolvimento de pesquisas e eventos.

Braga é a 3ª maior cidade portuguesa, nascida da antiga cidade romana de Bracara Augusta. A estrutura organizacional da Universidade é flexível e favorável à inovação e à interdisciplinaridade, potenciando a exploração de áreas de investigação emergentes.

Na área de educação, voltado a graduação, a Instituição oferece dois cursos, Licenciatura Básica, que de acordo com a grade curricular estão voltados ao curso de pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O curso de Licenciatura em Educação, forma profissionais ou técnicos superiores de educação com competências para atuarem dentro e fora do sistema educativo, em todos os seus níveis e compreendendo diversas modalidades de intervenção, sendo elas: educação, formação, gestão da formação e mediação, contudo a Licenciatura em Educação Básica forma professores capazes de intervir em diversos contextos educativos, dotando-os de saberes e competências que lhes permitem: observar e avaliar esses contextos, em que poderão vir a desenvolver atividade profissional; construir uma visão global sobre as crianças e os seus contextos de vida e aprendizagem; desenvolver capacidades de aprendizagem, espírito crítico e inventivo, curiosidade intelectual e abertura à diversidade, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

Assim, no período do intercâmbio realizaram-se estudos nas duas licenciaturas mencionadas, pois a grande curricular contemplava atividades desenvolvidas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Departamento de Educação, Campus I, UNEB.

Para início das atividades do intercâmbio, foram escolhidas as seguintes disciplinas para compor a grande curricular no período do intercâmbio: Projetos Interdisciplinares de Investigação e Ação Pedagógica II, Metodologia da investigação em educação, Supervisão da Educação e Formação, Literatura para a Infância e Juventude.

Das disciplinas escolhidas, podemos relatar experiências significativas para o

desenvolvimento profissional e incentivo a pesquisa durante o período de mobilidade estudantil. A unidade curricular, Projetos Interdisciplinares de Investigação e Ação Pedagógica II está relacionada ao componente Estágio Supervisionado no Brasil, ao longo da disciplina foi realizado em Educação e Licenciatura em Educação estágio em uma escola da educação básica portuguesa, na turma de 5º ano, junto a duas alunas portuguesas com desenvolvimento de atividades de leitura, experiências científicas, visitas de campo e jogos educativos que contribuíram para a bagagem formativa da intercambista e aperfeiçoou sua relação com cultura do local.

Além dessa experiência profissional de sala de aula no exterior, na unidade curricular Supervisão da Educação e Formação, a docente responsável era orientadora de doutorado de uma professora brasileira da mesma instituição de ensino que a intercambista, que já possuía vínculo no Brasil com a professora, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no qual aproveitou o encontro para promover uma mesa redonda entre Coordenadora e Bolsista do Projeto no Brasil e professores portugueses da UMinho com alunos da disciplina mencionada, para troca de experiências e conhecimentos voltados a formação e supervisão no Brasil e Portugal.

Foi possível durante o período de estadia no país, participar de eventos voltados a área de estudo e interesse para pesquisa, assim como conhecer as diversas formas educacionais aplicadas/desenvolvidas nas escolas portuguesas e no processo de formação dos docentes, assim como apresentar trabalho e fazer parte do secretariado de um dos maiores eventos da área de Educação e Tecnologias Internacional a IX Conferência Internacional de TIC na Educação – Challenges, em Braga. A partir disso consideramos que “[...] o processo da formação inicial possa ser um espaço fértil e fecundo para unir fazeres e saberes, de forma reflexiva e instrumentalizar cada vez mais o educador como leitor e construtor da sua



prática, da sua ação” (OLIVEIRA, 2004, p. 138).

Portanto, durante esse período foi possível compartilhar conhecimentos, anseios, curiosidades sobre a área e as vivências foram de extrema importância, pois além de conhecer parte da história da educação portuguesa e trocar/discutir conhecimentos entre intercambistas e alunos da Instituição foi possível.

Conclusões

As atividades realizadas, e a vivência com uma cultura diferente, tanto no âmbito profissional como social, foram importantes para o aperfeiçoamento da formação acadêmica, profissional e pessoal do estudante.

Além disso, a vivência de novos horizontes, novas teorias e novas formas de ensino-aprendizagem, constituem ganhos em longo prazo, pois o envolvimento com pesquisa na graduação permite aos alunos a geração de novos conhecimentos, a consolidação de uma atitude científica, um processo de aperfeiçoamento profissional e a formação docente de caráter autônomo e crítico com inovações na prática pedagógica, pois [...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Estes que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.32).

Agradecimentos

Esse relato tem como objetivo descrever a experiência como aluna da graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) ao integrar um programa de mobilidade acadêmica internacional, durante a graduação em pedagogia. O intercâmbio acadêmico ocorreu em Portugal, na Universidade do Minho –UMINHO, nos cursos de Licenciatura em Educação e Educação Básica. A experiência de intercâmbio realizada no período de seis meses

possibilitou a aquisição de novos conhecimentos científicos e culturais, inclusive desenvolvimento de pesquisa, participações e apresentações de trabalho em eventos e vínculos acadêmicos. Como contribuições, espera-se estimular novos alunos a participarem de intercâmbios e desenvolver atividades e vínculos acadêmicos durante sua estadia, considerando a importância do intercâmbio para troca de conhecimentos e culturas que contribui para o aperfeiçoamento profissional e o fortalecimento de ações internacionais no ensino superior.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUDZIK, John K. *Comprehensive Internationalization, From Concept to Action*. Executive Summary. Nafsa, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. *Arquitetura da criação docente: A aula como ato criador*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.



RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DE INTERCÂMBIO: UNEB DCHT XXI E UNIVERSIDADE DE LUSOFONA

Ana Patrícia Matos Santos¹

Adilma Nunes Rocha²

¹Universidade do Estado da Bahia- UNEB
patisantos2@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia- UNEB
adilmanunes@hotmail.com

Palavras-Chave: Intercâmbio, Lusófona, Experiência.

Introdução

A mobilidade permite ao indivíduo agregar conhecimentos, seja através da participação em aulas, dos cursos de extensão, palestras, visitas a museus, centros históricos, igrejas, Universidades. Esses eventos permitem que o participante vivencie a História, e analise os acontecimentos ao seu alcance. Poder experimentar um pouco de uma determinada cultura, é algo motivador, que possibilitou uma interação direta com os objetos de estudo. A experiência da mobilidade corrobora com tal entendimento porque passa a ser uma experiência prática da qual toma-se parte diretamente.

Metodologia

Por se tratar de um trabalho pautado em experiências vivenciadas durante um intercâmbio, recorreremos ao método (auto) biográfico, utilizando das narrativas biográficas para explicar as atividades desenvolvidas.

O método (auto) biográfico permite que seja [...] concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciências sociais (NOVOA, FINGER, 2010, p.23)

A metodologia aplicada a partir disso foi a observação direta participante, nos eventos dos quais tomamos parte.

Resultados e Discussões

A nossa participação no Programa de Mobilidade e intercambio na Universidade Lusofona nos proporcionou a participação no Curso de Extensão em Educação Social, vinculado ao Curso de Graduação em Ciências da Educação, em que podemos rever a história de Portugal, tendo a figura do Marquês de Pombal como destaque principal, e tivemos a oportunidade de fazer nossas análises, do que até então tínhamos conhecimento e do que foi apresentado segundo a visão dos portugueses. Tivemos uma participação como ouvinte em uma Conferência intitulada “Fronteiras da Comunicação”, na qual nos foram apresentadas algumas experiências com as tecnologias e o seu uso no dia a dia. Participamos também de uma conferência intitulada “Ação Sócio Educativa dos Jesuítas e Colégio de São Fiel”, oportunizando-nos conhecer com detalhes a história dos jesuítas e o legado deixado para a história. Em continuidade das atividades, apresentamos um trabalho sobre o autor baiano Euclides Neto, vida e obra e fizemos doação de uma coletânea de suas obras. Tivemos a oportunidade também de participar de um júri de Mestrado em que apreciamos o trabalho de uma pós-graduanda e ao mesmo tempo podemos constatar como era desenvolvido a apresentado o trabalho para escolhas futuras. Participamos, ainda, de uma atividade sobre Cultura Portuguesa e Brasileira, em que trocaram-se informações relevantes referentes a temática proposta.



Frequentamos o curso de formação de Ensino Religioso, em que tivemos uma experiência com a disciplina Ciências das Religiões, agregando conhecimentos importantes sobre esse campo de estudo. A Câmara Municipal de Lisboa promoveu um encontro para elaboração do Plano Municipal para Integração de Migrantes Lisboa 2018-2020 (PMIML), como uma sessão participativa, dividindo os participantes em quatro grupos: cultura, media e sensibilização da opinião pública, religião e relações internacionais, sendo que optamos pela discussão sobre cultura e pudemos, através dos diálogos, conhecer um pouco mais das situações vividas pelos migrantes naquela sociedade.

Conclusões

O Programa de Mobilidade e intercâmbio nos aguçou o desejo de aprofundar mais na pesquisa e extensão, na área de Letras, Educação e Humanidades, pois através delas podemos agregar um vasto conhecimento e desenvolver um trabalho não apenas para a vida acadêmica, mas para nossa vida profissional e particular. Conhecer e vivenciar a experiência de uma cultura para além de nossas fronteiras, foi algo imensurável para nossas vidas, além de proporcionar conhecimentos, visão crítica, fomentar o espírito investigativo.

Agradecimentos

Aproveitamos para registrar nossos agradecimentos a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ao diretor Otávio Assis, a Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT), em específico a Profa Sandra Célia Coelho Gomes da Silva, Coordenadora Institucional de Mobilidade e Intercâmbio, por proporcionar esse processo de Mobilidade Estudantil do qual tomamos parte. Agradecemos o Instituto da Educação (IE) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) por nos receber e pelo suporte oferecido. A nossa tutora Adilma Nunes Rocha pelo incentivo e credibilidade que nos depositou.

Referências

- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.



O DEVER DE DECLARAÇÃO DOS ANTECEDENTES CRIMINAIS DURANTE A QUALIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL, COMO UMA LIMITAÇÃO DO DIREITO FUNDAMENTAL AO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA LEGISLAÇÃO LUSO-BRASILEIRA.

Beatriz Diquattro Câmara

Palavras-Chave: Direito fundamental ao silêncio. Princípio da não-incriminação. Obrigatoriedade de declarar a verdade. Antecedentes criminais.

Introdução

O presente artigo consiste no relato de experiência da visita de estudo realizado na Universidade de Coimbra através do Programa de Mobilidade e Intercâmbio, concedida pela Universidade do Estado da Bahia, no Brasil. Descreve as atividades realizadas durante a visita e apresenta o Programa de Mobilidade e Intercâmbio. Este programa baseia-se na experiência de estudo fora do país, reconhecendo a eficácia da experiência acadêmica em outro país, principalmente a comparação entre as legislações, e o importante grau de colaboração estabelecido entre a UNEB (Brasil) e a Universidade de Coimbra (Portugal).

O direito fundamental ao silêncio é garantido pela Constituição Federal Brasileira desde 1988.

A diretriz constitucional, exposta especialmente no inciso LXIII, artigo 5º da Constituição Federal, garante o direito ao silêncio como um direito fundamental integrante do devido processo legal, podendo se verificar a sua grande conexão com o princípio da presunção de inocência, também garantido pela Magna Carta.

Na legislação portuguesa, por sua vez, o direito ao silêncio do arguido está garantido no número 01 do artigo 32 da Constituição da República Portuguesa (CRP) e concretizado na alínea d) do artigo 61 do CPP.

O princípio da não-incriminação, hoje devidamente normatizado em ambas as legislações, permite interpretar que o silêncio

do acusado não pode ser interpretado em prejuízo da defesa do mesmo. Nesse sentido, é razoável comparar os diplomas legais e questionar se a obrigatoriedade de declarar com verdade sobre os antecedentes criminais, durante a qualificação e identificação criminal, sob pena de responsabilização criminal, viola o direito ao silêncio, enquanto direito que integra as garantias de defesa do acusado.

A exposição do tema neste artigo, trazendo a posição doutrinária e jurisprudencial portuguesa, busca mudar a perspectiva brasileira sobre o tema tratado, sendo de fundamental importância a sua discussão.

Metodologia

A metodologia que sustenta este relato está pautada na pesquisa bibliográfica e documental, que descrevem os momentos em que a autora observou.

Resultados e Discussões

Apesar das mudanças legislativas recentes no processo penal brasileiro, o erro incidido sobre a primeira parte do artigo 187, parágrafo 1º, notadamente na parte final do mesmo, onde determina-se que seja perguntado ao réu sobre a sua vida pregressa, notadamente se foi preso ou processado alguma vez e, em caso afirmativo, qual o juízo do processo, se houve suspensão condicional ou condenação, qual a pena imposta, se a cumpriu e outros dados familiares e sociais, para fins de determinação da primeira fase da dosimetria da pena continua a persistir.



Ao obrigar o acusado a se manifestar sobre seus antecedentes criminais, além de consistir em uma grave ofensa ao sistema acusatório adotado no Brasil, também resta limitado o direito fundamental ao silêncio justamente no momento processual oportuno para que o acusado exercesse plenamente o seu direito de ampla defesa, inclusive mantendo-se em silêncio.

É razoável, por fim, compreender que o sistema acusatório não está sendo devidamente respeitado em sua plenitude no Brasil, sendo necessário observar, sob a perspectiva da legislação comparada, que a legislação portuguesa se adaptou de forma a não comprometer o silêncio do acusado durante o momento processual exato para a sua defesa.

Sem prejudicar a dosimetria da pena, a legislação portuguesa prevê o relatório social que cumpre a função de informar ao Juiz testemunho de fatos que interessam para caracterização da personalidade do arguido, bem como para a fixação da pena, não comportando em prejuízo para o processo, e muito menos para o acusado.

Ademais, sob a perspectiva social, é comum senso que, principalmente na realidade socioeconômica do Brasil, a maior parcela da população carcerária, de acordo com o relatório do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), relativo a dezembro de 2014, informa que o perfil socioeconômico dos detentos no Brasil 55% têm entre 18 e 29 anos, 61,6% são negros e 75,08% têm até o ensino fundamental completo.

Nesse sentido, é natural compreender que no dia-a-dia forense, grande parte dos presos e processados criminalmente não sabem informar devidamente sua vida ante acta para o Juiz, muitas vezes não compreendendo que existem outras espécies de pena além da convencional pena restritiva de liberdade, o que acarreta em declarações controversas, ambíguas e desacertos comuns para um acusado leigo, o que seria facilmente corrigido com um instrumento próprio tal como o relatório social, que substitui a fase inicial do interrogatório no que diz respeito aos antecedentes criminais.

Assim, verifica-se a necessidade de analisar e repensar a estrutura do processo penal brasileiro no tocante ao interrogatório do acusado.

Conclusões

Diante do exposto sobre o temática deste trabalho é possível notar as dificuldades que são decorrência da falha legislativa no Direito brasileiro, tomando como base a comparação com o direito português. Este artigo buscou, de maneira prática, comparar ambos os sistemas legais, concluindo-se que sistemática do sistema acusatório no Brasil deve ser analisada com muito cuidado e repensada, sob pena de consistir em uma grave ofensa ao sistema de garantias e direitos fundamentais do acusado, notadamente no que diz respeito ao direito de permanecer em silêncio. Conclui-se portanto, que a parte final do artigo 187 compromete a ampla defesa do acusado, nos moldes em que o interrogatório é proposto, devendo ser o mesmo discutido e repensado acerca de sua inconstitucionalidade.

Agradecimentos

“Nenhum dever é mais importante do que a gratidão”.

Dedico este trabalho primeiramente, a minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão e aos meus avós, pois confiaram em mim e me deram esta oportunidade de concretizar e encerrar mais uma caminhada da minha vida. Sei que eles não mediram esforços pra que este sonho se realizasse, sem a compreensão, ajuda e confiança deles nada disso seria possível hoje. À eles, além da dedicatória desta conquista, dedico a minha vida.

À todos os professores e a equipe de servidores da UNEB, e em especial, a professora Katia Silene Lopes, Professora e Diretora do Departamento da UNEB, Campus XIX, à quem eu devo boa parte desta experiência. Obrigado pela especial atenção ofertada ao meu caso e aos meus muitos processos administrativos. Muito, muito obrigada!

Agradeço também ao meu Professor e Orientador durante esse intercâmbio, que



orientou a minha ida para a Universidade de Coimbra e assinou diversos documentos.

Ao professor e orientador deste artigo, o Professor Marcos Marcílio, que corrigiu esse trabalho com louvor. Muito obrigada por todas as horas que o Senhor dedicou ao meu aprendizado.

ampl. e atual. – Salvador: Ed. JusPodivm, 2016.

DIAS, Figueiredo., Direito.

Referências

CANOTILHO, Gomes. *Direito Constitucional e Teoria da Constituição*, 7.^a ed., p. 1167

Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN, Junho de 2015. Disponível em:

<<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

Código de Processo Penal. Decreto lei no 3.689, de 03 de outubro de 1941. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3689Compilado.htm>. Acesso em: 06 de dezembro de 2017.

DIAS, Figueiredo, Direito Penal. Parte Geral, t. I, 2.^a ed., p. 180.

QUEIROZ, Paulo; VIEIRA. Antonio. Retroatividade da lei processual penal e garantismo. Disponível em:

<<http://pauloqueiroz.net/retroatividade-da-lei-processual-penalegarantismo/>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2017.

Acórdão Supremo Tribunal de Justiça. Disponível em:

<<http://www.dgsi.pt/jstj.nsf/954f0ce6ad9dd8b980256b5f003fa814/61b52e6ace993e2e802568fc003bbb3b?OpenDocument>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

SILVA, Germano Marques da, Curso de processo penal, volume II, Editorial Verbo, 4a Edição, 2008, pp. 442-443.

DIAS, Jorge Figueiredo Dias, Direito Processual Penal, 1a Edição, Reimpressão, Coimbra Editora, 2004, pp.442-443

PACELLI, Eugênio, Curso de processo penal– 21. ed. rev. atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Renato Brasileiro de, Manual de processo penal: volume único – 4. ed. rev.,



PROGRAMA DE MOBILIDADE E INTERCÂMBIO ACADÊMICO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS ENTRE A UNIVERSIDADE DE LUSÓFONA (LISBOA) E A UNEB (BRASIL)

John Wolter¹
Simone Santos de Oliveira²

UNEB, DEDC – Campus XI - EPODS
E-mail: johnwollter@outlook.com
UNEB, DEDC – Campus XI - Geo(BIO)grafar
E-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

Palavras-chaves: Intercâmbio; Mobilidade; Formação docente.

Introdução

Este trabalho decorre do projeto piloto proposto pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI* (Serrinha/BA) e realizado pela Secretaria Especial de Relações Internacionais – Serint, por meio do Programa de Mobilidade e Intercâmbio Estudantil entre a UNEB e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa/Portugal), considerado extremamente positivo e formativo no percurso de construção do perfil e da identidade do profissional docente, a partir da integração das aprendizagens e das vivências promovidas pela prática do intercâmbio que se trata de um momento formativo, um espaço-tempo de formação por ter proporcionado diferentes aprendizagens, sobretudo, a partir da construção de conhecimentos oriundos das experiências vivenciadas entre os dois espaços formativos – a UNEB (Serrinha/BA) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa/Portugal). O presente trabalho objetiva apresentar os aspectos formativos vivenciados com o desenrolar das ações intercambiais propostas e as aprendizagens obtidas a partir das experiências vivenciadas nestes dois espaços formativos a partir do programa de internacionalização da graduação, especificamente em articulação com os conhecimentos apreendidos no processo de formação inicial docente, no curso de Licenciatura em Geografia do

Departamento de Educação, UNEB – *Campus XI*.

Metodologia

Em termos teórico-metodológicos, este trabalho encontra-se ancorado nos princípios do método—autobiográfico, tendo como dispositivo de coleta de dados as narrativas autobiográficas de formação, bem como a documentação das experiências de vida e de formação, proporcionadas pelo referido programa de bolsas de mobilidade e intercâmbio, com base na narrativa de investigação profissional enquanto dispositivo de pesquisa-formação, como defendem os autores da autobiografia, como Delory-Momberger (2015); Josso (2004); e Souza (2006). O registro no diário de momentos, detalhes e acontecimentos fez-se necessário para a organização, inclusive cronológica, dos fazeres realizados no decorrer dos dias, como forma de anotar ideias que “[...] escapam momentaneamente à consciência explícita do dono do diário”, assevera Delory-Momberger (2015, p. 163).

Resultados e Discussões

De acordo com Souza (2006), o conhecimento de si é construído a partir das próprias experiências e aprendizagens que o indivíduo vivencia no decorrer dos dias de sua vida, logo, se estabelece um movimento de investigação-formação por meio do processo de produção do conhecimento e concretização da formação profissional através da auto escuta realizada pelo sujeito



na escrita de sua narrativa e, conseqüentemente, da autorreflexão dos percursos trançados e desempenhados pelo próprio indivíduo, ou seja, a constituição de dimensões de aprendizagem a partir do contato direto com a sua consciência, fruto das significações oriundas das experiências lembradas. Nesta perspectiva, pensar o processo de internacionalização da graduação a partir das vivências e aproximações proporcionadas pelo referido Programa, resulta em momentos profícuos de reflexões e aprendizagens que enriquecem a trajetória acadêmica em seu estágio inicial, pois ultrapassam as dimensões tradicionais da sala de aula, se caracterizando como importante instrumento constituidor do processo de modelagem do perfil profissional docente por oportunizar o carácter protagonista do estudante de licenciatura, enquanto professor-pesquisador em formação em outro espaço-tempo formativo.

Em Lisboa, na Universidade Lusófona - ULusófona, sob a orientação do Professor Doutor Krzysztof Dworak, seguiu-se o cronograma discutido e proposto pelas instituições de origem e anfitriã, com aulas dialogadas e participativas no Curso de Ciências da Educação por meio dos componentes curriculares Educação e Tecnologias com a Profa. Dulce Franco; Educação, Direitos Humanos e Cidadania com o Prof. Paulo Mendes; Ensino Religioso com o Prof. Krzysztof Dworak; História e Cultura Portuguesa com a Profa. Maria Gonçalves; O fenômeno religioso no Brasil contemporâneo (aula do Mestrado em Ciências das Religiões) com o Prof. Josias Santos. Além disso, participamos também das Conferências intituladas “Ação Sócio Educativa dos Jesuítas e Colégio de São Fiel (1863-1910)”, “Fronteiras da Comunicação” e da Sessão Participativa em Cultura no Seminário do Plano Municipal para a Integração de Migrantes de Lisboa 2018-2020 (PMIML), assim como assistimos a defesa de dissertação de Mestrado de uma brasileira, em Ciências da Educação, intitulada “Desafios na Reconstrução da prática pedagógica dos docentes de Língua Portuguesa na sociedade atual”.

Josso (2004) esclarece que o ato de pensar a formação sob a dimensão subjetiva do sujeito, na condição de aprendente, é estabelecer um contraponto ao que as ciências do humano apontam, ao dizer que “[...] ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam” (p. 38). Ou seja, é dar ouvidos as interações promovidas pelas experiências formativas nos mais variados espaços-temporais, um momento de escuta e de dialogicidade com a própria subjetividade do sujeito, assim como com outras subjetividades as quais articulamos na nossa itinerância formativa. Assim, o intercâmbio acadêmico constitui um desses momentos formativos a partir das inúmeras interrogações a serem refletidas pelo sujeito no decorrer do seu processo, bem como após ele, sobretudo por apresentar um carácter totalmente inovador no cotidiano estudantil com a promoção das interrelações em espaços distintos dos já vivenciados, os modos de vidas que se dão em outros contextos socioeconômicos e socioculturais, além da forma de se fazer ensino superior.

Conclusões

O processo de Mobilidade e Intercâmbio Internacional de estudantes constitui um momento profícuo de aprendizagens. Com efeito, o referido processo possibilitou construir uma formação acadêmico-científico-profissional que, por consequência, possa a ser considerada profissionalmente sólida e rica, intelectualmente, em função das experiências vivenciadas na e pela Universidade. Nesta perspectiva, o programa de bolsas mobilidade e intercâmbio proporcionou aprendizagens não apenas acadêmica/profissional, como também para a vida pessoal do indivíduo, além de despertar um novo pensar/agir social, principalmente em meio às interrelações do mesmo já estabelecidas na sociedade.

Agradecimentos

Em Lisboa, na Universidade Lusófona, seguiu-se o cronograma discutido e proposto



pelas instituições de origem e anfitriã, com aulas dialogadas e participativas no curso de graduação em Ciências da Educação, no Mestrado em Ciências das Religiões, participação em conferências, além da Sessão Participativa em Cultura no Seminário do Plano Municipal para a Integração de Migrantes de Lisboa, assim como defesa de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Com efeito, o referido processo possibilitou construir uma formação acadêmico-científico-profissional sólida e rica, intelectualmente, em função das experiências vivenciadas na/pela Universidade, proporcionando à vida e à formação acadêmico-profissional do graduando de Licenciatura em Geografia do Território do Sisal baiano o despertar de um novo pensar/agir social mediado pelo vivido e experienciado pelo processo de mobilidade e intercâmbio acadêmico promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI, Serrinha*.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. Narrativa de investigação profissional: um dispositivo de pesquisa-formação sob a forma de uma escrita implícita. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.)

(Auto)biografias e documentação

narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: Edufba, 2015, p. 161-171.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O**

conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Salvador: DP&A, 2006.



EXPERIÊNCIAS DO INTERCÂMBIO BAHIA-LISBOA

Leandro Souza de Jesus¹
João Sotero do Vale Júnior²

¹Graduando do quinto período em Administração pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XXI, Ipiauí-BA.

jesus.leandros@gmail.com;

²Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia, Campus XXI, Ipiauí-BA.

joao.sotero.js@gmail.com

Palavras-Chave: Intercâmbio, Bahia, Portugal.

Introdução

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências do Programa de Intercâmbio e Mobilidade Acadêmica desenvolvido pela SERINT, através de um curso de extensão na área de Desenvolvimento Humano e Social, no período de 11 a 24/03/2018, com a finalidade de complementar a formação dos alunos.

O Programa foi desenvolvido através de parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), instituição educacional com sede na cidade de Lisboa, Portugal.

Neste intercâmbio foram selecionados, através do mesmo edital, dois discentes do Campus XXI - Ipiauí/BA, sendo um do curso de Administração e uma de Letras e três discentes do Campus XI - Serrinha/BA, uma de Administração, uma de Pedagogia e um de Geografia que participaram das atividades aqui descritas.

Metodologia

Pesquisa de finalidade básica estratégica, com objetivo descritivo, abordagem qualitativa, método indutivo e participante do ponto de vista dos procedimentos.

Segundo Fontenelle (2018), na pesquisa básica estratégica, o autor não parte de uma situação específica. Porém, ele busca desenvolver conhecimentos que possam eventualmente ser utilizados.

O objetivo deste relato é retratar as características dos estudos realizados,

expondo com precisão os fatos. Sendo, portanto, descritivo.

Na abordagem qualitativa,

O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. [...] Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas [...] (PRODANOV e FREITAS, 2013)

A pesquisa participante, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem.

Resultados e Discussões

Foram desenvolvidas atividades voltadas para as Ciências da Educação e Ciências da Religião, com aulas junto às turmas de graduação em Educação Social e cadeiras de Mestrado em Ciências da Religião.

Nas aulas realizadas em conjunto com as estudantes do curso de Educação Social foram debatidos conceitos de Direitos Humanos, Cidadania e os valores filosóficos aplicados na área de Educação.

A cada atividade foram traçadas comparações entre a Bahia e Lisboa, levantando



semelhanças e particularidades de cada região em relação aos tópicos tratados.

Nos encontros do Mestrado em Ciências da Religião, com o Professor Dr. Krzysztof Dworak, foi abordada a relação entre a religião e a secularização, a importância da religião no processo da investigação científica e o *homo religiosus* dentre as dimensões do ser humano. Foi dado enfoque no ensino religioso, os marcos legais deste ensino no Brasil e a importância do ensino da religião nas escolas e na formação dos professores.

Numa segunda cadeira do Mestrado, com o professor Dr. Josias da Costa Júnior, foi classificada a mudança no campo religioso como consequência da mudança social, que por sua vez, é fruto da transformação que o mundo vem sofrendo.

Além destas práticas, os discentes da UNEB foram convidados a assistir à defesa da tese de Mestrado da candidata brasileira Teresinha de Jesus de Sousa Costa que defendeu a dissertação “Desafios na Reconstrução da Prática Pedagógica dos Docentes de Língua Portuguesa na Sociedade Atual”.

Foi realizada também uma visita técnica à Universidade de Coimbra para conhecer as instalações e um pouco da história da Universidade.

Nestas experiências foram consideradas as semelhanças e diferenças culturais entre o Brasil e Portugal em relação à conservação da memória e do patrimônio histórico, na educação e na segurança pública, permitindo uma reflexão do que cada país tem de melhor ou pode ser melhorado.

Conclusões

O processo foi impulsionador e permitiu vivências que nos levaram a aplicar, aperfeiçoar e adquirir novos conhecimentos e habilidades. A natureza do intercâmbio em si já nos leva a exercitar a pesquisa através do levantamento e análise de dados e informações referentes ao local e instituição de ensino, seus habitantes e frequentadores, seus hábitos e valores.

Com as dificuldades que surgem no processo, enriquecemos e aprimoramos nossa metodologia de resolução de problemas e nos tornamos mais hábeis para lidar com possíveis contratempos futuros.

As atividades foram agregadoras por sua natureza de aplicação, como ciências humanas e sociais, gerando debates que fomentaram a reconstrução de conceitos referentes à cidadania, vida em sociedade e respeito às crenças e convicções do indivíduo. Conhecimentos e valores estes que podem ser considerados diferenciais na evolução cultural e econômica do indivíduo e da sociedade na qual está inserido.

Agradecimentos

Agradeço a todos que permitiram a realização deste trabalho desde os processos anteriores à viagem até sua conclusão e elaboração deste documento. Aos docentes do Campus XXI em especial ao professor João Sotero do Vale Júnior por ter orientado na elaboração deste trabalho, ao professor Giorgio Gonçalves Ferreira por valiosos conselhos, à professora Antônia Vieira Santos pelo apoio no atendimento aos requisitos da fase classificatória. Ao corpo técnico do Campus, na busca por informações e suporte no decorrer do processo. À SERINT pela idealização e manutenção deste programa de tamanha importância para todos os discentes envolvidos. Aos meus colegas de curso, amigos e à minha família por terem dividido as alegrias e desafios e terem me dado o apoio necessário para o alcance do propósito.

Referências

FONTENELLE, A. Metodologia Científica: Como definir os tipos de pesquisa do seu TCC? **Professor André Fontenelle**, 2017. Disponível em: <<https://www.andrefontenelle.com.br/tipos-de-pesquisa>>. Acesso em: 18 Maio 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, v. I, 2013.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DISCENTE DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE O PAPEL DO FONOAUDIÓLOGO NO SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA DE CUBA.

Leidna da Silva Santos¹
Magno Conceição das Mercês²

¹ Discente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado da Bahia
leidsant@hotmail.com

² Docente Mestre de Saúde Coletiva da Universidade do Estado da Bahia
mmerces@uneb.br

Palavras-Chave: Saúde Pública. Intercâmbio Educacional Internacional. Fonoaudiologia.

Introdução

Cuba é um país que mesmo com o bloqueio econômico buscar fazer muito com o pouco que tem, de maneira que a população tenha acesso a educação, a saúde, a cultura, a alimentação e a segurança, elementos importantes para o bem estar da sociedade. Conforme, Dal Prá e colaboradores, (2015) o direito a saúde é legalizado pela Constituição da República de Cuba de 1976 e garantida pelo Sistema Nacional de Saúde cubano que se fundamenta nos princípios de universalidade, acessibilidade, gratuidade, regionalização, e integralidade ao ofertar os serviços de saúde para todos os cidadãos cubanos.

De acordo com Lopes (2016) os intercâmbios realizados na área de saúde proporcionam aos intercambistas a oportunidade de conhecer a realidade epidemiológica e social de outros países, além de permitir um contato com uma realidade distinta, capaz de instigar as mudanças, as inovações e criar novos olhares a cerca do cuidado.

O intercâmbio promovido pela SERINT durante os dias 17 a 24 de março de 2018 nos possibilitou conhecer de perto como é a organização do Sistema de Saúde Pública de Cuba, entender como o direito a saúde é ofertado nos três níveis de atenção e o processo de formação dos recursos humanos que atuam nos serviços.

Metodologia

Este trabalho consistiu em um relato de experiência que descreve a visita técnica na modalidade de intercâmbio acadêmico promovido pela Universidade do Estado da Bahia em parceria com a Universidade de Ciências Médicas de la Habana em Cuba. O programa de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico desenvolvido pela Secretária de Relações Internacionais – SERINT-UNEB selecionou em agosto de 2017 por meio de seleção pública oito acadêmicos dos cursos de saúde do Departamento de Ciências da Vida.

A seleção constou de três etapas classificatórias: a primeira correspondeu à inscrição, avaliação curricular e entrega de documentação, a segunda etapa a uma entrevista individual e a terceira a entrega de laudo médico e psicológico confirmando aptidão para a realização da viagem. Foram selecionados três discentes do curso de enfermagem, um de medicina, uma de nutrição, uma de fisioterapia, um de farmácia e a autora deste relato do curso de Fonoaudiologia.

Resultados e Discussões

Nos dias que anteciparam a viagem a Secretaria de Relações Internacionais da UNEB realizou reuniões, vídeos conferências e visita ao consulado Cubano para formalizar informações sobre o intercâmbio. Na tarde do dia 17 de março de 2018, partimos de



Salvador, chegando em Cuba na tarde do domingo e ficamos hospedados na Residência Estudantil Ramon Universitária Comandante Ramón Paz Borroto.

As atividades tiveram início na segunda-feira 19 de março na Universidade de Ciências Médicas de Havana – Faculdade Victória Girón, onde fomos recebidos pela vice-reitora, a diretora e docentes da instituição, as quais ministraram uma conferência sobre o Sistema de Saúde de Cuba e a Atenção Primária de Saúde.

Durante o período de 20 a 23 de março visitamos as seguintes instituições: um consultório da família, o Policlínico Universitário 26 de Julio, situado no município de Playa, a Faculdade de Enfermaria Lidia Doce, o Centro de Investigações sobre Longevidade, Envelhecimento e Saúde do Idoso no Hospital General Calixto Garcia, o Pavilhão de Saúde no Expo-Cuba onde foi possível conhecer uma exposição da história do Sistema de Saúde cubano e o Instituto Nacional de Oncologia e Radiologia referência no diagnóstico, tratamento, investigação, cuidados paliativos e assistência a pacientes com câncer.

Durante a visita ao Policlínico conversei com a fonoaudióloga responsável pela reabilitação de pacientes com distúrbios cognitivos, de linguagem oral e escrita. Questionada sobre o acesso ao ensino superior e o processo de formação acadêmica, ela ressaltou que é regido pelo Ministério da Saúde Pública. E o curso de Fonoaudiologia tem duração de 5 anos no qual é estudando todas as áreas, sendo que após a formação o profissional escolhe a especialização que deseja seguir.

A fonoaudióloga ressaltou que o acompanhamento da evolução do paciente é feito em conjunto com os demais profissionais que o assistem, desde um professor que identifica um aluno com dificuldades de leitura e/ou escrita a um neuropediatra que percebe a necessidade da intervenção fonoaudiológica para um paciente. Conforme Picarín e González (2015) a ação do fonoaudiólogo deve acontecer de maneira integrada com outros

especialistas, de maneira multidisciplinar, sendo o seu atendimento focado na estimulação, no desenvolvimento das habilidades para o estabelecimento da comunicação, da linguagem e contribuição do desenvolvimento da personalidade.

Retornamos para o Brasil na manhã do sábado (24) e ao chegarmos no Aeroporto Internacional de Salvador na manhã do domingo, fomos recebidos por familiares, amigos, pelo secretário Especial das Relações Internacionais da SERINT, mas principalmente pela saudade de uma experiência que marcou completamente a vida de todos nós intercambistas da Universidade do Estado da Bahia.

Conclusões

No Sistema de Saúde Cubano, o médico tem um papel fundamental na promoção e prevenção da saúde, mas este trabalho ele não realiza sozinho, é preciso o apoio dos demais profissionais de saúde que são acionados quando realmente o paciente necessita. O fonoaudiólogo é um dos profissionais que desempenham um papel fundamental dentro da equipe interdisciplinar que atuam no Sistema de Saúde Pública Cubano, sendo o seu trabalho reconhecido pela sociedade que sabe quando é preciso procurar uma intervenção fonoaudiológica.

O fonoaudiólogo também faz parte da equipe interdisciplinar que trabalham dentro do sistema educacional promovendo, intervendo e reabilitando os educandos com dificuldades que afetam o desenvolvimento. Espero que num futuro não tão distante essa também seja uma realidade em nosso país, vermos profissionais da fonoaudiologia inseridos nas equipes de saúde que integra todos os níveis de atendimento do Sistema Único de Saúde.

Agradecimentos

O presente trabalho é um relato de experiência da vivência de uma discente do curso de fonoaudiologia que participou do Programa de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico, desenvolvido pela Secretaria de Relações Internacionais da Universidade do Estado da Bahia realizado no período de 17 a



24 de março de 2018 na Universidade de Ciências Médicas de Havana. Por meio de seleção pública foram selecionados um discente de cada curso de saúde do Departamento de Ciências da Vida para participar da visita técnica em modalidade de intercâmbio com o objetivo de conhecer a organização do Sistema de Saúde de Cuba. Os discentes acompanhados dos docentes tutores visitaram instituições de ensino superior, instituições de saúde, policlínicos, dialogaram com docentes, discentes e profissionais da área. O intercâmbio nos possibilitou conhecer o processo de formação dos profissionais de saúde, o funcionamento do sistema de saúde, o papel do trabalho interdisciplinar e como o fonoaudiólogo está inserido nesse contexto. O intercâmbio é uma via que permite ao acadêmico conhecer outro universo diferente do seu, aprender sobre outras culturas antes desconhecidas, ser um agente de ação e modificação da própria experiência. Foi isso que o intercâmbio UNEB-HAVANA me permitiu viver, sei que foram poucos dias, mas que marcou minha trajetória enquanto graduanda do curso de Fonoaudiologia.

Referências

- Lopes Carvalho, Jordana, y Dirce Stein Backes, y Maria de Lurdes Lopes de Freitas Lomba, y Juliana Silveira Colomé. "Intercâmbio acadêmico internacional: uma oportunidade para a formação do futuro enfermeiro". Revista de Enfermagem Referência, vol. IV, no. 10, 2016, pp. 59-67. Editorial Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- PICARÍN, A.G e GONZÁLEZ, O.C. El proceso de atención logopédica a escolares del nivel primário desde la perspectiva pedagógica. Revista Didasc@lia: D&E. Publicación cooperada entre CEDUT- Las Tunas y CEdEG-Granma, CUBA. Vol. VI. Año 2015. Número 1, Enero-Marzo
- DAL PRÁ, K.R e colaboradores. O Sistema Nacional de Saúde Cubano: Caracterização dos serviços de atenção primária à saúde. Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 9(2), 91-103, jun, 2015.

INTERCAMBIO EM CUBA: O OLHAR DE UMA ESTUDANTE DE FISIOTERAPIA

Lene Gomes de Jesus¹

Daniel Deivson Alves Portella²

¹ Egressa do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia
lenegomesviera@hotmail.com

² Docente do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia

Palavras-Chave: Intercambio; Cuba; Fisioterapia.

Introdução

A internacionalização do ensino superior, visa o desenvolvimento humano a partir do intercâmbio de saberes, além de estender os horizontes culturais e as possibilidades científicas e tecnológicas^{1, 2}. Participar de um Intercâmbio acadêmico é desejo de muitos alunos de graduação, e como discente do curso de fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), esse sempre foi um dos meus objetivos.

Minha experiência como intercambista teve início em março de 2018, onde juntamente com outros sete estudantes dos cursos de nutrição, fonoaudiologia, medicina, farmácia e enfermagem da UNEB, e três professores da área de saúde coletiva, deixamos o Brasil para fazer uma imersão no sistema nacional de saúde cubano (SNSC) durante sete dias. Saímos de Salvador no dia 17/03/2018 e no dia seguinte desembarcamos em Havana, a capital cubana e também a maior cidade do país.

Metodologia

O presente estudo é fruto do convenio entre a UNEB e a Universidade de Havana em Cuba, dentro do Programa Permanente de Mobilidade e Intercâmbio Internacional da UNEB. A Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT), por meio do edital 02/2017, realizou uma seleção simplificada de oito estudantes dos cursos de graduação da área de Saúde da UNEB. Os discentes com a

candidatura homologada foram contemplados com curso na área de Saúde da Família, a ser realizado na Universidade de Havana, em um período de sete dias.

Durante o curso foram feitas visitas técnicas aos distintos níveis de atenção a saúde. As visitas foram guiadas por profissionais e professores integrantes do SNSC, e dirigidas às unidades e serviços de saúde oferecidos pelo país.

Resultados e Discussões

A falta de estrutura causada pelo bloqueio econômico, comercial e financeiro, é um fato na vida dos cubanos, e faz com que o país sofra com racionamento de água, alimentos, medicamentos e outros insumos. Apesar de tudo isso, os cubanos transmitem alegria e espontaneidade.

Inicialmente pude perceber que em Havana o antigo entra em contraste com a vida moderna, uma significativa parte da população utiliza smartphones, há carros novos e o acesso à internet é frequente, apesar de caro e limitado.

Com relação ao SNSC cubano, este organiza-se em três níveis de atenção: primária, secundária e terciária². A atenção Primária (AP) é a principal porta de entrada do sistema, e tem ampla cobertura e baixa complexidade². Fazem parte deste nível de atenção os Consultórios do Médico e



Enfermeira de Família (CMEF), os Policlínicos, e os Grupos Básicos de Trabalho (GBT).

Os Consultórios contam com a Equipe Básica de Saúde (EBS), formada por um médico e uma enfermeira da família que são responsáveis por uma população de até 1.500 pessoas. Os policlínicos são unidades que prestam serviços complementares, neles a população tem acesso a uma gama de exames diagnósticos, a unidade de urgência e emergência, e ao serviço de reabilitação integral. Cada policlínico tem a capacidade de prestar assistência a até 24 CMEF. Já os GBT, são formados por algumas especialidades médicas e estão vinculados a um policlínico. Quando surge uma demanda que vai além da capacidade de resolução da EBS, o médico da família pode realizar uma interconsulta com os profissionais do GBT.

Na atenção secundária encontram-se os Hospitais Gerais, Municipais, e Provinciais. Já o nível terciário do SNSC é composto pelos Hospitais Nacionais e os Institutos. Durante a visita técnica, conhecemos o Policlínico Universitário 26 de Julho; o Centro de Investigações sobre Longevidade, Envelhecimento e Saúde; e o Instituto Nacional de Oncologia e Radiologia.

Algumas curiosidades sobre o ensino em Cuba

Em Cuba, todos os cursos de nível superior são na modalidade de licenciatura, já que o objetivo é formar profissionais de saúde capacitados para exercerem a docência. Além das licenciaturas, as universidades também são responsáveis pela oferta de cursos técnicos, que estão diretamente ligados ao ensino médio.

O vestibular nas universidades cubanas é composto por prova de matemática, história e espanhol. À aprovação do aluno depende 50% da nota obtida na prova e 50% da análise do histórico escolar. O número de vagas é variável, pois se baseia na necessidade do mercado nos próximos anos, logo todos os formandos nunca ficarão

desempregados, o mesmo ocorre na disponibilidade de vagas para as especializações.

No caso do estudante que deseja ingressar numa determinada licenciatura, mas que já possua curso técnico na área de interesse, como por exemplo, para os técnicos de enfermagem que almejam a licenciatura em enfermagem, não é necessário prestar vestibular, eles terão acesso direto ao nível superior, frequentando a universidade apenas uma vez por semana e ocupando o resto da carga horária com trabalho. E por fim, ao término de qualquer curso de nível superior ou técnico, todos os recém-formados passam por um exame estatal teórico/prático, a fim de obterem a licença para exercer a profissão.

A fisioterapia em Cuba

A formação em fisioterapia pode ser a nível técnico ou licenciatura, e tem duração de 3 e 5 anos respectivamente. A formação técnica pode ser na área física, social ou ocupacional, enquanto que o licenciado tem formação nas três áreas. O profissional de nível superior recebe o diploma em Licenciatura em Terapia Física e Reabilitação.

Tive a oportunidade de conversar com dois fisioterapeutas cubanos e conhecer a sua atuação dentro do sistema de saúde do país. Em Cuba, o Fisioterapeuta atua apenas na atenção primária e secundária, o espaço que esse profissional conquistou no nível terciário, em outras partes do mundo, fica a cargo da equipe de enfermagem. A inserção do fisioterapeuta na AP é através do Serviço de Reabilitação Integral. Dentro deste serviço a fisioterapia ocupa dois espaços, o ginásio, local onde realiza-se a cinesioterapia e mecanoterapia, e as salas de eletroterapia. Mesmo na AP, o foco desses profissionais é muito maior na reabilitação do que na promoção de saúde.

No SNSC à atuação do fisioterapeuta é sempre vinculada ao médico Fisiatra, sendo este o grande responsável pelo diagnóstico cinético-funcional e pela prescrição das condutas fisioterapêuticas, cabendo ao



fisioterapeuta apenas executar o que esta na folha de receita apresentada pelo seu paciente após consulta médica. Durante o diálogo, ficou claro que a falta de autonomia é motivo de insatisfação para esses profissionais, pois com o acesso a internet e também com as experiências de intercâmbio, eles conhecem o trabalho e o espaço conquistado pela fisioterapia em outras partes do mundo.

Conclusões

Participar de um programa de mobilidade internacional, foi de grande importância para o aprimoramento pessoal, acadêmico e profissional dos envolvidos. Conhecer o sistema de saúde que é referência mundial na AP, configurou-se como uma experiência ímpar, além de permitir manter o intercâmbio entre Brasil e Cuba, e entre as universidades desses dois países.

Agradecimentos

A todos os envolvidos no programa

Referências

1. Sena AP, Matos F R.N, Machado DQ, Sena AMC. Internacionalização da educação superior: um estudo com alunos intercambistas de uma instituição de ensino superior do Brasil. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 2014, 22(122).
2. Rocha C M F, Roese A, Mello V R., Mesquita MO, Pasini VL. Sistema Nacional de Saúde Cubano: vivências de uma equipe multiprofissional. Interagir: pensando a extensão. Rio de Janeiro, 2015, v. 1, n. 20, p. 124-134.



RELATÓRIO DE INTERCÂMBIO: PARCERIA ENTRE A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA E A UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Letícia Rosa de Jesus¹
Nívia Valéria Carneiro Rosas Vencimento²

¹Universidade do Estado da Bahia
leticiarosa13031991@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia
valrosas31@yahoo.com.br

Palavras-chave: Intercâmbio; graduação; vivências; internacionalização.

Introdução

O programa de intercâmbio foi uma iniciativa da Secretaria Especial de Relações Internacionais SERINT – UNEB através do edital nº 03/2017, e foi fruto da relação amistosa entre a Universidade do Estado da Bahia – UNEB e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT.

Metodologia

Foram desenvolvidas várias atividades de cunho acadêmico, como por exemplo assistir aulas em uma turma de mestrado em Ciências da Religião; visitas em espaços históricos; participação de aulas e conferências diversas.

Resultados e Discussões

Vivenciar a Lusófona é ter a certeza que as diferenças entre as pessoas, os países, as culturas são muito positivas e que os pequenos detalhes impactam significativamente na forma como passamos a olhar as coisas.

É muito interessante notar também, que mesmo sendo um país de língua portuguesa, existe uma dificuldade no entendimento das palavras, às vezes sendo necessário repetir ou falar pausadamente.

Conclusões

Nesse ensejo, o intercâmbio cultural-acadêmico, configurou-se de fundamental importância para a minha formação. Para tanto, destaco a importância dessa iniciativa

por parte da UNEB, em particular pela interiorização da internacionalização.

Agradecimentos

Os agradecimentos vão para todos os envolvidos nesse processo, Jean Santos, Nívea Rosas e a SERINT; a minha mãe por está ao meu lado, e a todos os meus amigos pelo apoio e incentivo.

Referências

LEAL, T. C. J. L. Análise Geopolítica e Geoestratégica de Portugal. **Revista Militar**. Lisboa, Abr. 2007, n. 2463 – Abr. de 2007.
RIGOTTO, Raquel Maria. **As Técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 116-130, Junho 1998.



SONHOS DE CRIANÇAS, UM LEVANTAMENTO COMPORTAMENTAL: INTERCÂMBIO REALIZADO EM UMA COOPERATIVA DE REFORÇO ESCOLAR NA ITÁLIA

Luana Canário de Almeida¹
Francineide Santana Silva²

¹Graduanda do curso de Pedagogia- UNEB-DCHIII
luana_canario@hotmail.com

²Professora Ms.do curso de Pedagogia-UNEB-DCHIII
fslima@uneb.br

Palavras-Chave: Empatia. Pais e Filhos. Práticas Educativas.

Introdução

O presente relato de experiência é resultado do estágio realizado na Itália através da mobilidade acadêmica promovida pelo convênio entre a Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Departamento de Ciências Humanas- Campus-III e a Universidade de Estudos de Padova-Itália, (UNIPD), através da pesquisa de Doutorado intitulada *INTEREURISLAND* do Professor Dr. Nicola Andrian, que tinha como objetivo estudar a internacionalização de experiências de extensão, através da mobilidade internacional de estudantes de graduação de Pedagogia, relacionando a teoria e a prática. Esse intercâmbio ocorreu no ano de 2017 entre os meses de outubro a janeiro de 2018.

Neste período de aproximadamente quatro meses, houve a oportunidade de cursar as disciplinas Pedagogia General e Social no curso de Ciências da Educação e da Formação do Departamento FISPPA, da UNIPD, sede de Rovigo-Vê. Neste relato, será apresentado a experiência de estágio em uma cooperativa chamada *PETER PAN*, que desenvolve atividades de reforço escolar para crianças e adolescentes, em vulnerabilidade social e com dificuldades de aprendizagem.

A mesma funciona após o horário da escola, reforçando o que as crianças e adolescentes estudam em sala de aula. A cooperativa *PETER PAN* é um Centro Socioeducativo

para menores de 6 a 14 anos, e propõe um serviço inovador de atividades dedicadas a menores com problemas particulares, no qual, educadores acompanhava-os e os auxiliava-os tanto no processo de aprendizagem como em questões emocionais, além de otimizar sua ação e evitar riscos de marginalização. O Centro Socioeducativo opera dentro de uma rede de relacionamentos com sede em outras cidades que recebem o mesmo tipo de público.

Metodologia

O projeto de intervenção foi realizado em duas sedes da cooperativa *Peter Pan*, uma localizada na cidade de Rovigo e a outra na cidade de Adria-ambas no nordeste da Itália. Um dos objetivos do projeto, era permitir de forma dinâmica a construção de um “livrinho dos sonhos”, A ideia surgiu depois de semanas de observações quando as crianças relatavam sobre suas vidas, desejos e sonhos.

Nesse sentido, juntamente com as educadoras da referida cooperativa, buscou-se, através da escrita, ouvi-las e incentiva-las a buscar sempre evoluir, e nunca parar de sonhar independentemente de suas condições sociais e familiares. Foram realizadas oficinas de escrita para a construção do “livrinho dos sonhos” tendo como objetivos: Realizar oficinas que permitissem a produção de textos que apresentassem a autobiografia de



cada um, desejos e inquietações, trabalhando com o tema: "Em teus sonhos"; Construir um pequeno livrinho no qual pudesse apresentar o estado afetivo-emocional das crianças das duas cooperativas de modo que os pais tivessem acesso.

Resultados e Discussões

Em vista das observações e intervenções, foi possível notar a necessidade de desenvolver atividades que reforçassem e problematizassem a situação social e familiar em que as crianças e os adolescentes estavam inseridos, de modo que percebessem que independentemente de suas condições sociais e familiares, todos tinham a capacidade de alcançar seus objetivos.

A escolha da temática partiu da tentativa de fortalecer a empatia entre pais e filhos, por que sabe-se que: “A empatia é um elemento fundamental para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e melhoria na qualidade das relações, mostrando-se como um fator de proteção para problemas emocionais e comportamentais na infância” (JUSTO; CARVALHO; KRISTENSEN, 2004, p.1). Ou seja, ao sermos empáticos comprometemo-nos além de ouvir o outro, compreender os seus sentimentos procurando colocar-se no seu lugar.

A temática partiu também dos relatos de algumas crianças e adolescentes, que apontavam questões familiares pertinentes, como também, relatos de sonhos. Trabalhar uma temática que lhes permitissem expressar seus sentimentos, foi de grande significado, porque eles puderam perceber que independentemente das circunstâncias, reprimir os sentimentos não contribuía para o crescimento dos mesmos.

A oficina foi realizada em pequenos grupos, a qual possibilitou a interação entre eles, os mesmos, não tinham essa prática e o costume de estar trabalhando no coletivo, assim: “É nessa interação que descobrem suas próprias capacidades e as exercitam” (JUSTO apud CARVALHO 2004). Além disso deixa-los livres para escrever e expor o que os incomodavam e o que sonhavam, estimulou-

os a participação, onde a maioria relatara que os que os afligiam, era a relação com os pais.

Conclusões

Após semanas de observações, intervenções, e análise das escritas, ficou claro que a maior parte das crianças e adolescentes passavam por problemas relacionados a vida familiar e que isso os inquietavam e os deixavam revoltados.

Muitos relatavam, tanto as crianças da cidade de Rovigo como as da cidade de Adria, que um dos seus maiores sonhos seria que seus pais vivessem em paz, e que não se separassem. O livrinho dos sonhos produzido por eles ficou exposto nas duas sedes da cooperativa *Peter Pan* para que os pais pudessem ter conhecimento sobre as questões que muitas vezes atrapalhavam o rendimento de seus filhos, tanto intelectual como emocional.

Depois das oficinas alguns comportamentos começaram a fazer sentido para as educadoras. Como produto final, o “livrinho dos sonhos” permitiu revelar o por que de alguns comportamentos agressivos e emotivos, eram reflexos de situações traumáticas, as quais estavam influenciando no desenvolvimento da aprendizagem.

A falta do acompanhamento dos pais estava interferindo no rendimento das crianças, essa clareza foi revelada após a leitura das páginas do livrinho dos sonhos, o mesmo veio contribuindo tanto para a elaboração de atividades propostas pelas educadoras que possibilitassem a interação de forma lúdica, como também permitindo que os pais percebessem através dos relatos o por que de certos comportamentos vindo dos seus filhos, e assim procurarem reverter a situação, sendo presentes na vida dos mesmos e mais empáticos, contribuindo dessa forma, tanto para seu crescimento intelectual como pessoal.

Agradecimentos

O presente relato de experiência é parte do intercâmbio realizado na Universidade de Estudos de Padova-Itália no ano de 2017 através do convênio entre a Universidade do



Estado da Bahia- UNEB-Departamento de Ciências Humanas-DCHIII- Juazeiro-BA. O intercâmbio proporcionou vivenciar quatro meses de experiência entre teoria e prática, permitindo conhecer outra perspectiva de ensino/aprendizagem.

Referências

JUSTO, Alice Reuwsaat; CARVALHO Janaína Castro Núñez; KRISTENSEN, Christian Haag. **Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais.** Psic. Saúde & Doenças vol.15 no.2 Lisboa jun. 2014.

Disponível

em:<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014>

MARAISA Lima, **Por que a empatia é uma ferramenta poderosa de comunicação?**

2016. Disponível

em:<<https://www.campograndenews.com.br/artigos/por-que-a-empatia-e-uma-ferramenta-poderosa-de-comunicacao>>



INTERCÂMBIO UNEB/SERINT E UNIVERSIDADE DE HAVANA/CUBA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luana Rodrigues Santos¹
Silvana Gomes Nunes Piva²

¹Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação, Campus VII, Senhor do Bonfim-BA
luars200@hotmail.com

²Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação, Campus VII, Senhor do Bonfim-BA
silvanagnunes@hotmail.com

Palavras-Chave: Intercâmbio; Ensino; Saúde; Enfermagem.

Introdução

O intercâmbio pode ser compreendido como oportunidade de troca de informações, culturas, conhecimentos e crenças entre povos. Sendo assim, a vivência em outro país além de permitir o conhecimento de costumes peculiares e diversos, amplia também as perspectivas de mundo, proporciona o enfrentamento e superação de dificuldades, principalmente no que concerne a adaptação de um novo ambiente, e fortalecimento emocional diante dos desafios que essa mobilidade proporciona. (DALMOLIN et al., 2013).

Dentre as metas a serem alcançadas por meio dos programas de intercâmbio, pode-se apontar a consolidação, expansão e internacionalização da ciência, além das inovações tecnológicas e científicas; o conhecimento de novas culturas, organizações sociais, sistemas políticos possibilitando conhecer e aprimorar também um novo idioma, tudo isso reforça a necessidade de investimento na formação de profissionais com o objetivo de qualificação; valorizando a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições estrangeiras reconhecidas mundialmente, bem como a inserção destas às instituições brasileiras com a oferta de oportunidades

para estudantes e pesquisadores do exterior. (SOUZA, 2008).

Nessa perspectiva, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do Programa de Mobilidade Internacional organizado pela Secretaria Especial de Relações Internacionais (SERINT) oferece o intercâmbio no âmbito da graduação, especialização, mestrado e doutorado. Este relato, pretende descrever a vivência discente ao integrar um programa de mobilidade acadêmica internacional durante a graduação de Enfermagem.

Metodologia

Este relato corresponde às impressões de uma discente do curso de enfermagem, através do manuscrito em diário de bordo contando as atividades desenvolvidas durante o intercâmbio na cidade de Havana/Cuba no período de 17 a 24 de março de 2018, inserida em um programa de mobilidade acadêmica internacional promovido pela UNEB/SERINT.

A seleção para participação no programa foi realizada através de edital publicado em agosto de 2017 no site da instituição, e contou com três etapas classificatórias, sendo respectivamente: documentação completa e pré-requisitos



exigidos (discente ser participante de grupo de pesquisa, e ter cooperado em atividades de iniciação científica, monitoria de ensino e extensão); segunda etapa correspondeu a realização de uma entrevista com a coordenadora da SERINT além de uma conversação em espanhol com uma intercambista da UNEB e pôr fim, a terceira etapa foi a entrega de laudo médico e psicológico declarando aptidão para a viagem.

Considerando a importância da multidisciplinaridade no âmbito da saúde, o programa contava com vagas para os seguintes cursos: Enfermagem (03), Medicina (01), Farmácia (01), Nutrição (01), Fisioterapia (01) e Fonoaudiologia (01). Além da coordenadora da SERINT, foram selecionados também 03 docentes da UNEB para acompanhar as atividades que seriam realizadas durante o intercâmbio.

Desta forma, além da referida discente de enfermagem, o grupo contava com a participação de mais 11 pessoas entre docentes e discentes, visando uma maior troca de conhecimentos, bem como a promoção de vivências extremamente valorosas.

Resultados e Discussões

A capital de Cuba, Havana possui atualmente 2.200.000 habitantes, seu regime de governo é o socialismo, destaca no turismo como fonte principal da economia. (ARAÚJO, 2018). Com o intuito de desvelar a dinâmica do sistema de saúde público cubano conhecido por sua eficácia reconhecida mundialmente, as atividades desenvolvidas durante o intercâmbio, contemplaram: visita a Faculdade Victória de Girón; Policlínica e Consultório de Família; Faculdade de Enfermagem Lídia Doce; Instituto de Pesquisa e o Palácio de Convenções.

O início das atividades foi marcado pela apresentação da história da Faculdade Victória de Girón, primeira instituição visitada, além da participação dos intercambistas em uma conferência mediada pelas docentes do local, com as temáticas: Introdução sobre o sistema de saúde de Cuba e Atenção primária de saúde de Cuba. A

apresentação foi fundamental para o entendimento do sistema de saúde cubano, a história de como a saúde se consolida como um direito de todos, as estratégias utilizadas e sua organização. Foi perceptível à similaridade com a dinâmica do sistema de saúde brasileiro, porém cada um com suas particularidades, principalmente quanto as dimensões continentais, que torna complexa a organização do sistema brasileiro, em relação ao país visitado (CERQUEIRA,2017).

Durante a visita a Policlínica e a um Consultório de Família, foi possível perceber também a similitude com o Brasil quanto as estratégias adotadas por estes serviços, a exemplo: formação da equipe multiprofissional, a oferta de serviços, a dinâmica, a quantidade de usuários adscritos por território, diferindo-se na pertença da Policlínica a Atenção Primária a Saúde, onde as policlínicas brasileiras atuam como apoio especializado às ações da atenção primária, responsáveis por oferecer serviços de média complexidade enquanto que as policlínicas de Cuba fazem parte da atenção primária de saúde. (ERDMANN et al., 2013).

Em destaque um dos momentos mais apreciados pelos discentes de enfermagem foi o momento promovido pela Faculdade de Enfermagem Lídia Doce, na qual discentes de enfermagem cubanos e brasileiros se encontraram para troca de experiências onde foi constatado que a formação cubana de profissionais de Enfermagem acontece no período de cinco anos na modalidade de licenciatura, e técnico por três anos e meio, enquanto que na formação brasileira o curso superior é bacharelado e contempla o mesmo período, porém o técnico é de dois anos.

Foi possível nesta experiência compartilhar conhecimentos, anseios, curiosidades sobre a área, e todo o percurso até alcançar de fato o exercício legal da profissão. Em Cuba, a liberação para o exercício da profissão de Enfermagem conta com a realização de um exame anual, enquanto que no Brasil é necessário somente o cadastro e registro em conselho de classe.

Os Institutos de pesquisa caracterizam-se pela oferta de serviços



assistenciais, ensino e pesquisa, são sempre alocados ao lado das Universidades pois atuam como campo de prática para as mesmas, tanto na pesquisa quanto nas ações de enfermagem, e oferecem também os serviços de alta complexidade. Durante a vivência o grupo foi recebido por enfermeiras e orientados quanto a dinâmica, a organização e divisão do trabalho entre enfermeiro e técnicos, além do processo de ensino-aprendizagem, pois a maioria dos profissionais também são docentes e acompanham os discentes na prática, além de colaborarem com seus serviços nas instituições de saúde.

Toda a vivência foi de extrema importância, pois além de conhecer os locais que ofertam os serviços de saúde, também foi possível conhecer parte da história da saúde cubana, entre as diversas áreas, atores envolvidos, indicadores epidemiológicos, recursos disponíveis, e a luta de um povo para conquistar um sistema de saúde único e igualitário, percebido durante a visita ao Palácio de Convenções de Havana em um prédio que expõe somente assuntos referentes a saúde.

Durante a troca de conhecimento entre intercambistas foi possível discutir, trocar, agregar conhecimentos, e mais que isso, agradecer pela receptividade e oportunidade de conhecer a realidade cubana, no que se refere a saúde.

Ao longo dessa vivência, surgiram questionamentos para reflexão: Se além da capital, a realidade de cidades menores também pudesse ter sido conhecida, no que concerne à saúde, como seria a percepção, comparado ao modelo de saúde do Brasil? E se Cuba tivesse uma extensão territorial, e o mesmo número de habitantes do Brasil, como seria o processo de trabalho? Se fosse dada a oportunidade de acompanhamento do trabalho da enfermeira por um período maior de tempo, como seria a percepção comparando com o processo de trabalho da enfermeira brasileira? Levando em conta o curto período de tempo para a vivência desta prática, o que realmente agregou ao crescimento pessoal e profissional dos participantes, o tempo foi suficiente?

Considerações finais

Ao final das atividades, a conclusão do intercâmbio foi positiva, principalmente quanto ao aperfeiçoamento na formação acadêmica, profissional e também pessoal. Apesar do compartilhamento de saberes ter sido abundante, é importante ressaltar a necessidade de um período maior de tempo no país, para que se tenha a possibilidade de aprofundar o conhecimento da realidade, compreender e participar da dinâmica dos serviços, além de emergir nos costumes e cultura de um povo tão amigável e receptivo.

Espera-se que a mobilidade internacional acadêmica seja estimulada e intensificada especialmente na graduação, considerando a sua valiosa contribuição no desenvolvimento de futuros profissionais.

Agradecimentos

A Deus e a todos os envolvidos no programa, a UNEB/SERINT pelo investimento em minha formação pessoal e profissional, através do intercâmbio.

Agradeço também o apoio dos meus colegas de curso, docentes, amigos e familiares. Bem como os que nos receberam em Cuba e fizeram desses dias bastante proveitosos e agradáveis.

Referências

ARAUJO, Felipe. **Havana**. 2018. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/cuba/havana/>>. Acesso em: 24 nov. 2018

CERQUEIRA, W. **Área do Brasil**. 2017.

Disponível em:

<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/area-brasil.htm>>. Acesso em: 04 set. 2018.

DALMOLIN, I. S. et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 3, n. 66, p.442-447, maio 2013.

ERDMANN, A.L. et al. A atenção secundária em saúde: melhores práticas na rede de



serviços. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 8, n. 21, p.1-08, jan. 2013.

SOUZA, K. V. INTERCÂMBIO EDUCACIONAL INTERNACIONAL NA MODALIDADE DOUTORADO SANDUÍCHE EM ENFERMAGEM: relato de experiência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, p.358-363, jun. 2008.

Superintendência de Atenção Primária. **Atenção Secundária - Policlínicas**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2015. 155 p.



INTERCÂMBIO EM CUBA: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Luciano Sá Teles de Almeida Santos¹

Augusto César Costa Cardoso²

¹Acadêmico do 9º período de Medicina da Universidade do Estado da Bahia lucianosateles@hotmail.com

²Docente do curso de Medicina da Universidade do Estado da Bahia

acccardoso@uneb.br

Palavras-Chave: Sistema de saúde cubano; Mobilidade estudantil; Internacionalização do ensino superior.

Introdução

No contexto atual, o mundo globalizado, com toda a sua complexidade e abrangência, vem impondo diversas demandas aos profissionais, exigindo que antes de tudo, estes sejam cidadãos com um olhar crítico e consciente do seu papel na sociedade. Esses desafios têm estimulado debates e reflexões sobre como se adaptar a este novo cenário e a buscar estratégias dinâmicas para garantir a excelência na formação por parte das instituições de ensino superior (IES).

Nesse sentido, o processo de internacionalização se constitui uma maneira responder a essas necessidades. Altbach e Knight, 2007, definem a internacionalização do ensino superior como o conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos para fazer frente ao ambiente acadêmico global.¹ Sua relevância tem impacto na contribuição da formação de sujeitos e ambientes transculturais, além de promover a inserção internacional do país nas vertentes econômicas (pela qualificação da mão de obra) e políticas (estreitamento das relações entre as nações).²

Tendo em vista a relevância da internacionalização acadêmica para formação diferenciada dos profissionais, o presente artigo tem como objetivo descrever a experiência de intercâmbio de um discente de medicina da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) na Universidad de La Habana, em Cuba no ano de 2018.

Metodologia

Este artigo trata-se de um estudo de natureza descritiva que apresenta, em ordem cronológica, um relato de experiência de intercâmbio acadêmico realizado por um discente brasileiro, do curso de medicina da UNEB em visita à Universidad de La Habana, na cidade de Havana, em Cuba no ano de 2018.

Resultados e Discussões

O intercâmbio ocorreu no período de 17 a 24 de março de 2018. A viagem de ida aconteceu entre os dias 17 e 18 onde todos os docentes se encontraram no aeroporto de Salvador, o que foi algo interessante, pois permitiu uma aproximação entre o grupo. Durante o tempo de espera entre os voos, os discentes fizeram uma roda de conversa onde expuseram suas expectativas e inquietações acerca do que encontrariam no país de destino.

A chegada ao aeroporto de Havana, na manhã do dia 18, foi acompanhada de um sentimento de ansiedade e vontade de aprender. O primeiro impacto foi a barreira do idioma. A maioria dos intercambistas tinha receio em se expressar, mas com o tempo acabaram relaxando e conseguiram se comunicar com os cubanos.

Entre o traslado do aeroporto para a hospedagem foi possível ver rapidamente a dinâmica de vida local. As primeiras impressões foram de uma cidade, no geral,



muito bonita, com casarões antigos imponentes de arquitetura colonial, porém foi possível ver também algumas moradias em más condições e sujeira pelas ruas.

Todos os intercambistas ficaram hospedados numa residência estudantil mantida pela Universidad de la Habana. A residência é um prédio de 21 andares, localizado no centro da capital cubana, que recebe estudantes de diversos países. As instalações estavam em bom estado, com quartos duplos e triplos com espaço físico adequado, boa ventilação e acomodações aconchegantes. Os atendentes eram muito simpáticos e prestativos, se mostraram muito receptivos, principalmente porque admiram muito o Brasil e os brasileiros. A alimentação também era realizada no restaurante da residência. Uma limitação da hospedagem era a restrição ao uso da água. Tinham horários específicos para a liberação.

No dia 19 iniciaram-se as atividades acadêmicas. Pela manhã houve um encontro com docentes na faculdade de ciências médicas Escuela Victoria de Girón. As dependências físicas foram apresentadas, além de uma palestra sobre a história da universidade. À tarde, a vice-reitora apresentou uma aula sobre como se desenvolveu o processo de criação do sistema de saúde e como que é organizada a atenção primária em saúde no país.

No dia 20, foi feita visita ao Policlínico Universitário 26 de Julio, localizado no município de Playa, nos arredores de Havana. Essa instituição funciona como um centro de atendimento com diversas especialidades, inclusive atendimento de emergência. Também conta com função docente, sendo que os residentes de saúde realizam parte da sua formação nesse local.

Foi apresentado também um consultório de medicina da família que fica próximo ao Policlínico. O estabelecimento é um sobrado, onde no térreo o médico realiza as consultas da população daquela região específica. No andar superior é onde o profissional reside, sendo que este fica à disposição da população a todo o momento.

No dia seguinte, o encontro ocorreu na Faculdade de Enfermagem Lidia Doce. Os

anfitriões explanaram sobre a formação do profissional em enfermagem, inclusive do nível técnico, e sobre o seu campo de atuação na atenção primária em saúde. Houve também uma conversa com os estudantes do primeiro ano do curso. Estes se mostraram bem receptivos e interessados em saber como é a formação no Brasil. Foi um momento ímpar de integração de conhecimentos e expectativas.

Dia 22, foi visitado o Centro de Investigaciones Sobre Longevidad, Envejecimiento y Salud. Este centro é voltado para o atendimento de pessoas maiores de 60 anos de idade e é composto por enfermarias, centro cirúrgico, centro de reabilitação, ambulatórios e atendimento psicossocial. Além disso, é um centro de pesquisa acerca do envelhecimento. Nessa oportunidade foi possível observar prontuários médicos, mas não acompanharam nenhum atendimento. Após a visita, os intercambistas foram para o Pavilhão da Saúde na ExpoCuba, onde há um stand sobre como se deu o desenvolvimento do sistema de saúde do país.

No dia 23, ocorreu uma visita ao Instituto Nacional de Oncología y Radiobiología, que integra o complexo hospitalar “Cinturon del Príncipe”. Foi apresentado como são organizados os níveis secundário e terciário de saúde, além de explanação sobre os cuidados de pacientes terminais, principalmente pela área da enfermagem. Após a visita, ocorreu o evento de encerramento das atividades pedagógicas. As anfitriãs agradeceram a presença e reafirmaram o sentimento de excelência do sistema de saúde e da formação dos profissionais no país. Os intercambistas expuseram um vídeo que apresentava a universidade de origem. Ao final ocorreu a entrega dos certificados. Os intercambistas voltaram ao Brasil no dia seguinte.

Conclusões

Através dessa breve oportunidade foi possível observar que Cuba, apesar de toda a complexidade política e econômica, é um país que investe em saúde e educação, áreas essenciais para o desenvolvimento de uma



nação. Tem um sistema de saúde bem estruturado, eficiente e que serve como modelo para demais países, inclusive para o Sistema Único de Saúde brasileiro.

Espera-se que o compartilhamento dessa experiência possa favorecer a expansão e manutenção de programas de internacionalização pelas universidades e governantes, além de estimular os indivíduos que almejam ampliar seus horizontes culturais, sociais e profissionais.

Agradecimentos

A imersão no ambiente do país favoreceu uma visão mais objetiva e palpável de como se organiza o sistema de saúde. Foi possível observar que Cuba, apesar de toda a complexidade política e econômica, é um país que investe em saúde e educação, áreas essenciais para o desenvolvimento de uma nação.

Referências

Altbach P, Knight J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education*, Los Angeles, 2007; 3 (4): 290-305.

Miranda JAA, Stallivieri L. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, nov. 2017; 22 (3): 589-613.

Maza BP. La satisfacción de población y los servicios de salud. *Revista Cubana de Salud Publica*. 2016; 42 (4): 507-509.

Guskuma EM, Dullius AAS, Godinho MLSC, Costa MST, Terra FS. Mobilidade acadêmica internacional na formação em enfermagem: relato de experiência. *Rev Bras Enferm* [Internet]. set-out 2016; 69 (5): 986-90.



MOBILIDADE ESTUDANTIL: A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Raiane Cordeiro de Araújo¹
Ivonete Barreto de Amorim²

¹UNEB/Campus XI, membro do EPODS
raianeliind@hotmail.com

²UNEB/Campus XI, líder do EPODS
ivoneteeducadora@hotmail.com

Palavras-Chave: Intercâmbio; Experiência; Formação.

Introdução

Os processos de intercâmbios e mobilidades estudantis durante a formação inicial na graduação se constituem como um momento de ampliar os horizontes do graduando no cenário exterior, por meio do contato com diversidades culturais de aprendizagens, desafios e experiências, necessários à construção da identidade e do perfil do profissional docente-pesquisador, frente às dinamicidades a serem vivenciadas na profissão. A experiência formativa proporcionada pelo Programa de Bolsas de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico representa o enfrentamento de barreiras e adversidades postas por este ao ato de fazer a Universidade Pública de Qualidade. E no caso específico da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a grandiosidade da oportunidade torna-se ainda maior visto a sua estrutura multicampi.

Pensando nesses aspectos de formação inicial docente e internacionalização este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vividas por uma estudante de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia proporcionadas pelo Programa de Mobilidade e Intercâmbio, ocorrido entre o Departamento de Educação (DEDC), Campus XI – Serrinha/BA, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com a SERINT (Secretaria Especial de Relações Internacionais, que apresenta como proposta a intenção de modernizar e colocar a referida

universidade em um patamar de visibilidade nacional e internacional) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa-Portugal.

Dessa forma, o relato de experiência explicita aspectos vivenciados por essa estudante durante o desenvolvimento do referido programa na Universidade Lusófona, no período de 13 a 24 de março de 2018, explicitando o cronograma de aulas fixado pela universidade e algumas experiências pessoais que fazem parte do processo de múltiplas trocas proporcionadas pelo intercâmbio.

Metodologia

A metodologia deste estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de caráter autobiográfica, tendo como instrumento o relato de experiências que demonstra aspectos vivenciados por essa estudante de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha, durante o desenvolvimento do referido programa na Universidade Lusófona. E como nos afirma Souza (2006, p. 104), “ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidos à experiência. A arte de narrar, como uma descrição de si, instaura-se num processo metanarrativo porque expressa o que ficou na memória”.

Como nos diz o autor, ao relatar uma experiência somos capazes de reviver os momentos, de perceber os conhecimentos



que adquirimos e o que nos foi possível apreender e aprimorar. É pensando nesses aspectos que trarei um pouco das minhas memórias e aprendizagens durante essa troca de experiências que vivenciei durante esses dias em Portugal.

Resultados e Discussões

A Universidade Lusófona e as atividades acadêmicas desenvolvidas

A chegada à universidade foi acompanhada pelo professor Cristóvão Dworak e pela equipe de Relações Internacionais da própria instituição. Inicialmente, foi feita uma caminhada de apresentação dos departamentos, com registro de um breve relato sobre a história da instituição, desde a sua fundação, em 1998 até a sua estrutura de ensino atual, onde foi possível perceber a importância que a instituição representa para o país desde a quantidade total de alunos, incluindo alunos estrangeiros, cerca de 11.000, e de professores, em torno de 1.500, perpassando em meio a quantidade de cursos sendo: 44 licenciaturas, 45 Mestrados, 11 programas de doutoramento e 42 cursos de pós-graduação.

Além disso, durante o período de mobilidade, foi oferecido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias um cronograma de atividades adaptado ao período de 13 a 23 de março, quando participamos de todas as atividades que foram disponibilizadas, dentre as quais destacam-se: caminhada de apresentação dos departamentos e história da universidade acompanhados da equipe de Relações Internacionais da Instituição; apresentação da Diretora da Licenciatura em Ciências da Educação-Educação Social, Maria Neves Gonçalves; participação, na condição de ouvinte, das Conferências intituladas “Ação Sócio Educativa dos Jesuítas e Colégio de São Fiel (1863-1910)”;

aula de Educação e Tecnologia com a professora Dulce Franco e a turma do 1º ano do Curso de Ciências da Educação; aula de Educação, Direitos Humanos e Cidadania – Estudantes do 3º ano (em colaboração com o Prof. Paulo Mendes Pinto); curso voltado para Ensino Religioso com alunos do mestrado da área citada, com

colaboração do professor Cristóvão Dworak (duração de quatro noites); aula de História da Educação com alunos do 2º ano e com colaboração da professora Maria das Neves Gonçalves; aula de Educação e Formação de Adultos e contato com alunos de Educação Social e Sociologia; participação na condição de ouvinte na Conferência “Fronteiras da Comunicação”; participação, na condição de ouvinte, da banca de mestrado de uma aluna brasileira e por fim, sessão Participativa em Cultura no Plano Municipal para a Integração de Migrantes de Lisboa 2018-2020 (PMIML).

Como pode ser observado, apesar do pouco de tempo de permanência, as atividades foram intensas, porém não podemos considerar que foi possível vivenciar uma rotina de estudos, porque, de acordo com as atividades, elas eram iniciadas e finalizadas na universidade, algo diferente do que estamos acostumados no cotidiano da Universidade do Estado da Bahia.

Deste modo, o pouco tempo não invalida a grande experiência que foi vivenciada como estudante intercambista, pois, como nos afirma Freire (1996, p. 23), “gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, masn consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinador.”

Assim, como nos diz o autor, somos seres inacabados, conscientes e sabemos da relevância e da grandiosidade da experiência que fora vivenciada, tendo a portunidade de conhecer mais e, por isso, querer ir além dessa experiência, na busca de continuar galgando novos horizontes tanto na dimensão pessoal como na profissional. Esta compreensão terá a importância nos processos formativos durante a formação do Curso de Pedagogia, a qual reverberará no desenvolvimento profissional, pois novos caminhos serão trilhados e ressignificados.

Conclusões

Com efeito, através desse relato de experiência, esperamos ter conseguido demonstrar a importância da mobilidade



internacional, especialmente no âmbito da graduação, considerando a sua relevância para o aperfeiçoamento da formação acadêmica e a possibilidade de excelência do ensino superior brasileiro por meio do intercâmbio científico e cultural no exterior.

Assim, é possível caracterizar a experiência vivida como uma oportunidade para a formação acadêmica e também como um sustentáculo para o tripé universitário ensino, pesquisa e extensão, proporcionados àqueles que buscam ser e estar na universidade.

E, acreditando nisso, esta experiência única permitiu conhecer outro país, conhecer um pouco da sua cultura local, já que Brasil e Portugal apresentam um laço histórico, marcado por relações hostis e amigáveis, como também na atualidade com as parcerias na educação e pesquisas, que se fortalecem a cada dia, além de fazer contato com novas pessoas, visto que a possibilidade de comunicação foi compartilhada de maneira fácil por comungarem de uma língua comum, além de enriquecer o currículo, pois o valor de um intercâmbio é algo inigualável, pois representou uma oportunidade de experimentar um método diferente de ensino, de educação e com possibilidade de algo novo para pesquisar.

Agradecimentos

A experiência formativa proporcionada pelo Programa de Bolsas de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico representa o enfrentamento de barreiras e adversidades postas por este ato de fazer a Universidade Pública de Qualidade. E no caso específico da Universidade do Estado da Bahia, a grandiosidade da oportunidade torna-se ainda maior visto a sua estrutura multicampi

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
Souza, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: UNEB, 2006



UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA INTERCAMBISTA EM CUBA: EXISTE SAÚDE INTEGRAL QUANDO O DIREITO À ALIMENTAÇÃO SOBERANA É NEGADO?

Rejane Viana dos Santos¹

Márcio Costa de Souza²

¹Estudante do curso de Nutrição da Universidade do Estado da Bahia
rejaneviana93@gmail.com

²Prof. Ms. da Universidade do Estado da Bahia
mcsouzafisio@gmail.com

Palavras-Chave: Saúde em Cuba; Nutrição; Insegurança alimentar.

Introdução

As mudanças ocorridas em Cuba após a Revolução de 1959 trouxeram o legado que até os dias atuais permanecem, sendo reverenciados a partir do modelo socialista. É inegável o avanço da medicina cubana em áreas como a saúde da família, o programa nacional de imunização infantil, o serviço especializado, a redução da taxa de mortalidade, a educação em saúde, entre outros parâmetros assistenciais (SILVA; CARMO, 2015).

Estes são elementos que se constituem como pilares fundamentais, de compromisso do estado com sua própria sociedade. Na educação são destacados 5 princípios, a saber: Abrangência, combinação do estudo com trabalho, coeducação, gratuidade e caráter democrático; sob estes princípios elencados, Cuba celebra sua taxa de 99,8% da população alfabetizada, organizando-se a partir do Sistema Nacional de Educação. O referido sistema é integrado e acompanha os indivíduos da fase pré-escolar à universitária; também consolida à Educação especial e a Educação técnica e profissional (LOPÉZ, 2011).

Vale ressaltar também que, esta nação é identificada como um dos países com os melhores marcadores de saúde. Por exemplo, a taxa que mede o número de óbitos no primeiro ano de vida, apresenta números críticos para a sobrevivência de um ser humano, e demonstra ser um dos parâmetros de qualidade de saúde eficaz; e Cuba atingiu em 2010 uma taxa de

mortalidade infantil de 4,5 por cada 1.000 nascimentos, a mais baixa das Américas (OSA, 2011).

Marcadores tão satisfatórios quanto os acima descritos, demonstram que a aposta num modelo de ensino integral e generalista foram positivos. No ano de 1960 (pós Revolução cubana) foi criada a Escola de Ciências Médicas e, em 1962 tendo Fidel de Castro como reitor, foi então criado o Instituto de Ciências Básicas do país, fortalecendo a concepção de médico da família logrando as especialidades médicas à necessidade do povo. O fortalecimento tanto na saúde, quanto a nível de educação auxiliaram substancialmente a alavancar e manter o país no patamar de reconhecimento que se encontra atualmente, mesmo com as dificuldades econômicas enfrentadas.

Tal efeito também chama atenção de países que adotam o modelo progressista de saúde em suas matrizes, e vislumbram à própria formação médica generalista como eixo central para fortalecimento de um modelo de saúde atento às demandas do povo e baseado na saúde da família, fazendo com que as universidades cubanas tornem-se instituições chaves para observação e inspiração.

Fora percebido que à saúde não hospitalocêntrica presente em Cuba, é incontestavelmente muito bem organizada e efetiva, do ponto de vista da promoção de saúde e consecutiva prevenção de doenças, forjado a partir do pilar qualificado, integral e humanizado que norteia a atenção e cuidado



em saúde. Contudo, mesmo com a qualidade do serviço de saúde público vigente, o direito humano a determinados bens mínimos - como a alimentação - não são assegurados, o que faz com que a população vivencie um estado de insegurança alimentar e nutricional. O objetivo deste trabalho é descrever elementos não atendidos na política de saúde cubana, a partir do olhar sobre o que foi identificado na visita técnica ao país durante o intercâmbio acadêmico.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência vivenciado por discente do curso de Nutrição, sintetizado a partir de suas experiências num programa de intercâmbio acadêmico realizado pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB em parceria com a Universidade de Ciências Médicas de la Havana (Cuba) referente ao semestre 2018.1. As atividades ocorreram entre os dias 17 a 24 de março do referido ano.

O programa teve o objetivo de realizar um curso na área de Saúde da Família na supracitada instituição cubana, com a finalidade de complementar a formação dos alunos contemplados no processo seletivo da UNEB, e promover intercâmbio (experiência e troca) com área e modelo de saúde, profissionais e estudantes cubanos, através de vínculo com o programa de mobilidade estudantil, providenciado pela Secretaria de Relações Internacionais (SERINT/ UNEB).

Participaram do programa, estudantes dos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem, Nutrição, Farmácia e Fonoaudiologia vinculados a esta Universidade. Dentre as atividades desenvolvidas, conhecemos Universidade Victória de Girón e seus laboratórios, visitamos à Policlínica 26 de Julio e o consultório médico da família; bem como a Escola de Enfermería Lúcia D.; o Centro de Investigações sobre Longevidade, Envelhecimento e Saúde (CITED), o Museu Cubano; e o Instituto de Oncologia de La Havana.

Resultados e Discussões

Experenciemos à conferência em forma de aula magna em uma das maiores universidades de medicina presente em Cuba é à Universidad de Ciências Médicas de La Habana - Victória de Girón, que apresenta uma estrutura peculiar, construída no ano de 1960 em processo posterior a revolução de 1959; esta, recebe tanto estudantes cubanos quanto estrangeiros em processo de internacionalização acadêmico ou aperfeiçoamento à partir das especialidades médicas oferecidas.

Apresentaram-nos que no país, os níveis de atenção se dão de maneira bastante integradas, sendo único, gratuito e organizado a partir dos ministérios, direções estaduais, municipais e locais, desembocando na formação de profissionais habilitados para lidar com esta dinâmica. A cobertura se dá pela necessidade através dos marcadores epidemiológicos; em que a quantidade de especialistas e sua localização geográfica firma-se em locais estratégicos (por exemplo: se existir num dado território mais problemas relacionados à cardiopatias e/ou problemas ergonômicos, a criação ou reformulação de policlínicas deverá ser conduzida com o preenchimento de profissionais cardiologistas e fisiatras, respectivamente visando atender aquela demanda). Todavia, é possível notar a centralidade na carreira médica gera excesso de atribuições à classe, enquanto que as demais carreiras atenuam a relação submissa aos médicos, com pouca capacidade de explorar e sugerir linhas de cuidado, gerando impossibilidade de refletir sobre problemas de outras naturezas que interfiram também na saúde.

Pude perceber que existe a escassez de profissionais nutricionistas que atuam no país, bem como a dificuldade no acesso aos gêneros alimentícios. Pontuo que a maior dificuldade encontrada por mim, foi a alimentação ofertada, pois em diálogo com moradores, estes referiram existir impedimentos na tentativa de consumir alimentos "nutricionalmente adequados"; sem contar a monotonia das refeições ao longo do dia, grandes quantidades de alimentos, e



consumo regular de alimentos fritos e embutidos em abundância.

O acesso ao alimento é compreendido como um bem mínimo de direito cidadão, logo, na sua ausência, impede que o Direito Humano à Alimentação Adequada e Soberania Alimentar aconteçam. Aplicando para a legislação brasileira, o primeiro estaria relacionado ao “acesso regular e permanente ao alimento de qualidade, em quantidades suficientes sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais” e o segundo como “o direito de cada nação definir políticas que garantam Segurança Alimentar e Nutricional de seus povos, estando livre da fome e da desnutrição” (BRASIL, 2010)

A partir desta análise, poderíamos então inferir que os cubanos vivem uma situação de insegurança alimentar e nutricional, principalmente relacionado à desnutrição; mesmo avaliada a partir da fome oculta, ou seja, ingestão de alimentos em grandes quantidades, mas que não suprem as necessidades nutricionais, principalmente de micronutrientes, podendo desencadear uma série de enfermidades que comprometem o estado de saúde.

Contudo, mesmo com a escassez e insegurança populacional, existe atenção especial à grupos vulneráveis do país, ou seja, àqueles que demandam maior atenção a nível de acompanhamento, distribuição de insumos e prioritários nas políticas norteadoras da saúde, compreendendo os que seguem: público idoso, as crianças menores de 05 anos, as gestantes, os adolescentes e os/as homossexuais. Com exceção dos dois últimos grupos, os demais são preferenciais na distribuição de alimentos valorizados nutricionalmente, como acesso a leite e ovos; são itens que nem toda população consegue adquirir nem receber nas cestas básicas, devido baixa oferta, logo, somente é oferecida para grupos preferenciais.

Ademais, destaco que mesmo com o bloqueio econômico que impede a entrada de capital americano, multinacionais e grandes indústrias de alimentos que poderiam ser responsáveis por promover doenças relacionadas à nutrição, as principais causas de morbi-mortalidade atualmente em Cuba,

assemelham-se a de outros países, que são as doenças crônicas não-transmissíveis, como: hipertensão arterial, diabetes, sobrepeso e câncer. Nota-se que, mesmo num modelo socialista, as dificuldades sociais são tamanhas, com pouca opção de escolha e muita precariedade no acesso.

Conclusões

É possível identificar que mesmo na Cuba socialista, com excelentes marcadores sociais, constatada a partir da taxa de analfabetismo insignificante, e modelo louvável de promoção de saúde e prevenção de doenças, o cenário em relação ao estado nutricional da sua população demonstra risco para doenças crônicas não-transmissíveis. Tais problemas enfrentados são semelhantes àquelas encontradas em países desenvolvidos, que inclusive levou ao bloqueio de fronteira, devido desaprovação cubana e repúdio ao modelo econômico de tendência capitalista.

Os três eixos: saúde, educação e economia são cruciais para determinar o cenário de saúde no país, interferindo explicitamente no consumo alimentar da população. Assim sendo, acredito que seja necessário repensar alguns elementos da formação e hierarquia médica cubana; e da política econômica do país, visando assegurar autonomia profissional para interferir no estado de saúde de seu povo, bem como o direito humano à alimentação adequada e acesso soberano à bens alimentícios.

Agradecimentos

É possível notar a centralidade na carreira médica, enquanto que as demais têm pouca capacidade de explorar e sugerir linhas de cuidado. Percebi uma grande dificuldade no acesso e variedade dos alimentos, que impede que o Direito Humano à Alimentação Adequada e soberania alimentar aconteçam.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **A segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada no Brasil**. Brasília, DF: CONSEA, 2010a. Disponível em:



<http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/publicacoes-arquivos/a-seguranca-alimentar-e-nutricional-e-o-direito-humano-a-alimentacao-adequada-no-brasil>>. Acesso em: 31 de out. de 2018.

LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. **Estudos Avançados**, Cuba, v. 72, n. 25, p.55-72, abr. 2011.

OSA, José A. de la. Um olhar para a saúde pública cubana. **Estud. av.**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 89-96, Aug. 2011.

SILVA, José Fernando Siqueira da; CARMO, Onilda Alves do. Notas sobre o Trabalho Social cubano. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 121, p.143-162, mar. 2015.



REFLEXÕES INTERCAMBISTAS: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM LISBOA.

Thaís Fátima Assis de Araújo

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XVII

Palavras-Chave: Experiência. Intercâmbio. Relatório Sensível.

Introdução

É dicotômico a relação entre a necessidade e a dificuldade de se construir relações de intercâmbio internacionais e acadêmicos, a necessidade levou o Departamento de Ciências Humanas e suas Tecnologias a construir um edital para seleção de estudantes para participarem de uma experiência intercambista. Esse relatório é sincero e sensível, devido à profundidade que coloquei nessa experiência, o processo seletivo foi guiado pelo Edital de Seleção Simplificada: 04/2017: DCHT (Campus XVII – BOM JESUS DA LAPA) SERINT/UNEB. Acredito que a viagem começa antes da compra das passagens, o fervilharem de ideias já é a viagem, cada passo dado, já é a viagem. Do dia 12 de março ao dia 23 de março contamos com uma programação construída em uma proposta conjunta, devido à presença dos colegas de outros departamentos nesse processo inicial do intercâmbio.

Metodologia

Este resumo expandido é construído a partir de observações e discussões que ocorrem no período de 12 de março à 20 de junho de 2018, compreendido como o processo de intercâmbio realizado entre a Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Suas Tecnologias – *Campus XVII* e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, e não somente as trocas acadêmicas, mas também as perspectivas sociais, buscando dentro da pesquisa qualitativa que “[...] responde a questões muito particulares. [...] ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos

motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, p. 21), e ainda, esses conjuntos de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que fez e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21.).

Dentro da abordagem qualitativa, tomamos a necessidade de um olhar sensível perante as relações deste intercâmbio, trazendo como método, as discussões cartográficas. “a cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas.” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169). É isso o que leva Mairesse (2003) a dizer que a cartografia acontece como um dispositivo, pois, no encontro do pesquisador com seu “objeto”, diversas forças estão presentes, fazendo com que ambos não sejam mais aquilo que eram. Nesse sentido, o método cartográfico “desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo” (Mairesse, 2003, p. 259). Nesse sentido, a cartografia considera o conhecimento como produzido e inseparável do próprio movimento da vida, das relações, dos encontros e dos afetos.



Resultados e Discussões

Academicamente, apesar da não equivalência entre o meu semestre e as disciplinas e a quantidade disponível, concluí três, Filosofia e Educação ministrada pelo professor José Brás, com discussões brilhantes e que constantemente elevavam meu coração e minha consciência, uma disciplina extremamente necessária para real construção da nossa relação com o mundo da educação. Introdução às Ciências da Educação ministrada pelo professor José Duarte, com

pontuações necessárias sobre as ciências que permeiam os processos de educação, desde as visões tradicionais, passando pelo positivismo e mostrando o quão necessário se faz compreender os procedimentos verdadeiros e necessários para fazê-lo educativo. Educação, Cidadania e Direitos Humanos, ministrada pela professora Maria Neves e o professor Paulo Mendes Pinto, foi uma disciplina que me conquistou, somente e tão somente pela discussão promovida enquanto ainda estávamos em programação diversificada, ficava o tempo inteiro a querer entender por que os direitos humanos pareciam tão distantes e tão próximos.

Importante pontuar nesse relatório que as perspectivas acadêmicas iniciais foram construídas com base em Coimbra, a remodelagem desse processo nos mostrou as possibilidades e dificuldades de unificar os processos, resultando que essa parte do intercâmbio pudesse ser tida apenas para alguns aproveitamentos, sendo nenhuma a possibilidade de equivalência entre as disciplinas cursadas.

Lazer e Cultura, é um ponto que devo relatar, apresentando a não distância entre as relações construídas para o lazer. Dada uma altura do ano, o país se colore em diversas nacionalidades para que possam aproveitar o bom clima e aproveitar das praias e do bom clima. Pude perceber que logo em meados de Abril o sol passa a brilhar mais forte e assim a movimentação da cidade passa a ser os miradouros e o Cais do Sodré. Os miradouros são pontos altos que contam e divertem Lisboa, uma cidade construída em ladeiras e colinas, pude conhecer o de Nossa

Senhora da Graça, o de Santa Luzia, o de Monsanto e alguns rooftops, que são pontos para tomar uma sangria fresca e ouvir algumas músicas. Devo comentar também dos festivais que acontecem gratuitamente em alguns pontos durante a primavera e o verão, como o Jazz Out, uma iniciativa de levar o Jazz sábado e domingo para as praças e os parques, retirando-os de estabelecimentos caros e inacessíveis a uma camada da população. O Cais do Sodré, um ponto famoso para apanhar sol e ter a vista de outras cidades da zona metropolitana de Lisboa, é também famoso por sua noite diversificada, juntando em apenas uma semana Hip-hop, Pop, Jazz, Samba, Rock em uma mesa discoteca, assim como existem discotecas específicas para quem goste de Quizomba as quintas-feiras ou Pop as segundas.

A cultura da cidade me permite comentar sobre alguns bairros tradicionais, a Alfama, se vista do miradouro de Santa Luzia no mês de junho não mostrará a alegria do povo ao festejar os santos populares, a noite em Alfama tem mais vida em Junho, para além de toda a história que aqueles pontos carregam. Os festejos começam em primeiro de Junho, tem ponto alto em 13 de junho com a marcha pela Avenida da Liberdade, armam-se manjericos pelas barracas e assam sardinhas para comer com pão, ou chouriços com cervejas. Cerveja é um ponto alto em qualquer mês do ano em Lisboa.

Outro ponto que não posso esquecer é o Bairro Alto e a Pink Street e o número de frequentadores dessa vida boêmia que Lisboa oferece, apesar de ser uma cidade absolutamente desenvolvida e com traços fortes de como é agitada e de trânsito, a vida noturna é um ponto que chama a atenção, muitas pessoas mal saem do trabalho e vão olhar a vida através de uns copos de cerveja ou qualquer outra bebida. É algo que possibilita o encontro entre diversas nacionalidades dentro do mesmo bar, numa dessas eu encontrei um Soteropolitano, cantando Bob Marley enquanto eu tentava compreender o sotaque familiar.

Entre outros pontos de lazer, como os restaurantes da Coréia e da Turquia, adorava



perceber como os centros comerciais, shoppings tinham seu charme, como atraíam turistas e empreendedores em grande aspecto. O Centro Vasco da Gama tem em sua estrutura tudo de mais moderno, assim como a ponte que carrega o mesmo nome e conecta Lisboa a Setúbal, o Centro Comercial Cristóvão Colombo traz em sua arquitetura tudo de mais atrativo aos amantes de estilos antigos, por dentro e fora fazendo referência as relações que Colombo estabeleceu pelo mundo.

Devo comentar, em termos de lazer, Lisboa me remeteu bastante ao Brasil, mesmo não tendo acompanhado o alto verão e nem todo o período da copa, era notável o amor pelo esporte e pela bebida, e como as praias lotavam, de Setúbal, em Cascais, na Costa da Caparica, e Oeiras.

Conclusões

Considerando outros pontos, em final, que precisam ser repensados para outros editais, esse processo foi de absurdos proveitos culturais e educacionais, de construção e maturação de personalidades, em que pude, simplesmente, olhar para mim com mais calma e para minha relação com a pedagogia de outra forma, educação acontece em todo e qualquer espaço, isso que nos move enquanto seres, enquanto educadores. Desde o lançamento do edital, passando por fases da seleção, assinando termos, construindo possibilidades e locais de memória para que cada experiência proveitosa pudesse ser contada aos demais colegas e que essas experiências se multipliquem por dentro da universidade e construam ainda mais sujeitos autonomamente críticos de seu poder de ocupar espaços, anteriormente negados.

Agradecimentos

Em perspectivas de agradecimentos, agradeço primeiramente ao universo, a todas as energias que conspiraram a favor de cada ponto positivo e de aprendizado desse intercâmbio. Agradeço a minha família, por todo o apoio depositado e confiança

adquirida, por todo o colo e afeto. Agradeço aos meus professores, minhas professoras, quem me dá inspiração para continuar nesse meio acadêmico e as minhas colegas, que seguem junto comigo e partilham todos os orgulhos dessa caminhada pela educação. Agradeço, muito bem, gratidão.

Referências

- MAIRESSE, Denise. Cartografia do método à arte de fazer pesquisa. Cartografias e devires: a construção do presente. In: FONSECA, Tânia M. Galli; KIRST, Patricia (orgs) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 259-271.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 17^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção temas sociais).
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. Psicologia e Sociedade. v.2, n.21, 2009. p.166-173.

Apoio:



Realização:

PRAES
Pró-Reitoria de
Assistência Estudantil

SERINT
Secretaria Especial
de Relações Internacionais

PROAF
Pró-Reitoria de
Ações Afirmativas

PROEX
Pró-Reitoria de
Ensino de Extensão

PPG
Pró-Reitoria de Pesquisa e
Ensino de Pós-Graduação

PROGRAD
Pró-Reitoria de
Ensino de Graduação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA
